

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DOUTORADO EM TEORIA DA LITERATURA

FÁBIO VARELA NASCIMENTO

**CYRO MARTINS – OS ANOS DECISIVOS (1908-1951)**

Porto Alegre  
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

FÁBIO VARELA NASCIMENTO

**CYRO MARTINS – OS ANOS DECISIVOS (1908-1951)**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pela Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração Teoria da Literatura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Eunice Moreira  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Caballé Masforroll

Porto Alegre  
2018

## Ficha Catalográfica

N244c Nascimento, Fábio Varela

Cyro Martins : os anos decisivos (1908-1951) / Fábio Varela  
Nascimento . – 2018.

340 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras,  
PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eunice Moreira.

Co-orientador: Prof. Dr. Anna Caballé Masforroll.

1. Cyro Martins. 2. Biografia. 3. Literatura sul-rio-grandense. I.  
Moreira, Maria Eunice. II. Masforroll, Anna Caballé. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecário responsável: Marcelo Votto Teixeira CRB-10/1974

FÁBIO VARELA NASCIMENTO

**CYRO MARTINS – OS ANOS DECISIVOS (1908-1951)**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pela Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de concentração Teoria da Literatura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilene Weinhardt – UFPR

---

Prof. Dr. Francisco das Neves Alves – FURG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Kohlrausch – PUCRS

---

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil – PUCRS

Porto Alegre  
2018

Para o pai, a mãe, a mana, a Luara e a Antonella.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à família de sempre – Luiz Fernando e Fátima, meus pais, e Fernanda, minha irmã, pelo apoio de todos os momentos.

Agradeço à Luara, por dividir os caminhos.

Agradeço à família que se juntou aos poucos, em Bom Jesus ou em Porto Alegre – Alessandro, Gustavo, Irceu, Lia, Inara, Vinicius, Fernando, Leonardo – pelos mais variados motivos.

Agradeço à professora Maria Eunice Moreira, pela orientação, pela disponibilidade, pelos diversos ensinamentos, pelo profissionalismo, pelas oportunidades e pela convivência nos últimos anos.

Agradeço à professora Anna Caballé, pela orientação, pela disponibilidade, pelos ensinamentos biográficos.

Agradeço ao CNPq, pela bolsa de doutorado, fundamental nessa etapa de estudos.

Agradeço à PUCRS, à Escola de Humanidades, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, aos professores, aos funcionários e aos colegas com os quais convivi nesse período de formação.

Agradeço às pessoas que, em um momento ou outro, foram essenciais no processo de elaboração deste trabalho: Abrão Slavutzky, Alessandra Carvalho, Amanda Oliveira, Apolinário Krebs Cardoso, Armênio Schmidt, Betina Mariante Cardoso, Bruno Mazolini de Barros, Camilo Mattar Raabe, Carlos Alexandre Baumgarten, Carlos Jorge Appel, Cláudia Regina Brescancini, Cláudio Meneghello Martins, Daniela Christ, Edson Cheuiche, Fernanda Marinho Matte, Henrique Perin, Iuri Müller, José Guiomar Ramos, Juremir Machado da Silva, Kátia Ribeiro, Leonardo Wittmann, Lorena Paim, Luiz Antonio de Assis Brasil, Márcia Helena Barbosa, Margarete Hülsendeger, Maria Helena Martins, Nubia Silveira, Regina Kohlrausch, René Gertz, Roberto Bittencourt Martins, Sissa Jacoby, Tatiana Carré.

Agradeço aos funcionários, estagiários e bolsistas de todos os espaços de pesquisa que percorri em Porto Alegre, Quaraí, Buenos Aires e Barcelona. Imprudentemente, não anotei alguns nomes – erro indesculpável para um candidato a biógrafo –, mas gostaria que eles soubessem que seus esforços ajudaram a escrever estas páginas.

## RESUMO

*Cyro Martins – os anos decisivos (1908-1951)* é um trabalho de cunho biográfico, que tem o objetivo de contar parte da vida do médico, psicanalista e escritor Cyro dos Santos Martins, nascido em Quaraí, em 5 de agosto de 1908 e falecido em Porto Alegre, em 15 de dezembro de 1995. Nesses anos decisivos estão o início da formação, os anos passados como aluno interno do Colégio Anchieta, o período na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a volta para Quaraí, a perda do pai, o primeiro casamento, a especialização em neurologia cursada no Rio de Janeiro, a publicação de cinco livros – *Campo fora* (1934), *Sem rumo* (1937), *Enquanto as águas correm* (1939), *Mensagem errante* (1942), *Porteira fechada* (1944) –, as colaborações na imprensa, a inserção no sistema literário do Rio Grande do Sul, o ingresso, como funcionário, no Hospital Psiquiátrico São Pedro, o nascimento das filhas, a separação, o segundo casamento e a partida para Buenos Aires. O estudo também contempla, em um momento inicial, considerações sobre o gênero biográfico – teóricos como Leon Edel, Anna Caballé e François Dosse são citados –, elucida a relação entre o biógrafo e o biografado, explicita os métodos utilizados e indica os espaços de pesquisa percorridos.

**Palavras-chave:** Cyro Martins. Biografia. Literatura sul-rio-grandense.

## ABSTRACT

*Cyro Martins – os anos decisivos (1908-1951)* is a biographical work, which aims to tell part of the life of the doctor, psychoanalyst and writer Cyro dos Santos Martins, born in Quaraí on August 5, 1908 and deceased in Porto Alegre on December 15, 1995. In these decisive years are the beginning of the formation, the years spent as an internal student of the Colégio Anchieta, the period in the Faculdade de Medicina de Porto Alegre, the return to Quaraí, the loss of the father, the first marriage, the specialization in neurology in Rio de Janeiro, the publication of five books – *Campo fora* (1934), *Sem rumo* (1937), *Enquanto as águas correm* (1939), *Mensagem errante* (1942), *Porteira fechada* (1944) –, collaborations in the press, insertion in the literary system of Rio Grande do Sul, as an employee in the Hospital Psiquiátrico São Pedro, the birth of daughters, separation, second marriage and departure for Buenos Aires. The study also contemplates, at an initial moment, considerations about the biographical genre – theorists such as Leon Edel, Anna Caballé and François Dosse are cited – , elucidates the relationship between the biographer and the biographer, explains the methods used and indicates the spaces of research.

**Keywords:** Cyro Martins. Biography. Literature of Rio Grande do Sul.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PARA INÍCIO DE CONVERSA.....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>O MENINO VAI PARA UM COLÉGIO DE POUÇOS.....</b>	<b>22</b>
<b>3</b>	<b>UMA NOVA ESTRADA NA FORMAÇÃO.....</b>	<b>59</b>
<b>4</b>	<b>O HOMEM GRANDE NA CIDADE PEQUENA.....</b>	<b>103</b>
<b>5</b>	<b>O MÉDICO DA VILA.....</b>	<b>137</b>
<b>6</b>	<b>UMA TEMPORADA CARIOCA.....</b>	<b>180</b>
<b>7</b>	<b>OUTRA VEZ PORTO ALEGRE.....</b>	<b>204</b>
<b>8</b>	<b>DEPOIS DAS TEMPESTADES.....</b>	<b>232</b>
<b>9</b>	<b>UM ESCRITOR DA PROVÍNCIA.....</b>	<b>267</b>
<b>10</b>	<b>SOMBRAS NO CAMINHO.....</b>	<b>300</b>
	<b>EPÍLOGO.....</b>	<b>322</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>324</b>

## 1 PARA INÍCIO DE CONVERSA

Nunca encontrei o Cyro Martins em carne e osso. Quando ele faleceu em Porto Alegre, em dezembro de 1995, depois de ter vivido por mais de 87 anos, eu me preparava para a formatura da pré-escola. Havia grandes distâncias e descaminhos entre nós. Por causa deles, não tive noção de como ele era alto, não percebi o tom rosado de suas faces e não ouvi sua voz macia. O Cyro que encontrei tempos depois se manifestava por palavras impressas, fotografias, documentos e livros. Não sei precisar o momento em que ouvi seu nome pela primeira vez. Não sei precisar, nem mesmo, o dia em que o conheci. Pode ter sido em uma das minhas idas à biblioteca do Colégio Estadual Frei Getúlio, lá em Bom Jesus, ou em uma das visitas às estantes 51 e 52 do 3º andar da Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Em algum desses lugares o conheci, mas não foi em nenhum dos dois que Cyro atravessou a minha vida. O encontro também não se deu em abril de 2009, data em que ingressei, como bolsista de Iniciação Científica, no Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS. Não trabalhei no seu acervo e o meu contato com Cyro se resumia a breves olhadas para seu espólio, de segunda-feira a sexta-feira, das 14h às 17h. O encontro decisivo ocorreu em um dia do inverno de 2010, quando, no mesmo Delfos, vi a lombada de um dos seus romances: *Gaúchos no obelisco*. Um título daqueles só poderia se referir à Revolução de 1930. Se falasse daquela revolução, falaria de Getúlio Vargas e costuraria literatura e história.

Na época, eu me preocupava com uma monografia que envolvia justamente Vargas, a literatura e a história. Tratava de Erico Verissimo e de alguns episódios de *O arquipélago*, mas qualquer leitura que se aproximasse do tema despertava a minha atenção. Li *Gaúchos no obelisco*, vi o que pretendia e muito mais. Não havia como analisar o romance naquele final de graduação. No entanto, se fosse possível, faria um estudo maior, uma dissertação. Com a entrada no curso de Mestrado em Teoria da Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em 2012, veio a oportunidade e defendi, no início de 2014, a dissertação intitulada *Literatura e história em “Gaúchos no obelisco”, de Cyro Martins*.

O resultado do Mestrado foi menos interessante do que o seu percurso. Desde o início do curso, eu tinha a ideia de ler toda a produção de Cyro e os textos de outros autores que demonstrassem abordagens biográficas. Não era possível descartar a biografia de Cyro de alguns dos episódios presentes em *Gaúchos no obelisco*. Quando jovem, ele participou como voluntário do movimento revolucionário e, na obra, havia referências ao próprio Cyro, pois devia ser o Cyro de quase 22 anos que assistia, com Aureliano de Figueiredo Pinto, à procissão

em que Vargas, então candidato à presidência da república pela Aliança Liberal, desfilava ao lado do bispo metropolitano; devia ser o Cyro de 22 anos completos que testemunhava, de um vão de porta da Rua da Praia, os acontecimentos daquele final da tarde de 3 de outubro de 1930; também devia ser o Cyro estudante de Medicina que, em um dia de verão entre 1932 e 1933, falava para um certo Bilo, no interior de São João Batista do Quaraí, sobre as barbaridades do governo Flores e a ascensão de regimes fascistas na Europa.

Em *Gaúchos no obelisco*, no seu município e no seu distrito, aquele Bilo teve papel relevante na composição da Frente Única Gaúcha. Aquele mesmo Bilo que se sacrificou para mandar os filhos estudarem em Porto Alegre já fora importante para a narrativa de *Sombras na correnteza* (1979) e para as articulações dos assistidos de 1922 e de 1923. O Bilo que correu atrás de escola para os seus gurus e os da vizinhança em *O professor* (1988) carregava não só o apelido de Appolinário Martins, o pai de Cyro, mas também as suas opções políticas, suas qualidades e seus defeitos.

A busca pela formação aparecia nos escritos de Cyro com a mesma recorrência que a figura de Bilo. Em um momento, o Carlos, de *Mensagem errante* (1942), com menos de 12 anos, era o guri mandado para estudar com os padres em um Ginásio de Porto Alegre; em outro, o jovem era um “doutorando” pobre de medicina que vagueava por pensões baratas, matava a fome com laranjas de umbigo e se apaixonava pela literatura; na sequência, ele era um médico recém-formado que lutava para se readaptar à vida interiorana e buscar seu espaço profissional. As histórias do aluno interno do colégio dos jesuítas, do aspirante a médico e do médico iniciante apresentavam incríveis semelhanças com a história de vida de Cyro.

Quando me dedicava ao *Gaúchos no obelisco*, eu já percebia tais semelhanças, mas elas não me perturbavam até que li algumas afirmações da contracapa de *Para início de conversa* (1990). Nas letras pretas colocadas sobre um fundo azul-claro, Cyro dizia que lhe faltava “gabarito para escrever memórias” e que achava não ter “assunto para mais de uma dúzia de páginas”. Ele parecia querer fugir de uma das ideias que Georges Gusdorf expôs em *Les ecritures du moi* (1991)<sup>1</sup>: um autor com a proposta de escrever suas memórias é, por essência, um importante, que tenta fazer com que ele mesmo e outras pessoas se convençam da relevância dos papéis que ele desempenhou ao longo da vida. Ao se considerar um incapacitado para criar tal tipo de texto, Cyro tirava de si essa importância e ainda se vestia com os trajes da modéstia.

---

<sup>1</sup> GUSDORF, Georges. *Les ecritures du moi*. Paris: Odile Jacob, 1991.

Porém, como Cyro podia falar assim? Ele não tinha espalhado suas memórias por aqueles livros já citados e em outros como *Rodeio – estampas e perfis* (1976) e *A dama do saladeiro* (1980)? Ao comentar *Sombras na correnteza* e *Gaúchos no obelisco* não se considerou uma “testemunha da história”<sup>2</sup>? Não lembrou dos amigos da literatura – Alcides Maya, Augusto Meyer, Aureliano de Figueiredo Pinto, João Octávio Nogueira Leiria, Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Erico Verissimo – e dele mesmo em *Escritores gaúchos* (1981)? Não vivenciou os acontecimentos de boa parte do século XX? Cyro sabia que era importante. Ele tinha assunto para dúzias de páginas e muitas delas já estavam publicadas. Naquele 1990, Cyro chegara aos 82 anos e seu nome estava mais do que consolidado tanto na área da psicanálise quanto na da literatura produzida no Rio Grande do Sul. Em seu currículo, constavam 25 livros – divididos entre ficção, ensaios literários e ensaios científicos. Não lhe faltavam gabarito nem experiência para escrever suas memórias, pois ele fazia isso havia tempos e tinha muitas histórias para contar.

*Para início de conversa* foi uma obra construída a quatro mãos, entre 1987 e 1989. Abrão Slavutzky, amigo e colega de profissão de Cyro, fazia perguntas relacionadas à vida, à literatura, à psicanálise e o entrevistado ficava à vontade para respondê-las da maneira que bem entendesse – ou não responder. É claro que Cyro deixou muitos temas pessoais de lado (relações com a mãe, com a primeira mulher, com os filhos), mas falou sobre o período de formação que aparecia em *Um menino vai para o colégio* e em *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas, sobre os testemunhos das revoluções de 1923 e 1930, sobre a tentativa de dar sobrevida ao pai em várias de suas narrativas ficcionais.

Eu tinha material suficiente para desenvolver uma dissertação sobre *Gaúchos no obelisco* e o envolvimento de Cyro na Revolução de 1930. No entanto, eu já estava enredado demais com as leituras que circundavam a vida daquele autor e, se tivesse chances, iria mais fundo. O ideal seria encontrar um texto biográfico que não fosse contado e editado pelo próprio Cyro. Não demorei a ter contato com um trabalho desse tipo. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos* foi escrito por dois jornalistas, Celito De Grandi e Nubia Silveira e publicado em 2008, ano das comemorações referentes ao centenário de Cyro. De Grandi e Silveira poderiam ter percebido e dito algo sobre o biografado deixar suas memórias e os pedaços de sua história espalhados por diversos livros. Os autores só tocaram no assunto quando se aproximavam do final das mais de duzentas páginas do livro e o que eles afirmaram não me convenceu: “Afora os depoimentos a Abrão, em *Para início de conversa*, pouco escreveu sobre

---

<sup>2</sup> MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 58.

si”<sup>3</sup>. Marquei a frase em vermelho e coloquei um NÃO ao lado. O não era o advérbio apropriado para o momento. Eu não concordava com a ideia dos biógrafos e não queria continuar por aquele caminho. A dissertação que envolvia *Gaúchos no obelisco* se mostrava mais difícil e trabalhosa do que eu imaginara e seria melhor não desviar o foco. Aqueles pedaços de memória tinham de ficar para outra hora.

Em janeiro de 2014, o Mestrado terminou e, no mesmo ano, em março, ingressei no curso de Doutorado em Teoria da Literatura da PUCRS. No processo seletivo, era necessário que um projeto de tese fosse apresentado e eu não tinha dúvidas de que havia chegado a hora de fazer um trabalho mais abrangente sobre a obra de Cyro Martins. Eu pretendia colocar em um projeto os fragmentos de memória que Cyro espalhou pelos seus escritos, pretendia utilizar livros e outros materiais guardados no Delfos. Pensava em reconstruir o percurso leitor do jovem Cyro e, para que isso acontecesse, investigaria os rastros deixados por ele. Com esses rastros, restos do passado conforme a ideia de Paul Ricoeur<sup>4</sup>, eu poderia refigurar o tempo e fazer aparecer o caminho das leituras que mexeram com a cabeça do futuro escritor e psicanalista. O projeto não era de todo ruim e até apresentava certa originalidade, mas eu não sabia se ele tinha potencial para tese ou dissertação. Talvez fosse mais produtivo expandir o projeto e contemplar tanto um período maior da vida do autor quanto uma gama maior de sua obra.

Se era possível, através dos rastros, recuperar as leituras que Cyro fez na juventude, também era possível recuperar todo o período de formação, das primeiras letras no Cerro do Marco à especialização psicanalítica em Buenos Aires, a maturidade como profissional e escritor brigando pelo seu lugar ao sol, a velhice como figura reconhecida na literatura e na psicanálise. Se era possível escrever sobre uma época da vida de Cyro e de um aspecto de sua vida intelectual, era possível escrever sobre sua vida inteira.

Antes de me aventurar na tentativa de criar uma biografia, levantei uma importante pergunta: por que Cyro Martins? Ele já estava na minha vida. O personagem me fascinava e eu queria entendê-lo melhor; queria perceber o porquê de escrever tanto sobre alguns aspectos de sua vida e tão pouco sobre outros; queria compreender o porquê de focalizar o pai e apagar a mãe e os irmãos; queria entender o porquê de afirmar que não tinha gabarito para escrever

---

<sup>3</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, NÚBIA. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 194.

<sup>4</sup> RICOEUR, PAUL. *Tempo e narrativa III*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 212.

memórias e preferir falar dos outros a falar de si quando falava muito de si; queria ler as ausências e os não ditos; queria preencher incômodas lacunas.

Preencher lacunas é apenas uma das ideias que François Dosse mostra em *O desafio biográfico: escrever uma vida* (2015). Ele também fala em construir a narrativa possível de uma vida; na relação entre o eu do biógrafo com o outro, o biografado; na necessidade de o biógrafo expor suas intenções e as “motivações que o levaram a acompanhar a vida do biografado e retratar-lhe a carreira”<sup>5</sup>; na obrigação de não descentralizar o herói da biografia; na utilização de memórias, confissões e outros registros de cunho autobiográfico que possam tentar reconstituir de forma mais autêntica o passado do biografado; em articular vida e obra sem reducionismos e separações estanques; em conhecer os lugares do biografado.

Ao se referir à impureza do gênero biográfico, Dosse<sup>6</sup> lembra que, nesse tipo de trabalho, além do compromisso com a cronologia, com as fontes, com os acontecimentos e com as expectativas do leitor, é inevitável o recurso à criação, pois, sem ela, “não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real”. Desse modo, o biógrafo não desempenha só o papel de pesquisador, historiador, jornalista, detetive e crítico, ele ainda precisa “refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador”<sup>7</sup>. Assim, a imaginação e a criação têm importante papel no preenchimento das lacunas e dos lapsos que envolvem uma vida.

Preencher, construir, articular e criar são verbos que já carregam, em seu tom, o desafio. Cyro Martins e as questões que sua figura suscitam valem a tentativa de conjugação desses verbos e o desafio biográfico.

Além das razões de cunho pessoal, havia outras. Em primeiro lugar, estava a relevância do biografado no cenário intelectual sul-rio-grandense e a necessidade de olhá-lo mais detidamente. Por outro lado, o acervo de Cyro Martins fora cedido à PUCRS e guardado no Delfos para que se tornasse fonte de estudos. O espólio do escritor só se mantém “vivo” e ganha significado através das pesquisas. A larga produção de Cyro também não era iluminada em vários pontos. A *Trilogia do gaúcho a pé*, formada por *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954), fez o nome do autor na literatura, recebeu, e continua recebendo, a maioria dos holofotes nos trabalhos que compõem a sua fortuna crítica. Uma análise que

---

<sup>5</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2015, p. 95.

<sup>6</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2015, p. 55.

<sup>7</sup> DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2015, p. 55.

abrangesse toda a produção de Cyro poderia colocar pelo menos um pouco de luz sobre os livros e os textos que foram deixados de lado.

Outra pergunta que surgia frente ao desafio biográfico estava ligada ao seu valor acadêmico: a biografia de Cyro Martins era uma tese, um trabalho científico com aceitação na academia? Nas palavras de Anna Caballé<sup>8</sup>, encontrei uma boa reflexão:

[...] la posibilidad de estructurar la vida humana a partir de los datos y fuentes disponibles [...] ubicarla en su época y en las encrucijadas personales que le tocó vivir es un ejercicio que exige una formidable competencia intelectual. Si ese esfuerzo va acompañado de una rigurosa mención de las fuentes utilizadas, de una sólida bibliografía y de un estado de la cuestión que permita definir la aportación realizada, no se entiende muy bien el rechazo académico que todavía despierta.

Realizada com rigor, a biografia não estaria distante dos trabalhos acadêmicos e a proposta de elaborá-la no Doutorado em Teoria da Literatura, especificamente na linha de pesquisa Literatura, História e Memória, não se mostrava descabida. O projeto foi aceito no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, recebeu apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – e a orientação da Doutora Maria Eunice Moreira.

Em 2015, cumpridos os requisitos solicitados pelo Programa, iniciei a tentativa biográfica. No primeiro semestre daquele ano, a Doutora Anna Caballé Masforroll, coordenadora da Unidade de Estudos Biográficos da Universidade de Barcelona, passou um período como professora visitante no PPGL-PUCRS. Entre diferentes atividades, ela ministrou a disciplina Escrita Memorialística Contemporânea, na qual foram abordados temas como memórias, autobiografia, biografia e diário íntimo. Participei das aulas como ouvinte e, por interferência de minha orientadora, pudemos nos reunir com a professora Anna Caballé. Nessas ocasiões, tive orientações sobre o processo da escrita biográfica<sup>9</sup>.

Depois de conversas com as professoras Maria Eunice Moreira e Anna Caballé, alguns pontos foram estabelecidos. Durante a pesquisa, persigo a seguinte questão: por que um homem que não se considerava uma figura importante e digna de memórias se esforçou tanto para ser importante – importante na psicanálise, importante na literatura? Essa é a principal pergunta, mas outras vêm atrás dela. Como se deu a formação de Cyro? Como foram os períodos vividos no internato do Anchieta, na Faculdade de Medicina? Como iniciou a sua escrita? Com que

<sup>8</sup> CABALLÉ, Anna. ¿Dónde están las gafas? La biografía, entre la metodología y la casuística. S/p. 2015. Disponível em: <http://www.ub.edu/ueb/?p=223> Acesso em: 08/12/2017.

<sup>9</sup> No final de 2015, o PPGL-PUCRS autorizou que a professora Anna Caballé fosse considerada co-orientadora do trabalho.

grupos de amigos se envolveu? Quais eram seus posicionamentos políticos? Como a morte prematura do pai afetou sua vida e sua produção? Qual foi a marca deixada pela prática médica feita no interior, pouco depois de sua formatura? Por que a relação com a mãe e os irmãos foi tão apagada? Como lidou com os traumas do primeiro casamento? Como se inseriu no sistema literário do Rio Grande do Sul? Como reagia à recepção de sua obra? Por que não assumia sua produção autobiográfica? Por que exaltou certas dificuldades e deixou outras de lado? Qual foi sua contribuição para a psicanálise gaúcha? Como era a relação com familiares, amigos, editores e críticos?

Para tentar responder a essas interrogações, percorro espaços de pesquisa como: o Delfos, a biblioteca do Colégio Anchieta, os arquivos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, do Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do jornal *Correio do Povo*, o Hospital Psiquiátrico São Pedro, a casa paroquial da Igreja Matriz de Quaraí e o Cemitério Jardim da Saudade, localizado na mesma cidade. Os livros publicados por Cyro, a fortuna crítica que envolve sua obra, os depoimentos e os textos sobre o autor também são utilizados.

Não há nenhuma novidade em contar que o planejado entre 2014 e 2015 se modificou nos dois anos seguintes. Isso é comum em muitos projetos e com uma biografia não seria diferente. É claro que, para a mudança de planos, a inexperiência do biógrafo teve grande contribuição. Eu imaginava que em sete grandes capítulos, em um total de 250 páginas, a vida de Cyro Martins estaria contada até com sobras e floreios. Foi um equívoco da minha parte. Uma vida não se resume a algumas centenas de páginas. Com Cyro não seria diferente. O trabalho ganhou proporções maiores e aquilo que foi imaginado não cobriu metade dos 87 anos de Cyro. Os leitores mais críticos diriam que o biógrafo subestimou o biografado, subestimou a complexidade de uma existência. A afirmação seria justa e acertada se não fosse vista por outro prisma: o biógrafo superestimou sua capacidade para lidar com os fatos que preencheram a existência do biografado.

Com essa alteração de planos e a necessidade de defender a tese no período de quatro anos, o que era para ser uma biografia de toda a vida de Cyro Martins sofreu um recorte. Optei por escrever sobre o período que vai de 1908 a 1951, uma época que considero decisiva para os futuros caminhos de Cyro. Nesse arco temporal, o biografado fez boa parte de sua formação e tanto suas escolhas profissionais quanto literárias foram tomadas – ele se inclinou para a psicanálise e dois dos seus três livros mais conhecidos foram publicados. Além disso, no tocante à vida familiar, Cyro passou por episódios marcantes: o falecimento repentino do pai, o primeiro



casamento, o nascimento de duas filhas, a separação da primeira mulher, o segundo casamento. Entendo o fato de um leitor de biografias se interessar pelo conjunto de uma existência, de querer saber o que se passa desde o abrir das cortinas até a última cena do ato final. Não foi essa a minha escolha<sup>10</sup> – e o biógrafo tem a obrigação de fazer escolhas. Acredito que, mesmo abordando apenas 43 anos da vida do biografado, o trabalho possui alguma relevância e apresenta condições de integrar o corpo de estudos que envolve a figura de Cyro Martins e a sua produção.

Virginia Woolf<sup>11</sup> disse que uma vida, “incluso cuando se trata de un sacerdote, no es sino una serie de hazañas” e a sentença não carregava nada de absurdo. Como se lida com a vida alheia? Como se mede a importância dos fatos passados? Com que olhos se observam as atitudes de um sujeito? Como se julgam as ações de um homem ou de uma mulher? Durante a escrita da biografia de Cyro Martins, considere todos os episódios recuperáveis importantes. Não era irrelevante se, na juventude, ele tivesse publicado textos de alguns parágrafos em revistas efêmeras. O acontecimento interessava por mostrar que, de alguma forma, ele tentava fazer parte do círculo, tentava publicar e ser lido. Não era irrelevante se ele trocava de endereço de tempos em tempos. Deveria haver razões para isso – principalmente financeiras. Entretanto, dar relevância a todos os episódios resgatáveis também pode ser uma tarefa penosa. Por um lado, esse modo de proceder busca valorizar cada passo do indivíduo, conferindo significado às pequenas vitórias e às pequenas derrotas que constroem um caminho. Por outro, sufoca o candidato a biógrafo. Quando teria fim uma biografia que se detém em cada conquista e a cada tropeço? Os anos de um curso de Doutorado seriam suficientes para refigurar uma vida? Não posso responder por outros, mas, para mim, não.

Em “Carta a um jovem biógrafo”, José Castello, autor de *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão – uma biografia* (1994), falou sobre sua experiência. Para ele<sup>12</sup>, desde o início, a aventura biográfica está “fadada à decepção e ao fracasso”. “Fadada” é uma palavra de carga semântica forte e, por isso, não concordo plenamente com a opinião. Penso que a empreitada está sujeita a diversos percalços e, em muitos casos, a decepção e o fracasso se impõem. Contudo, nada impede a satisfação e o sucesso. Naturalmente, Castello fez o comentário partindo de sua visão, de sua tentativa biográfica (bem-sucedida, aliás, indicada como finalista do Prêmio Jabuti em 1995) e isso é compreensível. Fazendo o mesmo – partindo de minha

<sup>10</sup> Para fazer um recorte temporal, me inspirei em dois modelos: *Kafka: los años de las decisiones*, de Reiner Strach, e *Dostoiévski: as sementes da revolta (1821-1849)*, de Joseph Frank.

<sup>11</sup> WOOLF, Virginia. La nueva biografía. *Memoria*: revista de estudios biográficos, Barcelona, n. 3, p. 195, 2007.

<sup>12</sup> CASTELLO, José. Carta a um jovem biógrafo. *VOX*, Porto Alegre, v. 1, n. 6, p. 52, abril de 2001.

tentativa –, eu diria que há boas chances de a decepção ocorrer em alguma curva do caminho biográfico.

Diversos aspectos rodeiam a escrita de uma biografia: a condição das fontes, a organização dos estabelecimentos de pesquisa, as barreiras acadêmicas, a disponibilidade dos entrevistados, a preparação do candidato a biógrafo. A decepção pode se esconder em cada um desses aspectos. Na minha tentativa biográfica, acredito que a preparação do biógrafo desencadeou uma série de outras decepções. Linhas atrás, fiz referências à superestimação da capacidade do biógrafo e às mudanças que os planos iniciais sofreram. A superestimação já era um indício de desapontamento e outros se seguiram.

No começo da jornada, eu não tinha reunido todo o material disponível a respeito de Cyro e, com o tempo, isso se mostrou um erro grave. Eu conhecia alguns itens que compunham o acervo do autor, principalmente a sua biblioteca, mas isso não me garantia domínio sobre todos os materiais. Apesar de ser rico em livros, documentos, originais e fotografias, o acervo não contava com quantidade relevante de correspondências pessoais e os diários eram inexistentes por Cyro não se inclinar a tal prática. Tanto as cartas quanto os diários seriam (e aqui faço um exercício positivo de imaginação) reveladores de uma faceta mais “íntima” de Cyro – como se relacionava com a mãe, a noiva, os irmãos, os sogros, os amigos. Na ausência de papéis que fornecessem pistas acerca de um Cyro Martins privado, restava direcionar as esperanças a entrevistas com familiares e amigos. No entanto, desde que surgiu a ideia da biografia de Cyro Martins, pensei que esse seria meu maior ponto de dificuldade.

Quando falo dessa dificuldade, não transfiro a responsabilidade. Não culpo o processo do Comitê de Ética da Universidade para aprovar a lista dos prováveis entrevistados – a pesquisa lidava com seres humanos e, mesmo que eu não fizesse experimentos, não estivesse vinculado à área da saúde, precisava cumprir os rituais. Também não culpo os entrevistados que, dando informações importantes ou não, concordaram em me receber, me ouvir e responder ao que lhes fosse conveniente. Assumo a responsabilidade pelo insucesso com as entrevistas. Eu sabia da importância dos encontros com os filhos, o sobrinho, os amigos, o editor. Os testemunhos deles eram fundamentais para a composição do retrato de Cyro.

Em *Vidas ajenas: principia biographica*, Leon Edel<sup>13</sup>, autor de *Henry James: a life*, lembrou de James Boswell, de sua convivência com Samuel Johnson e de como isso influenciou a produção de *The Life of Samuel Johnson*. Tendo no horizonte o exemplo de Boswell, Edel classificou dois grupos de biógrafos: os que trabalham a partir da vida e os que chegam tarde.

---

<sup>13</sup>EDEL, Leon. *Vidas ajenas: principia biographica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 46-47.

Os primeiros têm a oportunidade de dividir vivências, conversas e espaços com os biografados. Os outros não têm essa chance. Edel pensava que as melhores biografias eram aquelas “escritas por hombres que conocieron a sus sujetos y que los pintaron como el pintor pinta su pintura: dentro de una habitación, una calle, un paisaje, con un marco y en un contexto rico com sus millones de puntos de vínculos contemporâneos”<sup>14</sup>. Conhecer o sujeito poderia resultar em um trabalho melhor, mas Leon Edel não via apenas prejuízos no caminho do biógrafo tardio. Nós, os tardios – me incluo no grupo –, contamos com uma vantagem: “la de una mayor objetividad obtenida de una perspectiva más amplia, una distancia en el tiempo”<sup>15</sup>. A objetividade e a perspectiva ampla são relevantes no trato das ações do biografado, ainda mais quando se tem noção do conjunto das ações do biografado e se sabe das consequências de determinadas decisões. Entretanto, ser um biógrafo tardio implica um esforço para construir a imagem do sujeito. É claro que, na ausência do biografado, essa construção se dá através de documentos, fotografias, textos memorialísticos ou autobiográficos e depoimentos – do próprio sujeito e dos seus comensais.

O peso das entrevistas me perseguia já no início da investida biográfica. Não era só pela tentativa de compor a figura de Cyro que a questão me preocupava. Não tenho o dom da conversação e me afligia a possibilidade de que uma característica do biógrafo atrapalhasse em um desenho fiel do biografado. Além disso, eu tinha noção de que os testemunhos enriqueceriam a narração. Em *Como escrever bem*, William Zinsser<sup>16</sup>, no capítulo dedicado às entrevistas, já sentenciara: “Seja qual for o seu gênero de não ficção, ele ganhará mais vida quanto mais ‘citações’ você conseguir introduzir no texto”. Preocupado com o interesse do leitor, me importava o fato de dar “vida” à biografia de Cyro. Para isso, era preciso fazer a lição de casa, ir preparado aos encontros, não se inibir frente aos entrevistados, fazer as pessoas falarem. Essa parte me soava como a mais difícil – ainda que eu lembrasse de uma frase encorajadora de Zinsser<sup>17</sup>: “O chamado homem comum adora quando alguém aparece para entrevistá-lo”. Contudo, mesmo seguindo as instruções das duas orientadoras e as dicas de Zinsser, mesmo me esforçando para elaborar perguntas provocativas, mesmo tendo ciência de que as conversas valorizariam o trabalho, não tive sucesso. Não consegui fazer as pessoas fornecessem todas as informações que eu desejava.

---

<sup>14</sup> EDEL, Leon. *Vidas ajenas: principia biographica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 47.

<sup>15</sup> EDEL, Leon. *Vidas ajenas: principia biographica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 47.

<sup>16</sup> ZINSSER, William. *Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção*. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2017, p. 123.

<sup>17</sup> ZINSSER, William. *Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção*. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2017, p. 129.

Por causa disso, o leitor de *Cyro Martins – os anos decisivos (1908-1951)* pode achar que a biografia ficou muito presa aos documentos e à própria voz de Cyro. Esse não seria um erro de leitura, pois fiz raras citações às declarações dos entrevistados. Na falta de depoimentos prolíficos, decidi interpretar Cyro Martins a partir de suas palavras e de suas ações. De certa forma, eu desejava, assim como Antonio Hohlfeldt<sup>18</sup> na elaboração de *Doce fera – fragmentos biográficos* de Eva Sopher, “que a palavra da personagem estivesse o mais presente possível”. Ao contrário de Hohlfeldt, eu não tinha como pedir ao biografado “breves textos rememorativos”<sup>19</sup>, mas podia recorrer à extensa produção de Cyro. Em diversas ocasiões, recorro às declarações de Cyro dadas a Abrão Slavutzky em *Para início de conversa* e às afirmações publicadas em entrevistas e prefácios de novas edições de suas obras. Também lanço mão de livros que carreguem tons autobiográficos (*Mensagem errante, Um menino vai para o colégio, Rodeio – estampas e perfis, A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*) e que cite amigos, companheiros de letras e colegas de profissão (*Escritores gaúchos, Caminhos – ensaios psicanalíticos, Páginas soltas*). Naturalmente, não deixo de lado as obras em que ele, seus familiares ou conhecidos surjam como personagens (*Sombras na correnteza, Gaúchos no obelisco, O professor*).

É claro que, no trato com esses textos, não me abandonam as dúvidas. Que imagem Cyro pretendia deixar? Até que ponto são confiáveis aquelas palavras? Parto de um princípio simples, senão simplório: um homem que escreve sobre si e que fala de si nas mais variadas oportunidades anseia por estar no centro das atenções, procura marcar, ser lembrado e permanecer. Percebo que Cyro Martins aspirava à perenidade e tinha consciência de que caminhos trilhar para atingir seu objetivo.

Também tive cuidado no trabalho com as outras fontes reunidas ao longo da escrita biográfica. O Delfos foi a principal origem dos documentos, das fotografias e das poucas correspondências utilizadas. Os acervos de João Otávio Nogueira Leiria, Moysés Vellinho e Manoelito de Ornellas foram de grande valia. Ainda na PUCRS, tiveram importância periódicos e obras da coleção Júlio Heinzmann Petersen, localizadas no 6º andar da Biblioteca Central. Graças a essa coleção, tive a oportunidade de ler as primeiras edições dos livros de Cyro, o que muito me interessava, pois eu queria saber das vontades literárias do autor quando das publicações originais. Foram igualmente relevantes os históricos escolares que encontrei nas

---

<sup>18</sup> HOHLFELDT, Antonio. Exercícios biográficos: arqueologia cultural. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas (Org.). *Narrar o biográfico: a comunicação e a diversidade da escrita*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 44.

<sup>19</sup> HOHLFELDT, Antonio. Exercícios biográficos: arqueologia cultural. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas (Org.). *Narrar o biográfico: a comunicação e a diversidade da escrita*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 44.

bibliotecas do Colégio Anchieta e da Faculdade de Medicina da UFRGS. Com eles, pude reconstruir partes da vida escolar e universitária de Cyro. Nos acervos do *Correio do Povo*, do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS (Coleção João Batista Marçal), do Hospital Psiquiátrico São Pedro, pude recolher informações relevantes sobre a figura intelectual de Cyro e sua carreira como funcionário público. Ainda foram pertinentes os catálogos da *Revista do Globo (1929-1967)* e da *Província de São Pedro (1945-1957)*, organizados pela Professora Doutora Alice Therezinha Campos Moreira, e o fascículo *Cyro Martins* da série *Autores gaúchos*, publicada pelo Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. É claro que *Cyro Martins – os anos decisivos (1908-1951)* deve muito ao primeiro texto biográfico sobre o sujeito: *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*, de Celito De Grandi e Nubia Silveira.

Não existem receitas para a formulação de um texto biográfico. Embora se encontrem obras de intenção didática como *How to do biography: a primer*, de Nigel Hamilton e *Reflections on biography*, de Paula Backscheider, e inúmeros prólogos instrutivos, tudo depende – do biografado, dos espaços de pesquisa, dos materiais, das circunstâncias. Ciente dessa dificuldade, escrevi os dez capítulos de *Cyro Martins: os anos decisivos (1908-1995)* tendo em mente as ideias de dois biógrafos/teóricos: Leon Edel e Anna Caballé. Em *Vidas ajenas: principia biographica*, procurei lições sobre a relação com o biografado, a pesquisa em arquivos e o modo de narrar. Nos cursos<sup>20</sup> de Caballé na PUCRS e nos encontros na Unidade de Estudos Biográficos da Universidade de Barcelona, tive orientações sobre as questões teóricas e éticas da biografia, a honestidade com o biografado e o leitor, a estrutura, a organização e as possibilidades do texto biográfico. Em Leon Edel e Anna Caballé busquei guias, mas nem sempre segui seus conselhos, pois temos pontos de vista diferentes, ocupamos lugares de fala diferentes e escrevemos biografias em circunstâncias diferentes.

Na tentativa de recompor a vida de Cyro Martins no período 1908-1951 e de acompanhar o processo de construção do personagem, desenvolvi o trabalho em onze partes. A primeira é esta, se intitula “Para início de conversa” e serve como um texto introdutório no qual esclareço o tema do trabalho, conto os caminhos que levaram à sua realização, indico os espaços de pesquisa percorridos, elucido a metodologia utilizada e faço uma breve menção sobre os textos teóricos que envolvem aspectos acerca da biografia.

---

<sup>20</sup> Os cursos ocorreram em dois momentos: o primeiro deles, já referido, se deu no primeiro semestre de 2015, na disciplina Escrita Memorialística Contemporânea, o segundo, Ética, Género y Auto/Biografía, na segunda quinzena de julho de 2017.

A segunda, “O menino vai para um colégio de poucos” se desenvolve entre 1920 e 1925 – com referências a anos anteriores – traz aquilo que, aos meus olhos, é o ponto de inflexão na vida e na formação de Cyro Martins: a saída de Quaraí, em 1920, com 12 anos incompletos, e a ida para o Ginásio Anchieta, em Porto Alegre. Além da vida escolar de Cyro, são tratados, no capítulo, a solidão forçada, os esforços paternos para a educação dos filhos, a partida traumática do campo, o choque com a religiosidade, as aproximações com o pai e os distanciamentos em relação à mãe, as vivências como aluno externo e pobre que pulava de pensão em pensão, as férias no interior, as leituras, as tentativas de escrita, os amigos, a revolução de 1923 e suas consequências, a falta de dinheiro.

Em “Uma nova estrada na formação”, abordo os anos que precederam a entrada de Cyro na Faculdade de Medicina, 1926-1927, os motivos que levaram à escolha por essa carreira, os anos de “doutoramento”, 1928-1933, e os aspectos derivados deles – professores, aulas, colegas, formatura, dúvidas. Também voltei aos temas da situação financeira, das relações familiares, dos amigos, da literatura (com a leitura, a escrita e a publicação de alguns contos), da escrita e da solidão. Nesse capítulo, ainda trato de dois momentos importantes para a vida e a produção de Cyro – a Revolução de 1930 e a volta para casa depois de treze anos de ausência.

A quarta parte, “O homem grande na cidade pequena”, é construída sobre o retorno de Cyro ao Cerro do Marco e as turbulências familiares e econômicas que ocorreram nessa época. Apesar de ser elaborado sobre um recorte temporal menor, de 1933 a 1935, o capítulo traz episódios relevantes para a história do biografado: a morte do pai e as mudanças que ela trouxe para os Martins, o início da prática médica, a estreia como escritor com a publicação de *Campo fora*, a perspectiva do casamento, o possível fim da solidão.

Em “O médico da vila”, contemplo os anos de 1935 e 1936. Nesse período, Cyro experimenta os primeiros tempos do matrimônio e a relação com os sogros. Entre 1935 e 1936, ele continua a praticar a clínica médica, mas a situação em Quaraí não o satisfaz e é o principal motivo de suas inquietações. Atendimentos médicos e figuras humanas de Quaraí o marcam. A vontade de escrever não o abandona e a literatura se mostra um refúgio. Cyro tenta se inserir na vida da cidadezinha, mas o desejo de deixar Quaraí cresce. Uma dama uruguaia o aconselha a partir.

“Uma temporada carioca” destaca o ano de 1937 e a ida de Cyro para o Rio de Janeiro, a fim de ser aluno de Antônio Austregésilo e se especializar em Neurologia. Nessa temporada carioca, Cyro se aproxima da Editora Ariel e publica *Sem rumo*, primeiro de seus livros que aborda de maneira mais contundente o tema do gaúcho a pé. Ele deixou poucos rastros sobre

1937 e, na falta de documentos e depoimentos, são levantadas questões e hipóteses de como era a vida de Cyro e de Suely na então capital federal.

No capítulo “Outra vez Porto Alegre”, focalizo 1938, 1939 e 1940. Durante esses três anos, Cyro se encaminhou profissionalmente, pois, em 1938, foi aprovado para o cargo de alienista no Hospital São Pedro. Logo depois, ele participou da fundação da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul e abriu seu primeiro consultório em Porto Alegre. Em 1939, pouco antes de a Segunda Guerra Mundial eclodir, Cyro publicou sua terceira obra, *Enquanto as águas correm*. O romance não se distanciava do gaúcho a pé, mas mostrava um autor bem mais preocupado com a construção dos personagens.

Na parte “Depois das tempestades”, privilegio os anos 1941-1942 e destaco dois importantes acontecimentos na vida de Cyro: o nascimento de Maria Helena, a primeira filha, e a publicação de outro romance, *Mensagem errante*. Aparentemente, entre os anos decisivos, esse é o período de maior tranquilidade pelo qual Cyro passa: encontra a estabilidade financeira com o cargo no Hospital São Pedro, mantém um consultório, se torna pai depois de quase seis anos de casamento e se insere no sistema literário do Rio Grande do Sul.

Em “Um escritor da Província”, percorro 1943, 1944 e 1945. Em 1943, Cyro soube da possibilidade de ir fazer a formação psicanalítica em Buenos Aires e a ideia o perseguiu até se tornar uma realidade, tempos depois. 1944 foi um ano frutífero para Cyro. Com a publicação de *Porteira fechada*, seu nome, já reconhecido na cena literária gaúcha, ganhou outro estofo. A partir do novo livro, sua fortuna crítica aumentou consideravelmente e sua voz começou a ser mais ouvida entre os intelectuais da província. Também em 1944, nasceu Cecília, a segunda filha. Em 1945, quando tudo parecia confluir para uma vida feliz, as tormentas familiares voltaram.

Em “Sombras no caminho”, trabalho com um recorte temporal maior (1946-1951). A vida de Cyro passou por muitas reviravoltas nesses anos: a separação de Suely, os conflitos com a sogra, o casamento com Zaira Meneghello, a partida para Buenos Aires. Há névoa e lacunas sobre esses episódios, boa parte deles não é rastreável. Sabe-se que aconteceram, mas é difícil de datá-los e não se tem acesso a um número considerável de documentos. Apesar de não editar livros durante o período, Cyro continua a se envolver com a escrita – os contos e os artigos publicados em periódicos indicam isso. No entanto, o passo mais significativo dessa época é dado em direção à psicanálise.

No “Epílogo”, retomo alguns aspectos da pesquisa e fecho os anos decisivos do biografado.

Nos capítulos que compõem *Cyro Martins* – os anos decisivos (1908-1951), não ultrapasso os limites do biógrafo. Tento tratar o biografado com o máximo de honestidade, procurando não o santificar nem o demonizar. Cada vez que sentei para escrever sobre Cyro, pensei que ele era um homem e, como tal, tinha atitudes boas, não tão boas e más. Acredito ser difícil alguém se aventurar em um desafio biográfico sem aquele laço “tan elusivo y peligroso como indispensable, que liga al biógrafo y al biografiado: la empatía”<sup>21</sup>. Por isso, também tento me colocar no seu lugar e refletir sobre o que eu faria se estivesse em algumas das situações enfrentadas por ele.

Na escrita de parte da vida de Cyro Martins, não trabalhei apenas com a honestidade em relação ao biografado. Em todos os momentos, pensei em um leitor hipotético e no contrato que assinaria com ele. Por isso, deixo claro que *Cyro Martins* – os anos decisivos (1908-1951) é um ponto de vista sobre um homem; um texto que trabalha com fatos e possibilidades, não preenche todas as lacunas de uma existência e não se pretende definitivo.

---

<sup>21</sup>BURDIEL, Isabel; FOSTER, Roy. Introducción. *La historia biográfica en Europa: nuevas perspectivas*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2015, p. 14.



## 2 O MENINO VAI PARA UM COLÉGIO DE POUÇOS

Ao atravessar a porta do Colégio Anchieta, naquele março que se mostrava quente e abafado na Porto Alegre de 1920, o pequeno “pagão crioulo”<sup>22</sup> da campanha, que não conhecia o Pai Nosso e, muito menos, os jesuítas, mudou de forma irreversível o rumo de sua vida. A partir daquele momento, além daquela porta, não eram apenas as capelas, os padres, as missas matutinas e os estudos que o esperavam, não era só o guri livre pelos campos que começava a se tornar lembrança. Dentro do prédio escuro de dois andares que se postava com ar de respeito nos números 203, 205 e 207 da Rua Duque de Caxias, havia a educação que, até então, ele não conhecia. Dentro do internato, estavam, junto com a religião, a disciplina e a ideia humanista, o português, o francês, a aritmética, o latim, o inglês, o alemão, as ciências e a literatura. Lá, entre as salas de aula, o refeitório, a sala de estudos com o armário de livros, os banheiros, o dormitório e o plátano do pátio, se escondia um mundo completamente novo para o guri que saíra às pressas de sua cidade, chamada Quaraí, quase colada ao Uruguai, e viajara pelo Rio Grande do Sul de Sudoeste a Leste, balançado nos bancos duros do trem que fazia a linha Fronteira-Capital.

A entrada no Colégio Anchieta representou um ponto de inflexão na formação do menino Cyro dos Santos Martins, mas não foram poucos os caminhos e os descaminhos que o levaram, com 12 anos incompletos, à porta da escola que, em 1920, recebia sua primeira turma de internos. A viagem até o ginásio dos jesuítas começou antes e foi bem maior do que os 596 quilômetros que separam Quaraí de Porto Alegre.

A jornada teve seu início em outra sala de aula, sem um professor religioso e sem a disciplina do colégio interno. Ainda na campanha, aos 6 anos, no Garupá, interior da cidade natal, Cyro conheceu as primeiras lições. A docente responsável por esse contato inicial com o mundo das letras e dos números foi a Dona Gringa, uma “senhora de bigodes pretos, cerrados, crescidos, aparados, mas impositivos”<sup>23</sup>. A descrição de Dona Gringa, feita por Cyro no livro *Rodeio*, quase cinquenta anos depois daquelas aulas, não mostra a lembrança dos ensinamentos da professora improvisada, que devia lecionar pelo motivo de que seu marido, Saturnino da Costa Leão, a Onça do Garupá, fosse o subintendente do distrito. A imagem de Dona Gringa, a imagem de seus bigodes eram as memórias que cabiam a um menino de seis anos, interiorano, facilmente impressionável e desacostumado com pessoas de fora do círculo familiar.

---

<sup>22</sup> Cyro não era pagão, pois, segundo a folha 112 do Livro 12 da diocese de Uruguaiana, ele foi batizado em 03 de março de 1909. No entanto, em *Páginas soltas* (1990, p. 33), afirmou que, na campanha, vivia em meio a um “paganismo crioulo”.

<sup>23</sup>MARTINS, Cyro. Apenas um tapera. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 20.

Dona Gringa, no entanto, não foi a única docente improvisada que cruzou pela formação de Cyro. Houve, também, Lucílio Caravaca. As lembranças que envolvem Lucílio são mais trabalhadas por Cyro e não estão contidas em apenas umas poucas linhas de sua obra. A figura de Lucílio deixou marcas mais profundas na memória e na produção do escritor e, assim, se torna mais fácil rastrear essa parte da formação de Cyro. Antes, porém, é preciso entender como o caminho do menino de dez anos se cruzou com o de outro professor arranjado.

Em 1916, Cyro fez a primeira mudança de sua vida, ficando distante pouco mais de 30 quilômetros do Garupá e dos bigodes de Dona Gringa. Nesse ano, o pai de Cyro, Appolinário dos Santos Martins, um comerciante e pequeno proprietário conhecido como Seu Bilo, levou a família – a esposa Felícia, os filhos Ivo, Cyro, Alda, Iná – e os agregados, como a Perfeita, o Leonço, o João Martim, para o Cerro do Marco, “uma elevaçõzinha modesta, típica daquela região do pampa”<sup>24</sup>, em outra parte do segundo distrito quaraiense. Montado em um gateado velho, Bilo ponteava o clã dos Martins para outro lugar porque havia “acenos de fortuna inflamando sua cabeça”<sup>25</sup>. No Cerro do Marco, perto da Estrada Real e de um corredor, Seu Bilo iria administrar um bolicho, um armazém, que, por sua colocação próxima à estrada, também ofereceria pouso aos que viajavam pelos campos do interior. A mudança dos Martins foi uma decisão exclusivamente paterna, pois, naquele Rio Grande do Sul do início do século XX, era o patriarca o senhor dos rumos da família. O pai decidia, a mulher, os filhos e os agregados iam de arrasto, na cola da decisão.

Ainda que a atitude de Bilo pareça ditatorial, nas referências que fez ao pai, em textos de ficção e de não ficção que apresentam tom autobiográfico, não aparece nenhum déspota familiar. Cyro destacou que Bilo era um “homem de caráter prático e de cabeça imaginosa”<sup>26</sup>, que percebia a mudança dos tempos e queria estar preparado para enfrentá-la. O caráter prático era essencial para uma pessoa como Bilo, que trabalhava com o comércio, atividade de fundamentos simples – dinheiro para cá, mercadoria para lá. Porém, é o traço da “cabeça imaginosa” que chama a atenção no desenho que Cyro faz do pai. Foi esse traço que os levou à saída do Garupá. Bilo tinha a cabeça inflamada pela possibilidade de fortuna. Não era a imaginação que efervescia em sonhos de riqueza e queimava a cabeça daquele chefe de família com mulher, filhos e empregados que dependiam de suas decisões? Aqueles sonhos não deviam ser egoístas. A prosperidade de Bilo não seria apenas sua, seria de Felícia, Ivo, Cyro, Alda e Iná; seria de Perfeita e de outros agregados. Para alcançar os acenos de fortuna, era preciso se

<sup>24</sup>MARTINS, Cyro. Apenas um tapera. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 19.

<sup>25</sup>MARTINS, Cyro. O gateado velho. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 37.

<sup>26</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 13.

mover e o movimento não poderia ser somente de Bilo. Era necessário que todos se mexessem e se adaptassem, pois o mundo familiar e o mundo externo, que transbordava os limites do Garupá, não eram mais os mesmos.

Se Bilo entendia que os tempos mudavam, também percebia que as pessoas teriam de mudar. Para ele, naquele século ainda adolescente, apenas os instruídos seriam capazes de chegar a algum lugar. A frase que ele dizia para os conhecidos e, principalmente, para os filhos – “Este mundo velho está mudando muito e quem não estudar...”<sup>27</sup> –, serve como exemplo da percepção apurada que o bolicheiro apresentava em relação ao momento no qual vivia.

Mas, de onde vinha tal percepção? Cyro falava que o pai não possuía nem os estudos primários completos, no que referia à educação colegial, formal, contudo, quanto “à filosofia de vida, era um homem adiantadíssimo em relação a sua época e ao seu meio”<sup>28</sup>. Essa filosofia foi aprendida no balcão do armazém, através do contato com as pessoas, pois, sendo filho de um comerciante de nome Paulino, veterano da Guerra do Paraguai, Bilo ajudava no negócio desde pequeno. Na infância e na adolescência, foram poucos os momentos de ausência do balcão. Quando “andaria pelos doze pra treze anos”<sup>29</sup>, passou um mês na cidade para estudar com Seu Lima, mescla de professor, fazendeiro, advogado. Sua mão de obra fazia falta e o pai mandou chamá-lo de volta. O retorno abriu uma lacuna na vida de Bilo. Aquele mês tão singular de sua juventude o perseguiria por toda a vida e traria consequências para os filhos. O mês no qual estudara significava por si, mas, também, pela ausência de outros meses. O que seria de Bilo se continuasse na “escola” do Seu Lima? Teria mantido a linhagem de bolicheiro? Teria virado um doutor? As respostas para essas questões são inalcançáveis, porém, as possibilidades deveriam rondar a mente imaginosa de Bilo. Seus outros meses de estudos ficavam distantes, nunca se efetivariam. Ele se tornava comerciante, pai de família. Seu cavalo já passara, ligeiro e mal encilhado, mas o dos guris e das gurias ainda não. Era Bilo o pai, o chefe, o dono das decisões. Se tinha o direito de decidir, tinha o dever de providenciar as chances para a família.

Esse dever poderia estar ligado à ida para o Cerro do Marco: mais vendas, mais lucros, mais chances. Os traços imaginoso e prático de Bilo se evidenciam com a mudança. Provavelmente imaginava filhos instruídos, quem sabe, com muito esforço, doutores. No entanto, era necessário praticidade para tornar a imaginação realizável. Com mais vendas e mais lucros, compraria a educação dos filhos. Bilo devia saber, e desse conhecimento vem sua característica de homem adiantado, que educação também era negócio e negócio caro.

<sup>27</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 12.

<sup>28</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 11.

<sup>29</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 34.

Foi por ser um homem adiantado ou por tomar conhecimento de que o desconhecido trazia uma correspondência para ele, Bilo, que, em um entardecer no final de 1916, o pai recebeu em sua venda Lucílio Dutra Caravaca. O homem que se dizia professor assustava pela brancura, pela magreza, pela altura e pelas olheiras, espantava pela cara de fome, pela falta de trato com o cavalo e com as roupas, mas apresentava bons modos, comia moderadamente, com “guardanapo aberto no colo”, palitava os dentes “tapando a boca com a mão esquerda”<sup>30</sup> e carregava uma carta de João Martins, irmão de Bilo. Esse tio de Cyro, a pessoa “mais instruída da família”<sup>31</sup>, era adepto do Partido Republicano Rio-Grandense e, além de desempenhar o ofício de guarda-livros em alguns saladeiros da região, atuava como secretário na intendência municipal. João não enviaria um mensageiro com tal qualificação até o 2º distrito apenas com o intuito de mandar notícias dos seus e saber das de Bilo, da cunhada e dos sobrinhos. Deveria ser algo mais sério. Caravaca poderia ser o professor tão pedido por Bilo junto à intendência.<sup>32</sup>

No livro *O professor*, publicado por Cyro quase setenta anos depois da primeira visita de Caravaca, o escritor conjectura sobre o possível conteúdo da carta: Caravaca era afilhado de um certo Padre Homero, que pregava para os lados de Sant’Ana do Livramento. O Padre não se contentava em proteger o rebanho com rezas, também era político, deputado na Assembleia dos Representantes com a indicação de Borges de Medeiros. Homero indicara o afilhado ao Coronel Miguel Corrêa, então intendente de Quaraí, também republicano. Como naqueles lados de Quaraí necessitavam de professor, Caravaca foi mandado.

A explicação ficcional que Cyro dá à chegada do professor funciona dentro da obra, condiz com as práticas de apadrinhamento político que imperavam no Rio Grande do Sul da República Velha e oferece algumas pistas sobre a ida de Lucílio ao Cerro do Marco. O nome do Padre Homero, representante de Sant’Ana do Livramento e “prócer importante do Partido Republicano daquele município”, não aparece na relação de legislaturas de *O parlamento gaúcho: da Província de São Pedro ao século XXI*<sup>33</sup>. Isso, no entanto, não enfraquece a ideia de que Lucílio tivesse um padrinho político. Naqueles tempos, era improvável que alguém entrasse para a engrenagem da máquina pública sem o respaldo de um político. Padre Homero, então, não é um nome rastreável, mas outro é: Miguel da Cunha Corrêa. O coronel ocupou a

<sup>30</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 8.

<sup>31</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 39.

<sup>32</sup> Em *Rodeio* (1982, p. 54), Cyro faz uma afirmação que mostra os esforços de Bilo para conseguir um professor para a localidade: “Meu pai, o mais inquieto dos pais do distrito, virou, mexeu e arrancou a nomeação de um professor municipal. Grande vitória, mas grande mesmo, comentada incansavelmente pela freguesia da venda”.

<sup>33</sup>Informação disponível em: [http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=5F285Ez\\_VVc%3D&tabid=5360](http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=5F285Ez_VVc%3D&tabid=5360) Acesso em: 19/01/2016.

intendência de Quaraí por dois mandatos (1898-1900 e 1912-1916) e, embora a última data aponte para o ano anterior à indicação de Caravaca para o cargo de professor e ao início das aulas, é correto afirmar que, devido ao seu período governamental, ele tenha participado, de alguma forma, da implantação do Colégio Municipal no 2º distrito.

O encontro de Caravaca com os Martins é nebuloso, assim como sua nomeação para professor. Sem o acesso a documentos que evidenciem o caso – documentos que não tenham sido produzidos pela memória de Cyro –, é possível fazer, apenas, suposições sobre o fato, pois a tarefa de clarificá-lo se mostra um tanto difícil. Ainda que nebulosa, a chegada de Caravaca ao Cerro do Marco foi relevante e, se fosse analisada somente como episódio isolado, já se mostraria importante na formação de Cyro. A chegada, porém, desencadeou outros acontecimentos e tomou proporções que atingiram as vidas de Cyro e Bilo. Para o menino, uma nova chance se abriria e ocorreria um novo contato com o ensino, deixado de lado desde a saída do Garupá. Para o pai, começaria a se desenhar a chance de instrução que tanto desejava para os filhos e se apresentaria uma oportunidade para mostrar seu lado prático.

De acordo com Cyro, as atitudes do Seu Bilo foram fundamentais para o estabelecimento do Colégio Municipal do 2º distrito, localizado perto do Capão do Tigre, distante cerca de quatro léguas do Cerro do Marco. Aliás, a denominação de Colégio Municipal era pomposa demais para indicar a construção deficiente na qual a sala de aula foi instalada. A escola se reduzia à peça de um rancho onde moravam Manoela, uma viúva de meia idade, e Elvira, sua filha ainda adolescente. Segundo a descrição de Cyro em *O professor*, a sala era pouco espaçosa, e, medida em passos, apresentava “cinco de fundo e três e meio de largura”. No lugar, caberiam “uma meia dúzia de classes... E mais a mesa do professor”<sup>34</sup>.

Esse é o desenho ficcional que Cyro faz da sala de aula, mas, mesmo assim, pode ser levado em conta, pois não há outra maneira de se imaginar a sala na qual Caravaca deu aula que não seja pela criação de Cyro. Suas obras estão inundadas de memórias e de construções feitas em cima de memórias. As memórias do autor, por sua vez, também são criações. Um relato memorialístico, feito um, dez ou setenta anos depois não seria capaz de reconstruir com exatidão o local onde o menino Cyro passou as manhãs por três anos. Junte-se ainda a esse traço criador da memória dois outros: o da habitação da viúva Manoela e o da mitologia pessoal desenvolvida por Cyro ao longo de suas obras. Um rancho quase abandonado e virado tapera, com paredes de barro e chão de terra, habitado por uma viúva e sua filha, ambas lavadeiras, não seria grande, não teria cômodos largos e longos. Haveria na casa, como na maioria das

---

<sup>34</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 32.

residências pobres da campanha, o essencial – cozinha, quartos e, numa excepcionalidade, sala, sendo todos os ambientes desprovidos de largueza. Quanto ao outro aspecto, o da mitologia pessoal de Cyro, é possível afirmar que o autor, em trabalhos memorialísticos e ficcionais, deixou clara a sua origem humilde, de espaços reduzidos – cama em dormitório, quarto de pensão – que se contrapõem ao espaço grande e aberto do campo. Na obra de Cyro, uma escola improvisada em um rancho perdido da campanha não seria grande, teria de ser pequena, medida em poucos passos.

Além de brigar pela nomeação de um professor, arranjar o lugar para a escola, fazer o levantamento das reformas necessárias para que o local não desabasse sobre as cabeças das crianças – chamar um homem para “barrear as paredes do rancho, fazer uma boa vistória na quincha e reforçar as tramelas das aberturas”<sup>35</sup> – Bilo saiu pelas redondezas para arregimentar alunos. Isso diz muito a respeito de Bilo e do retrato que Cyro fazia do pai. Bilo poderia estar realmente preocupado com os guris xucros da região que estavam afogados na falta de ensino daquele pedaço da campanha, mas é preciso levar em consideração outro fator. Os filhos de Bilo e de Felícia eram todos separados por dois anos de diferença – Ivo era o mais velho, Cyro era o segundo, Alda a terceira e Iná a mais nova<sup>36</sup>. Em 1917, quando Caravaca chegou, Cyro estava perto de completar 9 anos, Ivo andava pelos 11, Alda pelos 7 e Iná pelos 5. Os dois meninos já estavam na idade e, por isso, uma escola e um professor eram mais do que bem-vindos. No entanto, o município, governado por adversários políticos de Bilo, não despenderia gastos para montar um colégio que servisse apenas para os filhos de um republicano dissidente, um opositor. Para que houvesse escola e professor próximos ao Cerro do Marco, era imprescindível que houvesse alunos. Se Bilo era homem prático e ativo, teria se dado conta disso. O aprendizado de suas crianças era, também, o aprendizado das crianças da redondeza. O primeiro não aconteceria sem o segundo. Por isso, era preciso ir à cata de alunos.

Bilo, o pai “mais inquieto do distrito”<sup>37</sup>, conseguiu os alunos, pois a escola saiu. Ele pode ter dito para os pais daqueles outros guris o que dizia para os filhos e os amigos: o mundo mudava, quem não tivesse instrução e não fosse filho de pai rico ficaria pelo meio da estrada. Bilo poderia ter arregimentado para o colégio alguns guris como “o Telico, seu afilhado, filho do seu cunhado Galego”, “o Argeu, do Zeferino Gediel”<sup>38</sup>, o Miguelzinho<sup>39</sup>, do Seu Aquiles, e

<sup>35</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 34.

<sup>36</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 10-11.

<sup>37</sup>MARTINS, Cyro. Quatro flashes autobiográficos e um agradecimento. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 54.

<sup>38</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 40.

<sup>39</sup>MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988, p. 40

mais outros, que moravam pela redondeza. O nome dos outros, naquele momento, e agora, não importam. O que importa é que os alunos estavam lá e, se estavam lá, era necessária a instalação do Colégio Municipal do 2º distrito no rancho da viúva Manoela e a efetivação de Lucílio Caravaca como professor.

Depois de organizada a escola, algumas marcas ficariam na memória de Cyro. As idas e voltas da aula montado no seu primeiro petiço, um douradilho, regalado pelo Tio Poli; as manhãs de encarangamento, com as rédeas “machucando os dedos duros de frio, as pernas encolhidas, os olhos abismados para o lençol de geada”<sup>40</sup>; as carreiras ao sol do meio-dia, travadas com os meninos da vizinhança no caminho de volta; a impaciência de Caravaca e dos alunos frente ao arrastado da aula; os porres, as ressacas e os discursos que o professor enunciava para seu público preferido – os cavalos, as vacas e as galinhas que rodeavam o rancho.

Além dessas marcas, ficaram outras, mais ligadas ao aprendizado. No texto “Quatro flashes autobiográficos e um agradecimento”, publicado em *Rodeio*, Cyro escreve que “entre feras, cachaça e palmatória, aprendíamos a ler”<sup>41</sup>. As feras se referiam à localização da escola, entre o Capão do Leão e o Capão do Tigre; a cachaça, às “borracheiras homéricas” do professor; a palmatória, ao método pedagógico de Caravaca. Fora a alfabetização, o b-a-bá, Caravaca, um homem “incontestavelmente inteligente”, segundo afirmação de Cyro em outro texto de *Rodeio*<sup>42</sup>, ainda tinha a tarefa de iniciar os guris “nas lições de cousas e também, o que ele fazia com certo entusiasmo, nos rudimentos da música, através dos cânticos pátrios”<sup>43</sup>. É difícil definir o que compunha o conteúdo das “cousas”. Seriam lições relacionadas aos fundamentos de matemática, de ciências, de história? Provavelmente, Caravaca tenha ensinado as operações matemáticas básicas, mas, quanto ao resto, só é possível especular. Já sobre as aulas de música, não há muitas dúvidas. Os meninos cantavam e seu repertório girava em torno dos temas pátrios: Hino Nacional, Hino da Bandeira, Hino da República, a canção do soldado. Quando o Brasil entrou na Primeira Guerra Mundial ao lado dos Aliados, em outubro de 1917, a disciplina de música ganhou força. A ordem da intendência era clara: Caravaca deveria “apertar no

---

<sup>40</sup>MARTINS, Cyro. O petiço douradilho. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 40-41.

<sup>41</sup>MARTINS, Cyro. Quatro flashes autobiográficos e um agradecimento. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 54.

<sup>42</sup>O título do texto é “Apenas uma tapera”, p. 18-36. A afirmação sobre Caravaca está na p. 20.

<sup>43</sup>MARTINS, Cyro. Quatro flashes autobiográficos e um agradecimento. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 55.

canto”<sup>44</sup>, a pátria precisava de apoio. Era como se as vozes daqueles guris, perdidas na campanha, pudessem derrotar o *Kaiser* e seus companheiros.

Em seus escritos, Cyro deixou poucas pistas em relação aos três anos passados no Colégio Municipal do 2º distrito. As bebedeiras e os discursos de Caravaca, a palmatória, os dois livros de leitura e os hinos não indicam que aquele período tenha sido de aprendizado profundo. Essa fase da formação de Cyro é nebulosa. Não é possível saber se o menino de onze anos que deixou a escola de interior escrevia de maneira razoável, lia com fluência, multiplicava, dividia, tinha noções de história ou de ciências. Alguma coisa, porém, devia ser insuficiente e Seu Bilo sabia disso.

As aulas de Caravaca foram essenciais para tirar a gurizada do analfabetismo, mas aquilo bastaria? Era instrução suficiente saber ler e escrever o nome? Se a frase de Bilo sobre a necessidade de educação for levada em consideração, a resposta para as duas questões é: não. Claro que seus meninos já haviam estudado mais tempo do que ele. Comparando o mês solitário de suas aulas com o Seu Lima, os guris ganhavam com sobras. Contudo, a obsessão pela educação dos filhos continuou mesmo com a presença de Caravaca. Cyro lembra, em *Rodeio*, que os vizinhos e os conhecidos diziam que Bilo tinha a “mania de querer filho doutor”<sup>45</sup>. O comentário apresenta certo tom depreciativo, mas, através dele, é possível ver que todos percebiam a vontade que Bilo tinha em dar o máximo de educação para os filhos. Para dar o máximo, era preciso ir além do Colégio Municipal do 2º distrito e de Quaraí.

Bilo já ensaiava a saída de seus filhos do Cerro do Marco e de Quaraí. Quando Ivo, o filho mais velho, tinha doze para treze anos, foi mandado para a cidade. Lá, ele se tornaria aluno interno do “colégio do seu Diehl, professor que lecionou gerações”<sup>46</sup>. O internato de Diehl era uma etapa na educação dos meninos, pois a intenção de Bilo era que os filhos estudassem nas escolas de orientação religiosa, pois “tinha muita fé no Colégio dos padres, embora não fosse religioso, longe disso, até. Mas costumava dizer que colégio de padre era bom porque os padres puxavam pelos guris, eram rigorosos quanto aos estudos”<sup>47</sup>. A religiosidade de Bilo se restringia à imagem de São Jorge pendurada em cima de sua cama. Ele não desejava que os filhos aprendessem as rezas e o catecismo, o que despertava a sua admiração pelos padres era a disciplina e a convicção de que, com eles, os meninos aprenderiam.

---

<sup>44</sup>MARTINS, Cyro. Quatro flashes autobiográficos e um agradecimento. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 55.

<sup>45</sup>MARTINS, Cyro. Apenas uma tapera. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 28.

<sup>46</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 25.

<sup>47</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 26.



Em 1920, o Colégio Anchieta, instituição mantida e dirigida pelos membros da Companhia de Jesus, iniciava uma nova fase de suas atividades. Estabelecida no centro de Porto Alegre desde 1890, a escola foi chamada de Colégio dos Padres, Colégio São José, Ginásio Anchieta e, nos seus primeiros anos, dividia os alunos – só meninos eram admitidos – em duas seções: alemã e brasileira. Com o passar do tempo, acabou a divisão em seções, veio a denominação de Colégio Anchieta e, em 1920, foram abertas vagas para alunos internos. Ainda que estivesse no outro lado do Estado e representasse um alto gasto para as finanças de um comerciante e pequeno proprietário, o Anchieta se mostrava como a escola que Bilo tanto desejava para os filhos.

Como Ivo sabia ler, exigência para ser matriculado no primeiro ano elementar, era o primogênito e estava iniciado na vivência de um internato, foi o escolhido entre os Martins para ir estudar no Anchieta. Ivo estava em Porto Alegre e havia ingressado há pouco no colégio quando Bilo foi chamado até a capital para tratar de um assunto sério e urgente: Ivo contraiu febre tifoide, precisava voltar para casa.

Foi a primeira vez que a *Salmonella typhi* cruzou o destino de Cyro Martins.

O guri, que ainda teria um ou dois anos vivendo de rédea solta na campanha, viu seus rumos mudarem completamente de uma hora para a outra. Como ficou decidido que Ivo não teria condições de permanecer na escola, o padre-diretor Contessotto perguntou a Bilo se ele não tinha outro filho para ocupar a vaga. Mesmo que fosse “mui verdolengo”, Cyro entrou no palco<sup>48</sup>. Ele vivera seus quase doze anos no interior de Quaraí e, num repente, foi enviado às pressas para a maior cidade do Rio Grande do Sul.

Essa mudança não ocorreu apenas pela necessidade de ocupação da vaga no Anchieta. Ainda que a entrada no colégio como interno estivesse concorridíssima, como afirmou Cyro em dada circunstância<sup>49</sup>, havia a questão financeira entre Bilo e o Anchieta. O pai de Cyro já devia ter quitado uma das três prestações ou todo o valor de 1:500\$000 réis que compunha a pensão anual – com tratamento de primeira classe – e a mensalidade escolar; a joia de 50\$000 réis que cada pensionista, no ano de entrada, era obrigado a pagar pelo uso da cama, do lavatório, da escrivania e dos demais utensílios que eram de propriedade do colégio; os 30\$000 réis referentes à assistência médica ordinária; os 100\$000 réis para despesas extraordinárias de botica, roupas novas, calçados, viagens, livros e papel<sup>50</sup>. Portanto, o negócio

<sup>48</sup> Episódio contado por Cyro em *Para início de conversa* (1990, p. 25).

<sup>49</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 26.

<sup>50</sup> A discriminação dos valores foi retirada da p. 93 do *Anuário* do Colégio Anchieta do ano de 1922. Os *Anuários* estão localizados na Biblioteca Central do Colégio Anchieta e foram lidos e copiados nos dias 17 de abril de 2015 e 07 de maio de 2015.

já estava feito. Os jesuítas estavam de posse do dinheiro e Bilo queria que um de seus filhos entrasse no Colégio. A solução foi chamar Cyro às pressas para que ele ocupasse a vaga.

Como o Seu Bilo estava em Porto Alegre, Dona Felícia ficou responsável por algumas providências em relação à partida de Cyro. Em um primeiro momento, ela precisaria dar jeito no enxoval para o guri, depois, teria de levá-lo, de trem, até Porto Alegre. Mesmo que tivesse de arrumar tudo às pressas, devido à anterior ida de Ivo para a escola, Felícia já sabia quais itens eram exigidos pelo internato. Embora o apertado do tempo, Dona Felícia conseguiu aprontar quase todo o enxoval de Cyro, que contava com: 2 fardamentos de brim kaki feitos segundo um modelo determinado; 4 guarda-pós leves de brim para o pátio; 1 capote ou sobretudo para o inverno; 2 pares de sapatos fortes; 2 pares de botinas pretas; 1 par de pernas pretas; 1 colchão de 1.70 metros de comprimento e 0.70 metros de largura; 2 travesseiros; 1 acolchoado; 2 cobertores; 2 colchas brancas; 6 lençóis; 8 fronhas; 6 toalhas de rosto; 2 toalhas de banho; 12 lenços; 6 guardanapos; 8 camisas; 3 camisas de dormir; 8 pares de ceroulas; 12 pares de meias; 2 sacos de roupa servida; 2 pentes (um grosso e um fino); 1 espelho; 1 escova de roupa; 1 escova de dentes; 1 tesourinha para unhas; número suficiente de colarinhos; algumas calças, coletes e casacos de qualquer feitio. O uniforme branco ou azul-marinho, pedido para os dias festivos, tinha de ser feito em Porto Alegre<sup>51</sup>.

Os valores de entrada e permanência no Colégio Anchieta, assim como o tamanho e o custo do enxoval indicam que boa educação, naqueles tempos do Rio Grande do Sul, era um negócio extremamente caro. Poucos tinham condições de arcar com tantas despesas e isso demonstra que Cyro, mesmo não sendo filho de um pai rico, entrava para um seleto grupo de alunos, privilegiados, em certa medida – pelo que poderiam gastar e pela educação de qualidade que teriam. Com o passar do tempo, a educação àquele custo traria consequências para Bilo e Cyro.

Depois de arrumado o enxoval, Dona Felícia precisava encaminhar a partida de Cyro para Porto Alegre. Como o filho pouca coisa conhecia além dos limites do Cerro do Marco, Felícia devia levá-lo. Não era pequeno o compromisso da mãe de Cyro. Ainda que fosse calejada nos trabalhos da casa e da venda, Felícia sabia muito pouco sobre o funcionamento das cidades, dos trens, das viagens. O caminho de Quaraí a Porto Alegre era desconhecido por ela e pelo filho, mas ela era a mãe, a responsável e, se Bilo dissera para ela ir, não havia remédio. Felícia e Cyro partiram no início de março para encontrar Bilo, mas a viagem só terminaria, para Cyro, quinze dias mais tarde.

---

<sup>51</sup> A relação dos itens foi retirada de: COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1922, p. 94.

Quando estavam na estação ferroviária de Alegrete, onde pegariam o trem que fazia o trecho Uruguaiana-Porto Alegre, Dona Felícia “se atordoou”. Setenta anos depois, Cyro tentou explicar o episódio: “Não sei se foi o impacto do trem, no qual andava pela primeira vez, ou o sufoco daquele mundaréu de gente se apertando na estação. Ou se foi o medo de que eu também adoecesse. Acho que foi tudo isso junto”<sup>52</sup>.

Felícia não passava por dias fáceis. Em um primeiro momento, foi a despedida do primogênito, que não ia mais para Quaraí, mas para Porto Alegre e só voltaria para casa no final de ano. À partida do filho, agregava-se a ausência de Bilo e o maior compromisso da esposa em relação aos negócios da venda. Essas mudanças, que parecem pequenas, ganhavam uma proporção maior quando ocorridas na vida de uma mãe e dona de casa acostumada às tarefas rotineiras e ao comando do marido. Após estar sozinha no Cerro do Marco, a situação piorou – veio a notícia da doença de Ivo e a ordem da partida imediata de Cyro. Além da preocupação com Ivo, existia a preocupação com Cyro. Felícia precisaria elaborar a separação de outro de seus gurus, mas não havia tempo. Era necessário que costurasse tudo aquilo que o Anchieta pedia e outras coisas. Cyro não possuía nem calças compridas para viajar, tinha de arranjá-las o mais rápido que pudesse. Os dias que precederam a viagem devem ter sido de trabalho intenso, de noites mal dormidas e de apreensão, pois pouco sabia do estado de Ivo.

Na mesma página em que arrola os motivos para o atordoamento da mãe, Cyro afirma que ela, de temperamento tão calmo, teve “uma crise de angústia perfeitamente normal”<sup>53</sup>. Felícia estava em um momento delicado e os problemas foram se acumulando durante aqueles dias difíceis. Na estação de Alegrete, em meio ao povo e aos trens, Felícia chegou ao seu limite. Como não conseguia viajar, Felícia não teria condições de levar Cyro até Porto Alegre. Junto com o empregado do Cerro do Marco, mãe e filho regressaram para casa.

São poucas as palavras de Cyro sobre o retorno para casa. Voltou “meio encalistrado” com o “malogro sofrido” e ainda tivera que ouvir as brincadeiras de Perfeita, que dizia que ele se tornara “doutor mui ligeiro”<sup>54</sup>. Será que essa falsa partida causou maiores traumas em Cyro? Assim como Felícia, Cyro também passava por dias turbulentos. O irmão mais velho fora para longe e lá adoecera e, se a mãe não sabia muitas notícias sobre o filho, o irmão menor sabia menos ainda. De uma hora para outra, o menino, que teria mais um ano de liberdade no Cerro do Marco, seria mandado para um lugar desconhecido. Lá, estudaria com os padres – que

<sup>52</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 26.

<sup>53</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 26.

<sup>54</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 26.

“puxavam” muito nos estudos e na disciplina – moraria em um internato, longe de todos os que conhecia. A angústia assombrava Felícia e o medo rondava Cyro.

Ele rumaria ao encontro de algo distante e não só distante no aspecto espacial. Cyro sabia pouco sobre o funcionamento de uma cidade, nunca andou de trem, pouco viu padres em sua vida, sempre morou com familiares, não viveu seus quase doze anos limitados por regras austeras. Era um guri da campanha que estudava poucas horas por dia, quando havia aula, e tinha os dias a sua disposição, para fazer o que bem entendesse. A liberdade acabaria. Na viagem com Dona Felícia, aquilo começaria a acabar, mas veio o mal-estar da mãe e a partida frustrada. Depois disso, Cyro ficou confuso? Pensou que escaparia do colégio dos padres? Voltaria à costumeira liberdade?

O menino deve ter se embaralhado um pouco com a história do ir e do não ir, mas o marcante do episódio foi o atordoamento da mãe. Cyro sempre falava de Felícia como pessoa cândida, terna, calma, até mesmo, como “a própria encarnação da suavidade”<sup>55</sup>, mas suas palavras não vão além disso. Na sua produção, não há referências a cenas que demonstrem essas qualidades da mãe. O momento no qual Cyro mais fala de Felícia é esse ligado à tentativa de viagem. De toda a calma que envolvia a figura da mãe, Cyro dá maior dimensão, justamente, ao evento em que ela foge a sua característica.

Cyro não apagou a mãe de sua produção. Sempre fez referências a ela, ainda que poucas e rápidas. Uma coisa, porém, é inegável: em relação ao tratamento ficcional e memorialístico que Cyro faz dos pais, há uma disparidade significativa entre os papéis de Bilo e de Felícia na sua formação. Ao pai, devia tudo; à mãe, o enxoval e uma tentativa frustrada. A disparidade seria consequência daquele atordoamento da mãe? Mais do que o fim da liberdade de correr campo fora, mais do que o medo da disciplina dos padres, o papel da mãe foi o que mais marcou a viagem que parou em Alegrete.

Segundo as indicações de Cyro em seus escritos, Bilo foi o grande responsável por sua formação. Os sacrifícios do bolicheiro tinham iniciado na partida do Garupá, passado pela instalação da escolinha de Caravaca e chegado à ida de Cyro para o Anchieta. De todos os passos dados até ali, o último fora o mais importante. O Anchieta era a educação e a formação que Cyro ainda não tivera. Era preciso ir a Porto Alegre e assegurar a vaga, com Felícia ou sem Felícia.

Quinze dias depois da viagem malograda, Cyro foi ao encontro do Seu Bilo em Porto Alegre. No Ford bigode da família, levaram-no até Alegrete, o cenário do atordoamento da mãe.

---

<sup>55</sup>MARTINS, Cyro. Apenas uma tapera. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 27.

Lá, como na tentativa anterior, parou na casa de Antonino de Souza, “primo rico” do Seu Bilo. Na estação, Cyro foi recomendado a um casal conhecido de Bilo e Antonino. Segundo Cyro, o casal não lhe “dispensou maiores nem menores cuidados durante a viagem”<sup>56</sup>, sendo que, assim, o guri atravessou o Rio Grande do Sul praticamente sozinho.

Além do fato de a jornada ter se dado de modo quase solitário, houve outros dois significativos – no meio do caminho e na chegada. Em Santa Maria, o centro ferroviário do Estado, Cyro teve o “primeiro impacto com o mundo grande”, pois, logo ao desembarcar do trem de origem, se descobria que “mundo era realmente grande e agitado”<sup>57</sup>. O impacto de Santa Maria era apenas um na gradação de choques proporcionados pela viagem. Maior do que Quaraí e Alegrete, maior do que todos os lugares que o menino conhecia, aquela cidade de trens e militares era o grande indício de que a campanha e uma etapa de sua vida ficavam para trás. Mais de setenta anos depois da parada em Santa Maria, Cyro escreveu que devia à cidade uma coisa que não sabia bem o que era<sup>58</sup>. O homem experiente que falou isso já tinha noção da representatividade daquela parada em uma das viagens mais importantes de sua vida: Santa Maria, na boca do monte, significava o fim do Sul, da planura, do campo aberto e do guri sem estudos.

Na chegada a Porto Alegre, Cyro se viu sozinho. Seu Bilo estava atrasado e o menino precisou se virar. Ele sabia que o pai estava no Lagache Hotel, no centro, e, para ir até lá com tudo que trouxera, era preciso pegar um carro. Aí vinha a dúvida: um carro com motor ou um com cavalos? Decidiu pelo último, pois ainda não era um povoeiro, um menino da cidade e, poucos metros depois de partir rumo ao hotel, avistou Bilo na rua. Cyro devia olhar em todas as direções enquanto se deslocava de carro por aquela pequena distância. Estava em um lugar desconhecido e o pai não aparecera. Era preciso avistar Bilo e sentir que, ali, havia algo conhecido e seguro. Era preciso ter certeza de que, por enquanto, não estava sozinho.

A solidão o encontraria um dia depois, entre as paredes escuras do colégio.

Após a entrevista com o padre Contessoto e a despedida do pai, a formação de Cyro começou de fato. Os caminhos de antes desembocaram naquele momento decisivo – ele deixava de ser um guri do campo. Por mais que houvesse meses de férias e voltas para casa, o laço estava rompido de forma inevitável. A partir daquele ponto, seria outro.

---

<sup>56</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 26.

<sup>57</sup>MARTINS, Cyro. *Santa Maria da Boca do Monte. Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 73.

<sup>58</sup>MARTINS, Cyro. *Santa Maria da Boca do Monte. Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 73: “Devo a Santa Maria não sei bem o quê. Certamente, o que lhe ficavam devendo todos os gurizotes da fronteira daqueles tempos, quando vinham xucros, dos campos e das cidades, e transitavam por lá, rumo a Porto Alegre”.

Ao longo de sua obra, Cyro descreveu inúmeras partidas e saídas do campo: Chiru, em *Sem rumo*, João Guedes, em *Porteira fechada*, Joãozinho, em *Gaúchos no Obelisco* e Carlos, em *Um menino vai para o colégio* são alguns exemplos. Todos esses personagens saem devido a alguma necessidade – arranjar um meio de sobrevivência, achar onde morar, correr mundo, estudar. É claro que o escritor pretendia mostrar, através de sua ficção, os motivos, na maioria das vezes sociais e econômicos, que levavam os indivíduos a abandonarem sua família e seu chão. Contudo, a reincidência das partidas também pode ser vista por outro lado. Cyro tinha a experiência da partida tão entranhada em si que não conseguia deixar de falar nela. O choque da mudança radical ocorrida em sua vida teve intensidade ao ponto de se espalhar pelos livros. Era como se o homem buscasse elaborar, com personagens, tempos e lugares diferentes, o evento traumático que foi a partida do menino de sua casa para o colégio dos padres.

Em *Um menino vai para o colégio*, publicado originalmente como uma parte de *Mensagem errante*, em 1942, Cyro tratou de forma pontual do assunto partida. Nos seus depoimentos posteriores, ele afirmou que, embora o tom autobiográfico da obra, deu “ares novelescos” à experiência pela qual passou. Mais uma vez, Cyro ficcionalizou a si mesmo e as suas memórias. Carlos, o menino que sai do interior fronteiriço para o “Ginásio dos padres” entre os esforços do pai e os temores da mãe, é a representação do guri que perde a liberdade de correr campo fora e que entra em contato com os atos religiosos nunca presenciados.

Sobre a vida na escola, há pouco no livro: sala de estudos, dormitório, missas, recreios com futebol. Os dois últimos mostram o encontro com o desconhecido – rezas, rituais, comunhão, brincadeiras da cidade. Já os dois primeiros ambientes são os mais significativos em relação à disciplina e à delimitação de espaço que, dali por diante, seriam a tônica da vida escolar. Quando é levado à sala de estudos por um dos jesuítas, uma classe é indicada ao menino e, então, ele entende que seu espaço não é mais aberto como a campanha: “aquele era de fato o ‘seu lugar’ e somente aquele, não o da direita, nem o da esquerda, nem o da frente, nem o de trás”<sup>59</sup>. A sala ainda contava com a presença vigilante de outro padre, que não deixava os alunos conversarem ou fazerem brincadeiras. Ali, o lugar deveria ser de seriedade, silêncio e estudo. No colégio, a disciplina tinha de imperar – até mesmo no dormir e no despertar. Não era bom se mexer muito, pois os ruídos poderiam atrapalhar o sono dos colegas. Também era preciso dormir ou fingir dormir, pois havia outro padre vigilante, que zelava pelo sono e pelo bom comportamento dos gurus. Com o amanhecer puxado pela sineta, era necessário se aprumar, lavar o rosto, pentear os cabelos, vestir o uniforme e se colocar a postos.

---

<sup>59</sup>MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre: Movimento, 1998, p. 40.

O choque inicial, a disciplina, a religiosidade e a vigilância são os aspectos retratados por Cyro em sua curta obra. Não há referências a matérias estudadas, testes, aulas de português, matemática ou ciências. Ainda que o título do livro seja *Um menino vai para o colégio*, apenas no capítulo VI se pode ler sobre as vivências que Carlos teve na escola. Nos outros onze capítulos que compõem *Um menino vai para o colégio*, os episódios ocorrem no campo ou nas viagens a Porto Alegre. Isso é sintomático, pois Cyro, de certa forma, tangencia o tema autobiográfico adornado com “ares novelescos”. Não era do colégio que ele desejava falar, era do que estava do lado de fora, do que havia deixado para trás e, até mesmo, do que tinha perdido.

A experiência no Anchieta foi difícil para o menino. Tinha de dar conta dos estudos e lidar com as “noções de céu, inferno, Deus Padre, Diabo, tentações, pecado”, metidas “de cambulhada” em sua cabeça<sup>60</sup>. Em *Para início de conversa*, Cyro afirmou que seu choque só não foi maior pela vontade de aprender. Era a vontade ou o medo de decepcionar Seu Bilo? Assim como Carlos, nas primeiras noites do internato, Cyro devia olhar as estrelas pela fresta da janela – o que estava fora sempre era mais interessante – e pensar nas coisas que ficaram no Cerro do Marco, devia ter vontade de chorar e deve, até mesmo, ter chorado, mas em silêncio, para não atrapalhar os colegas de dormitório e atrair a atenção do padre vigilante, devia desejar a volta para casa, devia querer desistir. E se desistisse, o que aconteceria? Seu Bilo perderia a fé no guri, lhe cairia de pau em cima, a Perfeita, mais uma vez, diria que ele voltara doutor muito rápido?

Ali, se criava uma linha divisória nos rumos de Cyro. Não tinha nem doze anos e estava sozinho. Os padres, os colegas, as aulas e os livros tinham uma importância menor. Cyro não tinha nem doze anos e estava sozinho, distante de tudo que soasse familiar. Sua vida não poderia ser a mesma depois daquilo.

Cyro ficou no Anchieta por não ter escolha. Não era vontade de aprender, não era o medo de decepcionar Bilo. Precisava ficar, o pai mandara. Não adiantava ter vontade de chorar, não adiantava querer voltar para casa. Não havia opções, caminhos a escolher: ficava ou ficava. O adulto de *Para início de conversa* olhava para o menino de onze como homem que entendia a importância daqueles estudos no Anchieta – uma das grandes chances de sua vida – e, com esse olhar, era mais fácil encontrar uma explicação. O guri acostumado à liberdade, ao convívio familiar e ao chão natal queria permanecer como estava. Essa era a sua grande vontade. Ele gostaria de se distanciar de tudo isso para aprender coisas de colégio em uma cidade desconhecida? Provável que não.

---

<sup>60</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 33.

Uma vez sozinho, uma vez no Anchieta, não havia outro caminho, tinha de estudar. A vontade de aprender e a consciência da boa oportunidade podem ter se instalado aos poucos, na medida em que o medo, a saudade e a ideia de voltar perdiam terreno para a rotina escolar. O colégio apresentava um objetivo bem claro: “proporcionar à mocidade, a par duma esmerada educação religiosa, moral e cívica, uma sólida instrução literária e científica” e, para atingi-lo, dividia seu currículo entre os cursos Elementar, Ginásial e Parcelado. O primeiro era composto por três anos nos quais eram ensinadas as matérias de Instrução Religiosa, Leitura, Ortografia, Gramática, Aritmética e Geometria Práticas, Geografia, Chorografia, Caligrafia e Desenho; o segundo compreendia cinco anos, era progressivo até o terceiro ano e era constituído pelas matérias de Instrução Religiosa, Português, Francês, Inglês ou Alemão, Latim, Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria, Geografia, Chorografia e Cosmografia, História Universal e do Brasil, Física e Química, História Natural, Lógica, Psicologia, História da Filosofia e Desenho. O terceiro se voltava aos alunos que tivessem a intenção de fazer os preparatórios e de “concluir o seu curso propedêutico”.<sup>61</sup>

O elenco de disciplinas oferecido pelo Anchieta permitia que seus alunos entrassem em contato com diferentes áreas do conhecimento. A instrução literária tinha sentido amplo, pois não contemplava apenas a leitura de textos literários, também abrangia a gramática, a ortografia, a caligrafia e os idiomas. Já a parte científica do ensino, além das matérias costumeiras, chegava até a psicologia. Isso mostra que o aluno deveria sair do Anchieta com noções sobre diversos aspectos das ciências humanas e exatas – fora os ensinamentos religiosos, morais e cívicos.

Diante de toda essa carga de ensinamentos, em março de 1920, estava Cyro, que aprendera quase dois livros de leitura com Lucílio e algumas contas básicas. No 1º Ano Elementar, o menino teve de lidar com a distância de casa, a rotina do internato e os temas dos quais pouco ouvira falar. Segundo a ementa das disciplinas para o Curso Elementar, no ano inicial, em Instrução Religiosa, os alunos deveriam entrar em contato com as “verdades fundamentais” e se preparar para a confissão e a primeira comunhão; em Português, haveria exercícios de leitura, de elaboração de resumos orais dos textos lidos, de cópia, de ditado fácil, de princípios de gramática e de memória; em Aritmética e Geometria, seriam ensinados os sinais, a adição, a subtração, a multiplicação, a divisão, a potenciação de números inteiros, a noção completa sobre frações ordinárias e decimais, as operações sobre frações decimais, a noção sobre sistema métrico, o cálculo mental, os problemas, os algarismos romanos, a

---

<sup>61</sup> O objetivo e as informações curriculares foram retirados de: COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1921, p. 79.



geometria prática da esfera, do cilindro, do cubo, dos prismas quadrangulares e triangulares; em Geografia e História, haveria estudos sobre Porto Alegre e seus arrabaldes, sobre os termos geográficos, sobre a medida do tempo, sobre os “fatos salientes” da história brasileira; em Ciências, seriam vistos os aspectos comuns dos animais, as partes do corpo e as substâncias alimentícias; em Desenho, as figuras geométricas, os contornos de objetos e a caligrafia seriam contemplados<sup>62</sup>.

Todos esses conteúdos se dividiam em aulas de segunda-feira a sábado, entre os horários, pela manhã, de 8h45min a 11h30min e, pela tarde, de 13h30min a 15h30min. Antes do início das classes, havia a missa e o café da manhã, no intervalo dos turnos, o almoço e o período de descanso. As horas que sobravam na manhã, na tarde e na noite deveriam ser divididas entre a sala de estudos (7h30min-8h15min, 12h30min-13h, 16h-18h), o refeitório e o dormitório. Com essa programação, não restavam ao aluno interno muitas atividades a realizar. Era preciso estudar. Os internos, como Cyro, tinham procedência distante, na maioria dos casos, da região fronteiriça, por isso, aos domingos, dias liberados para a visita dos familiares, dificilmente recebiam alguém, pois os parentes não teriam como atravessar o Estado semanalmente. A vida desses alunos se resumia, então, ao que acontecia dentro do colégio.

Cyro passou aquele ano de 1920 longe de todos e uma das poucas coisas que poderia fazer era estudar. Não há como saber se teve dificuldades no início das aulas, pelo pouco que tinha aprendido com Caravaca e pelo atraso com que chegara – pois o período letivo já havia iniciado. Ele nunca falou detalhadamente de sua vivência no internato. Além dos poucos aspectos apresentados em *Um menino vai para o colégio* e *Para início de conversa*, nada mostra como eram seus dias lá dentro, como se relacionava com os outros vinte e sete internos e com os padres professores, como se dava a comunicação com a família, como se acostumara à rotina de horários, estudos e missas. Sobre aquele primeiro ano, quase tudo é nebuloso. Era como se o guri sumisse por nove meses e, em dezembro, levasse para casa um caderninho que resumia sua vida no período. A função dos *Anuários* não era essa, informar aos pais o comportamento e as atividades de seus filhos? Pelo *Anuário* de 1920, só é possível saber que Cyro foi um aluno pouco mais do que mediano no início do Curso Elementar. Dos 46 que pontuaram, ele foi o 15º, com 1554 pontos – 899 atrás do primeiro lugar, um externo chamado Eduardo Miller, que atingiu 2453 pontos.

Para Cyro, não houve prêmio de excelência, fotografia entre os melhores do ano, segunda colocação ou menção honrosa no conjunto das matérias. Contudo, seu desempenho

---

<sup>62</sup> As ementas estão nas p. 79-80 dos *Anuários* de 1921.

não foi fraco – entre os alunos internos do Primeiro Elementar, ele só ficou atrás de João Assiz Cunha, dono de 1994 pontos. Cyro tivera uma educação irregular até então e, aliado a esse fato, estava outro, o da adaptação a um novo espaço, com pessoas e hábitos diferentes. Outros podem ter passado pelas mesmas dificuldades, mas é preciso pensar na singularidade do caso de Cyro. Das disciplinas cursadas naquele ano – Religião, Português, Aritmética, Desenho e Caligrafia – Cyro recebeu menção honrosa nas duas primeiras. Para um guri que mal ouvira falar de Jesus e que aprendera noções de português com um professor ébrio, não estava mal.

A contagem de pontos e a colocação dos alunos em cada turma mostram que, ao ingressar no Anchieta, Cyro também entrava em contato com um tipo de competitividade que não se parecia com aquela das carreiras com os guris, na ida e na volta das aulas de Caravaca. No colégio, o melhor não era só o mais rápido, era o que conseguisse ser melhor em um conjunto de matérias – não só em Religião e Português. Não era apenas em relação às notas que os jesuítas incentivavam a competitividade. Nos *Anuários*, há indicações de passeios nos quais ocorriam atividades esportivas que dividiam os alunos em times de futebol (por exemplo: internos 1 e internos 2) e em grupos de canoagem<sup>63</sup>. Cyro sabia muito pouco de futebol e não nadava, mas tinha de participar dos eventos esportivos. No jogo com a bola, ocupava a posição de goleiro, geralmente destinada aos maiores e menos habilidosos; já nos esportes da água, devia torcer para a canoa não virar.

Esse mundo escolar cheio de concorrência afetaria a vida de Cyro. Em *Um menino vai para o colégio*, quando Carlos volta de férias, logo na primeira noite em casa, Afonso, seu pai, indaga sobre as notas e a colocação do guri em relação aos demais colegas. Carlos não obteve o primeiro lugar e, então, o pai lhe diz que, para o próximo ano, ele teria de “forcejar pelo primeiro”<sup>64</sup>. Bilo falava a mesma coisa para Cyro? Explicava para Cyro que a família forcejava para que ele estudasse em Porto Alegre, que ele “só” estudava e que era sua obrigação ser o melhor da turma? É possível que mais essa pressão recaísse sobre o menino, mas ela ficava adormecida até o início das aulas. Antes, correriam as férias e Porto Alegre e suas obrigações ficariam distantes.

Na sua volta ao Sul, encontraria a família, o armazém, o petiço douradilho, o horizonte largo, a lua enorme e o céu imenso. Na sua volta, reencontraria a liberdade e também uma mesa mais farta, pois, ainda que os jesuítas prometessem um tratamento de primeira classe, a fome apertava. Os dias iniciais das férias eram o palco de um Cyro protagonista, colocado no centro

<sup>63</sup> Ver, nos *Anuários*, a p. 69 de 1920, na qual aparece a fotografia de uma regata com a legenda “Quem vencerá?” e, na p. 17 de 1921, a escalação dos 2 *teams* de futebol dos pensionistas.

<sup>64</sup>MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre: Movimento, 1998, p. 52.

da família. Devia falar das coisas do colégio já que, das da capital, pouco sabia – passava quase todo o período no internato. Seu Bilo, indagador como era, apertava o filho para saber das aulas, dos colegas, dos professores. Dona Felícia enchia-o de dengos, vindos em forma de comida ou de gestos prestativos. Perfeita não ficava atrás de Felícia, também lhe fazia as vontades. Os irmãos miravam-no estranho, Cyro voltara com algo diferente.

Havia estranhamento nas férias. O menino não era o mesmo. Os olhares tinham se transformado. Era visto de um jeito diferente pelos outros. Ele era o filho do Seu Bilo que estava nos estudos e morava em Porto Alegre. Não era mais como a gurizada xucra da campanha. Cyro também observava de outro modo as pessoas e o espaço. No período letivo, quanto sonhara com a família, a casa, o campo, o petiço? Aquela realidade que via não era menor do que a imaginada e desejada? A realidade das férias é sempre menos colorida que a idealização que se faz delas. Além do mais, a vida não parava enquanto ele estivesse trancado em um internato por nove meses. Os pais envelheciam, os irmãos cresciam, o petiço engordava. O tempo passava para todos – os que iam para o colégio e os que ficavam no Cerro do Marco.

Ainda que a maioria das coisas não fosse mais a mesma, as férias traziam a liberdade, o ingrediente fundamental. Durante as aulas, a vida do menino se desenvolvia em um espaço fechado, nos limites da escola, com raros passeios a bairros distantes do internato e a cidades próximas a Porto Alegre. Na campanha, era a largueza do horizonte e da liberdade. Cyro preferia esse espaço aberto e, ao longo de sua produção escrita, falaria mais sobre ele do que o outro. Não à toa, em *Um menino vai para o colégio*, onze dos doze capítulos se desenvolvem na campanha.

A liberdade, contudo, vinha com prazo de validade. Os jesuítas gostavam de dar início ao ano letivo em 1º de março. Cyro devia perceber que os dias falsamente longos de fevereiro escorriam rápido e que a data da volta se apresentava, firme e irresoluta, no calendário. Os últimos dias de férias poderiam ser os mais próximos à idealização. Neles, o petiço estaria em forma, faceiro e manso; a família estaria acostumada àquela figura que voltara mudada de Porto Alegre; a rotina da casa estaria percebida outra vez; a mãe e a Perfeita providenciariam as comidas de que o guri mais gostava; Seu Bilo lhe contaria causos para lá de interessantes. Então, quando o doce estivesse mais perto do doce, o 1º de março se imporia na folhinha e viria o amargo da volta.

A segunda ida à capital foi diferente. Cyro estava mais preparado, não fora pego de supetão. Também não viajava só. Ivo, o irmão mais velho, ia com ele. Em 1921, os dois filhos do Seu Bilo foram para o ginásio dos padres.

Há dois pontos a serem observados na partida de Ivo para o Anchieta. Em primeiro lugar, os investimentos de Bilo. Todos aqueles valores e o enxoval foram dobrados. Mandar um filho para a capital já era caro, dois, então, era um luxo. Bilo passava por um momento tranquilo, o armazém ia bem, fazia bom comércio, a freguesia andava endinheirada e, por enquanto, as revoluções e as secas, tão comuns naquela parte do Estado, não atravessavam seus negócios. Porém, a calma financeira não serviria de nada se Bilo não tivesse a consciência de que só poderia legar aos filhos os estudos.

Em *Sombras na correnteza*, Cyro colocou em cena outro personagem chamado Bilo, também bolicheiro e com os filhos estudando em Porto Alegre. No diálogo com um visitante, Bilo fala que enriquecer bolichando na beira de estrada era tarefa muito difícil e, como sabia que não deixaria fortuna para os herdeiros, o melhor seria sacrificar-se e custear-lhes a educação<sup>65</sup>. Como autor inclinado a inserir a si e aos seus dentro da produção ficcional, não é absurdo afirmar que Cyro tenha transmitido para o personagem – retrato fidelíssimo do pai, mesmo que personagem – algumas das ideias do Seu Bilo de carne e osso.

Se a figura de Bilo é constante nos escritos de Cyro, a de Ivo é quase ausente. Sobre o irmão que partira com ele rumo a Porto Alegre em 1921, poucas palavras foram ditas. Fora as referências apontadas em *Para início de conversa* e *Rodeio* e as pinceladas ficcionais em relação a um irmão mais velho em *O professor* e *Sombras na correnteza*, pouco se sabe de Ivo. Em *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*, trabalho de caráter biográfico publicado por Celito De Grandi e Núbia Oliveira em 2008, os autores falam que, caso a história familiar de Cyro não fosse conhecida, se poderia acreditar que ele era filho único<sup>66</sup>. Quando escrevia sobre si, não era o protagonismo familiar – o destino do filho único – que Cyro procurava?

A ausência dos irmãos e da mãe mostram que a escrita de Cyro se concentrava em dois pontos principais: em primeiro lugar, o próprio Cyro; em segundo, o pai. Porém, ao falar de Bilo, Cyro também falava de si, pois é a relação pai e filho que está em jogo e, sendo assim, só se realiza quando há duas partes envolvidas. Bilo aparece como contador de causos para o filho, que o ouve com atenção; como conhecedor da vida e das pessoas, devido ao trabalho no balcão, fato que desperta orgulho em Cyro; como incentivador dos estudos, qualidade da qual Cyro se beneficiou.

<sup>65</sup>MARTINS, Cyro. *Sombras na correnteza*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p. 221.

<sup>66</sup>DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, NÚBIA. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 194

Com Cyro ocupando a vaga de protagonista e Bilo um pouco abaixo dele, aos outros membros da família restaria a função de figurantes. Ivo foi destinado a esse grupo. O irmão maior estava mais adiantado nos estudos e, em 1921, entrou na seção B do primeiro ano do Curso Médio. Ainda que Cyro já tivesse passado um ano sozinho no Anchieta e se acostumado à rotina escolar, a presença de Ivo deveria, pelo menos, aliviar um pouco a solidão e a saudade de casa. Em 1921, Cyro não estava mais sozinho, mas era como se estivesse, uma vez que não disse uma palavra sobre o convívio com o irmão durante aquele ano de internato.

Não é possível saber se os irmãos estudavam juntos, se estavam em camas próximas no dormitório, se falavam de casa, dos pais, dos irmãos, da Perfeita. Deviam conversar e deviam se ajudar, mas Cyro nunca disse nada sobre isso. É claro que ele vivia a sua experiência no colégio e não tinha como elucubrar sobre aquilo que se passava com o irmão. Quando o convívio dos dois voltou a ser partilhado, as coisas mudaram. Pouco importa se ficaram melhores ou piores. Importa que mudaram, pois não eram as mesmas daquele primeiro ano. Cyro chegou ao Anchieta sem Ivo, ficou nove meses sozinho e seguiria falando de si pelo resto do seu período de formação como se estivesse sozinho.

Talvez pela presença do irmão, pela aplicação ou pela aclimatação no internato, em 1921, Cyro teve um desempenho exemplar no que se referia às aulas do segundo ano do Curso Elementar. No conjunto das matérias, Cyro recebeu o Prêmio de Excelência. Atingiu 3192 pontos, ganhou menção honrosa em Religião, Português, Geografia e Desenho e tirou o primeiro lugar em Aritmética e Ciências. Apenas em Caligrafia não ficou entre os cinco melhores da turma.

No quente dezembro daquele ano, quando viajou a Quaraí de férias e desembarcou do Ford bigode que o pai mandara até a estação de Alegrete para buscar os dois filhos, Cyro brilhava. Chegava como o melhor aluno de sua turma, o primeiro. O menino estava cheio de orgulho, mas Bilo se orgulhava mais. Todos os sacrifícios valiam a pena. Aquilo já era um triunfo, um retorno significativo para seus investimentos. Acima desses aspectos, estavam as respostas positivas que o guri dera ao pai – era digno de confiança, fazia valer seus esforços, seguia a orientação de que era preciso estudar para não ficar pelo caminho. Por causa dessas respostas, Bilo continuaria depositando suas esperanças e seu capital na educação do filho.

As notas de Cyro coroavam o bom ano que os Martins tiveram. Os moradores da campanha, desde os peões aos estancieiros, continuavam a comprar no armazém do Seu Bilo. Com as boas vendas, o bolicheiro ganhava o suficiente para manter os filhos no Anchieta, sustentar a família e os agregados que viviam no Cerro do Marco. As coisas pareciam estar no

rumo da tranquilidade. Porém, no encalço de 1922, veio uma onda de agitações que sacudiu o País e o Estado e refletiu na vida de Cyro e de sua família.

Através dos *Anuários*, é possível recuperar alguns momentos de Cyro e Ivo no Anchieta durante aquele 1922. Em um deles, os pensionistas de Quaraí, de Alegrete e de Uruguaiana posaram para fotografias separados pela cidade de origem. Na de Quaraí, três meninos de uniforme branco aparecem. No centro, está Cyro, com a mão de Ivo em seu ombro direito – o irmão mais velho está à esquerda do mais novo. À direita de Cyro, está um menino chamado Francisco de Moura, também do primeiro ano do Curso Médio, que contou para Cyro todas as histórias dos livros de Júlio Verne. Outras ocasiões nas quais Cyro e Ivo estiveram presentes foram os “passeios grandes” ao arraial da Tristeza e à cidade de São Leopoldo. Da visita ao bairro do Sul de Porto Alegre, acontecida em 12 de outubro, não há muitos detalhes. Já sobre a ida a São Leopoldo, ocorrida na terça-feira em que caiu o feriado da Proclamação da República, mais informações aparecem nos *Anuários*. A excursão contou com 97 alunos: os primeiros das turmas, os cantores e os pensionistas. Além das refeições, houve duas partidas de futebol entre os dois times de pensionistas e os externos. Cyro foi goleiro do primeiro time de internos, Ivo foi reserva do segundo.

A vida dos meninos transcorria sem grandes sobressaltos no colégio, iam às missas, às aulas e aos passeios. Nada de muito agitado modificava o ambiente do Anchieta. Essa tranquilidade dentro dos muros da escola contrastava com a agitação que se espalhara pelo Brasil e o Rio Grande do Sul desde o início ano.

Em uma semana de fevereiro, quando Cyro aproveitava suas férias em Quaraí, um grupo de artistas que tinha entre suas fileiras Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti balançava o cenário cultural brasileiro em São Paulo. No início de julho, outras fileiras marchavam para sacudir a política nacional do café com leite. Tenentes agrupados no Forte de Copacabana se levantaram com a finalidade de impedir que Arthur Bernardes, membro do Partido Republicano Mineiro e vencedor das eleições presidenciais ocorridas em março, tomasse posse de suas funções no Palácio do Catete.

Enquanto o Brasil borbuhlava com esses movimentos, os gaúchos se debatiam em um dos pleitos eleitorais mais acirrados de sua história. De um lado, estava o Partido Republicano Rio-Grandense, o situacionismo político e Antônio Augusto Borges de Medeiros; do outro, estava a Aliança Libertadora, a oposição e Joaquim Francisco de Assis Brasil. Parecia que o jogo político não apresentava peças fora do lugar – os de dentro queriam continuar e os de fora

queriam entrar. O problema é que, no Rio Grande do Sul da República Velha, a palavra eleição extrapolava seu sentido mais básico, a política não era guerra sem sangue, era guerra mesmo.

O Estado já passara por duas tentativas de revolução que descambaram em guerras civis: a Farroupilha, de 1835 a 1845, e a Federalista, de 1893 a 1895. Em 1922, a Revolução Federalista ainda estava fresca no ressentimento dos partidários de um lado e de outro. Contavam-se histórias – e, segundo Cyro, Bilo era um desses contadores – das divisões e das barbaridades que o conflito desencadeou. Irmãos deixavam de se falar, se matavam nas refregas, não havia prisioneiros, inimigo não se poupava, navalhas abriam sorrisos nos pescoços maragatos e pica-paus. Bilo era adolescente na época, ouviu causos quando jovem. Ao chegar à vida adulta, repassou-os aos conhecidos e aos filhos. Com outras famílias não era diferente, a todos chegavam as histórias. As pessoas viviam com os lenços, as mágoas, as culpas e o sangue do episódio fratricida. A sombra da revolução era densa, não se afastava. Nas eleições de 1922, quase trinta anos depois, ela ainda pairava.

No Anchieta, Cyro estudava e, no Cerro do Marco, Seu Bilo cabalava votos para a Aliança Libertadora. Bilo militava na oposição por ser um dos republicanos dissidentes. Nas eleições estaduais de 1907, o PRR estava rachado entre Fernando Abott e Carlos Barbosa, o escolhido por Borges de Medeiros. Aqueles que não concordaram com a indicação de Borges e apoiaram Abott, respaldado por Assis Brasil, foram, então, assinalados como dissidentes. Bilo estava entre eles e, pela escolha feita em 1906, partira para a oposição ou, mais precisamente, para o lado contrário ao de Borges.

Conhecido pelos vizinhos e dono de um dos poucos telefones da região, Bilo fazia contatos entre os companheiros da região e os da cidade. Era preciso arranjar o máximo de eleitores. Borges alcançaria seu quinto mandato se conseguisse  $\frac{3}{4}$  dos votos. Com o Estado dividido, a vitória da oposição seria possível. No entanto, na República Velha, a oposição só venceria um pleito caso uma catástrofe ocorresse. Mortos iam às urnas, uma mesma pessoa votava em diferentes mesas com o seu nome ou com o nome de outros, eleitores eram cabresteados e obrigados a “optar” pelo candidato que lhe indicassem, atas de votação eram fraudadas, adeptos de partidos contrários eram assassinados. A república brasileira apresentava um sortido cardápio de práticas ilícitas. É claro que não eram apenas os situacionistas que lançavam mão de tais práticas, os oposicionistas usavam aquelas que estavam ao seu alcance e era nesse ponto que se diferenciavam os vencedores dos derrotados. Quem era situação tinha a máquina pública e o sistema eleitoral nas mãos. A oposição, por outro lado, estava fora do poder e, devido a isso, ficava distante das vitórias.

Em 1922, a briga pelo poder estava carregada com as tintas de outros embates políticos e armados e ainda apresentava um ponto econômico fundamental. Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, a pecuária estava em baixa. Durante o conflito, a exportação de carne atingiu seus melhores momentos, mas, após o Tratado de Versalhes, com os caminhos das potências europeias selados, a economia gaúcha sofreu um baque. As nações que guerrearam iniciaram um período de reorganização e a demanda por produtos importados diminuiu. As exportações do principal produto estadual caíram significativamente e esse movimento de queda chegou aos frigoríficos e aos pecuaristas. Sem uma demanda alta, os frigoríficos pararam de abater em larga escala e, sem o abate, os pecuaristas não poderiam vender o gado. Com a crise tomando corpo, os estancieiros queriam de Borges uma política de proteção à carne. Borges, porém, estava voltado para outro lado, o dos transportes, que, em 1920, foram encampados pelo Estado. Ao não abandonar sua linha, Borges entrou em confronto com os estancieiros<sup>67</sup>. Os motivos que levaram à disputada eleição de 1922 estavam ligados às classes dominantes do Rio Grande do Sul, mas os sentimentos guardados, quando remexidos, alcançaram a sociedade gaúcha de cima a baixo – até mesmo os pequenos criadores e comerciantes como Bilo.

Além das confabulações e da ausência em relação à condução do armazém, o pai de Cyro auxiliava na campanha de Assis Brasil de outras formas: contribuía com dinheiro para a busca de eleitores, alcançava, de graça ou a perder de vistas, calçados, roupas, alimentos e cachaça para potenciais companheiros. A eleição, antes de qualquer coisa, era um negócio e ganharia quem desse mais – ou quem tivesse mais força. Assim como Bilo, outros libertadores abriam a guaiaca para tentar derrubar o chimango. Bilo também se interessava pelos rumos da pecuária estadual, pois criava seus animais, em escala bem menor, é verdade, mas suas vendas estavam diretamente relacionadas à saúde econômica dos estancieiros. Eles eram seus melhores clientes – ainda que só pagassem uma vez por ano – e deles a massa de peões, grande maioria dos frequentadores da venda, dependia para sobreviver. A questão era que, embora a momentânea tranquilidade financeira, Bilo não tinha força suficiente para despender seus recursos naquela briga. A conta chegaria cedo ou tarde.

Em dezembro de 1922, Cyro voltou do Anchieta como o terceiro aluno do primeiro ano do Curso Ginásial – mas tivera pontuação igual ao premiado<sup>68</sup>. Obteve 889 pontos no conjunto das matérias. Em Religião e Geografia foi igual ao premiado, em Português, em Latim e em

---

<sup>67</sup> Sobre a crise da pecuária e a luta política estadual, ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 62-68.

<sup>68</sup> Não encontrei registros do porquê de Cyro ter pulado o último ano do Curso Elementar.



Aritmética recebeu menção honrosa e, em francês, foi o melhor<sup>69</sup>. Mesmo que não voltasse com o primeiro lugar, seu desempenho foi muito bom. O nível de exigência e a quantidade de disciplinas aumentaram e, ainda assim, Cyro se matinha entre os mais aplicados.

No início daquelas férias, Bilo pode ter ficado um tanto desapontado pelo fato de o filho não ser mais o primeiro da turma, mas o desapontamento logo foi deixado de lado. Os números da eleição chamavam mais a sua atenção do que os impressos no *Anuário* do Anchieta. Quase na metade de novembro, foi divulgado o resultado do pleito estadual. Borges de Medeiros teve 106.360 votos e Assis Brasil 32.216. Segundo a ata elaborada pela Comissão Eleitoral, o candidato situacionista atingira os  $\frac{3}{4}$  de votos necessários para a sua manutenção no governo. Era óbvio, principalmente para os oposicionistas, que a fraude acontecera. O embuste nas urnas precisaria de uma resposta e ela só poderia se dar através das armas, pois a Assembleia dos Representantes, com maioria republicana, validara o resultado eleitoral. Bilo era um dos indignados com o resultado e chegou a desejar que Borges passasse os cinco anos de administração abaixo de revolução.

Como estava altamente envolvido nas correrias políticas, Bilo queria de Cyro novidades e posicionamento, mas o filho pouco sabia. Em *Um menino vai para o colégio*, Cyro conta que o protagonista Carlos chega em casa depois das aulas e, perguntado pelo pai se é assista ou borgista, não tem resposta, nada sabia da política. Afonso, um libertador, censura-o e diz que é preciso escolher<sup>70</sup>. No entanto, Carlos não tinha opção, seria o que o pai era. O ocorrido põe em xeque o protagonismo de Carlos durante as férias e, após culpar os padres pelo alheamento em que se encontra, o guri começa a ler exemplares antigos do *Correio do Povo* e do *Correio do Sul* para se inteirar dos acontecimentos.

É possível que o episódio também tenha se dado com Cyro. Para ele, seria difícil saber notícias. Os jesuítas não se interessavam em fomentar divisões e acirrar os ânimos dos alunos – ademais, eles dependiam de clientes assistas e borgistas. Os contatos com os pais, impossíveis de recuperar, deviam ser esparsos e tratar de assuntos caseiros. Os almoços mensais na chácara dos Castro, amigos de Bilo que moravam no Menino Deus<sup>71</sup>, traziam algumas novidades da família, mas ficavam distantes da discussão política. Já no Cerro do Marco, Cyro precisava conhecer a situação e deve ter realmente se jogado nos antigos *Correio do Povo* e *Correio do Sul*. Claro que seu protagonismo familiar o impelia a se informar, afinal, ele era um

<sup>69</sup>COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1922, p. 66-68.

<sup>70</sup>MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre: Movimento, 1998, p. 54.

<sup>71</sup> De Grandi e Silveira (2008, p. 43) trazem a informação desses almoços, mas não esclarecem a ligação dos Martins com os Castro.

dos filhos estudados e devia estar a par dos acontecimentos, mas, com catorze anos, Cyro queria sair do alheamento, perceber o que se passava ao seu redor e, quem sabe o mais importante, se aproximar dos familiares, principalmente do pai, e dos frequentadores da venda. As correrias, as confabulações e os segredos sobre uma revolta também representavam uma coisa nova em sua vida. Aquele período, misto de medo e euforia, se desenhava como singular.

Entre o final de 1922 e o início de 1923, sob o calor típico de Quaraí, Cyro lia os artigos dos jornais para si e para seu pai, que gostava de escutar a fluência do filho. Ao lê-los, os dois dividiam um momento especial e entendiam que o sentimento revolucionário crescia. Corriam comentários sobre as movimentações de Honório Lemes, o Leão do Caverá, de Leonel Rocha, de Felipe Portinho. Em artigos quentes, Fanfa Ribas incitava a chama que crescia entre os candidatos a revoltosos. As notícias relacionadas à oposição interessavam mais a Bilo e a Cyro. O menino não era mais melancia, decidira por um lado, o libertador, o oposicionista.

A decisão pela oposição não se limitaria aos episódios de 1922 e 1923. Foi uma opção política que se estendeu por grande parte de sua vida e, de certo modo, uma decisão literária, pois personagens significativos da obra de Cyro carregariam a marca da oposição. Em *Sem rumo*, Chiru ganha presentes e é levado às urnas pelos governistas, mas é no Doutor Rogério, candidato contrário, que atende gratuitamente ao povo, em quem ele quer votar; em *Um menino vai para o colégio*, Afonso é um libertador ferrenho; em *Sombras na correnteza*, de um elenco de personagens, Zeferino e Marfisa, herói libertador e esposa de herói, se salientam; em *Gaúchos no obelisco*, Joãozinho é adepto da Aliança Libertadora. A inclinação pela oposição, contudo, não implica sua glorificação e o desaparecimento da situação e nem poderia fazê-lo – uma não existe sem a outra.

Cyro reconhece que os oposicionistas são feitos da mesma carne que os situacionistas. Em *Sombras na correnteza*, romance de 1979 no qual se detém mais detalhadamente nos acontecimentos de 1922 e 1923, o autor dedica a maior parte da narrativa aos libertadores e, dentro desse conjunto, a Zeferino Vargas e Marfisa. Para contrapor o casal assisista, há outro, borgista, composto por Olavo Freitas e Laura, que ocupam menor espaço no desenrolar da história. Como não poderia deixar de ser, os Vargas e os Freitas são inimigos separados pelos caminhos políticos. Porém, ainda que se diferenciem por ostentar o branco ou o vermelho, assemelham-se nas aspirações. Os chefes das duas famílias são pequenos proprietários, com valentia conhecida, e querem ser mais importantes social e politicamente. O chimango e o maragato agem da mesma forma para alcançar aquilo que anseiam: largam suas propriedades, se aproximam de algum coronel do município, arrastam a mulher e os filhos para a cidade. Os

atos idênticos dos Vargas e dos Freitas indicam uma trilha para a leitura da obra e dos fatos históricos privilegiados por ela. Naquelas eleições e na posterior revolução, os dois lados, no fundo, tinham ideias, projetos e desejos muito parecidos – o que as separava era o lenço, os ressentimentos e os sobrenomes de seus chefes.

Cyro entendeu essas semelhanças quase aos oitenta anos. No verão de 1923, quando estourou a revolução, ele tinha pouco mais de catorze anos e era guri, ainda que já estivesse “taludo”, como gostava de dizer. O conflito permaneceu fixado na memória de Cyro pelo resto de seus dias. Com a Revolução de 1923, ele entendeu que, em certas circunstâncias, a marcha da história atropela a vida das pessoas. O próprio Cyro viu a história atravessar sua vida e não poderia ser diferente. A campanha gaúcha sempre fora um dos principais palcos das refregas ocorridas no Estado. Os líderes políticos mais importantes do Rio Grande do Sul eram oriundos de lá e, nos seus feudos rurais, mantinham exércitos particulares que sempre eram acionados em momentos de luta. Além disso, o aspecto fronteiriço da região apresentava uma proximidade favorável com o Uruguai e a Argentina – o contrabando de armas era facilitado, assim como a busca pelo exílio.

Com o início da revolução, Cyro deixou de ser um ouvinte da história e passou a vivê-la. Depois de 1923, ele seria aquilo que costumava afirmar em diferentes ocasiões: uma “testemunha ocular da história”<sup>72</sup>. Há dois graus de importância para uma testemunha: presenciar o fato e reproduzir esse fato. Cyro se dedicou com maior intensidade ao segundo, pois tentou refletir sobre os episódios da Revolução de 1923 em *Um menino vai para o colégio*, em *O professor*, e, com mais aplicação, em *Sombras na correnteza*. Nessas três narrativas, a revolução atravessa a vida dos personagens – o pai de Carlos vai para as coxilhas, Caravaca é arregimentado por um corpo de provisórios, os Vargas e os Freitas mudam de casa e de hábitos. A revolução também atravessou a vida de Cyro e de sua família.

O início do conflito, em fevereiro de 1923, desencadeou um abandono da campanha. Com medo das barbaridades que poderiam ocorrer nos pontos isolados do interior, as famílias começaram a migrar para as cidades, onde, muitas vezes, havia forças do Exército. A migração progressiva afetou os negócios de Bilo. Se poucos estavam na campanha, poucos compravam. Além das baixas vendas, certo temor rodeava os Martins. Bilo era um assistente declarado e conhecido, caso alguma brigada chimanga aparecesse pelos lados do Cerro do Marco, as consequências não seriam das melhores. Os animais da pequena criação e as mercadorias do armazém corriam o risco de serem requisitados pelos dois lados envolvidos na luta e todos

---

<sup>72</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 58, 86.

sabiam que, nos tempos de revolução no Rio Grande do Sul, requisição tinha o mesmo significado de prejuízo.

Bilo se preocupava com os danos financeiros que sofria e pelos que estavam por vir, mas deixar tudo para trás ainda não era uma solução. Junto com essas preocupações, crescia o temor em relação à segurança da família. Devido a isso, seria compreensível que Bilo mandasse Cyro e Ivo para Porto Alegre um pouco mais cedo. Porém, nos *Anuários* do Anchieta, as folhas que trazem o desempenho dos alunos da Seção B do segundo ano do curso Ginásial apontam, com um asterisco que remete ao pé da página, que o aluno Cyro dos Santos Martins perdeu “os pontos correspondentes ao 1º bimestre”<sup>73</sup>. Apesar de todos os medos, os meninos só foram enviados para o colégio entre abril e maio. Bilo talvez quisesse saber os rumos que a revolução tomaria antes de mandar os filhos cruzarem o Estado. Também é possível que o pai, frente às dificuldades crescentes pelas quais a venda passava, tivesse demorado para juntar os contos de réis necessários à matrícula, à mensalidade e à pensão de Ivo e Cyro.

Em contraponto a essas duas hipóteses, existe o fato de que Cyro, mesmo com a ausência no primeiro bimestre, teve um desempenho regular naquele período letivo. José Luiz Paranhos de Araujo recebeu o Prêmio de Honra e Cyro ficou igual ao premiado. No conjunto das matérias, ele ficou longe de Rubaldo José Schuch e seus 918 pontos. Cyro conseguiu 517 pontos e menção honrosa em Religião, Português, Latim e Aritmética<sup>74</sup>.

No ano de 1923, outros acontecimentos atribularam a vida dos Martins. Em setembro, quase no final do inverno, Cyro e Ivo foram convocados às pressas à sala do padre-diretor. Dona Felícia estava bastante adoentada e Bilo mandara chamá-los. Eles viajaram acompanhados pela tia Nena, esposa de Jango, irmão do pai. Essa tia, uma “pessoa afável”<sup>75</sup>, que “marchava na vanguarda das mulheres de seu tempo”<sup>76</sup> e lia Eça de Queirós, teve de levar os dois meninos até Alegrete e, depois, por estradas embarradas, a Quaraí. Todos os conhecimentos de Nena não bastavam para perceber que os dois viajavam com medo. Podia ser que chegassem em Quaraí e a mãe estivesse morta. Quem sabe, até já estava morta e só lhes dariam a notícia quando estivessem em casa. A casa, aliás, não era mais no Cerro do Marco, era na cidade. A revolução e seus transtornos acabaram tirando a família da campanha.

Pouco tempo antes de Felícia ser derrubada por uma pneumonia dupla, Bilo chamou o cunhado Nicanor e pediu que ele ficasse de caseiro no Cerro do Marco. Auxiliado pelos

<sup>73</sup>COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1923, p. 62.

<sup>74</sup>COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1923, p. 31, 62-63.

<sup>75</sup>MARTINS, Cyro. O bisneto do imigrante José. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 40.

<sup>76</sup>MARTINS, Cyro. O livro, a leitura e o escritor – a propósito de uma visita à Feira do Livro. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 120.

empregados e agregados, Bilo colocou a mudança na carreta. Ele, a esposa, as filhas e a Perfeita foram para Quaraí, seguindo o mesmo rumo que outros tantos tomaram. Lá, se instalaram na casa de Aristeu, irmão de Bilo e “comerciante da beira da cidade”<sup>77</sup>. Os dias de agosto estavam frios e cheiravam a sangue. A batalha da Ponte do Ibirapuitã, a maior da revolução, ocorrera em junho, no Alegrete, e, devido à violência e às baixas do combate, os ânimos ainda estavam acirrados. O sangue decidia a revolução e o frio atacava Felícia sem piedade. Na ocasião em que comentou sobre a doença da mãe, Cyro afirmou que, quando os filhos a viram, perceberam que ela “estava mesmo muito mal”<sup>78</sup>.

Estava mal, mas viva e isso já era bom. Embora o chamado urgente e a viagem rápida dos meninos, eles não tinham muito a fazer. A presença deles acalentava Felícia, mas, na prática, só restava esperar e torcer pelo arrefecimento da doença. Foi durante esse período de espera que Cyro começou a percorrer e a conhecer as ruas de Quaraí. daquelas caminhadas, ficaram as lembranças dos altos eucaliptos que cercavam a Praça General Osório e do encontro com o poeta Alceu Wamosy. Depois do confronto no Ibirapuitã, forças chimangas e maragatas se espalharam pelas cidades vizinhas a Alegrete. Por Quaraí, andavam, principalmente, os provisórios borgistas e Wamosy estava entre eles. Diretor, em Sant’Ana do Livramento, do jornal governista *O Republicano* e poeta com certa fama no cenário estadual, Wamosy se alistou logo no início da revolução e faleceu em setembro de 1923, em decorrência de um ferimento sofrido no combate de Poncho Verde. Talvez pela seguida morte do escritor ou pela surpresa daquele encontro no entardecer de agosto, no qual viu um homem alto, de ombros meio caídos, passos vagarosos e falante<sup>79</sup>, Cyro resgataria, sessenta e cinco anos depois, a imagem de Wamosy no romance *O professor* e faria com que ele se tornasse amigo de Caravaca.

Dos tempos em Quaraí, esperando o restabelecimento da mãe, outro episódio ligado à revolução ficou em sua memória: a visita do primo Mário Alves de Oliveira. Segundo as descrições de Cyro, Mário era órfão, morava na outra margem do Ibicuí, tinha profissão incerta, era cavaleiro, valente, bom em lidas campeiras e, desde guri usava o lenço encarnado no pescoço. Esse sobrinho de Felícia andava atento aos rumores sobre uma possível luta e, quando teve a chance, marchou para integrar as forças de Honório Lemes. Antes da partida, no Cerro do Marco, na frente dos tios e dos primos, Mário disse: “Ou eu morro ou o Borges cai!”<sup>80</sup>. Em uma das noites de visível melhora de Felícia, Mário bateu na casa de Aristeu. Alguém lhe

<sup>77</sup>MARTINS, Cyro. O bisneto do imigrante José. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 41.

<sup>78</sup>MARTINS, Cyro. O bisneto do imigrante José. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 41.

<sup>79</sup>MARTINS, Cyro. O bisneto do imigrante José. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 42.

<sup>80</sup> As descrições de Mário e sua frase estão em: MARTINS, Cyro. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 43.

contara, em Artigas, do outro lado do rio, que a tia estava mal e ele não poderia deixar de vê-la. Não só Felícia ficou contente com a visita, todos se alegraram com a presença de Mário, que era bom contador de histórias e trazia causos e novidades da revolução. Para atravessar o rio e chegar à casa de Aristeu, já fizera proezas. Mário se disfarçara com uma boina castelhana, tapara o lenço vermelho e passara por alguns provisórios. Ele perdera o medo, pois acreditava que, desde a escapada do Ibirapuitã, sob chuva de balas, estava com o corpo fechado. Por alguns momentos daquela noite de visita, as risadas de Mário aliviaram o ambiente e seduziram o menino Cyro, que estava louco para ouvir histórias. Contudo, o momento de alívio passou e o peso daquele ano sombrio voltou a cair sobre os ombros dos que faziam a revolução e dos que sobreviviam, apesar dela.

Nos dias de 1923, batalhas aconteceram, famílias abandonaram a campanha, soldados de lenço vermelho e branco mataram e morreram – o primo Mário entre eles. Felícia adoeceu e sarou. Cyro e Ivo foram para o Anchieta e voltaram para Quaraí. A paz entre chimangos e maragatos veio em dezembro, com algumas assinaturas. No castelo de Pedras Altas, propriedade de Assis Brasil, revoltosos e legalistas firmaram um tratado que previa o fim das sucessivas reeleições para o governo estadual. Aquela paz decidida em um castelo isolado no pampa parecia dar fim glorioso à revolução. Revolução, aliás, já era uma palavra demasiado empolada para caracterizar as correrias do conflito, os embates com armas, soldados e generais improvisados, a pelea estúpida<sup>81</sup>.

Gloriosa ou não, a Revolução de 1923 significou muito para o Cyro no caminho entre os catorze e os quinze anos. O significado foi tamanho que ele não deixaria o evento fora de sua ficção e ainda lhe atribuiria, depois dos oitenta anos, uma grande dimensão anímica e política. O Cyro que respondeu às questões de Abrão Slavutzky em *Para início de conversa*, de 1990, acreditava que 1923 foi um momento de “vibração popular da gente gaúcha em favor do movimento revolucionário”, de “ressurreição da combatividade rio-grandense”<sup>82</sup>. Para Cyro, se não houvesse 1923, não haveria 1930. Se, no primeiro desses momentos, o Rio Grande do Sul não passasse por um distúrbio intestino, o segundo, no qual houve uma insurreição nacional, não existiria. 1923 foi a semente da revolta que floresceu em 1930 e mudou os rumos do Brasil.

Depois de 1923, os rumos de Cyro se modificaram mais ainda. No final daquele ano, nos *Anuários*, veio um “Aviso a respeito dos pensionistas”, que dizia estar suspenso o internato. A partir de 1924, o colégio conservaria um pequeno pensionato, somente para meninos

<sup>81</sup> Cyro afirma, em *Para início de conversa* (1990, p. 87), que, em 1923, os gaúchos pelearam e pelearam estupidamente, como em todas as contendidas coletivas.

<sup>82</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 58-59.

menores, de dez a treze anos, cujos pais não residissem em Porto Alegre ou nos arrabaldes<sup>83</sup>. Cyro não se enquadrava mais no perfil dos internos e era preciso buscar uma nova moradia se quisesse continuar os estudos.

O lugar para morar deve ter sido a maior pauta das férias entre 1923 e 1924. Cyro e Ivo necessitavam de outra colocação e o mesmo acontecia com o resto dos Martins. Terminada a revolução, as vidas tinham de se normalizar, dentro do possível, e, para Bilo, o normal era a vida no Cerro do Marco, no balcão do armazém. Ao contrário dos que saíram da campanha e se acostumaram na cidade, Bilo não se sentia confortável sendo um “povoeiro”. Entendia e dizia que era do interior, que pertencia ao interior. Mesmo abrindo uma venda improvisada em Quaraí, não se adaptou. Bilo estava inquieto e ansiava pelo retorno ao Cerro do Marco. A volta se daria ainda em 1924, depois do verão e da ida de Cyro e Ivo para Porto Alegre.

Antes dos retornos, no ardente janeiro de Quaraí, “quando ainda estavam quentes as cinzas dos fogões de 23”, Cyro estreou em discursos. No Minuano, localidade do 2º distrito de Quaraí distante uma légua do Cerro do Marco, ocorreu o primeiro piquenique assistido após a revolução. Entre 1923 e 1924, Cyro acelerou seu “processo de politização, através da leitura de jornais, sobretudo o *Correio do Povo* e o *Correio do Sul*”<sup>84</sup>. Não só as leituras auxiliaram nesse processo, as conversas com Bilo, a vivência da revolução, as conversas ouvidas nas rodas políticas, os relatos de homens que lutaram e os encontros com Alceu Wamosy e Mário de Oliveira também tiveram importância. A visita de Mário na noite de inverno foi decisiva para o primeiro discurso de Cyro. Ele comentou, justamente, sobre a figura do primo que deixou a família para derrubar Borges e nunca mais voltou. Cyro afirmou, em uma ocasião posterior<sup>85</sup>, não ter feito má figura perto dos outros oradores do piquenique e que o conteúdo de sua fala tinha o ímpeto emocional dos quinze anos sintonizado com a consciência do momento histórico.

Desse discurso inicial, guardado por pouco tempo e logo extraviado, ficaram o batismo oratório de Cyro, o orgulho de Bilo e a luta pela imagem de homem consciente. No piquenique, o guri estudado do Seu Bilo apareceu e não fez feio. O pai, que gostava de política e de ouvir e ler suas palavras, devia pensar que seus investimentos no filho valeram a pena. O guri ombreou com os grandes do município, dividiu o palanque com os chefes e os revolucionários, recebeu aplausos. Com Bilo, aconteceu a mesma coisa. Era um pedaço seu que estava no palanque, sendo aplaudido e parabenizado. Também eram as suas costas que recebiam os tapinhas de felicitações e cada mão em suas costas era um sinal de aprovação, de glória paterna. Aquela

<sup>83</sup>COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1923, p. 95.

<sup>84</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 53.

<sup>85</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 55.

vitória, conquistada em um distrito longínquo da campanha, era, principalmente, de Bilo. Ele agira bem em mandar os filhos para o colégio dos padres. Seu guri prometia.

Apenas Cyro e os participantes do piquenique souberam do que ele falou na tarde de comunhão assistida no verão de 1924. A ausência do discurso não deixa outro caminho se não o do relato de Cyro. A construção que faz de si como jovem consciente e perspicaz em relação ao momento histórico e emocional do pós-revolução é significativa. O adulto que escreveria, nas décadas seguintes, sobre o gaúcho que vivia às margens das cidades e da sociedade, captava com sensibilidade, desde moço, aquilo que o rodeava. Um rapaz com olhos tão humanos e capazes tinha de redundar em um homem com as mesmas qualidades. É claro que o Cyro homem feito conservaria essas qualidades juvenis e juntaria a elas, com o passar dos anos, uma consciência maior sobre vários aspectos – o social, o econômico, o cultural, o histórico.

O evento do Minuano também é o marco da escolha de Cyro pela oposição. No mesmo 1924, ele publicou, no jornal *A Liberdade*, que circulava por Quaraí e Artigas, seu primeiro artigo. O texto bradava contra o governo de Borges<sup>86</sup> e não poderia ser diferente, pois, no periódico chefiado por André Carrazzoni, jornalista santanense exilado no Uruguai, predominavam as ideias libertadoras e maragatas.

Além da fala no piquenique e do artigo, no final das férias, Cyro participou da “qualificação” de eleitores em Quaraí. O processo, que visava ao pleito dos legislativos estadual e federal, se restringia ao fato de os homens comprovarem, na frente de um juiz, que sabiam escrever o nome. Se fizessem a tarefa com êxito, estariam aptos a eleger um representante. A qualificação, no município, não correu com tranquilidade. A revolução estava presente na lembrança dos partidários dos dois lados e, quando o juiz, declaradamente um borgista, não se importou com as duas dezenas de libertadores que esperavam na fila para garantir o nome e deu por encerrada a demanda, os sentimentos afloraram. Cyro acompanhava os acontecimentos de longe e detinha os olhos em Bilo, que fazia o meio de campo entre os chefes libertadores, os graúdos, e os humildes candidatos a eleitores. A decisão parcial do juiz fez com que Bilo, os graúdos e os pequenos marchassem até a praça da cidade gritando vivas e morras. No local, estavam os brigadianos armados. Tudo apontava para um desfecho sangrento e Cyro, pensando que Bilo não gostaria de ver “o filho destinado a doutor”<sup>87</sup> naquela confusão, correu para casa. Ao vê-lo e ouvi-lo, Felícia reprovou a atitude que parecia um tanto medrosa e disse para ele

---

<sup>86</sup> Não tive acesso ao documento. No Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, há apenas dois exemplares do periódico e ambos são do ano de 1923. No inventário do Museu, também consta como diretor do jornal Jorge Santos e não André Carrazzoni. A informação sobre a primeira publicação de Cyro e seu conteúdo está no volume de *Autores gaúchos* dedicado ao autor, na parte da “Cronologia”, no ano de 1924, p. 11.

<sup>87</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 57.



voltar e ficar ao lado do pai. Cyro voltou e não se passou nada com ele, com Bilo ou com os outros libertadores. Os brigadianos não abriram fogo e aquilo que seria um banho de sangue virou um comício libertador, com manifesto em repúdio à atitude do juiz e foguetes.

O episódio da qualificação serviu para que Cyro entendesse os caminhos de uma revolução. Ela nunca terminava com as assinaturas dos chefes. As feridas, os receios e os ódios demoravam a cicatrizar. Esse entendimento se refletiria em alguns dos personagens do romance *Sombras na correnteza* e do conto “Depois da revolução”.

Tanto o discurso quanto a publicação indicam que 1924 foi o ano em que Cyro começou a se soltar e a buscar o seu lugar. Não eram apenas o falar e o escrever sobre suas ideias políticas que indicavam a progressiva liberdade que tomava conta dos atos do rapaz. Naquele ano, ele se viu livre das regras do internato. Não precisaria assistir às missas matutinas, comer quando os padres indicassem e dormir quando eles apagassem a luz. Seus hábitos não estavam mais ligados aos dos jesuítas, mas aos das pensões. Ele continuava a frequentar o Anchieta, mas, de 1924 em diante, começou a viver em outra Porto Alegre. Respeitava os horários das aulas, mas o resto do dia era seu e poderia fazer o que bem entendesse.

A liberdade e as pensões trouxeram grandes mudanças para a vida de Cyro. Se, no Anchieta, havia a promessa do tratamento de primeira classe aos internos, nas pensões, nem mesmo promessa havia. Foi nelas que Cyro começou a sentir o que era ser um estudante com pouco dinheiro. Querendo gastar o menos possível, ele só conseguia vaga nas pensões mais modestas e distantes, mantidas, em muitos dos casos, por senhoras e viúvas quaraienses. O dormitório sempre era dividido, a comida pouca e o conforto nenhum. As camas não eram boas, os mosquiteiros furados não protegiam de nenhum inseto e os móveis que complementavam o quarto eram uma mesa, uma escrivaninha e uns pregos. Os pregos serviam como roupeiros, pois neles se penduravam os casacos e as camisas. O resto das roupas era guardado no baú e nas malas menores.

Essas pensões tristes seriam descritas por Cyro em diferentes oportunidades - *Mensagem errante*, *A dama do Saladeiro* – histórias vividas e andadas, *Gaúchos no obelisco*, *Para início de conversa*, *Páginas soltas* – e delas ficariam as imagens da pobreza, da fome, do desconforto, do sacrifício. Delas, também ficaria a ideia de reunião. Não eram apenas seres miseráveis unidos por corredores carunchados, cozinhas sujas, banheiros compartilhados e quartos apertados. Eram expectativas reunidas. Expectativas de mulheres que rezavam pelo pedido de casamento, de funcionários públicos que ansiavam pela promoção e de estudantes que sonhavam com a advocacia, a medicina, a política, o jornalismo, a literatura.

Cyro estava no último grupo e também sonhava. Ainda não se decidira pelo direito ou pela medicina, mas queria ser doutor. O que mais o encantava naquele momento era a literatura. Com a saída do internato, conheceu pessoas e livros. O grupo de amigos, que contaria com Waldemar Ripoll, José Salgado Martins, Aparício Cora de Almeida e João Otávio Nogueira Leiria começou a se formar, em quartos de pensões, por essa época. Quanto às leituras, os amigos lhe apresentaram Alcides Maya, Gustave Flaubert, Victor Hugo e Eça de Queirós, nomes ausentes do armário que servia de biblioteca no Anchieta.

Mesmo com mais liberdade e complementando sua formação por outras vias, Cyro ainda tinha o compromisso com o colégio. Em 1924, continuava a ser goleiro e a participar dos eventos da escola, mas sua frequência às missas caía. No final do ano, ele voltou para casa com alguns livros emprestados e, entre eles, estava *A educação sentimental*, de Flaubert, em francês. Bilo deve ter se orgulhado pelo fato de o filho ler e, ainda por cima, ler em língua estrangeira. O que não causou tanto orgulho foi o boletim do guri. Ainda que tivesse obtido uma menção honrosa no terceiro ano do curso Ginasil, Cyro ficara em 25º lugar na turma, com 183 pontos. As aulas de Instrução Religiosa, Português, Francês, Inglês, Alemão, Latim, Álgebra, Geometria e História Universal começaram a concorrer com o sentimento de liberdade e, por mais que o rapaz fosse comprometido com o Anchieta e os gastos do pai, elas não saíam vitoriosas.

Nas férias entre 1924 e 1925, os Martins estavam de volta ao Cerro do Marco e Cyro, já envolvido com a literatura, começou a elaborar suas primeiras histórias. Para ele, acostumado a fantasiar desde as brincadeiras com gado de osso, ficava fácil inventar. Elas eram escritas em papel de embrulho, na Remington Standard que Bilo adquirira para a venda anos atrás. Aquela máquina, que “ostentava ares de moça da cidade, fazendo pouco caso da gente da campanha”<sup>88</sup>, se entregava facilmente a Cyro, também vindo da cidade, da capital. Com os contos criados na Remington, ele pretendia “transfigurar em estilo literário, num registro pessoal”<sup>89</sup> o Rio Grande do Sul de sua infância e adolescência e as figuras humanas que o povoavam. O período de folga no Cerro do Marco e a observação dos tipos que frequentavam o armazém favoreciam o processo criativo. A máquina e o escritor até poderiam vir da cidade, mas a matéria literária tinha origem interiorana. Essas histórias campeiras, com ares saudosistas, não seriam conhecidas pelo público leitor durante dez anos.

---

<sup>88</sup>MARTINS, Cyro. Gringa velha agauchada. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 67.

<sup>89</sup>MARTINS, Cyro. Gringa velha agauchada. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 67.

A opção de Cyro pelo conto indicava o momento pessoal do autor e o momento literário do Estado. Entre os quinze e os dezesseis anos, Cyro não tinha fôlego para uma narrativa longa e os contos, mais curtos, se adaptavam melhor à ideia do autor, que era a de recuperar figuras e acontecimentos de uma outra época através de *flashes*. O conto também era o tipo narrativo predominante na então literatura gaúcha. Simões Lopes Neto e Alcides Maya, ícones do regionalismo, elevaram o nível e cristalizaram o gênero no Rio Grande do Sul. A partir deles, por uma boa fatia de tempo, os ficcionistas se enveredaram pelos caminhos do conto.

Cyro não parou de escrever depois das férias, mas, em Porto Alegre, outros compromissos impediam-no de se dedicar somente à criação. Em 1925, ele entrou no quarto ano do Ginásio e a rotina escolar se modificara devido aos preparatórios e ao Tiro de Guerra. Os preparatórios visavam aos exames finais do ensino secundário e à entrada em um curso superior. No Anchieta, eles eram divididos entre dois anos e três grandes matérias: Instrução Religiosa, Instrução Literária e Científica, Filosofia. Já o Tiro de Guerra dizia respeito à instrução militar dos jovens candidatos a reservistas – noções sobre manipulação de armas e sobre os mecanismos da esgrima.

Fora do Anchieta, Cyro ouviu, no Theatro São Pedro, Guilherme de Almeida proferir a conferência “Revelação do Brasil pela poesia moderna”. O palestrante deixou no adolescente o eco dos aplausos recebidos e a sensação de que, enquanto falava, fazia “propaganda eleitoral”. Guilherme de Almeida parecia defender o verso livre como se defendesse o lenço vermelho<sup>90</sup>.

De volta ao colégio, os preparatórios transcorreram durante o período letivo e Cyro obteve, na totalidade dos cursos, 379 pontos, ficando distantes das menções honrosas. A instrução militar teve início em setembro e terminou em novembro, com Cyro habilitado para ser um reservista.

Setembro não trouxe apenas os militares para o Anchieta. No início do mês, uma tragédia atingiu o Cerro do Marco. Um temporal armou-se e a ventania levou uma fâsca do cano do fogão até a “quincha de capim caninha ressequida que cobria a casa da família”<sup>91</sup>. O prejuízo foi grande. A venda, que vinha se arrastando desde a revolução, ardeu com todo o seu estoque. A casa da família também queimou, tornando o incêndio mais trágico ainda. Os Martins não ficaram na rua e na miséria total porque um vizinho, o Coronel Zeferino Prates, lhes cedeu uma das casas de sua estância.

<sup>90</sup> Cyro contou sobre a conferência de Guilherme de Almeida em entrevista à Ligia Chiappini Moraes Leite: *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*, 1972, p. 237-238.

<sup>91</sup> MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 88.

Enquanto o fogo consumia tudo, Cyro e Ivo estavam em Porto Alegre. Souberam do sinistro quando chegou o telegrama enviado por Jango, irmão de Bilo. Cyro quis voltar para o Cerro do Marco e ajudar no que fosse preciso, no entanto, foi impedido. Pensando mais uma vez no futuro dos filhos, Bilo disse que Cyro deveria continuar os estudos. A falta de dinheiro aumentaria e o aperto seria maior. A família estava em dificuldades, mas Gaudêncio Nunes, um amigo de Bilo, se oferecera para custear os estudos dos meninos. Gaudêncio enviaria 500\$000 por ano para cada um dos gurus. O dinheiro, porém, nunca chegou. Gaudêncio ficou só na promessa.

Como em todo final de ano, Cyro voltou a Quaraí para as férias. Fazia a mesma coisa havia seis anos, mas, em dezembro de 1925, foi diferente. Sua casa não existia mais e a família morava de favor. Os poucos recursos que conseguiam eram destinados à reconstrução da casa e da venda. A obra ficaria pronta dois anos depois. Nesse período, Cyro não voltou ao Colégio Anchieta. Seu nome não figurou entre os matriculados de 1926 para o quinto Ginásial. Ele não ganhou pontos, prêmios ou menções. O que restou daqueles seis anos de Anchieta foi um rapaz com educação sólida. Ele saiu do ginásio dos padres com uma formação humanista, com pretensões literárias e com conhecimentos de ciências, literatura, história, francês, inglês e latim.

Depois de seis anos no Anchieta, Cyro era outro. O guri xucro da campanha ficou na lembrança.

### 3 UMA NOVA ESTRADA NA FORMAÇÃO

Entre 1926 e 1927, Cyro não frequentou nenhuma instituição de ensino e é difícil de saber, até mesmo, onde morava. Ele voltou a Quaraí após o trágico incêndio, mas é complicado afirmar que tenha ficado por lá até a data da inscrição no vestibular da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 12 de março de 1928<sup>92</sup>.

Cyro não falou sobre esse período nos textos de *Rodeio* ou nos diálogos com Slavutzky em *Para início de conversa*. No volume da série *Autores gaúchos* dedicada a ele, 1926 e 1927 também não figuram na cronologia que traz momentos importantes de sua vida e de sua obra. Esses fatos mostram que, durante os dois anos nebulosos, foram poucos os rastros deixados por Cyro. Por que apagar 1926 e 1927? Por que fingir que não viveu nesses dois anos? As duas questões não têm respostas exatas, no entanto, é possível fazer algumas suposições em torno delas.

Quando se deu o sinistro no Cerro do Marco, Cyro quis interromper os estudos para auxiliar na reconstrução da casa e do armazém. A vontade de ajudar deve ter continuado até a chegada das férias e a saída do Anchieta. Os Martins só deixaram a estância emprestada pelo Coronel Prates em 1927, o que leva à conclusão de que a reforma no Cerro do Marco ocupou 1926 e partes de 1925 e 1927. Nesse período, Cyro poderia estar na terra natal, trabalhando com Bilo e com o resto da família para reerguer o que haviam perdido. Se fizesse parte da reconstrução, Cyro não falaria sobre o fato? Tão ligado à figura do pai e à imagem do Cerro do Marco, Cyro não escreveria e não diria uma palavra sobre o momento de união familiar que levou ao reerguimento da moradia e da venda? O homem que tanto escrevia sobre si não lembraria de ter exercido um papel, por menor que fosse, naquele episódio tão importante para os rumos dos Martins?

A falta de comentários sobre o episódio também não é um indicador decisivo para a sua ausência ou a sua permanência no Cerro do Marco. Se ele não estava lá, poderia estar em Porto Alegre, o segundo lugar que mais conhecia. No entanto, nos tempos em que os Martins moraram de favor, a maioria de seus recursos era voltada para a reforma. Desse modo, pouco sobraria para a manutenção de Cyro em Porto Alegre. Ainda que ele utilizasse os serviços das pensões

---

<sup>92</sup> Os documentos referentes ao período de Cyro na Faculdade de Medicina se encontram na secretaria da FAMED da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na caixa 122, que, na verdade, é um envelope, estão: a cópia autenticada da certidão de nascimento de Cyro, os boletins que comprovam as aprovações nas matérias cursadas no Anchieta, diversos requerimentos, solicitando inscrição para o vestibular, matrículas, inscrições para os exames finais, correspondências referentes à situação de Cyro na faculdade e uma folha datilografada, datada de 02 de junho de 1941, na qual aparecem todas as notas atingidas por Cyro durante o curso de Medicina.

mais baratas, comesse pouco e se vestisse mal, estar em Porto Alegre, sem compromissos acadêmicos e sem um emprego, seria um desperdício de dinheiro.

Algumas raras pistas apontam que o rapaz de dezoito para dezenove anos esteve em Porto Alegre em determinadas datas, principalmente naquelas próximas ao término do ano e aos exames finais dos preparatórios. Em 23 de dezembro de 1926, Cyro prestou, no Anchieta, exame para Geometria, sendo “aprovado simplesmente”, com nota 5. Já em 29 de dezembro de 1927, ocorreram as avaliações de Inglês, Latim, História Natural, Física e Química. Na primeira delas, Cyro teve seu melhor desempenho – “aprovado plenamente, com nota 8” –; em Latim e História Natural, voltou ao “aprovado simplesmente” e à nota 5; em Física e Química aconteceu o pior, foi reprovado<sup>93</sup>.

A presença de Cyro nessas avaliações é relevante. Ele não buscava as notas finais apenas com a intenção de concluir o Curso Ginásial, ele pretendia ingressar em uma faculdade e, para que isso acontecesse, aquela etapa era necessária – assim como era preciso que ele se preparasse para os exames. Onde aconteceu essa preparação, em Quaraí ou em Porto Alegre? É mais provável que na capital. Em *Para início de conversa*, quando responde a Slavutzky sobre alguns de seus amigos da época de estudante, Cyro fala de um tal Chico, Francisco de Almeida Maciel, também natural de Quaraí e um dos poucos que fez Cyro “experimentar a vibração do gênio”. Chico entrou na Faculdade de Medicina em 1927, era dotado de grande inteligência e possuía “dons didáticos”, pois deu muitas aulas de Física, Química e Geometria a Cyro<sup>94</sup>. Como Cyro foi aprovado no exame de Geometria no final de 1926 e participou das avaliações de Física e Química em dezembro de 1927, as lições sobre as disciplinas devem ter ocorrido ao longo desses dois anos.

Embora a fragilidade da hipótese, é plausível pensar que as aulas de Chico aconteciam esporadicamente e, por isso, podiam se dar em algumas viagens de Cyro a Porto Alegre ou de Chico a Quaraí. Os rapazes atravessariam o Rio Grande do Sul por umas poucas horas de Física e Química? Provável que não. Além disso, há outros rastros que alimentam a ideia da permanência de Cyro na capital. Em julho de 1926, surgiu a *Vibração*: revista de literatura e ilustração. Victor Graeff, César Santos e Alexandre Ribeiro eram os editores do periódico e, logo na primeira página, afirmaram que a *Vibração* nasceu do “entusiasmo de uma falange de moços estudantes”<sup>95</sup>. Cyro estava entre esses moços, pois, no número inaugural da revista, entre

<sup>93</sup> Notas de Cyro no Anchieta segundo os boletins do envelope 122.

<sup>94</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 36.

<sup>95</sup> GRAEFF, Victor; RIBEIRO, Alexandre; SANTOS, César. Editorial. *Vibração*: revista de literatura e ilustração, Porto Alegre, n. 1, p. 1, julho 1926.

os textos de José Salgado Martins, João Otávio Nogueira Leiria e fotografias dos “Templos de Ensino” do Estado, apareceu, com assinatura de Cyro dos S. Martins e dedicatória a André Carrazzoni, uma narrativa curta intitulada “Viagem noturna”.

A publicação de Cyro é importante por diversos aspectos – inclusive o de sua presença em Porto Alegre. O texto de *Vibração* mostra o crescimento das aspirações literárias de Cyro e não é apenas por criar e por publicar que as ambições se tornam perceptíveis. Entre os dois atos, há outro, ligado à inserção do autor iniciante em um determinado sistema. Cyro, Dante de Laytano, José Salgado Martins, Percy de Abreu Lima, Francisco de Almeida Maciel e Aparício Cora de Almeida liam e discutiam suas produções em prosa e verso em um grêmio literário. Segundo as informações do fascículo “Cyro Martins”, da série *Autores gaúchos*, o grêmio foi fundado em 1923 e, através dele, surgiu a *Vibração*<sup>96</sup>. De fato, textos de Cyro e de outros membros do grupo, como José Salgado Martins, saíram na revista, mas ela não era dirigida por nenhum deles. Também é difícil conceber que aqueles jovens divididos entre pensões baratas tivessem recursos para imprimir e fazer circular um periódico que beirava as 80 páginas e trazia ilustrações. Essas questões, mesmo que pouco claras, não apagam o episódio no qual Cyro se envolveu com grupos de aspirantes a intelectuais. Era preciso estar no meio dos acontecimentos e entre aqueles que se movimentavam. Ao ingressar em grêmios e colaborar em jornais ou revistas, Cyro demarcava, de forma lenta e gradual, seu espaço. A dedicatória a André Carrazzoni é mais um sintoma do estabelecimento de relações e da busca por espaços. O diretor de *A Liberdade* já publicara um artigo de Cyro e oferecer-lhe o conto era uma maneira de agradecê-lo pela oportunidade e de manter as portas do jornal abertas.

Em “Viagem noturna”<sup>97</sup>, o leitor de *Vibração* encontrou uma narrativa simples e telúrica. O protagonista de nome desconhecido troteia com seu pingô através do pampa, que se revela ainda mais amplo na escuridão da noite, e se deslumbra com a beleza do lugar. O uso dos adjetivos, empregados sem vergonha pelo escritor iniciante, serve para desenhar e particularizar esse espaço tão conhecido de Cyro. O pampa noturno daquele viajante solitário era silencioso, sonolento, adormecido, iluminado. O texto de Cyro é dotado de poeticidade, mas seu ponto alto é o da relação entre o homem e a paisagem, entre o ser pequeno e o campo imenso. Se, por um lado, o texto possui singularidade pela busca da beleza, por outro, não traz novidades quanto ao espaço focalizado e ao uso de certas construções vocabulares. Como lugar

<sup>96</sup> A informação sobre o grêmio encontra-se em *Autores gaúchos* – Cyro Martins, 1997, p. 11.

<sup>97</sup> MARTINS, Cyro. Viagem noturna. *Vibração*: revista de literatura e ilustração, Porto Alegre, n. 1, p. 25, julho 1926.

primordial do Rio Grande do Sul, o pampa era abordado com exaustão pelos escritores gaúchos – no pampa os personagens viviam, peleavam, churrasqueavam, troteavam, amavam. Cyro poderia fugir do pampa, do seu lugar original? Ele já era um rapaz da cidade, mas a marca do pampa fora feita na infância, nos respiros livres das férias e qualquer espaço se torna mais bonito quando saboreado com liberdade e inocência. Cyro, um aspirante a escritor, ainda inocente naquele conto de 1926, poderia ter escapado das palavras espalhafatosas e das construções rebuscadas? Em “o cenário colosso do pampa iluminado pela lâmpada sidérea do astro”, “como uma borboleta fantástica de azas ígneas que se alasse vaporosa” e “envolto na ebúrnea palidez lunar” nota-se a presença do autor que não foge do seu tempo e, antes disso, do leitor voraz de Alcides Maya.

Como a “falange dos jovens estudantes” se sentia entusiasmada pela cultura e pela socialização de suas produções, era natural que aparecesse outro número de *Vibração*. Entre setembro e outubro de 1926, sem muitas modificações no elenco dos colaboradores e beirando as 150 páginas, a nova edição da revista veio a público. Cyro contribuiu com outra narrativa curta – pouco maior do que a primeira. “Na estrada”<sup>98</sup> retoma a influência de Alcides Maya<sup>99</sup>, o cavalo, a viagem e o cenário pampeano, mas vai por rumos diferentes. Nesse conto, o ambiente cede lugar para a relação entre o homem e a passagem do tempo. Ainda que a abordagem não seja dotada de grande originalidade, é interessante o fato de Cyro ter mudado de temática e de foco – em “Na estrada”, o autor se descola do narrador homodiegético e opta pelo heterodiegético. Durante a jornada, o velho Jango, protagonista, sente as distâncias e sente, mais ainda, a fuga do tempo e a chegada da idade ao perceber que não é mais resistente como na juventude, não pode ver a noite chegar em campo aberto, dormir em qualquer parte, pegar sereno ou sol a pingo. O leitor do conto entende, logo nos primeiros parágrafos, que Jango é uma vítima do irreversível. O tempo é o grande inimigo: já tirou sua juventude, sua saúde, sua “china arisca e querendona” e traz, aos poucos, em galope lento, os contornos da morte.

Não obstante o entusiasmo dos rapazes, a *Vibração* durou pouco. O segundo número foi o último. Embora a quantidade significativa de anúncios trazidos pelo periódico, eles não puderam custear outras edições e manter a regularidade da revista. Colaboradores não faltavam, o problema era dinheiro.

---

<sup>98</sup> MARTINS, Cyro. Na estrada. *Vibração*: revista de literatura e ilustração. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 139-140, setembro/outubro de 1926.

<sup>99</sup> Influência explicitada, inclusive, no título do conto, pois, em *Tapera*, de 1911, Alcides Maya tem uma narrativa com o mesmo título.



Em outubro de 1926, enquanto a *Vibração* fenecia, iniciava, em Porto Alegre, na Faculdade de Medicina, o IX Congresso Médico Brasileiro<sup>100</sup>, organizado pelos membros da Sociedade de Medicina de Porto Alegre – Annes Dias, Guerra Blessmann, Felicissimo Difini e Renato Barboza – e que teve como convidados Fernando de Magalhães e Miguel Couto. Embora Cyro ainda não estudasse medicina, o congresso fez aparecer outro rastro da presença do rapaz na capital. Em um dos textos de *Caminhos: ensaios psicanalíticos*, ele contou que, desde antes de entrar para a faculdade, “já andava rondando o que acontecia por lá”<sup>101</sup>, através de outros acadêmicos companheiros da Rua da Praia. Cyro soube do evento pelos amigos. Também por eles, soube do peso político que cercava o congresso e não perderia a chance de ver uma bandeira erguida contra a doutrina de Borges de Medeiros.

Os médicos gaúchos, sobretudo os oposicionistas, prometiam bradar contra a liberdade profissional declarada pela constituição castilhista de 1891. Quando Francisco Simões, “talentoso médico pelotense”, apresentou a questão e “fundamentou grande parte de sua argumentação no Código Penal, que ‘qualificava crime o exercício da Medicina sem estar o agente habilitado, de acordo com as leis e regulamentos’”<sup>102</sup>, as promessas se cumpriram. Houve rebuliço no auditório e a sessão foi encerrada. Parte do público carregou Francisco Simões, o “herói do dia”, nos ombros. Cyro foi um dos carregadores e as lembranças sobre o episódio não se apagaram com os anos: “A estrondosa ovação que ecoou pelos corredores do edifício foi a mais emocionante que já ouvi. Sim, senhores, eu ouvi, eu estava lá [...]. De sorte que isso que lhes estou contando não é uma história lida, é uma história vivida”<sup>103</sup>. Mais uma vez, Cyro era testemunha da história.

Os rastros depõem a favor da permanência de Cyro em Porto Alegre, já a dificuldade financeira da família Martins, contra. Entretanto, tendo conhecimento das ideias de Bilo quanto à educação, não é absurdo pensar que ele tenha feito esforços hercúleos para sustentar o filho na capital. Cyro precisava prestar os exames e, antes disso, se preparar para eles. Fazer as duas

---

<sup>100</sup> Os *Archivos Rio Grandenses de Medicina* (ano V, n. 4, p. 89, 30/12/1926) trazem a notícia de que a Sociedade de Medicina de Porto Alegre fez uma recepção solene aos congressistas na noite de 25 de outubro de 1926. Já no documento *História do associativismo médico do RS*, elaborado por Nicolau Laitano e Genaro Laitano e disponibilizado pelo Centro de Memória da Associação Médica do Rio Grande do Sul ([http://www.amrigs.org.br/centromemoria/associativismo.htm#\\_Toc261891737](http://www.amrigs.org.br/centromemoria/associativismo.htm#_Toc261891737)), existe a indicação de que o evento ocorreu em 21 de junho de 1926 e que a comissão organizadora era composta por Protásio Alves, José Flores Tavares, Sarmento Leite, Ulysses Nonohay e Renato Barboza. Diante das informações divergentes, opto pela dos *Archivos*, órgão oficial da Sociedade de Medicina.

<sup>101</sup> MARTINS, Cyro. Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-rio-grandense. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 121.

<sup>102</sup> MARTINS, Cyro. Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-rio-grandense. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 129.

<sup>103</sup> MARTINS, Cyro. Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-rio-grandense. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 130.

coisas em Quaraí era difícil. Então, que se tocasse para a cidade. Era necessário estar em Porto Alegre para virar doutor.

Durante esses dois anos, Cyro poderia ter dividido um quarto de pensão com Ivo, porém, o silêncio sobre a relação com o irmão mais velho não ajuda muito no esclarecimento de seus caminhos. Apesar disso, em *Para início de conversa*, Cyro deixa uma pista do que aconteceu com Ivo depois daquele trágico setembro de 1925. Graças ao pistolão de uns amigos gremistas<sup>104</sup>, ele conseguiu a vaga de cronista esportivo no *Correio do Povo*. Ivo, que ficava na reserva nos tempos de futebol no Anchieta, era um aficionado pelo esporte e pelo Grêmio Football Porto Alegrense, time de cores azul, preto e branco, que se opunha ao Sport Club Internacional, time vermelho e branco. A dualidade da política gaúcha era transposta para o futebol. Era necessário eleger entre Grêmio e Inter, assim como se escolhia entre chimango e maragato, entre Borges e Assis. Ivo escolheu seu lado e, por causa dele, virou cronista. De suas funções no *Correio do Povo*, ficou a sigla GRENAL, criada em 1926 com o objetivo de identificar o enfrentamento entre os clubes de cores diferentes.

Em 1926, Ivo trabalhava e tinha uma renda, por menor que fosse. Por certo, não teria condições de ajudar o irmão, mas devia aliviar um pouco o peso das costas de Bilo. Caso Cyro estivesse em Porto Alegre naqueles anos – e essa é a opção mais provável –, não trabalhava. Na ocasião em que foi perguntado por Slavutzky sobre o porquê de não arranjar um emprego nos tempos de apertos, de pensões ordinárias, roupas velhas e pouca comida, Cyro respondeu: “Não era por espírito de vagabundagem que não lutei por um emprego. Me ocupava cem por cento com o meu trabalho, que era o meu estudo”<sup>105</sup>. Com essa resposta, Cyro se referia ao período do curso de medicina, contudo, partes desse pensamento deviam rodear a cabeça do Cyro envolvido nos preparatórios. Sua tarefa era a de ser aprovado nos exames, de entrar para a faculdade. Logo, os estudos eram o seu trabalho.

É claro que ele poderia arranjar emprego e dividir sua rotina entre a preparação e outra atividade. Estava acostumado a uma ferrenha rotina de compromissos, os anos de interno do Anchieta comprovavam isso. Ivo fazia-o, escrevia para o *Correio* e lidava com a vontade de cursar direito. No entanto, destinar seu tempo e seus esforços para os estudos e deixar de lado uma atividade remunerada não apresenta nenhum demérito para Cyro. É preciso lembrar o fato de que Bilo via a educação como o principal e relegava as outras coisas a planos menos importantes. Apesar dos pesares, ele sustentava o filho. Se o rapaz quisesse estudar, enquanto

<sup>104</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 89.

<sup>105</sup> MARTINS, Cyro. *O bisneto do imigrante José. Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 44.

pudesse, Bilo daria estudos. Também é imprescindível notar que Cyro não levava uma vida fácil em Porto Alegre. Comia pouco, dormia e se vestia mal, andava muito a pé, para economizar as moedas do bonde. Não vivia na folga ou na festa. Estudava para os preparatórios e, quando se desviava deles, era pelos livros, pela prosa, pela poesia.

A preparação para os exames contava com dois obstáculos: a Física e a Química. A avaliação dessas matérias era realizada conjuntamente e resultava em uma só nota. No final de 1927, Cyro atingiu o grau 3, que significava reprovado. Ele não conseguiria prestar vestibular se não fosse aprovado. Na primeira quinzena de março de 1928, Cyro voltou ao Anchieta para realizar os exames de segunda época. Nessa segunda tentativa, as aulas de Chico ajudaram e Cyro chegou a um 4 – “aprovado simplesmente”. Foi pouco, mas o suficiente para que ele se inscrevesse, em 12 de março, no vestibular.

Na inscrição, Cyro começou a lidar com a burocracia acadêmica e os custos do nível superior. Ele teve de apresentar todos os comprovantes de aprovação nos exames de Aritmética, História do Brasil, História Universal, Português, Álgebra, Francês, Geometria, Inglês, Latim, História Natural, Geografia, Física e Química. Além do histórico escolar, também precisou de uma segunda via da certidão de nascimento e de 153\$000 réis, que cobririam os valores da própria inscrição e de certas “taxas de certidões”, não especificadas e estranhas, pois todos os documentos eram fornecidos pelo candidato.

O ato da inscrição ganhava contornos mais significativos por representar um passo crucial na vida de Cyro. Ao entregar a papelada, ele escolheu a medicina. Sua decisão não surgira de repente, e, talvez, nem tenha sido somente dele. Bilo desejava e tinha a “mania” dos filhos doutores. Ele queria que os seus rapazes tivessem boas oportunidades, ascendessem socialmente, se colocassem entre os graúdos. Duas carreiras eram as mais chamativas na época: direito e medicina. Ter um bacharel ou médico era motivo de orgulho para qualquer família. Bilo achava que a primeira profissão era mais bonita, mais propícia aos discursos e à vida política, duas coisas das quais ele tanto gostava. Já Felícia acreditava que a vida de médico era a mais bela e sonhava com um dos filhos ajudando os enfermos de casa em casa, sendo envolvidos pelos agradecimentos por ter salvado esse e auxiliado aquele.

Era importante que cada um dos meninos fosse para um lado. Investir em duas profissões diferentes aumentava a chance de acerto e não haveria concorrência dentro de casa. Nesse cenário familiar, Ivo e Cyro se dividiram. Nos tempos de Anchieta, Ivo pendia para a medicina e Cyro para o direito. Não seria estranha essa escolha para o rapaz que se metia em política, discursava e se envolvia com as letras. Porém, em alguma parte do caminho, os irmãos

trocaram de rumos e Cyro realizaria os sonhos da mãe. O porquê da troca de cursos é desconhecido, mas as opções não eram muito variadas. Ivo entrou na faculdade antes e, por isso, escolheu primeiro. Coursou alguns meses de medicina e resolveu trocar. Podem não ter sobrado muitas alternativas para Cyro e, assim como a ida para o internato, ele tenha ficado sem o direito da escolha. Em *Para início de conversa*, Cyro disse a Slavutzky que as áreas que mais o atraíam em medicina eram a clínica geral, a neurologia e a psiquiatria, que “praticamente só existia no nome”<sup>106</sup>. Essa era a informação dada por alguém que já passara pelo curso e conhecera suas ramificações. Aquele jovem de 19 anos sabia dessas áreas? Seus depoimentos não indicam isso e nem as razões do interesse em medicina.

Pelas poucas opções ou pelos desejos da mãe, Cyro fez o vestibular ainda em março de 1928 e foi “habilitado” para o curso com nota de 4,6. Não chegava à faculdade como um aluno brilhante, mas estava dentro. A partir dali, as coisas ficariam mais difíceis. A dedicação aos estudos teria de ser maior e ele ainda precisaria sobreviver com um dinheiro cada vez mais curto.

Em 1928, a casa e o bolicho dos Martins estavam reconstruídos. No entanto, o fim dos custos com a obra não redundou em estabilidade financeira para a família. Desde a Revolução de 1923, a campanha passara por mudanças significativas e a maior dentre elas foi o abandono do campo. A ausência de pessoas afetava diretamente negócios comerciais como o de Bilo. Não havia para quem vender e, sem as vendas, não existia o lucro. O armazém fora reaberto, mas faltavam os clientes. O sacrifício dos anos anteriores para reerguer a moradia e manter os dois rapazes em Porto Alegre não acabara e as perspectivas não eram positivas. Aqueles que ficaram no Cerro do Marco precisariam se sacrificar ainda mais para que Cyro e Ivo se formassem.

Bilo tinha convicção no projeto da educação dos filhos e faria o possível para executá-lo. Assim, apesar da iminência de novas despesas, ele deve ter saboreado certa alegria ao receber a notícia da aprovação de Cyro no vestibular. É provável que, no mesmo telegrama no qual inteirava o pai das boas novas, Cyro tenha pedido o envio de mais 473\$000 réis. Era essa a quantia necessária para efetuar a matrícula nas disciplinas do primeiro período do curso, retirar o certificado de aprovado e pagar taxas adicionais, que nunca eram especificadas ou explicadas. Não se sabe de onde e como Bilo arranhou o dinheiro, mas em 30 de março Cyro teve sua matrícula confirmada pela secretaria da faculdade<sup>107</sup>.

---

<sup>106</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 44.

<sup>107</sup> Cyro solicitou a matrícula no curso em 29 de março de 1928, através do requerimento de número 94. A confirmação da matrícula está no verso do documento.

Para entrar no curso, além dos 473\$000 réis, Cyro apresentou a carteira de vacinação e um endereço que comprovava sua residência em Porto Alegre: Rua General Bento Martins, 393. Em três anos, essa era a primeira pista sobre o lugar onde ele morava. Ainda que se localizasse no Centro da cidade, a rua não era das melhores, pois estava próxima às prostitutas da Rua da Ponte. Mesmo que fosse ruim, o endereço de Cyro não ficava distante dos pontos nos quais se desenrolavam os acontecimentos importantes da cidade. Da General Bento Martins, ele também poderia andar até o prédio de três portas da Faculdade de Medicina, que ficava na esquina da Sarmiento Leite com a Luís Englert.

No caminho que levava Cyro às aulas de Física, Anatomia Humana, Química Geral e Mineral, Biologia Geral e Parasitológica, ele passava pelo Anchieta. Quais pensamentos invadiam a cabeça daquele rapaz que, não sendo de família abastada, tinha acesso a uma educação destinada à elite? Ele teria noção de que, a cada passo, se distanciava dos Santos e dos Martins que levaram a vida na campanha, vendendo cachaça, feijão e alpargatas, criando bois e ovelhas? Ele teria ideia de que, quanto mais se aproximava da esquina da Faculdade, ficava mais longe do Cerro do Marco e de Quaraí? Se, com a entrada no Anchieta, Cyro já se diferenciara dos guris da campanha, com um curso superior, ele se distinguiria de muitos outros homens da sua família, da sua cidade.

Quiçá, não pensasse em nada disso. Talvez se preocupasse com o trajeto pela Duque de Caxias ou pela Fernando Machado, com os conteúdos das aulas ministradas por Sarmiento Leite, Annes Dias, Octávio de Souza, Thomaz Mariante, Aurélio Py, Eliseu Paglioli, Luiz Guedes, Fábio de Barros, Mário Totta, Guerra Blessmann, Alfeu de Medeiros, Ivo Meyer<sup>108</sup>, com as possíveis perguntas feitas por esses professores, com as próximas leituras do grupo de amigos, com a pouca carne das refeições da pensão. Cyro tinha 19 anos quando entrou no curso de Medicina, continuava sozinho e ainda havia uma longa estrada pela frente. Poderia ter muita vontade de aprender e grande esperança no futuro, mas precisava lidar com o imediato, que não se desenhava como fácil.

Durante o primeiro ano de Medicina, Cyro continuou a ser o aluno mediano dos últimos tempos de colégio – até mesmo os picos isolados de boas notas continuaram. Em Física, Química Geral e Mineral, Biologia Geral e Parasitológica, passou arranhando, com um aprovado “simplesmente”; em Anatomia Humana, chegou ao “plenamente”<sup>109</sup>. Os boletins de

---

<sup>108</sup> Cyro lembra do elenco de professores da Faculdade de Medicina em: MARTINS, Cyro. Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-rio-grandense. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 121-131.

<sup>109</sup> As notas foram: Física – 4, Química Geral e Mineral – 5, Biologia Geral e Parasitológica – 4, Anatomia Humana – 8.

Cyro não refletem a dedicação que ele afirmava ter em relação ao curso. Em *Para início de conversa*, depois de Slavutzky perguntar sobre a possibilidade de arranjar um emprego nos tempos de faculdade, além de dizer que os estudos eram o seu trabalho, Cyro contou que estava “sempre envolvido com as aulas, com a Santa Casa, cujas enfermarias percorria todas as manhãs, na ânsia de encontrar alguém, professor ou assistente, com o qual pudesse aprender alguma coisa de medicina”<sup>110</sup>.

A afirmação de Cyro abre vários caminhos para se pensar sobre o período na Faculdade de Medicina. Seu tempo e seus esforços deviam ser dedicados exclusivamente aos estudos. Se, pelas manhãs, ele frequentava a Santa Casa ou o Hospital São Pedro, pois a psiquiatria já o atraía<sup>111</sup>, as aulas ocorriam à tarde. Duas partes do dia estavam comprometidas, restando a noite para mais leituras referentes às matérias e a possíveis lazeres. A rotina era puxada, mas não apresentava nenhuma novidade para Cyro, os anos com os jesuítas tinham-lhe ensinado a lidar com isso. Para ele, a novidade era o nível de exigência de um curso superior. Por mais que ele tivesse uma excelente base escolar – o Anchieta estava entre os melhores do Rio Grande do Sul – as dificuldades surgiram.

Elas o levaram até a Santa Casa, fizeram-no procurar professores e outros que pudessem ajudar. Isso mostra seu empenho em fazer tudo o que estivesse ao alcance para melhorar no curso. Cyro já havia falado de sua vontade de aprender. Quando entrou no Anchieta, foi essa vontade que o salvou do maior efeito do choque. Com o ingresso na faculdade, em outras proporções, também se deu um choque. Havia, porém, uma significativa diferença entre os momentos. Antes, ele era um menino encabulado, que temia os padres e não tinha voz para questioná-los. Agora, não era mais o guri da campanha, tinha anos de Porto Alegre, estava mais velho e articulado, discursava e publicava textos em periódicos. Agora, ele sabia da necessidade de se apressar para superar o choque. Cyro precisava correr atrás e dar conta do recado. De nada adiantaria o sacrifício da família se fosse mal no curso e não obtivesse aprovação nos exames.

Por mais que vivesse sozinho em Porto Alegre, Cyro não entrou sozinho na faculdade. Com ele, ingressou toda a família. Cyro carregava para as aulas, junto aos livros e aos lápis, os sacrifícios e as esperanças de todos aqueles que ficaram no Cerro do Marco. A chance de se tornar médico também era a oportunidade de os Martins ascenderem, terem um futuro e uma vida melhores. Ele sabia da carga, percebia seu peso. A pressão sobre seus ombros era enorme,

---

<sup>110</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 44.

<sup>111</sup> Cyro fala sobre o interesse em: MARTINS, Cyro. *Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-riograndense. Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 123: “Como estudante interessado em aprender, desde cedo comecei a frequentar a Santa Casa e o Hospital São Pedro, pois a psiquiatria já me atraía”.

mas teria de conviver com ela. Cyro tinha de driblar as dificuldades e dar um jeito para seguir em frente. Não importava se incomodasse os professores, se pedisse explicações e aulas aos melhores da turma. Importavam a passagem para a etapa seguinte, as aprovações, o diploma. Era pelo canudo que Cyro estudava, era pelo título de doutor que os Martins lutavam.

Conhecendo o caráter conjunto dessa luta, por que, anos mais tarde, ele se construiria como uma figura quase solitária, formada devido aos seus esforços e à coragem do pai?

Ivo estava na mesma situação de Cyro, mas este pouco falou daquele. É provável que dividissem os quartos de pensão e as dificuldades, que se unissem para cada um alcançar o seu objetivo. No entanto, apesar da condição semelhante, Cyro não proferiu nenhuma palavra sobre a experiência compartilhada. Os dois jovens transitavam por diferentes grupos de amigos e tinham interesses distintos. Até esse ponto, nada de estranho. O curioso é a ausência do irmão. Após os episódios do Anchieta, Cyro só falou em Ivo para contar que eles estavam juntos quando receberam a notícia do incêndio no Cerro do Marco, que ele arranjou emprego no *Correio do Povo* e inventou a sigla GRENAL. As palavras em relação a Ivo acabaram em 1926. Depois disso, não se sabe se ele chegou ao final do curso de direito, se continuou o trabalho no *Correio do Povo*, se voltou a Quaraí.

A ausência de Ivo não mostra que os irmãos se dessem mal ou tivessem problemas de relacionamento. Não há nada que sugira isso, assim como não há nenhum indício de problemas com a mãe e com as irmãs – tão apagadas quanto Ivo nos escritos de Cyro. A relação familiar era normal e é por essa normalidade que a questão cresce. Se tudo funcionava regularmente, por que as ausências? Todos do clã dos Martins foram importantes, de uma maneira ou de outra, na formação de Cyro. Porém, na construção de sua história pessoal, Cyro guardou espaço apenas para si e para Bilo.

Era natural que se privilegiasse, afinal, era a sua história, a sua mitologia pessoal. Já o pai ganhou lugar por ser o polo positivo da família. Era através de Bilo, de suas ideias e de suas decisões que as coisas aconteciam para os Martins. Ele era o ponteador, o homem da frente e, talvez por isso, Cyro projetava os esforços e os sacrifícios da família inteira na figura paterna.

Os silêncios de Cyro em relação a alguns membros da família não se repetiam quando os amigos entravam na pauta. Em *Para início de conversa*, Cyro contou que devia muito aos amigos, pois eles lhe “estimularam, ensinaram a aprender nos livros e a acreditar na amizade dos homens, o que foi o mais valioso”<sup>112</sup>. A afirmativa é carregada de gratidão – gratidão raramente dirigida à mãe, ao irmão e às irmãs – e precisa ser levada em conta. Durante a década

---

<sup>112</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 35.

de 1920, depois da saída do internato, Cyro começou a fazer “uma penca de amigos de primeira ordem, intelectuais todos: Waldemar Ripoll, José Salgado Martins, João Otávio Nogueira Leiria, Aparício Cora de Almeida”<sup>113</sup>. Em um primeiro momento, os rapazes, oriundos do interior, frequentavam escolas de Porto Alegre como o Júlio de Castilhos e o Colégio Militar e, tal como Cyro, se espalhavam pelas pensões da cidade. Além do gosto pela literatura, eles comungavam das mesmas vivências e isso foi decisivo na sua aproximação. Quando a fase colegial terminou, eles também tiveram em comum a preparação para os exames de vestibular e o ingresso nas faculdades com sede em Porto Alegre.

Desse grupo inicial, somente Cyro cursava medicina, os demais eram acadêmicos de direito. A opção por uma carreira ou outra não os separou. A amizade já vinha de algum tempo e muita coisa ainda os aproximava. Waldemar Ripoll, por exemplo, um dos mais velhos do grupo, também era natural de Quaraí e defendia com veemência as ideias libertadoras. Desde os eventos de 1922 e 1923, Cyro se assumiu opositorista e libertador. Apesar dos discursos, dos artigos publicados em jornais da fronteira e das participações nos encontros do Centro de Estudantes Libertadores, seu engajamento não se mostrava tão feroz quanto o de Ripoll, que se filiou ao partido e aspirava à carreira política. Tal como Cyro, Salgado Martins e Nogueira Leiria tentavam fazer literatura: o primeiro, prosa e o segundo, poesia. Os três conversavam sobre livros e buscavam socializar suas produções, o que fazia com que se reunissem para ler e discutir textos, não só deles, mas também de autores conhecidos – Alcides Maya, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Raul Bopp, Theodemiros Tostes. Esses encontros com os amigos foram os responsáveis pela educação literária de Cyro. A formação escolar e profissional passava pelos bancos do Anchieta ou da Faculdade de Medicina, já a literária era informal, se dava nos quartos das pensões e na rua.

Mesmo que Cyro se dedicasse fortemente aos estudos, outras coisas seduziam-no. Não poderia ser diferente. Ele era um jovem entrando na casa dos vinte anos e muito afluía em si e ao redor. Nele, a vontade de escrever e de se tornar médico brotavam junto com o desejo sexual. Havia namoricos iniciados no *footing* pela Rua da Praia, mas essas paqueras se desenvolviam mais no plano ideal do que no terreno, pois os relacionamentos eram restritos a olhadelas e a risos disfarçados, sem toques de mãos ou de lábios. Outro fato que mexia com suas entranhas era a proximidade com as moradoras da Rua da Ponte. O plano ideal ficava distante daquelas casas de porta e janela. Ali, tudo era terreno e palpável. Talvez para Cyro, nem tão palpável. Ele estava sempre sem dinheiro e, na escolha entre a sobrevivência e o desejo,

---

<sup>113</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 33-34.



optava pela primeira. No entanto, essa escolha não significa que não arranjasse uma maneira de satisfazer suas pulsões de vida.

Frequentador ou não da Rua da Ponte, Cyro conhecia o logradouro e as imagens que viu ficaram em sua memória. Em *Gaúchos no obelisco*, publicado em 1984, mais de cinquenta anos depois dos seus anos de estudante, a rua foi decisiva nos rumos de Joãozinho Silveira, o protagonista do romance. Na Rua da Ponte, onde chega por acaso, Joãozinho ouve um chamado da prostituta Rina, se envolve com ela e, ao fazer sua mudança para outra casa de mulheres, entra em um conflito da Revolução de 1930.

A rua que Cyro certamente frequentava era a da Praia. Nela, Porto Alegre vivia e ela não tinha importância apenas por ser o “‘ponto-chic’ da cidade, mas, principalmente, por ser onde tudo se encontrava e tudo acontecia”<sup>114</sup>. No final da década de 1920, o *footing* e os namoros eram alguns dos lances que ocorriam na Rua da Praia. O *Correio do Povo*, *A Federação* e o *Diário de Notícias*, os maiores jornais do Rio Grande do Sul, tinham suas sedes localizadas ali, divididas por metros e ideologias. Também na Rua da Praia estavam os principais pontos de encontro da elite econômica do Estado, dos políticos e dos intelectuais. No Grande Hotel, no Majestic Hotel, no Café Americano, no Café Colombo, no Café Liberal, no Cinema Guarani, no Cinema Central, na Livraria Americana e na Livraria do Globo poderiam ser encontrados Getúlio Vargas, o novo chefe do executivo estadual, Batista Luzardo, o paladino da oposição, Darcy Azambuja, a então recente estrela do regionalismo literário, Vargas Neto, o escritor adaptado. As senhoras e as jovens também passavam pelos hotéis, os cinemas, os cafés e as livrarias e ainda visitavam as *boutiques* espalhadas ao longo da rua.

Não só a fina-flor da sociedade desfilava pela Rua da Praia. Todos os que quisessem ver e ser vistos caminhavam por ela. Cyro e os amigos não pertenciam à nata e iam mais para observar do que para serem observados. Eles não tinham condições financeiras para se tornar *habitués* dos cafés, das livrarias e dos cinemas, muito menos, para virar hóspedes dos hotéis, mas podiam ver. Reparavam e nada os impedia de, uma vez ou outra, diminuir a distância para as moças que “saíam da missa na Igreja do Rosário e da Catedral, nos domingos, às dez horas” e “de noite, quando terminava a primeira sessão de cinema”<sup>115</sup>. Os políticos e os escritores, sedentos por olhares de admiração, também eram abordados em certos momentos. Com eles, a situação era mais fácil – eles estavam quase sempre dispostos a ser rodeados por jovens e a brilhar no centro de suas atenções.

<sup>114</sup> CARNEIRO, Luiz; PENNA, Rejane. *Porto Alegre: de aldeia a metrópole*. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira, 1992, p. 101.

<sup>115</sup> MARTINS, Cyro. *A década de 20. Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 100.

Para Cyro, que teve o “desabrochar da mocidade na década de 20”, o “calor de vida”<sup>116</sup> sentido na Rua da Praia era inesquecível. As memórias sobre o local persistiriam ao longo de sua obra. Os personagens de *Mensagem errante*, *Gaúchos no obelisco*, *Na curva do arco-íris* e *A dama do saladeiro* passeiam por ela e, nela, veem sua história passar.

As vivências da juventude podem marcar para o bem e para o mal. No caminho de Cyro, os dois tipos de marcas deixaram rastros. A Rua da Praia é um exemplo do primeiro. Ela era aberta, recheada de pessoas e oferecia a possibilidade – pequena mas existente – da diminuição de distâncias sociais, econômicas, intelectuais. Talvez fosse pelas possibilidades que Cyro via, na Rua da Praia, o tal “calor de vida”. A Rua da Praia se opunha diretamente a outro espaço importante na mocidade de Cyro: o quarto de pensão. Se um lugar era diversificado e caloroso, o outro era previsível e frio. Em qualquer quarto de pensão humilde, haveria privacidade diminuída, camas duras, pregos para pendurar as roupas, bacias para lavar o rosto, iluminação fraca, companheiros pobres ao lado. A representatividade do quarto ia além daquela do espaço fechado e reduzido. Ali, as possibilidades eram remotas e o desfile, de dificuldades. Os sonhos da Rua da Praia se misturavam com as pessoas, os prédios, as vitrines e, por isso, tinham mais cor. Os sonhos do quarto dormiam em travesseiros emprestados, eram picados por mosquitos de verão e embaçavam as vidraças nas geadas do inverno.

Mesmo tristes, as pensões continuaram nos caminhos de Cyro. Se não fosse por elas, não se formaria. Para chegar à formatura, precisava estar em Porto Alegre e só se manteria na cidade se gastasse o básico. Naquele primeiro ano de medicina, viveu com pouco e continuaria com pouco até a conclusão do curso. Entre 1928 e 1929, Cyro teve um respiro dos quartos divididos com estranhos. O período de férias não era tão mágico quanto na época de guri livre do internato. A liberdade importava, mas a cama conhecida e a comida à vontade ganhavam carinho especial. No Cerro do Marco, o colorido da Rua da Praia não existia, mas, em compensação havia a carne – o alimento preferido de Cyro. Nesse ponto, ele não se diferenciava dos rapazes da campanha. Cyro poderia lidar com a anatomia humana, a química e a física, pois essas matérias se resolviam com estudo e mais estudo. Difícil era vencer o ronco do estômago nos domingos à noite, quando as pensões não ofereciam refeições e ele precisava se virar com laranjas de umbigo e água de chimarrão. Quantas vezes o rapaz enganou a barriga com a saliva e a imagem da carne? Quantas vezes dormiu com o desejo do bife do novilho e da paleta do cordeiro? Devia brigar com as vontades em quase todos os domingos porto-alegrenses do ano.

---

<sup>116</sup>MARTINS, Cyro. *A década de 20. Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 101.

Nos domingos do Cerro do Marco, essa preocupação passava ao largo e o sono vinha cheio, sem o oco da fome.

As voltas à casa dos pais despertavam outras inquietações, muitas delas ligadas à vida em Porto Alegre. Em cada viagem a Quaraí, surgia a dúvida do retorno. Depois daquele novo período de férias, ele voltaria aos estudos? A situação dos negócios de Bilo não melhorara e 1929 prometia ser outro ano de aperto.

Ao ingressar na segunda série do curso<sup>117</sup>, Cyro gastou outros 453\$000 réis e, no requerimento em que pedia a matrícula, colocou outro endereço: Rua Camões, 393. A nova pensão ficava no bairro Partenon, um pouco distante do centro da cidade. Pela mudança, já se via que o nível de moradia de Cyro baixara e que a necessidade de economizar aumentara. Para chegar ao prédio da faculdade e à Rua da Praia, Cyro precisava pegar um bonde ou dar uma boa caminhada. Quando o tempo permitia, ficava com a segunda opção, pois, mesmo que o transporte nos veículos da Companhia Carris Porto-Alegrense não custasse muito, qualquer vintém poupado fazia diferença.

A pensão da Camões devia ser outra daquelas que pertencia às senhoras quaraíenses. Com essas mulheres, geralmente viúvas que, para sobreviver e se sustentar, alugavam as peças de suas casas, a negociação poderia ter alguma facilidade. Tendo a mesma origem, a probabilidade do pensionista e da senhoria se conhecerem aumentava, assim como suas famílias. A proximidade contava na hora de receber notícias de casa, de conseguir um pequeno desconto, de atrasar por alguns dias o pagamento mensal. Residir nas retiradas pensões das viúvas de Quaraí era tão barato quanto conveniente.

Na segunda etapa de Medicina, Cyro voltou seus estudos para as matérias de Anatomia Humana (parte 2), Química Orgânica e Biológica, Histologia e Fisiologia. A rotina de Cyro continuava muito parecida com a do ano anterior. Visitava a Santa Casa, ia às aulas, retomava as disciplinas quando voltava à pensão, compartilhava experiências de leitura e de escrita com os amigos. Na primeira metade de 1929, a vida corria como se o 1928 ainda imperasse no calendário. Com a entrada do mês de julho e do frio, o panorama começou a se modificar.

Desde que Getúlio Vargas substituiu Borges de Medeiros no comando estadual, em 1928, o Rio Grande do Sul experimentava um período de calma. Vargas e Borges eram membros do PRR, a sigla que dominava o governo desde o advento da República. Aparentemente, a passagem do bastão indicava a troca de nomes e a manutenção no modo de condução dos assuntos estaduais. Ainda que fiel à cartilha partidária, Getúlio Vargas pertencia

---

<sup>117</sup> Requerimento 174 apresentado por Cyro à secretaria da Faculdade de Medicina.

a outra geração do PRR e, por essa diferença geracional, tinha uma visão administrativa distinta da de Borges de Medeiros. Vargas acreditava no fortalecimento das classes que dirigiam o Estado, independente das cores de seus lenços. Para que isso ocorresse, dois caminhos precisariam ser trilhados: o econômico e o político.

Em relação ao primeiro deles, foi criado, em junho de 1928, o Banco do Rio Grande, “um estabelecimento de crédito destinado a conceder empréstimos a juro baixo e prazo longo ao setor agropecuário”<sup>118</sup>. Com essas possibilidades de crédito, o governo auxiliava pecuaristas e agricultores que há muito capengueavam e gritavam por salvação. Vargas não tomava essas ações apenas para salvar a classe da bancarrota, também lhe interessava o capital político que os empréstimos renderiam. Libertadores e republicanos se encontravam na mesma situação e as medidas financeiras beneficiavam a todos. Se os dois lados saíam favorecidos, cogitar uma aproximação entre eles já não era algo absurdo.

Outra ação de Vargas, dessa vez, claramente política, ia ao encontro da até então improvável aproximação. Nos pleitos municipais, as vitórias oposicionistas começaram a ser respeitadas e os vencedores foram empossados – uma novidade no cenário gaúcho. O clima de aproximação dos contrários teve um de seus maiores lances em julho de 1929, no Congresso das Municipalidades. Esse “grande evento político”, organizado por Oswaldo Aranha, reuniu “intendentes de quase todos os municípios gaúchos, governistas ou oposicionistas” que “acorreram a Porto Alegre para discutir questões de interesse geral para o desenvolvimento e progresso do Estado”<sup>119</sup>. Durante o Congresso, os ressentimentos guardados por duas revoluções não gritaram mais alto. Os participantes do evento pertenciam e representavam a mesma classe. Seus interesses eram parecidos, o que os separava era a bandeira partidária. Pelas semelhanças, mais do que pelas diferenças, havia certo ambiente de união entre as facções.

União era justamente a imagem que Vargas, Aranha e o governo estadual queriam mostrar para o País. Na metade de 1929, as tratativas para a eleição presidencial de 1930 começaram a ganhar corpo. A política do “café com leite”, que alternava paulistas e mineiros na presidência, estava ameaçada, pois Washington Luís, representando São Paulo, não aceitava que Antônio Carlos de Andrada, presidente de Minas Gerais, o sucedesse. Sua preferência recaía em Júlio Prestes, outro paulista. O racha deixou aberta a chance para um candidato de

---

<sup>118</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: a economia e o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 26.

<sup>119</sup> ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito – 1928-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 88.

via alternativa, que tivesse boa base eleitoral e acenasse com a capacidade de apaziguar os ânimos nacionais.

O Rio Grande do Sul era, na época, a terceira força política do Brasil e não demorou para que o nome de Getúlio, com experiência na administração estadual, na Câmara Federal e no Ministério da Fazenda, fosse aventado. Além disso, sua fama de “pacificador”, consagrada no Congresso das Municipalidades, se espalhava. Se o homem conseguiu colocar lado a lado grupos acostumados a tratar suas divergências com sangue, poderia acalmar paulistas e mineiros.

O Partido Republicano Mineiro (PRM) apoiou Getúlio, já o Partido Republicano Paulista (PRP), sob o comando de Washington Luís, insistiu com Júlio Prestes, que acabou abençoado como concorrente oficial. Vargas nunca foi oposição em sua carreira e, a par dos meandros eleitorais da república – ele mesmo dera, com a caneta, a vitória a Borges em 1922 – sabia das poucas chances de sair vitorioso de um pleito. Depois de muitas confabulações de João Neves da Fontoura e de Oswaldo Aranha com mineiros, paraibanos e paulistas dissidentes, cartas, recuos e avanços, Getúlio aceitou ser o cabeça de chapa pela Aliança Liberal.

As eleições estavam marcadas para 1º de março de 1930, mas o clima de campanha chegou ao Estado muito tempo antes. Quando vieram as geadas de agosto e as chuvas de setembro, a Rua da Praia já fervilhava. Cyro presenciava tudo. Mais uma vez, seria “testemunha ocular da história”. Em 1929, Cyro não precisava que Bilo lhe contasse sobre a situação e lhe mandasse escolher um lado. Getúlio era seu candidato, pois o Partido Libertador não só aderiu a Vargas como se abraçou ao Partido Republicano Rio-Grandense na Frente Única Gaúcha. Ademais, aquela era a eleição de Cyro. Ele tinha 21 anos, morava em Porto Alegre, o centro dos acontecimentos, e via na eleição uma oportunidade para o Rio Grande do Sul e para si. De uma maneira ou de outra, seu sustento se ligava à elite que conduzia o Estado. Se os proprietários estivessem bem, vendessem bois e tivessem boas safras de arroz, os peões continuariam vivendo na campanha, comprando cachaça, fumo e feijão naquelas vendas localizadas entre uma fazenda e outra. Se as coisas se arranjassem, Bilo daria um jeito de se arranjar.

Assim como a maioria dos estudantes, aqueles que formavam o círculo próximo a Cyro, e ele próprio, se entusiasmaram com as perspectivas das eleições de 1930. Eles não tinham medo de abordar, na Rua da Praia, Oswaldo Aranha e João Neves, os principais articuladores da candidatura. Nem mesmo Getúlio escapava dos curiosos. Quando, depois do expediente, saía do palácio na Praça da Matriz, acompanhado de seu secretário João Pinto da Silva, e caminhava

pela Rua da Praia até a Livraria do Globo, para pegar seu exemplar da *Revista do Globo* ou escolher, nas prateleiras, algum título de autor francês, Getúlio era alvo de olhares interrogativos. Aquele baixinho com barriga saliente poderia apear os paulistas do Catete? Os jovens abordavam Getúlio no caminho ou na livraria e lhe questionavam sobre as chances de triunfo, sobre a vez do Rio Grande, mas Getúlio apenas lhes sorria, não dizia nem que sim nem que não. Sorria e deixava tudo em suspenso, mostrava que tudo poderia acontecer – inclusive a vitória.

Quais sensações Cyro experimentava quando se postava ao lado de um homem que poderia ser presidente do Brasil? Quanto orgulho invadia o peito de Bilo ao saber, pelas cartas do filho, que o rapaz vira Getúlio, lhe fizera perguntas? Era para buscar um lugar ao sol que Bilo custeava os estudos de Cyro. Nos encontros da Rua da Praia, mesmo que Getúlio não soubesse o nome de Cyro e não lhe confidenciasse os preparativos para a eleição, ao sentir o perfume do charuto de Vargas e ao demonstrar seu apoio, o jovem do Cerro do Marco já marcava sua posição e começava a aparecer.

Na metade final de 1929, não foi fácil conciliar a ebulição política com a maratona de estudos. O assunto das eleições estava em todos os lados e os exames das disciplinas do segundo ano do curso ocorreriam em março de 1930, pouco depois do pleito. Entre o final das aulas, em dezembro de 1929, e as provas, ainda havia o período de férias, novamente passadas em casa. Em meio à viagem longa, os dias de descanso temperados com leituras à sombra do umbu e de conversas com Bilo sobre a política, não havia ânimo para os estudos. Cyro convivera com anatomias e químicas durante nove meses de 1929, já devia conhecer suficientemente as matérias. Cyro também ajudava Bilo a conseguir votos para a chapa Getúlio Vargas e João Pessoa. Pelo clima de união das forças políticas do Estado, a tarefa não era tão difícil. No entanto, havia no ar o clima de expectativa da pré-eleição. No Rio Grande do Sul, o jogo já estava jogado, assim como em Minas Gerais e na Paraíba, os territórios que se juntaram na oposição. A dúvida se dava pelo que ocorreria nas outras partes da federação. Em fins de 1929, quando Getúlio leu seu programa de governo no Rio de Janeiro, a participação popular foi muito boa e fez crescer esperanças nos partidários da Aliança Liberal.

Ao voltar a Porto Alegre em março de 1930, a votação tinha passado, mas o resultado demoraria dois meses para ser divulgado. As contas preliminares indicavam a vitória do situacionista Júlio Prestes, mas, enquanto nenhum número oficial surgisse, não havia derrota. Por aqueles dias, Cyro teve que deixar a eleição de lado e se envolver com as avaliações da

faculdade. Em 6 de março, ele pediu, através de requerimento<sup>120</sup>, a inscrição nos exames de Anatomia Humana (parte 2), Química Orgânica e Biológica, Histologia e Fisiologia. Na mesma data, após pagar 443\$000 réis pela inscrição e as taxas, sua solicitação foi deferida. Nas provas realizadas durante o mês, seu desempenho foi, novamente, mediano, passando com “Simplesmente” em todas as matérias<sup>121</sup>.

O empenho de certos grupos de rapazes no episódio das eleições de 1930 não se limitava à pretensa “vez do Rio Grande”. O pleito era uma das frentes dos estudantes. Liderados por Waldemar Ripoll, acadêmicos do direito, da medicina e da engenharia aproveitaram a época para fazer suas reivindicações. Se a Aliança Liberal podia sacudir a República prestes a se tornar velha, unidos, eles conseguiriam balançar o sistema de ensino superior gaúcho. Entronchados nos centros acadêmicos do Direito e da Medicina, e na Federação Acadêmica, presidida por Ripoll, eles agitavam suas duas bandeiras principais: a formação de uma universidade e o auxílio, por parte dos governos estadual e federal, aos estudantes pobres. As faculdades com sede em Porto Alegre trabalhavam de forma autônoma, sendo o diretor sua maior autoridade. Elas ditavam suas próprias regras para admitir ingressantes e avaliar alunos. Por um lado, essa independência era positiva, pois cada uma delas contemplava uma área do conhecimento e poderia conduzir seu funcionamento da forma que mais favorecesse o curso; por outro lado, a administração fragmentada e a pouca ligação entre as faculdades impossibilitava acordos com órgãos federais ou estaduais que beneficiassem cursos, docentes e discentes.

As despesas que envolviam a entrada, a permanência e a conclusão de uma faculdade eram pesadíssimas. Para aqueles alunos que, como Cyro, vinham do interior, os gastos se tornavam ainda maiores. Além dos valores de inscrições, matrículas e requerimentos, taxas, materiais e livros, havia os custos de moradia e alimentação. Cyro era apenas um dos muitos que passavam dificuldades na capital. Por si e pelos outros, Cyro ingressava nos movimentos acadêmicos e lutava por mudanças.

Pela força de sua reivindicação ou por razões desconhecidas, em abril de 1930, a vida acadêmica de Cyro sofreu uma alteração decisiva. No primeiro dia daquele mês, Eduardo Marques, diretor de expediente da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, comandada por Oswaldo Aranha, enviou uma carta endereçada a Sarmento Leite, o então diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Nas poucas linhas da correspondência, lia-

<sup>120</sup> Requerimento número 51 apresentado por Cyro à secretaria da Faculdade de Medicina.

<sup>121</sup> Os graus atingidos por Cyro nas avaliações foram: Anatomia Humana (parte 2) – 5, Química Orgânica e Biológica – 4, Histologia – 5, Fisiologia – 4.

se a seguinte mensagem: “De ordem superior, solicito-vos a inclusão de Cyro dos Santos Martins no número dos gratuitos que essa Faculdade, por indicação do Governo do Estado, reserva a estudantes pobres”<sup>122</sup>.

Cyro era um aluno pobre e as palavras de Eduardo Marques não deixavam margem para interpretação: ele teria de entrar para a conta dos gratuitos. Sobre essas sentenças, não há dúvidas. Os questionamentos surgem de alguns pontos da carta e dos exteriores a ela. Quem deu a ordem superior, Oswaldo Aranha, João Neves da Fontoura ou Getúlio Vargas? Na hierarquia de poder, eram esses os nomes que estavam acima do de Marques, mas não é possível definir se foi esse ou aquele o dono da ordem. O tom político da solicitação precisa ser levado em conta. Um mês depois da eleição presidencial, um rapaz libertador que apoiou declaradamente a Frente Única e a Aliança Liberal recebia um benefício do Estado. O fato de Cyro não ter dinheiro suficiente para estudar fazia com que ele preenchesse o principal requisito para ganhar aquele tipo de “bolsa”. Porém, como chegaram ao seu nome? A Federação Acadêmica forneceu listas à secretaria? Cyro conhecia e convivia com alguém de tanta influência? A própria faculdade fazia um levantamento das condições financeiras de seus alunos? O bom comportamento ou as notas – não mais do que medianas – foram critérios de escolha?

Não é fácil chegar às respostas dessas questões. Nem mesmo Cyro, o aluno que recebeu a gratuidade de ensino, discorreu sobre o caso. Nas partes de *Para início de conversa* em que fala dos tempos de faculdade, aparecem os sacrifícios pessoais e familiares, os amigos, as dificuldades. Em nenhum momento do livro, Cyro diz que, a partir de 1930, não teve mais de pagar pelo curso<sup>123</sup>. O silêncio em relação ao fato aponta para dois caminhos: apesar da solicitação, a gratuidade não veio ou Cyro não queria comentar o assunto. A primeira hipótese não se confirma, pois os requerimentos feitos por Cyro de 1931 a 1933 trazem a informação de que as matrículas, assim como as inscrições para os exames finais, eram de graça. Depois de 1931, ele só precisou arcar com os custos das taxas menores. A segunda conjectura é a mais plausível, ainda que não existam muitas explicações para a atitude silenciosa de Cyro. Ele nunca teve problemas em lidar com sua situação financeira. Em diversas ocasiões, falou dela com naturalidade, orgulho e certo humor. Sua condição de bolsista não deporia contra ele em nenhum aspecto. Não tinha dinheiro e pretendia estudar, logo, poderia receber o auxílio e, nisso, não haveria nenhuma injustiça ou privilégio. O porquê de mais um silêncio é o que causa

---

<sup>122</sup> Correspondência encontrada no envelope 122 da FAMED.

<sup>123</sup> Em *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*, De Grandi e Silveira também não trazem comentários referentes ao caso.



estranhamento. Talvez – no caso, não é possível ir além das suposições –, Cyro não quisesse vincular sua história, sofrida, individual e batalhada, aos favorecimentos oriundos de um governo republicano e paternalista.

Independente dos caminhos que a carta de Eduardo Marques tenha percorrido para chegar à Faculdade de Medicina, é preciso salientar sua importância para a vida estudantil de Cyro. Após aquela correspondência, um grande alívio invadiu o rapaz e os outros membros do clã dos Martins. A possibilidade de ir até o final do curso se tornara real. De todas as despesas que recaíam sobre Bilo, a que se referia à Faculdade de Medicina era muito significativa. Sem ela, a situação não ficava folgada, mas melhorava.

O cenário político, por sua vez, ainda não melhorara. Cyro já estava matriculado no terceiro ano de Medicina e tinha pela frente aulas de Farmacologia, Patologia Geral, Microbiologia e Fisiologia (parte 2). Enquanto essas disciplinas se alternavam nos dias da semana, atravessavam março, abril e parte de maio, aos poucos, vinham novidades acerca da apuração dos votos da eleição presidencial. A vitória de Júlio Prestes era dada como certa, indicando não só a continuidade da política do café com leite, como o bom funcionamento do sistema eleitoral que privilegiava governistas.

Ninguém duvidava que a fraude correu solta em 1º de março e os números divulgados em 21 de maio só atestaram isso. Júlio Prestes atingiu 1.091.709 votos, Getúlio Vargas, 742.794. Esse foi o pleito mais disputado desde a Proclamação da República, em 1889, e o que contou com a maior participação popular. É claro que os vivos votaram tantas vezes quantas puderam e os mortos também foram convocados para optar. No Brasil da República Velha, os mortos sempre participavam e, em 1930, bateram seu recorde. As falcatruas ocorreram pela parte de situacionistas e oposicionistas. A chapa de Prestes ganhou em todos os Estados, com exceção de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Nesse último, Vargas levou quase todos os votos, incrivelmente<sup>124</sup>. Parecia que, em solo gaúcho, existia uma esmagadora unanimidade em torno de seu nome.

Diante dos números apurados, os partidários da Aliança Liberal não hesitaram em gritar que houve fraude. Repetia-se, na proporção nacional, o que se dera em 1923, no plano estadual. Roubada nas urnas, a oposição queria reparação. Isso, contudo, não viria de nenhum órgão

---

<sup>124</sup> No Rio Grande do Sul, Vargas conseguiu 298.627, Prestes apenas 982. Informação retirada de: ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito – 1928-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995, p. 108.

oficial, por motivos óbvios – estavam dominados pelos situacionistas. Se a vitória Liberal não poderia ser concretizada pelos meios legais, restava o apelo às armas.

Os meses que se seguiram a maio foram de conspiração em todo o Brasil. As tramas para costurar a revolução não eram feitas apenas às escuras, em segredo. Quem acompanhava a eleição e seus desdobramentos sabia que o clima pendia para a revolução. Cyro, os amigos e mais todos aqueles que caminhavam pela Rua da Praia à espera das sirenes do *Correio do Povo*, do *Diário de Notícias* e de *A Federação* sabiam que as confabulações cresciam, embora Getúlio, mais uma vez, ficasse com um pé atrás. Depois da derrota, um fato inédito em sua carreira política, ele se voltou para a administração do Rio Grande do Sul. Vargas sabia que, logo, enfrentaria problemas na função, pois Washington Luís e, posteriormente, Júlio Prestes arrumariam formas de boicotar o Estado por sua posição nas eleições. Essa conduta de Getúlio, que aparentava uma aceitação da derrota, no entanto, não fazia com que ele interrompesse a criação de conluios. Oswaldo Aranha e João Neves articulavam, abertamente, a criação de um movimento armado. Nessa tarefa, não contavam com o declarado apoio de Vargas, mas também não recebiam do chefe nenhum sinal vermelho. Assim, com altos e baixos, continuava a conspiração.

Esses momentos de alternância nos rumos revolucionários foram vividos por Cyro com intensidade. Se houvesse, aquela seria a revolução de sua geração, a sua revolução. Em 1923, era um menino. Em 1930, era um adulto, poderia pegar em armas e ir para as coxilhas. A ligação de Cyro com o movimento estudantil e com o seu líder, Waldemar Ripoll, fazia com que ele e os companheiros mais próximos dispusessem de informações preciosas. Eles tinham conhecimento, por exemplo, de que, em uma noite de julho, de modo clandestino, Luís Carlos Prestes visitara Getúlio na sede do governo e, depois de discordarem sobre a revolução e o pós-revolução, Prestes se negara a assumir qualquer posto que lhe oferecessem no movimento.

Cyro e os amigos também sabiam que, após a defecção de Prestes, o ânimo revolucionário sofreu um abalo e continuava vivo graças aos esforços de Aranha, Flores da Cunha, João Neves, os mineiros, os paraibanos e os paulistas dissidentes. O que Cyro não sabia era que, em outra noite de julho, enquanto caminhava de um lado para outro na Rua da Praia, as sirenes dos jornais apitariam e trariam a notícia do assassinato de João Pessoa, candidato a vice-presidente pela Aliança Liberal. O crime fora motivado por questões passionais, mas ganhou conotação política. A partir dessa interpretação, a morte de João Pessoa serviu de bandeira e de desculpa para o aceleração da revolução.

Cyro percebia o significado do episódio envolvendo o presidente da Paraíba. A bala que atingiu João Pessoa foi uma das mais decisivas da revolução. Em 1984, quando *Gaúchos no obelisco* foi publicado, Cyro mostrou a importância do 26 de julho de 1930 e as impressões sobre o evento vivido pouco antes dos 22 anos. Joãozinho Silveira, o personagem mais saliente da narrativa, era um homem natural de São João Batista do Quaraí. Filho de um pequeno criador, como o próprio Cyro, e rodeando os 30 anos, ele não tinha muitas perspectivas na campanha. A criação da Frente Única Gaúcha, a eleição de 1930 e a possibilidade de uma revolução lhe deram esperanças de que aquele era o momento no qual poderia se arranjar na vida. Para estar no centro dos acontecimentos, Joãozinho se muda para Porto Alegre, onde chega em 26 de julho<sup>125</sup>. Logo, ele se insere na multidão que perambula pela Rua da Praia em busca de notícias e discursos. Em frente ao Grande Hotel, Joãozinho ouve Flores da Cunha, Oswaldo Aranha e outros bradarem contra os assassinos de João Pessoa. Ali, escutando palavras inflamadas, Joãozinho se deu conta de que a revolução viria. Era só questão de tempo.

As descrições de *Gaúchos no obelisco*, principalmente aquelas que recriam o ambiente da Rua da Praia nos meses pré-revolução, mostram que Cyro participava do momento de ebulição. Ele não tinha nenhuma influência e não articulava nada. Ele era como Joãozinho, era mais um na multidão, um espectador, uma testemunha da história. O personagem, contudo, tem vaga noção do valor histórico dos episódios. Ele quer o estouro da revolução para ter novas oportunidades. Com Cyro, era diferente. Ele sabia do significado dos acontecimentos. Quando ouvia Oswaldo Aranha gritar, de uma das sacadas do Clube do Comércio, que, para escrever a história do Brasil, era preciso “molhar a pena no sangue do Rio Grande”<sup>126</sup>, o rapaz entendia que o País não seria mais o mesmo depois daquelas eleições e daquele tiro. As figuras retóricas de Aranha também mostravam para Cyro que a história era escrita com esperteza. Não era com uma jogada esperta que Aranha e outros conspiradores atiçavam o fogo “cívico” dos que se empolgavam com a revolução?

Cyro era um desses empolgados. Estava às portas da sua revolução. Seria como o pai, os avôs, os bisavôs. Viveria uma revolução, participaria o quanto pudesse, até lutaria, se tivesse coragem e chance. Do final de julho ao início de outubro, Cyro lidou com a empolgação, a expectativa e o medo. Durante esse tempo, os estudos foram deixados de lado. Tempos depois, ele afirmou que 1930 foi exclusivamente dedicado à conspiração<sup>127</sup>. Dentro desse ano, os meses

<sup>125</sup> MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. Porto Alegre: Movimento, 1992, p. 33.

<sup>126</sup> MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. Porto Alegre: Movimento, 1992, p. 50.

<sup>127</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 19.

que separaram a morte de João Pessoa e o 3 de outubro foram os mais intensos. Tudo era revolução, Rua da Praia, notícias, discursos, ovações, aplausos. O “Hino a João Pessoa” tocava em todas as partes da cidade. Nos encontros com os amigos nos quartos de pensão, a literatura ficava em segundo plano e o tópico preferido era a revolução. Waldemar Ripoll, dentre eles, o mais envolvido nas confabulações, era o principal informante do grupo. Através de Ripoll, sabiam do contrabando de armas do Uruguai e da Argentina, das adesões dos tenentes como Juarez Távora, João Alberto e Cordeiro de Farias, da aceitação de Góes Monteiro para a chefia armada do movimento, das contínuas hesitações de Vargas.

A participação de Ripoll nas tratativas da revolução era significativa. Como presidente da Federação Acadêmica, seu apoio à luta representava, também, o apoio de todo um conjunto de estudantes. Por essa representação, Ripoll tinha a responsabilidade de fazer o intercâmbio entre os articuladores da revolução e os acadêmicos. Ripoll também aproveitava o momento de agitação para encaminhar reivindicações estudantis. No final de setembro, ele e Cyro participaram “de uma assembleia na Biblioteca Pública do Estado pleiteando a fundação da Universidade do Rio Grande do Sul, em moldes federais e autônomos”<sup>128</sup>. Entretanto, a justa reivindicação encabeçada por Ripoll foi eclipsada pelos acontecimentos dos primeiros dias de outubro.

Não foi por acaso que, no início da manhã de 3 de outubro, o engajado Ripoll visitou as pensões pelas quais os estudantes se espalhavam. Ele era um dos encarregados de avisar, para os simpatizantes do movimento, o horário de início do conflito: 17h30min. Cyro ouviu a comunicação do amigo enquanto mateava. Ele suspeitava que a coisa aconteceria por aqueles dias, mas não tinha certeza de nada. As ações em Porto Alegre se dariam na Rua da Praia e no Menino Deus, locais onde havia agrupamentos do Exército. Cyro não tinha nem mesmo um canivete para pelear. Sem armas, não derrubaria governo nenhum, mas poderia ir até o centro para testemunhar o enrosco. Afinal, revolução não era espetáculo que acontecesse “todos os dias, e ainda mais aquela, que prometia ser histórica”<sup>129</sup>.

Cyro fez o que estava ao seu alcance. Junto com o amigo Oneron Dornelles, caminhou até um “vão de porta” da Rua da Praia. De lá, avistavam os quartéis do Exército e da Brigada Militar. No espaço que separava as duas organizações, se passariam os momentos decisivos. Os dois rapazes pretendiam se juntar aos brigadianos e aos civis que se reuniam no quartel. O

---

<sup>128</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 23.

<sup>129</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 25.

problema era que, assim como Cyro, Oneron não carregava armas e, apenas “com a bravura da alma gaúcha”, não adiantaria nada. A melhor opção era ir até a Praça da Alfândega e esperar os lances. A revolução, porém, não deixou que os dois jovens chegassem à praça.

Os brigadianos saíram do seu quartel e marcharam até a frente da sede do Exército. Em uma manobra rápida, os policiais e, atrás deles, os civis, comandados por Flores da Cunha, invadiram as instalações do Exército. Depois de rápido tiroteio e oito mortos, os rebeldes triunfaram. “Em cinco minutos, decidiu-se a revolução de 30”<sup>130</sup>. Essa foi a sentença de Cyro sobre o episódio tão tramado e tão esperado. É claro que Cyro se referia somente aos eventos de Porto Alegre. Na capital, além do tiroteio mais longo no Menino Deus, as coisas foram facilmente resolvidas. No cenário nacional, ainda havia pendências e, por isso, a revolução não era, de todo, vitoriosa.

Naquele 3 de outubro, Cyro não foi só espectador. Durante a noite, em meio à adrenalina da luta, ele visitou Waldemar Ripoll. O amigo fora nomeado chefe da repartição de Correios e Telégrafos, um papel chave no momento. Quando da visita, Ripoll incumbiu Cyro de uma tarefa: entregar, nas mãos de Oswaldo Aranha, um telegrama. Cyro considerou a missão “honrosíssima”. Não importava se atuasse como menino de recados. Importava que, de alguma maneira, fazia parte dos acontecimentos. Caminhando ao encontro de Aranha, no Palácio Piratini, Cyro ia “convicto de estar prestando um serviço à Revolução”<sup>131</sup>. Não havia dificuldades na missão e ele conseguiu cumpri-la. Dela, restou a lembrança de Aranha: “ele veio ao meu encontro, com o seu eterno cigarro no canto da boca e no mesmo instante leu a mensagem e despachou o mensageiro”<sup>132</sup>. Foi a única vez que Cyro viu, “de perto”, o político.

A Revolução de 1930 ainda não era a revolução de Cyro. Durante os embates de 3 de outubro, ele não foi mais do que aquilo que costumava afirmar ser – “uma testemunha ocular da história”. Por mais que valorizasse o breve contato com Oswaldo Aranha, Cyro não participara, efetivamente, de nada. Ele não pretendia ser apenas testemunha, queria ser ator. Foi com essa intenção que, pouco depois da eclosão do conflito, Cyro se alistou como voluntário para combater as forças que resistiam à revolução.

Após o alistamento, começaram os dias verde-oliva de Cyro. No início, a farda era trajada nas caminhadas pela Rua da Praia e a única coisa enfrentada pelo rapaz eram os olhares

---

<sup>130</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 26.

<sup>131</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 26.

<sup>132</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 26.

admirados das moças. O cenário, porém, logo mudaria de cores, pois os voluntários teriam de brigar. Dessa vez, Cyro não veria o tiroteio de um vão de porta. Ele precisaria pegar em armas. É claro que Cyro quase não tinha preparação para a luta. Seu treinamento militar se limitava às noções aprendidas durante o Tiro de Guerra, nos tempos do Colégio Anchieta. Para fazer a revolução e derrubar o governo federal, não havia outro jeito. Mesmo sem experiência, com trajes e espingardas emprestados, Cyro e os companheiros subiram “nuns ônibus caindo aos pedaços”<sup>133</sup> e iniciaram a jornada que deveria terminar em Itararé.

Já em Viamão, muito perto de Porto Alegre, Cyro experimentou as agruras da vida revolucionária. O desconforto do transporte era só a primeira etapa. Não havia nenhuma certeza de que aqueles ônibus chegassem ao interior de São Paulo. Entre Viamão e Osório, o barro foi um inimigo valente – e quase vencedor. As estradas se encontravam em petição de miséria e seria necessário mais do que uma revolução para arrumá-las. No caminho que levava Osório a Torres, cidade no limite entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não eram percebidas muitas melhoras e o ônibus continuava a peludear. O medo daqueles voluntários não era o de morrer à bala, mas o de que a próxima curva do ônibus fosse, também, a última.

Nas estradas embarradas, Cyro se ombreava com os familiares que, em um momento ou outro, lutaram. Paulino, o pai de Bilo, fora veterano da Guerra do Paraguai e atingira o posto de tenente. Mário de Oliveira, o primo por parte de mãe, morrera em 1923, tentando derrubar Borges de Medeiros. Na família, não era novidade que alguns de seus membros participasse de correrias. 1930 era a vez de Cyro. No entanto, muitas coisas separavam-no dos antepassados. Entre eles, havia distâncias significativas. Enquanto os outros iam, a pé ou a cavalo, para as coxilhas, Cyro ia, de ônibus, para o litoral. Os tempos mudaram e os modos de brigar também. Não era apenas a modernização das maneiras de lutar que afastava Cyro dos familiares que o precederam. Cyro fazia um caminho contrário. Os de antes, internavam-se nas coxilhas do interior do Estado, no Uruguai ou na Argentina. Os conflitos se davam na campanha, o espaço primordial na vida dos gaúchos. A revolução de Cyro não acontecia nesse lugar. Ele ia em direção ao litoral, ao espaço primordial do Brasil. Nesse movimento, ficava evidente não só o distanciamento de Cyro em relação aos antepassados, mas também o caráter nacional do conflito.

Para Cyro, a Revolução de 1930 teve dois pontos culminantes. O primeiro deles foi o amanhecer presenciado na estrada Osório-Torres. Aquela alvorada não era a mesma do pampa.

---

<sup>133</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 27.

As vidas e as cores que surgiam junto com o sol do litoral eram diferentes das que surgiam com o sol da campanha. A Revolução de 1930 poderia balançar os rumos do País quando forças governistas e rebeldes se encontrassem na batalha de Itararé. Cyro não precisou chegar tão longe para se sentir balançado. Na praia de Torres, ele conheceu o mar. Cyro não conseguiu dormir por causa do barulho que vinha das águas e passou a noite em claro, “pasmado com o vozeirão mitológico do monstro”<sup>134</sup>. Aquela infinidade de água era assustadora, principalmente para ele, que não se atrevia a nadar nem mesmo no Rio Quaraí.

Os voluntários iam para Itararé no transporte que estivesse mais à mão. Já os graúdos, usufruíam do Trem da Vitória. Getúlio Vargas e um séquito ocupavam os vagões que se locomoviam do Rio Grande do Sul a São Paulo. Cyro e os companheiros enfrentavam barro pelo caminho. Os passageiros do Trem da Vitória degustavam uísque, recebiam aplausos, festejos e banquetes. Nem todos poderiam chefiar o movimento e, embora a aura libertadora da revolução, era preciso manter a distância entre os que mandavam e os que eram mandados.

Como Cyro, muitos jovens se deixaram levar pelas águas da revolução. Eles tinham poucas ideias sobre o que lhes aconteceria. Vibração cívica, vontade de derrubar a República Velha, ambições pessoais, não interessava. Cada um tinha seu motivo para embarcar naquela história. Será que, em algum momento, pensaram queteriam de lutar e correr riscos de vida? No começo de tudo, é provável que sim. Depois, a revolução ganhou tanto corpo e tantos contornos de festa que a possibilidade de luta começou a se desfazer.

A Batalha de Itararé prometia ser uma das mais sangrentas da história do Brasil. Prometia, mas não foi e não foi porque não houve. Enquanto, em Itararé, as forças rebeldes e governistas se miravam à distância, acampadas frente a frente, no Rio de Janeiro, em uma das salas do Palácio do Catete, o Cardeal de Arco-Verde, apoiado pelas espadas dos militares, convencia Washington Luís a deixar o governo escondido, pela porta dos fundos e em um carro escuro. A santa madre igreja não permitiria que o sangue dos bons católicos brasileiros fosse derramado em vão. Além disso, no Brasil, as revoluções se resolviam em salas e gabinetes, com conversas e acordos ao pé do ouvido.

Quando a República Velha caiu, Cyro também estava protegido pela igreja. Ele só fez a metade do caminho para Itararé. Em Florianópolis, ele e outros quatro voluntários acamparam em uma sacristia. Era 24 de outubro de 1930 e, lá, entre duas camas, uma mesa, crucifixos, espingardas e quadros de bispos, eles descobriram que venceram a revolução sem dar um tiro.

---

<sup>134</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 27.

Depois da vitória, Cyro e os voluntários da igreja permaneceram em Florianópolis por “uns quantos dias inúteis, trocando pernas”<sup>135</sup>. Eles não estavam entre os que viajariam até o Rio de Janeiro para testemunhar a posse de Vargas e dividir os despojos da revolução. Para eles, não sobrariam cartórios ou empregos em postos federais. Seu destino era a volta a Porto Alegre, nos mesmos ônibus quebrados, pelas mesmas estradas lamacentas. Com Getúlio Vargas ou Washington Luís no poder, a rotina de Cyro tinha de voltar ao normal. Os estudos e as leituras andavam atrasados e ele também precisava escrever para o Cerro do Marco e contar a Bilo, que devia andar seco por notícias, as “aventuras” da revolução.

Na primeira quinzena de novembro, em Porto Alegre, o ano letivo se encaminhava para o fim. Alunos de muitos cursos haviam deixado as aulas para viver a revolução e isso teve uma consequência. A época dos exames não era em novembro, mas muitos acadêmicos reivindicavam que a revolução os atrapalhara no momento de preparação para as avaliações. O novo governo não deixaria em dificuldades uma das classes que mais lhe prestara apoio. Pelo decreto número 19.404, de 14 de novembro de 1930, Vargas e a República Nova aprovaram todos os estudantes de curso superior no País. A maioria dos alunos aceitou a aprovação – o número do decreto aparece, inclusive, no histórico escolar de Cyro. Uns poucos, como Waldemar Ripoll, não aceitaram a imposição do decreto e prestaram exames. Ripoll não admitia que, na República Nova, as práticas da Velha reinassem.

Cyro tinha consciência da continuação dessas práticas e, pelo que escreveu em relação ao assunto, no texto “República nova”, não concordava com elas: “os conchavos e favoritismos da velha república se instalaram sem cerimônia na rotina da nova”<sup>136</sup>. Ainda que não comungasse com o decreto, Cyro não tomou a mesma atitude de Ripoll e aceitou a aprovação assinada por Vargas. Talvez, depois da experiência revolucionária, Cyro quisesse visitar logo o Cerro do Marco, se refazer das dificuldades passadas na viagem e nas pensões. Há tempos ele prestava exames e continuaria a prestar por mais alguns anos. Não seria tão ruim ser aprovado daquela vez. Afinal, ele fora um revolucionário e a recompensa não se mostrava de todo injusta.

Naquelas férias, o principal tópico das conversas com Bilo foi a revolução e nem poderia ser diferente. O pai de Cyro era um homem de paz, que não pegava em armas e que acreditava que aquelas correrias atrapalhavam os negócios. Apesar desse pensamento, Bilo não reprovou as atitudes do filho. Pelo contrário, seu guri tinha ideais de liberdade – herdados do pai,

---

<sup>135</sup> MARTINS, Cyro. 3 de outubro. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 27.

<sup>136</sup> MARTINS, CYRO. República nova. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 29.



naturalmente – e lutava por eles. Mesmo que Cyro não tivesse tomado parte em nenhuma briga, se colocara à disposição da causa e mostrara coragem. Isso já era o suficiente.

Os caminhos que levaram à Revolução de 1930 e que surgiram depois de sua eclosão foram abordados por Cyro em algumas partes de *Mensagem errante* e em *Gaúchos no obelisco*. Sua participação no conflito, ainda que muito apagada, influenciou no tratamento do episódio. Contudo, o que mais pesava quando Cyro refletia sobre a revolução era o seu papel de testemunha da história. Em relação a 1923, ele já fizera o mesmo. 1930 era um evento sobre o qual ele tinha maior domínio, pois o vivenciara de outra forma e acompanhara todos os seus desdobramentos. Não foi à toa que, anos mais tarde, nas comemorações do cinquentenário da revolução, Cyro recebeu convites para proferir, em seminários, seu depoimento testemunhal<sup>137</sup>.

De entusiasta da revolução, Cyro passou a crítico. Já em 1931, com a vida de estudante e leitor incluídas na normalidade, ele e muitos dos que viam, no tumulto, uma possibilidade de quebra no viciado sistema político brasileiro estavam desiludidos. A revolução proporcionou a troca de nomes e a mudança no modelo de administração do Estado, mas ainda muitos ficavam distantes das grandes decisões. Getúlio Vargas, como bom herdeiro de Borges de Medeiros, tinha se apegado ao poder e, após assumir “provisoriamente” a presidência, com faculdades ditatoriais, não se preocupava em convocar eleições ou um novo processo constituinte.

Cyro percebia que a política nacional rumava para uma época na qual a participação popular seria deixada de lado. Entre os amigos e nos debates com Ripoll, Cyro criticava o governo e seu chefe, mas, em março, seus interesses precisavam se direcionar para o curso de Medicina, que entrava na segunda metade. Através do requerimento de 31 de março de 1931<sup>138</sup>, Cyro se matriculou nas disciplinas de Técnicas Operacionais e Cirurgia Experimental, Anatomia e Fisiologia Patológicas e nas clínicas Médico Propedêutica, Cirúrgica, Otorrinolaringológica e Sifiligráfica, sendo que as três últimas não tinham avaliação e exigiam apenas a presença. Nesse ano, Cyro precisaria estudar, pois não haveria outra revolução que o salvasse dos exames.

Não fossem as mudanças políticas e a nova etapa do curso, a vida de Cyro poderia ser confundida com aquela de antes de julho de 1929. Continuava a rotina das aulas, das leituras, dos grupos de amigos, dos quartos de pensão e do aperto financeiro. No horizonte de Cyro, apareciam, de maneira tênue, os temores em relação à carreira médica. Quando se formasse, e

---

<sup>137</sup> Um dos eventos que contou com a participação de Cyro nesses eventos foi o Seminário sobre a Revolução de 1930, ocorrido em outubro de 1980, na UFRGS.

<sup>138</sup> Requerimento 191 apresentado por Cyro à secretaria da Faculdade de Medicina, que confirma a gratuidade do curso.

a formatura se aproximava cada vez mais, Cyro voltaria para Quaraí. Nisso, ele não se diferenciava muito dos companheiros de geração. Aqueles jovens vindos do interior se aguentavam na capital até receberem o canudo. Depois, iam para casa e buscavam se inserir na vida municipal. A maioria deles não tinha condições de abrir consultório em Porto Alegre e concorrer com os médicos que já atuavam na cidade. A boa clientela, com condições de pagar por consultas e serviços, também não daria grandes chances para aqueles guris que ainda cheiravam a faculdade. A melhor saída era voltar, aproveitar a família grande, os conhecidos, os amigos e angariar alguns clientes. Além de a terra natal lhes oferecer mais espaço para crescer – dentro dos limites de uma cidade pequena, é claro –, lá, eles poderiam arranjar uma noiva, um casamento favorável, um início de carreira política.

Cyro tinha alguns conhecidos que retornaram. Ele próprio sabia que teria de fazer o mesmo. Se já era difícil manter-se em Porto Alegre como estudante, morando e comendo mal, como médico e com um consultório, seria muito pior. A volta ao Cerro do Marco assustava Cyro. Após tantos estudos e tantas leituras, o que ele faria em casa? Como praticaria a medicina naquele canto do interior? Como continuaria a escrever e a ler? Unia-se a essas questões o peso que caía sobre os ombros de Cyro. Ele era a esperança da família. Bilo e Felícia acreditavam que, com Cyro médico, a situação melhoraria e o dinheiro começaria a entrar. Eles deviam pensar o mesmo em relação a Ivo, mas o filho mais velho demoraria a se formar e já tinha outra vida em Porto Alegre, além de estar bastante envolvido com o jornalismo esportivo. Cyro também tinha sua vida, mas ela não era tão descolada da família, pois ele dependia totalmente do dinheiro que vinha do Cerro do Marco.

Ademais, na metade do curso de medicina, Cyro não encontrara seu caminho. Ele se sentia atraído pela clínica geral, área significativa para seus passos dentro da profissão. Quando voltasse a Quaraí, seria através dela que viveria. Lá, não poderia escolher clientes ou casos, precisaria abraçar tudo o que aparecesse. Nesse provável cenário, a clínica geral seria de grande ajuda. Outros aspectos da carreira, porém, não o fascinavam. A cirurgia era um deles. Não tinha habilidade e não conseguia se “imaginar com um bisturi nas mãos”<sup>139</sup>.

Em 1931, no início das aulas, Cyro carregava dúvidas, medos e não tinha certeza de nada. Nos encontros com os amigos, surgiam as perguntas sobre o futuro. Eles não se reuniam apenas para falar de literatura e de política. Todos andavam pela casa dos vinte anos e outros assuntos chamavam sua atenção. Entre um mate e outro, conversavam sobre meninas, sobre raras visitas à Rua da Ponte, sobre a volta para casa, sobre o receio de nunca melhorarem de

---

<sup>139</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 44.

vida. Talvez tenha sido depois de uma dessas reuniões, depois de ter falado o quanto estava perdido em relação aos seus rumos, que Cyro recebeu, de Waldemar Ripoll, o livro *A criação esthetica e a psycanalise*, de Martim Gomes, publicado, no ano anterior, pela Editora Globo. Ele ouvira de alguns colegas que o professor de Medicina Legal, Celestino Prunes, se valia “inteligentemente da cátedra para difundir entre os estudantes de medicina a teoria psicanalítica”<sup>140</sup>. Cyro, no entanto, não fora aluno de Prunes e o livro emprestado por Ripoll foi o responsável por abrir uma nova estrada para o jovem.

Novamente, um dos amigos foi responsável por um evento importante na formação de Cyro. Eles já tinham lhe apresentado autores dos quais Cyro se tornaria leitor dedicado – Enrique Rodó, Raul Bopp – e incentivavam-no a continuar escrevendo. A parceria, contudo, não parava por aí. Augusto Meyer, por exemplo, sabendo da admiração de Cyro por Alcides Maya, levou o amigo a um quarto do Hotel Majestic para conversar com o criador de *Ruínas vivas*. O encontro foi marcante, pelo menos para Cyro. Na frente do rapaz, estava o escritor de sua juventude. Quantas vezes, nas férias passadas no Cerro do Marco, Cyro pensara nas palavras daquele homem, nos tipos desfavorecidos que ele colocou em cena? Quantas vezes, nas noites mal dormidas nas camas de pensão, Cyro travou diálogos imaginários com o grande Alcides Maya? Quantas vezes Cyro pensou em dizer ao velho Alcides que Miguelitos existiam e que ele os conhecia?

Não foram poucas essas vezes, e, num dia despretenso, Augusto levava-o até o mestre. Estava ali o sonho. Cyro tinha muitas coisas para contar e perguntar a Alcides, contudo, dentro daquele quarto, com os olhos de Maya fixos nele, o nervosismo vencia. Todas as conversas imaginadas minguavam e fugiam. Cyro não poderia falar sobre qualquer assunto com Alcides. Na frente do jovem, não se postava um homem, mas uma instituição. Alcides Maya era o regionalismo, a ensaística, o jornalismo, o intelectual na sua mais profunda concepção. Diante de todo esse monumento, Cyro era um guri metido a leitor que se aventurava em escrever umas historietas de fundo regionalista. Entre os dois, havia um abismo. Esse abismo, porém, não impediu que Alcides Maya desse conversa àquele jovem. A pauta, naturalmente, era a literatura. Alcides tecia críticas a Flaubert e Cyro murmurava envergonhadas defesas. Não era fácil discutir com a instituição, ainda mais com uma instituição lida e articulada como Alcides Maya.

---

<sup>140</sup> MARTINS, Cyro. Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-rio-grandense. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 126.

Augusto Meyer era pouco mais velho do que Cyro e já andava pelas rodas literárias com desenvoltura. Para Cyro, um aspirante a escritor, era favorável que mantivesse aquela amizade. A relação não se baseava no interesse, pois eles se conheciam desde antes da ascensão de Augusto. A posição relevante do amigo não atrapalharia Cyro em nada, até poderia ajudá-lo, e era saudável – se for relevado o fato de que ambos experimentavam bons cigarros crioulos.

Outra boa amizade para Cyro era a de Aureliano de Figueiredo Pinto. Acadêmico de medicina e dez anos mais velho do que ele, Aureliano não fazia parte das rodas da Livraria do Globo, mas possuía notável capacidade para falar, “sem pose” e sem “palavras inúteis”<sup>141</sup>, sobre literatura. Essa capacidade era apenas uma das qualidades apreciadas pelo amigo mais novo. Aureliano também tinha um lado solidário que marcaria Cyro profundamente. Como muito dos estudantes que moravam em Porto Alegre, Aureliano vinha do interior, da região das Missões. Ao contrário da maioria dos companheiros de Cyro, Aureliano não passava tantas dificuldades na capital. Ele pertencia a uma família abastada, residia em uma boa pensão e nunca estava de bolsos vazios. Aureliano sabia que Cyro não vivia em uma situação parecida com a dele e, por isso, não hesitava em convidá-lo, principalmente aos domingos, para comer os saborosos bifés do Mercado Público. Aqueles bifés patrocinados pelo Aureliano eram a melhor refeição que Cyro fazia na semana e, sem eles, o caminho até a formatura teria sido mais íngreme. Além disso, Aureliano era o amigo dos momentos difíceis, a pessoa certa para conversar quando um daqueles companheiros partia muito jovem<sup>142</sup>.

Em *Mensagem errante*, de 1944, Cyro representaria a generosidade dos amigos no personagem de Gastão. Depois de formado em direito, Gastão voltou para sua cidade, na região das Missões, e, às vezes, por assuntos profissionais e médicos, visitava Porto Alegre. Essas visitas se mostravam muito lucrativas para aqueles que ainda estudavam na capital: lautas refeições, boa conversa, tangos e, até mesmo, umas doses de uísque. Na segunda parte do romance, intitulada “A capital”, Carlos, o estudante de medicina que se assemelha a Cyro em vários aspectos, aproveita, por uma noite, a companhia e as ações de Gastão. Porém, nota-se que Carlos, ao ouvir a orquestra do cabarezinho entoar “La cumparsita”, percebe o fato de que uma noite como aquela é uma ilha, um lance isolado no seu caminho de misérias.

O episódio criado por Cyro anos após a formatura é significativo. Embora se juntassem em grupos e fizessem o máximo para se ajudar, aqueles estudantes viviam, na verdade, sozinhos. Cada um tinha suas agruras e elas retornariam depois de uma noite de bifés a cavalo

<sup>141</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 46.

<sup>142</sup> Em *Para início de conversa* (1990, p. 35-36), Cyro conta como as conversas com Aureliano foram importantes para que Cyro tentasse entender a morte do Chico Maciel, aos 21 anos, por uma apendicite aguda.

e de uísque. Noites assim eram anormais em suas vidas. O normal voltaria com a luz do dia, com o chimarrão de erva lavada, com as laranjas de umbigo, com o cigarro fumado a prestações, com o almoço ralo da pensão. O instinto de sobrevivência fazia com que eles se aproximassem, se reunissem em grupo e tentassem diminuir o peso da pobreza. No entanto, quando a fome realmente apertasse e a banca de avaliação sorteasse o ponto para o exame, eles estariam sozinhos e, então, seria cada um por si.

Certos desejos da juventude marcariam Cyro por um bom tempo. Não era somente a “fome de carne” que ficaria encravada nas suas vontades – a de uísque também. Ele e os companheiros não tinham dinheiro para o básico, mas isso não os impedia que desejassem coisas inalcançáveis. A garrafa de White Horse que brilhava na vitrine do bar do Hotel Majestic era o símbolo da distância entre ele e a sociedade. Para chegar ao outro lado do vidro, havia muita estrada. Enquanto ela não fosse percorrida, era preciso reprimir o desejo, bater continência à garrafa e seguir caminho.

Depois da ebulição de 1930, 1931 transcorreu sem sobressaltos. Até mesmo por isso, a participação política de Cyro não foi tão intensa. Houve, porém, um evento e ele seria importante para Cyro. Quando um novo outubro chegou, a Revolução fez aniversário e, no Rio Grande do Sul e no Brasil, estouraram comemorações. As festividades não significavam que todos estavam abraçados ao regime. Vozes discordantes surgiam em muitos lados e Cyro estava entre elas. No Theatro São Pedro, em outubro de 1931, Cyro reviveu seus dias de oposição e, falando em nome dos estudantes, discursou contra as medidas do governo provisório chefiado por Getúlio Vargas. Flores da Cunha, o interventor estadual nomeado por Vargas, estava na plateia, mas não deu ouvidos e não se importou com as palavras daquele rapaz. Afinal, um acadêmico como Cyro não representava nenhuma ameaça ao regime que se apoiava na Brigada Militar, no Exército e no restante da máquina pública.

Tirando o discurso no São Pedro, restava a Cyro o desafio dos exames, prestados no final do ano. Nas clínicas Cirúrgica, Otorrinolaringológica e Sifiligráfica Cyro foi aprovado por ter obtido a frequência necessária. Em Clínica Médica Propedêutica, atingiu sua maior nota no curso de Medicina – 8 –, já em Técnicas Operacionais e Cirurgia Experimental, Anatomia e Fisiologia Patológicas, se manteve na média, conseguindo 5 na primeira e 6 na segunda.

As férias de 1931 para 1932 não se diferenciaram muito das outras que passara no Cerro do Marco: comida, descanso, leitura, conversas com Bilo. Esse último ponto diz muito a respeito do relacionamento de Cyro com a família. O rapaz chegava em casa, beijava a testa da mãe, via como a Perfeita estava e, depois, o foco era o pai. Cyro lia as notícias dos jornais para

Bilo, observava seu trato com os clientes da venda, passeava com o pai e ouvia suas histórias. Os passeios pela invernadinha, que contava com mais ou menos cinco quadras, eram feitos a cavalo. Pai e filho saíam para camperear, olhar o campo e verificar se algum dos bichos não estava pesteado. Bilo “não era um campeiro, no sentido cheio do termo”<sup>143</sup>. Ele conhecia as lidas, mas era, na essência, um homem de balcão. Cyro também não era um campeiro no “sentido cheio do termo”. Havia doze anos que seu contato com aquele tipo de trabalho se dava nos períodos de férias. Ele poderia saber do trato com os animais pelo que ouvira e vivera quando guri. Na prática, contudo, não ficava muito longe de Bilo. Os dois cavalgavam pela invernadinha como patrões, mas o serviço era feito, mesmo, por empregados como o João Martim, que conhecia a prática do campo.

Se não laçavam, não marcavam e não curavam bicheira, o que faziam aqueles dois, troteando pela campanha? Faziam o que mais sabiam: falavam. Em *Para início de conversa*, Cyro contou o fundamental sobre os passeios: “Pois lá nos íamos os dois, proseando, percorrendo a invernadinha, mas costeando o aramado”<sup>144</sup>. A única coisa que corria livre naquelas cavalgadas era a conversa. Pai e filho não se aventuravam por todos os espaços da invernada, não se soltavam pelo campo, andavam “costeando o aramado” para não se perderem e encontrarem o caminho de volta. Aquele espaço era amado por eles, mas nenhum dos dois tinha capacidade de dominá-lo. Eles eram de outros pagos – do balcão, dos bancos acadêmicos.

O sentimento de pertencerem e, ao mesmo tempo, não pertencerem ao campo e as suas lidas aproximava Bilo e Cyro. As pessoas e as histórias eram as maiores responsáveis pela ligação do pai e do filho com a campanha. Os ensinamentos que Bilo deixara para Cyro não eram, justamente, aqueles sobre o proceder das pessoas, das pessoas que viviam naqueles pedaços do pampa? Bilo não aprendeu acerca delas laçando ou carneando gado. Ele aprendeu no balcão, usando suas armas principais: a fala e a audição. Quando cavalgavam pela invernadinha, Bilo falava das pessoas e de suas histórias. Cyro era um jovem sedento por histórias e sua afinidade com a literatura demonstra isso. Bilo contava-as bem e prendia a atenção do filho. Talvez venha daí uma das explicações para a fascinação de Cyro pela figura do pai. Cyro não afirmou, em nenhuma linha de sua produção, que a mãe lhe contava causos. Felícia estava sempre envolvida com costuras, comidas e cuidados da casa. Era uma mulher prestativa e prática. Enquanto o marido e o filho andavam a cavalo pelo campo, ela estava em casa, dando um jeito nas roupas brancas de Cyro, arrumando suas calças com os fundilhos quase

<sup>143</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 75.

<sup>144</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 75.

transparentes. Na memória do rapaz, do homem e do velho, não foi a praticidade da mãe que ficou. Ficaram as lembranças conversadoras do pai. As histórias sempre foram mais marcantes do que as panelas e as agulhas.

Por mais passeios que trouxessem, as férias acabavam. Na cabeça, iam os novos causos do pai. Na mala, as roupas remendadas pela mãe. Do trabalho de ambos, Cyro levava uns poucos cobses que dariam para ingressar em uma nova pensão – provavelmente pior do que a do ano interior – e pagar umas poucas taxas da Faculdade de Medicina.

Na quinta série do curso, ele precisou enfrentar sete disciplinas. Higiene e Medicina Legal exigiam apenas a presença. Já Terapêutica Clínica, Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas, Clínica Cirúrgica, Clínica Médica e Clínica Urológica terminariam com exames. O ano não se mostrava fácil e o elenco de disciplinas indicava que os estudos seriam puxados. As caminhadas pela Rua da Praia teriam de ser reduzidas e limitadas ao *footing* do final de semana. A participação nos grupos de leitura e discussão também diminuiria. Cortar esses pequenos prazeres era necessário. Cyro não passara tanto trabalho para chegar ao quinto ano e se entregar. Por outro lado, ele precisava começar a se distanciar de certos hábitos. Depois de 1932 e 1933, ele teria de voltar para casa. Em Quaraí, não haveria a Rua da Praia e nem o grupo de amigos.

Aliás, a separação dos amigos ocorria todos os anos. Geralmente, Cyro era o mais novo da turma e, dezembro após dezembro, via os companheiros se formarem e partirem. Aureliano e Ripoll já tinham ido. O primeiro se bandeara para a propriedade dos pais, nas Missões. Estava praticando a medicina e ainda escrevia. Em relação ao segundo, não se sabia muita coisa. Ripoll decidiu não exercer a advocacia. Após a formatura, enveredou pelo jornalismo e por periódicos da oposição – como o *Diário de Notícias*. Em 1932, a veia oposicionista de Ripoll pulsava com mais força e, por boa parte do ano, ele se envolveu em conluios. Junto a Borges de Medeiros, Batista Luzardo e setores paulistas descontentes com a política varguista, Ripoll conspirava a fim de derrubar o governo e convocar uma nova constituinte. É claro que suas ações se reduziam ao cenário do Rio Grande do Sul, mas ele já ganhava fama no painel oposicionista.

Cyro compartilhava de muitos dos pensamentos políticos de Ripoll e torcia pela vitória do movimento. Dessa vez, no entanto, Cyro não pretendia ser um revolucionário. A primeira experiência não fora das melhores e das mais aventureiras. Agora, ele também precisava direcionar suas forças para a reta final do curso. Mesmo que a administração estadual tivesse mudado depois de 1930, em 1932, Cyro continuava a usufruir da cota destinada aos alunos pobres. No final de 1931, ele já discursara contra o governo na frente de Flores da Cunha.

Naquela ocasião, nada acontecera ao rapaz, mas conspirar e tentar lutar eram outros atos, mais perigosos. Talvez, por pensar mais em si do que na política estadual e nacional, Cyro observou o episódio com uma certa distância. Sua atitude não se mostrava absurda era compreensível. Ele tinha de se preocupar, em primeiro lugar, com a sua vida e a sua carreira. Do pensamento inicial, derivavam outros, ligados à família. Os Martins – e Bilo antes de todos, colocavam muita fé no seu futuro profissional. Cyro, formado médico, poderia figurar como a solução para os problemas financeiros que afligiam o clã.

Quando, em julho de 1932, estourou a Revolução Constitucionalista, Cyro não se inscreveu como voluntário, mas torceu pelo movimento. Se acreditasse em Deus ou na religião, ele até teria rezado para que tudo desse certo e, na hora decisiva, Flores da Cunha se inclinasse para o lado dos revoltosos. Cyro, porém, não rezava e, mesmo se fosse um cristão fervoroso, suas preces não adiantariam. Flores optou por Getúlio. Com as forças da Brigada Militar, o interventor estadual sufocou os rebeldes do Rio Grande do Sul, prendendo, inclusive, Borges de Medeiros, seu antigo chefe. Em um momento posterior, ele dirigiu a Brigada Militar para São Paulo. Lá, a tentativa de revolução acabou. Como tantos outros oposicionistas, Ripoll teve de encontrar o rumo do exílio. Cyro e Ripoll não sabiam, mas aquele conflito os afastaria para sempre.

Em 1932, não houve apenas surpresas negativas. João Nogueira Leiria, um dos amigos mais chegados a Cyro, publicou, pela Livraria do Globo, um livro intitulado *Campos de areia*: poesia crioula. A obra trazia dedicatórias ao pai do escritor e aos companheiros Antero Marques, Aureliano de Figueiredo Pinto e Cyro Martins. Para o grupo de estudantes que discutia suas produções e suas leituras, a publicação de Leiria foi uma vitória. Na capa, indicando o autor, figurava o nome de Leiria. No entanto, era como se todos tivessem o livro editado. Eles conheciam cada um dos versos de *Campos de areia*. Ouviram-nos em seus quartos, sugeriram modificações e saudaram sua qualidade. *Campos de areia* era de Leiria, mas também era de todos. Além disso, o livro trazia muitos significados para Cyro. Com a dedicatória, Leiria expressara a enorme gratidão que tinha em relação aos amigos. Cyro sabia da importância dos companheiros em sua formação - principalmente, na sua formação como leitor e aspirante a escritor. Se os outros importavam para ele, ele também devia ser importante para os outros. Em algum momento do caminho, Cyro ajudara os amigos e lhes fora útil de alguma forma. *Campos de areia* também mostrava para Cyro que a possibilidade de se tornar um escritor não estava tão longe. Ao contrário de Leiria, seu chão era a narrativa, de preferência, a curta. Muitos escreviam histórias com ares regionalistas e a concorrência era grande. A



publicação de Leiria foi uma injeção de ânimo nas pretensões de Cyro. O companheiro poucos meses mais velho conseguira. Cyro também poderia conseguir. Precisava continuar escrevendo, melhorando os textos que trazia datilografados do Cerro do Marco. De um momento para outro, a chance apareceria. Agora que Leiria circulava pela Livraria do Globo e era considerado escritor, essas chances aumentavam. Em uma das visitas à Globo, Leiria poderia citar os contos do amigo, comentar sobre sua qualidade, levar alguns originais para apreciação. Seria natural, pois eram amigos e queriam se ajudar.

Em diversas ocasiões, Cyro tentou auxiliar os amigos. Anos mais tarde, João Otávio Nogueira Leiria e Aureliano de Figueiredo Pinto seriam alvos de sua ajuda. Quando a oportunidade surgia, Cyro elogiava-os e elogiava seus livros. Para Leiria, dedicou um dos ensaios de *Escritores gaúchos*<sup>145</sup> e não deixou de saudar *Campos de areia* em *Para início de conversa*: “um dos melhores livros de poesia regionalista da safra modernista no Rio Grande do Sul”<sup>146</sup>. Aureliano não entrou em *Escritores gaúchos*, mas o seu *Memórias do Coronel Falcão* foi lembrado em *Para início de conversa* com palavras decisivas: “Incontestavelmente, trata-se de um romance forte, com muitas novidades no gênero regionalista”<sup>147</sup>. Aureliano também apareceu na ficção de Cyro. Em *Gaúchos no obelisco*, dois jovens assistem à procissão de *Corpus Christi* de 1930. Um deles é Aureliano, que aponta para Vargas e diz: “Olha, não é o nosso candidato?”. O outro rapaz não tem nome, mas é Cyro.

Quando fala dos amigos, Cyro recorre ao mesmo processo que faz em relação ao pai. Lembrar de Bilo era uma forma de lembrar de si e das vivências compartilhadas com o pai. Lembrar dos amigos, também. Ao citar os antigos companheiros, Cyro recorda, na maioria das vezes, de suas qualidades intelectuais e humanas. Dessa forma, ele se eleva e acaba falando de si. Caso Cyro não tivesse essas qualidades, não faria parte do grupo. Aureliano, Leiria e Ripoll eram talentosíssimos. Dominavam a prosa, a poesia, o ensaio político. Cyro não conviveria com eles se não tivesse algum talento. Para estar entre aquele time de craques, era preciso ser um craque.

Entre estudos de medicina, tentativas de revolução e o aparecimento de novos escritores, 1932 passou. Os exames da faculdade não trouxeram nenhuma surpresa: em Higiene e Medicina Legal, Cyro teve a frequência necessária; em Terapêutica Clínica, Clínica de Doenças Tropicais e Infectuosas, Clínica Cirúrgica, Clínica Médica e Clínica Urológica terminou com 4, 7, 5, 6,

---

<sup>145</sup> MARTINS, Cyro. O poeta J. O. Nogueira Leiria. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981, p. 43-48.

<sup>146</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 38.

<sup>147</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 47.

6. As notas medianas indicavam que Cyro estava apto para cursar o último ano da Faculdade de Medicina. Se tudo desse certo, no dezembro seguinte, ele colaria grau. Seria sua vez de arrumar as malas e deixar Porto Alegre.

Em dezembro de 1932, Cyro também arrumou as malas, mas elas eram menores e não tinham caráter definitivo. Ele levava o essencial para as férias. Aquele período de descanso era o último de sua vida estudantil. Desde os doze anos, quando foi para o Anchieta, os meses do verão eram os do Cerro do Marco. Os dias quentes e de chuvas raras eram sua imagem de casa. A campanha de Cyro era a campanha da infância e das férias. Há muito que não pertencia àquele lugar. Era de lá, tinha profundas ligações com o lugar, o amava. Contudo, não era mais de lá. Em 1933, ele completaria 25 anos, sendo que mais da metade desse tempo fora passada em Porto Alegre. Cyro estava distante do Cerro do Marco e de Quaraí. Quando voltasse, em dezembro, enfrentaria o desconhecido.

Talvez para amenizar o choque e para estar um pouco mais preparado frente aos novos desafios, nas férias entre 1932 e 1933, Cyro fugiu do habitual. Não deixou que a folga corresse solta, papeando com Bilo e lendo à sombra dos cinamomos. Ele passou alguns dias na cidade e não teve medo de pedir a ajuda do Doutor Robertinho. O médico de Quaraí tinha grande experiência prática, conhecia os “clientes”, as agruras da profissão e não hesitou em auxiliar o jovem que, logo, seria seu colega. Cyro reconhecia “ser uma necessidade para o médico prático saber fazer um pouco de tudo” e, por isso, ele acompanhara o Doutor Robertinho “saindo duma casa e entrando noutra, de ânimo permanentemente leve, atendendo os casos mais diversos: partos, difteria, fraturas, abscessos, pneumonias, ascites”<sup>148</sup>.

As visitas feitas ao lado de Robertinho não tinham como único objetivo a aproximação de Cyro em relação a um ambiente e a um grupo de pessoas que estavam distantes dele. Cyro se encaminhava para o último ano de faculdade e não tinha segurança sobre o que realmente aprendera e sobre como aplicar os conhecimentos adquiridos. Entre os bancos da Faculdade de Medicina e as consultas que daria em Quaraí, se colocava um abismo. De alguma maneira, era necessário transpô-lo.

Depois das férias e das experiências presenciadas ao lado de Robertinho, Cyro se deu conta que o início da carreira não seria fácil. Em 23 de fevereiro de 1933, ao fazer sua matrícula<sup>149</sup> nas matérias de Clínica Médica, Clínica Obstétrica, Clínica Pediátrica Médica e

---

<sup>148</sup> MARTINS, CYRO. O grande professor. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 35.

<sup>149</sup>Requerimento 186 apresentado por Cyro à secretaria da Faculdade de Medicina. O documento também mostra que, no último ano, Cyro pagou apenas 1\$000 relativos ao formulário do requerimento.

Higiene Infantil, Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica e Clínica Oftalmológica, Cyro sabia que precisava “puxar o que desse na reta final”<sup>150</sup>. Sua rotina estudantil teria de mudar, ser ainda mais disciplinada. Na tentativa de fazer isso, ele reduziu “ao mínimo as conversas vadias pelos quartos dos companheiros”. Cyro ainda se tornou “mais positivo, encarando a realidade de frente, tal qual se apresentava”<sup>151</sup>. Ele finalmente percebeu que chegara ao final do curso e que, a partir dali, a situação ganhava contornos mais sérios. Aquela seria a sua profissão por toda a vida e ela exigia uma grande responsabilidade. Era preciso encará-la com todas as forças que pudesse.

Isso não significava, porém, que seu lado literário fosse esquecido ou soterrado. Cyro nem poderia fazê-lo. Vivia com a leitura e com a vontade de escrever havia muito. Não conseguiria deixá-las de fora do caminho, pois elas faziam parte dele. Durante 1933, ele se dedicou mais aos estudos de medicina, mas, nas poucas horas vagas, trabalhou em um conjunto de contos que pretendia submeter à Livraria do Globo. Esse momento teve grande importância na jornada intelectual de Cyro. Com a opção, em primeiro lugar, pela medicina, ele direcionava suas maiores forças para a profissão, para aquilo que o sustentaria. Ele não abandonou, contudo, os projetos e as pretensões literárias, colocou-os em segundo plano.

Tanto não abandonou que, em maio e setembro, duas de suas narrativas curtas apareceram na *Revista do Globo*. A estreia no periódico se deu com “Derrotado”, em 3 de maio, no número 110. A trama era simples e evocava motivos regionalistas. Isidoro Palma, o protagonista, volta de uma das muitas refregas que assolaram o território gaúcho. Perseguido, perto do Caverá, com a montaria esfalfada, resolve parar e descansar. Ao acordar horas depois, percebe que um piquete inimigo se aproxima. Como o cavalo morrera, Isidoro se agarra à “adaga fiel”<sup>152</sup> e encara a morte de frente. O conto era construído com linguagem clara, sem floreios ou excessos. O leitor não encontraria em “Derrotado” grandes arrebatamentos e inovações temáticas, mas ficaria com a impressão de que o autor era um sujeito comprometido e consciente, pois trabalhara o texto até atingir uma forma essencial.

Em “Flete”, a segunda publicação de Cyro na *Revista do Globo* naquele 1933, não se repetiram as qualidades de “Derrotado”. A narrativa era confusa, não facilitava a apreensão imediata do que o autor pretendia contar. Parece que a trama se desenvolve ao redor de um peão e seu cavalo – o flete do título. No campo, em meio à lida, o homem se vê “misturado numa

<sup>150</sup> MARTINS, CYRO. O grande professor. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 35.

<sup>151</sup> MARTINS, CYRO. O grande professor. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 35.

<sup>152</sup> MARTINS, Cyro, Derrotado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 110, p. 57, 03/05/1933.

manada de eguada xucra”<sup>153</sup>. Se não fosse o flete, o peão teria morrido. Com a batida relação de gratidão entre gaúcho e cavalo, Cyro fez mais do mesmo. Em “Flete”, a precisão e a simplicidade vocabular, tão bem conduzidas em “Derrotado”, escorregaram no uso de neologismos e de construções frasais duvidosas – “Solto o animal rebolcou-se rudemente na grama miúda, unimesmando-se com o chão acolhedor”<sup>154</sup>. Independente dos erros e dos acertos que carregassem, as colaborações de Cyro para a *Revista do Globo* se mostravam significativas. Ele começava a entrar para o grupo. Ter o nome e os contos circulando pela Livraria do Globo era fundamental para quem pretendia editar livros e ser visto como escritor.

Cyro sabia disso e também tinha noção do quanto pesavam as amizades e os contatos no meio literário de Porto Alegre. Seus contos, por exemplo, chegaram à Globo pelas mãos de Augusto Meyer. O amigo fazia a ponte com Henrique Bertaso e brigava para que o quaraiense fosse publicado<sup>155</sup>. Assim como Meyer o ajudava, Cyro procurava auxiliar os amigos. No segundo semestre de 1933, João Otávio Nogueira Leiria estava longe da capital e pediu que ele encaminhasse o poema “D. Pablo” para algum periódico. Em 1º de julho, Cyro escreveu a Leiria perguntando: “Gostaste da publicação de ‘D. Pablo’ no *Correio*?”<sup>156</sup>. Ele escolheu o “Róseo” por ter conhecidos na redação do jornal.

Na mesma carta, Cyro disse que, com o “Congresso Médico”, as coisas andavam movimentadas em Porto Alegre. Ainda nesse tópico, ele falou para Leiria de um personagem que voltaria a sua vida anos mais tarde: “Sabes que o Austregésilo é um bichão? Eu não esperava, pois o conhecia através [ilegível] veneno do Antonio Torres. De maneira que foi uma surpresa batuta”<sup>157</sup>. Antônio Austregésilo era o mais conceituado neurologista do país, assinava uma numerosa bibliografia sobre doenças mentais e ministrava um curso de especialização no Rio de Janeiro. Diante de tudo que representava, era natural que Cyro se surpreendesse com a figura.

O último ano do curso requeria dedicação, participações em congressos médicos, esforços e tempo extra. Além das matérias, que exigiam leituras e visitas à Santa Casa – para acompanhar e auxiliar em procedimentos cirúrgicos<sup>158</sup> –, e da preparação para os exames, havia

<sup>153</sup> MARTINS, Cyro. Flete. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 119, p. 28, 06/09/1933.

<sup>154</sup> MARTINS, Cyro. Flete. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 119, p. 28, 06/09/1933.

<sup>155</sup> Informação retirada da correspondência ativa de Cyro para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 20/05/1933. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 086.

<sup>156</sup> Correspondência ativa de Cyro Martins para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 1º/07/1933, folha 1. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 016.

<sup>157</sup> Correspondência ativa de Cyro Martins para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 1º/07/1933, folha 1. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 016.

<sup>158</sup> Cyro escreveu sobre uma de suas experiências como auxiliar cirúrgico no texto “O grande professor”, presente em *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas (2000, p. 33-40).

a sombra da formatura. Essa sombra crescia a cada dia, ganhava mais densidade a cada aula terminada. Dos cinquenta e sete formandos daquele ano, muitos acreditavam que a cerimônia de colação de grau era o evento magno de suas vidas. Foi eleita uma comissão para cuidar dos oradores, juramentistas, jantares, bailes e roupas. Cyro reconhecia a importância do ritual, mas alguns aspectos afastavam-no da formatura: a preocupação com os exames e a falta de dinheiro. Para receber o diploma, era necessário ser aprovado ao final do curso. Para festejar, era preciso ter dinheiro, bastante dinheiro. O primeiro aspecto só dependia de Cyro, já quanto ao segundo, as coisas ficavam complicadas. A família gastara o que possuía para dar-lhe os estudos e, mesmo que ele não pagasse a faculdade, ainda assim pesava no orçamento dos Martins. Despesas com trajés, retratos e bailes estavam descartadas. Depois, somente Cyro aproveitaria as festas. Como os pais e as irmãs viriam a Porto Alegre? Onde se instalariam? Tudo custaria os olhos da cara.

Apesar de sua ausência na solenidade de formatura ser quase certa, seu nome surgiu como o de um possível orador. A veia oposicionista de Cyro, no entanto, impediu que a escolha recaísse sobre ele. Em uma turma da qual fazia parte o filho de Flores da Cunha – José Bonifácio Flores da Cunha –, um orador da oposição não poderia falar. Outro colega foi eleito. Isso, contudo, não impediu Cyro de escrever o discurso. No documento intitulado “A festa de despedida dos doutorandos de 1933”<sup>159</sup>, datado de 26 de novembro de 1933, o “doutorando” Cyro Martins citou os ciclos da vida, a singularidade do momento e as inquietações causadas por ele. Até aí, o discurso não fugia dos lugares comuns. Cyro escapou disso quando mostrou a sua voz e analisou o antes e o depois da formatura. Ele sabia que o caminho para chegar ao final do curso teve pontos positivos como as amizades, o companheirismo e o aprendizado. O que o marcava, no entanto, eram as situações de dificuldade – as que mais conheceu. Ao refletir sobre o depois, abordou a “época penosa” para aqueles que saíam da faculdade sonhando em conquistar a vitória pelas “próprias forças”, o papel do médico e o fator social de sua profissão. Cyro pregava uma “idealização de conduta” na qual o novo médico buscava colaborar com o bem comum, compreender as angústias dos desfavorecidos, dos “indivíduos de sorte precária”, contribuir para a “ação civilizatória” do meio em que agiriam. Nessa última parte do texto, as palavras de Cyro deixam claro o que ele pensava – ou idealizava – sobre a prática da medicina: era preciso, antes da recompensa financeira, prestar atenção ao ser humano e as suas necessidades. As visitas feitas ao lado do Doutor Robertinho marcaram Cyro. Podia-se notar

---

<sup>159</sup>Disponível  
[http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=0&id=42](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=42)

sua presença na mensagem deixada pelo rapaz. Nas frases finais do discurso, Cyro ainda citou uma “figura aureolada”, um professor “cuja dignidade, sabedoria e largo idealismo fazem de sua pessoa um raro paradigma”. Essa figura era Raul Pilla, docente da Faculdade de Medicina até 1932. Pilla fazia oposição aos governos Getúlio Vargas e Flores da Cunha e apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932. Em 1933, enquanto seus alunos se formavam, ele estava exilado na Argentina.

Não foi apenas a homenagem a um opositor que deixou Cyro distante do posto de orador. O tom do discurso não era adequado à plateia. Aqueles jovens que saíam sedentos da faculdade queriam, de uma forma ou de outra, ganhar dinheiro e subir na vida. Eles até poderiam pensar no papel social do médico e na assistência aos desfavorecidos, mas pensavam, antes, em si. Ainda havia outra questão pendente: seria possível colocar na prática a tal “conduta idealizada”? Era importante que Cyro tivesse consciência da relevância de sua profissão, mas ele realmente acreditava que aquele plano ideal pudesse se concretizar? Havia muita distância entre o ideal e o real e, por mais que suas palavras puxassem para um lado, ele sabia que o outro era mais forte e tinha mais chances de vitória.

O que estava próximo de Cyro eram os exames finais. Em 1933, Cyro superou-os com mais facilidade. A disciplina e a dedicação impostas no início do ano letivo surtiram efeito. Em Clínica Médica, Clínica Obstétrica, Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil, conseguiu as notas 6, 7, 7. Já em Clínica Pediátrica Cirúrgica e Ortopédica e Clínica Oftalmológica, atingiu a frequência necessária. No apagar das luzes, Cyro teve seu melhor desempenho anual durante o curso de Medicina.

Após as aprovações, os formandos se voltaram para as celebrações. Cyro não teve grande participação nessa parte – não era membro de nenhuma comissão ou subcomissão. Porém, ao lhe pediram que escolhesse entre a casaca e o linho branco como vestuário para o baile, optou pelo primeiro. Ele não iria ao baile e nem lhe importava a roupa. Cyro não tinha dinheiro para a casaca ou para o linho. Quando um colega o abordou depois da última aula de Clínica Médica e pediu o voto para a casaca, Cyro fez a sua vontade. Não lhe interessavam os tecidos, lhe interessava a “despedida das assembleias estudantis”<sup>160</sup>, o fim de uma época.

Cyro não participou de muitas festividades. Ele se limitou a alguns retratos individuais, a outro com a turma, ao “*garden-party* monstro num campo de futebol”<sup>161</sup> e ao banquete no

---

<sup>160</sup> MARTINS, CYRO. Linho branco ou casaca? *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 56.

<sup>161</sup> MARTINS, CYRO. Linho branco ou casaca? *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 54.

Clube dos Caçadores – que não teve custos, pois Lulu dos Caçadores, o cabaretier, queria homenagear o General Flores pela formatura do filho.

A colação de grau de Cyro não teve muito público. Participaram ele, Mário Martins, o colega que, tal como Cyro, não tinha como custear bailes, banquetes e linho – o vencedor da disputa –, Sarmiento Leite, o diretor da Faculdade de Medicina, e um secretário do curso. Era 16 de dezembro de 1933 e a manhã porto-alegrense brilhava com a possibilidade do verão.

Ele saiu do prédio no qual passou seis anos de sua vida e rumou para a Avenida Oswaldo Aranha. Ainda não percebia a diferença entre ser um estudante e um médico formado. Também não refletia sobre o curso, “as suas falhas no ensino do ponto de vista técnico e as suas virtudes humanitárias no trato com os indigentes”<sup>162</sup>. Por enquanto, ele só queria chegar até a Oswaldo Aranha. Lá, se localizava a pensão da Dona Antônia. Passara 1932 e 1933 em uma água-furtada. A miséria era a mesma das outras pensões. Na casa da Dona Antônia, havia estudantes como Cyro, baixos funcionários públicos, senhoras esperançosas quanto a um casamento. Ali, também havia Ritinha, a “paciente” de Cyro. Filha de Antônia, sofrendo com a tuberculose, a adolescente esperava as visitas de Cyro. Por dois anos, o rapaz lhe aplicou injeções e lhe auscultou os pulmões. O pagamento pelas consultas vinha em porções de manteiga generosas e olhares agradecidos.

Quando chegou à pensão da Oswaldo Aranha, Cyro recebeu as congratulações de Dona Antônia e as poucas flores que ela arranajara – seu único presente de formatura. Talvez ele tenha recebido um telegrama de Quaraí, felicitando-o, mas era possível que fosse apenas desejo<sup>163</sup>. O que se apresentava com o peso da realidade era a última consulta oferecida à Ritinha. Ao saber que os apetrechos para a injeção estavam prontos, a menina chamou-o de doutor pela primeira vez. Aquela voz fraca, “expressando a ânsia de querer viver”<sup>164</sup>, já se preparava para a seringa. Cyro desenvolveu quase todo o processo “requintando em habilidade”<sup>165</sup>. Acostumara-se à tarefa. Porém, ao puxar a seringa, não viu a agulha. Os piores pensamentos surgiram: “a agulha havia subido pelas veias do braço, penetrado na subclávia, descido por veias grossas e, finalmente, ferido o coração!”. Logo, Ritinha estaria morta. “Bela estreia, ótimo começo, no

---

<sup>162</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 45.

<sup>163</sup> No texto “A formatura”, presente em *A dama do saladeiro* (2000, p. 58), Cyro conta o episódio do telegrama: “[...] tal telegrama existiu? A minha gente morando na campanha, longe da cidade, sem os hábitos citadinos desse tipo de demonstrações afetuosas e com dificuldade de transporte para chegar até o telégrafo... Bueno, faz de conta que recebi o telegrama”.

<sup>164</sup> MARTINS, CYRO. A formatura. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 61.

<sup>165</sup> MARTINS, CYRO. A formatura. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 61.

dia da formatura”<sup>166</sup>. Era um médico, era, finalmente, um doutor, como tanto queria o Seu Bilo e todos os esforços iam pelo ralo por causa de uma agulha. Já desesperado, baixando a cabeça, avistou um fiozinho metálico que “luzia entre as duas tábuas do assoalho”. “Sim, era ela, a bandida”<sup>167</sup>.

Sua primeira experiência como médico foi assustadora. Como lidaria com as pessoas e suas vidas se uma agulha o apavorara? Como lidaria com os pacientes que estivessem perto da morte? Como arranjaria soluções? Como sobreviveria àqueles sustos e àqueles medos? Como desempenharia aquela profissão?

No final de 1933, Cyro estava com 25 anos. Era médico e não tinha certeza de nada.

---

<sup>166</sup> MARTINS, CYRO. *A formatura. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 62.

<sup>167</sup> MARTINS, CYRO. *A formatura. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 63



#### 4 O HOMEM GRANDE NA CIDADE PEQUENA

Quando entrou no Fronteira e sentou nas ripinhas duras e lustrosas que se juntavam para formar o banco do trem, Cyro teve uma certeza: voltava para casa. Aliás, essa era uma das poucas certezas que tinha naquele final de 1933.

Não era a primeira vez que partia rumo ao desconhecido. Antes dos 12 anos, já fizera uma jornada parecida. Daquela vez, porém, o trem levava-o na direção contrária e, ainda que estivesse com medo, havia esperanças. Agora, não. Mesmo que carregasse o diploma de médico, o maior objetivo desde a saída do Cerro do Marco, em 1920, Cyro não poderia espantar a sensação de incômodo. Havia muito que ele sabia da volta para casa. Bilo e Cyro nunca conversaram sobre o assunto nas horas do mate ou nos passeios a cavalo dos fins de tarde. A volta estava resolvida e não precisavam gastar saliva falando sobre outras possibilidades.

Para Bilo, a vida do filho se ligava à família e à cidade natal. Por isso, o pai não cogitava outras possibilidades. Para Cyro, era diferente. O rapaz desejava seguir outros rumos. Ele não queria estar no Fronteira, olhando pela janela as paisagens de sempre e refazendo a viagem que já conhecia de cor. Ele não queria se afastar de Porto Alegre e se internar em um distrito do interior. Se continuasse na capital, rolaria por outras pensões baratas, passaria fome, teria apertos de dinheiro e penaria para montar consultório e arranjar clientela. Não seria nada fácil e ainda haveria incertezas, mas talvez tivesse mais oportunidades e pudesse ampliar os estudos. Além disso, estaria em centro cultural e poderia levar adiante a ideia de ser escritor.

O que aconteceria em Quaraí, no Cerro do Marco? Dividiria a casa com a família, teria um teto e comida na mesa. Essas garantias, no entanto, não lhe diziam muita coisa e não respondiam às perguntas que se fazia enquanto o trem sacolejava. O que aconteceria em Quaraí? O que aconteceria com ele, com a sua vida? A volta não se pintava como temporária e isso aumentava os medos de Cyro. Ele imaginava que, se tivesse muita sorte, entraria naquela rotina de consultas em invernos cortantes e verões torturantes, de aperitivos no Clube Comercial, de caminhadas pela Praça General Osório, de possíveis namoros observados por pais zelosos, de briguinhas políticas por intendências e conselhos municipais e não conseguia evitar a tristeza. Aquilo não poderia ser o máximo de sua existência. Precisava de outro caminho, precisava de uma perspectiva melhor.

A noite cercava o Fronteira por todos os lados e Cyro se sentia cada vez mais sufocado pelo retorno. Seus desejos e suas vontades não o empurraram para o trem, não fizeram com que ele buscase a posição menos incômoda para enfrentar a viagem longa e o banco duro. Foi pela obrigação com a família – principalmente com Bilo – que juntou as poucas malas e rumou para

casa. O senso de obrigação amarrou as mãos de Cyro e o perturbou por todos os quilômetros que separavam Porto Alegre do Cerro do Marco. Não o deixou ler, não o abandonou nas horas de baldeação nem nos instantes em que fingia dormir. Quando desceu no Cerro do Marco, ouviu a voz do pai e viu as lágrimas da mãe, Cyro teve outra certeza: a obrigação o levava para o lugar errado. Ali, para o jovem, não havia futuro ou esperanças.

Ao contrário de Cyro, os outros Martins colocavam fé naquela chegada. Eles esperavam que, ao desembarcar na frente do armazém com o título de médico, Cyro salvasse o clã da complicada situação financeira na qual estavam afundados. Em dezembro de 1933, os Martins enfrentavam um dos seus piores momentos. A venda estava parada, com as prateleiras vazias. Bilo não podia fazer encomendas e nem mandar trazer carretas de mercadorias, estava quebrado. Muitos fatores contribuíram para a derrocada de Bilo. Desde 1923, ele vinha capengueando. As pessoas abandonaram a campanha e não voltaram. Isso foi um grande choque nos negócios. Também em 1923, pensando na causa libertadora, Bilo empregara recursos que nunca retornariam. Um par de botas, uma bombacha ou umas libras de feijão entregues a possíveis eleitores representavam prejuízo. Como se não bastassem os acontecimentos de 1923, houve o incêndio de 1925 e a perda da casa e do armazém. Esse golpe foi o mais forte. Por mais que o bolicho não estivesse vendendo a todo vapor, era dele que os Martins tiravam o sustento. Sem ele, as coisas ficaram feias. Além desses fatos maiores, havia outros, não tão grandes em tragédia, mas longos em duração. A seca não dava trégua, aparecia em quase todos os verões, levava a água, o pasto e o gado e trazia mais prejuízos. Desde 1920, com a ida de Cyro para o Anchieta, Bilo tinha que lidar com os gastos da educação dos filhos. Não eram poucos os recursos empenhados na tarefa. Esse dinheiro, porém, era bem empregado. Na formação dos jovens, só se mexia em últimos casos. Se quebrasse por ter educado os filhos, teria quebrado por convicção e obrigação. Bilo sabia que os tempos eram outros. Era melhor deixar-lhes estudos do que um armazém e umas poucas vacas e ovelhas. Depois que os filhos tivessem diplomas, seria diferente. Com um médico e um advogado, a situação mudaria, precisaria mudar.

Os Martins esperavam que Cyro, o médico da família, voltasse para casa e tirasse todos do aperto. Ele poderia dar consultas na venda mesmo e atender aos chamados dos arredores. Uma hora ou outra, os cobres começariam a pingar e eles se aliviariam. Talvez Bilo e Felícia até vislumbrassem Cyro como doutor já estabelecido, com consultório na cidade, boa clientela e, até mesmo, com um lugarzinho na política municipal. Bilo vibraria se isso acontecesse, mas o presente se mostrava mais urgente. Eles precisavam de dinheiro e contavam com Cyro. Logo

depois da formatura, ele teria de retornar. Era pegar o canudo e embarcar no Fronteira. Havia muito que o guri estava longe de casa. Já era tempo de voltar.

Ele saíra do Cerro do Marco antes dos 12 anos e voltava com mais de 25. Passara metade da vida longe. Aquela casa não era mais a sua. Aquele lugar não era mais o seu. Antes, precisou se adaptar ao internato e à distância. Agora, precisaria se adaptar a um novo cenário. Quando viajava de férias, o ambiente era outro. Embora soubesse das dificuldades da família, o clima parecia menos carregado. Além disso, em determinado dia, ele partiria. O convívio familiar era diferente e o compromisso de Cyro era mais leve. Ele tinha de estudar e se formar. No retorno ao Cerro do Marco, ele precisaria exercer a profissão e levar dinheiro para casa. A leveza dos períodos de férias desaparecera e o peso da realidade se consolidara.

Como aquele jovem e inexperiente médico seria a salvação da família? Ele não tinha certezas em relação à carreira. Estudara e se formara em Medicina porque esse caminho lhe foi apresentado. Não lhe deram muitas escolhas. Depois de seis anos, desempenharia a prática médica sem muita segurança. Fora os receios do profissional recém-formado, havia o peso das expectativas da família e a necessidade de uma resposta rápida. Se ele estava formado, já estava apto a trabalhar. Os pais não entendiam que, para Cyro conquistar um espaço, levaria tempo. Na cidade, havia médicos como o Robertinho, José Salánky, o Reverbel e o Osório Júnior. Eles tinham estrada e eram conhecidos. Entre eles e um guri, os doentes ficariam com a primeira opção. Muitas pessoas também colocavam pouca fé nos médicos e preferiam as benzeduras e as simpatias. Outro fator que deixava as perspectivas de Cyro mais sombrias era o dos honorários. Nem todos tinham dinheiro para pagar as visitas e alguns nem se importavam de enrolar o médico com desculpas e postergações.

Cyro sabia que não enfrentaria um cenário fácil. Os medos em relação ao futuro embarcaram com ele na estação de Porto Alegre e, quando chegaram ao Cerro do Marco, ganharam um tamanho espantoso. Em *Para início de conversa*, ao falar da volta para casa, Cyro disse que encontrou “um quadro desolador”<sup>168</sup>. A seca daquele final de ano estava se mostrando das piores. Se não chovesse logo, a família ficaria sem água, pois as vertentes a que recorriam estavam morrendo. O bolicho, quebrado, dava os últimos suspiros na beira da estrada. Para arranjar uns poucos réis, Bilo carneou um dos raros porcos gordos do chiqueiro e encarregou o cunhado Danilo de vender os pedaços entre os operários que trabalhavam na obra da Viação Férrea<sup>169</sup>. Aqueles réis seriam decisivos para a passagem de ano.

---

<sup>168</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 70.

<sup>169</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 70.

Os Martins estavam quase sem ação diante do “quadro desolador”. Bilo tentava algumas providências, como a dos porcos, mas era sempre algo parcial e breve, que os tiraria de um aperto momentâneo e não resolveria os problemas da família. A chuva traria um pouco de alívio – pelo menos, não morreriam de sede. No entanto, não podiam fazer nada em relação a isso. Só restava olhar para o lado chovedor, o lado dos castelhanos, e torcer para que a água viesse.

A carga da situação estava pesada e o retorno de Cyro parecia o único fio de esperança capaz de ligar os Martins à possibilidade de melhoras, de futuro. Era uma missão ingrata para um rapaz inexperiente e inseguro, que mal tinha despido as vestes de estudante. Anos mais tarde, Cyro falaria da delicadeza do momento em que voltou para casa: “Estávamos vivendo no limiar duma era familiar que terminava em desastre e o vago clarão de esperança que representava o jovem médico iniciando a carreira”<sup>170</sup>. A reflexão foi feita quase sessenta anos depois dos acontecimentos e, passado dos 80, Cyro sabia que o verão de 1933 e 1934 tinha mudado completamente sua vida. Contudo, durante aquele verão, ele sentia que a tragédia se aproximava? Em meio a todas as dificuldades, muitos receios deviam brotar. Todo o clã reconhecia que as coisas não estavam boas, mas eles realmente sentiam que um desastre se avizinhava? Tinham medo da seca, da falta de comida e da falta de dinheiro, não de um desastre. Se fossem obrigados a se desfazer da casa e da venda, seriam socorridos por parentes. As famílias de Bilo e Felícia eram grandes, mesmo que ninguém fosse muito abastado, de algum jeito, ajudariam.

Depois que 1934 tomou conta do calendário, Cyro começou a atender alguns pacientes e as esperanças de Bilo cresceram. Cyro atendia aos chamados de pessoas dos arredores ou procuravam-no na venda. Na ausência de um consultório, tudo era improvisado. Os homens eram examinados na cama de solteiro do próprio Cyro. Antes do exame, Felícia, no papel de mãe silenciosa e prestativa, “providenciava um lençol limpo, com muito orgulho”<sup>171</sup>. Quando consultavam mulheres, os procedimentos eram “mais recatados”. A paciente era levada para o quarto dos pais e se deitava na metade da cama arrumada por Felícia.

Os clientes apareciam, pois como Cyro costumava dizer, “o pessoal gosta de consultar, principalmente estando com um médico à mão”<sup>172</sup>. Eles eram, na maioria das vezes, pobres e os pagamentos pelas consultas, quando vinham, vinham mirrados. Daqueles primeiros dias de clínica, Cyro citou apenas alguns casos. Em um dos dias quentes do início de 1934, um Chevrolet parou na frente da venda. Do automóvel, desceu uma senhora que aparentava ter

---

<sup>170</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 70.

<sup>171</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 70.

<sup>172</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 72.

posses. Procurava pelo médico novo, saído havia pouco da faculdade. Cyro logo percebeu a “dona bem posta, de roupa e corpo”<sup>173</sup>. Ela já visitara médicos em Quaraí e Livramento e ninguém lhe dava um diagnóstico. Aquele Doutor novo – ela gostava, especialmente, dos novos –, conhecido através de conversas, talvez, resolvesse seus problemas. Cyro a examinou no quarto dos pais. Ouviu queixas, auscultou, percutiu e apalpou. Nada. Ela não sofria de nenhum mal. Não havia nada a receitar, não precisava voltar para novos exames. A mulher pagou a consulta a contragosto e foi embora decepcionada. Esperava mais do jovem profissional. Tempos depois, Cyro soube da fama de sua cliente. Ela “pertencia ao tipo das sedutoras de médico” e, por tê-lo “achado muito sério ou muito bobo”<sup>174</sup>, nunca mais o procurara.

A sedutora não foi a única a sair desiludida com o jovem Doutor. Em certa ocasião, o capataz de uma estância próxima foi levado até Cyro. Não havia sintomas aparentes e o homem não tinha dificuldades em se expressar. Não era do tipo calado, até falava bastante, mas não se queixava de nenhuma dor. Seu único incômodo era uma “ânsia” que lhe apertava o peito. Essa ânsia, porém, não era nada que atingisse o físico. Cyro percebia que alguma questão psíquica afetava o capataz e lhe causava angústia, inquietação e insatisfação. Como explicaria para o cliente, “um homem grande, forte e com fama de valente”<sup>175</sup>, com crenças nas forças do corpo e não nas da mente, que as origens de seus problemas estavam na cabeça? Cyro não tinha experiência para contornar a situação e, ao dizer que receitaria “um remédio muito bom para os nervos”<sup>176</sup>, perdeu a confiança e o dinheiro do cliente.

Os casos que mais deixavam Cyro apreensivo eram aqueles nos quais ele precisava usar as mãos. Uma coisa era apalpar os pacientes, outra era abri-los e costurá-los. Cyro não tinha habilidades manuais e temia fazer barbeiragens por causa disso. Quando, em um domingo de noite, chamaram-no para o atendimento em um bolicho, ele sabia que haveria cortes e pontos seriam necessários. Durante o domingo, as carreiras e a cachaça corriam soltas e acabavam em brigas e facas. No bolicho, Cyro viu que seus temores se tornavam realidade. Dois homens estavam cortados e ele precisou fazer pontos no ombro de um e na perna de outro. Cyro disse que fez a costura como a sua cara<sup>177</sup>, como deu e sem nenhum jeito. Ele deixou os feridos “animados com a afirmação de que os talhos não haviam atingido nenhum nervo” e se mandou para casa o mais rápido possível.

---

<sup>173</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 71.

<sup>174</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 71.

<sup>175</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 72.

<sup>176</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 72.

<sup>177</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 73.

Os episódios das primeiras práticas de Cyro evidenciam a insegurança e a inexperiência do rapaz. Isso, contudo, era normal. Ele estava no início da carreira e, mesmo que não tivesse muita confiança e habilidade, enfrentava as situações que apareciam pela frente. Outra vez, Cyro estava diante de um caminho sem escolhas.

Além dos atendimentos, Cyro ajudava em outras tarefas da casa. Cuidava de uns poucos animais e buscava água na vertente de Florindo Vieira, o vizinho. A falta de chuva causava muitos problemas e a caça pela água era apenas um deles. Durante o amanhecer dos dias de janeiro de 1934, quando os Martins abriam os olhos e avistavam “o solão vermelho, prometendo mais um dia tremendo”<sup>178</sup>, a angústia voltava com força. Nos tempos secos, Bilo e Cyro levavam a pipa, uma bordalesa de quinhentos litros que, antes, se enchia de cachaça, até a bica do Florindo. A cacimbinha e a “fonte de confiança, do potreiro grande”<sup>179</sup>, se finaram e era necessário recorrer às aguadas do vizinho. Nessas pequenas viagens, pai e filho já não trocavam tantas palavras. Havia muito para conversarem, Bilo sabia de inúmeras histórias e Cyro estava disposto a escutá-las. O momento, porém, não era de leveza e o peso do silêncio era o mais adequado.

Bilo e Cyro deviam estar em silêncio no final de uma tarde da segunda quinzena de janeiro. Ao voltarem do Florindo, carregados com mais alguns litros de água, os dois viram que uma nuvenzinha escura se metia no entardecer alaranjado. A tal nuvem vinha dos castelhanos e apontava chuva. Ela era um sinal. Naquela noite, o céu verteria água. Se fosse abundante, alguns dos problemas dos Martins se resolveriam. Lembrando-se da passagem da nuvem, Cyro disse que ela era “a própria antevisão da felicidade” e que, em um repente, “se abriu uma baita esperança, a chuva”<sup>180</sup>. Diante da visão, a tarefa se tornou passeio, houve conversa e leveza. Depois da nuvenzinha e dos sinais de chuva, pai e filho poderiam falar e ouvir. Não era só a água que viria. Também viria a esperança e a fé na melhora da situação.

Em casa, de noite, ouvindo as trovoadas e o vento, cheirando a terra molhada, sentindo a chuva e sorrindo para os clarões dos relâmpagos, Bilo falou da proximidade do seu aniversário e da possibilidade de convidarem uns parentes para comemorar o natalício. Ele sempre gostou de seu aniversário e dali a pouco mais de uma semana, em 26 de janeiro, chegaria aos 56 anos. A festa não seria somente para Bilo, aproveitariam a ocasião para celebrar a formatura de Cyro que, até o momento, fora deixada de lado por causa do aperto da família. Os festejos não seriam

---

<sup>178</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 73.

<sup>179</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 78-79.

<sup>180</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 73.

grandes, teriam alguns assados e bastante alegria. Com o passar daquela chuvarada, a alegria não poderia faltar. Uma nova época surgiria e as dificuldades começariam a ficar para trás.

“Os campos amanheceram empapados d’água. A cacimbinha transbordava”<sup>181</sup>. Foi essa a descrição que Cyro fez da manhã que sucedeu a noite chuvosa. O solão vermelho já não colocava tanto medo. A seca passara e os tempos prometiam ser outros. Como o Cerro do Marco estava abastecido, Bilo achou que as idas ao Florindo não eram mais necessárias. Eles poderiam se virar com a água da cacimbinha. Assim, evitavam a mão de obra de carregar a bordalesa por um caminho longo e não incomodavam o vizinho que se mostrara tão prestativo. Agora que poderiam prostrar-se à vontade, pai e filho não trotariam juntos, rumo à invernadinha do fundo. A viagem à cacimbinha era curta, mas, nem por isso, causava menos faceirice em Bilo, Cyro e nos outros Martins. Quando a bordalesa retornou cheia da cacimbinha, “foi saudada como uma vitória sobre a seca”<sup>182</sup>. A água dos Martins voltara e não seria daquela vez que eles morreriam de sede.

Aquela tão esperada água, no entanto, não trouxe tranquilidade. Poucos dias depois da chuvarada, Iná ficou febril. Como médico da família, Cyro começou a tratar da irmã “com escassos recursos” e “muito incerto quanto ao diagnóstico”<sup>183</sup>. A febre era um sintoma de muitos males e Cyro ainda não tinha certezas e experiência suficientes para perceber que a doença de Iná poderia ser grave. Enquanto Cyro, Bilo e Felícia se debatiam para saber do que Iná sofria, Morena, prima e irmã de criação que andava pela adolescência, perguntou a Cyro se “‘aquilo’ não seria tifo”<sup>184</sup>. Com o toque de Morena, o rapaz se deu conta, avisou os pais e tomou providências. Iná precisava ser levada para a cidade e um médico experimentado, como o Doutor Robertinho, precisava ser chamado.

Novamente, os Martins recorreram aos vizinhos. Alguém lhes emprestou um velho Ford e, assim, “numa madrugada de 23 ou 24 de janeiro”<sup>185</sup>, Cyro partiu para Quaraí com a irmã doente. Havia passado pouco mais de um mês de sua formatura e Cyro se via em um momento terrível. Não sabia direito o que fazer para salvar Iná, só sabia que rapidez era fundamental. Era necessário trata-la o quanto antes. Nisso, estavam suas chances. Na cidade, Cyro levou Iná para a casa de parentes. Causariam incômodos na propriedade alheia, mas não tinham dinheiro e,

---

<sup>181</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 79.

<sup>182</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 79.

<sup>183</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 79.

<sup>184</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 79.

<sup>185</sup>MARTINS, Cyro. *Apenas uma tapera. Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 26.

além disso, o prédio do hospital estava “caindo aos pedaços”<sup>186</sup>. O Doutor Robertinho atendeu ao chamado de Cyro e confirmou as suspeitas de Morena – era febre tifoide.

Foi a segunda vez que a *Salmonella typhi* cruzou o destino de Cyro Martins. Antes, tinha-o mandado embora de casa, pois, atacado pelo mal, Ivo deixara a vaga no Anchieta em aberto, à espera do irmão mais novo. Dessa vez, corridos quase catorze anos, a *Salmonella* lhe dava as boas-vindas. Agora, a doença não passaria sem cicatrizes e marcas profundas. Quando Robertinho fez o diagnóstico relativo à Iná e conversou com Cyro sobre o porquê da doença, eles chegaram à conclusão de que o problema estava na água. Aquela água dos Martins, vinda da cacimbinha, prometia ser salvadora, mas estava contaminada. Cyro lembrou que a cacimbinha “ficava a uns trinta metros do corredor” e que a “enxurrada certamente levava as porcarias da estrada para a fonte da taperinha”<sup>187</sup>. A chuva não fora tão benfazeja assim. Após tanta espera e tanta torcida, ela não trazia vida. Cyro sabia que todos da casa – inclusive ele – corriam riscos. Por isso, tentou avisar a família que parasse de beber aquela água. A advertência chegou tarde.

No início de fevereiro, o que não demorou a chegar foi a notícia do assassinato de Waldemar Ripoll. Depois de ter conspirado contra os governos federal e estadual em 1932, o amigo de Cyro foi preso e mandado para Portugal junto com outros chefes revolucionários. Logo nos primeiros meses de 1933, Ripoll trocou o lugar do seu exílio e se mudou para Rivera. Na fronteira do Brasil com o Uruguai, Ripoll voltou a articular um levante que culminasse nas quedas de Getúlio Vargas e de Flores da Cunha. As oposições do Rio Grande do Sul e de São Paulo não chegaram a um acordo sobre a deflagração de um movimento e, dentro da Frente Única Gaúcha, Ripoll era uma das poucas vozes que insistia na ideia da luta armada<sup>188</sup>.

Em janeiro de 1934, enquanto Cyro brigava com a febre tifoide em Quaraí, Ripoll se isolava em Rivera. Além de os companheiros políticos se afastarem dele, os adversários, liderados pelos irmãos de Flores da Cunha, vigiavam-no. Eles sabiam das atividades de Ripoll e ainda ouviam, entre Sant’Ana do Livramento e Rivera, boatos ameaçadores: o advogado e jornalista não só pretendia acusar as práticas de contrabando da família Flores mas também teria afirmado que o Rio Grande do Sul só seria livre se o interventor fosse eliminado.

Embora as suspeitas, nunca se comprovou que os Flores tenham mandado um homem chamado Pedro Borges até a casa da *calle* Brasil, onde Ripoll morava. Pedro ganhou a confiança

<sup>186</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 80.

<sup>187</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 80.

<sup>188</sup> Em *Crime e castigo: conflitos políticos em torno do assassinato de Waldemar Ripoll* (2001), Carlos Rangel trata das movimentações políticas de Ripoll desde o seu retorno do exílio e traz informações mais detalhadas sobre o crime do início de 1934.



de Ripoll, que não viu com maus olhos a aproximação daquele sujeito estranho que dizia ser veterano de 1893 e 1923 e viver de biscates. Após conhecer os hábitos da vítima e perceber o quão sozinho Ripoll estava, na noite quente de 30 para 31 de janeiro de 1934, Pedro desferiu golpes de machado na cabeça do rapaz.

Cyro soube rapidamente do crime que tirou a vida do companheiro de pensões, leituras e discussões políticas. Perdia mais um amigo e de uma forma bárbara, traumática. Ele viu parentes e correligionários de Ripoll “partindo emocionados” para Livramento, mas nada pôde fazer, “a não ser chorar, pois estava vivendo um outro drama terrível”<sup>189</sup>. O momento exigia que ele ficasse em Quaraí. Não apagara Waldemar de suas lembranças. Quando Cyro pudesse, falaria daquele guri com veia de revolucionário, de suas ideias e de seus sonhos interrompidos.

Na cidade abalada pela morte de Ripoll, o quadro de Iná melhorava. Já no Cerro do Marco, as coisas pioravam e outra pessoa era derrubada pela febre. Joanhina, uma guria que Bilo e Felícia criavam desde que ela tinha 4 anos, estava com 12 e “perfeitamente integrada na família”. A febre tifoide atingiu o organismo da menina e, sem a mesma resistência de Iná, ela não resistiu, “falecendo aos vinte e tantos dias da doença”<sup>190</sup>.

Cyro pouco falara sobre essa irmã de criação, que era quase uma desconhecida para ele. Há oito anos ela estava entre os Martins, mas Cyro só a via nos períodos de férias e a convivência dos dois praticamente não existia. No entanto, a morte de Joanhina impactou a família. O momento já se mostrava delicado e o falecimento agravava a situação.

O pior é que Joanhina não seria a última vítima da *Salmonella*. Algum tempo depois de sua morte, Bilo adoeceu. A febre não tomou conhecimento de sua força física. De nada adiantava ser “aquela fortaleza de homem”<sup>191</sup>, de ser a pessoa mais alta da vila e de pesar mais de 90 quilos. Um micróbio o derrubou e o mandou para a cama. Quando, em *Para início de conversa*, Cyro falou do episódio, uma frase de André Maurois sobre Proust foi lembrada: “em certos instantes de fraqueza e cansaço estamos à mercê do primeiro micróbio que assalte nosso organismo”<sup>192</sup>.

Não havia dúvidas que aquele homem forte passava por um momento de fraqueza. A família estava quebrada e ele devia se considerar o culpado por isso. Ele era o pai, o chefe e o provedor. A vida lhe dera alguns tombos e ele também não conduzira adequadamente certas circunstâncias. Cyro afirmou que o pai não era um negociante espetacular. Bilo sabia receber

<sup>189</sup>MARTINS, Cyro. O bisneto do imigrante José. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 41.

<sup>190</sup> As poucas palavras de Cyro sobre Joanhina estão em *Para início de conversa* (1990, p. 80).

<sup>191</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 80.

<sup>192</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 80.

peessoas, ouvi-las e contar histórias, mas vender bem e vender com vantagens não estava entre seus talentos. Em “Apenas uma tapera”, ao lembrar da falência do pai, Cyro disse que, no balcão, Bilo aprendeu “a tratar com meio mundo. Só não aprendeu a fazer bons negócios”<sup>193</sup>. Seu grande investimento fora a educação dos filhos. Os recursos empregados na tarefa contribuíram para sua derrocada, pois não era fácil custear anos de Anchieta e de estada em Porto Alegre. Isso, no entanto, não pesava contra Bilo – pelo contrário, depunha a seu favor. Como Bilo previra, a educação seria a maior herança deixada por ele.

Quando suas filhas adoeceram, mais um pouco de culpa deve tê-lo enfraquecido. Ele se decidira pela água da cacimbinha. Para não incomodar o vizinho e poupar trabalho, fizeram o que se mostrava fácil. Não havia problemas nessa decisão, era a solução prática. Bilo não entendia de doenças e de contaminações, só sabia que precisavam de água e precisavam logo. Ele não tinha como adivinhar o que aconteceria e, na realidade, não era culpado de nada. Porém, nas noites de agonia de Iná e, principalmente, de Joaquina, algo lhe atrapalhava a consciência e minava suas forças. Foi nesse momento de imunidade baixa que Bilo ficou doente.

Como receava que o mal de Bilo fosse o mesmo das irmãs, Cyro não titubeou e, com ajuda do automóvel do vizinho, carregou o pai até Quaraí. Quem sabe, se agissem rápido, pudessem ter a sorte que tiveram com Iná. Bilo foi levado para a residência de seu irmão Arlindo. Não havia alternativas e eles precisavam acampar na casa de um parente. Naquelas horas de doença, dois fatos ficavam em evidência: a disponibilidade da família e a falta de recursos. Quando percebeu que o estado de Bilo não melhorava, Arlindo saiu da própria casa para que a cunhada e os sobrinhos tentassem ficar mais à vontade. É claro que isso nunca aconteceria. Como ficariam à vontade em uma casa emprestada? Como retribuiriam o favor de Arlindo? Os Martins estavam à beira do desamparo.

Cyro queria ajudar o pai, queria que ele melhorasse. Era médico, sentia a obrigação de salvá-lo, mas estava de mãos atadas. Quando chegaram à cidade, ele recorreu, mais uma vez, ao Doutor Robertinho. O velho médico fora eficiente no tratamento de Iná, também poderia sê-lo em relação a Bilo. O destino, no entanto, jogava contra Bilo, Cyro e os outros Martins. Robertinho estava com viagem marcada. Ele deu uns poucos atendimentos a Bilo e partiu. Cyro teria de apelar a outros médicos de Quaraí e isso se tornava um problema. Os outros não contavam com a experiência de Robertinho e não eram tão ativos quanto ele. Caso Cyro fosse um pouco mais rodado na prática da medicina, poderia assumir as rédeas do tratamento. Contudo, esse não era o caso e o Doutor Júnior de Souza foi chamado. Cyro achava que o colega

---

<sup>193</sup>MARTINS, Cyro. Apenas uma tapera. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 29

tinha “o pensamento lerdo”<sup>194</sup>, agia muito preso aos manuais e que, se não achasse as soluções nos livros, ficava sem ação. Bilo, ao contrário do filho, confiava em Júnior, pois ele era seu médico de confiança, que, anos antes, o ajudara a se livrar de um problema nas costas.

Mesmo sendo inexperiente, Cyro percebia qual profissional se virava bem e via que a lerdeza de Júnior agravava o quadro de Bilo. Além disso, Júnior “fez um mau prognóstico de saída. Isso lhe tirou em parte o interesse do caso”<sup>195</sup>. Os sintomas da doença ficavam cada vez mais claros: a febre, o mal-estar e as dores abdominais persistiam, ocorriam alterações intestinais, náuseas e vômitos. Bilo não podia comer quase nada e tentava ingerir boas quantidades de água. Cyro assistia ao pai se finar, diminuir por causa de uma bactéria. Embora tivesse o diploma que lhe apontava como médico, Cyro não conseguia fazer muita coisa. Ele se mexia com o possível: corria atrás de Júnior, lhe exigia medidas realmente eficazes, tentava não deixar Felícia ainda mais assustada. A sensação de impotência seria uma das maiores cicatrizes deixadas pelos dias que cercaram a doença de Bilo. Para Slavutzky, em uma página dolorida de *Para início de conversa*, Cyro refletiria: “Nunca me senti tão inerte quanto naqueles dias”<sup>196</sup>. O rapaz tinha poucas armas para lutar contra o desastre que se aproximava. Depois de muito debate, Cyro venceu as reservas de Júnior e convenceu-o a buscarem outra opinião. Reverbel foi chamado, mas a reversão do quadro já era improvável. A piora do estado de Bilo era notável e ele começava a se entregar. Após saber que Arlindo tinha se mudado e apenas Felícia, Alda e Cyro estavam ao seu redor, ele percebeu que a morte era o mais solitário dos males. “Qualquer dia amanheço só, nesta casa!”<sup>197</sup> foi a frase que Bilo disse ao filho quando se deu conta da solidão e do caminho sem volta.

Por mais inexperiente que fosse, Cyro sabia que Bilo estava perto da morte. Não havia mais esperanças. Ele achava que não poderia contar a verdade para a mãe, mas ela também devia saber. Não falavam na possibilidade, mas sabiam. Era tarde demais para a salvação e aquela família descrente não acreditava em milagres.

Quando, em uma tarde do início de abril, um aguaceiro tomou conta de Quaraí, Bilo passou a ter hemorragias intestinais. Ainda que estivessem esgotadas, Felícia e Alda, as “grandes heroínas daqueles vinte e tantos dias de luta inglória contra o tifo”, tiveram forças para ajudar Cyro e Aristeu, o irmão de Bilo, a limparem o doente e as roupas de cama. Reverbel também auxiliou a família, atendeu prontamente ao chamado de Cyro, “ergueu o corpo do

---

<sup>194</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 81.

<sup>195</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 81.

<sup>196</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 81.

<sup>197</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 81.

doente pelos joelhos, metendo o braço direito por baixo dos joelhos, facilitando assim as manobras de limpeza”<sup>198</sup>. Toda a prática de Reverbel não seria suficiente para aplacar o sofrimento de Bilo. O médico saiu e Júnior logo chegou. Já não importava. Não havia nenhuma medida a ser tomada.

“O que mais fazer? Esperar que findasse o gemido agônico com o último suspiro, às cinco da madrugada”. Uma coisa Cyro ainda atinou a fazer. Retirou Felícia do quarto em tempo. Até ali, a mãe fora uma heroína, mas seria melhor poupá-la dos últimos instantes e “daquele espetáculo horrível: assistir o marido morrer esvaindo-se em sangue”. Bilo sentiu a ausência da companheira e a frase que reclamou ao filho, pouco antes do passamento, ecoaria na consciência de Cyro por muitos anos: “Estou esperando. Será que não vem mais?”<sup>199</sup>. Felícia não viria mais. Apenas Cyro e Júnior presenciaram a morte de Bilo. O médico declarou que a causa do óbito fora febre tifoide<sup>200</sup> e encerrou sua participação no drama.

Quando o dia clareou, começou o velório e, às 16h do mesmo dia, se deu o enterro. Sobre a cerimônia, Cyro contou a Slavutzky que “Quase toda a cidade compareceu. Ainda chovia. Pouco. Mas chovia. Todos me abraçaram comovidamente, tinham pena de mim, tão jovem, recém-formado, e acontecendo aquilo!”<sup>201</sup>. Bilo morreu em condições terríveis. Falido, derrubado por um ínfimo micróbio e derrotado pelo próprio corpo. Para os amigos e parentes, não importava como ele chegara ao fim. Em vida, fora um homem bom e era isso que interessava. Seria melhor que ficassem com as recordações de antes, dos tempos que precederam as tragédias. O Bilo que interessava era o do balcão, o da prestatividade, o dos causos, o do sacrifício pela educação dos filhos. Ao longo de sua produção, Cyro se inclinaria por essa última lembrança e, a partir dela, construiria uma imagem ideal e positiva do pai.

O falecimento de Bilo foi o maior golpe sofrido pelo clã dos Martins. Com o último suspiro do patriarca, terminava uma época familiar. O chefe desaparecera e todos ficaram à deriva. As palavras que dirigiam a Cyro depois do enterro significavam muito, não eram vazias como os termos protocolares ditos em ocasiões semelhantes. Ele era um jovem no começo da vida e voltava a estar só. Estava sozinho e perdido. Daquele momento em diante, Cyro se tornou o homem da família. Ele teria de dar um jeito nas contas do Cerro do Marco, pois Bilo falecia e as dívidas ficavam. Ele também precisaria arrumar um modo de sustentar os membros da

<sup>198</sup> Ao descrever a cena, em *Para início de conversa* (1990, p. 81-82), Cyro também afirma: “Quadro inesquecível para mim. Se fosse pintor e quisesse fixar uma cena médica daqueles tempos, seria aquela que eu escolheria”.

<sup>199</sup> As recordações da morte do pai estão em *Para início de conversa* (1990, p. 82).

<sup>200</sup> Informação retirada do livro *Sepultamentos efectuados no cemitério público de Quarahy, durante o anno de 1934*, p. 4-5. Nas mesmas páginas existe a indicação da data do falecimento de Bilo: 8 de abril de 1934.

<sup>201</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 82.

família que restavam. As pressões que caíram em seus ombros quando voltara para casa – arranjar dinheiro – aumentaram radicalmente, assim como suas responsabilidades. Cyro sabia que sua juventude acabara e que era a hora de assumir o papel do pai.

No entanto, depois do enterro, não tinha forças para nada, só queria dormir. Foi isso que ele fez. O sono era refúgio e fuga, era a esperança de acordar e ver que nada daquilo aconteceria. Durante o sono, Bilo poderia estar entre eles, contanto histórias e se animando com a política; no Cerro do Marco, tudo correria bem, não faltaria água e os clientes voltariam; Felícia continuaria costurando e seria mais ativa e prestativa do que antes; Joaquina e Iná estariam saudáveis e ajudariam Felícia; Cyro trabalharia com paciência, sem pressões, adquirindo experiência e até cogitando uma especialização. O sono seria bom, seria diferente daquelas coisas que ele vivia desde a formatura.

O problema do sono é o seu fim. Com o despertar, voltam o amargo da boca e o peso da realidade. Quando o 9 de abril de 1934 amanheceu, a vida de Cyro era outra – muito pior do que fora até ali.

Durante todos os episódios trágicos que envolveram a morte de Bilo e Joaquina, houve uma grande ausência: Ivo. Em *Para início de conversa*, Slavutzky perguntou se Cyro não contraiu a enfermidade. Ele respondeu que teve “uma forma ambulatória da doença”, na qual se manifestavam distúrbios gastrointestinais e febre baixa. Seguindo no mesmo assunto, Cyro contou que Alda aguentou “sessenta dias ardendo em febre, bravamente”. Quando questionado sobre a saúde de Ivo, Cyro foi breve e um tanto lacônico: “Escapou. Estava em Porto Alegre e chegou depois da tormenta”<sup>202</sup>. Pelas palavras ditas por Cyro, não é possível saber se o irmão chegou a Quaraí logo que os familiares começaram a adoecer ou depois da morte de Bilo. Pelas palavras, também não é possível saber se a declaração carrega algum ressentimento em relação à conduta do irmão. Ivo trabalhava em Porto Alegre e talvez não pudesse se desvencilhar tão facilmente de seus compromissos. Ivo, porém, também era filho e tinha as mesmas responsabilidades de Cyro, Iná e Alda. Se Ivo estivesse ao lado dos irmãos, se estivesse, principalmente, ao lado de Cyro, o peso poderia ser dividido. Outro problema é que Ivo sempre esteve apagado das lembranças de Cyro. Assim, em um momento de decisão no destino dos Martins, Cyro teria de ser o protagonista, não o irmão.

Desde que a família se mudara para Quaraí com o propósito de salvar Bilo, Cyro começou a dar algumas consultas. Na cidade, ele conseguiu uma casinha que lhe “fora cedida

---

<sup>202</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 82-83.

ou alugada”<sup>203</sup>. Nela, recebia os clientes, dormia e alojava os parentes que iam visitar o pai. Cyro também fazia atendimentos a domicílio e o livro do Cemitério Jardim da Saudade<sup>204</sup> comprova que, no período que circundou o falecimento de Bilo, o médico fez três declarações de óbito, duas em março e uma em abril. A primeira foi a da irmã de criação Joanhina e as outras de uma empregada doméstica chamada Camila Pereira, que aos 44 anos sofreu uma insuficiência cardíaca, e de outra mulher, identificada apenas como Terezinha, sem indicação de idade ou profissão, morta devido a uma síndrome disentérica<sup>205</sup>.

Entre março e abril, Cyro viveu rodeado de morte e começou a ter mais noção sobre a prática médica. Por enquanto, ele não estava à vontade na profissão, mas estudara aquilo e dependia da medicina para viver. Depois de toda a tempestade que se abatera sobre os Martins, a volta para o Cerro do Marco se tornara muito difícil. Ainda havia outras questões que favoreciam o estabelecimento da família na cidade. O que eles fariam com o bolicho? Qual deles conduziria o negócio? Assim como os irmãos e a mãe, Cyro não levava jeito para a coisa. Havia mais: eles estavam quebrados, não poderiam investir no armazém, no gado, em nada. Além disso, as dívidas deixadas por Bilo precisavam ser quitadas. A solução era vender o pedaço de campo com as porteiras fechadas – armazém, casa, galpão e bichos.

Em “Apenas uma tapera”, Cyro tentou explicar o porquê de a família abandonar o Cerro do Marco: “Bueno, como quer que seja, valha a verdade, me faltou valor para escorar a nossa casa contra as ventanias da má sorte, quando faltou meu pai”<sup>206</sup>. A afirmação mostra que Cyro se colocou no centro das decisões familiares e tentou ocupar a posição de Bilo. Contudo, o jovem não era como o patriarca. Bilo não vendia bem e fazia péssimos negócios, mas agregava em torno de si os Martins. Cyro não tinha esse poder, pois estava há muito distante de casa e aquelas vivências no campo e na venda, na verdade, não eram mais as suas. Cyro voltou desajustado de Porto Alegre, por mais que tentasse se readaptar, o Cerro do Marco não era o seu lugar.

Após a perda do pai, esse desajuste se tornou maior e Cyro sabia disso. No mesmo “Apenas uma tapera”, escrito depois de um longo período de ausência do chão natal, ele ponderou: “Mas sejamos justos comigo. A verdade é que, se tivesse metido o ombro para salvar o Cerro do Marco da ruína, certamente o teria feito de mau jeito e acabaria soterrado pelos

<sup>203</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 82.

<sup>204</sup>CEMITÉRIO JARDIM DA SAUDADE. *Sepultamentos efectuados no cemitério público de Quarahy, durante o anno de 1934*, p. 4-5.

<sup>205</sup> Segundo as informações do livro, o óbito de Joanhina foi declarado em 7 de março de 1934 o que causa confusão nas datas referidas por Cyro em *Para início de conversa*. O relato que faz a Slavutzky dá a entender que a menina faleceu em final de janeiro ou início de fevereiro.

<sup>206</sup>MARTINS, Cyro. *Apenas uma tapera*. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 22.

escombros”<sup>207</sup>. As palavras do homem que beirava os setenta anos buscam justificar e absolver as atitudes do jovem. Não lhe faltavam coragem ou “valor”, mas jeito. Cyro não era de balcão ou de campo, era de cidade e de diploma. Para tentar ajudar a família, precisava se distanciar do que não era e acostumar-se o mais rápido possível à vida de médico. Estudara medicina, fora aprovado no curso e se formara. A prática médica não era fácil, porém, ele estava mais apto a ela do que ao campo. O Cerro do Marco, o bolicho e a pequena criação – cada vez menor – tinham de ficar para trás. Por enquanto, na falta de coisa melhor, ele se instalaria em Quaraí.

Não se sabe quando os Martins venderam as terras, quanto ganharam e se sobrou algo depois de quitadas as dívidas. Também não se sabe qual destino deram aos empregados que restavam e se Felícia e os filhos estavam de acordo em abandonar o Cerro do Marco. O mais provável é que, pouco antes da segunda metade de 1934, Cyro estivesse na cidade. Com ele, estavam Felícia e, talvez, Alda. Os textos que escreveu sobre o período remetem pouco ao convívio familiar. Interessavam a Cyro os casos médicos e alguns fatos de sua escassa vida social.

Em *Mensagem errante*, na parte “A cidadezinha”, Cyro trata de outra etapa dos caminhos do personagem Carlos. No texto, aparecem um médico recém-formado, órfão de pai, os episódios que ilustram o início de sua prática médica e de sua atuação social. Na primeira parte de *Mensagem errante*, “A campanha”, o menino Carlos já se assemelhava significativamente ao menino Cyro; na segunda, “A capital”, se dava o mesmo com os estudantes de medicina Carlos e Cyro; na terceira, também há uma continuação das semelhanças. É claro que surgem diferenças entre Carlos e Cyro, por exemplo: Afonso, o pai do primeiro, caiu em um dos combates da Revolução de 1923, ao contrário de Bilo, que se finou na cama; Carlos tem um tio abastado, presidente do Clube Comercial, influente politicamente, Cyro tinha muitos parentes, mas nenhum era rico. Por mais que existam, as diferenças são soterradas pelas semelhanças e isso fortalece a ideia de que Carlos era Cyro e que o último se escrevia constantemente.

Ao criar Carlos, protagonista tratado por um narrador heterodiegético, parece que Cyro afasta de si o personagem e suas características autobiográficas. No entanto, em 1980, quando publicou *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas, Cyro lançou mão dos mesmos episódios descritos em “A capital” e “A cidadezinha”. O que distanciava as publicações estava além do tempo: em *A dama do saladeiro*, Cyro separou os capítulos das duas partes de *Mensagem errante*, dotou-lhes de caráter individual, transformando-os em “contos”, assumiu

---

<sup>207</sup>MARTINS, Cyro. Apenas uma tapera. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 22-23.

um narrador homodiegético e fez desaparecer a figura de Carlos. O herói daquela mensagem errante, das histórias vividas e andadas era, no fundo, o próprio Cyro.

No capítulo III de “A cidadezinha”, há uma rara cena familiar que pode oferecer pistas de como era a rotina caseira de Cyro nos dias de Quarai<sup>208</sup>. A noite de São João Batista é fria, a mãe, uma senhora muito prestativa, costura; a irmã se concentra em um romance; Carlos divide suas atenções entre a leitura de *O país das uvas* e as lembranças sobre um suicida atendido pelo médico naquele mesmo dia. O ambiente é tranquilo e silencioso, mas notam-se a ausência paterna e certos tons de pobreza. O interessante do capítulo é a falta de interação entre os personagens. Ao mesmo tempo, eles ocupam e não ocupam o espaço comum. A mãe é a única que se preocupa com os companheiros de quadro: pergunta se o filho não quer deitar, se proteger do frio, tomar um leite quente, se a filha não está forçando a visão. Carlos não está ali, não se preocupa com as costuras da mãe, com o livro da irmã. Ele está nas terras do rei de Thule, está do outro lado da rua. O que interessa não está na sala de casa, está fora.

Esse detalhe da cena é repleto de significado. Quando, na parte “A campanha”, depois separada e intitulada *Um menino vai para o colégio*, a narração privilegia as vivências externas ao internato, acontece algo parecido. Por um descontentamento com a situação vivida, se olha para fora, se busca a fuga. O Carlos interessado nas histórias de Fialho de Almeida e no vizinho morto é o Carlos que quer fugir da ausência do pai e da dificuldade financeira. Cyro também queria fugir e, por isso, não escrevia sobre a vida da família no período que seguiu a morte de Bilo. O evento causou forte abalo e trouxe consequências para Cyro e os outros Martins. Ele sofreu com pesadas responsabilidades que se tornaram ainda maiores ao Felícia entrar em um irreversível estado de depressão. Durante a doença do marido, ela reagira como uma fortaleza, fazendo tudo que estivesse ao seu alcance. Com o fim de Bilo, porém, Felícia ruiu. Além de dividirem uma vida, ela sempre foi dependente do marido e das decisões tomadas por ele. Felícia não suportou o fato de ter virado, de uma hora para outra, a chefe da família. Ela era a mãe prestativa, pronta a se jogar ao trabalho que fosse, não a mãe das decisões. Ela não conseguiu lidar com o novo momento e a depressão a atingiu.

Anos atrás, Felícia já sofrera com uma situação extrema. Em 1920, ela ficou atordoada e não teve condições de levar Cyro a Porto Alegre. O menino acabou viajando praticamente sozinho. Agora, Cyro também precisaria viajar sozinho e, sem Bilo, sem Felícia, o caminho se mostrava muito longo.

---

<sup>208</sup> A cena está entre as páginas 154 e 159 de *Mensagem errante*, 1942.



A depressão de Felícia desencadearia duas marcas na vida e na produção de Cyro. A primeira delas tem relação com a exaltação do pai e o apagamento da mãe, a segunda com a imagem solitária de Cyro. A morte de Bilo foi o evento mais traumático da vida do jovem. Na época, ele não lembrou das palavras de Freud sobre a perda do pai, mas experimentou, na prática, a ausência da figura paterna<sup>209</sup>. Em meio ao trauma, o rapaz precisava de algo em que pudesse se agarrar. O pouco convívio com os irmãos não indicava que a solução estivesse neles. Os muitos tios eram solidários, contudo, eram tios e se preocupavam mais com as suas proles. Restava Felícia como a pessoa mais próxima do filho. Nela, não estava a tábua de salvação, mas o início de um caminho que poderia apontar para alguma melhora. Era na mãe que ele tinha de se agarrar, na proximidade que ela tivera com Bilo, na imagem de família que ela representava. Felícia, entretanto, estava mais à deriva do que Cyro. Ela não tinha forças nem para se ajudar.

Mais uma vez, a mãe o deixava só. Ela era uma vítima da depressão e não tinha consciência do que seu recolhimento significava. Sua atitude frente a certos desafios contribuiu para sua imagem apagada. Cyro nunca dedicou muitas palavras à mãe. Quando falava da infância e da adolescência, era Bilo seu personagem central. Felícia estava, na maioria dos casos, relegada à periferia das lembranças. Os adjetivos que caracterizam a mãe – prestativa, trabalhadora – não parecem tão repletos de afeto e até poderiam qualificar qualquer bom empregado. O silêncio de Cyro em relação à Felícia não indica uma convivência perturbada, tampouco falta de sentimentos. Viviam conforme a situação e Cyro era um filho que amava a mãe, mesmo que fosse discreto ao expressar esse amor. O ruído na ligação entre os dois se dava na fraqueza demonstrada por Felícia em certos momentos. Essa fraqueza, geralmente, respingava em Cyro. O que o rapaz não compreendia é que aquela mulher nunca foi preparada para enfrentar tais momentos. No início, viveu à sombra do pai, depois, à sombra do marido. Ela não foi criada para tomar decisões. Como tantas outras mulheres da época, foi preparada para servir e obedecer – e era isso que fazia.

A morte de Bilo foi a maior tragédia dos Martins, mas a depressão de Felícia também teve grande importância nos rumos família. De certo modo, pai e mãe estavam ausentes. Um estava morto e a outra receios de viver. É interessante observar que, embora Felícia tenha falecido em 1960, vinte e seis anos depois de Bilo, ela dificilmente aparece na produção de

---

<sup>209</sup> Foi Slavutzky, em *Para início de conversa* (1990, p. 83), que fez a relação da morte de Bilo com as palavras escritas por Freud em 1908, no “Prefácio à segunda edição” de *A interpretação dos sonhos* (2015, p. 6): “Pois para mim este livro ainda tem uma outra importância subjetiva, que pude compreender apenas após terminá-lo. Ele se mostrou como uma parte de minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao acontecimento mais significativo, à perda mais incisiva, na vida de um homem”.

Cyro desligada da imagem do marido. As poucas cenas caseiras de “A cidadezinha”, que remetem a uma mãe viúva e a filhos órfãos, formam a exceção. Nas duas primeiras partes de *Mensagem errante*, em *Sombras na correnteza*, *Gaúchos no obelisco* e *O professor*, figura o casal, sendo que o homem ganha mais relevo em todas as narrativas. O pai decide, luta pela educação dos filhos, escolhe o lado político da família, recebe e conversa com as pessoas. A mãe tem papel de auxiliar, chora pela iminente partida das crianças, cozinha para os viajantes e as visitas, costura bombachas e outras roupas para os possíveis eleitores cabalados pelo marido. A vida da mulher está atrelada à vida do homem. Um só pode existir se houver o outro, mas, para que ele seja protagonista, ela tem de ser coadjuvante.

Assim, Cyro forja duas imagens: o pai decidido e forte, a mãe prestativa e apagada. Dessa construção, Bilo surge como polo positivo e, devido à fraqueza ou ao apagamento da mãe, Cyro opta pela positividade de Bilo. Para sair do momento de turbulência, é preciso se aferrar à imagem do pai e deixar de lado a da mãe. Em toda escolha, algo é posto na sombra. Optando pelo modelo do pai, Cyro afastou o da mãe. Ela não seria representada como pessoa forte nem lembrada com frequência. Aliás, ela seria muito pouco representada. Enquanto o marido brilhava nas páginas dos romances e dos ensaios memorialísticos do filho, ela faria aparições breves e modestas. Nem mesmo seus dias de heroína, durante a doença de Bilo, salvaram-na da sombra. Pesavam contra ela aquele episódio da viagem a Porto Alegre e a depressão após o falecimento de Bilo. Ao não conseguir superar a perda do marido, Felícia também morreu.

A morte física de Bilo precisou de uma longa elaboração, já a morte figurada de Felícia não<sup>210</sup>. Anos mais tarde, Cyro transformaria o pai em personagem e sobre isso afirmaria: “foi a maneira que encontrei de levá-lo a viver mais, atuando e falando nas minhas páginas. Procurei ser sempre fiel à sua maneira de pensar”<sup>211</sup>. Através da ficção, Cyro pretendia trabalhar o abalo que a perda do pai representou e demonstrar sua fidelidade ao lado paterno. Na literatura, sob a camada – muito fina – do personagem, estariam Bilo, suas atitudes e sua sobrevivência. Ele dificilmente é retratado em momentos de fraqueza – na maioria das aparições, está agindo, seja pelo bem dos filhos, pela briga política, pelo conforto dos clientes. O mesmo não acontece no tocante à Felícia. As representações da mãe não indicam sobrevivência. Quando surge, ela trabalha

---

<sup>210</sup> A morte física de Felícia também não precisou de elaboração e, em *Para início de conversa* (1990, p. 83), Cyro ofereceu uma boa explicação sobre o assunto: “[...] quando a perdemos, as minhas condições de vida eram outras, bem outras. Já tinha passado pelas tempestades do primeiro casamento e conquistado um certo lugar na literatura e na medicina, pois até psicanalista já era. Demais, minha mãe chegou aos oitenta! Essa era uma das aspirações maiores do pai. De maneira que a elaboração da perda da mãe me exigiu menos desgaste emocional”.

<sup>211</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 84.

ou se preocupa e a preocupação constante não deixa que ela se fortaleça – pelo contrário, a enfraquece e contribui para seu apagamento.

Escolher Bilo também era uma opção pelo agir. Suas ações nem sempre traziam bons frutos, mas ele tentava. O pai agia e fazia isso sozinho. Não foi só que decidiu a mudança da família para o Cerro do Marco? Não foi só que decidiu mandar os filhos para Porto Alegre? Agir como o pai era estar sozinho como o pai.

Sem Bilo e sem Felícia, Cyro começou a construir seu caminho solitário. Estabelecido em Quaraí, continuou a atender, por algum tempo, clientes na mesma casinha que conseguira durante a doença de Bilo. Ele não morava ali e apenas utilizava o lugar como consultório. Em outra casa, vivia com Felícia. Ao falar para Slavutzky sobre a casinha-consultório, Cyro não sabia informar se ela lhe fora “cedida ou alugada”<sup>212</sup>. É mais provável que ela tenha sido cedida, pois, como médico recém-formado, atravessando apertos financeiros, seria difícil arcar com o aluguel. Na cidade, ele aumentara o número de atendimentos. Os outros médicos mandavam-lhe alguns casos e indicavam seu nome. No entanto, isso não significava dinheiro.

Cyro fazia a “medicina dos três pés”<sup>213</sup>: parentes, prostitutas e pobres – o retorno era claramente pequeno. Sua família era constituída por muita gente e não poderia negá-los assistência. Quando Bilo adoeceu, aqueles que tinham condições de ajudar se apresentaram. Agora, era a vez dele e não seria correto virar as costas para os que se mostraram prestativos. Os tios e primos de vários graus até prometiam um pagamento para a próxima semana ou para o próximo mês, mas Cyro nunca receberia. Ele tinha plena consciência de que não ganharia nada além de agradecimentos e também não fazia cobranças. Não tinha jeito para cobrar. Depois, como insistiria para receber? Os parentes eram como ele, sem dinheiro.

Das prostitutas, ele recebia. Não era muito, mas recebia. Para elas, não devia favores como acontecia com os parentes. Não seria nada absurdo que cobrasse por seus serviços. Cyro sabia disso e não fazia questão de exigir o pagamento. Se pudessem, pagavam. Ele não era nenhum bom samaritano nem queria se tornar doutor ou pai do povo. Sem Bilo, precisava lutar ainda mais pelas contas e não trabalhava por esporte. Cyro, entretanto, tinha noção do meio em que vivia. Além disso, era consciente a respeito dos compromissos éticos que envolviam a profissão e do momento de sua carreira: estava no início, pegava o que aparecesse. Mesmo que ganhasse pouco, levava dos atendimentos aprendizado, experiência e alguns trocados.

---

<sup>212</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 82.

<sup>213</sup>MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 117.

A clínica daquele início de vida médica poderia ser resumida apenas no pê que representava os pobres. Essa era a condição de quase todos os seus clientes. Ele não atendia os estancieiros abastados, os funcionários públicos com cargos mais altos e as famílias remediadas. Esses preferiam os médicos experientes e respeitados. As gentes de Cyro eram aquelas outras, aquelas que se espalhavam pelos cabarés, pelos bolichos, pelas casas localizadas nas margens da cidade, pelos ranchos escondidos no interior da campanha. Cyro dependia dessa gente pobre para viver e ela precisava dos poucos conhecimentos médicos do jovem para atenuar a sobrevivência.

Mesmo com as tempestades de 1934 e o início da profissão, Cyro não abandonou a literatura. Entre seus poucos lazeres estava a leitura. Ele não tinha dinheiro sobrando para comprar livros em Quaraí ou atravessar o rio e ir até as livrarias de Artigas – um pouco mais sortidas que as do lado brasileiro. Sua salvação eram os amigos e a pequena biblioteca do Clube Comercial. Cyro não era sócio, mas conseguia exemplares emprestados que saciavam uma parte de sua fome leitora. A biblioteca também não era das mais atualizadas e não contava com muitas novidades. No entanto, era a que estava à mão e seria pior sem ela.

Quanto à vontade de se tornar escritor, Cyro continuava a alimentá-la. Ainda em Porto Alegre, no ano anterior, ele conseguira que alguns de seus contos chegassem à Livraria do Globo. Havia a promessa de que eles seriam publicados. Sob o título de *Campo fora*, Cyro reuniu catorze histórias. Em sua maioria, elas eram curtas, apresentavam um narrador heterodiegético e seus temas giravam em torno da vida na campanha. Começaram a ser criadas nas férias, em papéis de embrulho da venda e na velha Remington de Bilo. Fazia mais de dez anos que Cyro estava em volta delas. Junto com ele, elas rodaram por diversas pensões da capital e foram lidas e discutidas nos encontros com os amigos. Os companheiros foram fundamentais na construção daquelas histórias. Sem seus ouvidos, suas leituras e suas opiniões, os contos poderiam ter tomado outros rumos, poderiam ter sido deixados de lado.

Agora, ele aguardava a Globo. Ver as palavras impressas e as histórias ganharem concretude com a tinta ainda era um sonho. Mais cedo ou mais tarde, o livro deveria aparecer. Depois disso, ele seria um escritor? Qual seria a sensação de ler seu nome na capa? Como isso lhe ajudaria a enfrentar as dificuldades que passava em Quaraí? Ele não sabia as respostas. Só sabia que precisava esperar.

Enquanto não virava escritor, levava a vida de médico rural. A casinha-consultório fora substituída e ele mudara para a farmácia do Demóstenes, que, “bondosamente”, lhe cedera “uma

peça para ir atendendo ali até melhores dias”<sup>214</sup>. Nas horas de aperto, os amigos e conhecidos sempre estendiam a mão para o rapaz. Além disso, o negócio seria bom para Cyro e Demóstenes. O médico atendia os clientes na sala cedida e, caso fosse necessário, encaminhava as receitas e os pacientes para que o prático providenciasse os remédios. A única coisa que poderia atrapalhar os dois era a falta de recursos da clientela de Cyro, mas ele e Demóstenes não se arriscavam muito, pois não tinham nada a perder e o que viesse seria lucro.

Praticando a medicina dos três pés, Cyro colecionou histórias. Elas eram geralmente sombrias e marcadas por duas questões: a experiência profissional e a consciência social. Cyro não vinha de família abastada e sabia das consequências que a pobreza carregava no lombo. Aqueles atendimentos feitos em casebres, ranchos e prostíbulos mostravam ao jovem que a miséria era mais forte e esmagadora do que ele imaginava. Ele enfrentava uma situação complicada e, mesmo sendo pálida e fraca, uma esperança atravessava o seu caminho. Cyro se formou, virou dono de um diploma, tinha armas para lutar. Aquelas pessoas só tinham a teimosia: não escreviam, não liam, trabalhavam por temporadas e por pouco dinheiro, brigavam pelos restos que vinham dos saladeiros, moravam em taperas, fugiam das cheias, pelejavam contra os gritos do estômago e a fraqueza dos pulmões. Poucos se preocupavam com sua sorte e, por mais que fosse difícil, muitos fingiam não as ver.

Cyro, um médico iniciante, não podia fingir. Ele tinha de ir ao encontro daquela gente. Alguns dos casos nos quais se envolveu ficaram em sua memória e foram registrados. Em *A dama do saladeiro*, dois atendimentos dos primeiros tempos de Quaraí chamam a atenção: “Mãos amigas do próximo” e “Inesperadamente, de manhã”<sup>215</sup>.

No primeiro dos relatos “vividoss e andados”, aparece um dos raros partos feitos por Cyro em sua carreira de clínico geral. A história é elaborada através da técnica do *flashback*, pois começa durante o amanhecer, enquanto o médico e o cocheiro Jesus, que cobrava 2\$000 réis a viagem, peludeiam nas estradas embarradas. Com as primeiras luzes do dia, Cyro recorda o que se passou à noite, em um pequeno rancho do interior. Cyro, aliás, se constrói como narrador-protagonista dos eventos. Apesar de a mulher – chamada de Doquinha – sofrer com as complicações do parto, o foco da história não está nela, mas no médico e nas suas ações. Quando lembra do ocorrido, ele faz uma reflexão sintomática no tocante ao seu protagonismo: “Vivera uma fábula. E se o caso não houvesse chegado à solução providencial a que chegara?”

---

MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 82.

<sup>215</sup> Em *Mensagem errante*, “Mãos amigas do próximo” e “Inesperadamente, de manhã” correspondem a histórias contadas no Capítulo I (p. 141-147) e no Capítulo III (p. 154-159) de “A cidadezinha”.

Providencial? Mas quem dispôs da sorte daqueles dois seres, no minuto decisivo, não fora eu?”<sup>216</sup>.

O papel relevante de Cyro na “fábula” evolui na medida em que as dificuldades de Doquinha crescem. A parteira não conseguiu dar jeito no caso e um médico foi acionado. Era para Robertinho ir, mas não pôde e mandou Cyro em seu lugar. O rapaz chegou rodeado de desconfiança – “Esperavam um médico conhecido e afamado, e viera outro, estranho e muito moço”<sup>217</sup> – e ainda foi chamado de “menino” pela parteira. Ao entrar no rancho, um “ambiente incaracterizável”<sup>218</sup>, e começar a examinar “uma mulher moça e robusta”, que “arquejava, com um pano entre os dentes”<sup>219</sup>, as atenções dos demais personagens (marido, parteira e três vizinhas) se deslocaram do sofrimento da parturiente para as ações do rapaz. Ele achou que uma injeção de pituitrina ajudaria a resolver o caso, aplicou-a, disse que, dentro de alguns minutos teriam uma solução e foi para fora da casa, fumar ao lado de João Pedro, o marido, e tentar aliviá-lo da tensão. Cyro parecia agir como médico experimentado e seguro, mas a pituitrina não surtiu efeito nem o marido se acalmou. Diante da promessa não cumprida, as desconfianças aumentaram e ele precisou reexaminar Doquinha. A moça já não tinha forças para empurrar a criança e queria que o sofrimento acabasse. Cyro sabia que só restava o uso do fórceps.

O problema é que ele “nunca tocara esse instrumento”. Na faculdade, “apenas uma vez assistira a um docente de obstetrícia aplicá-lo” e “o pouco mais que sabia era de leitura e de conversas com o dr. Robertinho”<sup>220</sup>. Ali, no rancho, entre aquela plateia, não havia professor, Robertinho ou livro. Era com ele. Sem confiança, tateante e com receio, ele principiou a agir, “com medo de esquecer de súbito as leis de aplicação do fórceps”<sup>221</sup>. Depois da quarta tentativa, ele conseguiu colocar os ferros. Quando ia começar a forcejar, “estronudou um trovão bem em cima do rancho” e as pinças escaparam-lhe das mãos. “Exausto, principalmente pelas péssimas condições de trabalho, além do desgaste emocional”<sup>222</sup>, Cyro recomeçou o trabalho. Doquinha não aguentava mais, o marido andava carrancudo ao redor da cama, a parteira, desconfiada

---

<sup>216</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 66.

<sup>217</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 67.

<sup>218</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 66.

<sup>219</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 67.

<sup>220</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 68.

<sup>221</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 69.

<sup>222</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 70.

como nunca, observava o médico e as vizinhas não tinham ideia do que fazer. Até a luz da casa fraquejava. Nada estava a favor de Cyro e nem ele tinha fé em si mesmo. Foi nesse momento que o fórceps engatou na cabeça do feto. Cyro ganhou coragem e tentou encorajar Doquinha. Ainda tateante, iniciou a tração, “firmando o pulso, apertando os dedos, ensurdecendo aos gemidos”<sup>223</sup>. Um volume se deslocava dentro do ventre de Doquinha. Enquanto ela lutava contra a dor, ele continuava a puxar. A mãe, a criança e Cyro sofriam. Ele tinha receios quanto ao feto. Devia estar machucando-o e, por vezes, temia esmagar sua cabeça. Ele não sabia o que sairia daquele ventre: “Minhas mãos aparariam uma criança ou uma massa informe, repugnante, viscosa?”<sup>224</sup>. Quando a pressão do fórceps cedeu, o rapaz finalmente recebeu nas mãos o segredo do ventre – uma guriazinha, inteira e chorosa.

Naquele rancho escondido na noite da campanha, houve dois nascimentos: o da menina e o do Cyro médico. O parto foi seu “batismo de fogo”<sup>225</sup>, seu primeiro grande caso médico. A singularidade do momento para a vida e a carreira de Cyro talvez explique o porquê de, na história, ele se colocar na posição de protagonista. É evidente que, para ele, o episódio se mostrara difícil. Apesar de saber dos sofrimentos da parturiente, o que ele mais sentia eram os próprios medos. Ao contar “Mãos amigas do próximo”, interessava-lhe mostrar o seu batismo, as marcas do seu crescimento. É por causa do interesse na própria iniciação que Cyro constrói Doquinha, João Pedro, a parteira, as vizinhas e o bebê como coadjuvantes.

A questão do protagonismo de Cyro volta à tona em “Inesperadamente, de manhã”<sup>226</sup>. Nela, aparecem as mesmas técnicas presentes em “Mãos amigas do próximo”: *flashback* e narrador-protagonista. Ao contrário da história anterior, as lembranças são ativadas à noite e se referem ao que aconteceu durante o dia. A frase que abre o texto – “Dirijo-me à janela com o intuito de fechar o postigo entreaberto”<sup>227</sup> – indica que existe algo na história um tanto nebuloso e sem conclusão. Porém, antes de falar dos eventos e ir em busca da resolução do mistério, o narrador fala de si. A “tragédia dera-se de manhã” e, desde então, ele não conseguira desviar o pensamento dela: “Empenho-me em não me ocupar mais daquilo. Mas todo o esforço é inútil.

---

<sup>223</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 71.

<sup>224</sup>MARTINS, Cyro. Mãos amigas do próximo. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 72.

<sup>225</sup> A ideia do “batismo de fogo” de Cyro foi assinalada por Gisele Pereira Bandeira, na dissertação *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins* (2012, p. 58), especialmente do subcapítulo “A vida de médico do interior”, em que analisa “Mãos amigas do próximo” e outras histórias de *A dama do saladeiro*.

<sup>226</sup> Em *A dama do saladeiro*, a cena familiar que aparecia em *Mensagem errante* e antecedia a informação sobre o suicídio foi cortada.

<sup>227</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 73.

O quadro se repete incessantemente na minha retentiva, com a rigidez duma obsessão”<sup>228</sup>. Após citar, por alto, o quadro que desencadeou a obsessão, espera-se que surja a sua descrição, mas isso não acontece e o narrador volta a se desenhar: “Fazia pouco que me estabelecera como médico em São João Batista do Quaraí, minha terra natal. Médico jovem recém-formado e pobre”.

A apresentação que o narrador faz de si é sintomática. Existiu uma imagem chocante e causadora de obsessão. Era preciso saber, entretanto, quais eram os atores de tal quadro. Nas frases que seguem, a apresentação continua: “E, nesse escasso tempo, quantas vezes já me topara, num quase corpo-a-corpo, com os ultrajes cotidianos da vida! Sem falar dos meus, essencialmente pessoais. Bah, me vi aos tombos com a sorte, para sobreviver”.<sup>229</sup> O rapaz que viu a cena matutina já estava calejado em lidar com os “ultrajes cotidianos da vida”, pois ele próprio era uma vítima da sorte – e pretendia deixar isso claro. O episódio da manhã, porém, não se dera, diretamente, com ele. O quadro foi pintado perto dele, na frente de sua casa, e envolvia o vizinho. O homem estava havia pouco mais de ano estabelecido em Quaraí. Ele vinha de Uruguaiana, tinha mulher e filhos, mas ainda não levava a família para a nova cidade. “Era alto, era magro, gesticulante, parlador, cabelo preto amelenado, insinuava estar por dentro da vida das pessoas que luziam na sociedade e também das tricas políticas”. Além disso, ele tinha “um jeito de falar mal dos outros que não aborrecia ninguém” e “dava mais a impressão de caixeiro viajante que de morador”<sup>230</sup>. Fora a ausência da família, as características do sujeito não indicavam problemas. Parecia ter boa conversa e ser bem aceito na nova terra. Até aí, não há nada entreaberto e tudo aparenta ser claro. A dúvida se instala pelo fato de o jovem médico estar na janela, à espera de movimentos no hotel. A pergunta “Já teria chegado de Uruguaiana a família do suicida?”<sup>231</sup> faz reviver as dúvidas relacionadas à tragédia e suas consequentes imagens. Em Cyro, afloram as questões universais que circundam essas ocasiões: “por que teria se matado aquele homem? Maus sucessos financeiros, abalos morais, questões de família?”. Ele intuía que as respostas não eram tão simples e que aquele tipo de coisa não era “um mal que se explicasse um pouco mais”. No início da faculdade, ele sabia que a mente guardava

---

<sup>228</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 73.

<sup>229</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 73.

<sup>230</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, 2000, p. 73.

<sup>231</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, 2000, p. 74.



inúmeros segredos e que um ato como aquele tinha muitos significados: “Eu já supunha, então, que os suicídios deveriam obedecer a motivos bem mais profundos”<sup>232</sup>.

Ainda que supusesse que o ato era precedido de raízes profundas, algumas dúvidas lhe atormentavam e elas iam de um âmbito geral para um mais específico. Por que eram tantos os casos de suicídio naquela cidadezinha? Devia existir alguma explicação que, por enquanto, estava além de seus conhecimentos. E “por que se teria matado o hoteleiro?”<sup>233</sup>. Dez minutos antes do tiro fatal, ele conversara com Cyro. Estavam na rua, em frente à casa do rapaz. O sujeito não mostrava nada de diferente, parecia-se agitado e falante como nos outros dias. No entanto, depois daqueles minutos, quando Cyro esperava que Felícia lhe servisse o almoço, o estampido viera carregado de certezas. Ao ouvir o estouro da bala, Cyro soube que a mão por trás do gatilho pertencia ao hoteleiro e que ele era sua própria vítima. Por que ele “teria adivinhado tudo, logo ao ouvir o primeiro estampido?”, o que o “teria revelado do desenlace iminente a fisionomia daquele homem?”. Talvez, fossem os olhos do hoteleiro os culpados por mostrarem a Cyro “o desígnio fatal”<sup>234</sup>.

Depois de se dar conta de que o disparo viera do vizinho, Cyro atravessou a rua. Não acreditava que houvesse muito a fazer, mas o dever exigia que ele fosse. No quarto do hoteleiro, estava montada uma “fotografia macabra”: “O pescoço comprido enrolado no pé da cama. As pernas e os braços, magros e longos, desasados sobre o assoalho, no meio da massa pegajosa do sangue coagulado, como apêndices desengonçados de um boneco monstruoso”<sup>235</sup>. A lembrança do sangue e as imagens proporcionadas por aquela fotografia macabra não o abandonariam.

No final de “Inesperadamente, de manhã”, ainda na janela de seu quarto modestamente mobiliado – estante de livros, mesa de trabalho, cama e cadeira – Cyro se sente incomodado por “um ruído miudinho de rato”<sup>236</sup>. Os bichos não estão ali apenas para reforçar a pobreza do rapaz. O incômodo causado por eles é bem maior e tem causas mais profundas. O ruído miudinho estava dentro dele e o perturbava desde os tempos de faculdade. Cyro não tinha habilidade para lidar com o lado prático da medicina. Estudara muito e, na teoria, sabia como

---

<sup>232</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 74.

<sup>233</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 75.

<sup>234</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 75.

<sup>235</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 74.

<sup>236</sup>MARTINS, Cyro. Inesperadamente, de manhã. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 75.

as coisas funcionavam. Contudo, entre a teoria aprendida em Porto Alegre e a prática desenvolvida em Quaraí, havia um abismo. Para Cyro, esse abismo era quase intransponível.

Ele estava no início da carreira e poderia adquirir experiência, mas nunca se daria bem com aquele tipo de medicina – ainda que tivesse terminado da melhor forma, o parto de Doquinha lhe mostrara isso. Além do mais, em uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul da década de 1930, um médico não era só um médico – também era um improvisador, um curandeiro e um assistente social. Se continuasse naquela prática dos parentes, das putas e dos pobres, Cyro não seria ninguém. Na segunda metade de 1934, com uns poucos meses de Quaraí, Cyro já sabia disso. Ele precisava dar segmento aos estudos, encontrar uma especialidade na qual tivesse alguma chance de sucesso. O problema é que, no momento, tinha poucas saídas. Abandonaria Quaraí e iria para onde? E a mãe e a irmã? E o dinheiro?

Desde que Ripoll lhe emprestara o livro *A criação esthetica e a psycanalise* e que o professor Celestino Prunes começou a disseminar, entre os alunos da Faculdade de Medicina, ideias relacionadas à psicanálise, Cyro se interessou pelo assunto. O suicídio do hoteleiro também fora marcante por lhe avivar as curiosidades que tinha em relação à mente. A área poderia ser um caminho, mas não tinha certeza. Para ele, uma das poucas coisas certas é que em Quaraí, daquele jeito, não teria futuro.

Outra certeza que Cyro alimentava era a de se tornar escritor. Em uma noite chuvosa de julho de 1934, as aspirações cultivadas desde a adolescência se realizaram. Quando passou na farmácia do Demóstenes, antes de ir para casa, o farmacêutico “lhe mostrou um pacote que viera à tardinha pelo correio”<sup>237</sup>. O rapaz pegou o embrulho e viu que fora remetido pela Editora Globo. Lutando contra a curiosidade, deixou para abri-lo dentro da carroça de Jesus. No carro, rasgou o pacote. Sob as camadas de papel pardo, estava *Campo fora*. Os catorze contos que escrevera e reescrevera, lera e relera estavam, finalmente, em um livro. Agora, existiam de verdade.

Tempos mais tarde, Cyro diria que aquele exemplar de *Campo fora* lhe “proporcionou momentos inesquecíveis, de grande emoção”<sup>238</sup>. Nas 92 páginas impressas pela Globo, estavam as dedicatórias aos amigos, os contos sobre guris da campanha, carreiras, revolucionários, cavalos e assombrações. Naquelas páginas também estavam os causos contados por Bilo, as histórias ouvidas no balcão do Cerro do Marco, as leituras da obra de Simões Lopes Neto e

---

<sup>237</sup>MARTINS, Cyro. Quatro flashes autobiográficos e um agradecimento. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento, 1982, p. 57.

<sup>238</sup>MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 52.

Alcides Maya, o apego ao seu espaço natural – que já se mostrava latente em suas publicações na *Vibração* – e grande parte de sua juventude.

O autor dos contos de *Campo fora* apresentava fortes ligações com a literatura que, por anos, vinha sendo produzida no Rio Grande do Sul<sup>239</sup>. A própria escolha pelo gênero conto já indicava a filiação a uma determinada tradição. As catorze narrativas se desenvolvem no espaço primordial do gaúcho – a campanha – e trazem imagens vistas em Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja: conversas no galpão, viajantes solitários que enfrentam variados desafios, contadores de histórias, ex-combatentes opositoristas, relação de fidelidade entre homem e cavalo. Até mesmo a aparição de certos personagens em mais de um conto, como Nilo, lembram das criações de Simões.

À primeira vista, *Campo fora* não mostrava nenhuma novidade em relação ao que se publicava no Estado e deixava que Cyro se encaminhasse para a extensa fila dos contistas que tratavam do tema regional. No entanto, por mais que fosse um autor verde e iniciante, Cyro apresentava algumas inovações<sup>240</sup>, principalmente no tocante à linguagem e ao trato dos personagens. O primeiro aspecto é o que mais chama a atenção e, nele, estão os méritos da obra de estreia de Cyro. Na orelha de uma das edições de *Campo fora*<sup>241</sup>, Guilhermino Cesar afirmou que a característica que tornava aqueles contos singulares era o modo de narrar. Cyro dominava a linguagem e o fazia de forma concisa<sup>242</sup>, sem espalhafato e com a simplicidade que faltara, por exemplo, a Alcides Maya. Contudo, em alguns casos, o modo simples da linguagem contrasta com uma estrutura narrativa mais elaborada. “Cati”, por exemplo, trata da história de Quinca Serpa, um vaqueano que, desde guri, “foi muito nervoso”<sup>243</sup> quando os assuntos eram relativos a assombrações. Depois de encontrar uma mulher louca vagueando pelo campo, ele chega a uma fazenda e pede explicações. No galpão, a palavra é passada a João Martim, que inicia a história da moça e resvala para outras, também ligadas ao Cati, lugar onde o noivo da louca foi torturado e assassinado. Após esse caso dentro do caso, uma espécie de *mise en*

<sup>239</sup> No artigo “A duração do regionalismo no conto sul-rio-grandense” (2003, p. 64), Gilda Bittencourt afirma que a década de 1930 “assinala o decréscimo da participação do conto na literatura gaúcha, após dois decênios de uma produção significativa do gênero”. Desse modo, ascenderia o romance e o conto seria “relegado a um segundo plano, passando por uma fase intercalar de cerca de três décadas, caracterizada pela convivência da narrativa regionalista com um incipiente conto urbano”. Para a autora, *Campo fora* está incluído nessa fase intercalar.

<sup>240</sup> Gilda Bittencourt (2003, p. 64) também coloca *Campo fora* na vertente regionalista composta por obras que, “em linhas gerais, mantêm-se dentro da velha tradição, mas que propõem algumas transformações, tanto temáticas como de linguagem, imprimindo certo ar de modernidade”.

<sup>241</sup> Informações retiradas da orelha da 5ª edição de *Campo fora*, publicada em 1991.

<sup>242</sup> Foi Carlos Jorge Appel (1997, p. 20), no estudo crítico “As coxilhas sem monarca”, publicado no fascículo da série *Autores gaúchos* dedicado Cyro Martins, quem citou a concisão e a agilidade narrativa dos contos de *Campo fora*.

<sup>243</sup> MARTINS, Cyro. Cati. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p. 74.

*abyme*, o foco volta para Serpa e suas andanças pela campanha. Nessa nova etapa, ele encontra as ruínas do Cati, as assombrações de um poço e, só então, vem o desenlace do conto.

Quanto ao trato dos personagens, chama a atenção o foco que Cyro coloca nos tipos que, por motivos variados, não estão aptos à vida campeira. O menino chamado Nilo, dos contos “Sem rumo” e “Guri” ilustra bem a inaptidão desses tipos. Por ser muito novo, ele lida com os animais apenas nas fantasias construídas com o gado de osso. Quando, em “Sem rumo”, a mãe obriga-o a encontrar a vaca Gertrudes, ele recebe uma tarefa de verdade, mas, por não saber se localizar bem no campo, não consegue realizá-la nem acendendo velas para o Negrinho. Em “Traste”, outro inapto é protagonista. Toco é um rapaz órfão que se criou solto em uma estância. Os peões judiavam dele, consideravam-no um abobado, um idiotão, um “sem-serventia irremediável”<sup>244</sup>. Para mostrar que era esperto, ele tenta estuprar a cobiçada Mosquita. A chinita lhe dá mordidas e escapa. Como não quer apanhar, ele tenta fugir a cavalo, mas dorme no lombo e o animal volta para a estância, onde o homem é acordado com baldes de água e risos galhofeiros. Em “O negro Jacinto”, surge o inapto pelo tempo. Nesse conto, um dos mais ousados de *Campo fora*, a figura central é Coleira, um cachorro velho que não se conforma por ter se tornado inútil para a vida campeira. Assim como faziam com Toco, os peões judiam de Coleira e riem da sua velhice.

Do conjunto de *Campo fora*, outros contos chamam a atenção. “Alma gaudéria”, que abre a coletânea, se desenvolve em torno das carreiras, um dos grandes eventos da campanha. A preparação e os dias de corrida são cheios de entusiasmo – acampamentos, mesas de jogo, churrascadas, bebidas, chinaredo, apostas e bailes. O clima festivo da primeira reunião “a realizar-se em toda aquela ampla redondeza de fronteira, depois de 1923”<sup>245</sup> ocupa a maioria das páginas da história. Aquelas carreiras pareciam como as “de antigamente”, pois, além de animadas, elas eram vividas por todos, desde “o índio pé no chão, o de bota de loja, o de bombacha e botas finas, e o de colarinho, nivelados todos pela força do ambiente”<sup>246</sup>. Esse suposto nivelamento fortalecia o ilusório pensamento da democracia campeira, na qual o peão mais simples e o estancieiro mais poderoso estariam ombreados nos trabalhos do campo, na guerra e nos divertimentos. Além disso, “Alma gaudéria” remete à mudança dos tempos e a uma espécie de melancolia. Quando, no céu, surgiram os primeiros sinais de chuva e as pessoas começaram a levantar acampamento: “Um gaúcho quieto comentou: vai se acabá, mesmo!”<sup>247</sup>.

<sup>244</sup>MARTINS, Cyro. Traste. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p. 59.

<sup>245</sup>MARTINS, Cyro. Alma gaudéria. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p.18.

<sup>246</sup>MARTINS, Cyro. Alma gaudéria. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p. 18.

<sup>247</sup>MARTINS, Cyro. Alma gaudéria. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p. 22. Em *Para início de conversa* (1990, p. 64), Cyro disse que ouviu o “Vai se acabá, mesmo!” de um tio, mas não citou nenhum nome.

O que se acabaria? As carreiras, a festa, os tempos de divertimento, uma época? A vida “mais ou menos largada, sadia e alegre que a população da campanha levava”<sup>248</sup>? Na década de 1920, as técnicas do trabalho campeiro começaram a se modificar, deixando para trás práticas ligadas ao manejo do gado e ao armazenamento da carne. As propriedades rurais do Rio Grande do Sul também foram separadas por aramados e esse cerceamento poderia sinalizar a perda de liberdade do gaúcho. A melancolia de “Alma gaudéria” surge, justamente, do trato dessas perdas e da passagem de um tempo que parecia bom para outro, que não anunciava augúrios positivos.

Cyro conheceu o antigamente, o tempo pretensamente bom? É provável que não, pois a vida na campanha estava longe de ser largada, sadia, alegre e livre. O que ele conheceu antes de 1920 foi a campanha da infância. Se essa primeira época da vida é idealizada, também é idealizado o espaço no qual ela se desenvolve. Na caixa-preta da infância<sup>249</sup> de Cyro, estavam as marcas das suas próprias vivências livres, largadas e alegres. Essas vivências, entretanto, foram curtas. Antes dos 12 anos, ele foi internado no Anchieta e, a partir de então, deixou de ser um guri da campanha. Eram as memórias – suscetíveis à ficção – e as histórias ouvidas nos períodos de férias que alimentavam suas lembranças sobre o espaço infantil. Em *Campo fora*, sob o formato de livro, estavam muitas das lembranças e das ficções relacionadas à campanha e à infância – “Alma gaudéria”, “Tesouros”, conto sobre uma panela cheia ouro enterrada, “O degolado”, caso do revolucionário morto em 1893 que volta para fazer as pessoas lembrarem do conflito e dos seus terrores, e “Cati”, história de assombração e medo, são alguns exemplos.

Agora, dono daquele *Campo fora*, Cyro era mesmo um escritor? Quantas pessoas comprariam e leriam aquelas histórias espalhadas pela Globo em mais de 500 exemplares<sup>250</sup>? Quantos lhe dariam retorno, dizendo se estavam boas ou ruins, se convenciam ou não, se faziam lembrar dos pagos ou da infância? Balançando pelas ruas de Quaraí na carroça de Jesus, estavam o escritor e a obra. Ainda faltava o público. Se ele não viesse com *Campo fora*, viria com outras. Depois daquela primeira publicação, Cyro não desistiria. Se conseguiu publicar um, não descansaria até conseguir fazer o mesmo com outros. Ler o próprio nome impresso na capa de um livro era viciante. Ele precisava escrever mais para repetir a dose.

<sup>248</sup> Appel citando (1997, p. 20), em “As coxilhas sem monarca”, depoimento de Cyro.

<sup>249</sup> RESTREPO, Laura. Extraño enano. Disponível em: [http://elpais.com/diario/2008/05/03/babelia/1209772225\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2008/05/03/babelia/1209772225_850215.html) Acesso em: 05/07/2016

<sup>250</sup> No acervo da Coleção Pessoal Júlio Petersen, mantida pela Biblioteca Central da PUCRS, sob os dados de localização JPE 869.9937 M386c (6º andar), se encontra o exemplar número 501 da primeira edição de *Campo fora*. Ainda não consigo precisar o número final da tiragem.

Entre os casos médicos, o silencioso convívio caseiro, as caminhadas pela Praça General Osório, a vontade de continuar a escrever e a paixão pela leitura, surgiu na vida de Cyro a possibilidade do casamento. A noiva se chamava Suely Castro de Souza e contava sete anos menos do que ele. Suely era muito bonita. Os cabelos negros e os traços finos harmonizavam elegantemente com os vestidos de última moda comprados em Montevideú<sup>251</sup>. Por pertencer a uma das famílias mais tradicionais de Quaraí e ser filha única, ela fora educada com esmero: falava francês e se formara em piano pelo Conservatório de Música de Montevideú. Antenor Marcelino de Souza e Lucinda Castro de Souza, seus pais, eram abastados – possuíam terras e gado no interior, propriedades na cidade.

Cyro nunca falou abertamente sobre o início do namoro e do noivado<sup>252</sup>. Em uma carta enviada a João Nogueira Leiria em 15 de junho de 1934, Cyro fez inabituais confidências. “Ido o vendaval de dor que me acometeu”, disse ele, “embora deixasse na minha alma marcas indeléveis, recomeço a viver”<sup>253</sup>. O recomeçar a viver implicava a leitura de uma novela russa de título não indicado, as experiências ao lado de Robertinho – “Há dois dias, numa tarde de chuva, propositalmente olvidamos os alheios sofrimentos para, com o mais louvável egoísmo, sugar a beleza mortal das *Fleurs du mal*”<sup>254</sup> – e o envolvimento com uma “amiga mais certa”. Ele descobriu que, “ao par das grandes qualidades morais e de coração”, a moça possuía “um fino talento feminino, que a singeleza de sua educação de província mantinha adormido”<sup>255</sup>. Era Suely essa “amiga mais certa”? Como se conheceram? Provavelmente, eles se avistaram em um dos períodos de férias do rapaz ou nas suas horas de folga da prática médica. Cyro e Suely devem ter trocado olhares nos passeios pela Praça General Osório, conversado, firmado uma “amizade certa” e, daí em diante, as coisas correram como sempre correm.

As diferenças entre Cyro e Suely eram muitas e variadas. A principal delas era a financeira. Ele era pobre e vivia da mão para a boca, ela era uma herdeira rica e não precisava se preocupar com determinados assuntos. Enquanto Cyro fora criado em meio a um “ateísmo crioulo”, Suely vinha de uma casa católica e praticante. Cyro já experimentara a solidão, a liberdade, a distância de casa e da família, Suely, não. Sem pai e cambaleando na profissão,

---

<sup>251</sup> As informações sobre Suely foram retiradas de: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Núbia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 90.

<sup>252</sup> Na parte “A cidadezinha”, de *Mensagem errante*, aparecem referências à noiva de Carlos, Ruth, mas a história progressiva do casal nunca é levantada.

<sup>253</sup> Correspondência ativa de Cyro Martins para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 15/06/1934, folha 2. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 003.

<sup>254</sup> Correspondência ativa de Cyro Martins para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 15/06/1934, folha 3. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 003.

<sup>255</sup> Correspondência ativa de Cyro Martins para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 15/06/1934, folha 4. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 003.

Cyro tinha um futuro incerto, ao contrário de Suely, que só teria incertezas se uma grande e inesperada tragédia levasse à bancarrota os negócios de Antenor.

Aparentemente, não havia nada que aproximasse o casal. Mesmo que morassem em Quaraí e passeassem, pelas manhãs de domingo, ao redor da Praça General Osório, eles viviam em mundos diferentes. A situação econômica de Cyro não era nenhum atrativo e, embora estivesse longe de ser um Rudolph Valentino, não ostentava uma figura feia. Ele era um homem alto e de boa postura, falava com uma voz macia e calma, exibia um comportamento contido e educado. Cyro também tivera boa formação, estudara em uma das melhores escolas do Rio Grande do Sul e era dono de um diploma de médico. Além disso, havia em torno dele a aura do intelectual, do rapaz que escrevia e publicava livros. Essa aura não lhe trazia dinheiro, mas, de certa forma, ajudava na elevação de seu *status* social. Cyro não dispunha de tantos encantos e é realmente curioso o fato de ele ter se relacionado com Suely. A probabilidade de uma aproximação entre os dois parecia muito baixa e não poderia ser explicada apenas pelo coração ter razões que a própria razão desconhece. É difícil precisar o instante em que as vidas de Cyro e Suely se cruzaram. Em algum momento, porém, eles trocaram olhares, sustentaram a mirada e, com isso, a atração se instalara. Suely deve ter notado a altura e a pele quase rosada do moço. Cyro deve ter se encantado pelo bonito rosto de Suely. Depois disso, continuaram os olhares, mais longos e curiosos, vieram os bilhetes e os recados pelos conhecidos, se deram os primeiros contatos envergonhados, iniciou o namoro comportado.

Outros caminhos também fizeram com que os dois se ligassem. Na Quaraí dos anos 1930, as boas famílias tinham poucas alternativas para casar suas filhas: entregavam-nas a outros herdeiros ou a doutores. Cyro se encaixava no segundo grupo. É claro que o diploma ajudou o rapaz e não foi apenas por ser médico que namorou e noivou com Suely. Entre eles, havia sentimentos e é provável que a existência do diploma interessasse mais à família da moça do que ao casal.

A dificuldade para reconstruir a aproximação dos dois se repete quando se pergunta quem estava mais inclinado à ideia do casamento. Aquela ainda era uma época em que as mulheres se casavam muito novas e isso poderia pesar no tocante às decisões de Suely. Cyro já passava dos 28 anos e, se não era um senhor de idade, não era mais nenhum guri. Quais outros motivos levariam os dois a casar? Talvez Suely, que viveu sempre sob as asas da mãe, quisesse saborear um pouco de sua própria vida. Após a morte de Bilo, a família Martins se fragmentou e mesmo o pequeno núcleo no qual Cyro estava inserido no dia-a-dia – Felícia e Alda – não se mostrava muito convidativo. Desse modo, a união poderia ser uma abertura de perspectivas

tanto para Suely quanto para Cyro. Certas conveniências também empurravam os namorados para o matrimônio: ela estaria casada com um jovem doutor e ele com uma herdeira rica.

Cyro era consciente sobre as diferenças entre eles e não tinha como ser de outro jeito. Por mais que gostasse de Suely – e, disso, não havia dúvidas –, Cyro sabia que o casamento traria mais vantagens para ele. Entre 1934 e 1935, ele clinicava, lia e escrevia com intensidade, porém, continuava sem dinheiro. Após a publicação de *Campo fora*, Cyro passou a conviver com alguns grupos intelectuais de Quaraí e de Artigas. Faziam parte desses grupos aspirantes a escritores, jornalistas que trabalhavam em um ou nos dois lados do rio e, principalmente, leitores. Isso não trazia dinheiro para o rapaz, mas, de certa forma, elevava seu nível social e contribuía para que seu nome se tornasse conhecido na cidade.

Quando o inverno de 1935 começou a mostrar as garras, as remediadas senhoras quaraenses chegaram à conclusão de que era preciso ajudar o próximo e aplacar o frio dos mais necessitados. Elas se movimentaram e organizaram a “Semana do Cobertor”. Durante a tal semana, elas pretendiam recolher qualquer doação disponível, do cobertor à comida, e queriam mostrar como o espírito solidário – encarnado por elas – poderia fazer bem à comunidade. Para que essa demonstração acontecesse, alguém precisava proclamar as intenções positivas daquelas damas. Contudo, nenhuma delas se sentia à vontade para discursar e a modéstia as impedia de elogiarem a si próprias. Frente à dúvida, uma das senhoras, talvez a dona Lucinda Castro de Souza, lembrou do nome de Cyro Martins. O jovem médico não se embaraçava para falar em público, escrevia livros, era um dos intelectuais da cidade, o futuro genro de Lucinda e, antes de tudo, conhecia as dificuldades do pobrerio que se espalhava pelas coroas de miséria de Quaraí. O rapaz daria uma palestra adequada e não deixaria de louvar a boa ação das senhoras.

O palestrante, por sua vez, não tinha certezas sobre o que diria para aquele tipo de público. Cyro sabia que elas gostariam de ouvir elogios, porém, a campanha de doações escondia, no fundo, uma questão complexa, que não poderia ser posta de lado. Então, ele chegou à conclusão de que “o mais lógico seria abordar um tema que incluísse fundamentalmente a gente à qual se destinavam os cobertores e demais abrigos que estavam sendo angariados”<sup>256</sup>. Foi na tentativa de falar sobre esse tema que surgiu a expressão “gaúcho a pé”. Para Cyro, naquele momento, os gaúchos a pé eram todos os que, por falta de terras e trabalho, abandonavam o campo e migravam para os centros urbanos. Deslocados de seu espaço original – e do que constituía tal espaço: cavalo, lida campeira, pretensa liberdade –, sem estudos e

---

<sup>256</sup> Appel citando (1997, p. 19), em “As coxilhas sem monarca”, depoimento de Cyro.



habilitados, essencialmente, para as atividades ligadas à pecuária, esses indivíduos se agrupavam nas margens das cidades e viviam mal, na miséria, ganhando trocados por subempregos, recebendo poucos e esporádicos auxílios como os da “Semana do Cobertor”. Cyro sabia que ações como aquela eram válidas, mas paliativas. Cobertores e roupas ajudariam por tempo determinado, contudo, não resolveriam o problema.

A expressão cunhada pelo jovem médico não escondia o jogo com o literário. Cyro lera, por um lado, sobre os mitos do monarca das coxilhas e do centauro dos pampas, sobre as relações construídas, no Rio Grande do Sul, entre o homem e o cavalo; por outro ele lera tudo que Alcides Maya publicara e lembrava muito bem das *Ruínas vivas*. Ao tirar o animal do gaúcho, ao deixá-lo a pé, Cyro também o deixava nu, pois despia sua roupagem mítica. Ele buscava pintar um quadro dramático e humano que se aproximasse às cores das ruínas, que contemplasse a gente necessitada conhecida nos atendimentos e nas consultas. Porém, ao palestrar para as senhoras quaraienses, ele tinha, realmente, uma ideia desmitificadora? Talvez não, assim como não tinha ideia do impacto que o termo “gaúcho a pé” teria na sua produção intelectual.

O casamento com Suely, ocorrido em 9 de setembro de 1935, sob as bênçãos do Padre Quirino Bins e o apadrinhamento do Doutor Robertinho e do tio da noiva, Ibraim Castro<sup>257</sup>, também traria grandes mudanças para a vida de Cyro. As bodas se deram rapidamente visto que, pouco mais de um ano antes, eles apenas cultivavam um namoro tímido. Não se sabe quem decidiu apressar as coisas – Cyro, Suely, a família Castro de Souza. Só se sabe que, em uma segunda-feira cinzenta, os noivos se tornaram marido e mulher.

---

<sup>257</sup>No *Livro de casamentos* n.º 8, que registra os matrimônios ocorridos de 1929 a 1946 na Igreja Matriz de Quaraí, encontram-se as datas, os padrinhos e o Padre. De Grandi e Silveira (2008, p. 90) trazem informações sobre o casamento no civil – regime de comunhão de bens – e o registro da união: número 286, folha 90, livro B-11.

## 5 O MÉDICO DA VILA

O período que seguiu o casamento de Cyro é uma incógnita. O que se sabe é que, depois das bodas, ele foi morar com os Castro de Souza<sup>258</sup>. Por si só, o rapaz não tinha condições de manter uma casa. Seria natural que ele se abrigasse onde pudesse contar com o auxílio de outras pessoas. A ajuda dos parentes e dos amigos não era algo estranho a Cyro, assim como não era estranha a divisão de uma casa. Desde pequeno, ele morava com alguém. Nos anos de Cerro do Marco, havia a família, os agregados e os viajantes, que passavam um dia ou semanas partilhando o espaço com os Martins. No internato do Anchieta, ele dormia ao lado de guris que vinham de todos os cantos do Rio Grande do Sul. Anos mais tarde, nas pensões, os companheiros de quarto – um espaço menor de intimidade maior – surgiam e desapareciam numa rotatividade incrível e isso não era problema para Cyro. No retorno a Quaraí, ele voltou a dividir a casa com os familiares. Em um primeiro momento, viveu com os pais, as irmãs e os poucos agregados que restaram; mais tarde, apenas com a mãe e a irmã.

O pular de casa em casa fez com que Cyro adquirisse uma incrível habilidade de adaptação. No lugar onde estivesse, tocava sua vida: estudava, lia, escrevia e se concentrava em si. Essa capacidade, no entanto, não valeu de nada quando Cyro foi morar com os Castro de Souza. Aquela situação era totalmente nova. Ele já não estava mais sozinho. Não poderia mais ser o rapaz que tinha olhos só para si, não poderia abandonar a nova casa se algo lhe desagradasse. Ele também não era obrigado a conviver com aquelas pessoas por causa dos laços sanguíneos. A obrigação do convívio com os Castro de Souza vinha por outros motivos. Depois daquela segunda-feira cinza de setembro, Suely fazia parte de sua vida e as decisões de Cyro tinham de envolver a esposa.

Cyro pode ter ido morar com os sogros por vários motivos. O primeiro e mais óbvio é Suely. Apesar de ansiar pela liberdade, talvez ela não quisesse deixar os pais. Ela era filha única e suas vontades, mais cedo ou mais tarde, seriam atendidas. Além disso, na sua casa, com Antenor e Lucinda, Suely teria o sustento garantido e não precisaria abrir mão de certos confortos. Com Cyro, nada era muito garantido. Seus problemas financeiros continuavam e se sustentar não era uma tarefa tão fácil. Ele vivia com a mãe e a irmã e era preciso fazer muita força para bancar as despesas mensais. Se a esposa fosse morar com eles, os gastos aumentariam na mesma proporção que o aperto. Conseguiriam sobreviver, como até então os Martins fizeram, mas nada seria folgado e tranquilo.

---

<sup>258</sup> Essa informação encontra-se em: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 91.

Cyro e Suely não seriam os primeiros noivos a passar trabalho no início da vida a dois. Na verdade, isso era o mais comum. O que deu outro rumo ao casal foi o dinheiro dos Castro de Souza. Antenor e Lucinda, que criaram sua filha com tanto zelo, não se desprenderiam tão facilmente dela, não a libertariam para o mundo. Se eles tinham meios de bancá-la, se não se importavam com a dependência da moça e com a presença do genro, o melhor seria que ficassem todos juntos. Os pais também não deixariam que Suely saísse de casa para passar trabalho com os Martins. Sua filha pertencia a uma classe superior e precisava viver de acordo com tal classe, sem se rebaixar.

Cyro não tinha nada a perder. Era um rapaz pobre que mal tinha conseguido as vestes para as bodas. Ele possuía uns poucos livros, algumas roupas gastas e um diploma de médico. Estava em um ponto de sua vida em que, aparentemente, qualquer mudança seria lucro. Depois da morte de Bilo e do estabelecimento em Quaraí, Cyro se arrastava. No seu horizonte, quase não havia expectativas.

Sua carreira profissional, por exemplo, não saía do lugar. Se tirasse vinte ou trinta mil réis nos atendimentos feitos na farmácia pela manhã e nas visitas a domicílio da tarde poderia considerar o dia um sucesso. Essa estagnação colocava o jovem frente a duas alternativas: esperava, por um bom tempo e com paciência, que os médicos experientes da cidade se aposentassem e lhe repassassem os melhores clientes ou se distanciava de Quaraí, se jogava no mundo e buscava novos caminhos. Em 1935, ele não tinha recursos para correr mundo e é provável que ainda lhe faltasse ousadia para tomar uma decisão tão arriscada. Assim, o remédio era esperar por clientes que lhe pagassem mais – ou que simplesmente lhe pagassem.

Depois da perda de Bilo, a atmosfera familiar dos Martins ficou carregada e silenciosa. Cyro, a mãe e a irmã trocavam poucas palavras, se restringiam a alguns comentários sobre causos da vila e, sempre que dava, cada um se refugiava nos próprios afazeres. Os irmãos Liam e Felícia costurava ou arranjava qualquer outro serviço de mão que prendesse sua atenção. O ambiente da casa dos Martins devia ser como aquele experimentado pelo jovem Carlos, de *Mensagem errante*<sup>259</sup> – “pesado de melancolia” – e Felícia talvez sofresse da mesma “tristeza inalterável” da qual a mãe de Carlos era vítima. Cyro sentia a morte de Bilo e não seria estranho se ele quisesse escapar de uma casa que, em muitos momentos, trazia a lembrança da ausência do pai.

Ele ainda continuava a viver de modo apertado, apressando os dias para que o dinheiro não acabasse antes do mês. Ir morar com os Castro de Souza poderia lhe oferecer uma

---

<sup>259</sup> MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942, p. 188.

desconhecida folga financeira. Os sogros sustentariam o genro e, provavelmente, repeliriam todas as ajudas que ele quisesse dar para a manutenção da casa. Ao mesmo tempo em que se livrasse do aluguel, Cyro se distanciaria de outras despesas. Com a situação mais relaxada, ele poderia começar a pensar em um futuro e em novos rumos para a sua vida profissional. É possível que o rapaz não tenha pensado nessa questão financeira, mas, ao se unir com Suely, ele ascendia social e economicamente.

Apesar de que qualquer mudança na vida de Cyro pudesse parecer positiva, havia indicativos de que a convivência com os Castro de Souza não seria fácil. Antenor e Lucinda eram de uma religiosidade extrema e educaram Suely de acordo com os preceitos católicos. Cyro, por sua vez, era um ateu convicto. Em *Para início de conversa*<sup>260</sup>, ele chegou a dizer a Abrão Slavutzky que o ensinamento fundamental transmitido a ele pelo pai foi o ateísmo e “nem os anos de internato no colégio dos jesuítas” conseguiram demoli-lo. Embora esse ateísmo ferrenho, alimentado pelas leituras da juventude e pelas conversas com os amigos, Cyro casou no religioso. Não foi uma concessão feita aos sogros, mas a Suely. O rapaz, no entanto, não continuaria a ceder em outros aspectos nem abriria mão de seu ateísmo. A postura religiosa de Cyro era apenas uma das particularidades que o distanciava dos Castro de Souza.

A diferença mais clara entre eles era a econômica. Ao falarem sobre o casamento, De Grandi e Silveira afirmaram que não se atribuía muita importância ao fato de serem “ela rica, ele um pobretão”<sup>261</sup>. Cyro tinha estudos, era médico e isso talvez equiparasse socialmente o casal. Porém, Antenor e Lucinda sabiam da situação profissional do genro e, conseqüentemente, dos seus poucos rendimentos. Será que os pais da moça não se preocupavam com o futuro da filha? Será que não temiam a possibilidade de terem de sustentar o genro pelo resto da vida? Preocupações e temores desse tipo até poderiam assombrar os Castro de Souza, mas o que mais lhes incomodava eram o ateísmo de Cyro e suas opções políticas.

Perto do ano de 1935, Cyro já não era um libertador convicto. Aliás, libertadores e borgistas tinham ficado pelo caminho, engolidos pela voracidade de Getúlio Vargas e Flores da Cunha. Naqueles tempos, Cyro tentava acreditar em algo maior, em algo que tornasse o mundo mais igual e tivesse forças para se impor aos ventos fascistas que sopravam da Alemanha e da Itália. Ele não se interessava pelo conservadorismo nem pelos extremos. Simpatizava com as ideias socialistas e comunistas, mas não se filiou a nenhum partido. Seu jeito de erguer bandeiras era mais discreto. Ele queria que um homem olhasse para outro homem e lhe

---

<sup>260</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.

<sup>261</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 91.

respeitasse, lhe reconhecesse como igual e tentasse entendê-lo. Dessa maneira, a harmonia e a igualdade poderiam ser atingidas. Era um pensamento utópico em uma época de utopias.

Os Castro de Souza pensavam de outra maneira. Seus hábitos religiosos e a condução da educação da filha davam uma mostra de seu conservadorismo. A família de Suely vivia de modo confortável. Eram proprietários rurais e, além dos preços dos impostos sobre a terra e o gado, nada tinham a reclamar dos governos. Como latifundiários, a situação lhes era favorável e, naquele momento, não pensavam em divisão de terras, em mudança política, em igualdade entre os homens. Se Vargas e Flores perseguissem alguém, se pretensos revolucionários – como Ripoll – aparecessem mortos, fossem presos ou sumissem, era porque tinham culpa no cartório, porque pregavam a quebra da ordem. Os Castro de Souza tinham uma lógica de pensamento bem diferente da de Cyro e isso colocava os sogros e o genro em lados opostos.

O ateísmo de Cyro e suas ideias políticas causavam apreensão em Antenor e Lucinda. Não era exatamente com o genro que eles se preocupavam. O que lhes interessava era a filha. Convivendo com Cyro, conhecendo suas ideias, a moça poderia começar a pensar como o marido. E se ela deixasse de frequentar as missas e de fazer as preces diárias? E se principiasse a simpatizar com os vermelhos? E se desse para falar em dividir as terras, logo ela, herdeira única? De Grandi e Silveira dizem que os Castro de Souza tinham “o medo de perder o domínio mantido sobre a filha”<sup>262</sup>. É possível que os pais tivessem esse temor, mas, talvez, seu medo fosse aquele comum a todos os demais: liberar o filho para o mundo. Ainda que morassem na mesma casa, Suely não seria mais como era antes. Ela entraria em um mundo diferente daquele forjado pelos pais. Com a presença de Cyro, novos caminhos se abririam e ela deixaria de ser a moça da família para se tornar uma mulher.

É difícil pensar que Suely sairia da ascendência de Antenor e Lucina para cair na de Cyro. Ela devia ser uma mulher com ideias próprias, com pensamentos independentes. Ela devia querer escolher seus rumos. Ela não decidira abandonar o piano depois da formatura? Não decidira casar com Cyro mesmo ele sendo pobre e não tendo nada? Suely não poderia ser aérea e alienada a tal ponto que precisassem levá-la pela mão. Ela respeitava os pais e seus hábitos, lhes obedecia porque não queria fugir do papel de boa filha. Ela conhecia as ideias de Cyro – quase todos em Quaraí conheciam-nas – mas isso não queria dizer que fosse convencida e tomasse partido do rapaz, não significava que não pudesse discordar do marido.

---

<sup>262</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 91.

Suely ficou em uma posição delicada quando Cyro foi morar com os Castro de Souza. Ela era o único ponto em comum entre o marido e os sogros. Eles discordavam em quase tudo, menos no afeto que nutriam pela moça. Cyro devia se sentir mal na casa dos sogros, se mexer na cadeira ao ouvir opiniões que lhe pareciam absurdas, mas não podia fazer nada. Ele estava sob o teto daquelas pessoas, partilhava de sua comida, dormia nos seus lençóis. Como reclamar? Como discordar? Tinha de ficar em silêncio. É provável que, nas horas em que encontrasse a sós com Suely, tocasse nos assuntos reprimidos, fizesse reclamações e dissesse que os sogros estavam errados, que pensavam apenas em si. Suely ouvia as queixas de Cyro, mas estava sem ação. Como ela bateria de frente com os pais? Ela sabia como eles eram, sabia que não mudariam e que, se tentassem ir contra os seus argumentos, seria pior. Os pais da moça também deviam reclamar do genro, de suas posturas políticas, de seu comportamento silencioso. Talvez se preocupassem com o que as pessoas de Quaraí falariam sobre o genro e sobre eles, que lhe entregaram a filha e o abrigaram. Suely, diante dessas outras queixas, voltava a se calar. Cyro talvez fosse tão irredutível quanto Antenor e Lucinda. Suely devia ouvir as lamentações dos dois lados e engolia tudo, na tentativa de que a convivência ficasse mais amena com o passar do tempo.

Às vezes, o convívio com Cyro se mostrava difícil e distante. Ele continuava a ser uma figura solitária. Ele já dividira muitas moradias e a solidão e a concentração em si não o abandonaram em nenhuma delas. Na casa dos Castro de Souza, apesar da presença da mulher, ele também era um solitário. É claro que Cyro dividia muitos momentos com Suely. Afinal, eram recém-casados e, juntos, faziam diversas descobertas. Não é que Cyro se recusasse a estar sempre com Suely. O fato é que ele não abria mão dos seus próprios momentos. Quando tinha tempo, lia e escrevia. Era a essas duas atividades que dedicava suas horas mais produtivas. Como sua vida profissional se encontrava estagnada naquela primavera de 1935, Cyro tentava fugir através da literatura.

Um ano antes, a publicação de *Campo fora* o empolgara. Seus contos em letra impressa, com o selo da Livraria do Globo, no entanto, não garantiam nada. Ele não tinha certeza se a carreira de escritor vingaria. A concorrência era grande. Em Porto Alegre, por exemplo, os candidatos se espalhavam pela Rua da Praia, pelos cafés e pelos quartos das pensões. Muitos buscavam seu lugar ao sol e com Cyro não era diferente. Vontade não lhe faltava. Queria escrever e publicar, mas, com a ida para Quaraí, ele ficara distante do centro dos acontecimentos. Restava-lhe a leitura e a prática da escrita. Cyro refletia sobre sua produção e tinha a certeza de que precisava melhorar. Os contos de *Campo fora* carregavam algum

potencial, mas não poderiam ser o seu teto. Talvez fosse a hora de se aventurar em uma narrativa mais longa, em algo que tivesse uma dose maior de ousadia.

A partir da década de 1930, o conto, até então o gênero rei da literatura do Rio Grande do Sul, começou a ceder espaço para os romances. *Clarissa*, de Erico Verissimo, surgiu em 1931, e, naquele 1935, *Caminhos cruzados*, também de Erico, e *Os ratos*, de seu conterrâneo Dyonélio Machado, não indicavam apenas a ascensão de uma outra forma narrativa, também mostravam que o olhar da literatura produzida no Estado se voltava para o espaço urbano. Embrativenessse trazido algumas inovações no trato da linguagem e dos personagens, *Campo fora* estava marcadamente ligado à tradição das histórias curtas, “vivenciadas” no ambiente campeiro. Cyro não queria deixar de escrever sobre o campo e seus habitantes. Aquela era a sua temática e ele se sentia mais à vontade quando falava sobre as pessoas e os espaços conhecidos. O momento literário, porém, era outro e, se quisesse dar seguimento à carreira, era preciso se adaptar.

Ele não se jogaria nos romances urbanos. Conhecia as cidades e sabia como suas gentes viviam, mas isso não significava que pudesse escrever sobre elas. Além disso, se tentasse criar narrativas que se desenvolvessem naqueles espaços, correria o risco de ser mais um a fazê-lo. Não haveria originalidade em seguir os passos de Erico Verissimo e Dyonélio Machado, assim como não houve originalidade em trilhar os mesmos caminhos de Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja. O melhor rumo para Cyro talvez fosse o meio termo: o homem do campo que se perde ao ir para a cidade. Afinal, aqueles gaúchos a pé a quem ele se referia em tantas oportunidades não eram esses indivíduos perdidos?

Mesmo que tentasse uma via original, os contos de Cyro continuavam vinculados ao regionalismo. Com data de 28 de setembro de 1935, o número 169 da *Revista do Globo* fazia, já na capa, referência ao centenário da Revolução Farroupilha. Um gaúcho de semblante sério, com lenço vermelho no pescoço e lança com as cores sul-rio-grandenses na mão parece enfrentar o vento e qualquer inimigo que ameace sua terra. O tom de comemoração da *Revista do Globo* se repetia em suas páginas. Dentre elas, havia um destaque para “Os melhores regionalistas do Rio Grande do Sul”: João Simões Lopes Neto, Antônio Vieira Pires, Darcy Azambuja, Roque Callage, Vargas Neto, Homero Prates e Cyro Martins. Não se sabe como foram escolhidos esses “melhores regionalistas” nem o porquê de Cyro, um rapaz quase desconhecido do público, estar entre eles. Os critérios de seleção, no entanto, pouco importavam, assim como não importava que tivessem escrito Ciro no lugar de Cyro, que tivessem excluído o velho Alcides Maya do time dos melhores. Interessava que ele estivesse

naquele chamativo número da *Revista do Globo*, ao lado de alguns autores lidos desde a sua adolescência.

Seguindo a tradição da literatura produzida no Rio Grande do Sul por muitos anos, os textos dos melhores regionalistas se concentravam, em grande parte, no gênero conto. Vargas Neto e Homero Prates, com trabalhos poéticos, formavam as exceções. Pelo histórico e o peso do nome, Simões Lopes Neto abria a extraordinária seção da revista com “Duelo de farrapos” e era o único a ter três contos publicados – “Boi velho” e “O mate do João Cardoso” eram os outros dois. Antônio Vieira Pires colaborava com “A agonia do caudilho”, que integrou o livro *Querência: contos regionais*, editado pela Livraria do Globo em 1925. “Fogão gaúcho”, de Darcy Azambuja, fazia parte do premiado *No galpão: contos gauchescos*, também da Globo e de 1925. O conto de Roque Callage, “Ritoca”, era outro publicado nos anos 1920 – 1927, em *Quero-quero: cenas crioulas* – e impresso pela Livraria do Globo. Das contribuições poéticas, “Carreiro”, “Aquele china”, “Cousa velha” e “Gaúcho”, de Vargas Neto, vinham de uma produção da Globo – *Tropilha crioula: versos gauchescos*, de 1925. “Ronda dos heróis”, de Homero Prates, compunha o ainda inédito *Ao sol dos pagos*, que sairia em 1937, mas não pela Globo.

O “Conto sem nome” foi publicado por Cyro em *Campo fora*, de 1934, e, anos depois, receberia o título de “Amor caipora”. Como na maioria das ocorrências de “Os melhores regionalistas do Rio Grande do Sul”, *Campo fora* teve edição da Livraria do Globo, fato que diz muito sobre a escolha dos textos que compuseram a seleção. Sem variações linguísticas quanto aos demais contos de *Campo fora*, a narrativa de “Conto sem nome” se concentra no personagem de Pedro Ajala, um tropeiro entrado em anos que se ajusta às lidas campeiras, mas não consegue se ajustar às lidas amorosas. Já no início, aparece o tom saudosista que perpassa toda a história. Troteando, com os “olhos cravados pra dentro”, Ajala assobia “uma marca quase esquecida, de outro tempo, sim, de outro tempo!”<sup>263</sup>. O “outro tempo” suscitado pela música até pode se referir a uma suposta grande época do Rio Grande do Sul. Entretanto, o desenrolar de “Conto sem nome” trata de um tema ao mesmo tempo universal e individual. O saudosismo de Pedro Ajala se manifesta em relação a ele mesmo, ao que fora na juventude e às possibilidades que tivera quando rapaz.

O que desperta esse olhar para trás, comum em certos momentos da vida de qualquer sujeito, é a paixão de Ajala pela “delgada, guapa, leve”<sup>264</sup> e moça Jovita, filha do amigo João

<sup>263</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 36, 28/09/1935.

<sup>264</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 36, 28/09/1935.



Martim. Havia muitos obstáculos entre Pedro e Jovita. Além da diferença de idade, Jovita era noiva de Nilo. Apesar de ser homem vivido, conversador, andarengo, sabedor das trilhas da campanha, Pedro Ajala não podia concorrer com a juventude e o amor que Jovita sentia por Nilo. O tempo é o grande culpado pela paixão frustrada. Ajala tem consciência da impossibilidade de conquistar Jovita e pensa que aqueles sentimentos fariam com que ele parecesse ridículo aos olhos dos conhecidos. Em dado momento, ele se pergunta sobre o que diriam os outros se tomassem ciência da sua queda por Jovita. A resposta não demora a ser elaborada por Ajala: “Seria daí por diante um desgraçado, se soubessem... E teria de andar depois à toa pelos galpões alheios, acuado, só, porque ninguém mais o levaria a sério. E todos, até o traste do negro Nicolau, haveriam de fazer deboche do homem velho bobo”<sup>265</sup>. Pedro Ajala se envergonhava por ser um “homem velho” e estar enrabichado por Jovita. Essa vergonha tornava-o irreconhecível frente aos amigos. Estranhando os silêncios do antigo conversador, João Martim foi um dos que acreditou que Ajala andava “mal”.

Ajala não era o antigo falador das rodas de chimarrão nem se sentia à vontade na presença de amigos e conhecidos. Quando chegava às paradas habituais, logo protestava “negócios de urgência” e partia. Pedro Ajala tinha medo de que suspeitassem dos motivos de seu desânimo e preferia ficar sozinho. A solidão do protagonista também está ligada à questão do tempo passado. As escolhas de antes afetavam seu presente. Troteando pela campanha, ele se pergunta: “Por que não roubara a neta do Neco Serpa da vez que ela quis ir na garupa daquele seu bagual tostado? E a chininha do Passo do Lagoão, por que a recusara”<sup>266</sup>. Naqueles anos, ele “era moço, fachuado, gaudério, sem querência” e “seu coração caborteiro nunca se deixara manear”<sup>267</sup>. O texto deixa claro que, durante a mocidade, Ajala pensava em si, na sua liberdade, no que poderia ser vivido no momento. O futuro era algo distante, inalcançável.

No entanto, ao atingir o futuro e a velhice, Pedro está só, olhando para trás, procurando um motivo para se agarrar à vida. Quanto às mulheres que deixou pelo caminho, Ajala pensa que “se tivesse agarrado uma, qualquer que fosse, talvez a vida lhe corresse melhor agora. Porque sentia dentro do peito cansado uma vontade enorme de ter um rancho, e poder dizer como os outros – a minha casa, o meu biongo, a minha morada”<sup>268</sup>. Pedro Ajala pode ver em Jovita sua última chance de acomodação. Além disso, o frescor da moça representaria uma volta a sua própria juventude.

---

<sup>265</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 36, 28/09/1935.

<sup>266</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 37, 28/09/1935.

<sup>267</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 37, 28/09/1935.

<sup>268</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 37, 28/09/1935.

Em “Conto sem nome” há duas impossibilidades: a volta do tempo e a realização do amor de Pedro Ajala. Ambas se desenvolvem ao longo do conto, mas a última tem sua cena final quando Ajala avista o rancho construído para Jovita e Nilo. Perto da casinha simples e caprichada, “um casal de João-de-barro, mui ancho, aquecia-se pimpão ao sol flaquito da manhã”<sup>269</sup>. Pedro Ajala não tem piedade e atira nos dois pássaros. Com um tiro, não matava só os animais, também mostrava seu ódio em relação à Jovita e ao Nilo, a todos aqueles que pareciam se realizar no amor e achar um companheiro para a vida.

Apesar do cenário localizado na campanha e da linguagem pitoresca de certas passagens (achichonado, estransilhado e fachudaço são alguns vocábulos que soam estranhos ao leitor desacostumado ao palavreado do campo), os temas da história publicada por Cyro superam a ideia de um regionalismo. De todos os trabalhos da seção de “Os melhores regionalistas do Rio Grande do Sul”, o conto de Cyro é superado apenas pelos textos de Simões Lopes Neto. Isso não quer dizer, contudo, que Cyro era muito bom e os outros um tanto fracos.

No final de 1935, enquanto Cyro repensava sua produção literária, um acontecimento político mexeu com Quaraí e com o resto do Brasil. Desde o início do ano, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) se levantara como uma das forças de oposição ao governo Getúlio Vargas. Entre os membros da ANL, estavam militares ligados aos movimentos tenentistas da década anterior, “comunistas, socialistas e alguns liberais, com o objetivo declarado de combater o fascismo e sustentar um programa de reforma agrária, nacionalização dos serviços públicos e redução da jornada de trabalho”<sup>270</sup>. Além dessas bandeiras, a ANL também buscava “promover um governo popular, dar proteção aos pequenos e médios proprietários”<sup>271</sup>. A criação da ANL, que escolheu para presidente de honra Luís Carlos Prestes, era uma resposta ao movimento à direita feito por Vargas.

Naquele momento, o nazismo e o fascismo, com suas políticas nacionalistas, anticomunistas, racistas e armamentistas, despertavam simpatias nos grupos brasileiros que se encontravam dentro ou fora da administração de Getúlio. As forças militares, que levaram à Revolução de 1930 e combateram em 1932, representavam o braço armado do governo e simpatizavam com as ações do *Duce* e do *Führer*. No entanto, entre os civis, as ideias fascistas também se espalhavam. Já em 1933, sob a chefia de Plínio Salgado, um jornalista e escritor paulista, e com o lema “Deus, Pátria e Família” – tão consoante às posições dos Castro de Souza

<sup>269</sup>MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 37, 28/09/1935.

<sup>270</sup>FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul: 1821-1937*. Porto Alegre: Suliani Letras & Vida, 2010, p. 20.

<sup>271</sup>FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 34.

–, foi fundada a Ação Integralista Brasileira (AIB). A AIB colocava vestes tropicais no fascismo, “defendia a organização sociopolítica em corporações, com o monopólio estatal”<sup>272</sup> e os preceitos católicos.

Para se manter no poder, Getúlio flertou com a extrema direita, que tinha maior base entre os militares e significativo apoio da população civil. No lado esquerdo, a ANL também contava com muitos aderentes e diretórios regionais foram abertos em vários cantos do Brasil. “Em três meses, já existiam 1500 núcleos distritais e municipais” e as filiações, entre abril e junho, chegaram à cifra de “90 mil por mês”<sup>273</sup>.

No Rio Grande do Sul, a seção estadual “foi instalada solenemente no Theatro São Pedro, em 5 de julho de 1935, sendo seu presidente regional o escritor e médico Dyonélio Machado”<sup>274</sup>. Designado para chefiar o núcleo do “mais importante movimento popular que o Estado já tivera até então”<sup>275</sup>, Dyonélio era uma figura conhecida no Rio Grande do Sul antes daquele 5 de julho. Na sua juventude, ele fora ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), sendo, inclusive, diretor do Club Republicano Borges de Medeiros. Ele também desempenhou o papel de jornalista em órgãos municipais do partido – *O Cidadão*, de Quaraí, foi um deles – e, nos períodos em que morou em Porto Alegre, contribuiu com o *Correio do Povo* e o *Diário de Notícias*<sup>276</sup>. Além de *Os ratos*, que saiu pela Companhia Editora Nacional devido ao Prêmio Machado de Assis, até 1935, Dyonélio tinha publicado três obras, todas pela Livraria do Globo: *Política contemporânea – três aspectos*, de 1923, *Um pobre homem*, de 1927, e *Uma definição biológica do crime*, de 1933. A primeira delas trazia ensaios que avaliavam criticamente a presidência de Epitácio Pessoa. A segunda era uma coletânea de contos cujos enredos se desenvolviam em torno da campanha. A terceira mostrava o outro lado de Dyonélio: o do médico psiquiatra que, desde 1928, trabalhava no Hospital São Pedro.

Cyro, como tantos outros adeptos do Partido Libertador, simpatizava com alguns dos objetivos da ANL, conhecia Dyonélio e seus escritos. Apesar de o conterrâneo ter um passado ligado ao borgismo, Cyro acreditava na sua capacidade política e nas suas ideias. Se a ANL

<sup>272</sup> FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 19.

<sup>273</sup> REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes – um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 175.

<sup>274</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul: 1821-1937*. Porto Alegre: Suliani Letras & Vida, 2010, p. 20

<sup>275</sup> KONRAD, Diorge Alcenio. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 390 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994, p. 170.

<sup>276</sup> Informações retiradas de: DORS, Marines. *Dyonélio Machado (1895-1985): os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual*. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008, p. 48, 50.

continuasse a ganhar força, chegasse ao poder e não deixasse de lado as bandeiras que erguera, a política brasileira tomaria outro caminho. Aqueles anos, porém, eram extremos e uma aliança que pregava tão abertamente contra as oligarquias e a classe dominante não teria vida fácil – nem longa. No mesmo julho, seis dias após o diretório gaúcho ser “instalado solenemente”, a ANL foi colocada na ilegalidade.

Em 29 de março, quase ao mesmo tempo em que a ANL se erguia, Vargas conseguia que a Lei de Segurança Nacional fosse aprovada na Câmara. Apelidada de Monstro, a Lei número 38, sancionada por Getúlio em 4 de abril de 1935, definia os crimes contra a ordem política e contra a ordem social e estabelecia as penas para tais crimes. Foi por causa da Lei Monstro que a ANL se tornou ilegal. Em 5 de julho, em um comício realizado pela ANL, um manifesto de tom “bastante radical” redigido por Luís Carlos Prestes foi lido. O presidente de honra do movimento alertava os companheiros para a situação de guerra em que se encontravam e fazia uma série de “conclamações revolucionárias: ‘Abaixo o fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um Governo Popular Nacional Revolucionário! Todo poder à ANL!’”<sup>277</sup>. Aquele chamado às armas se enquadrava como um crime contra a ordem política e servia como desculpa para que a ANL deixasse de ser legal.

Os ecos da Lei Monstro e a ilegalidade da ANL chegaram ao Rio Grande do Sul. Em protesto ao fechamento da entidade, “membros do Núcleo dos Gráficos da ANL”<sup>278</sup> fizeram uma tentativa de greve. Dyonélio era o articulador da paralisação e, em 18 de julho de 1935, foi detido por infringir o artigo 19 da Lei de Segurança Nacional – induzir empregadores ou empregados à cessação ou suspensão do trabalho por motivos estranhos às condições do mesmo. O evento mexeu com o Estado e sacudiu Quaraí. Cyro tentava acompanhar todos os episódios que se passavam com Dyonélio, mas as notícias chegavam à cidade com atraso e, por aqueles dias, o casamento com Suely se aproximava. Mesmo assim, Cyro soube que Aparício Cora de Almeida, seu companheiro dos tempos de Porto Alegre, se ocupara da defesa de Dyonélio. Cyro também ouvira que alguns escritores, principalmente Erico Verissimo, se empenhavam para conseguir a liberdade do amigo e que o Sindicato Médico Brasileiro, o

---

<sup>277</sup> REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes – um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 177.

<sup>278</sup>MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre – 1927-1957)*. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 111.

Sindicato Médico do Rio Grande do Sul e o Club de Cultura Moderna se mobilizavam para que ele fosse solto, tivesse a pena abrandada e as condições de prisão afrouxadas<sup>279</sup>.

Até outubro, o caso de Dyonélio caminhava sem novidades. Porém, no dia 13, em circunstâncias suspeitas, Cora de Almeida apareceu morta. O advogado já gozava de certa fama no meio jurídico gaúcho. A defesa de Dyonélio atraía olhares e Aparício estava sob holofotes. Por viver um momento de tanta relevância, sua morte teve significativa repercussão. Aparício era o segundo amigo de Cyro a falecer em decorrência de posições políticas. O assassinato de Waldemar Ripoll o marcara e com Aparício não seria diferente. Assim como fizera com Ripoll, em *Gaúchos no obelisco*, Cyro escreveu sobre o episódio suspeito. Ao contrário do tratamento que dera a Ripoll – um capítulo extenso, com um focalizador ligado às ações de Waldemar –, Cora de Almeida aparece pela visão de dois personagens: Afonso e Zeferino.

Esses dois senhores, que só figuram em cenas noturnas, têm seis participações no romance e, em todas elas, após se encharcaram de *chopp*, falarem mal das esposas e reclamarem da próstata, fazem comentários acerca da política estadual. Sobre o fim de Aparício, Zeferino faz algumas referências importantes: “Eu, para mim, o rapaz, que vinha fazendo uma carreira brilhante, pelo talento e o destemor, foi miseravelmente suicidado”, “a defesa escrita do Dyonélio foi violentíssima, atacando o Flores e o Tribunal. [...] termina mais ou menos nestes termos: num Estado com um governo destes, um homem como Dyonélio só poderia estar mesmo na cadeia!”<sup>280</sup>. Os primeiros comentários a respeito da morte de Cora de Almeida traziam uma versão de suicídio. O bacharel estaria apaixonado por uma beldade loira, mas não havia chances de ele abandonar a mulher e o filho pequeno. Por essa impossibilidade amorosa, ele teria tirado a própria vida. Os amigos de Aparício não acreditavam nesse desfecho. Ele esbanjava vida, estava no rumo do auge profissional, se tornara uma pessoa conhecida e, se pudesse, engataria carreira como político. Os amigos, os companheiros de advocacia e o próprio Aparício tinham certeza de seu futuro. Aquela morte parecia um assassinato político, não um suicídio passional – ainda mais depois do aberto desafio a Flores.

Enquanto Porto Alegre fervia, Cyro estava em Quaraí, na casa dos sogros. Eles conversavam sobre as prisões e as mortes, pois conheciam Dyonélio e Cyro não se importava de dizer que fora próximo a Cora de Almeida. Porém, quando falavam nesses assuntos que corriam cegos para a política, Cyro se retraía. Isso não acontecia apenas por divergir dos Castro

---

<sup>279</sup> Informações retiradas de: MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre – 1927-1957)*. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 112-113.

<sup>280</sup> MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. Porto Alegre: Movimento, 1992, p. 191.

de Souza e por querer manter a convivência amena. Cyro se retraía por pensar na sua situação. Dois dos seus amigos tentaram levantar a voz contra o que julgavam ser injusto e ambos acabaram morrendo. O que ele fizera até ali?

Muitas das ideias de Waldemar e de Aparício também eram suas. Os três pensavam de modo semelhante, mas agiam de formas diferentes. Ripoll e Cora de Almeida eram engajados, talhados para a vida pública. Cyro era, naquele momento, mais reservado, menos combativo. Como os outros dois, ele acreditava que a política brasileira não ia bem, achava que Flores dirigia o Estado como bem entendesse, mandando soltar e prender como lhe conviesse. Cyro, porém, não erguia os punhos, não confabulava e não ameaçava o governo – da última vez que o fizera, em 1931, no aniversário da Revolução de 1930, escapara por distração de Flores. Até 1934, Waldemar articulava no Uruguai. Em 1935, Aparício bradava em Porto Alegre. Durante esses dois anos, Cyro experimentava as aventuras de ser um médico rural em Quaraí. Além disso, ele vivera um drama familiar que os outros não compartilharam. Ele fazia sua parte quando atendia aqueles gaúchos a pé, quando falava deles em oportunidades públicas ou quando tentava escrever sobre eles. Naquele final de 1935, era isso que estava ao seu alcance.

Nessa mesma época, outras pessoas, mais próximas da combatividade de Ripoll e de Cora de Almeida, acharam que o caminho das armas era o melhor. Contando com verbas e pessoal da Internacional Comunista, os membros da ANL e do PCB tentaram derrubar Vargas do poder. A tentativa, que ficou conhecida, pejorativamente, como Intentona Comunista, ocorreu entre 23 e 27 de novembro e redundou em um grande fracasso para a esquerda brasileira. O primeiro dia da revolta se deu no Rio Grande do Norte. Um grupo de aliancistas e comunistas se sublevou, obteve rápida vitória e uma “junta de governo tomou o poder em Natal por quatro dias, até ser dominada”<sup>281</sup>. Como era de costume no Brasil, as revoluções não obedeciam a horários, calendários e cronogramas. O levante estava programado para o dia 27 de novembro e deveria acontecer, primeiro, no Rio de Janeiro – sob a liderança de Luís Carlos Prestes – para, depois, se espalhar pelo País. Os acontecimentos do Estado potiguar embaralharam os companheiros e alertaram o governo federal. No dia 24, o Recife se revoltou e só em 27, quando a tentativa de golpe já estava abraçada com a derrota, foi a vez do Rio.

A falta de sincronia não foi a única culpada pelo fracasso do levante. Prestes e o PCB superestimaram suas forças. Eles colocaram demasiada confiança na força militar que Prestes conseguiria e no seu poder de erguer as massas. Alguns seguiram-no, mas a maioria se sentira desgostosa com sua adesão ao comunismo. Muitos dos militares pendiam para a direita e,

---

<sup>281</sup>FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 198.

mesmo com a Constituição de 1934, eles mantinham posições-chave na administração de Getúlio. Os revoltosos ainda acreditavam que, ao estourar o conflito, os operários fariam uma greve generalizada e que os camponeses também se levantariam. Não houve nada disso. A ANL e o PCB, foram amadores ao organizarem a rebelião. Do campo, não veio nenhum apoio e os operários não pararam. Assim, o movimento se resumiu às quarteladas de Natal, do Recife e do Rio. Nesse último, que seria o centro irradiador da revolução, o levante já nasceu morto.

Quase cinquenta anos depois daqueles dias vermelhos de novembro, Cyro faria com que Afonso, o companheiro de bar de Zeferino, falasse sobre a Intentona e o seu apelido pejorativo: “– Ôpa lá com *intentona!* O Governo é muito hábil na escolha das palavras mais desmoralizantes para qualificar os atos dos adversários. [...] Prevejo que vamos pagar muito caro por essa aventura louca. Aventura é a palavra, não intentona”<sup>282</sup>. Em *Para início de conversa*, Slavutzky perguntou a Cyro se ele pensava, como Afonso, que 1935 tivesse sido uma “aventura comunista fracassada”. Cyro não respondeu exatamente ao que foi questionado – fato bem comum nas páginas do livro –, mas reforçou a ideia do “apodo que lhe deu a voz do oficialismo” e citou tanto os possíveis motivos para a derrota dos aliancistas como as consequências trazidas pelo episódio.

Para Cyro, Luís Carlos Prestes teve uma “atitude precipitada” e “cometeu, naquele lance, um gravíssimo erro de perspectiva histórica. Iludiu-se com a extensão e a profundidade da penetração da ideologia da Aliança Nacional Libertadora no espírito popular brasileiro”<sup>283</sup>. O entrevistado também disse que a “nossa gente não estava preparada para aquela violência”. Perto dos anos 1990, Cyro, uma “testemunha ocular da história”, que vivenciara os conflitos fratricidas e as tentativas de revolução ocorridas entre 1920 e 1930, sabia que os brasileiros daquela época não se chocaram com a violência do movimento, tão semelhante aos do tenentismo, e sim com a ameaça vermelha. Sua reflexão sobre essa “ameaça” é, aliás, a parte mais significativa da resposta a Slavutzky. Ao afirmar que a Intentona “serviu, durante decênios, como ponto de referência para os perigos do comunismo”, ele assumiu a mesma voz de Afonso, que previa: “vamos pagar muito caro por essa aventura louca”. Olhando para trás, Cyro conseguia entender que a Intentona não abriu o caminho apenas para o Estado Novo varguista. Mais tarde, o medo vermelho ativado em 1935 criaria outros ditadores.

É provável que o novembro de 1935 também tenha levado medo à casa dos Castro de Souza. Com atraso e pavor, Antenor talvez acompanhasse as notícias pelo *Correio do Povo*.

<sup>282</sup> MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. Porto Alegre: Movimento, 1992, p. 188.

<sup>283</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 108-109.

Ele devia contar a Lucinda o que se passava: os comunistas, liderados por Prestes, aquele mesmo da Coluna, tentaram apelar Getúlio do poder, mataram soldados legalistas que estavam dormindo nos quartéis, ameaçaram meio mundo com greves, prometeram fazer uma série de reformas, acabar com os padres e com as igrejas. No seu fervor religioso, a senhora faria um ligeiro sinal da cruz, murmuraria um “Deus Nosso Senhor que nos ajude!” e olharia rápido para os céus, reforçando o pedido.

Cyro não concordava com a tentativa de golpe, mas simpatizava com alguns dos projetos da ANL e os sogros sabiam disso. Não seria estranho se mirassem o rapaz com alguma desconfiança. Ele se esforçava para não entrar em conflito com Antenor e Lucinda. Apesar de achar que seus pensamentos sobre política e religião eram obtusos, respeitava os pais da esposa. Moravam sob o mesmo teto, sentavam à mesma mesa, dividiam a comida e amavam Suely. Para que o ambiente não ficasse mais carregado, era melhor calar.

Fora de casa, no entanto, ele se soltava. Nas rodas de conversa que se formavam na farmácia do Demóstenes e no aperitivo do Clube do Comércio, Cyro falava mais abertamente sobre suas ideias e, por isso, muitos dos moradores de Quaraí conheciam as posições políticas do novo médico. É possível que houvesse falatórios em volta dele e que não faltassem pessoas murmurando que o genro de Antenor e Lucinda era um comunista. Mesmo que pensasse voltado para a esquerda, Cyro estava longe dos acontecimentos de 1935. Ele não articulara nada, não participara da fundação de nenhum dos núcleos da ANL e, ultimamente, nem entrara em contato com Dyonélio Machado. Dias antes de a tentativa de golpe dos aliancistas ter fracassado, Dyonélio gozara um período de liberdade. Esse período durou pouco, pois logo houve os levantes no Nordeste e no Rio de Janeiro. Dyonélio foi acusado de apoiar os rebeldes e se viu, mais uma vez, enquadrado pela Lei Monstro.

Após a segunda prisão, Adalgiza Martins Machado, esposa de Dyonélio, voltou com os filhos para a casa dos pais, em Quaraí<sup>284</sup>. Adalgiza e Cyro dividiam o sobrenome, mas não tinham parentesco direto. Quando retornaram para a cidade natal, ela e os filhos foram identificados como a mulher e os filhos do comunista – ainda que Dyonélio não tivesse aderido ao PCB naqueles tempos. Assim como Suely, Adalgiza era formada em piano. Contudo, a situação da última era muito diferente da de uma Castro de Souza e ela precisava dar aulas para sobreviver. Adalgiza já fizera isso em Porto Alegre, enquanto o marido estudava medicina, e, em Quaraí, precisava agir do mesmo modo. A fama de comunista não ajudava Adalgiza a

---

<sup>284</sup> MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre – 1927-1957)*. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 123.



conseguir alunos e a isolava na cidade. Foi nessa época de isolamento que ela recebeu a inesperada visita de Cyro.

Quaraí era um lugar pequeno, onde a maioria das pessoas se conhecia ou ouvira falar de beltrano e fulano. Adalgiza escutara boatos sobre Cyro e a figura não lhe era estranha. Estranha era sua visita em um momento em que os outros habitantes da cidade não queriam se misturar com ela. Adalgiza recebeu Cyro um tanto assustada e com algumas reservas<sup>285</sup>. O rapaz só poderia oferecer uma visita de solidariedade. Seus contatos em Porto Alegre não eram expressivos ao ponto de interferirem no caso de Dyonélio e ele também não tinha como auxiliar financeiramente Adalgiza e as crianças. Dois motivos levaram Cyro a se decidir por uma visita à mulher de Dyonélio. Ele percebera o que se mostrava bastante óbvio: Adalgiza era mais uma das vítimas da mentalidade restrita que imperava nas cidades do interior. Além disso, Cyro gostaria de ter mais informações sobre a situação do conterrâneo: ele seria removido para o Rio de Janeiro? Quais eram as chances de liberdade? Como estava a defesa após a morte de Cora de Almeida?

O encontro não sanou as dúvidas de Cyro e, provavelmente, Adalgiza não se sentiu tão reconfortada com a presença do rapaz. Ela se assustara e, naquela altura, desconfiava de tudo e de todos. A notícia da visita deve ter se espalhado por Quaraí. Logo, Antenor e Lucinda saberiam do acontecido. Se não falassem nada diretamente para Cyro – de certa maneira, eles também evitavam o conflito –, fariam reclamações aos ouvidos de Suely, que não tinha relação alguma com a história. A moça até poderia ter questionado o marido sobre as razões de tal visita, mas não lhe restava muito a fazer. Com aquela atitude, Cyro deu uma demonstração de sua opinião política e causou um desagrado significativo nos sogros.

Causando desagradados, silenciando e fugindo de embates, a vida de Cyro na casa dos Castro de Souza continuava. Ele passava boa parte do dia na rua. Dava expediente na farmácia, fazia visitas aos clientes que moravam na cidade e atendia aos chamados que vinham dos distritos de Quaraí. Seu lazer se resumia a alguns passeios com Suely pela Praça General Osório, por Artigas, em ocasiões mais raras, a piqueniques com a família e a conversas nas rodas da farmácia ou do Clube do Comércio. Poucos eventos mexiam com o seu cotidiano. Às vezes, surgia uma notícia sobre os escritos de Cyro ou algo de excepcional ocorria na prática médica.

---

<sup>285</sup> MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil* (Porto Alegre – 1927-1957). 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 123.

Em fevereiro de 1936, os leitores conheceram o primeiro número da *Rumo*: revista mensal. Com sede em Porto Alegre, direção do quaraiense Aparício Maciel, ilustrações de Nelson Boeira Faedrich, colaboradores variados e patrocínios que iam da Tinturaria Leão à Rádio Sociedade Farroupilha Ltda., a *Rumo* tinha em suas páginas textos de literatura, história, política e medicina. Aparício era estudante de medicina, candidato a poeta e primo de Cora de Almeida. O rapaz tinha poucos anos menos do que Cyro, mas deviam se conhecer da faculdade, das caminhadas de férias pela Praça General Osório ou dos contatos em comum. Movido pela amizade ou pela admiração à escrita de Cyro, Aparício chamou o conterrâneo para participar do número inaugural da *Rumo*.

O editorial da revista salientava que o periódico era “uma tentativa” e buscava contribuir para o “momento renovador” já manifestado nas letras e na imprensa do Norte e do Rio de Janeiro<sup>286</sup>. O elenco de colaboradores e a diversidade dos textos mostram que os criadores da *Rumo* pretendiam abordar várias áreas do conhecimento, dando atenção especial à literatura. No primeiro número, havia sonetos de Mário Quintana, crítica escrita por Jorge Amado, trabalhos de Graça Aranha, Rivadávia de Souza e Telmo Vergara. Ainda havia artigos de Waldemar Ripoll, “Ciclos de um sonho” (homenagem de *Rumo* ao segundo aniversário de sua morte), de Celestino Prunes, “O direito de morrer”, de Dario Brossard, “A educação rural e a formação social do agrônomo”, e traduções de autores estrangeiros como Sinclair Lewis, “A popularidade”, e James Carroll, “A decadência da imprensa italiana”. Também existiam as seções “Novidades científicas mundiais” e “Livros”. A última trazia notas sobre *Os ratos*, de Dyonélio Machado, *Música ao longe*, de Erico Verissimo, e *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego.

Colocada entre “Célia chamou Pery”, de Telmo Vergara, e as “Novidades científicas mundiais”, a colaboração de Cyro se intitulava “Noventa e três”. Diferentemente do que fizera em *Vibração* e na *Revista do Globo*, em *Rumo* ele não desempenhou a função de ficcionista, mas a de crítico. A obra analisada era *Voluntários do martírio*: narrativa da Revolução de 1893, publicada pelo médico baiano Ângelo Dourado, em 1896. A crítica de Cyro se desenvolve nas páginas 20-24 e após o texto se vê um subtítulo, “Sobre um escritor regionalista”, que traz informações referentes à produção de Cyro.

Em “Noventa e três”, a ideia inicial de Cyro é retirar *Voluntários do martírio* do esquecimento. Para tanto, ele não hesita em contar sua história com o livro, que estava praticamente esgotado. Cyro não sossegou até encontrar e mandar buscar um exemplar em um

---

<sup>286</sup>MACIEL, Aparício. Editorial. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 3, fevereiro de 1936.

dos poucos lugares onde havia a obra: a livraria Echenique, de Pelotas. Após o começo que narra a busca pessoal, Cyro fala do autor e de *Voluntários*. Ele diz não saber nada a respeito de Ângelo, mas logo cita suas ocupações – médico, poeta e jornalista – e sua origem baiana. Cyro ainda ressalta as vinculações de Ângelo à geração romântica, pois Dourado trazia “bem viva a flama dos Castro Alves”, além de deixar transparecer, pelo trato com as palavras, o ímpeto e os devaneios libertários, ser um “hugólatra exaltado”<sup>287</sup>. Não só a coragem e a doação voluntária de Ângelo são exaltadas por Cyro, as qualidades intelectuais do autor e o potencial de sua escrita também entram em cena: “Homem culto, atualizado na melhor cultura do seu tempo, copiosamente abeberado na inestancável fonte de leituras clássicas, possuía ainda verbo fluente, firme, resoluto, traduzindo um espírito de convicções maduras”<sup>288</sup>.

A primeira impressão de Cyro sobre *Voluntários* é a de que o texto – uma espécie de diário de combatente – “foi escrito no alvoroço dos acampamentos, na pressa das paradas curtas” e de que seu formato se assemelha ao de “uma longuíssima carta [...] na qual relata a miúdo as peripécias aguentadas na revolução”<sup>289</sup>. Nota-se, pela crítica, que Cyro não tem certezas quanto ao gênero de *Voluntários*. No primeiro momento, ele fala em carta por Ângelo ter “endereçado” o livro a sua esposa, exilada no Uruguai. Em outras passagens, Cyro faz referência ao diário. Conforme Cyro, *Voluntários* não apresentava plano pré-concebido, característica que, em sua opinião, era a “essência dos diários”. No entanto, ele acha que o livro não é um diário na “justa acepção do termo”. Por causa das marchas, das refregas e dos eventos inesperados, a escrita era irregular, não contemplava um dia após dia. A dúvida de Cyro quanto à classificação de *Voluntários* abre mais uma janela quando ele diz que o livro é “quase um romance” – pelo complexo desdobrar das situações criadas, pelos improvisos que surgem a cada passo, pelas sobreposições “à própria imaginação do escritor”, pelo envolvimento de múltiplos protagonistas, pela “acentuação de níveis morais diferentes” e pela reiterada volta à “criatura central” do texto, “o autor enclausurado no seu lirismo”<sup>290</sup>.

O olhar de Ângelo Dourado em relação aos atores do episódio revolucionário e às ações dele durante o conflito são outros aspectos focalizados por Cyro. Dourado servia as companhias do General Salgado e de Gumercindo Saraiva. Em sua leitura, Cyro acha que Ângelo tratou cada chefe de um jeito. O nome de Salgado vinha respaldado pela hierarquia, o posto e a organização; o de Gumercindo independia de patente e trazia o reconhecimento pelo homem

<sup>287</sup> MARTINS, Cyro. Noventa e três. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 20, fevereiro de 1936.

<sup>288</sup> MARTINS, Cyro. Noventa e três. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 21, fevereiro de 1936.

<sup>289</sup> MARTINS, Cyro. Noventa e três. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 20, fevereiro de 1936.

<sup>290</sup> MARTINS, Cyro. Noventa e três. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 22, fevereiro de 1936.

do povo, pela figura de caudilho. Quanto às atitudes de Ângelo, Cyro lembra que o médico voluntário ia de barraca em barraca, “levando o socorro de seu tratamento paliativo de campanha, na mais concreta demonstração de solidariedade imaginável”<sup>291</sup>. De certa maneira, não era isso que Cyro fazia em Quaraí? Na maioria dos casos ele não estava restrito a tratamentos paliativos nos quais havia mais intenções e solidariedade do que soluções? É possível que Cyro se identificasse com Ângelo e pensasse que ambos lutavam, em campos e tempos distintos, a mesma batalha médica.

O primeiro número de *Rumo* não foi significativo para Cyro por causa da análise de *Voluntários do martírio*. Apesar do final um tanto confuso, o texto mostra um leitor atento, esforçado para desenvolver com dignidade o exercício crítico. O mais interessante daquela *Rumo* não foi o que Cyro publicou, mas o que se publicou a respeito de *Campo fora*. As informações que seguiam o subtítulo “Sobre um escritor regionalista” fechavam o triângulo para Cyro: ele era um autor, tinha uma obra e, naquele momento, um público. Esse público não vinha das velhas relações de Porto Alegre, não vinha nem mesmo do Brasil.

Pouco antes da publicação de *Rumo*, Cyro recebeu, em Quaraí, uma cópia da crítica de Samuel Putnam em inglês. É provável que o texto tenha chegado até a Livraria do Globo e, de Porto Alegre, Cyro foi acionado. Ler a apreciação de Putnam deve ter causado o mesmo impacto de quando recebera o primeiro exemplar de *Campo fora*. Aquela breve nota mostrou a existência dos seus leitores e fez com que Cyro se sentisse, finalmente, um escritor.

Em 1935, a Universidade de Oklahoma publicou o volume 9 da revista *Books Abroad*. No mês de julho, saiu o número 3, que trazia, na seção “Livros estrangeiros”, uma nota crítica sobre *Campo fora*. Na *Rumo*, a pequena avaliação foi traduzida e colocada logo abaixo de “Noventa e três”. Escritor, tradutor, jornalista e sociólogo, Samuel Putnam fez menções elogiosas ao livro de Cyro. Para o americano, os contos eram “coloridos da vida da fronteira brasileira, cuja época e estilo estão de acordo com os tipos que habitam essa região”. Putnam se interessou pelos tipos e pelas conjunturas que apareciam na ficção de Cyro. Na sua visão, *Campo fora* tratava de “soldados, homens que hoje são amigos, amanhã inimigos e amigos, de novo, no dia seguinte”. Segundo Putnam, isso se dava por causa “das circunstâncias impostas pela política”<sup>292</sup>. De fato, no Rio Grande do Sul, a política alimentava o espírito belicista de seus habitantes. Porém, as circunstâncias não se alteravam tanto quanto Putnam pensava. Nas

---

<sup>291</sup>MARTINS, Cyro. Noventa e três. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 22, fevereiro de 1936.

<sup>292</sup> Sobre um escritor regionalista. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 24, fevereiro de 1936.

terras gaúchas, inimigos eram inimigos por quase toda a vida e, quando não estavam em conflito, estavam se preparando para o conflito.

Além dos tipos, Putnam enaltece as descrições de Cyro. Aquela que mais lhe toca é feita “em 500 palavras apenas” e se refere a “um mutilado em campo de batalha”. O homem que conviveu com a geração perdida na Paris da década de 1920 e que faria traduções, para o inglês, de *Dom Quixote* (1948), *Os sertões* (1944), *Casa grande e senzala* (1946) e *Terras do sem fim* (1945) achava que a descrição de Cyro – presente no breve conto “Fim de batalha” – “seria suficiente para fazer parar, para sempre, todas as guerras”<sup>293</sup>. As descrições e os tipos colocados por Cyro em *Campo fora* levaram Samuel Putnam a afirmar sobre o jovem autor: “Cyro Martins é um escritor de indubitável poder”<sup>294</sup>.

Como Putnam entrou em contato com o livro de Cyro? No folheto *Samuel Putnam (1892-1950)* – notas biobibliográficas, publicado pela União Cultural Brasil-Estados Unidos, em 1950, Brenno Silveira diz que na “*Books Abroad*, revista editada pela Universidade de Oklahoma, Putnam vinha, desde 1931, acompanhando o movimento literário brasileiro”<sup>295</sup>. Esse acompanhamento se dava, possivelmente, através do contato direto com intelectuais e editoras do Brasil. Nos anos 1930, em uma jogada bem-sucedida, a Globo passou a traduzir autores americanos. Se o negócio dava certo vindo de lá para cá, não seria absurdo e não custaria nada tentar a mão contrária. Enviando as novas publicações para leitores estrangeiros, a Globo conseguiria que seus produtos circulassem e tivessem certa divulgação – fato que parece ter ocorrido com *Campo fora*. O momento americano também propiciava tentativas desse gênero. Alfred e Blanche Knopf, por exemplo, eram donos de uma respeitada editora que levava seu sobrenome e, na época, começavam a se interessar pela tradução de obras oriundas da América de línguas espanhola e portuguesa. Por outro lado, o próprio Samuel Putnam, que trabalhou para os Knopf nas traduções de *Os sertões* e de *Casa grande e senzala*, poderia estar em busca de um novo objeto de trabalho.

Mesmo que fosse lido por alguém como Samuel Putnam, Cyro continuava com uma realidade mais amarga e ligada à atuação médica. Certos atendimentos marcaram-no pelo resto da vida. Devido à pulsão autobiográfica, à vontade de escrever sobre o que vivera e testemunhara, Cyro deixou algumas impressões a respeito do trabalho médico feito nos anos de

<sup>293</sup> SOBRE UM ESCRITOR REGIONALISTA. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 24, fevereiro de 1936.

<sup>294</sup> SOBRE UM ESCRITOR REGIONALISTA. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 24, fevereiro de 1936.

<sup>295</sup> SILVEIRA, Brenno. *Samuel Putnam (1892-1950)*. São Paulo: União Cultural Brasil-Estados Unidos (Fundação Brasileira), 1950, p. 7. Disponível em: [http://segall.ifch.unicamp.br/documentos\\_digitalizados/el/el\\_folhetos/el\\_folhetos\\_f\\_03102.pdf](http://segall.ifch.unicamp.br/documentos_digitalizados/el/el_folhetos/el_folhetos_f_03102.pdf) Acesso em: 27 de março de 2017.

Quaraí. Em um primeiro momento, essas impressões se desenvolviam em torno da inexperiência do novo profissional e do contato com a morte – o parto na campanha e o suicídio do vizinho são exemplos disso. Depois, suas histórias ganham outros tons. Existem aquelas que se desenvolvem em torno do mistério – “Noite no cabaré” e “Entre médicos” – e da reflexão sobre o papel do médico em uma cidade pequena e o papel do escritor em sentido amplo – “Nevoeiro denso” e “Ora, pois, aconteceu um poeta”. Essas histórias foram publicadas por Cyro duas vezes, em formatos diferentes. Todas elas saíram em 1942, no livro *Mensagem errante*. Elas compunham a parte intitulada “A cidadezinha”, eram numeradas como capítulos, Carlos tinha o papel principal ou o de narrador<sup>296</sup>. Em 1980, elas figuraram em *A dama do saladeiro*. Nessa nova versão, elas receberam títulos, Cyro assumiu o protagonismo e a voz narrativa.

A edição de *Mensagem errante* publicada pela Globo trazia, na capa, abaixo do título, a indicação “Romance”. Isso aponta um caminho ficcional para o leitor. Já no prefácio de *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas, com a data de fevereiro de 1980, apesar da palavra “contos” que seguia o subtítulo, Cyro afirmou: “Não pensem que escrevi estas lembranças andando e parando para espiar pra os lados, pra frente, pra trás”<sup>297</sup>. Ainda que a ficção auxilie no processo de reconstrução, as lembranças ativam outra ideia no leitor: ali, estão as vivências de um determinado indivíduo. Entre o romance e as lembranças não há apenas uma diferença significativa de gêneros e expectativas, também existe a vontade de ser lembrado e reconhecido.

É óbvio que, em 1980, Cyro estava em outra fase da vida literária. Ele não precisava se esconder sob uma máscara ficcional. Na década de 1970, quando começaram as relações entre ele e Carlos Jorge Appel, o proprietário da editora Movimento, foi resolvido que a obra de Cyro passaria por uma reestruturação. No mesmo prefácio, o autor deixou pistas desse processo: “Parte do material é inteiramente nova. Parte já existia. Não me sinto tão importante para precisar onde. Em todo caso, todos esses trechos foram refeitos, enxertados de elementos novos e desganhados dos galhos tortos”<sup>298</sup>. Um estudo de crítica textual ou de crítica genética apontaria com maior detalhamento quais foram as mudanças realizadas por Cyro da publicação de 1942 para a de 1980. No entanto, mais importante que os trechos refeitos, os enxertos e os galhos desganhados é a decisão pela primeira pessoa. Ao tirar Carlos da jogada, Cyro assumiu suas lembranças, revelou que falava de si desde o início da carreira.

<sup>296</sup> “Ora, pois, aconteceu um poeta” é o capítulo IV de “A cidadezinha”, “Entre médicos”, o VII, “Nevoeiro denso”, o VIII, “Noite no cabaré”, o IX.

<sup>297</sup> MARTINS, Cyro. Prefácio. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 17.

<sup>298</sup> MARTINS, Cyro. Prefácio. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 17.

A revelação surgiu envolta na habitual ideia de Cyro de que gostaria de contar e lembrar dos outros: “Escolhi um corte de vida [...] que me pareceu oferecer uma boa perspectiva de conjunto para uma fraterna entrega de recuerdos à nossa gente, pois sinto que trouxe à tona um pouco de todos, de pessoas de antes e de depois”<sup>299</sup>. Cyro queria trazer à tona tipos como o Doutor Robertinho, o Dom Comas, o Oliveirinha, mas também queria dizer que convivera com aquelas figuras, que compartilhara de suas histórias, que fora, outra vez, uma testemunha. Para trazer as pessoas de antes, era preciso trazer o Cyro de antes.

“Noite no cabaré” é um dos *recuerdos* que tenta rememorar os tipos e as experiências em Quaraí. As palavras que preparam o leitor para a história já indicam um Cyro de antes, conhecedor dos personagens e dos cenários que o rodeavam: “O fato aconteceu durante aqueles meus anos de São João Batista do Quaraí. Creio que em 1936. Conheci todos os personagens do drama. E o cenário também, de dia e de noite, mais de noite, naturalmente”<sup>300</sup>. Esse texto inicial ainda mostra qual participação Cyro teve no evento – “Fui chamado como médico, às pressas, após o desfecho, de manhãzinha” – e esclarece qual é a melhor forma de contá-lo: “O melhor, mesmo, para registrar o episódio, é enredá-lo ou desenredá-lo num conto, tal qual o vivenciei na fantasia, ao voltar para casa, naquela manhã longínqua, após haver prestado meus precários serviços profissionais”<sup>301</sup>.

Cyro não é o protagonista do caso e suas atitudes não são decisivas no desenrolar dos fatos. Como ele disse, só foi chamado “após o desfecho”. O que se conta a partir da introdução a “Noite no cabaré” foi criado por Cyro. Em *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins*, Gisele Bandeira traz a ideia de que, em “Noite no cabaré”, Cyro “opta por escrever um conto ficcional emoldurado por uma vivência sua em Quaraí”<sup>302</sup>. Na tarefa de ficcionalização, ele pode ter utilizado os “relatos cruzados da história”, ouvido “inúmeras vezes”, o conhecimento que tinha sobre os “personagens do drama” e algumas de suas outras jornadas médicas.

Como o título sugere, o espaço é fundamental em “Noite no cabaré”. Para ressaltar essa importância, no início da história, o narrador localiza “O Internacional”, a mais recente “casa de diversões” que “abrirá em São João”: “perto da margem do rio Quaraí, na caída para o passo,

---

<sup>299</sup> MARTINS, Cyro. Prefácio. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 17.

<sup>300</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 123.

<sup>301</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 123.

<sup>302</sup> BANDEIRA, Gisele. *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 66.

oferecendo acesso fácil aos castelhanos”<sup>303</sup>. O nome do prostíbulo diz muito a respeito da fronteira. Apenas com “um rio que normalmente não tinha mais de cento e cinquenta metros de largura”, as pessoas transitavam do Brasil para o Uruguai ou do Uruguai para o Brasil com grande naturalidade. Entre eles havia trocas culturais e comerciais de todos os tipos. Os hábitos dos dois países se misturavam e faziam com que, ali, não houvesse brasileiros ou uruguaios, mas uma coisa diferente, uma coisa maior. O Internacional também é uma referência ao percurso de seu proprietário, Dom Comas. Sem origem revelada – poderia ser uruguaio, argentino, paraguaio ou brasileiro – sabe-se que ele “orgulha-se da sua experiência no ramo e da sua especialidade em fronteiras: Brasil-Argentina, Argentina-Uruguai, Brasil-Uruguai, Argentina-Paraguai, Paraguai-Brasil”<sup>304</sup>. Dentro do cabaré, os clientes das várias nacionalidades se divertiam com as duas roletas, os dois bacará, as bebidas e as meninas. Desses frequentadores, quatro interessam à narrativa: Oliveirinha, Argeu, Afonsina e Ângelo.

Os personagens estão reunidos porque Ângelo, o poeta que figura em outro texto de Cyro, está de partida para São Paulo. A noite na casa de diversões é a sua saideira de São João. A festa é bancada por Argeu, filho de pai rico. Oliveirinha, um funcionário do clube, vai na aba do amigo e Afonsina, uma “castelhaninha” é a china preferida de Argeu. Logo se percebe que o dinheiro de Argeu é o elo de ligação entre os membros do grupo. Afonsina está com o rapaz porque ele é um dos melhores clientes d’O Internacional. Se ela não o agrada, Dom Comas a colocará na rua. Por se achar mais culto e superior a Argeu, Ângelo despreza o patrocinador das noitadas. Oliveirinha depende de Argeu para ter algum tipo de divertimento e talvez isso alimente a inveja que ele sente em relação ao companheiro.

Dentro d’O Internacional, o espaço se reduz ainda mais. A fim de esperarem pela condução que levará Ângelo até o trem, os personagens vão para o quarto de Afonsina, um cubículo, que não era o “pior da casa” e onde quase tudo apresentava um “aspecto provisório”<sup>305</sup>. Acompanhando a redução de espaço, o foco narrativo se detém em dois personagens: Oliveirinha e Afonsina. Ao contrário de Argeu e Ângelo, eles resistem ao sono provocado pela bebedeira. A tensão sexual entre a prostituta e o funcionário público é explícita. “Oliveirinha”, diz o narrador em determinada passagem, “sempre se apaixona pelas mulheres,

---

<sup>303</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 123-124.

<sup>304</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 124-125.

<sup>305</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 126-127.



dele, Argeu”<sup>306</sup>. Os olhares e as intenções de Oliveirinha não são repelidos por Afonsina. A situação se desenha como propícia para que eles se envolvam. A moça espera pelas atitudes do homem, mas ele é muito hesitante. Em momentos de arroubo, ele “apalpa e comprime” a coxa de Afonsina, segura sua mão. No entanto, a coisa não evolui. Depois de Ângelo ser acordado e carregado pelos funcionários do cabaré para chegar à condução e de Afonsina e Oliveirinha tirarem a arma de Argeu e ajeitarem-no na cama, o conflito de Oliveirinha começa a dominar a narrativa.

Um breve histórico de Oliveirinha foi esboçado quando ele viu, no quarto de Afonsina, fotografias “relacionadas com as passagens de sua vida cigana”, de sua “existência aventureira e romântica”<sup>307</sup>. Oliveirinha não contava com tantas aventuras em seu currículo: “Ele nasceu em São João, nunca saiu de São João e, desalentado, braços caídos, começa a aceitar o seu destino de morrer em São João. Aluno brilhante, o primeiro da classe no Colégio Municipal. Houve quem esperasse muito dele”<sup>308</sup>. Oliveirinha é desenhado como um indivíduo destinado a uma vida medíocre, à sombra. O único lance ousado que praticou – um desfalque no banco causado pelas “loucuras de um carnaval”<sup>309</sup> – fora abafado com o silêncio e a ajuda financeira da família de Argeu. Quando toca na perna de Afonsina ou segura seus dedos, Oliveirinha não vai adiante por causa do “amigo”. Não é a amizade ou a fidelidade que o retraem. É “o medo de perder o protetor”. Oliveirinha precisava viver na aba de alguém. Há um questionamento que incomoda o personagem: “O que seria dele sem o encosto financeiro de Argeu?”<sup>310</sup>. A esse medo de ter de viver sem um apoio, se junta outro. Caso Argeu descobrisse sobre aqueles assanhamentos com Afonsina, o caso do banco, que estava “tão abafadinho”<sup>311</sup>, viria à tona.

Oliveirinha tenta contar as poucas histórias de sua vida para Afonsina, mas a mulher fica entediada e acaba pegando no sono. Único personagem acordado no limite entre a noite e o amanhecer, Oliveirinha se volta mais para o seu conflito. A fraca claridade do início do dia traz o conhecimento da situação em que ele se encontra: “Na verdade, nunca lutou por nada de

---

<sup>306</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 126.

<sup>307</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 127.

<sup>308</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 127.

<sup>309</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 135.

<sup>310</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 128.

<sup>311</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 133.

superior na vida e tem consciência de sua mediocridade”<sup>312</sup>. Essa tomada de consciência vem carregada de pessimismo. Oliveirinha se entende como um homem amarrado à cidade pequena, como um sujeito incapaz de agir frente aos obstáculos impostos pela vida.

Na análise de “Noite no cabaré”, Gisele Bandeira<sup>313</sup> associa o pensamento de Oliveirinha à tomada de consciência de Cyro, que, depois de alguns anos em Quaraí, também teria chegado à conclusão de que era preciso criar forças, se mexer, sair da cidade e buscar um novo rumo. Essa é uma possibilidade, mas outra talvez seja mais provável. Desde o seu retorno, Cyro tinha certeza de que a partida de Quaraí era o único jeito de atingir algum sucesso – profissional ou intelectual. Ele não precisou experimentar as decepções da cidade para saber que, nela, não haveria futuro.

Cyro ainda tinha opções, opções que Oliveirinha não parecia ter. Em determinado momento, o personagem se sentencia: “Sabe que sua vida não variará, jamais”. Após a sentença, ele ainda faz a si mesmo perguntas que buscam um risco de esperança: “Não gozaria nunca um instante de afirmação de si mesmo, de autenticidade? Não teria capacidade de mostrar um dia que espécie de homem era?”. No entanto, o pessimismo volta à cena com um peso esmagador quando Oliveirinha reconhece seu fracasso: “O mais provável era que continuasse assim, vida a fora [...] É uma sombra quebrada na correnteza do rio. Está agora absorvido na contemplação dessa sombra”<sup>314</sup>. É nesse estado de contemplação que o desfecho da história se configura. As luzes da manhã fazem com que a arma de Argeu brilhe. Oliveirinha pega o revólver e a primeira ideia que ele tem se relaciona ao suicídio: “E depois, com um ato desses, quando o vissem estendido de borco no chão, com pedaços de miolos nas paredes, talvez alguns se comovessem e até mudassem de opinião a seu respeito”<sup>315</sup>. O protagonismo pela morte é a solução que assombra Oliveirinha. Contudo, o homem que viveu como coadjuvante, como “reflexo das cores alheias”, não se mata. Em um final misterioso, no qual o leitor se desloca entre o acidente e o incidente, Argeu leva um tiro e fica “mortalmente ferido”.

O comportamento de Oliveirinha com Afonsina e a relação dele com Argeu apontam para a grande questão de “Noite no cabaré” – um sujeito pode viver à sombra dos outros, pode construir um caminho próprio sem tomar atitudes? Quando aparecem na história o desempenho escolar e as expectativas que pairavam sobre o futuro de Oliveirinha, também surge a resposta

---

<sup>312</sup> MARTINS, Cyro. *Noite no cabaré. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 135.

<sup>313</sup> BANDEIRA, Gisele. *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 67.

<sup>314</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 136.

<sup>315</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 137.

que o personagem dava como desculpa por não ter ido mais longe na vida: “Faltou-lhe o principal, o dinheiro”. Esse pretexto, porém, não convencia as pessoas, pois muitos achavam que “ele era mesmo da vida mansa, queria sombra e água fresca, e protetores”<sup>316</sup>. Tal justificativa poderia ser dada por Cyro a ele mesmo e aos outros. Em Quaraí, os familiares e os conhecidos ouviram falar de sua capacidade. Seu nome aparecia da *Revista do Globo*, ele publicara um livro, formara-se médico. Aos olhos dos outros, ele teria tudo para deslanchar. Por que não o fizera até agora? Por que vivia afundado naquela prática médica sem futuro? Sabiam que o dinheiro lhe faltava, mas não era hora de dar um peitão na vida, de se aventurar? Bilo não estava lá para bancar seus estudos e suas despesas. O protetor não existia mais e Cyro precisava correr com as suas pernas, experimentar o doce ou o amargo das próprias atitudes.

O Doutor Robertinho devia ser um dos quaraíenses que acreditava no potencial de Cyro. O velho médico tinha contato com o jovem desde antes de sua formatura e costumava compartilhar com ele experiências e clientes. Em “Entre médicos”, Cyro conta um dos momentos divididos com Robertinho. A história começa com uma ligação e um convite para Cyro: “Escuta, queres ver um doente no Lajeado, comigo? É a tua especialidade”. A resposta de Cyro ao colega é significativa e mostra que, em Quaraí, alguém tentava ajudá-lo a encontrar seu caminho dentro da prática médica: “Já imagino o que seja. O senhor sempre me empurrando para esse lado. Mas sendo para passar umas horas com o senhor, aprendendo, estou sempre disposto”<sup>317</sup>. A “especialidade” de Cyro e “esse lado” provocam uma interrogação no leitor que desconhece o percurso profissional de Cyro. No entanto, depois de diálogos sobre o inverno, sobre Alcides Maya e sobre lebres – diálogos que não têm utilidade na narrativa, mas são comuns na produção literária de Cyro –, Robertinho fala do que se trata aquele caso especial: “Dum sujeito que dizem que enlouqueceu”<sup>318</sup>.

Cyro se afastava do tipo de medicina com o qual não tinha nenhuma intimidade. Ele não se dava bem com aqueles casos nos quais precisava utilizar as mãos, ter contato com sangue e improvisar. Desde a leitura de *A criação estética e a psicanálise*, dos comentários que ouvira sobre as aulas de Celestino Prunes e das visitas ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, ele se inclinara para o lado das doenças mentais e dos problemas psíquicos. Ele não tinha ideia se teria

---

<sup>316</sup> MARTINS, Cyro. Noite no cabaré. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 127.

<sup>317</sup> MARTINS, Cyro. Entre médicos. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 104.

<sup>318</sup> MARTINS, Cyro. Entre médicos. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 107.

algum sucesso ou, até mesmo, se conseguiria ter uma formação adequada para atuar na área. Apesar das dúvidas, aquele parecia ser o melhor para sua carreira.

Robertinho sabia da inclinação de Cyro e não titubeava quando um caso daquele tipo se apresentava. No chamado que figura em “Entre médicos”, não se vê um diagnóstico dos males que afligem o estancieiro José Francisco de Souza Marcos. O sujeito parece ter traços paranóides, pois acha que os inimigos, os familiares e os empregados querem provar que ele está louco para tomar seus bens. Cyro e Robertinho conversam com José Francisco a fim de perceber o que se passa com ele. Entendem que ele precisa de um tratamento mais rigoroso e resolvem que a melhor solução é encaminhá-lo para o São Pedro, em Porto Alegre.

Quando retornam para a cidade, um dos grandes encantamentos de Robertinho entra em cena – a charla. Cyro gostava da companhia do colega, aprendia com sua experiência. Porém, o que mais incitava Cyro a seguir Robertinho eram os causos, as “novelas de sua medicina”<sup>319</sup>. Na condução, após o silêncio que tentava compreender o que se passou com o tal José Francisco, Robertinho lembrou de uma história. Anos antes, um sujeito desconhecido, com “cheiro de estranheza” nas atitudes, o chamou para atender sua “velha”. Na casa dos clientes, Robertinho interrogou Dona Clotilde, a velha. Além de contar que andava “sentindo um desânimo muito grande”, ela disse: “Eu sinto um aborrecimento por dentro... Não acho graça em nada. Não durmo, não tenho apetite nem vontade de fazer as lidas da casa”<sup>320</sup>. Novamente, nenhum diagnóstico apareceu, mas as palavras de Clotilde davam a entender que ela poderia ter entrado em um quadro depressivo. Robertinho queria entender o porquê do desânimo e do aborrecimento tão grandes, por isso, perguntou sobre desgostos recentes. A resposta frouxa de Clotilde acaba desencadeando outro degrau na história.

“Entre médicos” tinha iniciado com o relato de Cyro acerca do chamado de Robertinho. Após o trajeto até a estância de José Francisco, vem a consulta do homem e a resolução de enviarem-no para Porto Alegre. Resolvido o caso, pelo menos aparentemente, com Robertinho, surge outra história dentro da história. Ao questionar Clotilde sobre seus possíveis desgostos, o marido, personagem sem nome, toma a palavra e começa outra narrativa: “Eu lhe conto, doutor. Nós tínhamos um filho único, de vinte anos. Na revolução de 23, o rapaz foi agarrado por uma força do governo e acabou um dia caindo prisioneiro e sendo degolado”<sup>321</sup>. O homem fala que,

---

<sup>319</sup> MARTINS, Cyro. *Entre médicos. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 110.

<sup>320</sup> MARTINS, Cyro. *Entre médicos. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 111.

<sup>321</sup> MARTINS, Cyro. *Entre médicos. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 112.

tempos depois da morte do filho, um viajante conversador contou para ele e a mulher “a degola dum moço tal tipo, tal idade, até... tal nome!”. O viajante não sabia que se tratava do filho do casal que lhe dera pouso, mas conhecia o degolador e sabia onde ele morava. Quando o visitante partiu, os velhos ficaram “daquele jeito, sorumbáticos, olhando com desgosto pra tudo”. No entanto, concordaram e o marido foi atrás de um “castelhano”, deu-lhe “os informes necessários e a paga de duzentos mil-réis, cem adiantados”. Como senha da realização do serviço, pediu “uma orelha!”<sup>322</sup>. Corridos alguns meses, o castelhano voltou, entregou um embrulho com a senha e partiu. O velho mostrou a orelha para Clotilde que, desde então “sumiu numa tristeza de matar”<sup>323</sup>. O caso termina, de modo abrupto, quando o marido descobre pelos jornais que um famoso degolador foi encontrado, morto e sem orelha, pelas bandas de Rivera. Com a interrupção da história, ressurgem a voz de Cyro (“Obrigado, doutor Robertinho, por mais este conto”) e as “primeiras barras do dia”<sup>324</sup> – final que se repete em “Mãos amigas do próximo” e “Noite do cabaré”. Os desfechos que vêm com a manhã não oferecem só um ar notívago à vida de médico. Eles também apontam para um período mais obscuro da vida de Cyro, um tempo no qual a saída poderia vir com um novo dia, com uma nova esperança.

“Entre médicos” mostra que Cyro não escrevia apenas sobre as suas “histórias vividas e andadas”. O caso de Matilde, da vingança pela morte do filho é o que mais interessa em “Entre médicos” e os episódios se passaram com Robertinho. Contudo, Cyro não poderia deixar de falar que convivera com um homem tão experimentado e tão bom contador de histórias quanto Robertinho. Aquilo que vem antes do núcleo de Matilde e do marido – conversas na condução, doença de José Felício – funciona como preparação para a narrativa mais importante. Ainda que tenham menos relevância, os outros núcleos também são significativos para se analisar “Entre médicos”. O que é essa narrativa? Pelos núcleos e pela falta de concisão, não parece um conto. Em *Mensagem errante*, “Entre médicos” fazia parte do capítulo VII de “A cidadezinha”, mas aparecia como conto. Ao chegar em casa, Carlos nota que recebeu um periódico. Na “revista literária do Rio, a melhor do Brasil”, publicaram “sem pistolão” um conto de sua autoria (“Entre médicos”), enviado “com displicência, convencido de que seria rejeitado”<sup>325</sup>. Sem esse preâmbulo e com ligeiras modificações – troca de nomes de personagens (Carlos por Cyro, Doutor Rogério por Doutor Robertinho) e final sem o amanhecer –, o texto saiu de

<sup>322</sup> MARTINS, Cyro. *Entre médicos. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 113.

<sup>323</sup> MARTINS, Cyro. *Entre médicos. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 114.

<sup>324</sup> MARTINS, Cyro. *Entre médicos. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 115.

<sup>325</sup> MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942, p. 200.

*Mensagem errante* para *A dama do saladeiro*. Talvez, seja melhor considerar “Entre médicos” um relato memorialístico, com preenchimentos ficcionais. Esse relato teria a função de recuperar as vivências de Cyro em Quaraí entre 1935 e 1936.

“Nevoeiro denso” tem o mesmo papel, mas vai um pouco além. Em outra história que se passa durante a noite, Cyro reflete sobre o papel do médico no interior. Um rapaz o chama para ver seu pai e o guia até a casa do doente, que fica na parte pobre da cidade. Na caminhada rumo às entranhas da cidade, Cyro se perguntava se ficaria ou sairia de Quaraí, se o casamento lhe traria alguma estabilidade, se deixaria que aquele tipo de vida o sepultasse. Esses questionamentos se relacionavam, obviamente, ao seu futuro profissional.

Depois de quase três anos de clínica, “os resultados, afora as experiências humanas polpudas, em dinheiro eram uma mixaria”. Além disso, naquela “clínica empírica, fora de qualquer controle científico, os escassos conhecimentos que levava da Faculdade se evaporavam depressa ou se ocultavam, por falta de uso, nos desvãos da memória”. Para Cyro, a falta de ciência, a falta de uma medicina com mais recursos fazia com que o médico, nas “cidades pequenas, para triunfar”, precisasse “possuir o talismã dos curandeiros”<sup>326</sup>. Inábil com as mãos, rodeado pela desconfiança e sem a rodagem dos velhos médicos, Cyro achava que tal curandeirismo talvez se resumisse a um “certo ar jeitoso, que os outros tinham e eu não, ao enrolar uma atadura num braço quebrado, ao valorizar, quase inconscientemente, o próprio trabalho” ou àquela “maneira fácil de ceder às superstições do povo, concordando com o uso de todas as suas ervas e seus chás, porém permanecendo sempre um degrau acima”<sup>327</sup>. Cyro devia pensar que, para um médico vencer no interior, era preciso praticar pouca medicina.

Apesar de todos os contras que a clínica interiorana apresentava, Cyro se sentia atraído por alguns de seus aspectos. Um deles se referia ao “papel de guarda da tranquilidade pública” que o médico exercia nessas cidades. Em uma localidade menor, as pessoas correriam “para o doutor mais à mão, na certeza de encontrar amparo e solução para o apuro”<sup>328</sup>. Cyro acreditava que esse tipo de atendimento, mais próximo, caloroso e humano, ao contrário daqueles realizados nos grandes centros urbanos, atingia a essência do “conceito clássico da Medicina, de auxílio ao semelhante enfermo, dispensado num ritual que tinha algo de ofício sagrado”<sup>329</sup>.

---

<sup>326</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 117-118.

<sup>327</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 118.

<sup>328</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 118.

<sup>329</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 119.

A reflexão sobre os aspectos humanos que envolviam a clínica interiorana não se restringe à passagem anterior. Em outros momentos de “Nevoeiro denso”, Cyro reforça o envolvimento que o médico tinha com os pacientes: “Quando havia perigo de vida, o médico socorria com a tensão que exige um ato dramático, pondo no gesto e na atitude mais do que a habilidade profissional, pondo a própria compaixão. Compartilhava das aflições dos que o rodeavam”. Segundo as palavras de Cyro, se participasse do drama, se agisse humanamente, o médico “Bem-sucedido ou não, voltava sempre enobrecido”<sup>330</sup>. É possível que ele tenha voltado enobrecido em muitas ocasiões. Enobrecido e sem dinheiro. Esse era o grande conflito de Cyro: servia aos outros ou servia a si?

Devia ser reconfortante voltar para casa enobrecido após um dia no qual “ia devagar, devagar mesmo, de casebre em casebre, decorando a história de cada família, como se o tempo não contasse”<sup>331</sup>. O problema era que o tempo contava. Contava e Cyro não saía do lugar. Aqueles atendimentos poderiam lhe trazer histórias que virariam literatura, tranquilidade à consciência, mas também traziam um incômodo. Até quando faria aquilo? Em algum momento, precisaria abandonar aquela assistência médica e partir para se tornar realmente um profissional – que pudesse ser qualificado e recebesse como tal. Pensar em si não significava excluir os outros. Cada pessoa tinha um caminho e Cyro sabia que seria mais útil para ele próprio e para o meio em que vivia se tomasse outro rumo.

Enquanto estivesse submerso naquele nevoeiro denso que tomava sua vida em Quaraí, não havia remédio para Cyro. Era preciso fazer o máximo com o pouco que surgia. Se lhe apareciam aqueles casos nas margens da cidade, tinha de enfrentá-los, tinha de fazer o que esperavam de um doutor. Cyro descreve a ida ao casebre do paciente como uma aventura, como uma expedição ao Cerro do Jarau, onde teria de provar seu valor. Naquele Jarau pobre, não testaria sua coragem. Ali, depois de “passar pela porta acanhada do rancho”<sup>332</sup>, fenda menos mágica e mais real, testaria, outra vez, seu valor como médico. No “único catre” da habitação, não havia teiniaguás nem demônios. Espichado “numa imobilidade que impressionava à primeira vista, um homem idoso, de bochechas chupadas, olhos baços e ossos salientes”<sup>333</sup> esperava a sua ajuda.

---

<sup>330</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 120.

<sup>331</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 120.

<sup>332</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 121.

<sup>333</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 121.

No ambiente apertado e pouco claro, estavam o velho e seu filho, Cyro e os vizinhos. Os últimos “se comprimiam na peça miserável”, queriam testemunhar o drama, ver o médico e ouvir o que ele diria. Cyro acreditava que o público estava ali “fazia horas, à espera daquele momento”. Ele não tinha muito a fazer: tomou o pulso, conferiu a temperatura, auscultou os pulmões e o coração, apalpou o ventre. Um tanto superficiais, aqueles exames não levavam a nenhuma conclusão, mas levantavam suspeitas. Na realidade, eles nem eram tão necessários assim. Ao colocar os olhos no fantasma de homem esparramado no catre, Cyro percebeu que não havia mais remédio para o caso. Ele achava, no entanto, que seria “uma judiaria decepcionar aquela gente”. Afinal, estavam todos na expectativa do grande momento, do instante no qual o doutor balançaria a cabeça “desanimado, numa sentença”<sup>334</sup>. Ele precisava representar e seu papel exigia palavras e gestos. Nada saía. Aquele tipo de representação não era com ele. Com muito esforço, perguntou se havia muitos dias que o paciente não comia. A resposta foi dada pelo filho do velho: “Faz três dias que não engole mais”. Os olhos de Cyro não se enganaram. A doença só terminaria com a morte, mas não poderia balançar a cabeça, não poderia dar a sentença. Era melhor redobrar os esforços e levar a representação até o seu desfecho. “Vai ficar bom, seu João” era a frase que decepcionava o público e encerrava os dramas tanto do médico quanto do enfermo: “A fisionomia endurecida esboçou (ou foi ilusão minha, favorecida pela penumbra da peça?) uma expressão de agradecimento”<sup>335</sup>. As injeções, as receitas e as promessas de retorno no dia seguinte já não importavam para a encenação do casebre. O fim fora decretado.

O relato da experiência, entretanto, não termina com o drama pobre. Durante a madrugada, Cyro deixa João, os vizinhos e o palco para trás. Sob o coro dos cachorros, meio perdido por causa do nevoeiro denso, ele caminha pelas ruelas e trilhas do bairro. No topo de uma subida, Cyro avista um poste com a lâmpada acesa. A luz não só indica a volta a um lugar de cores civilizadas e urbanas, mas também sinaliza o final das aventuras proporcionadas por aquele jarau triste e sem mágica.

O texto “Ora, pois, aconteceu um poeta” não é tão misterioso e pesado quanto “Noite no cabaré”, “Entre médicos” e “Nevoeiro denso”. O tom anedótico da história mostra que os tempos de Quaraí não se compunham apenas de dias sombrios. Assim como ocorrera em “Entre médicos”, a narrativa de “Ora, pois, aconteceu um poeta” passa de um degrau para outro. O

---

<sup>334</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 122.

<sup>335</sup> MARTINS, Cyro. *Nevoeiro denso. A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 122.



início dá a ideia de que, dessa vez, Cyro pretende ir direto ao ponto: “Um poeta esnoba pra burro. Mas no Batista aconteciam cousas do arco-da-velha. Bastava que a gente estivesse atento para enxergá-las”. Porém, logo depois do começo objetivo, Cyro toma outro rumo e aponta o ritmo da história: “Entretanto, puxemos a rédea, vamos ao tranquilo”<sup>336</sup>. Seus habituais preâmbulos entram em cena acompanhados por assuntos que não influenciam na narrativa, mas levantam o fio da memória e revelam algumas de suas preocupações.

A primeira delas se relaciona com a “politicagem municipal”, que, apesar de ser rasteira e mesquinha, não inviabilizava sua vontade de participar “da luta eleitoral”. Não que ele tivesse pretensões de se candidatar. Cyro queria se envolver, pois nunca fora “um desinteressado em política”<sup>337</sup>. Suas ideias, contudo, eram mais ambiciosas do que aquelas que dominavam a política de Quaraí. Ele desejava “uma participação política em ideias que, se expostas ali, escandalizariam meio mundo” – escandalizariam, antes de tudo, a família de Suely; almejava “batalhar pela melhoria de vida da gente miserável da redondeza da cidade que arrastava seus dias vazios e os molambos em ranchos guenzos, sem noção de coisa nenhuma, apodrecendo, simplesmente”. As peregrinações como médico que, diariamente, ia “de rancho em rancho, ouvindo gemidos, queixas, lamentações” faziam com que ele sonhasse com algum tipo de mudança, com qualquer medida que desse cabo daquele “vasto tendal de desgraças anônimas”<sup>338</sup>. É claro que os desejos de Cyro eram quase inalcançáveis e ele sabia disso. “O que eu planejava evitar”, disse ele em um momento do texto no qual desenvolvia sua plataforma política, “era a falência completa de toda uma população. Pouca coisa!”<sup>339</sup>. O plano dele era excepcional, mas não seria posto em prática se Cyro continuasse a agir da forma como agia.

Além de desejar uma política mais elevada, voltada para os interesses da comunidade, e de ter ideias “escandalizadoras”, Cyro não tinha as atitudes nem os predicados para ser um homem da política. Ele era um sujeito que pensava e falava muito sobre política – tinha posição e defendia o que considerava correto. Contudo, os cenários brasileiro e gaúcho da época exigiam talentos, nome, posição e dinheiro. Ele era dono de alguns talentos, mas lhe faltavam as demais condições.

---

<sup>336</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 77.

<sup>337</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro*– histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 77.

<sup>338</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro*– histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 78.

<sup>339</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro*– histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 78.

Ele era esclarecido, escrevia bem e, apesar de ser um doutor jovem, a prática médica já começava a adornar seu nome com um ar paternal – muito disso vinha da sua clientela e do quase assistencialismo que prestava. Cyro não era bom falando em público. Discursara em outras ocasiões, mas em nenhuma delas conquistara o público. Era sabido que o dom de improvisar passava longe dele e isso acontecia tanto na profissão quanto na oratória. Além de se manter preso ao que escrevia, tinha um tom de voz baixo. Poucos conseguiam ouvi-lo e, na maioria dos casos, deixavam de prestar atenção no que falava. A encenação também não era um dos seus talentos. Sua linguagem não era recheada com floreios. Reservado, com gestual discreto e sem performance, os arroubos, as arrancadas e os atos dramáticos – tão agradáveis aos espectadores de discursos daqueles anos – nunca estavam em seu repertório. Talvez, ainda embebido pelas expectativas do Seu Bilo, Cyro tentasse se aventurar, falar em comícios e eventos eleitorais, mas sofria da mesma falta de sorte que acometera o Mestre Romão, de “Cantiga de esponsais” – sua vocação não tinha língua.

A fala em público era o mais insignificante dos predicados que afastavam Cyro da política. Sua inclinação à esquerda ia de encontro ao que as classes dirigentes planejavam para Quaraí. De saída, essa diferença de posturas já mataria suas intenções econômicas, sociais e humanitárias. Havia outras questões bloqueando o caminho político: quem era e o que tinha Cyro Martins? Era um médico pobre que atendia pessoas pobres, um doutorzinho recém-formado, um rapaz com a cabeça cheia de ideias novas, que gostava de ler e escrever historinhas, um moço que mal conhecia a cidade. Ele não tinha um pedaço de campo. Seu sobrenome não lembrava estâncias, gado ou dinheiro. Cyro Martins não era ninguém para a política de Quaraí.

Não sendo ninguém, restava-lhe elucubrar – para si mesmo e uns poucos conhecidos – sobre as visões e as boas intenções que tinha. É claro que também poderia escrever a respeito delas. Para Cyro, essa era a possibilidade mais alcançável. Na escrita, ele era eloquente. Através da escrita, teria condições de falar sobre as pessoas sofridas, as margens da cidade, a falta de perspectiva de determinados indivíduos e o destino fatídico ao qual homens, mulheres e crianças pareciam estar condenados.

“Ora, pois, aconteceu um poeta” não se restringe aos pensamentos políticos de Cyro. A história tem outros desdobramentos. Após a reflexão inicial, as atenções do narrador se voltam para um espaço de memórias importante na vida de Cyro – a Praça General Osório. Foi na praça, quando guri, que ele teve o primeiro contato com a “sociedade”. Entre os cinamomos, os bambus, as acácias, os eucaliptos e o coreto, os quaraenses se espalhavam. Nas noites de verão,

convergiam para a General Osório “as mães com as filhas adolescentes e os rapazes do Banco, do comércio, das repartições, os filhos de fazendeiros e os estudantes em férias”. Também não faltavam “as correrias, a algazarra e as cirandas das crianças”<sup>340</sup>. É provável que, em uma noite de verão na praça, aluno de medicina quase formado, ele tenha avistado, por cima dos gritos infantis e da vigilância das matronas, o rosto de Suely. Em outras tardes e noites, rodeando o coreto e sustentando as miradas da moça, deve ter iniciado o namoro que levaria ao casamento.

Em 1936, Cyro e a Praça General Osório estavam mudados. Ele não era mais o menino que se assustava com o barulho do vento nos eucaliptos nem o estudante que passava alguns dias das férias em Quaraí. As árvores e o coreto tinham sido arrancados da praça e ninguém sabia o que iria substituí-los. De tudo aquilo, sobrou “um amplíssimo quadrado despido de árvores, quase intransitável, cheio de montes de terra removida à toa e de córregos de beiras aluídas pelas águas”<sup>341</sup>. A devastação do lugar ativa as lembranças de Cyro referentes ao colorido da General Osório e dos tipos humanos que a frequentavam. As moças bem-nascidas ou não, os herdeiros ricos, os estudantes, os funcionários do comércio e das repartições visitavam a praça com a expectativa do namoro, com a esperança de que, em algum dia, a volta pela General Osório transformaria suas vidas. Com a praça deserta, o colorido, as expectativas e as esperanças pareciam ter ficado distantes de Quaraí e de Cyro.

É no cenário arrasado e coberto pelo início da noite que Cyro avista a figura de Ângelo Rivero, o poeta. O personagem é significativo por representar algo muito comum na Quaraí da época: os candidatos a escritor. Se as obras *Antologia da poesia quaraiense* e *Quaraí: terra de intelectuais e guerreiros* (personagens ilustres da minha cidade), organizadas por João Batista Marçal, trouxessem o nome de Ângelo Rivero, haveria uma correspondência direta entre o personagem de “Ora, pois, aconteceu um poeta” e um sujeito que existiu. Porém, nenhum Ângelo é encontrado nos livros de Marçal e é nessa ausência que está a força do texto de Cyro. A prepotência e a arrogância do tal poeta poderiam ser traços comuns daqueles intelectuais de cidadezinha. Por outro lado, a visão antipática em relação a Ângelo poderia se referir – como Gisele Bandeira sugere – a “uma personalidade conhecida que o autor [Cyro] não pretendia expor”<sup>342</sup>.

<sup>340</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 79.

<sup>341</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 78-79.

<sup>342</sup> BANDEIRA, Gisele. *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins*. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 61, nota 143.

Por que Cyro não via Ângelo com bons olhos? Talvez achasse que o papel de um escritor tinha de ser maior. Ângelo – ou aqueles representados por Ângelo – não se preocupavam com nada além de si. Ele morava em São Paulo e dizia-se, em Quaraí, que convivera com alguns dos modernistas. Suas visitas à cidade natal eram raras e Cyro dá a entender que elas eram feitas sempre que o poeta estava na pior. Quando chegava magro, doente e sem dinheiro, uma tia lhe cobria de cuidados. Por alguns dias, ficava resguardado, lendo, ouvindo as histórias da tia e fazendo o tratamento de boca que ela lhe aplicava sem “tréguas”. Durante esse período, os quaraenses ouviam falar da presença do poeta, mas poucos o viam ou conversavam com ele. Após o restabelecimento, “o seu anjo da guarda que era igualzinho a um demônio e que fazia dele uma criatura singular, acordava, se espreguiçava e Ângelo reabria uma nova temporada”. No começo, “um pouquinho tímido”, saía “ao cair da noite, renteando as paredes, para evitar encontros. Percorria sítios solitários. Devagar ia chegando ao centro”. Nos momentos posteriores, começava “a aceitar companhias. Sentava nos barzinhos, empinava uma cerveja, uma caninha, um conhaque. A maré crescia. Por fim, desatava-se”<sup>343</sup>.

Ângelo usava de seu *status* de poeta e “estrangeiro” para se afundar na boemia – uma boemia patrocinada, naturalmente, pelos seus admiradores de Quaraí. Ao encontrar Cyro nas ruínas da General Osório, Ângelo está à procura de Argeu, aquele mesmo de “Noite no cabaré”. Cyro e Ângelo resolvem andar juntos até o bar do Farinelli para ver se o poeta encontra alguns dos seus admiradores. Durante o caminho, Cyro tenta puxar algumas conversas, mas sempre esbarra no ar superior de Ângelo. Cyro fala da destruição da praça, tão sentida, e Ângelo despreza o assunto por não ver nada de importante no local. Com árvores, com coreto ou sem eles, ainda era uma praça de cidade pequena e Ângelo não se atraía pelas coisas pequenas.

No diálogo dos dois, fica claro que Ângelo não se interessa pelos assuntos e pelas pessoas de Quaraí ou de outros lugares a não ser que tenha alguma vantagem com isso. Em determinado momento, após discutirem sobre qual dos dois tem atitudes revolucionárias, Ângelo diz ao companheiro de caminhada: “Repugna-me interferir na encrenca humana!”. A afirmação desagradou a Cyro que, apesar de toda a concentração que mantém em si e da falta de atos “revolucionários”, se preocupa com os outros. A postura individualista de Ângelo provoca a seguinte resposta de Cyro: “Ter convicções sociais não significa que devemos

---

<sup>343</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 82.

necessariamente assumir atitudes político-partidárias. Essa encrenca humana de que falas está em toda a parte e estamos sempre participando dela, mesmo sem querer”<sup>344</sup>.

A conversa sobre as atitudes revolucionárias e as “encrencas humanas” faz com que uma distância expressiva se interponha entre Cyro e Ângelo – ou entre Cyro e aqueles representados pela figura de Ângelo. Parece que, ao descrever antipaticamente o comportamento e as ideias do poeta, Cyro pretende marcar, com força, seu lugar frente aos poetas e aos candidatos a escritor que surgiam em cada esquina de Quaraí. Que poeta não se preocupava com a “encrenca humana”? Que sensibilidade tinham esses homens de letras que olhavam com superioridade as pessoas e os espaços de um povo?

É claro que nem todos os “intelectuais” da cidade estavam representados em Ângelo. Havia aqueles que se alinhavam ao pensamento de Cyro. O doutor Robertinho era um deles. Poeta bissexto, médico que atendia clientes abastados e desfavorecidos, político opositor derrotado pela situação em mais de um pleito, Robertinho se preocupava com a “encrenca humana” e queria modificá-la. No entanto, quando fala do amigo em “Entre médicos”, Cyro não se refere a essas qualidades. Diretamente, não se encontram palavras sobre a atuação política e a visão humanitária de Robertinho. Indiretamente, é possível seguir algumas pistas.

Em *Sem rumo e Mensagem errante*, há um personagem chamado Rogério que não é só um médico simpático, falante e contador de histórias. Ele se sensibiliza tanto pelas letras quanto pelas pessoas sofridas que orbitam ao redor de sua vida profissional e do cotidiano da cidadezinha. Rogério é opositor e não teme enfrentar os situacionistas em eleições nas quais as chances de vitória são quase inexistentes. Em *Mensagem errante*, o doutor Rogério – que foi chamado de Roberto em *A dama do saladeiro* – também tenta passar um pouco de sua experiência ao jovem Carlos. Esses rastros trazem à tona a suspeita acerca da possibilidade de Robertinho ter inspirado a criação de Rogério. Tal hipótese não soaria de modo absurdo, pois há grandes chances de que os traços de algum poeta quaraicense tenham influenciado o desenho de Ângelo.

Por que Cyro focaliza o comportamento individualista de Ângelo e não resgata a posição contrária da qual Rogério é um representante? Talvez a resposta leve a Cyro. Era ele quem se erguia como o oposto de Ângelo. Cyro olhava para os outros, se preocupava com a “encrenca humana”. Mesmo que tivesse pretensões intelectuais, que fosse considerado um escritor por ter publicado um livro e por ter o nome impresso em alguns números da *Revista do Globo*, Cyro

---

<sup>344</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 84.

se mostrava sóbrio e humilde em relação aos conterrâneos. Ao diminuir a postura de Ângelo e daqueles que agiam como ele, Cyro elevava a sua própria conduta.

A maneira irônica com a qual Cyro trata Ângelo sugere que o primeiro pretendia demarcar seu território como sujeito pensante. Em 1936, ele ainda precisava firmar suas posições nos planos ideológico e prático. “Ora, pois, aconteceu um poeta” aborda esses dois planos. Ideologicamente, Cyro já se colocara contra Ângelo e aquilo que julgava individual e mesquinho. Na prática, Cyro evoluía de modo lento e é isso que o leitor vê no último núcleo de “Ora, pois, aconteceu um poeta”.

Enquanto Cyro observava os modos de Ângelo e os movimentos iniciais do víspera no salão do Farinelli, Oriovaldo, “um senhor de óculos com armação de ouro e sobretudo escuro”<sup>345</sup> pediu que o médico fosse atender sua esposa. Na condução, contra a vontade de Cyro, o homem puxa diversos assuntos e não tem receios de dizer para o rapaz ficar tranquilo, pois, em Quaraí, o jovem teria um futuro “magnífico”. As bajulações do cliente continuam quando fala que Cyro era talentoso e que preferia acreditar nos profissionais novos, pois eles traziam da faculdade “os ensinamentos recém-colhidos na fonte”<sup>346</sup>. Na residência do casal, Cyro se põe a examinar a mulher, que se chamava Clara e desconfiava estar com apendicite. A consulta se resume à conversa entre o médico e a paciente. Ela lhe conta sobre as vertigens que vem sofrendo, sobre a vergonha de ser atendida por um moço, sobre sua amiga Glorinha Paz, sobre o acróstico que, anos antes, um admirador secreto lhe ofereceu nas páginas de um jornalzinho social.

Após essa variação de assuntos, Cyro deixa Clara no quarto e se encaminha para a sala, onde o marido espera, ouvindo o drama transmitido por uma rádio de Buenos Aires. Oriovaldo não tem a reação esperada, não pergunta, imediatamente, como Clara está. Ele envereda pela novela que acompanha no rádio, pela falta do que fazer na cidade e até pela aventura que teve como poeta. Nesse ponto, sabe-se que o marido foi o autor dos versos para Clara e que ela não desconfiara de nada. Oriovaldo diz que a mulher anda “retraída”, entediada e com ares sonhadores. O marido entra em outros temas, lembra sua falta de estudos e seu emprego de fiscal em uma repartição. Depois de brindarem com um vinho do porto, Cyro conta a Oriovaldo que Clara está grávida. O homem parece embaraçado com a notícia. Ele se sentia envergonhado por aquilo ter acontecido corridos tantos anos de “esterilidade”.

---

<sup>345</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 88.

<sup>346</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 90.

Passado o embaraço, Oriovaldo oferece a Cyro “um charutão caríssimo”<sup>347</sup>. Contudo, não se refere à mulher ou à criança. Oriovaldo pergunta o que Cyro tem achado da cidade e a resposta não diz muita coisa: “Todos sabem o quanto amo os meus pagos”<sup>348</sup>. A conversa ruma para a Praça General Osório e os planos que o prefeito tinha para o lugar – uma fonte luminosa. Outros copos de Porto são tomados, vêm as despedidas e Oriovaldo, encenando, dá uma ordem para Cyro: “Não esqueça de mandar a notinha, hein!”. Foi com essa atuação final de Oriovaldo que Cyro descobriu o quanto o “sujeito era tramposos”<sup>349</sup>. O pagamento nunca viria. Oriovaldo não seria o primeiro nem o último a enganar Cyro. Entre os clientes, havia os que não pagavam por falta de dinheiro e os que não o faziam por serem “tramposos”. É possível que muitos acreditassem ser fácil passar a perna naquele jovem médico, verde e inexperiente.

O último núcleo de “Ora, pois, aconteceu um poeta” pode ter sido inserido na história para acentuar o desconforto de Cyro em relação a tudo aquilo que o rodeava. Talvez o desconforto seja o fio de ligação entre os núcleos distintos que compõem o texto. Em um primeiro momento, se sentia pouco à vontade com a política municipal; depois, Ângelo simbolizava o que separava Cyro dos poetas e intelectuais da cidade; no final, Oriovaldo representa todos os que tentavam se aproveitar da inexperiência de um profissional no início da carreira.

Essa interpretação é coerente com o momento vivido por Cyro naqueles anos de Quaraí. Ele estava desconfortável em relação a vários aspectos de sua vida. Na casa dos Castro de Souza, sua posição era mais do que delicada. Política e socialmente, a cidade não evoluía e não oferecia espaço para novos sujeitos. A clínica médica não andava e não havia esperanças de que andaria. Quanto à literatura, Cyro lia e escrevia quando sobrava tempo e tentava publicar, mas essa etapa não dependia apenas de seus esforços e estar em Quaraí, longe de um centro cultural, não ajudava em nada.

Desde o final de 1933, o desconforto de Cyro em Quaraí só aumentava. Nem o casamento, um dos poucos episódios alegres daqueles tempos, diminuía a sensação de incômodo. Se, em dezembro de 1933, ele achava que as chances de futuro estavam longe da cidade natal, em 1936, tinha certeza. Era preciso sair de Quaraí assim que uma oportunidade surgisse. Porém, nada caíria do céu. Cyro precisava se mexer e correr atrás de alguma coisa.

---

<sup>347</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 100.

<sup>348</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 101.

<sup>349</sup> MARTINS, Cyro. Ora, pois, aconteceu um poeta. *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 103.

Quando terminou o curso na Faculdade de Medicina, pensou na possibilidade de se especializar em alguma área. A cirurgia e outras atividades que dependessem das habilidades manuais estavam fora de cogitação. O interesse de Cyro se voltava para a neurologia e as doenças mentais. Entretanto, para saber mais a respeito do assunto e adquirir alguma formação, era necessário partir do Rio Grande do Sul.

Como Cyro e Suely iriam para fora do Estado? Ele não tinha economias suficientes para sustentar os dois por um ano ou mais. Caso entrasse para um curso de especialização, com certeza, precisaria dedicar tempo aos estudos e às práticas da nova área. Seria difícil arranjar um trabalho com horários flexíveis, mas não impossível. Em outros tempos, o pai o ajudara e o rapaz fora beneficiado com uma espécie de bolsa até se formar. Em 1936, a situação era diferente e parecia que Cyro não tinha a quem recorrer. A mãe, os irmãos e os vários tios não possuíam condições de ajudá-lo financeiramente, pois, assim como o rapaz, eles sobreviviam aos trancos e barrancos. Se algum auxílio viesse, partiria dos Castro de Souza.

É sabido que os sogros nunca deixariam a filha à mercê de dificuldades. Eles poderiam ficar contrariados com a partida de Suely e achar que aquilo era coisa do genro, poderiam bater o pé e dizer que ela não se ausentaria de Quaraí. No entanto, Suely já era uma mulher casada e os pais, em sua lógica tradicional, deviam pensar que a obrigação da esposa era acompanhar o marido. Se o casal estivesse disposto e decidido a ir embora, não haveria alternativas, a não ser ajudar. Mesmo que Cyro fosse o principal interessado em deixar a cidade, Suely também se empoitava com a ideia. Indo para outro lugar, ela sairia do colo dos pais e teria, finalmente, uma vida a dois com o marido. Sem Antenor e Lucinda fiscalizando Cyro, sem o ambiente desconfortável que se impunha na casa dos Castro de Souza, a relação entre a moça e o rapaz prometia ser mais espontânea, íntima e alegre.

A ajuda dos sogros em uma possível mudança era quase certa. Assim, restava a Cyro procurar o que e onde estudar. Desde os tempos da graduação, ele sabia que, no Rio de Janeiro, existia um curso sobre neurologia. Na então Faculdade Nacional de Medicina, Antônio Austregésilo, um pernambucano de formação carioca que, em 1936, já ocupava a cadeira número 30 da Academia Brasileira de Letras e tivera curta jornada como deputado federal, ministrava aulas nas quais se combinavam neurologia e psicanálise. O assunto chamava a atenção de Cyro e parecia ser a melhor opção para o seu futuro profissional. Para ir ao Rio de Janeiro, Cyro não precisava só percorrer os muitos quilômetros que separavam Quaraí da capital federal, também precisava acreditar em seu potencial.



Cyro nunca fora um aluno brilhante. Os históricos do Anchieta e da Faculdade de Medicina mostram a mediana regularidade do seu desempenho. No entanto, eram inegáveis sua boa formação e sua vontade de aprender. Ao se tornar médico, Cyro atingiu o último grau que o Rio Grande do Sul oferecia em termos de ensino. Além da vontade, Cyro possuía uma capacidade admirável: agarrava-se às chances que surgiam no seu caminho. Não pensava duas vezes quando o cavalo encilhado passava à sua frente. Atirava-se e seguia. Cyro fizera isso ainda guri, no Anchieta, enquanto Bilo tinha condições de pagar por uma educação de qualidade. Depois, na faculdade, não desperdiçou o auxílio que o governo estadual lhe concedera. Se fosse para o Rio de Janeiro e conseguisse estudar com o professor Austregésilo, não seria diferente. Cyro não mediria esforços para adquirir novos conhecimentos e buscar uma situação profissional melhor.

A insegurança rondava alguns aspectos da vida de Cyro. Na medicina, praticada todos os dias, ela aparecia constantemente e dava sinais preocupantes quando as consultas requeriam procedimentos mais complexos. Na literatura, apesar do primeiro livro e das contribuições esparsas, as incertezas referentes à qualidade e ao valor do que escrevia surgiam em variados momentos – no começo de uma história, na finalização, nas releituras, na submissão aos editores, no aguardo das respostas, na publicação. A escrita, porém, apresentava um tempo de ação extenso, no qual era possível pensar e repensar sobre as escolhas realizadas. Na função de médico, isso não existia, pois as decisões tinham de ser rápidas e as consequências de uma opção equivocada poderiam levar ao irremediável.

Nos convívios familiar e social, Cyro também era inseguro. A morte de Bilo deixara os Martins sem chão, extraviados. Iná ainda morava – e cuidava – de Felícia e Cyro as visitava religiosamente. A moça não ficaria para sempre ao lado da mãe e Cyro entendia que, logo, ela iria correr atrás de sua vida. Felícia era constante, alternando muitos dias maus e poucos bons. Encontrá-la era como jogar na loteria. A frustração vencida quase sempre. Ivo e Alda estavam em outros lugares: um em Porto Alegre e a outra no interior de Quaraí. Comunicavam-se quando havia ocasião e necessidade. Sem Bilo, cada um teve de se virar, o clã ficou fragilizado e não voltou a ser um porto seguro para seus membros.

Até 1936, Cyro era um “rapazinho xucro”, não iniciado socialmente. Ele lembrou em algumas ocasiões que saiu da campanha para o internato, do internato para as pensões de terceira e das pensões para Quaraí. Na cidade, seus círculos se ligavam à família, à farmácia e ao clube. Nesses grupos, as discussões e as relações eram pouco requintadas. Em 1936, no entanto, um raio de luz iluminou aquele pedaço da fronteira. Ophelia Calo Berro de Ribeiro,

poetisa uruguaia, “autora de dois livros de versos – *El árbol joven* e *Saudade en plenilúnio* – elogiados pela crítica rio-platense”<sup>350</sup>, desembarcou em Quaraí. Naturalmente, Ophélia fora para a cidade movida por outros interesses. Ela não se preocupava apenas em fazer tertúlias com os intelectuais quaraienses. Ophélia esperava, antes de tudo, que se desenredassem os problemas referentes à herança do Saladeiro São Carlos. Os dias dourados do saladeiro haviam passado fazia alguns anos, mas, mesmo que os Calo rumassem para a decadência econômica, a mansão e os hábitos da família ainda eram sofisticados. Enquanto os poucos despojos da herança não eram divididos, Ophélia oferecia recepções e chás para seletos convidados. Cyro, por incrível que pareça, era um deles e foi a partir daí que ele teve sua iniciação social.

O que levou Cyro à mansão dos Calo não foi sua capacidade médica. Como escritora, Ophelia queria comungar com escritores e leitores. Entre os aspirantes quaraienses, talvez Cyro fosse o mais promissor. Não que fosse eloquente e esbanjasse cultura. Mal ou bem, publicara por uma boa editora de Porto Alegre e vez ou outra suas colaborações apareciam em periódicos. Também é provável que amigos como o Robertinho tenham falado de Cyro para Ophelia e a senhora quisesse conhecê-lo, tê-lo em suas rodas de conversa. Naquela época, em um meio social mais elevado que o seu, Cyro não era tão falante. Na história intitulada “A dama do saladeiro” – referência direta a Ophelia –, Cyro disse que, nos tais chás, “pertencia ao gênero contemplativo e ouvinte”, “tinha ou pensava ter ideias a emitir”, mas lhe faltava o “desembaraço”<sup>351</sup>. Esse conformismo, entretanto, não era tão sólido como parecia. Em certos momentos, ele se perguntava: “Até quando iria me limitar somente a ouvir?”<sup>352</sup>.

Cyro gostava de falar sobre literatura. Nos tempos de estudante, os debates desse tipo eram o passatempo mais barato e ilustrativo que o rapaz e os amigos encontravam. Uma coisa, porém, era elaborar teses em um carunchado quarto de pensão, tendo ao lado companheiros tão pobres e lidos como ele. Outra, muito diferente, era se manifestar na sala do casarão dos Calo. Ali, entre poltronas confortáveis, tapetes macios, toalhas de linho alvíssimo, talheres importados e louças de porcelana, o ambiente fazia com que ele se sentisse um estranho. A figura de Ophelia também o deixava inseguro. Ela não era apenas uma grande e rica dama.

---

<sup>350</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 139.

<sup>351</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 138.

<sup>352</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 139.

Ophelia “exteriorizava suas opiniões numa prosa fluente e límpida”<sup>353</sup> e era “a primeira mulher culta e de excepcional sensibilidade poética”<sup>354</sup> a surgir no seu caminho.

É interessante pensar que, por volta de 1936, o envolvimento de Cyro com as mulheres era um tanto restrito. Elas não participavam das rodas da farmácia ou do Clube do Comércio. Em Quaraí, só havia médicos e é provável que ninguém ventilasse a possibilidade de existir uma médica. Existia um número grande de pacientes, mas, com elas, Cyro se limitava aos assuntos da consulta ou a temas amenos que envolviam pessoas da cidade. A interação se dava, de fato, no círculo familiar. Felícia não era de muitas letras, ao contrário da filha Iná, que dividia com o irmão a paixão pela leitura e estudara, por alguns anos, em um curso normal. Suely não se interessava tanto pela literatura, porém, em música, mesmo contra a sua vontade, possuía formação. Talvez, por causa do convívio rotineiro com Iná e Suely, Cyro não reparasse tanto no nível cultural das duas. No entanto, um fato é inegável: naqueles pagos, Ophelia era intelectualmente singular.

A falta de segurança inicial passou com as seguidas visitas ao casarão. Em “A dama do saladeiro”, Cyro contou que, durante o período no qual Ophelia experimentou seu exílio quaraense, eles se tornaram amigos. Com o passar do tempo, Cyro se acostumou à anfitriã e ao ambiente. O silêncio do rapaz se quebrou aos poucos e, após a fase da insegurança, ele se sentia à vontade para falar sobre suas ideias. Cyro tinha seus encantos e despertou a simpatia de Ophelia. O autor de *Campo fora* pode ter sido fundamental para que ela publicasse, na *Rumo* de maio de 1936, o artigo “Paradojas actuales” (p. 8-9). A ideia que Ophelia desenvolve no texto é certa: antes de os homens respeitarem os direitos políticos das mulheres era preciso que eles aprendessem a respeitar seus direitos humanos. Para Ophelia, as mulheres não deveriam escolher apenas os chefes de governo, elas deveriam, em primeiro lugar, ter a chance de escolher com quem viveriam, com quem conversariam, com quem fariam amizades.

A aproximação entre Cyro e essa mulher tão diferente foi significativa para os dois. Cyro, no entanto, seria o grande beneficiado pela convivência. Em uma das várias recepções que ofereceu no ano de 1936, Ophelia não hesitou a dar um conselho decisivo àquele jovem que não se ajustava mais a Quaraí: “Váyase, váyase!”<sup>355</sup>.

---

<sup>353</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 138.

<sup>354</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro. A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 141.

<sup>355</sup> MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro. A dama do saladeiro*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 146.



Felícia e Bilo, os pais.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos-  
Espaço de Documentação e  
Memória Cultural/PUCRS)



Por volta dos 4 anos, vestindo seu  
“trajinho de viludo”.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos -  
Espaço de Documentação e  
Memória Cultural/PUCRS)



Na década de 1920, com o uniforme do Colégio Anchieta.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Na década de 1920.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Na década de 1920.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



No início da década de 1930, em um quarto de pensão, Cyro, Armando Xavier, Mário Martins e um rapaz não identificado.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Em dezembro de 1931, com João Otávio Nogueira Leiria.  
(Fonte: Acervo J. O. Nogueira Leiria/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Na década de 1930, com Aureliano de Figueiredo Pinto.  
(Fonte: Acervo J. O. Nogueira Leiria/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Na década de 1930, com Oneron Dornelles.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Na Revolução de 1930, com outros quatro voluntários acampam em uma sacristia do litoral catarinense.  
(Fonte: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Núbia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008.)





Em 1933, com colegas e professores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Final de 1933, formando da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Na campanha, entre 1935 e 1936.  
(Fonte: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Núbia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008.)



No Rio de Janeiro, com Suely, em abril de 1937.  
(Fonte: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Núbia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008.)



Em 1938, em Quaraí, ao lado do irmão Ivo, na festa de despedida antes do retorno a Porto Alegre. (Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



No início dos anos 1940.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



Cecília e Maria Helena, as filhas, na segunda metade da década de 1940.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)



No final dos anos 1940.  
(Fonte: Acervo Cyro Martins/Delfos - Espaço de Documentação e Memória Cultural/PUCRS)

## 6 UMA TEMPORADA CARIOCA

No início de 1937, Cyro partiu. Não era mais o guri xucro e pagão que precisava ser levado pela mão ao Fronteira-Capital. Não era mais o rapaz que esperava as decisões paternas. Aos 28 anos, Cyro era um homem e queria moldar seus rumos. A única certeza entre as muitas incertezas despertadas pelo futuro era a de que não voltaria para Quaraí. A segunda partida era a definitiva. Ele não falava sobre essa certeza, mas ela o rondava desde que decidiu ir embora. Ophelia lhe dissera “Váyase! Váyase!” e no tom daquelas palavras imperativas não havia nada de temporário. Cyro entendia que era necessário romper o cordão e ir de verdade, sem a perspectiva da volta.

Apesar dos protestos dos sogros, Suely o acompanharia. Dos pais da moça deve ter partido o maior apoio financeiro à mudança de Quaraí para o Rio de Janeiro. De que outra forma Cyro conseguiria um salto tão grande? Os recursos do médico não permitiam que ele vivesse com folga nem no interior do Rio Grande do Sul. Nesse quadro, morar na capital do país, tendo que manter esposa e casa, seria impossível. A ida de Cyro para o Rio é uma das várias perguntas que cercam sua biografia. Como disse um dos seus familiares<sup>356</sup>, é provável que ele tenha juntado algum dinheiro em Quaraí, pois a cidade não oferecia tantas oportunidades de gasto. Não se pode descartar essa hipótese. No período em que morou com os Castro de Souza, Cyro não teve grandes despesas. O problema é que ele não tinha receitas significativas – pelo menos não tão significativas ao ponto de conseguir poupar uma boa quantidade por mês.

Ainda que tivesse economizado, os custos da mudança para o Rio seriam expressivos. Havia o transporte, o aluguel do quarto ou das peças utilizados por ele e Suely, a alimentação e os estudos. Na sua família, os parentes viviam sobriamente e não estavam em condições de ajudá-lo. As maiores probabilidades apontam para os sogros. Eles não deixariam a filha desassistida em Quaraí, no Rio de Janeiro ou em qualquer outro lugar. Para que Suely ficasse bem, Antenor e Lucinda bancariam o que fosse preciso. O auxílio dos pais da esposa colocava Cyro em uma posição ambígua. Ele não concordava com eles em nada, mas, sem a sua ajuda, não havia maneiras de sair de Quaraí. A distância poderia ser um remédio para solucionar a difícil relação do genro com os sogros. A interrupção do convívio diário poderia abrandar as diferenças que se interpunham entre eles.

Talvez todos os moradores da casa dos Castro de Souza tenham apostado nessa ideia, pois em 1937 Cyro e Suely estavam em terras cariocas. Não se sabe em qual dia embarcaram,

---

<sup>356</sup> Apolinário Krebs Cardoso, sobrinho de Cyro, em entrevista realizada no dia 02/03/2017, no seu escritório, em Porto Alegre.

se esperaram por dias ou meses em Porto Alegre, quanto tempo demorou a viagem, onde se instalaram. Na carta enviada para João Otávio Nogueira Leiria em 04 de janeiro de 1937, Cyro deixou algumas pistas: “Como talvez saibas, estou de viagem este mês para o Rio, onde permanecerei de 6 a 8 meses, fazendo um curso de neurologia”. Ele não deu apenas notícias ao amigo, também revelou seus planos. Caso encontrasse “ambiente propício” no Rio de Janeiro, se candidataria “à livre-docência de neurologia”. É claro que as suas intenções ainda contemplavam a literatura: “*Sem rumo* será editado no Rio. Penso chegar a tempo de revisá-lo”. Despreocupado com a autocensura, ele se abriu com Leiria. “Cheguei à conclusão de que o que eu tinha de fazer aqui já está feito” – disse Cyro – “O mais, enriquecer, sestar, engordar, é uma aspiração que não me comove. Mas, se por uma eventualidade qualquer, eu não puder realizar o meu plano integralmente, regressarei, pelo menos, com um pouco mais de experiência”<sup>357</sup>. Na missiva para Leiria, ficava evidente o inconformismo de Cyro. Seus objetivos extrapolavam os limites de Quaraí. Para alcançá-los, ele teria de pegar na mão de Suely e se arriscar em terras desconhecidas.

Um dos poucos registros da vida do casal no Rio indica o mês de abril. Na fotografia colada em papel cartão, em primeiro plano, um Cyro de terno claro, sapatos bicolores e expressão séria fita a câmera. Um pouco atrás, em pose altiva, de chapéu, blusa xadrez e saia escura, Suely enfeita o belo rosto com um sorriso contido. Os dois estão sentados em uma grande rocha, um rio e muitas árvores os cercam. A fotografia traz uma dedicatória escrita com a letra de Suely: “Aos queridos padrinhos Bina e Ibrahim. Lembrança da Suely e Cyro. Rio, 1/4/937”<sup>358</sup>. O recado endereçado aos padrinhos de casamento não poderia ser mais claro: não era preciso se preocupar, o matrimônio tinha dado certo, todos estavam bem no Rio de Janeiro, contentes e vivendo suas vidas sem sobressaltos.

No livro de Celito De Grandi e Nubia Silveira, há poucas informações sobre a estada do casal no Rio. Os autores dizem que, com Suely, Cyro “gostava de caminhar, entrar em livrarias, passear pela Floresta da Tijuca, pela Rua do Ouvidor”<sup>359</sup>. Eles também deviam tomar refeições na Confeitaria Colombo, andar pela Avenida Rio Branco e olhar as vitrines das diversas lojas, ir a algumas sessões e contemplar o Theatro Municipal, dar espiadas no Cassino da Urca, percorrer as areias das praias que imortalizariam a cidade. As visitas às praias eram um

<sup>357</sup> Correspondência ativa de Cyro Martins para João Otávio Nogueira Leiria, datada de 04//01/1937, folha 1. A carta está no Delfos, no Acervo J. O. N. Leiria, sob a catalogação: JNL COR 040.

<sup>358</sup> A fotografia foi reproduzida em: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul, 2008, p. 115.

<sup>359</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 83.

problema para Suely. Antes de irem para o Rio, Lucinda obrigou a filha a jurar que não tomaria banho de mar. A senhora acostumada à campanha acreditava que aquelas águas salgadas eram muito perigosas<sup>360</sup>. Por mais que Suely fosse obediente e respeitasse juramentos, é provável que a promessa não tenha sido cumprida.

Naquela experiência carioca, Suely saboreava uma liberdade até então desconhecida. Pela primeira vez, a moça estava longe dos excessivos zelos dos pais. Além disso, ela e Cyro estavam, finalmente, sozinhos. Quase um ano e meio depois do casamento, a vida se resumia aos dois. Em Quaraí, a situação não proporcionava isso. O fato de morarem sob o mesmo teto que Antenor e Lucinda inibia as atitudes do jovem casal. No Rio, longe dos conhecidos olhos vigilantes, eles se tornavam mais soltos, ficavam mais à vontade.

Cyro e Suely não foram às cegas experimentar a liberdade que o Rio oferecia. Os pais da esposa podem ter dado o suporte financeiro, mas o médico tinha os contatos. Na época, a capital federal estava povoada por gaúchos – alguns deles eram, inclusive, velhos companheiros de Cyro. A Revolução de 1930 e o continuísmo de Getúlio Vargas favoreceram a onda de migração que saía do extremo Sul para o Sudeste. A maioria daqueles políticos que caminhava pela Rua da Praia e discursava das sacadas do Grande Hotel viajou para ocupar os postos herdados da República Velha. Não foi apenas a classe política que se mudou para o Rio. Vargas pretendia manter os intelectuais por perto – intelectuais de todos os cantos, não só do Rio Grande do Sul.

Até o final de 1936, já tinham se integrado à máquina governista nomes como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, José Américo de Almeida e Mário de Andrade. Geralmente, o destino desses intelectuais era o Ministério da Educação e da Saúde Pública, chefiado pelo mineiro Gustavo Capanema, mas eles também assumiam cargos em outras pastas. Nos primeiros tempos do governo Vargas, por exemplo, Moysés Vellinho, crítico literário por opção e advogado por formação, virou chefe de gabinete de Oswaldo Aranha, o então ministro da Justiça. No ano de 1937, com a criação do Instituto Nacional do Livro, uma nova leva de escritores gaúchos deixou o Estado. Augusto Meyer, uns dos amigos que discutia literatura com Cyro, estava entre eles. De 1930 a 1936, Meyer dirigira a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Ele era conhecido de Vargas desde a época dos encontros em frente à Livraria do Globo e mostrara competência na condução dos assuntos da Biblioteca Pública. Getúlio

---

<sup>360</sup> A história é citada por: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 83.

chamou-o, antes de tudo, para organizar o novo Instituto. A tarefa não podia ser feita à distância e, por isso, Augusto foi para a capital.

De Grandi e Silveira dão a entender que Augusto Meyer foi o principal contato de Cyro durante a temporada no Rio de Janeiro. Segundo os biógrafos, graças ao amigo dos “tempos de pensões baratas em Porto Alegre”<sup>361</sup>, o quaraiense conseguiu travar relações com escritores e editores. No entanto, foi Manlio Giudice, um santanense “cem por cento intelectual”<sup>362</sup>, aparentado de Flores da Cunha, amigo de Cyro desde a Revolução de 1930, e não Meyer, o responsável por proporcionar o contato com Gastão Cruls e Agripino Grieco, os proprietários da Editora Ariel. A Ariel entrou no mercado em 1930 e seu catálogo era variado, pois contemplava, além das traduções e das obras jurídicas, a literatura produzida em vários cantos do Brasil. Até 1937, a editora publicara nomes como Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Lúcia Miguel-Pereira. Sob a direção de Grieco, o selo também fazia circular o *Boletim de Ariel*, composto por críticas literárias, textos ficcionais e notícias sobre novos livros – não só os publicados pela Ariel.

O *Boletim* desempenhava duas funções essenciais na saúde financeira da editora: divulgação e captação de recursos. Ao contrário da Globo e da José Olympio, a Ariel não possuía uma livraria. Assim, sua fonte de renda provinha das obras editadas e da circulação do *Boletim*, que chegava a comercializar por volta de 3 mil exemplares a cada número<sup>363</sup>. Esses exemplares do *Boletim* ajudavam na divulgação das novidades publicadas pela Ariel e isso acabava refletindo positivamente nas vendas da casa editorial.

Em 1937, quando Cyro entrou em contato com os donos e os colaboradores da Ariel, a melhor fase da editora já tinha passado. Entre seus autores ainda havia nomes relevantes e o *Boletim* continuava a ter boa distribuição, o mercado, porém, não lhe era mais tão favorável. Três anos antes, a José Olympio mudara-se de São Paulo para o Rio de Janeiro, dificultando os negócios da Ariel. Desde 1934, a José Olympio crescia e aumentava o número de títulos lançados – em 1936, ela atingiu a marca de 66 novas edições e se tornou a maior editora de obras de ficção do País. Com um poder de publicação e de circulação maior, a José Olympio tomou o espaço e os escritores da Ariel. Caminhando para o seu fim, na tentativa de emplacar

<sup>361</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul, 2008, p. 83.

<sup>362</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 110.

<sup>363</sup> Informações sobre a Editora Ariel podem ser conferidas em: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: EDUSP, 2005. Sobre o *Boletim de Ariel* há dados interessantes no texto “Editoras e publicações periódicas”: o caso do *Boletim de Ariel*, de Tania Regina de Luca. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%20C9TICA/Tania%20Regina%20de%20Luca.pdf>. Acesso em 24/04/17.



um sucesso literário que rendesse, em 1937, a Ariel estava com as portas abertas a novos autores. Nesse cenário, Cyro poderia ser uma aposta positiva.

Ele não era exatamente um estreante. *Campo fora* saíra pela Globo. Suas tentativas de escrita também não se restringiram aos contos iniciais. Cyro escrevia sempre que podia e, antes da ida para o Rio, já tinha um projeto finalizado. Seu título era *Sem rumo* e Cyro não o guardava em segredo. Na edição de *Rumo* na qual saíram “Noventa e três” e a crítica de Samuel Putnam, havia um pequeno informe referente aos planos do jovem autor: “O escritor Cyro Martins promete para breve uma interessante novela – *Sem rumo*”<sup>364</sup>. A notícia foi veiculada pela revista em fevereiro de 1936. Daquela data até o estabelecimento de Cyro no Rio havia corrido mais de um ano.

*Sem rumo* foi escrito em 1935<sup>365</sup> e desde então Cyro lutava para publicá-lo. No artigo “Notas sobre um autor bissexto”: Cyro Martins na literatura sulina, Mariana Chaguri recupera quatro cartas enviadas a Augusto Meyer pelo quaraiense entre 1935 e 1936. Esses itens da correspondência guardada no Arquivo Augusto Meyer, na Fundação Casa de Rui Barbosa, assinalam as tentativas de Cyro para se integrar no sistema literário gaúcho. Com algumas ressalvas, o tom predominante nas mensagens de 9 e 29 de agosto de 1935 é o da gentileza. Na primeira delas, Cyro louva *Machado de Assis*, editado por Meyer naquele mesmo ano. Na segunda, agradece os comentários a respeito do seu primeiro livro: “É grande a minha satisfação pelo que dizes do *Campo fora*. De há muito eu ansiava pela manifestação de algum de vocês, pois me entristeceu bastante a boicotagem que a crítica de Porto Alegre fez ao meu livro”<sup>366</sup>. Cyro tinha consciência de que para ser considerado um escritor era preciso ser lido, comentado. Isso não estava acontecendo e ele aproveitava a oportunidade para desabafar.

Para ser escritor também era necessário editar. Esse tópico prevaleceu nas cartas de 29 de agosto e 21 de outubro de 1936. Em agosto, Cyro enviou *Sem rumo* para Augusto Meyer com um pedido claro – até indelicado: “Desejaria que o nosso amigo Erico, a quem tenho em boa conta [...] tomasse interesse pelo livro, de modo a ser editado ainda este ano”<sup>367</sup>. Antes de recorrer a Meyer, “estimulado pelo surto regionalista nordestino”<sup>368</sup>, ele testou, sem sucesso, editoras cariocas. Em outubro, indignado e com a confiança já um tanto abalada, Cyro voltou a

<sup>364</sup> SOBRE UM ESCRITOR REGIONALISTA. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 24, fevereiro de 1936.

<sup>365</sup> MARTINS, Cyro. Prefácio. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 11.

<sup>366</sup> Cito a carta reproduzida em: CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Notas sobre um escritor bissexto. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 20, p. 107, maio de 2012.

<sup>367</sup> Cito a carta reproduzida em: CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Notas sobre um escritor bissexto. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 20, p. 109, maio de 2012.

<sup>368</sup> Cito a carta reproduzida em: CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Notas sobre um escritor bissexto. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 20, p. 109, maio de 2012.

contatar Augusto Meyer. Os originais de *Sem rumo* foram devolvidos “em seco, sem uma palavra, sem uma explicação, sem nem mesmo a delicadeza de uma tapeaçõzinha, para que a coisa não fosse tão violentamente chocante”<sup>369</sup>. Cyro buscava entender o porquê de ignorarem a obra depois dos elogios de Meyer e o suposto interesse de Erico – não era boa, não venderia, não mostrava centros urbanos, prédios, era muito regionalista?

Na ausência de pareceres, correspondências e outros documentos, só resta elucubrar sobre os motivos que levaram a editora a ignorar *Sem rumo*. Não se sabe como foram as vendas de *Campo fora*, se a Globo obteve uma resposta positiva. Nada indica que o livro de contos de um estreante resultasse em lucro. Apesar da fome de publicação de Henrique Bertaso, o chefe da Seção Editora da casa, a empresa e principalmente seu dono, José Bertaso, faziam negócios e não queriam perder. Outro livro com chances de encalhe não seria aconselhável.

Ao lado dessa hipótese pode ser colocada uma de viés político. *Sem rumo* tocava em assuntos delicados. Chiru, o protagonista, é um trabalhador rural que domina as lidas campeiras. Em determinado ponto da narrativa, ele precisa deixar o campo, único habitat para o qual estava apto. Indo para a cidade, sem instrução e preparo profissional, ele tenta se sustentar com bicos e subempregos. Em um casebre, ele, a mulher e o filho pequeno vivem rodeados pela miséria, sem perspectivas de melhora. Quando se aproximam as eleições municipais, os situacionistas começam a comprar votos e a distribuir presentes. Chiru consegue algumas vantagens, mas seu encantamento pelo candidato da oposição, Doutor Rogério – médico que atendia os pobres sem receber e lhe ajudara na doença do filho –, faz com que o personagem caia ainda mais em desgraça.

*Sem rumo* não tratava apenas do êxodo rural e do abandono, por parte do poder público, dos indivíduos. A obra carregava críticas à República Nova, na qual muitas práticas eram idênticas às da República Velha. A Globo apoiara a Revolução de 1930 e era parceira de Getúlio Vargas desde seus tempos como presidente do Estado. Seria melhor para os Bertaso e para a editora que a relação com o então presidente eleito de forma indireta continuasse amena. Além disso, em 1937, os ânimos políticos voltavam a se exaltar. Eleições estavam marcadas para 1938 e os nomes dos candidatos – José Américo de Almeida, Armando Sales de Oliveira, Plínio Salgado – já apareciam um ano antes. Embora Vargas promettesse apoio ao primeiro, todos sabiam que o seu preferido era, na verdade, ele mesmo. Alimentadas pelos embates entre comunistas e fascistas que se davam no plano internacional, as tensões entre a esquerda de Luís

---

<sup>369</sup> Cito a carta reproduzida em: CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Notas sobre um escritor bissexto. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 20, p. 111, maio de 2012.

Carlos Prestes e a direita integralista continuavam no cenário nacional, apesar de a ANL ter sofrido um baque com a tentativa frustrada de 1935. Em meio a um contexto político tão exacerbado, talvez não fosse bom negócio para a Globo colocar na rua uma obra que trouxesse críticas ao *status* político e fosse assinada por um escritor que se identificava com as ideias da esquerda.

Há outra possibilidade para *Sem rumo* não ter levado o selo da Livraria do Globo. Essa possibilidade também ronda o campo da elucubração e, ainda que pareça desabonar a figura autoral de Cyro, deve ser ventilada. Os responsáveis pela Seção Editora podem ter chegado à conclusão de que *Sem rumo* não era uma obra bem realizada. Não existe nada que abone essa ideia. Entretanto, tendo em vista alguns pontos problemáticos de *Sem rumo*, é plausível levantar tal hipótese.

Embora todo o envolvimento com a edição do novo livro, a carreira literária não era o principal motivo da ida de Cyro para o Rio. Em primeiro lugar, vinha a formação profissional. Antes de 1937, o Rio de Janeiro já contava com alguns nomes totalmente envolvidos na divulgação das questões referentes à neurologia e à psicanálise. Desde 1928, havia, na capital, uma sucursal da Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) – a matriz teve origem em São Paulo, um ano antes. Também em 1928, Júlio Porto-Carrero, médico pernambucano radicado no Rio que atuava no Hospital Nacional de Psicopatas, ministrou, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a aula inaugural do Curso de Psicanálise Aplicada à Educação. Porto-Carrero era o secretário da filial carioca da SBP e, conforme indicações<sup>370</sup>, deve ter entrado em contato com a obra de Sigmund Freud, através do psiquiatra Juliano Moreira e do neurologista Antônio Austregésilo, em 1918. O envolvimento de Porto-Carrero com os ensinamentos do austríaco foi intenso ao ponto de o brasileiro aprender alemão para ler, traduzir e se corresponder com Freud. Em termos de psicanálise, até 1937, ano de sua morte, Porto-Carrero foi, no Brasil, o profissional com as contribuições mais significativas na área: escreveu *Ensaio de psicanálise*, de 1929, *A psicologia profunda ou Psicanálise*, de 1932, e revisou a tradução de *Totem e tabu*, de 1934.

Cyro deve ter entrado em contato com essas obras ainda na Faculdade de Medicina, sozinho ou com a ajuda de Celestino Prunes, o professor que se interessava e tentava fazer com que os alunos se interessassem pelos assuntos psicanalíticos. Independente dos caminhos que

---

<sup>370</sup> CASTRO, Rafael Dias de. Correspondência de Júlio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, ciências, saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, Out./Dez. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702015000401451](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000401451). Acesso em 27/04/2017. Ver Nota 1 do texto.

levaram Cyro aos trabalhos de Porto-Carrero, um fato se impõe: o interesse do jovem. Segundo informações de Abrão Slavutzky<sup>371</sup>, Cyro gostava do modo de escrever de Porto-Carrero. A prática docente na cátedra de Medicina Legal da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro ajudava o autor a clarear e a expor suas ideias. Além da clareza, Porto-Carrero parecia ter compreendido com mais propriedade os conceitos freudianos. Na biblioteca do Acervo Cyro Martins, há dois exemplares de *A psicologia profunda ou Psicanálise*. Um deles, o mais antigo, traz o nome de Cyro e a indicação de data, 12/1932. O outro é uma edição publicada, provavelmente, depois de 1933 e, ao contrário do primeiro, tem, nas páginas iniciais, marcas de leitura feitas com lápis vermelho e azul.

Se tivesse escolha, Cyro estudaria com Porto-Carrero, mas em 1937 apenas a especialização em Neurologia, com Antônio Austregésilo, era viável. Austregésilo não era um profundo conhecedor de psicanálise. Em um trabalho sobre os pioneiros da ciência no país, Marialzira Perestrello compartilha sua impressão a respeito dos escritos de Austregésilo: “pouco leu Freud de primeira mão”. Mesmo que isso fosse verdade, Austregésilo, em estudos neurológicos, já gozava de certa fama. A própria Marialzira ressalta seus “trabalhos sérios de neurologia” e os “inúmeros livros dirigidos ‘aos nervosos’”. Perestrello ainda afirma que ele “foi um dos médicos que entre nós teve o valor de ‘deixar uma escola’ na medicina brasileira”<sup>372</sup>.

Na altura de 1937, a “escola” de Austregésilo completava vinte e cinco anos. Desde 1912, ele era o catedrático de Neurologia na Universidade do Rio de Janeiro e muitos alunos haviam passado pelas suas mãos. Como Cyro conhecia os estudos de Porto-Carrero, não estranharia que também conhecesse os de Antônio Austregésilo. Se, no campo literário, Augusto Meyer lhe abrisse algumas portas, outro gaúcho pode ter feito o mesmo papel quanto à neurologia. Entre 1930 e 1932, Dyonélio Machado cursara a especialização com Austregésilo. Até junho de 1937, no entanto, Dyonélio estava preso e sem condições de ajudar ninguém. Assim, os caminhos apontam para outra pessoa: Martim Gomes. O autor de *A criação estética e a psicanálise* não era uma figura distante de Cyro. Tal qual o rapaz, Gomes, nome constante nas páginas do *Correio do Povo*, viera de Quaraí e se dividia entre a medicina e a literatura – dois de seus romances saíram pela Livraria do Globo: *As loucuras do Dr. Mingote*, em 1933, e *A flor da tuna*, em 1938. No primeiro ano da Faculdade de Medicina, provavelmente sabedor da origem do professor, o calouro assistira a uma conferência sobre psicanálise proferida por

<sup>371</sup> Em entrevista realizada no dia 1º/03/2017, no seu consultório, em Porto Alegre.

<sup>372</sup> PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 198, 1986.

Gomes<sup>373</sup>. Tempos depois, na parte final do curso, Cyro foi seu aluno na disciplina de Clínica Obstétrica.

Martim Gomes estava fora dos dois centros brasileiros de estudos psicanalíticos – Rio de Janeiro e São Paulo. Isso, contudo, não o impediu de gozar certo reconhecimento na área. Sua tese de doutoramento, intitulada *La rêve et la selection des idées*, foi publicada no Rio em 1927<sup>374</sup>. Marialzira Perestrello o considera um dos pioneiros da psicanálise no Brasil<sup>375</sup>, tanto pela sua atuação anterior a 1937 quanto por suas publicações em periódicos franceses. Ela também o cita por ele ter servido de referência a um dos ensaios de Júlio Porto-Carrero. Anos mais tarde, Cyro diria que Martim Gomes era “um homem curioso, inteligente, que defendia a psicanálise, mas não lhe apreendera o espírito”<sup>376</sup>. Talvez Gomes não tenha apreendido “o espírito” da psicanálise. No entanto, ele compreendia os jovens inteligentes, curiosos e desejosos de ascensão que lembravam ele próprio em outros tempos. Podendo ajudá-los de algum jeito, ajudaria.

Ao contrário das etapas anteriores da formação de Cyro, a especialização em Neurologia não deixou pistas. Não há históricos de disciplinas e notas ou lista de leituras. A rotina não poderia ser muito diferente daquela dos tempos da Faculdade de Medicina – aulas teóricas e práticas se sucediam. Antônio Austregésilo tinha trânsito em várias clínicas do Rio de Janeiro e seus discentes visitavam-nas para tratar de pacientes e fazer estudos de caso. O Hospício Nacional dos Alienados, localizado na Praia Vermelha, era um dos espaços onde Austregésilo, chefe da Seção Pinel na instituição, e os candidatos a neurologistas mais atuavam. No Hospício Nacional havia o Pavilhão de Observação, criado para a assistência aos doentes e para as atividades acadêmicas. Durante o período de curso, Cyro deve ter passado a maior parte dos dias na Praia Vermelha, mas suas excursões em busca de conhecimento provavelmente o levaram além das imediações da Urca. Desde a época da faculdade, ele ia aos hospitais em busca de algum docente ou de algo para aprender. No Rio, seu comportamento não mudaria. Quando não estava no Pavilhão de Observação da Praia Vermelha, ia até o Castelo, no Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia, onde funcionava, em uma das enfermarias, a Clínica Neurológica, instalada anos antes sob os cuidados de Austregésilo. O Sanatório de Botafogo,

---

<sup>373</sup> A informação sobre a presença na conferência de Martim Gomes foi dada por Cyro em depoimento a: PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 205, 1986.

<sup>374</sup> Informação retirada do site do Museu Virtual da Psicologia no Brasil. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/biomartimgomes.htm>. Acesso em: 1º/05/2017.

<sup>375</sup> PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 205, 1986.

<sup>376</sup> PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 205, 1986.

outra instituição fundada com o auxílio do professor, também entrava no roteiro de excursões do aluno.

Enquanto Cyro se deslocava entre os bairros de Botafogo, do Castelo e da Praia Vermelha, o que Suely fazia? Em seu cronograma não havia as diversas atividades do marido. Ela não pulava de hospital em hospital nem fazia visitas frequentes à Ariel. Suely não era tão desembaraçada quanto o esposo e dificilmente se aventuraria sozinha pelo Rio. Durante a estada na capital, os interesses da moça e do rapaz eram díspares. Ele queria fazer o máximo possível: aproveitar tudo que a especialização oferecia, entrar em contato com os escritores e os intelectuais que pudesse. Ela queria conhecer as belas paisagens da cidade, ver as novidades nas lojas da Avenida Rio Branco, aproveitar a vida a dois. Colocados dessa maneira, os interesses – e a própria Suely – parecem cheios de superficialidade. Antes de chegar a essa conclusão precipitada, é necessário pensar sobre o papel dela na relação. Suely não era diferente de grande parte das mulheres de seu tempo. Ela acompanhava o esposo, seguia suas decisões. Apesar de ela ser a herdeira rica, ele era o protagonista do matrimônio, o condutor do casal. Cyro era o homem, o doutor, o escritor. Suely era a esposa coadjuvante, a mulher que acatava os desígnios do marido.

A viagem para o Rio era a viagem de Cyro, não a de Suely. Foi por causa da carreira e dos objetivos dele que a transferência aconteceu. No horizonte feminino, havia a promessa de liberdade e a expectativa da convivência do casal. A liberdade veio pela distância das regras e dos cuidados impostos pelos pais. Já a convivência com Cyro, sua maior vontade, se deu aos poucos e não de modo total. No Rio, longe dos familiares, dos amigos e até dos conhecidos, Suely tinha em Cyro o ponto central de sua vida. As atenções, os atos e os cuidados da moça se concentravam no marido. O mesmo não ocorria na mão contrária. A atenção de Cyro não se concentrava em um único alvo: se espalhava, se dividia entre a mulher, a neurologia e a literatura. Nenhum dos dois era culpado pelo modo como agia. Cyro lutava para ser alguém, desejava ser reconhecido. Se tivesse de perder os dias visitando clínicas ou correndo atrás de editores e escritores, o faria. Além disso, fora do ambiente de Quaraí, sem a vigilância de olhos e de ouvidos curiosos, ele podia se soltar, ser mais natural, falar sobre suas opiniões políticas e literárias. Suely não poderia agir de outra forma, não conseguiria se soltar e mudar o comportamento. Desde criança, ela se acostumara a direcionar os afetos e as expectativas a pequenos núcleos – os pais, os padrinhos, umas poucas amigas, o noivo. Juntava-se a isso a dependência de Suely em relação às pessoas que a rodeavam. Frequentemente, as decisões alheias guiavam sua vida. A mãe escolhera o piano e Suely não teve outra alternativa. Os pais

resolveram que os recém-casados morariam com eles e foi isso que aconteceu. Cyro optara pelo Rio de Janeiro e Suely teve de segui-lo. Não era ela quem decidia e tomava as atitudes. Ela esperava. No Rio, ela esperava por Cyro – esperava que ele retornasse para casa, esperava que ele elege-se os passeios, esperava que ele voltasse as atenções para ela.

Suely não se encaixava em todas as partes da vida de Cyro. Ela não gostava de discutir literatura e não escrevia. As doenças mentais não lhe despertavam nenhum tipo de interesse. Entre eles, existia pouco em comum. Não se sabe como o casal lidava com as diferenças. É provável que Cyro, centrado em si desde pequeno, continuasse se comportando como sempre: dando atenção aos escritos e às leituras, sendo um solitário ainda que convivesse com outras pessoas. Suely também acabava vivendo como solitária, pois os momentos compartilhados com o marido ficavam abaixo das suas expectativas.

Cyro não era uma máquina voltada inteiramente para os estudos, as leituras e a escrita. Ele gostava do lazer, gostava de passar um tempo com Suely sem fazer algo que pudesse ser considerado útil. Ele era humano e tinha a necessidade dos momentos ociosos em que as tarefas, os problemas e a vida ficavam suspensos. Cyro sabia que, no período carioca, a esposa dependia dele e das suas atenções para se sentir mais segura e menos só. Ele tinha sensibilidade para perceber a situação. Perceber, no entanto, não significava agir a favor. Talvez ele não conseguisse se desvencilhar dos compromissos ligados à especialização. Talvez ele se deixasse embalar pelas boas conversas travadas na Ariel ou nos cafés e voltasse um pouco tarde. Talvez ele ficasse tempo demais mexendo nos originais de *Sem rumo*. Talvez ele não quisesse desgrudar os olhos de um livro interessante. Não há pistas de como era o dia a dia do casal no Rio de Janeiro. Todas as hipóteses se restringem a isso: hipóteses. Tudo se constrói na condicional, sem a certeza da afirmação.

Mesmo envolta em silêncios e mistérios, a temporada carioca parece reforçar a imagem de um Cyro solitário. Em Quaraí ou no Rio de Janeiro, na Farmácia do Demóstenes ou na Rua Sete de Setembro, Cyro era um solitário. Essa imagem, porém, não é totalmente aceita por algumas das pessoas que o conheceram. Abrão Slavutzky é uma delas. “Não é bem essa a impressão que eu tenho dele”, disse o psicanalista, “Cyro viveu com pacientes, familiares, colegas, escritores, público, enfim, era muito sociável. Gostava de gente para conversar”<sup>377</sup>. Apesar de dizer que era um não iniciado socialmente antes de conhecer Ophelia Callo Ribeiro, a dama do saladeiro São Carlos, Cyro fora, desde os anos de Anchieta, um rapaz sociável e com vontade de falar. Se não o fosse, não teria tantos amigos, não faria parte dos grupos que

---

<sup>377</sup> Em entrevista realizada no dia 1º/03/2017, no seu consultório, em Porto Alegre.

debatiam leituras e produções, não se aventuraria pelas associações estudantis, não aceitaria palestrar para as senhoras da Semana do Cobertor. Slvutzky tem razão quanto à sociabilidade de Cyro. O ser sociável, no entanto, não exclui o ser solitário. Nada impede um indivíduo de viver com os dois adjetivos.

Ao mesmo tempo em que ressalta o lado sociável de Cyro, Abrão Slavutzky reconhece que o amigo era “muito absorvido na medicina e na escrita”<sup>378</sup>. Cyro já era absorvido pelas duas atividades décadas antes de travar relações com Slavutzky no final dos anos 1970. Aliás, na época em que se conheceram, Cyro estava em um ponto diferente de sua vida. Afora todas as mudanças ocorridas no destino familiar, ele tinha alcançado um estágio profissional respeitável. Como costuma acontecer, o reconhecimento profissional trouxe alguns louros, sendo o principal deles o conforto financeiro. No momento em que Abrão começou a ter contato com Cyro, o velho médico não era mais o jovem sem dinheiro que precisava da ajuda dos sogros ou de qualquer outra pessoa que estivesse em condições de fazê-lo. Em 1979, ele era Cyro Martins, o escritor e psicanalista, e muitas portas se abriam para o seu nome. Nessa fase, Cyro continuava igualmente absorvido pela psicanálise e pela literatura e as circunstâncias favoráveis contribuíam para que sua característica sociável se destacasse.

Refletindo sobre Cyro como possível figura solitária, Slavutzky tentou mostrar que o processo era bastante comum e não se restringia ao amigo quaraíense: “um psicanalista/escritor convive com uma solidão criativa e necessária”<sup>379</sup>. O exercício da escrita é recheado de solidão e com Cyro não era diferente. Contudo, a solidão dele não se manifestava apenas por causa do processo criativo ou da preparação psicanalítica. Ao falar das brincadeiras da infância, os irmãos não eram citados. Ele montava o gado de osso, era o peão e o patrão. As brincadeiras eram só dele, se engendravam entre ele e a sua própria imaginação. No Anchieta, em meio às dezenas de guris que dividiam o teto com ele, Cyro estava mais sozinho do que nunca. Nas férias do colégio, gastava boa parte do tempo lendo na sombra do umbu, distante dos parentes e dos clientes do bolicho. Ele não era um solitário quando pipocava por quartos de pensão em Porto Alegre? Quando caminhava pelas ruas embarradas de Quaraí na volta dos atendimentos? Quando se escondia nas leituras para não enfrentar a depressão da mãe e a ausência do pai? Quando dava suas opiniões políticas no Clube do Comércio e na Farmácia do Demóstenes? Quando ficava no quarto do casarão dos Castro de Souza?

---

<sup>378</sup> Em entrevista realizada no dia 1º/03/2017, no seu consultório, em Porto Alegre.

<sup>379</sup> Em entrevista realizada no dia 1º/03/2017, no seu consultório, em Porto Alegre.



Por mais que pareça contraditório, a concentração de Cyro em si mesmo não o impedia de olhar para os lados. A palestra na Semana do Cobertor foi um dos momentos em que isso apareceu claramente. Em ocasiões ligadas à prática médica em Quaraí – retratadas nas histórias de *Mensagem errante* e *A dama do saladeiro* –, a preocupação com os seres abandonados pelo poder público e desprovidos da sorte também ficou evidente. Porém, naquela segunda metade da década de 1930, o ponto mais alto do olhar para o outro e da inquietude com a situação dos gaúchos a pé veio com *Sem rumo*, em junho de 1937<sup>380</sup>.

Manifestado já no título, o pessimismo da novela pode ter explicações variadas. Uma delas está ligada à experiência médica de Cyro. Como clínico geral em início de carreira, sobravam-lhe os atendimentos nos lugares de maior precariedade e os clientes de menor poder aquisitivo. A coroa de miséria que rodeava a cidade era o seu espaço diário de atuação. Ele conhecia homens, mulheres e crianças que se amontoavam em casebres de latão e restos de madeira, sofriam com a fome de todos os dias, estavam à mercê do frio imposto pelo inverno, das chuvaradas e das enchentes trazidas pelo verão, dos ventos que sopravam da campanha durante o ano inteiro. Ele convivia com casos de subnutrição, tuberculose e tifo. Cyro sabia quais eram as origens dessas doenças: a alimentação problemática, a vulnerabilidade dos fracos organismos às intempéries do ambiente, a falta de higiene e de saneamento. Além dos malefícios que atingiam o físico das pessoas espalhadas pelas margens de Quaraí, havia outro problema, o da falta de conhecimento. Cyro achava que esse ponto era tão grave quanto a fome e o frio. Aqueles indivíduos tinham pouco ou nenhum esclarecimento. Não liam, não escreviam e não tinham ideia dos seus direitos. Até mesmo as atividades dos médicos eram observadas com desconfiança, pois eles acreditavam que as benzeduras e os trabalhos dos curandeiros surtiriam mais efeito do que as ciências dos doutores.

Cyro também pensava nas forças que guiavam aqueles homens e aquelas mulheres. Por que eles foram parar nas bordas da cidade? A maioria deles se criou no interior da campanha, cresceu naquele espaço e aprendeu a desempenhar as atividades da lida campeira. Não havia outras possibilidades no horizonte. Suas vidas se baseavam no trato com o gado e no cultivo de umas poucas lavouras, geralmente, as de cultura mais básica, voltadas para a subsistência, como a da abóbora, a da mandioca, a do feijão e a do milho. A chance de terem uma educação formal era quase inexistente e aqueles que mal e mal rabiscavam os próprios nomes já se tornavam donos de feitos. Esses indivíduos despreparados e “especializados” em apenas um tipo de

---

<sup>380</sup> Suponho a data de publicação de *Sem rumo* com base no bilhete (JNL COR 010) e no exemplar (JNL 869.9937 M386c) enviados para João Otávio Nogueira Leiria em 02/07/1937.

trabalho não se adaptavam às demandas dos centros urbanos – por mais que os tais centros urbanos da região fronteira do Rio Grande do Sul da década de 1930 não contassem com um grau alto de desenvolvimento.

Se eram tão despreparadas para a vida urbana, por que essas pessoas abandonavam o interior e iam para a cidade? Em muitos casos, era a única alternativa que lhes restava. No campo, sua mão de obra começava a se tornar desnecessária. As estâncias dedicadas à pecuária não dependiam mais de tantos empregados para serem tocadas e dois ou três peões davam conta do serviço. Com o cercamento das propriedades, os estancieiros já não precisavam de famílias e de agregados que auxiliassem na manutenção dos limites das fazendas. Além disso, os pedaços de campo ocupados por essas famílias, por cedência ou arrendamento, poderiam gerar um lucro maior aos proprietários se funcionassem como invernadas – espaços de pastagem para o gado.

Naturalmente voltadas para os interesses dos patrões, as mudanças na pecuária gaúcha deixavam para trás muitos dos hábitos e das práticas que surgiram no final do século XVIII, atravessaram o XIX e viram as primeiras décadas do XX. Depois de tantos anos, a situação do Rio Grande do Sul não era a mesma daquela que imperara até a chegada dos anos 1930. Não foram somente as relações econômicas entre estancieiro e peão que se alteraram naquela nova época. Desde os primórdios do Estado, o latifundiário agregava pessoas que o ajudavam a controlar as divisas da estância e acompanhavam-no nas lutas armadas que se travavam interna e externamente. Assim, os fazendeiros comandavam pequenos exércitos particulares, que serviam para mostrar sua força militar e política. Nas escaramuças da Revolução de 1923, essas milícias ainda foram ativadas, mas o último episódio realmente sangrento no qual estiveram envolvidas foi a Revolução Federalista, de 1893 a 1895. Após o estabelecimento da República, no plano nacional, e da vitória dos castilhistas, no cenário estadual, os pequenos corpos chefiados por “coronéis a facção” demonstraram ter grande utilidade nos períodos eleitorais, pois votavam com os patrões e arranjavam outros votos. Não eram só os adeptos do Partido Republicano Rio-Grandense que lançavam mão dessas forças para comprar, pressionar e cabrestear eleitores. A oposição tinha os mesmos costumes. Entretanto, como nunca saía vencedora, sempre reclamava das práticas situacionistas.

A Revolução de 1930 trouxe algumas transformações no jogo político que se fazia no Brasil da República Velha. Antes, os estados gozavam de autonomia e eram raras as intervenções feitas pelo governo federal. Com Getúlio Vargas, as decisões foram centralizadas. A concentração do poder nas mãos de Vargas, o mandatário do governo central, causou um

efeito cascata. Diminuiu a autonomia dos estados, assim como a influência dos dirigentes estaduais e a dos chefetes municipais – que estavam na parte baixa da cadeia. Como as ordens vinham de cima, as demonstrações de força nas pequenas cidades não importavam tanto. Afora essa perda, depois da formação da Frente Única Gaúcha, da “aliança” para tomar a presidência da República e da vitória em 1930, os gaúchos também conseguiram entender que a ausência de conflitos fratricidas poderia ser lucrativa. Não era preciso digladiar em revoluções e manter pequenos exércitos se existia a possibilidade de toda a classe dirigente ganhar.

As pessoas oriundas do campo já não eram necessárias para o trabalho das fazendas, para as lutas dos estancieiros e para as intenções eleitorais dos patrões. Quando precisassem dos seus votos pobres, fato que se dava de anos em anos, dinheiro, presentes e pressões resolveriam o caso – essa forma era rápida, barata e surtia o mesmo efeito.

Desnecessários ao novo momento da economia e da política do Rio Grande do Sul, aqueles indivíduos viam nas cidades o único destino possível para a tentativa de sobrevivência. Os gaúchos a pé que, por volta de 1930, perderam a terra e o cavalo não eram as primeiras nem as últimas vítimas da marcha histórica. Eles também não eram os primeiros infelizes da curta vida estadual. A imagem do gaúcho foi construída com os adornos da positividade desde o modelo romântico exposto por José de Alencar em *O gaúcho* (1870) e a criação da Sociedade do Parthenon Literário, em 1868, mas a jornada do povo que se espalhava pelo extremo Sul do Brasil teve raros momentos de fartura, liberdade e igualdade.

Em uma região na qual as lutas surgiam quase de ano em ano e de todos os lados, era impossível viver com alguma estabilidade. Como não poderia deixar de ocorrer em um cenário instável, as pessoas e a economia sofriam. No espaço da campanha, onde os conflitos se davam com maior frequência, havia dificuldades no tocante à agricultura e, conseqüentemente, à alimentação. Além dos conflitos seguidos, que destruíam as poucas lavouras e carregavam a mão de obra, existia a ideia de que o trato com o gado era mais garantido. Se tivessem pasto à disposição, os bois e as vacas cresceriam sem depender das quantidades de sol ou de chuva. Ainda que fosse bruto e exigisse grande esforço, o trabalho pecuário não demandava regularidade e disciplina. Os rodeios, as carneações e as salgas aconteciam em determinadas épocas, deixando os trabalhadores “livres” em boa parte do tempo. Por não ser tão bruta e por não exigir, em alguns lances, a coragem que a lida com o gado exigia, a atividade agrícola era vista com olhos depreciativos. Gaúchos dignos dessa alcunha não preparavam a terra, não plantavam, não esperavam a brotação e não colhiam – esse trabalho era para os açorianos e os

outros gringos. A dedicação praticamente exclusiva à pecuária causava problemas quando as pestes atingiam os rebanhos e a alimentação, baseada na carne, sofria um baque.

Os frequentes conflitos também afetavam a liberdade dos sujeitos que habitavam a campanha. Fora as rusgas internas, a posição fronteira do Rio Grande do Sul e o afastamento do resto do país favoreciam as brigas com o Uruguai e a Argentina. As incursões de uruguaios e argentinos no território brasileiro e as invasões daqui para lá deixavam os ânimos acirrados. As lutas poderiam se restringir a episódios de menor relevância ou chegar ao patamar de revoluções e guerras. Ao estourarem as agitações e vir o chamado para a coxilha, não havia escolha. Pelear era a única alternativa. Os homens não tinham a opção de não lutar. Caso se negassem a pegar em armas, eram caçados a maneador e obrigados a participarem como voluntários. Com imagens erigidas sobre os míticos signos da coragem e da liberdade, os gaúchos reais não viviam tão livres e nem sempre eram corajosos amantes da luta.

A ideia romântica de uma “democracia campeira” – na qual patrões e peões se ombreavam, se tornavam iguais no trabalho pecuário e no campo de batalha – se mostrava falaciosa nos casos em que o estancieiro utilizava da força e do poder para decidir os rumos dos empregados e agregados. Obrigá-los a lutar não era tratá-los como iguais, exigir que saíssem do seu pedaço de terra não era tratá-los como iguais. Entre estancieiro e peão não havia traços de democracia: um mandava, o outro obedecia – ou era obrigado a obedecer.

Quando voltou a Quaraí no final de 1933 e começou a trabalhar como médico na cidade, Cyro experimentou, com doses altas, a realidade que estava longe da fartura, da igualdade e da liberdade. Até ali, ele pouco vivera no campo. Suas experiências de criança eram remotas e enrodilhadas na mágica que paira sobre as memórias infantis. Também não se pode esquecer que Cyro era um leitor dedicado às obras de tom regionalista que, em muitos casos, se empenhavam em fortalecer a imagem positiva do gaúcho. Ele próprio, aliás, já se aventurara na criação de narrativas com esse matiz. Em depoimento dado a Ivonne Bernhardt e Antonio Campuoco<sup>381</sup> em agosto de 1978, Cyro contou sobre o seu encontro com a pobre realidade dos bairros marginais de Quaraí. Os ranchos em que as famílias moravam eram “feitos como qualquer maloca, com pedaços de madeira, pedaços de latas, manjo de capim, um pouco de barro”. Nessas moradias enjambradas, as pessoas que vinham do campo “aportavam para morrer de tifo, de tuberculose, de cachaça, de qualquer infecção, porque eles não tinham quaisquer defesas, e estavam inteiramente sem rumo”.

---

<sup>381</sup> BERNHARDT, Ivonne; CAMPUOCO, Antonio de. Cyro Martins aos 70 anos inicia nova saga da vida rio-grandense. *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, p. 20, 05/08/1978.

A terrível situação daqueles desfavorecidos apavorava o médico recém-saído dos bancos da faculdade. Nos períodos de férias, quando acompanhava Robertinho em alguns atendimentos, ele tinha rápidos contatos com aquilo que, depois de 1934, faria parte do seu cotidiano. A realidade afetou o modo como Cyro via o mundo. Ele era um homem positivo, que acreditava na vida e nas pessoas. Naqueles primeiros tempos de Quaraí, no entanto, começou a ver as coisas de um jeito mais negativo. Não eram apenas os dramas alheios que influenciavam o crescimento dessa visão pessimista. Após a morte de Bilo, ele também passava por um momento sombrio. Assim como os gaúchos a pé, Cyro estava sem rumo.

Bilo era o condutor e sua partida repentina tirou mulher e filhos dos trilhos. Além de tomar as decisões referentes a todos os Martins, o pai era o elo de ligação da família com o campo. Ele se sentia desconfortável na cidade. Seu lugar era no corredor, na estrada que atravessava as distâncias da campanha. Ele estava preparado para conversar, negociar e prestar serviços para aquela gente que, como ele, vivia no pampa e do pampa. Por não se sentir à vontade no espaço urbano e por estar enraizado no interior, Bilo se prendeu ao Cerro do Marco até o fim. Nada indica que seus enroscos financeiros se desenrolariam nos anos posteriores a 1934. A campanha se esvaziava a cada dia e isso o deixava encurralado. Com menos gente na campanha menos lucros e mais dívidas viriam. Uma hora ou outra, ele precisaria se desfazer do pedaço de campo, da casa, do bolicho, dos animais que restavam, juntar a família e mudar para a cidade como tantos outros faziam.

É evidente que, em muitos aspectos, Bilo não se assemelhava à maioria dos gaúchos a pé. Ele fora um pequeno proprietário e também ganhara a vida como comerciante. Ainda que tivesse estudado uns poucos dias com o professor Diehl, ele possuía certa instrução – lia os jornais, sabia o que se passava no estado e no mundo, conhecia alguns de seus direitos, tinha opinião e se envolvia na política. Embora essas diferenças, Bilo provaria da mesma incapacidade de adaptação ao novo cenário. Ele poderia arranjar outra venda em Quaraí, poderia ser empregado de algum bolicho, mas o seu espaço primordial, seu chão estariam perdidos.

O tifo levou Bilo antes que ele abandonasse seu habitat e se tornasse um gaúcho sem campo e sem cavalo. Aos seus herdeiros, porém, não restou outro destino. Eles ficaram com a educação que o pai lhes oportunizara e mais nada. Apesar do diploma em medicina, Cyro era um dos filhos que vagava sem rumo depois do falecimento de Bilo.

Se aqueles indivíduos que saíam da campanha estavam despreparados para a vida sem o campo, o rapaz estava despreparado para a vida sem a figura paterna. Os anos de 1934 e 1935

foram complicados. Além dos problemas financeiros dos Martins e da difícil adaptação às exigências profissionais, Cyro tinha de lidar com a assimilação da morte de Bilo. Esse processo nunca se dá de modo simples. Quando a perda ocorre de modo abrupto e traumático, como foi o caso de Bilo, a assimilação se torna ainda mais complexa. O estado depressivo de Felícia também afetava a situação emocional de Cyro e era outro obstáculo colocado entre ele e a superação do luto. Nesse período sombrio em que nada parecia dar certo, em que as perspectivas de sucesso e felicidade se mostravam inexistentes, ele começou a escrever a novela que chamaria de *Sem rumo*.

Segundo informações de Cyro, a obra foi a última publicação da Ariel, que “entrou em falência em seguida”<sup>382</sup>. Obviamente, a tiragem do livro não foi a culpada pela quebra da Ariel. A editora já perdia mercado para a José Olympio e diminuía desde 1934. Em *Sem rumo*, o suspiro final da Ariel, notavam-se certos descuidos editoriais<sup>383</sup>. As gralhas tipográficas, por exemplo, se sucediam, especialmente nas palavras acentuadas, a numeração dos capítulos tinha problemas de sequência e a revisão deixou a desejar em muitas páginas. A falta de capricho na feitura da edição poderia ser explicada, antes de tudo, pela falta de recursos da Ariel naquele momento. Provavelmente, a editora economizou na mão de obra envolvida na montagem do livro.

No entanto, essas questões são ínfimas se comparadas aos problemas estruturais de *Sem rumo*. Chiru, figura central da obra, é um dos seres despreparados que faz a mudança do campo para a cidade. A temática de *Sem rumo* se constrói e se fortalece por causa da jornada de Chiru. O foco da narrativa, contudo, não fica restrito a ele. Em quinze dos vinte e sete capítulos, aparecem o universo da Estância do Silêncio e seus personagens: Velásquez, Evarista, Clarimundo, Catarina, Afonso<sup>384</sup>, Felipe, João Antônio, Quileto, Célia, Manuel, Coronel Dutra. Chiru é um deles. O guri órfão, apadrinhado pelo estancieiro Nicanor, criado às soltas, sem educação formal e de modo xucro entre os peões, as empregadas, os agregados e os animais, é o que recebe mais atenção do narrador.

Os episódios centrados em personagens periféricos nem sempre apresentam algum tipo de amarração com a história de Chiru. Eles surgem como um olhar aos sujeitos inaptos à vida campeira (Felipe e João Antônio), como a observação das relações entre casais (Evarista e Clarimundo) que se unem – e continuam unidos – sem ninguém entender o porquê, como a

<sup>382</sup> MARTINS, Cyro. Prefácio. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 11.

<sup>383</sup> Na biblioteca do Acervo Literário Moysés Vellinho, localizada no Delfos, há um exemplar da primeira edição de *Sem rumo* (catalogação MOV 869.9937 M386s). Baseado nesse exemplar, me refiro quando falo dos “descuidos” da edição.

<sup>384</sup> Nas edições posteriores de *Sem rumo*, Afonso virou Nicanor.

apreciação da paisagem da campanha e dos sentimentos entre avô e neta (Afonso e Célia). Outras partes focalizadas em personagens periféricos se ligam aos caminhos de Chiru. É o caso do capítulo 12, em que se passam cenas afastadas até mesmo da Estância do Silêncio. Um homem chamado Manuel conversa com o Coronel Dutra, chefe político municipal. Manuel é convidado a se tornar professor de primeiras letras em uma escola improvisada no interior da cidade – caso que lembra daquilo que foi contado por Cyro em textos de *Rodeio* e de *O professor*. Em troca do cargo, Manuel precisa cabalar votos para o candidato do Partido Republicano. No desenrolar da história, vê-se que Chiru é um dos frequentadores das aulas de Manuel, que pouco ou nada ensina aos alunos.

Quando a narrativa chega ao capítulo 16, há uma mudança de rumos. Levado pela curiosidade, Chiru escala o telhado do galpão para avistar os movimentos de um dos vários pelotões revolucionários que se levantaram contra Borges de Medeiros em 1923. Clarimundo, o capataz, presencia a arte do guri e, sem pestanejar, aplica-lhe uma surra. Sem nada que o prendesse àquele lugar – só “levava saudade” de Siá Catarina, a “negra velha”<sup>385</sup> –, Chiru resolve fugir da Estância do Silêncio. A partir desse momento, as ações se concentram nele. Por sua orfandade, pela sua falta de parentesco com os outros moradores da fazenda, o jovem era um sujeito que vivia deslocado dentro daquele universo. Embora o Silêncio fosse o único espaço conhecido por Chiru, ali, no ambiente em que parece ter nascido e em que cresceu, ele também era uma espécie de excluído. Ao sair da estância, ele encontra a “liberdade” da campanha, a fome e a solidão frente ao mundo.

A ideia da exclusão no local onde vivia é uma possível explicação para a incisiva ruptura da narrativa. Sem ela, é difícil entender as razões de uma mudança tão drástica, pois não há, na novela, outras pistas para tal acontecimento. Essa alteração provoca no leitor a sensação de que o autor se decidiu pelos desdobramentos da história após ter escrito uma gama de capítulos não muito integrados entre si. Em apreciação sobre os livros publicados por Cyro até 1944, Moysés Vellinho apontou algumas desconexões entre as partes que compõem a obra. Analisando o trabalho do escritor em *Sem rumo*, o crítico da província sinalizou: “O que ele mostra são retalhos, pedaços desencontrados, frações dispersas de cenários e figuras”<sup>386</sup>. O julgamento de Vellinho se refere ao conjunto de *Sem rumo* e não aos quinze primeiros capítulos nos quais um elenco variado de personagens se apresenta. É plausível discordar, em certo grau, da afirmação de Vellinho. Nos outros doze capítulos do livro, ainda que existam problemas com o tempo da

<sup>385</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 89.

<sup>386</sup> VELLINHO, Moysés. Itinerário de um romancista. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 163.

narrativa e confusões com personagens que surgem, desaparecem e trocam de nome, nota-se uma sutura mais saliente e isso ocorre devido à focalização em Chiru. Parece que, ao tirar o personagem mais relevante da Estância do Silêncio, o escritor encontrou a temática e o rumo favoráveis ao desenvolvimento da obra.

A exclusão de Chiru é um dos fatores que o afastam do Silêncio, mas a mão de Clarimundo também exerce um papel decisivo no ocorrido. Se o capataz, sujeito com posição de mando abaixo do estancieiro, não tivesse agido de forma violenta, a narrativa seria outra. É por se sentir abusado e oprimido que o menino foge. Indiretamente, há uma força despótica que o expulsa.

Após a fuga, o destino de Chiru se enche de descaminhos. Ele não consegue se incorporar ao pelotão revolucionário e arranja lugar na chácara de um vizinho. Cenas indicam a passagem dos anos e Chiru aparece trabalhando como ajudante do carreteiro André Barbosa. Quando se envolve com a bebida, o rapaz é dispensado do serviço e volta a rolar pelo mundo. Ele resolve ir para a cidade. Ao chegar em um bolicho da periferia, é preso por um “inspetor” ansioso para mostrar seu poder de autoridade aos pobres que se espalhavam pelo boteco. Não se sabe quanto tempo Chiru fica na cadeia. Em um episódio obscuro, ele foge e essa segunda fuga é seguida por outra passagem de anos. Logo depois, Chiru surge como mascate, rouba um cavalo e uma moça – Alzira. O casal vai para a cidade, arranja-se em um casebre e novo corte temporal interrompe o andamento da narrativa. Os dois voltam com Joãozinho, o filho pequeno, e Chiru se defendendo em um novo subemprego, o de boteiro, que faz viagens entre o Batista e Artigas. Nesse momento da novela, há uma costura delicada entre os eventos e o leitor consegue acompanhar com certa fluidez a história. Isso se dá pela inserção de um episódio político no enredo. Cyro já tinha lançado mão de disputas armadas ou eleitorais em alguns dos contos de *Campo fora* e lidava bem com esse tipo de recurso – que seria usado em muitas de suas obras posteriores. Na parte final de *Sem rumo*, uma eleição municipal não só aprofunda o drama de Chiru, mas também proporciona uma reflexão sobre a situação política e social do Rio Grande do Sul.

O pleito tem dois candidatos: o situacionista, de quem não se sabe o nome, é ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense e ao borgismo; doutor Rogério, o oposicionista concorre com o apoio dos libertadores. As preferências de Chiru direcionam-se para Rogério, médico que atende sem cobrar nada a todos aqueles que não podem pagar. O personagem de Rogério



possui semelhanças com Robertinho e o próprio Cyro<sup>387</sup> – e isso não ocorre apenas pelo profissional ter pouco ou nenhum retorno com a prática da medicina. Assim como Cyro, Rogério percebe a gravidade da situação em que estão metidas as pessoas que deixaram o campo para se empilhar nas margens das cidades. Rogério também é crítico em relação ao ineficiente papel dos dirigentes municipais, estaduais e nacionais frente ao cenário desastroso que se agravava a cada dia.

Algumas das preocupações de Rogério podem ser vistas nas cenas que se desenvolvem ao longo do capítulo XXIII. Observando os sujeitos que se espalham pelo bolicho do Lopes para beber e jogar, Rogério conjectura: “Lá estavam os gaúchos! Os famosos gaúchos, batendo em retirada, esfumando-se no ocaso do seu ciclo heroico, vencidos pela concorrência dos mais fortes!”<sup>388</sup>. Essa reflexão induz a diversos graus de inferência: os gaúchos tiveram um ciclo heroico, glorioso, de coragem, de liberdade e de abundância; os gaúchos se depararam com um inimigo mais forte do que eles; os gaúchos foram derrotados pela passagem do tempo; os gaúchos não conseguem se adaptar ao presente.

No pensamento de Rogério há um jogo entre o passado glorioso e o presente trágico. Embora a citação da pretensa existência do primeiro, o que lhe interessa é o último, pois as reflexões do médico continuam e vão dos gaúchos a pé aos chefes políticos. Rogério critica os sujeitos que se deixam levar pelos vícios da bebida e do jogo, que, acampados nos bolichos, deixam-se enganar pelos mais expertos quando, nos seus casebres guenzos, as intempéries e o sol “latejando em cima, entrando pelas frestas, empenando o escasso mobiliário, liquida os resquícios de vida dos inocentinhos, cujas mães secaram os peitos ainda longe do tempo, empenhadas na dupla tarefa de trabalhar por si e pelo marido!”<sup>389</sup>. Conformados com o seu despreparo ou com a falta de sorte que o destino lhes reservara, alguns daqueles gaúchos não faziam por si, não corriam atrás de uma vida melhor. Apenas afogavam as lembranças dos “tempos bons” nos bolichos e exerciam o seu poder de macho – de macho domiciliar, evidentemente, da porta de casa para dentro – explorando as próprias mulheres, que, na cadeia dos abusos, estavam abaixo deles.

A decepção de Rogério vai do gaúcho pobre e ignorante ao gaúcho esclarecido e poderoso. Sobre os homens que deixaram o Sul para assumir as rédeas do país, o candidato

---

<sup>387</sup> Zilá Bernd, na dissertação *O gaúcho a pé: estudo do romance social de Cyro Martins*, defendida em 1977 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi uma das primeiras estudiosas da obra martiniana a apontar tal similitude – especificamente nas páginas 60 e 61 e na nota de rodapé 12 do capítulo 5 (“Cyro Martins”: gênese do ciclo do gaúcho a pé).

<sup>388</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 143.

<sup>389</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 145.

oposicionista se pergunta mais de uma vez: “Mas, e os homens que saíram daqui, de dentro deste chão, que levaram na alma a semente da terra, e graças à pujança inicial foram longe nas posições de mando, o que fizeram por essa gente?”<sup>390</sup>, “O que têm feito os grandes filhos deste chão, os valores do Rio Grande, pelos seus pagos, pela gente simples e valente que encheu dois séculos de glória na história pátria?”<sup>391</sup>. Essas duas questões são seguidas por outras, de tom teórico (“Ah! o que eles fizeram... Só mesmo vendo. Buscaram acaso as virtudes da raça para canalizá-las no sentido da civilização?”) e prático (“Deram-lhes [ao povo] escolas, ministraram-lhes noções de Higiene, deram o exemplo do trabalho honesto?”)<sup>392</sup>.

Segundo a interpretação de Zilá Bernd, o pensamento crítico demonstrado por Rogério, médico intelectualizado que ocupa um nível intermediário na organização social, revela um significativo posicionamento de Cyro. Para Bernd, em *Sem rumo*, o autor “parece descrever que uma consciência crítica possa surgir entre as classes subalternas”<sup>393</sup>. A opinião ventilada por Bernd pode levar à seguinte conclusão: Cyro acreditava que a tomada de consciência e a tentativa de mudança deveriam partir de indivíduos como Rogério (ou ele próprio) – esclarecidos, sensíveis ao drama social, com condições, por experiência, de falarem sobre o assunto.

O tratamento dado a Chiru no episódio eleitoral de *Sem rumo* reforça a ideia da descrença de Cyro. O protagonista chega a reconhecer que Rogério é o candidato mais afinado com o povo e nisso já se desenha certa tomada de consciência. No entanto, Chiru não consegue juntar argumentos suficientes para lutar contra as forças que o oprimem e, por medo e falta de esclarecimento, se atrapalha no dia da eleição, o dia em que deve escolher e tomar uma atitude.

Ao perceber que o boteiro se inclina para o lado da oposição, Lopes, o bolicheiro que cabala votos para a situação, pressiona-o para que ele apoie o governo. Mesmo sob as ameaças de Lopes, Chiru continua achando Rogério o melhor candidato, pois considera o médico um homem “tão humanitário”<sup>394</sup>. O modo como Chiru caracteriza Rogério é relevante por assinalar o papel do médico da cidade pequena e, também, por oferecer pistas sobre a forma como Cyro buscava se descrever. Contudo, a palavra utilizada por Chiru é incoerente com o reduzido vocabulário apresentado por ele até aquele ponto da narrativa. Isso, porém, não impede que fiquem claras as preferências de Chiru – preferências que o levam a participar do comício da

<sup>390</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 145.

<sup>391</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 146.

<sup>392</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 145.

<sup>393</sup> BERND, Zilá. *O gaúcho a pé: estudo do romance social de Cyro Martins*. 100 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977, p. 63.

<sup>394</sup> MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937, p. 137.

oposição e a carregar Rogério nos ombros. Depois desse acontecimento, Lopes faz com que Chiru perca seu bote e força-o a seguir o governo. O cabalador arranja roupas, um nome, um título eleitoral e uma cédula preenchida para o dia da votação. Na frente da urna, Chiru ainda pensa em apoiar o doutor Rogério, mas acaba se confundindo com os papéis, sem saber em quem votou. Quando toma conhecimento do comportamento ambíguo de Chiru na cabine de votação, Lopes ameaça-o e o manda embora da cidade. Outra vez, um agente opressor expulsa o protagonista de seu espaço. Após o último corte temporal do livro, Chiru, que estava trabalhando na construção de uma estrada de ferro, aparece sendo dispensado do serviço por não ter votado com o governo. O homem que o demite é Clarimundo, que ressurgue inesperadamente na novela. Ainda que se aproxime da solução *Deus ex machina*, o desfecho com Clarimundo parece revigorar as impressões que se tem de Chiru desde a fuga da Estância do Silêncio: ele não é o dono de seu destino, há forças maiores do que ele e, se ele tentar lutar contra elas, será derrotado.

Esse personagem derrotado, criado em meio aos dias pessimistas daquele 1935, chegou ao público na metade de 1937. Cyro não era o mesmo rapaz, o mesmo médico e o mesmo escritor de dois anos atrás. Ele era um homem diferente em muitos sentidos – casara, ganhara experiência médica, saíra de Quaraí –, mas seu olhar ainda se voltava para os gaúchos que deixavam o campo para viver miseravelmente nas cidades. Ele continuava com a necessidade de falar sobre eles e falaria mais, de forma mais clara e alta, assim que tivesse oportunidade. Era preciso que alguma atitude – vinda dos governantes ou do povo – mudasse a trajetória daqueles destinos.

Em novembro de 1937, quando Cyro e Suely já estavam se despedindo do Rio de Janeiro, um acontecimento político atravessou a rota de todos os brasileiros – mas a mudança não soava auspiciosa. Aquilo de que todos desconfiavam se confirmou: Getúlio Vargas permaneceu na chefia do país. Um suposto plano comunista para tomar o poder (Plano Cohen) foi forjado. Aproveitando as circunstâncias, auxiliado pelos integralistas e pelas forças armadas, Vargas deu um golpe e declarou o Estado Novo. Era o início da ditadura. Não era um regime com ideias que pendiam para a esquerda ou a direita, pois Getúlio descartaria os seguidores do sigma assim que tivesse oportunidade. Aquela ditadura, que ainda não começara a mostrar as garras, se concentrava nas ideias e nas decisões de um homem – Vargas – e ele escolheria os caminhos do Brasil.

Os rumos de Cyro e Suely, entretanto, não seriam ditados por Getúlio. Em seus escritos, Cyro criticava a conduta dos políticos e assumia posições contrárias ao que estava estabelecido.

Ele era, todavia, um autor sem muitos leitores, uma voz ouvida por poucos. Seu comportamento era irrelevante para o novo regime. Os comensais de Vargas não o perseguiriam, pois ele não era uma ameaça. Independente do jogo do poder, a vida de Cyro e Suely no Rio chegou à data de validade. Ele não encontrou o imaginado ambiente propício. No momento em que o rapaz terminasse a especialização com Austregésilo, eles voltariam para o Sul. Viver na capital do país não era nada barato. Mesmo que ele fizesse alguns atendimentos e apertasse nas despesas, o casal precisaria do auxílio dos pais de Suely. Cyro tinha planos para se desamarrar dos sogros e projetos para construir uma carreira profissional. Agora que era um especialista com período de estudos no Rio, Porto Alegre voltava a ser uma opção.

## 7 OUTRA VEZ PORTO ALEGRE

Cyro não via futuro na cidade natal e não queria perder outro punhado de anos sem perspectivas. Se voltar do Rio de Janeiro para Porto Alegre representava um anticlímax, voltar da capital nacional para o interior do Estado era ainda mais desanimador. O desapontamento não se dava apenas pela troca de cenários e paisagens ou pela falta das luzes da Rua do Ouvidor e do ar marítimo. Ele já trabalhara quase de graça, já tentara policiar suas opiniões para não espantar os conterrâneos e não se indispor com os sogros. Agora, queria continuar saboreando a liberdade experimentada no Rio. Distanciar-se de Quaraí também era fundamental para que o casamento e a profissão pudessem se desenvolver. Depois de viverem a dois, seria muito difícil para Cyro e Suely retornarem à casa dos Castro de Souza. O relacionamento não poderia regredir. Eles tinham de seguir a sós. Profissionalmente, ter se tornado um especialista não mudaria a situação de Cyro em Quaraí. Lá, ele precisaria atuar como clínico geral, dando a mesma atenção às enfermidades mentais e às intestinais. Seus conhecimentos sobre as funções neurológicas, aprendidos com esforço e dedicação durante o período carioca, ajudariam em alguns casos, mas, na maioria, não.

Além de projetar novos caminhos para a carreira e o casamento, Cyro voltou do Rio com os horizontes expandidos. Isso não estava relacionado apenas às tentativas de fazer literatura e à prática da medicina. Na viagem, ele conheceu outro mundo. Por alguns anos da infância, seu limite fora o Cerro do Marco. Depois, vieram as idas à cidade e a mudança para Porto Alegre. Na sucessão dessas etapas, ele descobriu que um lugar oferecia mais possibilidades do que o outro. Cyro sempre queria novas oportunidades, sempre buscava coisas maiores. Em 1933, quando se formou e teve de voltar a Quaraí, ele se sentiu frustrado. Definitivamente, aquele era um passo para trás. Mal ou bem, estava em um centro e sair desse centro significava perder chances. Embora enfrentasse dificuldades em Porto Alegre, era melhor morar na capital do que no interior.

Uma frustração parecida atingiu Cyro ao sair do Rio. Naquela capital – a verdadeira – corria a vida. Aquele era o lugar para onde iam os candidatos a escritores, os interessados em estudos específicos, os alpinistas políticos. No Rio, havia outras cores. O céu escondido por morros não era o céu infinito da campanha. O inverno não era o inverno de geadas e sobretudos. As pessoas eram das mais variadas origens. As comidas tinham sabores diferentes e até o cafezinho apresentava tom e gosto mais fortes. Sair de uma cidade tão peculiar e efervescente era, à primeira vista, outro passo para atrás. No entanto, esse recuo era necessário.

Em alguns aspectos, a nova partida se assemelhava àquela de 1933. Na ocasião anterior, Cyro não possuía recursos para se estabelecer em Porto Alegre. Abrir um consultório e concorrer com os médicos de nome e de fama não era viável para o profissional recém-formado. No Rio de Janeiro, onde Cyro era um desconhecido e tinha poucos contatos, a dificuldade se repetiria. Ele poderia recorrer ao auxílio do professor Austregésilo ou tentar uma vaga nos hospitais psiquiátricos cariocas, mas como conseguiria manter a si e a Suely em uma cidade tão cara? Até quando os sogros, incomodados pela distância e a separação da filha, ajudariam o casal? Aliás, qual era a vontade da esposa?

Suely gostou da liberdade proporcionada pelo Rio, a experiência lhe trouxe novidades e alegrias, pois, de certa maneira, seus horizontes também se expandiram. No entanto, para ela, a cidade não mostrava tantos atrativos quanto para Cyro. Se precisasse voltar a Quaraí, mudar para Porto Alegre ou qualquer outro lugar, sentiria menos. Após quase um ano de separação, ela desejava reencontrar Antenor e Lucinda. A ligação entre os pais e a filha única era intensa e o período de distanciamento já afetava a todos. Ela queria ficar próxima da família – mas não próxima ao ponto de dividirem o mesmo teto. Ela não se importaria de viver em Quaraí, desde que morasse em outra casa. Cyro sim e não considerava o retorno à cidade natal uma opção. Porto Alegre talvez surgisse como o meio termo na decisão do casal. Eles não ficariam tão longe quanto no Rio nem tão perto quanto em Quaraí. Antenor e Lucinda poderiam visitá-los com frequência, a independência do casal seria conservada e Cyro iria em busca dos seus objetivos.

Uma vez em Porto Alegre, território conhecido, Cyro agiria com desembaraço. Ele já não era o jovem inexperiente que deixara os bancos da Faculdade de Medicina. Ao aprendizado e à prática daqueles anos em Quaraí, acrescentava-se a especialização em neurologia, que favorecia o seu currículo. O nome de Cyro não era conhecido e ainda pairavam dúvidas sobre sua excelência profissional. Contudo, frente aos “doutores” restritos aos estudos da graduação, ele possuía uma habilitação que o distinguia. Na capital gaúcha, Cyro também teria que se virar como clínico geral, mas o trabalho neurológico não precisaria ser deixado de lado. Além de trocar ideias com os antigos colegas e professores de faculdade, ele poderia desenvolver pesquisas no Hospital São Pedro.

Cyro encontrara as portas do São Pedro abertas já nos primeiros tempos de estudante. Nesse novo momento, em que se voltava para a neurologia e trazia na bagagem conhecimentos adquiridos nas visitas aos sanatórios do Rio, ele seria novamente bem recebido. Fundado em 1884, o São Pedro atravessou uma etapa de remodelação entre o final dos anos 1920 e início

dos 1930. Não por acaso, nessa época, o hospital foi conduzido por Jacintho Godoy Gomes. Egresso da Faculdade de Medicina de Porto Alegre e funcionário público estadual ligado à medicina legal, Jacintho passou uma temporada na França – de 1919 a 1921 – a fim de se especializar em neuropsiquiatria e de tomar aulas com docentes como Pierre Marie, Joseph Babinski, Ernest Dupré e Laignel Lavastine, que atuavam no Hospital Salpêtrière. Em 1926, quando assumiu o São Pedro, Jacintho levou para o comando da instituição os fundamentos e os aprendizados franceses.

Ele entendia que, para funcionar de maneira mais efetiva, era necessário que o hospital passasse por modificações que iam do nível material ao científico. Foram construídos “pavilhões independentes para atender diferentes tipos de pacientes”, houve uma “modernização das técnicas de tratamento de acordo com os recursos da época” e um “desenvolvimento de atividades de pesquisas e intercâmbio científicos” com médicos de outros países. A formação dos profissionais também era um assunto caro a Jacintho. Além de criar “a primeira escola para enfermeiros psiquiátricos no país”, ele se preocupou em contratar “médicos especializados em psiquiatria”<sup>395</sup>. A gestão remodeladora de Jacintho Godoy, considerado por Cyro o “mais eficiente”<sup>396</sup> diretor do São Pedro, teve início em 1926, mas sofreu uma interrupção, provavelmente por motivos políticos, em 1932.

Em 1937, Jacintho foi reconduzido ao cargo e essa volta era um sinal positivo para Cyro. O interesse do administrador em contar com especialistas em neurologia e psiquiatria indicava que Cyro teria mercado de trabalho. Era preciso, contudo, dar um jeito de entrar para a equipe do São Pedro. Até 1937, não havia concurso público e os médicos eram contratados. Naturalmente, as afinidades políticas contavam na hora da contratação. O próprio Jacintho, por mais competência que demonstrasse, ingressou nas funções públicas devido a uma proximidade com Antônio Augusto Borges de Medeiros. Em alguns raros casos – como o de Jacintho – o compadrio era eclipsado pelo bom desempenho do apadrinhado. Porém, na maioria das vezes, o arranjo acabava mal. Jacintho Godoy sabia que o sistema das indicações não escolhia os profissionais com maior capacidade. Era preciso organizar um processo seletivo claro, dentro dos conformes – com regulamentos, número de vagas, datas e banca de avaliação explícitos.

Na obra *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*, de 1955, rememorando sua carreira e sua trajetória frente ao São Pedro, Jacintho tratou das seleções para a instituição em um capítulo

---

<sup>395</sup> As informações sobre Jacintho Godoy Gomes foram retiradas das biografias que compõem o site do Museu Psi, disponível em: <http://www.ufrgs.br/museupsi/biogodoy.htm> Acesso em: 21/06/17.

<sup>396</sup> MARTINS, Cyro. Acontecimentos e vultos históricos da medicina sul-rio-grandense. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p.126.

específico, intitulado “Concursos”. De acordo com o diretor, em 1938, “entrando em vigor a Lei Federal das acumulações, o Hospital se viu desfalcado de quatro médicos”. A disponibilidade de vagas deixou Godoy “assoberbado de pedidos para os cargos”. O problema é que os aspirantes eram “todos médicos não especializados, candidatos a empregos, mas, naturalmente, imbuídos da ideia de que a psiquiatria é um ramo da medicina que se pode exercer sem grandes conhecimentos e o psicopata um doente pitoresco”<sup>397</sup>. Além de ficar evidente a busca de Jacintho pelos profissionais com capacidade e formação, sua postura sugere certa consonância com aquilo que se desenhava nos primeiros momentos do Estado Novo. Quando abordou o tema sem censuras, Cyro disse que o “novo regime, com seus interventores nos Estados, resolveu varrer caprichadamente a casa, como vassoura nova, abrindo concurso para os cargos públicos”<sup>398</sup>. Assim como ocorrera na virada política de 1930, quando recebeu uma bolsa providencial, em 1937, Cyro poderia ser, outra vez, beneficiado pela marcha da história.

Embora não acreditasse em destino e pensasse que um homem deveria ser o senhor dos seus caminhos, após os meses em terras cariocas, Cyro precisava que a história ou a providência viessem ao seu auxílio. Seguindo os rastros do médico, é possível deduzir que ele voltou do Rio de Janeiro para Quaraí. Como em um filme repetido, suas expectativas despencavam e os planos de estabelecimento em Porto Alegre eram deixados de lado. O interessante é que as pistas dessa silenciada temporada quaraíense afloram por causa do seu fim. Ainda que viesse do São Pedro, mas fosse mais terrena do que celeste, a possibilidade de que ocorresse, em 1938, um concurso público para o hospital foi bem recebida por Cyro. Ali estava a oportunidade para sair de Quaraí.

Frases e fotografias de Cyro referentes ao período indicam que ele estava em Quaraí no início de 1938 e partiria outra vez, na mesma época. A notícia da seleção para o Hospital São Pedro tinha saído entre o final de janeiro e o início de março daquele ano, pois Jacintho afirmou que aproveitou a “velha amizade” com Maurício Cardoso, então interventor do Rio Grande do Sul, para “estabelecer o regime de concurso para o provimento dos cargos vagos”<sup>399</sup>. Tomando conhecimento da novidade, Cyro não teve dúvidas de que era a hora de levantar acampamento e viajar para Porto Alegre. Ele estava tão decidido que não hesitou em contar aos familiares e aos amigos que iria para a capital enfrentar o concurso. É estranho o fato de Cyro, um sujeito discreto, ter gritado seus planos ao vento. Aquilo era uma demonstração de confiança ou um

---

<sup>397</sup> As citações foram retiradas de: GOMES, Jacintho Godoy. *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. [Local de publicação não identificado]: [Editora não identificada], 1955, p. 351.

<sup>398</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 137.

<sup>399</sup> GOMES, Jacintho Godoy. *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. [Local de publicação não identificado]: [Editora não identificada], 1955, p. 351. Indico a possível data baseado na afirmação de Jacintho Godoy e na informação de que a interventoria de Maurício Cardoso foi de 19 de janeiro a 3 de março de 1938.



pedido de apoio? Provavelmente, Cyro queria que o encorajassem, que lhe dissessem que era capaz, que uma das vagas seria sua. Se era isso o que pretendia, pelo menos até sua partida, conseguiu que lhe apoiassem.

Em um depoimento que serve como pista para recuperar aqueles dias quaraíenses, ao falar sobre a saída da cidade meses antes do concurso, ele lembrou que “fora despedido [...] com charanga, churrasco e discurso”<sup>400</sup>. As palavras de Cyro parecem exageradas e recheadas de autoelogios. Por que fariam isso por ele? Não era nenhum voluntário a caminho de se imolar pela pátria ou pela terra natal. Não partia para o sacrifício comum, ao contrário, ia em busca dos objetivos individuais. Esse poderia ser o motivo da carne, da música e dos discursos encorajadores. Os parentes e amigos torciam para que o guri do Seu Bilo crescesse, fizesse nome; torciam para que ele encontrasse um lugar ao sol. Quaraí não lhe traria nada.

No livro *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*, Celito De Grandi e Nubia Silveira ilustraram o texto com fotografias que contemplavam as várias fases da vida do biografado. Em uma delas, ele aparece em um ambiente festivo. Entre Ivo, o irmão, Ilda, a cunhada, Suely e outros homens e mulheres com risos encorajadores, Cyro exibe um sorriso largo e espontâneo, um sorriso que não foi captado em nenhum dos seus retratos anteriores. A legenda da fotografia informa: “Despedida de Quaraí, 1938”<sup>401</sup>. Era essa a razão do sorriso inédito.

Outros colegas que, como Cyro, se interessavam por neurologia e psiquiatria também viram, no concurso para o São Pedro, uma chance. Entre eles estava Mário Martins, um velho conhecido. Cyro e Mário eram companheiros desde antes da Faculdade de Medicina. No texto “Mário Martins” – psicoterapeuta, apresentado na inauguração da Fundação Mário Martins, em março de 1988, e publicado, anos depois, em *Caminhos: ensaios psicanalíticos* (1993), Cyro falou sobre a amizade com Mário e as trilhas percorridas pelos dois. Eles se conheceram na Rua da Praia e o que os aproximou foi “a inquietação literária”<sup>402</sup>, motivada pelos ecos da Semana de Arte Moderna e da Revolução de 1923. Com Lino de Mello e Silva, Cyro e Mário entraram para o curso de medicina e foram juntos até o final. Mário, que convivia com dificuldades financeiras semelhantes às de Cyro, dividiu com o amigo a formatura em gabinete e a falta de comemorações pela colação de grau.

---

<sup>400</sup>MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 138.

<sup>401</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeiro do Sul: Defender, 2008, p. 9. A foto original se encontra no Delfos (Acervo Cyro Martins, caixa 16, número de tombo 5449).

<sup>402</sup>MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 134.

Donos de seus diplomas, Cyro e Mário tomaram rumos parecidos. Sem dinheiro, voltaram para casa, um para Quaraí e o outro para Sant’Ana do Livramento. Até as perdas e as dificuldades atingiram-nos pela mesma época – Cyro viu o pai falecer em 1934, e Mário ficou órfão de mãe em 1935. Não existem correspondências e outros documentos para evidenciar a hipótese, mas é provável que ambos tenham mantido contato enquanto se exilavam nas suas cidades de origem. Um indicador que aponta para essa probabilidade é a informação dada por Roberto Bittencourt Martins<sup>403</sup>, filho de Mário, que não era nascido na época. Ele afirma que, nos anos de separação, os dois amigos trocaram cartas. Mário escrevia para Cyro de Livramento ou de Marcelino Ramos – município do Norte do estado para onde se mudara a fim de clinicar –, e Cyro respondia de Quaraí ou do Rio de Janeiro.

Não eram apenas as “inquietações literárias” e os dramas pessoais que aproximavam os dois. Assim como acontecia com Cyro, as inquietações de Mário transcendiam o campo da literatura. Na verdade, as letras iam, aos poucos, sendo deixadas de lado por ele – suas pretensões de ser escritor não se mostravam exacerbadas como as de Cyro. Seu grande foco era a profissão e, no tocante a ela, seus desejos de aprimoramento e ascensão eram tão grandes quanto os do quaraense.

Em algum momento de 1938, Cyro e Mário se reencontraram em Porto Alegre<sup>404</sup>. Com o mesmo objetivo em vista, os antigos colegas decidiram estudar juntos para a prova. No depoimento sobre Mário, Cyro disse que a ideia inicial do “tímido e modesto”<sup>405</sup> amigo era concorrer à vaga de sanitarista e não à de psiquiatra. A autocrítica, a exigência em relação a si mesmo e a “seriedade do seu caráter” impediam Mário de “preparar-se às pressas para um concurso de tal monta, sem ter de antemão uma base razoável de conhecimento sobre a matéria”<sup>406</sup>. Pensando no bem de Mário e no seu próprio, Cyro ajudou o companheiro a vencer as barreiras auto impostas.

A rotina de estudos ocupava quase todas as horas úteis dos dois. Cyro contou que as manhãs eram passadas no São Pedro e as tardes reservadas para as visitas à enfermaria de neurologia da Santa Casa<sup>407</sup>. Nesses turnos ainda deviam ser feitas leituras trazidas por Cyro

---

<sup>403</sup> A informação foi dada por e-mail, em 30/07/2017.

<sup>404</sup> Na mesma ocasião em que deu informações sobre a vida do pai entre os anos de 1934 e 1938, Roberto Martins contou que Mário foi para Porto Alegre em 1938, para cursar uma especialização em psiquiatria, que visava, justamente, ao concurso. Não encontrei menções a esse curso no livro de Jacintho Godoy ou nos escritos de Cyro.

<sup>405</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 137.

<sup>406</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 137.

<sup>407</sup> Ver: MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 137.

do Rio de Janeiro e outras descobertas de Mário, assim como abordagens aos professores da Faculdade de Medicina que transitavam pelo São Pedro e a Santa Casa.

Durante as noites, Cyro quebrava a rígida disciplina de concurseiro e se ocupava com outra atividade: escrever. Depois de *Campo fora* e *Sem rumo*, ele se sentiu encorajado a continuar. Além disso, a marca da literatura era intensa demais para ser ignorada. Em *Sem rumo*, Cyro encontrou um tema frutífero. Ele ainda tinha muito a falar a respeito da complicada situação dos gaúchos a pé. Contudo, era necessário arranjar uma forma diferente de explorar o assunto em futuras produções. Cyro não queria travestir o mesmo livro repetidas vezes. Ele precisava ampliar a questão iniciada na novela de 1937. A expansão deveria passar pela abordagem social do assunto e pela exploração do tipo humano que colocara em cena.

Cyro sabia que não realizara com sucesso alguns pontos de *Sem rumo* – embora não admitisse, em termos de autocrítica, era tão rigoroso quanto o amigo Mário. Na sua primeira aventura em um gênero longo, as brechas e os cortes narrativos não contribuíram para o encadeamento dos episódios que compunham a obra. Como escritor e leitor, Cyro reconhecia esses problemas e sentia que faltava algo para deixar o livro mais coeso e fluido. Essas dificuldades, talvez decorridas do seu costume à criação de histórias curtas, tinham de ser trabalhadas com afinco. Ele só conseguiria superá-las se continuasse a escrever, se iniciasse um projeto de novela ou romance.

Para ter maior domínio da escrita e se desligar, por algumas horas diárias, do concurso para o Hospital São Pedro, Cyro se envolveu na construção daquilo que, mais tarde, receberia o título de *Enquanto as águas correm*. O novo enredo teve “um primeiro esboço em 1937”<sup>408</sup>, ainda no Rio de Janeiro, depois da publicação de *Sem rumo*, e foi levado a sério depois do retorno a Porto Alegre. Nos encontros de estudos, nos deslocamentos em direção ao Partenon e à Santa Casa, Cyro contava a Mário em que pé seu livro estava. Bom ouvinte, dono de conhecimentos literários, o companheiro já interpretara o papel de crítico anos antes, nos quartos de pensão. Desempenhá-lo naquele momento era como voltar à época de juventude, quando também tinham um futuro incerto, discutiam literatura e tentavam driblar a tensão provocada pelos exames.

Era incrível que, após uns pares de anos, estivessem diante de tantas incertezas. O tempo correu para um e outro, mas voltaram ao ponto de interrogação. Será que estariam sempre daquele jeito? Será que passariam o resto da vida sendo testados por bancas de avaliação? Será que algum dia superariam os dramas e as perdas familiares? Será que teriam um mês de paz

---

<sup>408</sup> MARTINS, Cyro. Prefácio. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 7.

financeira? Será que chegariam a ter períodos de certezas? Ainda que o concurso e as circunstâncias os fizessem reviver os tempos de alunos de medicina, não eram os mesmos de antes – e nem poderiam ser.

Em 1938, além de terem sobrevivido a algumas tempestades, eles não estavam sozinhos e tinham responsabilidades maiores. Eram senhores casados – Mário já se tornara, inclusive, um pai de família, pois, em 1937, nasceu Roberto, seu filho com Zaira. Apesar dos quase três anos de matrimônio, Cyro não tinha experimentado a paternidade. No seu entender, talvez o momento adequado ainda não surgira. Ele não queria que uma criança nascesse enquanto moravam com Antenor e Lucinda. Até sem perceber, sem ter intenções, os sogros dominariam o neto, o rodeariam de mimos e cuidados, influenciariam na sua educação. Cyro não saberia lidar com a situação. Ele pretendia criar os filhos de forma independente. Se fosse o pai, ele tomaria as decisões. No entanto, para decidir, eram necessárias casa própria e condições de sustentar a esposa e a criança. Em Quaraí, isso não era possível. No Rio de Janeiro, muito menos.

Afora os custos de vida na capital federal, havia o problema do isolamento. Como Suely enfrentaria uma gravidez, parto e um pós-parto longe da família? Sem dúvidas, mesmo com todos os afazeres, o marido estaria ao seu lado, lhe cercaria de carinhos, de afetos e de cuidados médicos. Isso, porém, seria suficiente para Suely? Não seria bom – pelo menos nas horas cruciais – que a mãe estivesse próxima da moça? Os Castro de Souza eram ricos, tinham como ir ao Rio visitar a filha, permanecer temporadas junto a ela, mas eles queriam viajar, queriam sair de Quaraí? Perante tantas questões sem resposta, a alternativa mais acertada quanto aos filhos era esperar: esperar que a situação financeira se estabelecesse, que tivessem uma moradia, que o relacionamento com os sogros melhorasse.

O concurso para o São Pedro se mostrava como uma chance de atingir certa tranquilidade econômica – algo inédito na vida de Cyro. Ele receberia um salário mensal e os horários de serviço ainda o permitiriam dar atendimentos a domicílio ou em consultório. Se tudo corresse bem, ele conseguiria duas rendas e uma grande quantidade de trabalho. A tranquilidade não viria sem cobrar um preço. Para continuar a escrever, ele teria de redobrar os esforços, pois os dias ficariam curtos. O fatigante período de estudos vespertinos e escrita noturna já servia como estágio para um futuro cenário.

Por enquanto, a calma financeira e o ritmo acelerado de trabalho só eram reais no campo da miragem. Nada existiria se ele não fosse aprovado. A reprovação não seria um fim de mundo, mas um balde de água fria nas pretensões de Cyro. Quais opções restariam se não

entrasse para o quadro do hospital? Voltaria a Quaraí com o rabo entre as pernas? Abraçaria a carreira de médico do interior? Arranjaria um consultório enjambrado em Porto Alegre? Talvez enveredasse pelo último caminho. Não importava se tivesse de passar trabalho na capital gaúcha, se precisasse atender os pacientes desfavorecidos. Era melhor ficar ali, perto dos acontecimentos, rondando as possibilidades, do que se esconder em Quaraí. Se não entrasse para o São Pedro naquela primeira oportunidade, esperaria outras. No ritmo acelerado em que ia a administração de Jacintho Godoy, logo haveria um novo concurso.

Enfrentar dificuldades em Porto Alegre não era nenhuma novidade para Cyro. Suely, contudo, não sabia o que era passar por isso em Porto Alegre, Quaraí ou qualquer outra cidade – e seus pais nem permitiriam que ela soubesse. Não há informações ou registros de onde o casal morou durante o ano de 1938. Por isso, é provável que estivessem razoavelmente instalados em uma casa localizada, em bairros como Independência, Petrópolis e Santana, que abrigavam tanto as famílias mais abastadas quanto as de classe média. Ciosos pelo bem-estar da filha, Antenor e Lucinda não deixariam que ela morasse em pensões e lugares de segunda categoria.

A falta de certezas que ronda 1938 não se reduz à moradia de Cyro e Suely. Quais eram as rendas do casal uma vez que Cyro ocupava boa parte do tempo se preparando para o concurso do São Pedro? Não é descartada a hipótese de atendimentos médicos. Só não se sabe que hora do dia ele dedicava às consultas e como arranjava os clientes sendo um profissional quase desconhecido. Economias sobreviventes de Quaraí e do Rio de Janeiro possivelmente não existiam. Assim como não havia auxílio dos Martins e lucrativos direitos das vendas de *Sem rumo*. A fonte devia sair dos Castro de Souza.

Outra questão importante se refere ao contato de Cyro com a própria família. Por onde andavam os Martins? Ivo estava cursando Direito em Porto Alegre? Felícia morava com Alda? Iná lecionava? De algum modo, Cyro se comunicava com a mãe e os irmãos. Ainda que mantivesse uma postura individualista frente ao convívio com os irmãos, que não falasse sobre essa época da vida familiar em nenhuma ocasião e que morasse a quilômetros de distância, ele estava inserido no contexto dos Martins. O estado depressivo da mãe era o que mais lhe causava preocupação. Agora que entendia melhor os problemas psíquicos, dava à Felícia atenção redobrada. Deveria ser para ela que ele escrevia com maior frequência e ela também deveria ser o maior tema das conversas com Ivo, Alda e Iná.

Os Martins torciam pelo sucesso de Cyro. Às vezes, eles não liam seus livros por inteiro, mas acompanhavam os seus passos. Quando um texto saía em revista, eles se interessavam e

buscavam um exemplar. Quando um novo livro era publicado, acontecia a mesma coisa. Afinal, aquele sobrenome estampado nas capas e abaixo dos títulos pertencia ao clã. Era como se todos os descendentes de Bilo e de Felícia escrevessem e assinassem. As revistas e os livros não serviam apenas para contentar os Martins. Eles também eram uma demonstração para os de fora. Os amigos e os conhecidos tinham de saber que um dos guris do bolicheiro Bilo escrevia, era importante. Cyro não reparava o orgulho do clã, nem se esforçava para fazê-lo.

Depois de 13 de maio, ele deve ter contado à mãe e aos irmãos que foi ouvido pelo *Correio do Povo*. Suas falas apareceram na matéria “Flagrantes do negro na vida campeira do Rio Grande”. Na data que marcava o cinquentenário da assinatura da Lei Áurea, o jornal achou apropriado analisar o “papel do negro na formação social do país”. Para saber da posição dos descendentes de negros no campo gaúcho, os funcionários do *Correio* recorreram a Cyro, um dos “regionalistas mais aplaudidos e estudiosos” do Estado. As declarações do quaraieense lembraram, em alguns aspectos, o mito da democracia campeira. Ele disse, por exemplo, que o “guri da campanha se habitua a ver o negro como outro qualquer. A mesma destreza a cavalo, a indumentária idêntica, o mesmo porte altivo, o mesmo apego à lida de campo e a mesma coragem para afrontar as suas vicissitudes”. O “amor à gauderice” e o “desprendimento na guerra” demonstrados pelos negros também ajudavam os nativos a vê-los como iguais. De acordo com Cyro, parecia não haver diferenças entre negros e gaúchos. No entanto, é preciso observar um ponto: eles eram vistos como iguais por serem um reflexo. Incorporando os hábitos locais, se integrando – obrigatoriamente – ao estilo de vida campeiro, eles se tornavam gaúchos. Cyro achava que o único traço original do negro levado a viver na campanha era a “pacholice”<sup>409</sup>. Era uma visão preconceituosa e descuidada de sua parte, mas eram outros tempos, com outros pontos de vista. O problema das palavras impressas é que, acertadas ou equivocadas, elas permanecem.

A torcida dos Martins por Cyro não se restringia aos acertos, às conquistas literárias e intelectuais. A mãe e os irmãos sabiam que ele estava envolvido no concurso do Hospital São Pedro. Seria bom para o médico e a família que ele fosse aprovado. Além de entrar para o funcionalismo público e atingir certo *status*, ele começaria a ganhar dinheiro, o que interessava muito, pois eles ainda sentiam a perda de Bilo e se arrastavam financeiramente. Com emprego e renda garantidos, Cyro talvez pudesse auxiliar de alguma forma os irmãos e Felícia. Se o médico arranjasse colocação, de modo indireto, os Martins também estariam amparados.

---

<sup>409</sup> As citações foram retiradas de: FLAGRANTES DO NEGRO NA VIDA CAMPEIRA DO RIO GRANDE. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 13/05/1938.

Para Cyro, os meses que antecederam a seleção do São Pedro foram de pressão. As expectativas vinham dele próprio e de outros lados. Ele queria se pôr à prova, queria mostrar para si mesmo que era um profissional capaz e competente. Afirmar-se era uma maneira de fixar posição frente aos outros. Seria bom ostentar um trunfo quando encontrasse os Castro de Souza. Os sogros não lhe falavam nada, mas Cyro sentia que eles ansiavam por uma tomada de rumo para o genro – e, conseqüentemente, para a filha. Como sempre, os Martins depositavam esperanças na sua aprovação e ele tinha de corresponder a isso. Ele ainda precisava retribuir o apoio incondicional de Suely. Ela estivera junto a ele nas andanças por Quaraí, Rio de Janeiro e Porto Alegre e até se sacrificara por Cyro. Tendo em vista a qualificação e as vontades dele, ela se afastou dos pais, foi de lá para cá, enfrentou a solidão em lugares diferentes, se contentou com as sobras dos dias do marido. Mais do que um agradecimento, a aprovação serviria como prestação de contas a Suely. As peregrinações, a solidão e os instantes abreviados não foram em vão.

Quando chegou a hora, Cyro correspondeu às expectativas – não sem sustos. Jacintho Godoy contou que a seleção, “memorável pelo brilho dos seus participantes”<sup>410</sup>, ocorreu na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e que, além de Cyro e Mário, candidataram-se Victor de Britto Velho e Luiz Pinto Ciulla. A banca de avaliação também se ligava ao prédio da Sarmiento Leite, pois era composta por “Antônio Saint Pastous, diretor da Faculdade de Medicina, pelo professor Fábio de Barros, catedrático de neurologia, e pelo muito estimado professor Celestino Prunes, titular da cadeira de Medicina Legal”<sup>411</sup>. Os avaliadores não eram estranhos a Cyro e, se não lembravam do ex-aluno da época de graduação, tinham bem nítido seu rosto por causa daqueles meses de preparação para o concurso. Tal familiaridade poderia diminuir a tensão do momento, mas isso não aconteceu.

Celestino Prunes, o docente mais conhecido, por detalhes, não deixou os ex-alunos em uma situação difícil. Jacintho Godoy e Décio Souza, funcionário do São Pedro, especialista em demência e esquizofrenia, deram orientações técnicas aos candidatos visando a um exame de clínica psiquiátrica. Quando se deu a leitura da lista dos pontos a serem sorteados para a etapa escrita do exame, Cyro, Mário, Victor e Luiz se assustaram: “Celestino incluía pelo menos meia dúzia de pontos de psiquiatria forense”<sup>412</sup>. Nenhum deles dominava o assunto. Se um dos

---

<sup>410</sup> GOMES, Jacintho Godoy. *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. [Local de publicação não identificado]: [Editora não identificada], 1955, p. 352.

<sup>411</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 137.

<sup>412</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 138.

seis pontos caísse, todos seriam reprovados. Anos depois, Cyro lembrou que o pânico “durou talvez uns trinta segundos, até o momento em que eu, letra C, tirei o ponto”<sup>413</sup>. Por mais pesadas que fossem, as palavras de Saint Pastous – “psicose maníaco-depressiva” – trouxeram alívio para Cyro e os outros. Aquela matéria eles estudaram.

As avaliações seguiram por mais dois dias. Depois da prova escrita veio a clínica, realizada no Hospital São Pedro. Para finalizar, de volta à Faculdade de Medicina, dessa vez no salão nobre cheio de assistentes, os candidatos tiveram de dar uma aula sobre o tema. Cyro não falou sobre seu desempenho nos outros dias. Ele não mencionou sustos e gaguejadas ou segurança e boas frases. Talvez o calor dos momentos decisivos tenha apagado as memórias daqueles instantes em que fora protagonista. Como espectador, ele lembrava da atuação de Mário, principalmente no terceiro dia, no encontro com a plateia. “Na hora”, contou Cyro, “Mário gaguejou, tropeçou, mas foi em frente e venceu, vencemos”<sup>414</sup>.

Cyro estava certo, ele e o antigo companheiro venceram. Com Victor Velho e Luiz Ciulla, os dois foram aprovados. Após três dias de avaliações, sustos e demonstrações públicas, os quatro entraram para o São Pedro. Como Cyro disse, “havia vagas para todos”<sup>415</sup>. A colocação entre os quatro candidatos é um mistério. Pelas memórias de Jacintho Godoy, sabe-se que ele teve “o prazer de ver colocado, na classificação, em primeiro lugar”, Luiz Ciulla, seu “colaborador, desde os bancos acadêmicos, na Clínica Neurológica da Santa Casa e, depois, no Sanatório São José”<sup>416</sup>. Cyro e Jacintho não falaram sobre quem passou em segundo, em terceiro e em quarto. No final das contas, dois fatos interessavam: todos estavam dentro do funcionalismo público e “oficialmente autorizados a abrir consultório na Rua da Praia”<sup>417</sup>.

A ficha funcional<sup>418</sup> de Cyro arquivada no Hospital São Pedro mostra que, em 13 de setembro, o ato 1525/1938 confirmou sua nomeação para o cargo de Alienista Assistente e que a posse ocorreu em 1º de outubro. A ficha funcional é uma fonte significativa para se conhecer o histórico de Cyro dentro do São Pedro, mas não esclarece tudo. O documento traz uma fotografia do neurologista de trinta anos, seu número de matrícula (6890), informações sobre

---

<sup>413</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 138.

<sup>414</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 138.

<sup>415</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 138.

<sup>416</sup> GOMES, Jacintho Godoy. *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. [Local de publicação não identificado]: [Editora não identificada], 1955, p. 352.

<sup>417</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 138.

<sup>418</sup> Tive acesso à ficha funcional de Cyro Martins em 12/07/2017, data em que fiz pesquisas no espaço do Serviço de Memória Cultural do Hospital Psiquiátrico São Pedro.



admissão, férias, licenças, demissão e atividades nas quais ele se envolveu no período em que atuou no hospital. Alguns dados da ficha fornecem pistas sobre a moradia e a renda de Cyro. No entanto, se os detalhes desses rastros forem observados, não se terá certeza a respeito do endereço de Cyro em 1938, nem de seu salário. Na entrada “Observações”, além da indicação de que ele era reservista, em tinta mais escura aparece o seguinte: “Residência: Avenida Salgado Filho 111, ap. 121, fone 92743 Res. e Cons.”. Em 1938, a Salgado Filho ainda não existia e Cyro não tinha consultório. A avenida foi aberta no final da década de 1940 e ela só recebeu o nome de Senador Salgado Filho em 20 de agosto de 1951, após o político falecer em um acidente aéreo. É provável que a ficha de Cyro tenha sofrido modificações nos anos 1950, pois, além do endereço e dos diferentes tons de tinta preta, o salário está discriminado em Cruzeiros (Cr\$ 4.700,00 e Cr\$ 5.600,00) – moeda que entrou em vigor no Brasil no dia 1º de novembro de 1942 – e não em Mil réis.

A partir de 1º de outubro de 1938 Cyro começou a trabalhar com o que desejava. Era inegável que os vencimentos e a estabilidade da função o deixavam mais contente e tranquilo. Ele nunca experimentara a sensação de ter uma renda fixa no final de cada mês. O salário não o deixaria rico, não permitiria que ele comprasse tudo o que desejava, nem que ajudasse boa parte dos parentes, mas a sensação de alívio já valia a pena. Cyro não queria reviver os anos de Quaraí, quando torcia para que as contas não chegassem e que algum cliente lhe pagasse pela consulta.

Cyro também não queria voltar a protagonizar episódios da clínica geral que exigissem habilidades que ele não tinha. Invariavelmente, os atendimentos que demandavam trabalho com as mãos – da aplicação de uma injeção ou um curativo à condução de um parto – causavam dor de cabeça. Ele ficava aflito por si mesmo e pelo paciente. Cyro tentava passar a imagem de que era um médico seguro e digno de confiança, mas a firmeza estava sempre a um passo de se esboroar. Na medida em que o nervosismo aparecia, ele perdia a agulha, dava pontos dignos de açougueiro e perdia as certezas de como agir em casos complicados de gravidez. Geralmente, as coisas acabavam bem. A aflição, porém, era torturante. Ele não pretendia conviver com aquilo por todos os dias de trabalho. Em alguma hora, sua inabilidade redundaria em consequências graves e, então, seria tarde. O melhor para ele – e para os clientes – era que deixasse de lado o que não sabia fazer.

Cyro era um iniciante, não dominava totalmente a função de alienista, mas havia convicção de que estava no rumo certo. As experiências nos hospitais do Rio de Janeiro e os estágios na Santa Casa e no São Pedro mostravam isso. Trabalhando com a psiquiatria e a

neurologia, suas atitudes revelavam segurança, fato que não acontecia no tocante à clínica geral. A resolução com que agia era boa tanto para os pacientes quanto para o profissional. Ele dava a impressão de que sabia realmente o que estava fazendo. Acreditavam nele e ele via no cenário motivos de incentivo. Já em novembro de 1938, estava plenamente integrado ao seu novo papel. No dia 28 daquele mês, nas dependências do Hospital São Pedro, participou da fundação da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul. A primeira diretoria da Sociedade era sucinta, composta por presidente, vice-presidente e secretário<sup>419</sup>. Pela importância, Jacintho Godoy ficou com o cargo maior, a ele seguiu Fábio de Barros, professor da Faculdade de Medicina, o secretariado foi ocupado por um recém-chegado aos quadros do São Pedro – Cyro Martins.

No final de 1938, Cyro não escondia a empolgação. Ao mesmo tempo em que dera uma resposta positiva aos que o cercavam, se encaminhara profissionalmente. Os últimos dias de 1938 ainda trouxeram uma novidade mais do que bem-vinda. De acordo com o decreto estadual 7637, de 28 de dezembro, os vencimentos dos funcionários civis e militares do Rio Grande do Sul seriam reajustados a partir de janeiro de 1939. Assim, logo no início do ano seguinte, ele passou a receber 15:600\$ (quinze contos e seiscentos mil réis), valor que o faria sobreviver sem desesperos, e seria denominado como Médico e não Alienista Assistente.<sup>420</sup> Suas perspectivas literárias também andavam com passo firme. O projeto a que dedicara os “momentos de folga” estava finalizado e havia possibilidades de publicá-lo – dessa vez, pela Globo, uma editora forte e caprichosa.

Com dois aspectos tão importantes de sua vida correndo bem, Cyro não poderia deixar de ver o mundo com otimismo. Ele não era diferente de outros homens e mulheres. Quando as coisas se coloriam para ele, ele enxergava mais cor em tudo e em todos. Foi de olhos coloridos que ele viu a chegada de 1939. Se a boa maré daqueles últimos meses de 1938 continuasse, 1939 só poderia ser um ano bom. Otimistas, Cyro e outras milhares de pessoas que testemunharam a chegada de 1939 não cogitaram a possibilidade de que aquele ano ímpar carregasse o signo da morte.

Mesmo que sua vida continuasse colorida, Cyro começou a notar, já no início de 1939, que o tempo começava a ficar sombrio no Brasil e no resto do mundo. Ele ainda estava no Rio

---

<sup>419</sup> A respeito da fundação da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul, ver as informações disponíveis em: <http://aprs.org.br/instituicao/historico/> Acesso em: 09/08/2017.

<sup>420</sup> As informações sobre o reajuste salarial e a mudança de denominação da função estão no documento intitulado “Apostila” (Delfos, caixa 12 do Acervo Cyro Martins, sem número de tomo), que traz a data de 27 de janeiro de 1939 e a assinatura de Carlos Tettamanzy, à época responsável pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública.

de Janeiro em 10 de novembro de 1937, o dia em que Getúlio Vargas declarou o Estado Novo e resolveu governar o país de forma autocrática. Os episódios seguintes ele acompanhou de longe, enquanto estudava para o concurso do São Pedro. Na madrugada de 11 de maio de 1938, no momento em que ele deixava de lado os manuscritos de *Enquanto as águas correm* e decidia deitar-se ao lado de Suely, um grupo de integralistas liderado por Severo Fournier tentava invadir o Palácio da Guanabara. O intuito dos assaltantes era, antes de tudo, o de matar o ditador que lhes usara para dar o golpe de 1937. Se tivessem sucesso na parte inicial da empreitada, implantariam um regime totalmente inclinado para a direita, baseado nos preceitos Deus, Pátria e Família. Durante o sono de Cyro, Getúlio, parentes e companheiros resistiram à bala até que forças policiais e militares contivessem os integralistas. Ao acordar e saber das novidades, Cyro ficaria dividido entre o alívio e o terror. Alívio por não ter de viver sob o jugo dos integralistas. Terror porque o Estado Novo sobrevivera e, por ter sobrevivido, seria mais duro.

Não era só no Brasil que o terror movia as garras. Na Espanha, desde a vitória nacionalista na Batalha de Ebro, Francisco Franco sufocava a Catalunha e a Segunda República – que contava com a simpatia e o apoio distante de Cyro. No primeiro mês de 1939, quando ele parou de trabalhar nos originais do seu terceiro livro, soube que as tropas de Juan Yagüe, ladeadas por voluntários do *Corpo Truppe* italiano, entraram sem resistência em Barcelona. O fim da Guerra Civil era questão de tempo. Definitivamente, um ano que se inaugurava com a queda republicana e o triunfo franquista não poderia ser bom.

1939 estreava mal. Cyro acompanhava os movimentos políticos daquele ano que o iludira tanto antes da chegada e percebia a escuridão. Ele lembrava de ter falado para Bilo, nas últimas férias da Faculdade de Medicina, que Adolf Hitler e Benito Mussolini eram ameaças não só para os alemães e os italianos. Cedo ou tarde, o mundo sofreria com as decisões dos exaltados e teatrais chefes de Estado. Em 1939, o aviso se tornara realidade. O apoio dos dois foi essencial para que Franco derrubasse a Segunda República. Não havia dúvidas de que se consolidava um projeto de regimes totalitários, baseados na força, na expansão de território, de poder militar, e, principalmente, na oposição às ideias de esquerda que sopravam da URSS.

A sua maneira, Getúlio – e com ele o Brasil – namorava com esses regimes. O “baixinho” deixava que os interventores e diplomatas recebessem Edda, a filha de Mussolini, enviava Lutero Vargas, seu primogênito, para estudar e casar na Alemanha, entregava, sem dó e remorsos, Olga Benário – grávida de Luís Carlos Prestes – aos nazistas. Se, por um ângulo, mostrava seu lado totalitarista para agradar as potências estrangeiras, os militares e os

simpatizantes fascistas que o apoiavam internamente, por outro, paquerava com a democracia e nomeava Oswaldo Aranha para ser embaixador nos Estados Unidos.

Cyro não esquecia de Getúlio, aquele homem sorridente que cumprimentava cada um os jovens candidatos a escritor que se amontoavam na frente da Livraria do Globo. Das muitas gerações de políticos saídas do Sul, ele era, de longe, o representante mais bem-sucedido. Era, também, o mais ladino e misterioso. Para ter vantagens, ele poderia enganar a todos, poderia manobrar os cenários como bem entendesse. Quase dez anos antes, o próprio Cyro não se jogara em uma revolução para levá-lo ao poder? Não ficara em pé pelo Rio Grande? Getúlio Vargas, Benito Mussolini, Adolf Hitler, Francisco Franco. Esses nomes assustavam Cyro, soavam com tons de mau agouro. Ele já não sabia para onde as águas de 1939 correriam, mas entendia que não era para um estuário claro e pacífico.

Naqueles tempos nebulosos, a vida de Cyro continuava andando bem. Ele se encaixara sem problemas na rotina do São Pedro. Além dos expedientes no hospital durante os dias úteis, em um sábado de cada mês ele participava das sessões da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria. Em abril de 1939, Jacintho Godoy colocou em ação uma de suas ideias para que o São Pedro contasse com profissionais qualificados. A Escola de Enfermagem abriu sua primeira turma e, como todos os neurologistas da instituição, Cyro teve de virar professor. A nova atividade era um desafio que ele não experimentara até então, mas a oportunidade e a gratificação que recebeu não poderiam ser ignoradas. Por dar aulas, ganhou mais uma linha no currículo e seu salário aumentou em 1/3<sup>421</sup>. O dinheiro extra permitiu que, meses depois, ele abrisse, na Galeria Chaves, seu primeiro consultório em Porto Alegre<sup>422</sup>.

O trabalho com *Enquanto as águas correm* também evoluía. O livro sairia pela Globo, que atingira, anos antes, uma fase de consolidação. Segundo Elisabeth Torresini, a editora terminou “o ano de 1937 com duas prestigiadas revistas [*Almanaque do Globo* e *Revista do Globo*] e dezenas de edições de autores regionais e autores estrangeiros traduzidos, além das edições de caráter técnico e voltadas para o ensino”. Esse volume de publicações fez do negócio dos Bertaso “uma editora nacional” cujo prestígio tornou-se “indiscutível”<sup>423</sup>. A Globo não ganhou apenas prestígio. Antes de tudo, lucrou, pois era preciso saúde financeira para imprimir e lançar tantos títulos. Uma vez que a Globo trabalhava com impressão, papelaria, manuais e

<sup>421</sup> Ficha funcional de Cyro no Hospital Psiquiátrico São Pedro, primeira entrada referente ao ano de 1939.

<sup>422</sup> As informações sobre o consultório na Galeria Chaves podem ser encontradas em: *Autores gaúchos* – Cyro Martins. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 13 e DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins* – 100 anos: o homem e seus paradoxos. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 84.

<sup>423</sup> As citações estão em: TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 81.

livros didáticos, era evidente que os rendimentos não vinham exclusivamente da literatura. No entanto, a Seção Editora se mantinha e gerava lucros. Henrique Bertaso, o chefe do departamento, e Erico Verissimo, seu conselheiro literário, tinham consciência de que o prestígio da casa precisaria ser bancado de alguma forma. Com obras de vendagem fácil e retorno certo – incluídas na *Coleção Amarela* e na *Coleção Verde* –, a Seção poderia investir em autores reconhecidos como Thomas Mann, Virgínia Woolf, Marcel Proust e Aldous Huxley. Naturalmente, os sucessos comerciais garantiam aplicações em outros projetos, mais voltados para a demanda interna. Também era necessário publicar os escritores locais. Na maioria dos casos, o mercado deles se restringia ao próprio Rio Grande do Sul e as suas vendas eram baixas. Seus nomes, entretanto, acrescentavam valor à marca da Globo.

Publicar mais uma obra de um escritor com mercado reduzido não traria grandes ameaças para as finanças da editora. Além disso, em 1939, a Globo ainda colhia os frutos de seu primeiro grande sucesso caseiro. Saído no ano anterior, *Olhai os lírios do campo*, de Erico Verissimo, elevava a outro patamar o autor e a Globo. Em 1938, o romance exigiu três edições, dando retorno para a editora e para Erico. Ao abordar o episódio, Elisabeth Torresini destacou que o livro trouxe “um enorme prestígio à editora e à literatura rio-grandense, ao relatar um Rio Grande do Sul diferente daquele apresentado pelos autores da linhagem regionalista”<sup>424</sup>. Centrada nos médicos Eugênio e Olívia, a trama urbana de Erico se desenvolve ao redor de motes como a ascensão social, a realização amorosa, a solidariedade e a busca pela felicidade. Para Manoelito de Ornellas, crítico que tratou de *Olhai os lírios do campo*, a obra enfocava temas contemporâneos, até então inexplorados na ficção gaúcha<sup>425</sup>.

A característica urbana de *Olhai os lírios do campo* era bem trabalhada por Erico, mas não era exatamente uma novidade nas letras sul-rio-grandenses. Em 1897, com o romance *Estrychnina*, José Carlos de Souza Lobo, Mário Totta e Paulino de Azurena tinham explorado o espaço urbano – especialmente o porto-alegrense – e tratado, como tantos outros antes deles, de assuntos perenes como a irrealização amorosa e a morte. Dyonélio também se valeu do urbano em *Os ratos*, de 1935, e o próprio Erico o fizera em duas oportunidades anteriores – em *Clarissa*, 1933, de modo discreto, e em *Caminhos cruzados*, 1935, de maneira contundente. Talvez o sucesso da obra de Erico não se devesse somente à temática urbana. O livro era narrado de um jeito fluido, apresentava uma história bem contada, com uma linguagem despida de regionalismos, com um bom desenvolvimento de personagens. Aliás, os protagonistas não

<sup>424</sup> TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 84.

<sup>425</sup> ORNELLAS, Manoelito. *Vozes de Ariel*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939, p. 17.

atuavam na campanha, a narrativa não se ligava ao trabalho do campo, ao patriarcado rural ou ao peão de estância. Eugênio e Olívia eram profissionais liberais, carregavam a marca de um novo tempo. Afora tais predicados, *Olhai os lírios do campo* lidava com aquilo que movia a literatura e os leitores desde sempre – o amor, a vida, a morte.

O prestígio do último lançamento de Erico e a estabilidade financeira pela qual passava a Globo permitiam que ela investisse em autores como Cyro. Apesar de ter duas publicações no currículo, ele não cravara um lugar entre os escritores do Rio Grande do Sul. Mesmo que aparecesse nas fotos comemorativas da editora como “colaborador e amigo da Globo”, ele não era um dos primeiros nomes que figuravam no catálogo da casa. Suas aparições na *Revista do Globo* também não eram das mais frequentes, pois estava quatro anos ausente das páginas do periódico.

*Sem rumo* passou pela Globo. Passou, inclusive, pelas mãos de Erico, o conselheiro literário de Bertaso. A longo prazo, a silenciosa negativa da editora não afetou Cyro. Pouco tempo depois, ele tentou de novo, com *Enquanto as águas correm*. O momento era outro e diversos aspectos mostravam isso. A Globo navegava nas águas da bonança e tinha condições de aplicar certa quantia no projeto de Cyro. A conjuntura política era grave, pois estavam em pleno Estado Novo. Dessa vez, entretanto, a obra de Cyro não carregava tantas críticas quanto *Sem rumo* e a editora não corria riscos de ter problemas com o governo. Esse panorama favorecia a acolhida do livro de Cyro, mas o ponto decisivo para o aceite devia estar justamente nas páginas do material submetido à avaliação da Globo.

A construção de *Enquanto as águas correm* era mais aperfeiçoada do que aquela apresentada em *Sem rumo*. Cyro não solucionara completamente o problema dos cortes narrativos e temporais que atrapalhavam o desenvolvimento de *Sem rumo*. Na nova tentativa, porém, os treze capítulos de extensão variada tinham um nível de fluidez maior. Embora mantivesse as ações no cenário de um pequeno município da fronteira com o Uruguai – tática que utilizaria em grande parte de sua produção ficcional –, o autor mostrava algumas variações de repertório. O trabalho referente a Isidro<sup>426</sup>, o protagonista, era a principal delas.

Isidro é uma figura complexa, diferente daquelas criadas por Cyro nos contos anteriores e na novela de estreia. Quando o leitor entra em contato com o Isidro, nota-se, de imediato, que o autor investiu seus esforços na composição interior do personagem. Por colocá-lo no espaço da campanha e na margem de uma cidade interiorana, Cyro não deixa de falar do gaúcho a pé

---

<sup>426</sup> Na primeira edição, de 1939, o personagem se chamava Isidro, nas posteriores (1981, 1990), o autor optou por Izidro. Como trabalho com a publicação de 1939, opto pela forma Isidro.

e da sobrevivência dos abandonados pela sorte e pelo poder público. Aliás, na produção ficcional posterior a *Sem rumo*, em raras oportunidades Cyro deixaria de analisar os problemas sociais, econômicos e humanos da campanha. *Enquanto as águas correm* é o segundo livro no qual o autor paga esse tributo. No entanto, na nova empreitada, ele se prende mais à observação dos caminhos de um homem do que à elaboração de um diagnóstico socioeconômico. Como disse Carlos Jorge Appel, o drama de Isidro leva Cyro “a uma nova perspectiva humana”, pois seu protagonista se constrói em meio às indagações de caráter existencial” e ao anseio por uma “liberdade metafísica, longínqua”<sup>427</sup>. A opção pelo retrato intrincado de um personagem e a elaboração mais caprichada fazem com que *Enquanto as águas correm* seja uma obra literariamente superior a *Sem rumo*.

Em 1939, após passar mais de um ano trabalhando em Isidro, tentando melhorar o que não surtira bom efeito na história de Chiru, perto do final de julho, Cyro conseguiu publicar *Enquanto as águas correm*<sup>428</sup>. Ele não estava totalmente satisfeito com o romance, pois ainda precisava avançar em alguns pontos. Apesar disso, ele considerava que evoluíra como escritor. Naquele momento, Cyro não tinha como saber que, depois de tanto esforço, *Enquanto as águas correm* seria relegado às sombras pela crítica e pelos leitores e que *Sem rumo* sobreviveria.

Autor de três livros, Cyro era considerado “um nome de projeção” no meio literário. Por isso, em 1º de agosto, o *Correio do Povo* o convidou a participar da enquete “Literatura dá para viver?”. Na edição anterior, o jornal fizera a pergunta a Erico Verissimo, Vianna Moog, Athos Damasceno Ferreira e Reynaldo Moura, que defenderam “os mais variados pontos de vista”. No dia 1º, Cyro, De Souza Júnior e Manoelito de Ornellas foram interpelados. De Souza Júnior expressou que se sentia “sombriamente pessimista” em relação ao inquérito. Ele tinha “certeza” de que ainda não era possível viver de literatura. Manoelito de Ornellas disse que as chances de “de se viver da profissão de escritor, no Brasil”, ainda lhe pareciam “precárias”. Ornellas entendia que isso poderia acontecer se houvesse “uma mudança de rumos” na literatura brasileira, uma mudança que provocasse “o interesse do público pelo livro”. Na percepção de Manoelito, os leitores estavam “saturados da literatura da fome, da miséria e dos andrajos”<sup>429</sup>.

<sup>427</sup> APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem monarca. In: *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 21.

<sup>428</sup>Suponho o mês de publicação baseado no exemplar de *Enquanto as águas correm* localizado no Acervo João Otávio Nogueira Leiria, no Delfos (número de catalogação JNL 869.9937 M386e). O livro tem uma dedicatória de Cyro para Leiria na qual a data aparece: “Ao querido amigo J. O. Nogueira Leiria, com um abraço do Cyro. P. Alegre, 30/07/1939”.

<sup>429</sup> As referências à enquete foram retiradas de: LITERATURA DÁ PARA VIVER? *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 1º/08/1939.

Cyro, o mais novo e o menos conhecido dos entrevistados, foi abordado quando chegava em casa, na Duque de Caxias, depois de cumprir o expediente no Hospital São Pedro. Frente ao questionamento, ele resolveu falar por si: “Apesar de já ter publicado três livros, ainda sou estreante em matéria de ‘finanças literárias’, o que vale dizer que, quanto a dinheiro, os livros até hoje têm me dado mais prejuízo do que lucro”. *Campo fora* e *Sem rumo* não devem ter sido sucessos de venda e esperar o contrário talvez fosse sonhar demais. Cyro era um autor relativamente jovem, trabalhava com uma temática de difícil exportação e vinha sendo publicado em tiragens modestas. Diante desse cenário, seria difícil se sustentar apenas com os frutos da literatura. Não havia novidades no fato de ele dizer que não lucrava com suas obras. A informação sobre o prejuízo é a que chama a atenção. Não se encontram documentos referentes à edição de *Campo fora*, *Sem rumo* e *Enquanto as águas correm*, mas nada indica que ele tenha colocado recursos próprios nas publicações – sua situação financeira, que não era tão folgada, não favorecia essa hipótese. É provável que ele tenha gastado tempo e dinheiro comprando, enviando exemplares para leitores “especializados”, críticos, escritores que pudessem dar uma opinião abalizada sobre os livros. Isso, no entanto, fazia parte do jogo e Cyro sabia disso. Na enquete, ele também afirmou que não se envergonhava dos prejuízos, que aprendeu a não avaliar o “mérito de um escritor pelas vantagens monetárias que os seus livros lhe proporcionem”. Mesmo admitindo cair em um lugar comum, Cyro advertiu que “o desejo e o orgulho de ganhar dinheiro com o que escreve não devem dominar a mentalidade do escritor, com prejuízo da excelência da produção”<sup>430</sup>.

As declarações na enquete deixam claro que Cyro não se preocupava em ter sucesso financeiro com os livros. O que ele queria mesmo era ser lido e avaliado. No caso de *Enquanto as águas correm*<sup>431</sup>, sua última publicação, poucos se aventuraram a tecer uma apreciação – assim como foram poucos os que compararam as duas primeiras narrativas longas de Cyro. Em *Letras da Província*, no capítulo “Itinerário de um romancista”, Moysés Vellinho fez breves comentários, divididos entre poucos elogios e algumas críticas. “Se bem que já descubra um sensível progresso sobre as obras anteriores”, disse Vellinho, “principalmente do ponto de vista da feitura técnica, é ainda uma novela escassa”<sup>432</sup>. A relação de *Enquanto as águas correm* com

<sup>430</sup> As referências à enquete foram retiradas de: LITERATURA DÁ PARA VIVER? *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 1º/08/1939.

<sup>431</sup> Em “As coxilhas sem monarca”, Appel cita uma carta enviada por Augusto Meyer a Cyro. Não se sabe a data e não se tem acesso ao conteúdo integral da correspondência, mas apenas a algumas palavras que soam bem e não provocam muito entendimento: “extraordinário solilóquio, cheio de pudor, mas grave e, às vezes, pungente”. Em: APPEL, Carlos Jorge. *As coxilhas sem monarca*. In: *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 21.

<sup>432</sup> VELLINHO, Moysés. Itinerário de um romancista. In: *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 163.



*Campo fora e Sem rumo* não se mantêm na percepção do “progresso” de Cyro. Vellinho fala no experimento “de emancipação dos motivos estritamente gauchescos”, que poderia ter um resultado melhor se não tivesse deixado o livro “numa zona imprecisa, onde a intenção do novelista, talvez um depoimento, se desmancha nos acidentes pouco impressionantes de uma história que não chega a tomar corpo”<sup>433</sup>. As palavras de Vellinho indicam que, na terceira publicação, Cyro evoluiu como escritor, mas ainda precisava se aprimorar. Quase quarenta anos depois de Moysés Vellinho, Carlos Jorge Appel também assinalou a quebra de *Enquanto as águas correm* – “o romance menos conhecido de Cyro Martins”, segundo ele – em referência às duas que a precederam. Para Appel, o terceiro livro se distinguia dos outros por mostrar a predominância dos descaminhos de uma figura exilada e não dos “contornos ambientais, os costumes e os valores sociológicos”<sup>434</sup>.

A mais significativa das avaliações críticas da obra de 1939 foi escrita justamente por aquele que acompanhou a elaboração do romance: Mário Martins. Em 8 de setembro daquele ano, no *Jornal do Estado*, com o quase pseudônimo de Mário Alvarez – seu nome completo era Mário Alvarez Martins –, ele saiu da habitual discrição e publicou um texto que, se não primava pela criatividade do título (“Enquanto as águas correm”), trazia ideias interessantes sobre a produção de Cyro até aquele terceiro livro.

Uma delas foi dita sem rodeios, logo nas linhas iniciais: “Tendo-se em conta o sentido do último livro de Cyro Martins, publicado há 2 anos, era de prever que o autor abandonaria o gênero regionalista, como o fez de fato agora em seu recente romance”<sup>435</sup>. Mário acreditava que *Sem rumo* “era já uma novela, mas ainda regionalista”. Só pelo fato de optar pela novela, Cyro já buscava se desligar da linhagem regionalista. Mário também pensava que o autor de *Sem rumo* deveria ter apresentado “mais parcimônia no emprego do colorido vocabulário rio-grandense”<sup>436</sup>. Para o crítico, os méritos do livro de 1937 estavam na tentativa de retratar “o drama doloroso que vem vivendo o homem que povoa a nossa campanha”<sup>437</sup> e de focalizar o “ocaso das figuras gaúchas”<sup>438</sup>. Ainda tratando de *Sem rumo*, Mário deixa claro que, mesmo

---

<sup>433</sup> VELLINHO, Moysés. Itinerário de um romancista. In: *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 163.

<sup>434</sup> APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem monarca. In: *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 21.

<sup>435</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 11.

<sup>436</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 11.

<sup>437</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 11.

<sup>438</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 12.

sendo corajosa, verdadeira e sentida, naqueles dois anos, a obra “não teve no Rio Grande, ao que nos parece, a repercussão merecida”<sup>439</sup>.

O recorrido feito à produção anterior de Cyro é útil a Mário por alguns motivos: indica que o autor analisado é dono de um histórico de publicações; repercute, ligeiramente, o que estava silenciado; coloca *Enquanto as águas correm* em um patamar diferente daquilo que veio antes. Quando chega ao último romance de Cyro – o que mais lhe interessa –, Mário destaca três aspectos: estilo, espaço e personagem. Os dois primeiros são citados de forma rápida e sem muito desenvolvimento. A brevidade, no entanto, não impede que Mário aponte erros e acertos. Para ele, o estilo é um ponto positivo, que “se enriquece de uma limpidez e de uma pureza de tons [...] revelando cuidado de fatura, ausência de artifícios, exata adaptação aos temas”, além de demonstrar “viva e flagrante poesia”<sup>440</sup>. Já quanto ao espaço, Mário salienta as “excelentes descrições”<sup>441</sup> – do ambiente de uma cidadezinha, dos subúrbios abarrotados de seres humildes, do rio claro e lento – e o relevo que o meio físico e o meio social ocupam na narrativa. Mário considera tal relevo um aspecto interessante, mas acha que dele decorrem certos prejuízos. No seu entender, a atenção dada aos eventos climáticos, à análise social e à participação de personagens secundários desligados do centro da história provocam cortes e enxertos que desviam “o interesse do leitor” e causam “um roubo à força total do romance”<sup>442</sup>.

Mário tinha razão ao falar dos cortes narrativos. Cyro melhorou em relação ao que fizera em *Sem rumo*, mas algumas falhas se repetiram. Os episódios que envolvem o Doutor Ladislau, por exemplo, pouco dialogam com a situação de Isidro e são até mesmo supérfluos no conjunto de *Enquanto as águas correm*. Mário era um leitor sensível e percebeu essas nuances. A crítica que faz aos cortes e aos personagens secundários também se explica por outro caminho. Interessava a Mário a figura de Isidro, que ele apontava como tema central do livro. Não por acaso, boa parte da avaliação publicada no *Jornal do Estado* é dedicada ao protagonista.

“Na psicologia do personagem central”, diz Mário, “é que se concentra o maior interesse do romance”<sup>443</sup>. Diversos argumentos sustentam a afirmação do amigo que vestia roupagem de crítico literário. O que chamava a atenção de Mário – tanto na análise de *Enquanto as águas*

---

ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 11.

<sup>440</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 13.

<sup>441</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 13.

<sup>442</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 13.

<sup>443</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 14.

*correm* quanto na vida profissional – era a psicologia. Por isso, não foi à toa que ele puxou o assunto para uma área na qual se sentia à vontade. Somou-se à inclinação de Mário um aspecto evidente: quem movia as águas do romance era Isidro.

Apesar dos deslizes narrativos, o leitor segue a trilha do protagonista. Isidro surge na campanha envolto em mistério e as dúvidas sobre ele permanecem até as últimas páginas. Antes de direcionar a crítica para um caminho de citações de *Enquanto as águas correm* e de pouca reflexão, Mário fala na “sombra estranha” que paira sobre o personagem, em sua incompreensão íntima, introspecção e psicologia – “feita em tons velados, em linhas que devem ser compostas pouco a pouco”<sup>444</sup>. Mesmo sendo nebuloso, logo no começo da história, se apreende algo a respeito de Isidro: ele é um exilado. Suas origens e seus destinos não são desconhecidos, mas se percebe que, de onde veio e para onde for, Isidro será um exilado. Caminhando pelo pampa, escondendo seu passado nas conversas de bolicho, falando em castelhano, inventando histórias para um jovem que passa férias no campo – e lembra o Cyro adolescente –, morando na beira de uma cidadezinha, aconselhando os abandonados pela sorte, lutando contra a enchente, mendigando ou vivendo da caridade de uma prostituta, Isidro passa a sensação de que está fora do lugar.

O segundo semestre de 1939 foi um período no qual pessoas e territórios também começaram a ficar fora do lugar. Na semana anterior à publicação da crítica de Mário no *Jornal do Estado*, uma notícia se espalhou pelo mundo. Na madrugada de 1º de setembro, a Alemanha e o Estado fantoche da Eslováquia marcharam sobre a Polônia. Ao contrário do que o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain desejava, a fome de Adolf Hitler por um “espaço vital” não cessou. Apesar de não se opor à anexação da Áustria e dos Sudetos pela Alemanha, de sacrificar a Tchecoslováquia, de ceder à crescente militarização alemã – proibida pelo Tratado de Versalhes – e de assinar acordos de paz na Conferência de Munique, em 1938, a política de apaziguamento conduzida por ingleses e franceses não deu resultado positivo. Os ânimos bélicos não abandonaram a Europa desde 1918 e a invasão da Polônia foi o estopim da situação. Comprometidas com os poloneses, dois dias depois, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. O mundo já conhecia as consequências de um conflito em grande escala, mas os episódios sangrentos que seguiriam o setembro negro de 1939 espantariam as pessoas de todas as partes da terra.

---

<sup>444</sup> ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 14.

Em Porto Alegre, as manhãs nubladas daquele setembro fizeram com que Cyro se concentrasse ainda mais nos jornais que traziam manchetes sobre a guerra. Em 22 de setembro, enquanto andava pela Rua da Praia e folheava o *Correio do Povo* em busca de notícias a respeito da invasão soviética à Polônia, Cyro encontrou uma informação que também consideraria sombria. Em texto publicado no livro *O mundo em que vivemos*, em 1983, com aparentes detalhes memorialísticos, ele contou o caso: “[...] num canto da segunda página, embaixo, à esquerda, deparei com um telegrama de Londres, que me soou insólito naquele momento histórico, consagrado aos males bélicos. Noticiava-se o falecimento, ocorrido na véspera, de Sigmund Freud”<sup>445</sup>. Caso Cyro soubesse do óbito de Freud em 22 de setembro, ele ou os redatores do *Correio do Povo* seriam dotados de poderes mediúnicos, pois o fato só se deu no dia seguinte. Cyro pode ter se perdido ao lembrar de tantas minúcias e o erro das datas não interfere no sentido principal daquilo que ele pretendia rememorar – o fim de um grande homem.

Cyro sabia que Freud estava enfermo e sofria com a idade e as doenças. Através de reportagens e fotos, ele acompanhara a fuga do psicanalista de Viena, as andanças por Paris e a chegada a Londres, o último ponto do exílio. Na fotografia em que Freud aparecia ladeado pelo embaixador americano na França e por Marie Bonaparte, Cyro viu “uma pessoa combalida, pelos anos, pela doença e pelas apreensões dolorosas da hora”. Mesmo diante de um personagem que transpirava o fim, Cyro acreditou ver “o brilho de seu olhar inquieto, de humanidade ferida”, que “bem evidenciava sua lucidez e a força de penetração de sua visão mental das ansiedades e conflitos que ligam, nivelam e separam os homens”. Conhecedor do estado de Freud, mas ainda crente na força do mestre, naquele final de setembro, Cyro experimentou “um impacto de singular riqueza”<sup>446</sup>.

Forte ou doente, gênio ou comum, um homem pode sumir da vida em qualquer hora, dia, mês e ano, mas como um ano some da vida de um homem? A cronologia do fascículo de *Autores gaúchos* dedicado a Cyro pula de 1939 para 1941. Parece que ele não viveu o 1940. De fato, são raras as informações acerca desse ano. A ficha de funcionário do Hospital São Pedro é um dos poucos rastros existentes. Na entrada referente a 1940, apenas uma linha indica os acontecimentos daqueles 366 dias: “Efetivo todo ano – Em janeiro entra em férias”<sup>447</sup>. O que ele fez nas primeiras férias remuneradas de sua vida? Viajou com Suely para Quaraí? Inaugurou

<sup>445</sup> MARTINS, Cyro. Humanismo psicanalítico e a guerra. *O mundo em que vivemos*. Porto Alegre: Movimento, 1983, p. 13.

<sup>446</sup> MARTINS, Cyro. Humanismo psicanalítico e a guerra. *O mundo em que vivemos*. Porto Alegre: Movimento, 1983, p. 13.

<sup>447</sup> Ficha funcional de Cyro no Hospital Psiquiátrico São Pedro, única entrada referente ao ano de 1940.

a tradição de passar algumas semanas na praia? Ficou em Porto Alegre e escreveu? Atendeu clientes no consultório da Galeria Chaves? Não há respostas afirmativas para nenhuma dessas perguntas. Não existem cartões postais, depoimentos, linhas ou palavras monossilábicas sobre viagens. Também não existem pistas sobre uma permanência na capital, embora essa alternativa seja a mais provável. Apesar da estabilidade garantida pelo salário, Cyro não vivia com tanta folga. Além das despesas da casa – agora abarcadas por ele – havia o aluguel do consultório. Talvez ele passasse horas ao lado de Suely, caminhando pela Rua da Praia, visitando a Livraria do Globo e vendo filmes nos cinemas do centro. É possível que, naquelas primeiras férias, Cyro tenha iniciado um hábito que o perseguiria até o final da vida: agilizar a ficção. Com tempo, ele colocaria a leitura literária em dia e se dedicaria intensamente à escrita, dando gás aos projetos rabiscados entre os períodos de trabalho no São Pedro e no consultório.

Fora do mês de descanso, as atividades no hospital e no consultório devem ter sido as mesmas do ano anterior: atendimentos, diagnósticos, sessões da Sociedade e aulas – na Escola de Enfermagem e em um curso público de psiquiatria idealizado por Jacintho Godoy<sup>448</sup>. Através dos anúncios publicados no *Diário de Notícias* de abril a dezembro, é possível saber que ele dava expediente no consultório das 14h às 16h e deixava disponível o endereço (Rua Duque de Caxias 1294, apartamento 7) e o telefone de casa (91697). Também pelos anúncios do jornal, se vê que, a partir de setembro, Cyro mudou de residência mais uma vez. Ele saiu do Centro e foi para perto do Hospital São Pedro, no Partenon, na Avenida Bento Gonçalves 795<sup>449</sup>.

No tocante ao seu papel de intelectual, em 1940, Cyro deixou dois rastros significativos. O primeiro deles apareceu nas páginas do *Correio do Povo* em 31 de outubro e levou o título “Tradições e símbolos”. À primeira vista, a intenção de Cyro no artigo era a de comentar a conferência proferida por Manoelito de Ornellas dias antes no “salão nobre do Instituto de Educação”. A palestra de Ornellas tratava do culto à tradição e aos símbolos tanto no Sul do Brasil quanto no Uruguai e na Argentina. Cyro reconhecia o apelo de Manoelito de que era necessário ensinar às novas gerações os feitos dos antepassados para que se evitasse “o total apagamento daqueles rastros ancestrais”. Mesmo salientando a pertinência do discurso de Ornellas pela “vibração” que a animou e pela “força do ideal” que a orientou, Cyro afirmou que era igualmente importante falar sobre os descendentes dos antepassados heroicos. No final das contas, ele queria abordar a situação do gaúcho a pé. Para Cyro, era de conhecimento geral o

---

<sup>448</sup> Informações sobre o curso obtidas no site da Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://aprs.org.br/instituicao/historico/> Acesso em: 09/08/2017.

<sup>449</sup> Tive acesso a alguns exemplares do *Diários de Notícias* de 1940 em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726\\_02&PagFis=1&Pesq=](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093726_02&PagFis=1&Pesq=) Acesso em 13/09/2017.

que se passava com os sujeitos do campo abandonados à sorte. Ele até lembrou que houve “quem denunciasse a existência do problema, porém a denúncia foi esmagada pelo silêncio”<sup>450</sup>. Com essas palavras, indiretamente, Cyro fazia referência a si próprio e se mostrava diferente dos demais intelectuais gaúchos. Ele percebera o problema, escrevera sobre o assunto, tentara chamar a atenção para os “cercos de miséria” que rodeavam as cidades e para os sujeitos que definhavam pela falta de comida, abrigo, trabalho, oportunidade e esperança. Cyro concordava com a reivindicação exposta por Manoelito de Ornellas em “Tradições e símbolos”, mas torcia para que o olhar de resgate não se voltasse somente para o passado. Aqueles gaúchos a pé sem heroicidade, símbolos de um novo tempo, também precisavam, de alguma forma, ser resgatados da miséria na qual estavam enterrados.

Em 15 de novembro o nome de Cyro voltaria às páginas do *Correio do Povo*<sup>451</sup>. Junto com Telmo Vergara, Darcy Azambuja, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas, Dyonélio Machado e outras dezenas de escritores e jornalistas, ele compareceu a um almoço de confraternização oferecido por Loureiro da Silva, então prefeito de Porto Alegre. A homenagem aos intelectuais gaúchos ocorreu no Grande Hotel e contou com a presença dos interventores federais no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina – Cordeiro de Farias e Nereu Ramos. O evento não era uma tentativa demasiado gritante, por parte do Estado Novo, de cooptar os intelectuais, mas um sinal de que a aproximação era viável, de que o estabelecimento de um *modus vivendi* entre ditadura e classe pensante não estava descartado.

Quando não publicava artigos em jornais, não clinicava ou não participava de confraternizações, o que afetava a rotina de Cyro eram as notícias vindas da guerra. Ele se preocupava com os avanços nazistas. Em junho de 1940, a fase da Guerra de Mentira chegou ao fim e Hitler começou a andar com passo acelerado para uma possível vitória. Depois de dominar Dinamarca, Noruega, Holanda, Luxemburgo e Bélgica, veio a Batalha da França e a tomada de Paris. Parecia que nada deteria as táticas da *Blitzkrieg* e as garras do nazismo. Após o Milagre de Dunquerque, os britânicos resistiam aos bombardeios da *Luftwaffe* e tentavam manter alguma fé na virada aliada. Cyro também desejava a virada, mas, se os eventos continuassem naquele rumo, o Eixo Roma-Berlim sairia vitorioso. Leitor que acompanhava a ascensão de Hitler desde o início da década de 1930, Cyro desconfiava – junto com boa parte do mundo – que, uma hora ou outra, o Pacto Molotov-Ribbentrop seria quebrado. O discurso anti-comunista dos nazistas era muito agressivo para ser deixado de lado. Precisando de

<sup>450</sup> As citações foram retiradas de: MARTINS, Cyro. Tradições e símbolos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 5, 31/10/1940.

<sup>451</sup> Sobre o almoço em homenagem aos intelectuais gaúchos, ver: *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 16/11/1940.

matéria-prima soviética para resistir aos bloqueios aliados, em algum momento, Hitler abriria uma frente oriental.

Simpatizante do ideário comunista, mas contrário às ocupações protagonizadas pela URSS naqueles últimos meses, Cyro torcia para que Joseph Stálin ignorasse os tratados com a Alemanha. Cyro também torcia para que os Estados Unidos de Franklin Delano Roosevelt abandonassem a posição neutra e se juntassem aos Aliados. Com a entradas desses dois países na guerra, o conflito ganharia uma proporção maior, mas poderia tomar outra direção que não a da suástica. Na segunda metade de 1940, as incertezas rodeavam os caminhos do mundo e os de Cyro. No entanto, a notícia que mais mexeu com ele não veio da Europa. Veio de Porto Alegre, de dentro de sua casa.

Depois de cinco anos de matrimônio, Cyro e Suely teriam um filho. Em uma época na qual era comum a chegada das crianças meses após o casamento, os motivos para que isso não tivesse acontecido com os dois até as bodas de madeira eram desconhecidos. Na ausência de explicações, só restam suposições – uma decisão conjunta, possíveis abortos de Suely, uma opção de Cyro por concluir a formação e atingir uma renda estável. Há perguntas sem respostas sobre o porquê de o casal não ter tido filhos antes e também há questões sobre o porquê de resolverem gerar uma vida em tempos tão incertos. Novamente, só se pode trabalhar com suposições. Talvez a pressão de Antenor e de Lucinda, ávidos por um neto, tenha atingido seu objetivo. Encurralado, o jovem casal não viu outra saída e cedeu. Talvez Suely quisesse engravidar desde o início do casamento, mas apenas em 1940 a gestação evoluiu. Talvez Cyro achasse que, naquele momento, havia estabilidade suficiente – pelo menos para ele – e que ambos estavam prontos para dar um passo adiante na relação.

Em meio às tantas incertezas, suposições e possibilidades que preencheram o 1940 de Cyro, um fato se impunha: ele seria pai. Extremamente apegado à figura paterna, tendo conhecimento do peso do pai na vida de um indivíduo, ele tinha a noção exata da importância de seu novo papel. Mesmo que soubesse de todas essas coisas e tivesse experimentado, por vinte e cinco anos, uma saudável relação com Bilo, não havia garantias de que Cyro estava pronto para o que viria.

## 8 DEPOIS DAS TEMPESTADES

Em janeiro de 1941, Cyro entrou no “gozo das férias regulares”<sup>452</sup>. Assim como no ano anterior, o período de folga não significou descanso. Naquele mês, sua atenção se dividiu entre Suely, o consultório da Galeria Chaves e a escrita. A mulher estava no sexto mês de gravidez e a inclemente temperatura do verão porto-alegrense fazia com que ela sofresse. Incomodada pelo inchaço e pelo abafamento, Suely passava os dias e as noites tentando encontrar posições adequadas para sentir menos calor e poder dormir algumas horas seguidas sem tanto desconforto. Cyro ajudava na medida do possível. Como médico, tinha conhecimento das complicações de uma gestação e compreendia a situação da mulher. No entanto, por mais que se esforçasse, era o corpo de Suely que se transformava e sofria.

Cyro prestava atenções redobradas à mulher, mas não parava de tocar sua própria vida. Ele ia à Galeria Chaves frequentemente, mesmo que não tivesse tantos clientes para atender. Em *Caminhos* – ensaios psicanalíticos, ao falar sobre o primeiro consultório em Porto Alegre, Cyro disse que, de vez em quando, lhe “caía um psicótico para internar”. Atendimentos a “queixosos” eram raríssimos, uma vez que os “clínicos abocanhavam tudo”. Os pacientes eram escassos e, quando surgia algum, Cyro não tinha muitas certezas de como encaminhá-lo. Com os “poucos neuróticos” que apareciam – geralmente em estado grave, pois os clínicos, “cansados de tanto apanhar”<sup>453</sup>, se livravam do problema –, ele não sabia como agir. Como convenceria, pela persuasão, os fóbicos a enfrentarem seus temores, os obsessivos a não repetirem seus atos de verificação, os paranoides a não desconfiarem dos que o rodeavam? Quais os remédios que receitaria?

Cyro compartilhava essas perguntas com Mário Martins. Pelo que dá a entender no depoimento sobre o amigo, Cyro conseguiu que Mário dividisse as dúvidas e o consultório com ele. Não tendo respostas nem força para modificarem o cenário psiquiátrico de Porto Alegre, os dois conduziam as situações que se apresentavam como os outros profissionais da área: “fazendo insulino-terapia e aplicando eletrochoque”<sup>454</sup>.

Nos dias de férias, sem pacientes, Cyro devia aproveitar as horas na Galeria Chaves para ler e escrever. Após *Enquanto as águas correm*, ele dirigiu seus esforços literários para um outro romance, de mais fôlego do que o último. É provável que, naquele janeiro, ele já tivesse conversado com os editores da Livraria do Globo acerca das possibilidades de uma nova

<sup>452</sup> Ficha funcional de Cyro no Hospital São Pedro, entrada do ano de 1941.

<sup>453</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos*: ensaios psicanalíticos. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 139.

<sup>454</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos*: ensaios psicanalíticos. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 139.



publicação. Um rastro dessa tratativa se encontra na *Revista do Globo* de 25 de janeiro de 1941. Nas páginas 22-23 e 54-55, havia um texto com o título de “Revelação”, identificado como “Um conto de Cyro Martins”.

No primeiro par de páginas, a história de Carlos, jovem estudante de medicina, se espalhava por quatro colunas, sendo que as duas internas se ajustavam à ilustração de um homem de terno alinhado, com a mão em uma árvore e o olhar perdido nos céus. O desenho até poderia evocar o sentido da palavra revelação, mas tinha pouca ligação com o texto caracterizado como conto. Para Carlos, moço de quartos de pensão sem fatiotas bonitas, a revelação vem do plano terreno, não do celeste.

Interessado em ir a uma aula sobre o sistema nervoso, Carlos vai para a Faculdade de Medicina. Sem encontrar o professor ou os colegas, ele anda pelo prédio e chega ao necrotério. Entre os corpos, julga ver um rosto familiar. Depois de instantes duvidosos, Carlos reconhece o Compadre, “o negro imbecil, carregador de viandas da pensão de dona Carlota”<sup>455</sup>. A figura do Compadre faz com que Carlos lembre de cenas da antiga moradia. Em uma delas, ele e outros jovens entediados aproveitaram certo domingo chuvoso para rir do Compadre e da Comadre. Atuando como padre, juiz e testemunhas, os rapazes fingiram um casamento. Deficientes, sem noção da realidade, o Compadre e a Comadre acreditaram na farsa e passaram a viver como casal. Naquele domingo, o episódio causou gargalhadas nos guris. Ao ver o cadáver do Compadre, no entanto, Carlos é tomado por remorso e amargura. A partir desse momento, aflora um Carlos reflexivo e sensível. Ele pensa que, em um dia ou outro, uma turma de alunos estaria atenta “à lição do professor sobre a anatomia daquele cérebro. E trinta cérebros jovens estariam adquirindo conhecimentos úteis à custa de um único que, em vida de seu possuidor, de nada lhe valera”<sup>456</sup>. Olhando para o outro, Carlos olha para o seu interior. Ele se vê como um sujeito a quem sobrava “compaixão pelo mísero, pelo que fora pisado pela sorte implacável”<sup>457</sup>. Os instantes com o Compadre também serviram para que Carlos entendesse o que era estar só – observando os caminhos da vida – e para que se distinguisse como alguém “enriquecido na capacidade de sentir”<sup>458</sup>.

“Revelação” carrega várias revelações: o corpo de um conhecido, a compaixão, o momento solitário e a sensibilidade de Carlos. A história que tem direito a uma ilustração e a quatro páginas – as duas últimas estão apertadas entre os anúncios das edições da Globo (*As*

<sup>455</sup> MARTINS, Cyro. Revelação. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 288, p. 54, 25/01/1941.

<sup>456</sup> MARTINS, Cyro. Revelação. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 288, p. 55, 25/01/1941.

<sup>457</sup> MARTINS, Cyro. Revelação. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 288, p. 55, 25/01/1941.

<sup>458</sup> MARTINS, Cyro. Revelação. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 288, p. 55, 25/01/1941.

*vinhas da ira*, de John Steinbeck), das fitas e papéis carbonos Helios e das pílulas desinflamantes De-Lussen – ainda revela uma nova etapa da escrita de Cyro. Mesmo que Carlos faça referências à família interiorana, o enredo se passa no espaço urbano. A pensão e o prédio da faculdade são ambientes típicos da cidade que se pretende grande e têm frequentadores característicos: jovens estudantes, muitas vezes pobres, raramente abonados. Nos tempos do curso de medicina, Cyro circulava por esses ambientes e, ao retratar seus frequentadores, retratava uma parte de sua vida. Assim, a publicação de “Revelação” indicava não só um deslocamento da ficção de Cyro para o espaço urbano, mas também um movimento do autor em direção ao texto autobiográfico.

O leitor ocasional que comprou um exemplar da *Revista do Globo* em janeiro de 1941 e o leitor que teve contato com a literatura de Cyro após os anos 1970 – quando ele, junto a Carlos Jorge Appel, proprietário da Editora Movimento, reestruturou sua obra – poderiam considerar “Revelação” um conto. A narrativa se constrói ao redor de um personagem, possui certa concisão e se passa em um reduzido corte de tempo. Entretanto, recorrendo aos livros publicados por Cyro antes de 1970, é possível localizar “Revelação” inserido em um contexto narrativo maior. Em *Mensagem errante*, de 1942, o primeiro capítulo da segunda parte – “A capital” – traz a mesma história publicada em 1941. O episódio é significativo e desperta interesse por causa da pista que fornece. Se o início de “A capital” saiu em janeiro de 1941, duas hipóteses plausíveis podem ser levantadas: Cyro devia se dedicar ao romance desde 1940 – talvez, desde a publicação de *Enquanto as águas correm*, em 1939; no início de 1941, a equipe editorial da Globo já conhecia, pelo menos, fragmentos do material que viria a compor um futuro romance.

“Revelação” deixa transparecer que, no novo projeto, Cyro lançava mão dos tons autobiográficos de forma mais saliente do que fizera até então. Em *Campo fora*, havia algumas lembranças infantis referentes à campanha. No conto “Alma gaudéria”, por exemplo, a passagem “Um gaúcho quieto comentou: vai se acabá, mesmo!”<sup>459</sup> relembra a sentença proferida por um tio no anoitecer de um domingo – e de uma pretensa época –, quando as festas, a fartura e as alegrias da campanha chegavam ao fim. Em *Sem rumo*, as atitudes, as reflexões sociais e humanas do Doutor Rogério eram, em certo grau, as de Cyro. Em *Enquanto as águas correm*, o médico jovem que acompanha, pelo hospital no qual Isidro está internado, os outros dois clínicos experientes, lembra o Cyro recém-formado e suas tentativas de aprender a prática da profissão com Robertinho e Salánky.

---

<sup>459</sup> MARTINS, Cyro. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991, p. 22.

Embora discreta, a pulsão autobiográfica de Cyro já se manifestava. Por que ela ganhou força entre 1939 e 1940? Seriam os efeitos da guerra que testemunhava de longe, da estabilidade alcançada pelo ingresso no São Pedro, da chegada aos trinta anos, da paternidade que se aproximava? Cyro era um homem sensível e todos os acontecimentos à volta mexiam com ele. Nenhum deles, no entanto, tinha tanto peso quanto a paternidade. Era óbvio que sua vida se modificaria de modo irreversível com o nascimento da criança. Além de ter sob sua responsabilidade a criação de um menino ou uma menina, ele precisaria assimilar que sua relação familiar atingiria outro nível. Não haveria mais só ele ou ele e Suely. A partir de 16 de março de 1941, seriam três: Cyro, Suely e Maria Helena, que nasceu de sete meses.

As dúvidas assombram pais de qualquer idade, mas para os novatos elas surgem carregadas. Que tipo de pai pode ser alguém acostumado ao papel de filho? Cyro acreditava ter convivido com um bom modelo. Bilo fora o polo positivo de sua vida. Sem as percepções, os esforços e os ensinamentos de Bilo, Cyro não seria o que foi. Ele conseguiria representar, para Maria Helena, pelo menos um pouco do que Bilo representou para ele? O tempo mostraria Cyro como uma figura importante para o destino dos filhos. Essa força decisiva, porém, surgiria com o correr dos anos. Naquele março de 1941, o cenário fazia com que as interrogações tomassem o espaço das possíveis certezas.

O nascimento da filha não afetava apenas as vidas de Cyro e Suely. Com a criança, os Martins e os Castro de Souza continuavam e viam florescer outra geração. Os Martins eram uma família numerosa em comparação aos Castro de Souza e, por isso, para os últimos, a neta representava muito mais. Para Lucinda e Antenor, Maria Helena era o fruto de sua única filha. Assim como agiram com Suely, agiriam com a neta – a rodeariam de mimos e cuidados, fariam suas vontades dariam todo o apoio que pudessem. É provável que Lucinda tenha viajado constantemente a Porto Alegre durante a gestação de Suely e, depois do parto, ela não deve ter se ausentado da capital. Mãe ciosa e protetora, Lucinda não deixaria que a filha enfrentasse a recuperação e os primeiros dias de maternidade sozinha. Cyro poderia estar ao lado da esposa e possuir conhecimentos médicos, mas Lucinda já passara pela mesma experiência e, aos seus olhos, ninguém cuidava de Suely melhor do que ela.

A rotina de todos os pais presentes é afetada pelo nascimento da criança e Cyro não fugiu à regra. Além dele e de Suely, a casa da Avenida Bento Gonçalves agora tinha uma habitante sem noção de horários e, talvez por algum tempo, Lucinda, acostumada a mandar e a dominar os ambientes. Em casa, os hábitos de Cyro se modificaram, ainda mais pelos cuidados que o bebê prematuro requeria. Já no São Pedro, nada indicava alterações. A ficha funcional do

médico referente a 1941 só traz a informação das férias. Não há entradas a respeito de períodos de licença e atividades extras. Para o Cyro funcionário público, tudo parecia estar como nos dois últimos anos: de segunda a sexta, expedientes no hospital e aulas na Escola de Enfermagem; aos sábados, reuniões da Sociedade de Neurologia e Psiquiatria. No consultório particular, por ele ser o dono de seus horários e raramente ter clientes, pode ter sido diferente. Na Galeria Chaves, ele não tinha um chefe e, se não quisesse abrir as portas, não precisaria dar satisfações. Caso alguém necessitasse de auxílio, daria um jeito de encontrá-lo.

Na verdade, é difícil precisar se a sala na Galeria Chaves ainda estava aberta em março de 1941. Na cronologia do fascículo dos *Autores gaúchos*, consta que, naquele ano, Cyro transferiu-se “para o consultório de Décio de Souza que viajara ao exterior”<sup>460</sup>. Em 1938, com Jacintho Godoy, Décio dera algumas instruções aos candidatos que concorreram às vagas de alienista do São Pedro. Contemporâneos nos tempos da Faculdade de Medicina, colegas desde a nomeação de Cyro e entusiastas das práticas psiquiátricas, os dois compartilhavam interesses e objetivos profissionais. Não se sabe como funcionava o arranjo entre Cyro e Décio, mas a solução da transferência deveria ser vantajosa para ambos. Décio não ficava com um imóvel ocioso e Cyro se livrava do caro aluguel da Galeria Chaves, que pesava em suas contas todo mês. Com poucos pacientes, a empreitada não gerava tantos lucros. Se Mário repartia o consultório com o amigo – o que pode ter ocorrido em 1941 –, a manutenção do espaço ficava mais fácil. Não se conhece o trato entre Cyro e Décio e não há notícias de onde se localizava o novo endereço. Celito de Grandi e Nubia Silveira falam de uma cena na qual Mário e Cyro recebem uma visita “no consultório que dividiam na avenida Independência”<sup>461</sup>. No entanto, a história contada pelos biógrafos se passou em 1943. Embora acene com uma possível direção, a data levanta dúvidas, pois muita água pode ter corrido em quase três anos.

Água, aliás, não faltou em Porto Alegre entre abril e maio de 1941. O céu de tons azuis e alaranjados que ilumina a cidade durante o outono deu lugar à escuridão. Não era o medo da guerra que chegava à capital, era a constância da chuva. De 10 de abril a 14 de maio, as nuvens verteram 619,4 milímetros de água<sup>462</sup>. Não choveu só na capital. Todo o Rio Grande do Sul sofreu com a ira de São Pedro. A elevação no nível dos rios que desembocavam no Guaíba e o vento que represava o estuário pioravam a situação de Porto Alegre. Mesmo quando a chuva

<sup>460</sup>INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Autores gaúchos* – Cyro Martins. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 13.

<sup>461</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, NÚBIA. *Cyro Martins* – 100 anos: o homem e seus paradoxos. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 85.

<sup>462</sup> Informações retiradas de: FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica 1732-1950*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012, p. 242.

dava trégua e o sol aparecia, a água crescia nos marcadores. Em uma subida feroz, o Guaíba bateu recordes – 4,73 metros.

No centro, “as águas cobriram toda a Praça da Alfândega e atingiram a Rua dos Andradas, desde o seu início até as proximidades da Rua Uruguai”. Nos bairros, “a água avançou além da Avenida Farrapos e bordejou a Avenida Benjamin Constant, cobriu grande parte do Menino Deus, da Azenha e de Santana. A área atravessada pelo Arroio Dilúvio, como sempre acontecia, foi dominada pela cheia”<sup>463</sup>. A população ficou sem energia elétrica e sem água potável. Em algumas partes da cidade, a mobilidade foi totalmente afetada e os barcos tomaram o lugar dos bondes e dos carros.

Em 4 de maio, no desabar das chuvas, a capa<sup>464</sup> do *Diário de Notícias* já contabilizava “Duzentos Mil Contos de Prejuízos no Estado”. Uma semana depois, outra capa<sup>465</sup> do *Diário de Notícias* falava em 15000 casas inundadas, 200 fábricas e 600 estabelecimentos comerciais prejudicados. Só em Porto Alegre, o número de flagelados chegou aos 70000<sup>466</sup>. Cyro não ficou entre esses milhares, mas, se nessa época, ele ainda alugasse a sala no primeiro andar da Galeria Chaves, amargaria alguns prejuízos. No 795 da Bento Gonçalves, ele, Suely e Maria Helena estavam seguros. Isso não significava, contudo, que não se afligissem. Eles tinham conhecidos nas partes mais atingidas e toda a cidade sofria com a força e a insistência das águas. Além das preocupações com os amigos, com a falta de luz e de água potável eles temiam que os gêneros alimentícios rareassem e as doenças se proliferassem. Cyro fora uma vítima de águas contaminadas e não queria passar pelos mesmos sofrimentos.

O medo de contágio era real. Por causa dele e das consequências que os desastres naturais trazem, de forma voluntária, profissionais e estudantes ligados à medicina prestaram assistência às vítimas da inundação. Apesar de nunca ter tocado no assunto e de não ter se referido, em nenhum depoimento, sobre as águas de 1941, Cyro poderia estar entre eles. Uma calamidade daquelas não mexia apenas com o físico das pessoas, também alcançava a cabeça, desencadeava traumas. Em um cenário tão calamitoso, mesmo sob olhares descrentes, não seria absurdo que um alienista prestasse serviços.

---

<sup>463</sup> As duas citações estão em: FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica 1732-1950*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012, p. 246.

<sup>464</sup> Capa reproduzida no verso da capa de: MINAS, Vitor. *Águas de maio: a grande enchente de 1941*. Porto Alegre: Edição do autor, 2011.

<sup>465</sup> Capa reproduzida nas páginas 18 e 19 de: MINAS, Vitor. *Águas de maio: a grande enchente de 1941*. Porto Alegre: Edição do autor, 2011.

<sup>466</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica 1732-1950*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012, p. 246.

Não seria fácil superar os traumas da enchente. As águas marcaram Porto Alegre, mudaram a paisagem da cidade, deixaram-na distante do Guaíba. O desastre foi lembrado por tempos. A Rádio Farroupilha, o *Correio do Povo*, o *Diário de Notícias* e a *Revista do Globo* dedicaram largos espaços à repercussão dos acontecimentos. O periódico da Globo fez, inclusive, uma edição especial, fato importante nos quase quarenta anos da revista – antes de 1941, só a Revolução de 1930 gerou um fascículo exclusivo. O episódio tinha peso histórico, exigia uma cobertura ampla, caprichada e detalhada. Exigia uma cobertura maior do que a que saiu em 17 de maio de 1941.

Talvez o número 295 da *Revista do Globo* estivesse pronto para impressão antes do dia 10, mas as águas impediram a regularidade. Na capa, com uma mulher loira ao fundo, em letras finas e vermelhas, se lê a manchete: “Completa reportagem fotográfica sobre a horrível enchente!”. No canto inferior direito, em uma caixa de texto branca, há uma data riscada com traço vermelho (Ano XIII – N.º 295 – 10 de maio de 1941), uma data corrigida (Ano XIII – N.º 295 – 17 de maio de 1941) e a indicação de algumas das matérias da edição: “Duas moças visitam Hollywood”, “Um presente da R.A.F.”, “O vice-rei da Índia”, “As quatro idades da mulher”. Nesse número carregado pelas cheias do Guaíba, constava outro texto de Cyro, intitulado “Cena de pensão”. A história ocupa três páginas (50-52) e as boas ilustrações de Vittorio Gheno – mostrando uma mulher e um jovem conversando – dialogam com o que Cyro conta.

Desde 1933, ele não aparecia com tanta frequência na *Revista do Globo*. Naquele ano, saíram dois contos: “Derrotado”, em maio, e “Flete”, em setembro. Poderia ter sido o acaso, mas, em 1933, Cyro e os editores da Livraria do Globo tratavam da publicação de *Campo fora*, fato que se deu no ano seguinte. As já conhecidas “Derrotado” e “Flete” foram duas das catorze narrativas que compuseram o livro de 1934. Talvez por estar de posse dos originais, a Globo aproveitasse o material para fechar a revista e, até mesmo, para guiar os leitores na direção de um lançamento futuro.

Algo semelhante ocorreu em 1941. Também com quatro meses de intervalo, “Revelação” e “Cena de pensão” circularam na *Revista do Globo*. Além das coincidências temporais e do nome do autor, o que aproximava os dois textos era o protagonista – Carlos. Na nova história, o jovem não passeia pelos corredores da Faculdade de Medicina. O espaço é reduzido ao quarto de dona Margarida, companheira de pensão. Pintada “com exagero de adolescente”, trajando “vestido de seda cor de rosa, de mangas afofadas e curto como o de uma

menina de quinze anos”<sup>467</sup>, a figura da mulher e o ambiente arrumado – com flores novas e colcha bem esticada – deixam transparecer a espera por uma visita e o “prelúdio de sucessos restauradores de antigas aspirações emurchecidas”<sup>468</sup>. A atmosfera do quarto de Margarida chama a atenção de Carlos, que chegara à pensão concentrado em seus pensamentos, mas se perdera ao contemplar o cenário e a vizinha. Quando Margarida se dá conta da presença do rapaz – a quem insiste em chamar de doutor –, os dois personagens travam uma conversa repleta de cuidados. Apaixonada, Margarida deseja que Carlos reforce suas esperanças, diga-lhe que Dom Ramon, o misterioso pretendente, a visitará e – finalmente – pedirá sua mão. Carlos percebe a vontade de Margarida e, para manter suas expectativas em alta, diz o que ela quer ouvir. Essa história mostra, mais uma vez, que Carlos é um sujeito sensível, disposto a olhar e a entender o outro.

O leitor da *Revista do Globo* não tinha obrigação de relacionar o Carlos de “Cena de pensão” ao Carlos de “Revelação”. Aquelas narrativas eram diferentes e cada uma saiu em um momento. A repetição do nome do protagonista poderia passar em branco e não despertar nenhum tipo de curiosidade. Poderia, por outro lado, sugerir alguma ligação entre os dois textos. Em maio de 1941, somente Cyro e os membros da editoria da Globo sabiam que os “contos” se conectavam, que o Carlos de um era o Carlos de outro. Embora o caráter autônomo das histórias, elas se aproximavam. “Revelação” era o capítulo inicial da segunda parte de *Mensagem errante*, “Cena de pensão” era o sétimo. O último, contudo, teve vida mais longa do que o primeiro. Em *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas, como fez com outros episódios, Cyro apagou a figura de Carlos e trocou o narrador de terceira pessoa pelo de primeira. Nesse processo de mutação, o título também se transformou: “Cena de pensão” caiu e deu lugar “Dona Margarida e a sua paixão”.

Se é plausível elucubrar sobre as chances de que, em 1933, a Globo já possuísse os originais de *Campo fora*, se pode fazer o mesmo em relação a 1941 e aos datiloscritos de *Mensagem errante*. As pistas e as suposições levam à inferência de que faltavam poucos detalhes para a publicação do novo livro, pois a editora tinha o material na mão, utilizava-o e dava sinais de aprovação.

Com um romance encaminhado, a filha recém-nascida e o salário garantido, na metade de 1941, a vida de Cyro parecia tranquila e segura. Ainda que seja carregado de incertezas, o verbo parecer é o mais adequado para se referir aos primeiros cinco meses daquele ano. De

<sup>467</sup> MARTINS, Cyro. Cena de pensão. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 295, p. 50-51, 17/05/1941.

<sup>468</sup> MARTINS, Cyro. Cena de pensão. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 295, p. 51, 17/05/1941.

longe, os personagens e o cenário passavam a ideia de harmonia e felicidade. Em muitos casos, uma criança reaproxima os membros de uma família. Talvez Maria Helena pudesse diminuir as distâncias que separavam os Martins dos Castro de Souza. Talvez a presença da menina acendesse as esperanças conciliatórias de Suely, que, desde o casamento, vivia dividida entre os opostos representados pelos pais e pelo marido. Talvez a filha significasse, para Suely, o fim da dependência em relação a Lucinda, Antenor e Cyro. Como mãe, responsável por uma vida, ela poderia se tornar a senhora das suas decisões. Por outro lado, como pai, Cyro poderia deixar de se concentrar tanto em si. Ele não era um egoísta, olhava para os lados, se preocupava com as pessoas. Os temas literários, os personagens, as posições sociais e políticas contavam a seu favor. Isso, no entanto, não apaga seu perceptível desejo de construção. Cyro queria ser reconhecido como psiquiatra, escritor e humanista. Para isso, era necessário estudar, praticar, escrever, mostrar a atenção dirigida aos outros homens. A esse projeto de auto composição, ele dirigia suas melhores horas e a maior parte de seus esforços.

À distância, sem testemunhos e depoimentos que substituam as incertezas, é impossível fazer afirmações. Cyro poderia passar por um período de tranquilidade e segurança ou não. Não se sabe o que antecedeu e o que seguiu ao nascimento de Maria Helena. Suely pode ter passado por uma gestação atribulada e um parto traumático. O pós-parto pode ter sido complicado, com Suely dando indícios de depressão – fato comum – ou não conseguindo amamentar. O bebê poderia não ser calmo e chorar por razões que os pais não identificavam. A presença de Lucinda – se houve – pode não ter sido pacífica e os atritos entre Cyro e a sogra talvez afetassem negativamente Suely. A respeito do primeiro semestre de 1941, não há certezas sobre a tranquilidade nem sobre as atribulações. É provável que, naquele período, a vida de Cyro caminhasse como a de todas as pessoas – em um misto de calmarias e tormentas.

No final de junho, quando Porto Alegre começava a deixar para trás os estragos da chuva e o ano já pendia para a metade final, uma notícia da guerra voltou a escurecer os céus da cidade. Em 22 de junho teve início a Operação Barbarossa. Ao querer avançar sobre a parte ocidental da União Soviética, Hitler, mais uma vez, agia de modo previsível. O pacto de não agressão assinado por Alemanha e URSS era um adiamento das ações. Com ideologias tão diferentes – apesar de métodos políticos, militares e humanos serem semelhantes em alguns aspectos –, um choque entre os dois países era inevitável. O mundo sabia desse risco e imaginava as consequências que viriam de tal embate. O conflito ganharia proporções ainda mais aterrorizantes. Os números de mortos e o sangue jorrariam pelos campos de batalha. Esperançoso frente ao cenário tenebroso que se desenhava, Cyro acreditava que a luta dos



nazistas com os comunistas poderia inverter os rumos da guerra. Até ali, os aliados tentavam resistir a Hitler, mas não ameaçavam suas conquistas. Dividida entre dois *fronts*, a Alemanha poderia fraquejar, encontrar derrotas e recuar.

Cyro compartilhava suas esperanças em relação ao futuro da guerra com Lila Ripoll. Ao contrário do amigo, que simpatizava com a causa vermelha e não militava, ela tinha uma posição reconhecidamente comunista e agia a favor do partido. Apesar de todo esse apoio, Lila não viu de maneira positiva o tratado Molotov-Ribbentrop. A conduta forte da conterrânea era uma das qualidades que mais chamava a atenção de Cyro. Havia tempos que eles se conheciam e a admiração que ele sentia por aquela mulher “suave, doce, meiga, lírica e heroica”<sup>469</sup> só crescia. No início da amizade, o ponto em comum entre eles era Waldemar Ripoll. Em uma visita ao amigo, ainda em Quaraí, Cyro viu, pela primeira vez, aquela menina “frágil, leve, míope, já tendente à introversão”<sup>470</sup>. Após os pais de Waldemar falecerem vitimados por uma febre, ele foi morar com Florentino e Dora, os tios, e Lila, a prima. Com apenas um ano de diferença – Waldemar nascera em 1906 e Lila em 1905 –, os dois cresceram juntos e, embora as escolhas distintas que fizeram ao longo da vida, cultivaram uma paixão pelos livros. Além da literatura, Lila tinha inclinação para a música. Já Waldemar desejava ser advogado. Pensando na educação de ambos, Florentino e Dora saíram da campanha e se mudaram para Porto Alegre. Os primeiros contatos entre Cyro e Lila se deram em Quaraí, nos períodos de férias anteriores à partida dos Ripoll, mas foi na capital que a amizade se fortaleceu.

Antes de 1934, Waldemar era o principal motivo da aproximação entre Cyro e Lila. Depois do assassinato de Ripoll no exílio uruguaio, a ausência do primo e amigo reforçou a ligação dos dois. Quando Cyro retornou a Porto Alegre, em 1938, os laços com Lila ficaram mais estreitos. A vida de ambos tinha dado muitas voltas. Cyro teve atribulações familiares, exerceu a medicina, se mudou para o Rio de Janeiro, publicou dois livros. Lila seguiu trabalhando no magistério como professora de música, se engajou politicamente, agregou docentes progressistas, apoiou a Aliança Nacional Libertadora, se ligou ao Partido Comunista, iniciou a militância no Sindicato dos Metalúrgicos, onde dirigiu um departamento cultural, publicou, sem regularidade, poemas em periódicos.

No ano do reencontro, Lila deu um grande passo na carreira literária: estreou em livro com *De mãos postas*, dedicado à memória do primo – assim como Cyro o fizera em *Sem rumo*. Em *De mãos postas*, as imagens melancólicas davam o tom gris da poesia de Lila. A morte, a

---

<sup>469</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 69.

<sup>470</sup> MARTINS, Cyro. *Lila Ripoll. Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 35.

desesperança, a solidão, a amargura, o tédio, a saudade e as noites de mau presságio surgiam a cada verso. Cyro leu a obra da amiga, mas não é possível resgatar suas manifestações alusivas à leitura. Tanto o acervo de Lila quanto o de Cyro não registram correspondências referentes ao período. Contudo, é provável que eles trocassem impressões sobre o que escreviam.

A primeira manifestação resgatável não se limita às linhas privadas das cartas. O número 300 da *Revista do Globo*, de 26 de julho de 1941, mostrava Cyro em outro papel no sistema literário. Apoiado na recente publicação de Lila (*Céu vazio*), ele se vestia de crítico. “*Céu vazio*”: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll não era um artigo extenso, ocupava menos da metade da página 16. O desenho retratando o autor – de perfil, cabelo bem penteado, rosto cheio e lábios grossos –, o cabeçalho e os três anúncios publicitários espremiavam as colunas do texto. Nota-se que não havia espaço suficiente para que as promessas do subtítulo se cumprissem. Mesmo assim, Cyro tentou abordar os aspectos de *Céu vazio* que considerava relevantes.

Em um começo inusual nos seus escritos, ele foi direto: “De início, caracterizemos o conteúdo dominante em *Céu vazio*: os entretons melancólicos”. A fim de entrar nos pontos que lhe interessam, o autor retoma a ideia do que se falou acerca do primeiro livro de Lila – “a tristeza de sua poesia” e a influência do português António Nobre. Ele não nega que essa seja uma das características dos versos da amiga tanto em *De mãos postas* quanto em *Céu vazio*. No entanto, para não se unir ao discurso comum dos outros críticos, Cyro busca um traço particular na tristeza poética de Lila: “A sua tristeza não é um aparato. Não é um derrame romântico. É inquietação temperamental, chegando em surdina até a superfície do verso, na expansão tranquila de confidências delicadas”. Ele achava que a linha triste não era um artifício de Lila. Na sua poesia não havia lugar para artifícios, pois “toda ela está tomada das reflexões da alma”. Quando discorre sobre a solidão, Cyro também recorre às críticas anteriores. Ele assinala que Lila se identifica com António Nobre por causa da solidão. Porém, outra vez, Cyro individualiza o caso da brasileira: “Ora, o grande motivo de Lila Ripoll, e isto basta para singularizar um poeta, é a solidão, uma solidão – a ‘solidão ancestral’ – que não foi procurada, que não sofreu o cultivo de nenhuma morbidez, mas que foi ampliando fatalmente em torno da poetisa”<sup>471</sup>.

Para Cyro, a ausência do artificial, a solidão autêntica de Lila e o humor com que ela tratava seu mundo de melancolias e desesperanças transformam sua poesia em algo singular. Ele tratou dos dois primeiros aspectos partindo de avaliações alheias, mas o último é um toque

---

<sup>471</sup>As citações estão em: MARTINS, Cyro. *Céu vazio*: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 300, p. 16, 26/07/1941.

seu, que pretende dar originalidade à leitura da obra de Lila. Se houvesse mais espaço na revista, ele poderia ter desenvolvido com maior clareza o pensamento referente ao humor. Cyro se empenha em construir uma relação entre ceticismo e humor. Ele entende que o ceticismo dos poemas de Lila é manso, sério, não “desdenha nem da paisagem, nem das criaturas, nem mesmo das suas memórias”. Nesse trato sério do ceticismo, Cyro vê uma afinação da tristeza poética de Lila, uma ampliação das suas “sugestões meigas” e das “vibrações da sua sensibilidade”<sup>472</sup>.

Nas outras ocasiões em que analisou a poesia de Lila, Cyro não citou a complexa questão do humor. Em “Lila Ripoll”: mil vidros partidos, publicado em *Rodeio* – estampas e perfis (1976) e “Lila Ripoll”, de *Páginas soltas* (1994), lembrou de Waldemar – do peso que seu assassinato teve na vida da prima – e voltou aos temas da melancolia e da solidão. Em 1941, 1976 e 1994, não observou ou passou rapidamente pelo lado engajado da amiga. É compreensível que, no primeiro desses momentos, Cyro não tenha versado sobre a faceta política de Lila, uma comunista, durante o Estado Novo, ainda mais em um periódico de cariz situacionista. Em 1976, vivendo sob o regime militar, com um nome conhecido e, provavelmente, sem as ameaças da caneta censora, ele dedicou poucas frases ao assunto: “Lila não foi exclusivamente poeta. Foi também uma revolucionária convicta e militante”<sup>473</sup>. Nos anos 1990, em um período democrático, se expandiu um pouco mais. Disse que a “política partidária, oposicionista, desde criança a empolgava”<sup>474</sup>, que “era aguerrida” e que, para reagir às tristezas que rodeavam a sua vida, Lila se tornou “revolucionária, comunista. Membro ativíssima do Partido, sacrificou-se e arriscou-se por ele. Deu à causa o que podia e o que não podia, extravasando seus limites”<sup>475</sup>.

Os quase silêncios de Cyro em relação à atividade política de Lila são curiosos, pois parte da aproximação entre os dois se deu por causa das afinidades ideológicas. Na segunda metade da década de 1940, eles dividiram experiências políticas e culturais significativas. Em 1941, Cyro ainda não poderia falar delas, mas, em 1976 e 1994, sim. Talvez ele não quisesse reduzir Lila ao papel de ativista. Talvez tentasse separar – como se fosse possível – a Lila da poesia e a Lila do PCB. Por outro lado, não mencionando as lutas partidárias da amiga, ele não prenderia a própria imagem a legendas e a ideologias.

---

<sup>472</sup> As citações estão em: MARTINS, Cyro. *Céu vazio: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll*. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 300, p. 16, 26/07/1941.

<sup>473</sup> MARTINS, Cyro. Lila Ripoll: mil vidros partidos. *Rodeio* – estampas e perfis. Porto Alegre: Movimento, 1976, p. 117.

<sup>474</sup> MARTINS, Cyro. Lila Ripoll. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 30.

<sup>475</sup> MARTINS, Cyro. Lila Ripoll. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 32.

No final do ensaio publicado em *Rodeio* – estampas e perfis, após advertir que Lila também foi “uma revolucionária convicta e militante”, Cyro fez uma afirmação de tom definitivo: “Mas sua produção é essencialmente lírica”<sup>476</sup>. Essa sentença é um índice do interesse de Cyro<sup>477</sup>. Ele desejava escrever sobre a Lila das evocações, das saudades, das perdas, das tentativas de elaboração da dor. Apesar da amizade entre ambos – fato assinalado em todos os textos – e de ela ser uma figura ímpar na história política gaúcha, interessava a ele a Lila companheira de letras, que se expressava, com força e beleza, pela poesia.

Nos anos do Estado Novo, a veia oposicionista de Cyro parecia pulsar com menos ânimo. Em *Sem rumo*, publicação que veio à tona com o regime, as ferroadas no sistema político brasileiro eram incisivas. Já em *Enquanto as águas correm*, feito debaixo de ares ditatoriais, as críticas ao regime foram sutis. Por que um defensor da liberdade se abrandava? Qual era – se existiu – a ligação dele com o governo? Cyro ainda era um sujeito esperançoso, crente na possibilidade de dias melhores, justos e pacíficos. Contudo, aos trinta e três anos, ele não era mais um homem ingênuo. Havia momentos propícios para levantar suas bandeiras. Em uma situação desfavorável, qualquer movimento ousado seria infrutífero.

Ao não investir contra o Estado Novo, Cyro agia como a maior parte da *intelligentsia* do Rio Grande do Sul. No artigo “Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945)”, René Gertz avalia o comportamento pouco combativo e desenha quatro grupos de intelectuais que mantiveram relações próximas ou não tão próximas com os agentes do Estado. O primeiro deles congregava nomes (Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas, Augusto Meyer, Darcy Azambuja) “de feitio mais ‘tradicional’ – que, do ponto de vista político, podiam ser republicanos, libertadores, ou mesmo apolíticos”<sup>478</sup>. Esse grupo convivia sem dificuldades com o regime e, em certos casos, seus membros se integravam à máquina estatal. O segundo conjunto era formado por aqueles que flertaram ou aderiram ao fascismo, no plano internacional ou no nacional. Com esses, a harmonia não vigorava sempre. O advogado e professor da Faculdade de Direito, Dario de Bittencourt, por exemplo, foi convocado à polícia para

<sup>476</sup> MARTINS, Cyro. *Rodeio* – estampas e perfis. Porto Alegre: Movimento, 1976, p. 117.

<sup>477</sup> Em um depoimento dado por Cyro em 1986 – e publicado no site do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins (CELPCYRO) por ocasião do centenário de nascimento de Lila –, também aparecem indícios desse interesse: “Lila Ripoll foi um raro exemplar de pessoa na qual o sentimento lírico, profundamente arraigado no seu espírito, congraçava-se com um temperamento de lutadora inflexível pelos seus ideais políticos. Entretanto, manteve seu estro poético não engajado nas lutas partidárias. Sua poesia paira acima das divisões ideológicas”. Disponível em: [http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=0&id=473](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=473) Acesso em: 18/09/2017.

<sup>478</sup>GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 22, jan./jun. 2013.

esclarecer suas “relações estritas com o nazismo”<sup>479</sup>. Por outro lado, Anor Butler Maciel, “figura proeminente da AIB, conhecido por seu antissemitismo”, ficou em paz com o governo ao saudar o Estado e dedicar “um livro [*Subsídios para o estudo da estrutura política do Estado Novo*, Globo, 1937] à análise de sua estrutura”<sup>480</sup>. Fábio de Barros, Luiz Gonzaga Jaeger e Rui Cirne Lima faziam parte da ala dos católicos, que “deu apoio sólido ao *status quo* político instaurado em 1937”, não cogitou a possibilidade de se opor e até “criticou as autoridades por suposta conivência com excessos de liberdade”<sup>481</sup>. Para Gertz, outro grupo era “integrado por intelectuais que assumiam uma posição que se poderia classificar de esquerda”<sup>482</sup>. Entre seus componentes estavam Cyro Martins, Lila Ripoll e Dyonélio Machado.

Cyro é reconhecido por Gertz como homem de esquerda e cita seus livros publicados no período – *Enquanto as águas correm*, 1939, *Mensagem errante*, 1942, e *Porteira fechada*, 1944 –, que ele considera “de clara crítica social”<sup>483</sup>. Apesar dessas críticas, Gertz fala que “não há registro de maiores constrangimentos sofridos, de parte das autoridades”<sup>484</sup>. As autoridades chegaram a tomar conhecimento dessas críticas? Se tomaram, não deram tanta importância, não levaram em consideração? O que se sabe é que Cyro não levou uma chamada das autoridades, não foi penalizado nem censurado. As críticas estavam nas obras, contudo, ninguém fez rebuliço por causa delas. Parecia que, para manter uma relação “boa” com o escritor e a classe, os agentes do regime fingiam não ouvir os protestos.

Gertz não trabalha com essa hipótese, mas põe em jogo outras duas – a da moderação e a do suposto apoio. Ele retira ambas de respostas dadas por Cyro em *Para início de conversa*. A primeira delas é comparativa e se refere aos papéis de Cyro e de Dyonélio. Quando Abrão Slavutzky pediu que o entrevistado falasse sobre o amigo, Cyro disse que Dyonélio, como político, “tinha o grave defeito de ser um temperamento arrebatado e violento” e que o “extremismo” do outro nunca se chocara com o seu “oposicionismo moderado”<sup>485</sup>. Sendo um “oposicionista moderado” – ou um sujeito que se considerava mais sensato –, Cyro estaria longe

<sup>479</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 22, jan./jun. 2013.

<sup>480</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 22, jan./jun. 2013.

<sup>481</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 24, jan./jun. 2013.

<sup>482</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 22, jan./jun. 2013.

<sup>483</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 22, jan./jun. 2013.

<sup>484</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 23, jan./jun. 2013.

<sup>485</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 111.

do extremismo e dos perigos que ele suscita. De fato, até 1937, Dyonélio não mediu esforços para se doar à causa. A atuação frente à Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a posterior prisão mostram que ele era uma figura politicamente incômoda. Entretanto, Machado cumpriu pena no Rio de Janeiro até junho de 1937. Quando Getúlio Vargas impôs o Estado Novo, em novembro do mesmo ano, temendo represálias, ele se escondeu no interior de Santa Catarina.

A conduta de Dyonélio depois de seu retorno ao Rio Grande do Sul, em 1938, também é alvo de Gertz. O historiador diz que, no caso de Machado, “aconteceu algo parecido com aquilo que se deu em nível federal com alguns intelectuais considerados de esquerda”. Porém, se não existiu, por parte das autoridades, uma tentativa clara de cooptar o autor de *Os ratos*, houve, ao menos, “sinais de que foram tomadas algumas medidas para reverter a impressão de que ele fosse considerado inimigo a ser perseguido”. Alguns desses sinais vieram pela caneta de Osvaldo Cordeiro de Farias, o então interventor federal no estado. Conforme Gertz, “muito logo”, Cordeiro de Farias “assinou um ato anistiando-o [Dyonélio] e integrando-o em sua função de médico-chefe de divisão do Hospital Psiquiátrico São Pedro”. No ponto de vista de Gertz, também há indícios<sup>486</sup> de que Dyonélio “correspondeu aos acenos e às iniciativas de integrantes do aparelho do Estado para aparentar tolerância e até benevolência em relação à intelectualidade”<sup>487</sup>. Frente a essa situação, de 1938 a 1945, Dyonélio Machado não sofreria restrições dos agentes do Estado, não se comportaria como um extremista à mercê de arrebatamentos e se inclinaria para o modelo oposicionista moderado, à maneira de Cyro.

Uma espécie de *modus vivendi* entre os representantes do regime e os intelectuais poderia alcançar Cyro, assim como aconteceu com Dyonélio e Lila – que, em 1939, foi convidada, por J. P. Coelho de Souza, para trabalhar na Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul<sup>488</sup>. Cyro também era um funcionário público estadual. Em tempos de governos arbitrários, não importava se ele tivesse entrado por concurso ou fosse competente no desempenho das funções. Se a decisão viesse de cima, não haveria remédio. Cyro, no entanto, não possuía a relevância política dos dois conterrâneos. Ele não compartilhava do histórico de Dyonélio nem do engajamento de Lila. De certa maneira, seu oposicionismo moderado o

---

<sup>486</sup> Dyonélio estava entre os intelectuais gaúchos homenageados pela prefeitura de Porto Alegre em novembro de 1940 e participou do almoço festivo sem problemas. Ver: *Jornal do Estado* de 16 de novembro de 1940, p. 7. No anexo 7 da dissertação *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul: imposições e resistências*, de 1994, Gláucia Vieira Ramos Konrad reproduz a notícia do *Jornal do Estado* que trazia a lista de nomes dos intelectuais presentes no evento – Dyonélio e Cyro estavam entre eles.

<sup>487</sup> Todas as citações do parágrafo estão em: GERTZ, René. *Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945)*. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 23, jan./jun. 2013.

<sup>488</sup> Informação retirada de: MOREIRA, Alice Therezinha Campos (Org.). *Lila Ripoll – obra completa*. Porto Alegre: Movimento, 1998, p. 367.

favorecia. Buscando a sensatez, sendo prudente e sóbrio, ele não dava margem para retaliações do governo.

É claro que as retaliações não vinham direta e exclusivamente da máquina estatal. Gertz, por exemplo, trabalha com a ideia de que Dyonélio sofreu restrições entre os pares. Suas publicações não eram comentadas e, quando resenhadas, eram acompanhadas por antipatias e críticas pesadas<sup>489</sup>. Cyro não passou por isso. Sem carregar apontamentos absurdos ou juízos tendenciosos, em um momento ou outro, as avaliações dos seus livros saíam. No tocante a isso, é interessante lembrar que o artigo de Mário sobre *Enquanto as águas correm* saiu no *Jornal do Estado*, o veículo oficial do governo. Na época, Manoelito de Ornellas, homem de confiança de Cordeiro de Farias, dirigia o periódico, a Biblioteca Pública do Estado e exercia a presidência da Associação Riograndense de Imprensa (ARI). Manoelito não era um amigo tão próximo, contudo, o relacionamento entre ele e Cyro tinha nuances de cordialidade. Esse trato distante e diplomático não resultava em favorecimentos para Cyro, mas não o relegava à margem dos pares.

Além de citar a postura moderada de Cyro, que poderia afastá-lo de problemas com as autoridades, René Gertz adverte para a possibilidade de que Cyro “até tenha encarado o regime estado-novista em certo sentido progressista”<sup>490</sup>. Gertz tira essa hipótese de um comentário sobre *Porteira fechada*, em *Para início de conversa*. Slavutzky perguntou como foi a criação de João Guedes, o protagonista do romance. Cyro disse que a obra não contava apenas a tragédia de um personagem. Ela também abordava “a decadência dos coronéis, porque o Estado Novo, ao liquidar com os partidos políticos, automaticamente anulou a força dos mandachuvas tradicionais da República Velha”<sup>491</sup>. Ainda que dê margem para interpretações diversas, a declaração precisa ser observada de outros pontos. Cyro não a proferiu durante o período ditatorial. Mais de quarenta anos separavam-no do fim do Estado Novo. Será que, naqueles oito anos nos quais viveu sob o jugo do regime, ele tinha essa percepção? Uma vez que era um homem com inteligência e consciência para assimilar os temas políticos, é possível. O que pesa, no entanto, é o fato de que, na segunda metade da década de 1980, quando ele e Abrão Slavutzky conversaram, Cyro era um octogenário, alguém que já experimentara os resultados dos

---

<sup>489</sup> Sobre as restrições à obra de Dyonélio, ver: GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 24, jan./jun. 2013 e KONRAD, Glúcia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul: imposições e resistências*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994, p. 196.

<sup>490</sup> GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 23, jan./jun. 2013.

<sup>491</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 69.

episódios entre 1937 a 1945. Com essa bagagem de conhecimentos e de experiências, ele olhava para a história com uma noção diferente.

Gertz vê um “certo sentido progressista” na afirmação de Cyro, mas ela não carregaria uma simples ideia de causa e consequência? O poder dos coronéis caiu porque o Estado Novo acabou com as organizações partidárias. Não parece que a frase leve à inferência ligada ao progresso. Além disso, conhecendo os posicionamentos de Cyro, é difícil de dizer que ele tenha encarado com “sentido progressista” a implantação de uma ditadura. Aos trinta e três anos, ele poderia não ser mais um homem ingênuo, porém, nele ainda havia muito do guri que discursava contra Borges de Medeiros e contra qualquer regime autoritário. É possível que, desde 1937, Cyro quisesse fugir de confusões com o governo. Ele estava em um novo momento da vida, buscava o estabelecimento profissional e o reconhecimento literário, era um pai de família. Se evitasse o conflito para seguir em paz o seu caminho, não haveria problema algum, pois pensaria em si e nos seus, como tantas outras pessoas.

Talvez as lutas nos campos da profissão e da literatura tenham absorvido Cyro naquele início da década de 1940. Sua capacidade de trabalho era invejável. Da segunda-feira ao sábado, pelas manhãs e tardes, se dedicava ao São Pedro, aos pacientes avulsos e à Sociedade de Neurologia. As publicações na *Revista do Globo* indicavam que a produção literária crescia. Ele devia escrever em casa, nos restos do dia e nas sobras dos fins de semana. Não há indícios de como era o seu comportamento doméstico na época, nem de como lidava com as suas prioridades. Ele não era só um médico e um escritor. Por obrigação e para garantir os rendimentos, consagrava a maior parte de suas horas à clínica. Entretanto, quando estava em casa, o que ficava no topo da lista de prioridades? Procurava recompensar as ausências fazendo de tudo para agradar a Suely e a Maria Helena? Cuidava da filha para que a mulher descansasse, dormisse umas poucas horas seguidas, tivesse um tempo só para ela? Tentava se isolar para estudar temas pertinentes à neurologia e à psiquiatria ou para ter momentos prazerosos com a literatura? Aproveitava as folgas dadas por Maria Helena para escrever?

Não é possível responder a essas perguntas. Um ano depois do nascimento da criança, as coisas aparentavam andar dentro da normalidade. A filha crescia sem sustos e havia garantias de que o novo romance sairia em breve. Em 23 de abril de 1942, Cyro firmou contrato com a Secção Editora da Livraria do Globo. Pelo documento, o autor cedia aos editores “o direito de publicar, reproduzir e difundir em língua portuguesa o livro de sua propriedade” – *Mensagem errante* – cujos originais foram entregues no ato da assinatura do contrato. A Globo poderia decidir o “tipo da impressão” e tudo que dissesse respeito “à forma material de apresentação do



livro” e ao seu preço de venda. A impressão inicial do livro seria de 2000 exemplares, sendo que o autor teria o “direito de receber gratuitamente 30”. Ele ainda era obrigado a fazer “emendas e alterações necessárias” na obra, sem qualquer tipo de indenização. Como era de se imaginar, Cyro continuaria a não ganhar dinheiro com a sua literatura. A cláusula referente aos pagamentos era clara: “Os editores pagarão ao autor, pela edição ora contratada, a percentagem de (10%) DEZ por cento sobre o preço de venda”. Ele só receberia o percentual “depois de vendidas DUAS TERÇAS PARTES da impressão inicial” e, daí para a frente, “por ocasião do Balanço dos editores, em Setembro de cada ano, na proporção dos exemplares vendidos”<sup>492</sup>.

Cyro não se importava com o retorno financeiro de sua literatura. Ele queria escrever, publicar, ser lido. Não interessavam as condições impostas pela editora. Se o livro saísse e tivesse chances de chegar aos leitores, estava tudo bem. A publicação garantida de *Mensagem errante* significava muito para ele. Com o romance, Cyro firmara lugar dentro da Globo. Ele não era o autor estreante de *Campo fora*, que chegara à livraria da Rua da Praia pelas mãos de Augusto Meyer. Também não era uma aposta solitária. A terceira obra impressa com o selo da Globo mostrava que, de alguma forma, a Secção Editora confiava no seu potencial como escritor. Uma casa de negócios que objetivava o lucro não erraria três vezes, não insistiria no fracasso. Cyro não vendia como Erico Verissimo, mas deveria, pelo menos, empatar, pagar a edição. Na melhor das hipóteses, poderia até gerar certa margem de retorno à Bertaso, Barcellos e Companhia.

Caso os livros de Cyro encalhassem e dessem prejuízo, por que a Globo teimaria? Ele não entrava na cota do prestígio. Não era daqueles autores que, apesar de venderem pouco, valorizavam o catálogo da editora. Ainda que não fosse mais um estreante, não tinha posição solidificada nem estrondoso reconhecimento ao redor de seu nome. Talvez os diretores do departamento literário da Globo vissem em Cyro possibilidades de crescimento como escritor. Desde *Campo fora*, ele tentava se superar e se adaptar. O tributo ao gênero e à temática regionalista, evidentes no primeiro livro, deram lugar, em *Sem rumo*, à análise e à crítica social. Com esse movimento, a partir do Sul, Cyro buscava um caminho semelhante àquele trilhado, principalmente, por autores nordestinos – José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queirós, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Sem abandonar o tom crítico, *Enquanto as águas correm* trazia novidades dentro da produção de Cyro. Além de expor as molduras histórica,

---

<sup>492</sup> Todas as citações foram retiradas do documento “Contrato de Edição”, localizado no Acervo Cyro Martins (Caixa 18, número de tomo 6576).

social e política, ele se arriscou a explorar os aspectos interiores do protagonista – exploração que não fizera até então.

Em *Mensagem errante*, ele correria novos riscos, enveredaria por caminhos literários e confessionais ainda não experimentados. Contudo, enquanto o romance não deixava as gráficas da Globo, Cyro voltava aos terrenos conhecidos. “Você deve desistir, Romualdo”<sup>493</sup>, publicado na *Revista do Globo* de 20 de junho de 1942, trazia um personagem desajustado, inapto para o convívio social. De formas variadas, Cyro trabalhou com o tema da inaptidão em *Campo fora*, *Sem rumo* e *Enquanto as águas correm*. Em um momento se viam os seres humanos ou os animais que não tinham mais lugar na vida campeira, em outros, os sujeitos que não conseguiam se adaptar à economia e à sociedade que se impunham. Em “Você deve desistir, Romualdo”, o protagonista luta contra inimigos tão poderosos quanto a passagem do tempo ou a marcha da história – o alcoolismo e a falta de ação.

Desde o início da narrativa, caracterizada como “novela” pelos editores do periódico, o leitor se depara com uma figura medíocre, que não oferece vislumbres de vitórias e exala possibilidades de derrota. Romualdo é apresentado como sujeito acuado, “sem o treino de resolver-se”, habituado “a agir por impulso e a ser conduzido passivamente pela mulher, pela polícia, por enfermeiros”<sup>494</sup>. Tanto o impulso quanto a condução indicam que Romualdo é um homem problemático, sem condições de responder por si. Com um *flashback* que remete à juventude do personagem, se tem acesso aos episódios que desconstruíram esse indivíduo doente. Filho de comerciante endinheirado e infértil nos assuntos relacionados ao afeto paternal, Romualdo sempre se distancia da vida.

O personagem só abandona sua posição mediana quando oscila para baixo. Diante da queda do seu rendimento escolar, o padre que dirige a instituição lhe dá o conselho que intitula o texto: “Você deve desistir, Romualdo”. A sentença derrotista não tem vinculação apenas com a carreira estudantil do protagonista, seu sentido é maior. A partir dela, as garras da derrocada se aproximam de Romualdo. O título carrega um previsível desenlace trágico e derrotista. No entanto, essa previsibilidade não atrapalha o desenrolar da trama. Sabe-se que Romualdo perderá, mas não se conhecem as trilhas que ele percorre até a ruína. Depois de sair do colégio e abrir mão de algum tipo de formação, ele vira um desocupado sustentado pelo pai e começa a beber. Quando fica órfão e herdeiro, a bebida embala as noitadas e as viagens. O casamento vem junto com a falência e Romualdo desce ainda mais. Impotente frente aos obstáculos

<sup>493</sup> Com o título modificado para “Você deve desistir, Osvaldo”, Cyro publicou o conto em *A entrevista*, de 1968.

<sup>494</sup> MARTINS, Cyro. Você deve desistir, Romualdo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 321, p. 46, 20/06/1942.

impostos pela pobreza, sem vigor para tomar as rédeas de sua vida, ele se esconde no alcoolismo. A doença traz as reações e, conseqüentemente, o afastamento de Terezita, a esposa, e dos filhos. Após surtos e crises, a mulher coloca-o no “Hospício”. Com “doze internações”, ele continua doente, vira um estranho para seus três gurus e não desperta nenhuma espécie de sentimento em Terezita. Romualdo é um deslocado no núcleo familiar e na sociedade. Entende que não havia espaço para ele, pois seria “preciso fazer parar a marcha dos homens para ele se incorporar”<sup>495</sup>. O ritmo dos homens não se interrompe para resgatar um companheiro perdido e Romualdo percebe isso. Ele não recuperaria os afetos da família, não arranjaría emprego, não conseguiría vencer o álcool. Deprimido, embalado por toda essa negatividade, entra no Guaíba e vai ao encontro da morte.

Apesar de voltar ao tópico da inaptidão, “Você deve desistir, Romualdo” era uma história diferente daquelas que Cyro publicara em *Campo fora* ou na *Revista do Globo*. Em ocasiões anteriores, ele não abordou com tanta densidade assuntos como o alcoolismo e a depressão. Nos trechos de *Sem rumo* e *Enquanto as águas correm* em que descreve os bolichos e seus frequentadores, a dependência da cachaça aparece, mas não é o mote principal. Ela surge como uma das forças que atrasam a vida dos gaúchos sem eira nem beira. Já em “Você deve desistir, Romualdo”, o problema do protagonista com a bebida vira o centro da narrativa e desencadeia o padecimento de Romualdo. O alcoolismo do personagem desperta a depressão – tem uma “moleza de alma”, um “aspecto encolhido”, retrai-se para um mundo “crepuscular”, “chora por nada”, fica “apático” –, acentua seus traços melancólicos e leva-o ao suicídio.

Talvez Cyro tenha lançado mão das experiências como funcionário do Hospital São Pedro para construir “Você deve desistir, Romualdo”. Ele presenciou muitos casos de alcoólatras que ingressavam e saíam da instituição, não se encontravam e viviam sem perspectivas de melhora. É possível que Cyro ainda não dominasse as ideias acerca da posição depressiva, introduzidas no meio psicanalítico por Melanie Klein em 1934<sup>496</sup>. Todavia, como conhecedor de certos escritos de Sigmund Freud, poderia construir algumas relações entre melancolia e alcoolismo.

O leitor acompanha o processo de definhamento de Romualdo com uma sensação de peso, com a consciência de que as sombras chegarão inevitavelmente. O peso e as sombras não passaram despercebidos aos editores da *Revista do Globo*. No meio da história<sup>497</sup>, inseriram

<sup>495</sup> MARTINS, Cyro. Você deve desistir, Romualdo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 321, p. 51, 20/06/1942.

<sup>496</sup> PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 594.

<sup>497</sup> Ver: MARTINS, Cyro. Você deve desistir, Romualdo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 321, p. 48, 20/06/1942.

uma caixa de texto com várias utilidades. Ela chamava a atenção por ter o título “O autor”, mas não trazia apenas informações sobre Cyro – nome “conhecido como ficcionista”, escritor orientado por “um refinamento e uma firmeza” que o colocavam “na primeira linha dos romancistas do Rio Grande do Sul”. A nota biográfica ainda citava sua formação, seus livros e sua dedicação tanto à literatura quanto à ciência.

A respeito do texto, o tom simpático se estendia por dois momentos: “A novela que aqui apresentamos nos mostra, de fato, um Cyro Martins com redobrada experiência literária”, “A publicação pela *Revista do Globo* de ‘Você deve desistir, Romualdo’, deve-se a um desmedido esforço no afã de proporcionar boa leitura ao público, levando-se em conta o fato de que a novela vale por um livro de cem páginas, no mínimo”. Não havia dúvidas acerca da qualidade e da densidade de “Você deve desistir, Romualdo”, ainda mais se comparado com as colaborações anteriores. Entretanto, soam demasiadas as louvações à narrativa. O texto era bom, digno de elogios e não prescindia de exageros. Tais excessos podem ser discutidos quando da observação de todo o conteúdo da nota biográfica. Após informarem que a história vinha de um escritor com “redobrada experiência”, os editores prepararam o público para o que chegaria em breve: “Ela [a ‘novela’] é apenas uma prova do que representará para os leitores o seu próximo romance *Mensagem errante*, que a Livraria do Globo editará ainda este ano”. Com essa propaganda, se entendem os exacerbados confetes a “Você deve desistir, Romualdo” e o importante espaço ocupado pela trama – colocada entre as páginas 46 e 52, em meio a duas ilustrações e treze anúncios publicitários.

Como prometia a informação da *Revista do Globo* de 20 de junho de 1942, *Mensagem errante* saiu ainda naquele ano. Quase seis meses depois, em 13 de dezembro, na página 4 do *Correio do Povo*, o advogado José Salgado Martins – que não tinha nenhum parentesco com Cyro, mas era seu amigo de juventude – publicou o texto “Mensagem errante”, a primeira crítica da obra. O artigo era elogioso e nele havia a intenção de mostrar a singularidade do livro. Salgado Martins afirmou que o romance era “admirável, bem urdido”, contribuía com “**algo novo** para a literatura do Rio Grande do Sul” – o realce dado a **algo novo** já aparecia no original – e assinalava um “acontecimento memorável, na literatura brasileira, pelas singulares virtudes do escritor”. Para Salgado Martins, *Mensagem errante* não era uma obra regional “no sentido restrito do termo” e essa era uma das características que a tornavam singular. Por inspirar “motivos humanos”, por ser “rica de conteúdo psicológico e social”, o último livro de Cyro se afastava do grupo regionalista. Salgado Martins via tal afastamento como um ponto positivo e o considerava um mérito. Outros aspectos positivos da narrativa eram os personagens, que

palpitavam “intensamente de vida” e eram pintados com “matizes psicológicos” variados, a ausência das tintas fortes, a valorização dos “pequenos dramas cotidianos”, a “leve palpitação de ironia”, a sobriedade e a emoção discretas, a “mensagem de contagiante simpatia humana”<sup>498</sup>. Com uma primeira avaliação tão favorável, *Mensagem errante* começava de maneira auspiciosa sua carreira.

Um dia depois da crítica no *Correio do Povo*, Cyro autografou livros para Manoelito de Ornellas e Moysés Vellinho<sup>499</sup>. Não se sabe se houve uma sessão de lançamento ou se o autor aproveitou alguns dos trinta exemplares a que tinha direito para presentear duas das mais importantes vozes da intelectualidade gaúcha. O fato é que, na primeira quinzena de dezembro, o novo romance estava na praça. A edição contava com 262 páginas, a capa era desenhada por Edgar Koetz, renomado artista gráfico, as orelhas traziam a ilustração do rosto do autor e um texto sem assinatura comparando a narrativa de Cyro ao *Main Street* de Sinclair Lewis. *Mensagem errante* também fora bem distribuído e poderia ser comprado na Livraria do Globo da Rua da Praia, nas filiais de Santa Maria, Pelotas, Rio Grande e Rio de Janeiro ou ser solicitado via telégrafo pelo número da edição – 1395A.

Além da referência à data, as dedicatórias a Ornellas e a Vellinho indicavam que Cyro pretendia ser lido. Não lhe bastava ser um escritor, tinha de ser um escritor completo, um escritor com público. Desses dois nomes, um lhe daria resposta sobre a leitura, mas isso não aconteceria logo. Um retorno mais rápido veio de longe e, ao mesmo tempo, de perto: de Quaraí, do irmão Ivo.

O acervo de Cyro é composto por diversos materiais, sendo grande parte deles relevantes para o desenvolvimento da trilha biográfica. A correspondência com a família, que poderia ajudar a resgatar parte do convívio do biografado com os parentes e as esclarecer suas relações com o Martins e os Castro de Souza, é, no entanto, rara. Um dos poucos itens valiosos nesse sentido é uma carta de Ivo, datada em Quaraí, coincidentemente, no dia 14 de dezembro de 1942. A missiva datilografada em menos de duas páginas gira em torno de *Mensagem errante*. Mesmo que seja monotemática, ela se mostra reveladora e oferece espaço para algumas interpretações.

---

<sup>498</sup> Todas as referências à primeira crítica de *Mensagem errante* podem ser encontradas em: MARTINS, José Salgado. *Mensagem errante. Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 4, 13/12/1942.

<sup>499</sup> Os exemplares estão nas bibliotecas de Manoelito de Ornellas (MOR 869.9937 M386m) e de Moysés Vellinho (MOV 869.9937 M386m), guardadas no Delfos. As duas dedicatórias são protocolares e sua maior revelação é a data em que foram escritas: “Ao Manoelito d’Ornellas, com amizade e admiração do Cyro Martins. P. Alegre, 14-XII-42”, “Ao Moysés Vellinho, com a simpatia e a admiração do Cyro Martins. P. Alegre, 14-XII-42”.

No final da carta, Ivo faz um alerta para o irmão: “Tudo o que disse sobre o teu livro é muito pessoal e não leva a pretensão de crítica. Não entendo do mister. Digo sempre o que sinto e à maneira como as coisas se apresentam”<sup>500</sup>. As últimas palavras de Ivo reforçavam um pensamento sobre *Mensagem errante* que ele já expusera no primeiro parágrafo: “Senti-o profundamente”. Para Ivo, aquela era uma leitura sentida, que tocava fundo. Os sentimentos não afloravam apenas por a obra ser uma construção do irmão. Ela trazia vivências e lembranças comuns, trazia uma fatia da vida dos Martins.

Ainda que não se considerasse apto para fazer uma apreciação crítica, Ivo não desconhecia as veredas da escrita, pois, nos tempos de Porto Alegre, atuara como jornalista esportivo do *Correio do Povo*. Por saber das dificuldades do ofício – e também para estimular o irmão –, Ivo não teve receios de elogiar o romance. “Magnífico!”, disse Ivo, “Sem dúvida o melhor dos que escreveste e o melhor dos que tenho lido ultimamente”. Após essa observação geral, ele falou dos personagens (“Todas as figuras estão bem delineadas”), dos capítulos – “[...] cheios, acabados com arte. Ternura, às vezes, graça em outras (verdadeiros achados)” – e do exame certo a respeito do espírito das cidadezinhas e seus habitantes: “[...] vale, ainda, por um desabafo e não só para mim, também para muitos da terra. E tem sabor de fruto proibido”.

O exame crítico de Ivo é pertinente e muitos dos louvores levantados por ele encontram lugar em *Mensagem errante*. Contudo, as ideias mais expressivas de sua análise surgiram das aproximações e das reticências. Ivo disse, logo no primeiro parágrafo da carta: “Vivi, através suas páginas, muitas das horas e de instantes que nos foram comuns. Nunca pensei vê-los de novo, em cenários tão conhecidos e de tanto realismo”. A revelação de Ivo é uma das referências que indicam o caráter autobiográfico da obra. Cyro lembrava de cenários e de momentos decisivos de sua vida. Ao falar de si, também falava dos que o rodeavam.

Em *Mensagem errante*, não há personagens chamados de Cyro ou de Ivo, mas o artifício do autor não é tão sutil. “O Carlos é o retrato do autor...”, escreveu Ivo, esclarecendo que percebeu a intenção do irmão e suspendendo o comentário com as reticências. Ao contrário de um possível leitor desavisado, Ivo era íntimo, sabia das vivências do irmão. Porém, tendo-se em conta algumas informações básicas a respeito de Cyro, o leitor pode reconhecer – até com certa facilidade – o autor em Carlos, o protagonista. Ivo não devia se ver em Alfredinho, o irmão mais novo de Carlos, que raramente aparece na narrativa. O que ele reconhecia eram as sensações e os instantes compartilhados. Um exemplo disso é a sua fala sobre o início da vida

---

<sup>500</sup> A carta de Ivo para Cyro pode ser encontrada no Acervo Cyro Martins (Caixa 18, sem número de tomo). Todas as citações foram retiradas do documento composto por uma folha, datilografada na frente e em parte do verso.

escolar: “Afora tu, quem poderá compreender e sentir, mais do que eu, aquele maravilhoso capítulo da primeira tarde, de ocaso e de luz, no pátio do ginásio?”.

Além de fazer um exercício crítico e de apontar o tom autobiográfico de *Mensagem errante*, Ivo fala do público quaraiense. Segundo ele, seria fácil vender “uns cem volumes” por lá, pois a curiosidade era grande e “toda a gente” procurava lê-lo. Para dar mostras do que afirmava, Ivo citou alguns leitores: José Salánky estava “entusiasmadíssimo” e mandaria uma “crítica sincera” por carta; Ascânio tinha começado a leitura recentemente, mas pretendia apreciar a obra em um texto no *Jornal da Fronteira*; alguém de apelido Cadocho estava “encantado com a leitura” e não a terminou porque, em sua casa, o exemplar era “muito disputado”.

Assim como Cyro, Ivo era mais expansivo quando tratava dos amigos. Sobre a reação de Felícia ao receber a nova criação do filho, ele foi sucinto: “Mamãe agradece o volume que mandaste”. Essa é a única linha da carta que cita Felícia. Não se sabe se ela ficou contente ou orgulhosa, se começou a ler o romance, se o guardou entre os objetos que formavam suas lembranças. Não se sabe nem se ela estava bem. Apesar de Ivo elucubrar acerca dos sentimentos despertados por *Mensagem errante*, a missiva parece fria. Talvez os irmãos tivessem se correspondido pouco antes, trocado informações e preocupações acerca da situação da mãe. Talvez Ivo já tivesse recebido notícias da cunhada e da sobrinha e não necessitasse perguntar por elas.

A hipótese da frieza e do silêncio no tocante aos assuntos familiares se baseia em uma carta solitária e, por isso mesmo, não tem sustentação forte. Entretanto, isso não impede que uma série de questões, específicas e gerais, seja levantada. Por que Ivo não dá detalhes sobre a mãe? Por que ele não fala em Suely e Maria Helena? Por que não mencionou as irmãs? Por que não perguntou a Cyro as razões que o levaram a escrever histórias comuns aos Martins? Em que pé estava a relação dos irmãos no final de 1942? Onde estavam Iná e Alda naquele dezembro? Por que a carta familiar elogiosa foi uma das poucas a chegar ao acervo de Cyro? As questões podem carregar um tom malicioso, mas precisam ser feitas em uma investigação biográfica. É claro que relativizações também tem de ser feitas. É possível que Cyro não tivesse o hábito de guardar cartas, que a situação da família fosse boa, que Felícia passasse por um momento de tranquilidade, que Ivo soubesse, por Cyro, de tudo sobre a cunhada e a sobrinha, que os irmãos e as irmãs se correspondessem com frequência, que muitos assuntos ficaram longe da carta de 14 de dezembro de 1942 porque era a intenção de Ivo tratar apenas de *Mensagem errante*.

É provável que naquele final de ano o livro de Cyro ocupasse o centro das atenções dos Martins. Em *Mensagem errante*, ora de modo disfarçado, ora de maneira evidente, estavam muitas das figuras e das histórias caras ao clã. Na primeira parte do romance – “A campanha” –, o modelo paterno constituído por Bilo é reproduzido em Afonso<sup>501</sup>. O personagem compartilha das práticas e das ideias que o seu correspondente de fora da ficção. Eles são pequenos proprietários, donos de bolichos na beira no corredor. No tocante à educação, Afonso tem as mesmas opiniões de Bilo – o mundo mudava e quem não estudasse ficaria para trás. Ele também desejava que Carlos não fosse um “burro” como o pai e não se importava de gastar todos os seus recursos na formação do filho. Inclusive o sonho de ver um rebento como advogado e homem saliente na sociedade aproximava os dois pais. Politicamente, Afonso repetia a orientação de Bilo. Era oposicionista e queria ver o fim da ditadura borgista. A atuação deles era semelhante e diferente em certos pontos. Ambos cabalavam eleitores e trabalhavam para a Aliança Libertadora. Entretanto, na preparação para o conflito, Bilo ficou de fora, já Afonso aparece como coronel a facção, reúne um bando e se encaminha para as coxilhas.

Afonso tem um papel importante em “A campanha”, pois é ele quem guia o destino de Carlos. Ainda que o pai seja a mão condutora, o guri ocupa o centro da narrativa. Na primeira parte de *Mensagem errante* – que seria publicada, anos depois, separadamente, com o título *Um menino vai para o colégio* –, a história vai da infância até a adolescência de Carlos. Há dois marcos significativos em “A campanha”: a saída do campo e a passagem para a vida adulta. Até a ida para o colégio dos padres, em Porto Alegre, a existência de Carlos é caracterizada pela liberdade. Na Estância da Estrela, os pais e o irmão estavam por perto, ele não tinha compromissos, imaginava ser um fazendeiro adulto, brincava com gado de osso, fazia arte com os companheiros de sua idade e corria solto campo fora. Essa fase chegou ao fim quando Carlos se afastou dos pagos, conheceu a solidão, se integrou à disciplina do colégio e viu seu espaço reduzido pelas paredes do internato.

A sucessão das fases de uma existência é a força que move o enredo de *Mensagem errante*. Os ritos de passagem funcionam, ao mesmo tempo, como ruptura e ligação entre as quatro partes que compõem o livro – “A campanha”, “A capital”, “A cidadezinha” e “Domingos”. No final de “A campanha”, por exemplo, é possível observar um Carlos que

---

<sup>501</sup> No ensaio “Seu Bilo e outros pais na ficção de Cyro Martins”, Maria Helena Martins apresentou uma perspectiva interessante. Para ela, quanto mais o tempo passava para Cyro, mais o Seu Bilo se transformava em personagem. Contudo, isso não a impedia de reconhecer “heterônimos” de Bilo, “personagens paternas com outros nomes – em textos mais antigos, como o ‘Seu Afonso’”. In: MARTINS, Maria Helena. Seu Bilo e outros pais na ficção de Cyro Martins. MARTINS, Maria Helena; MOREIRA, Maria Eunice; KETZER, Solange Medina. *Múltiplas leituras: ensaios sobre Cyro Martins*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 98.



precisa se virar e enfrentar sozinho os desafios impostos pela vida. Já nos calores da Revolução de 1923, sabendo que o pai vai para a luta, encarregado de si mesmo, ele atravessa o Estado para voltar à escola. Ao chegar tarde na capital por causa de atrasos do trem, Carlos se vê diante de duas alternativas: ir para o internato e transgredir os hábitos dos jesuítas ou dormir em um hotel e contrariar as ordens paternas – que o mandavam da estação direto para o colégio. Conforme a interpretação de Sissa Jacoby, ao optar pelo Hotel Lagache, o rapaz toma uma decisão “característica do adulto que assume a responsabilidade de seus atos”<sup>502</sup>. A viagem solitária e a escolha pelo Lagache não são os dois únicos indicativos de ruptura entre o Carlos guri e o Carlos que se pretende homem. No quarto, ele veste seu primeiro terno, olha-se no espelho e pensa que cresceu; no restaurante, faz uma refeição com direito a vinho e a cigarro, detalhes que sublinham “o encantamento da primeira noite – iniciática – do adulto”<sup>503</sup>.

Mesmo fazendo parte de um conjunto maior, “A campanha” possui características que lhe conferem um aspecto autônomo. Na primeira parte de *Mensagem errante*, ainda que voltassem alguns dos cortes temporais confusos de *Sem rumo* e de *Enquanto as águas correm*, Cyro construiu uma narrativa mais fluida do que as das publicações anteriores. Havia sinais de que, na nova publicação, ele atingira outro nível de escrita. Ivo não julgara equivocadamente a elaboração das figuras. Carlos e Afonso estavam bem delineados, eram visíveis, fortes. Os cenários abertos da campanha e fechado do internato tinham as cores corretas, marcavam. Uns poucos diálogos soavam excrescentes, mas muitos já serviam para revelar os personagens. O movimento das obras anteriores – início no campo e desfecho na cidade – se repetia com mais clareza. Em 8 de novembro de 1943, quase um ano depois da publicação de *Mensagem errante*, as qualidades de “A campanha” foram ressaltadas por Augusto Meyer. Por carta, o amigo disse: “[...] gostei muito, mas muito, da primeira parte do teu último livro: ‘Campanha’. É uma coisa que nasceu bem, que aconteceu, que nem parece escrita. Li e reli com uma comoção que não cabe nestas pobres linhas”<sup>504</sup>. Vindas de um leitor como Meyer, aquelas palavras empolgavam. “A campanha” era o acerto literário que Cyro perseguia desde quando começou a escrever.

O que contribuiu para esse acerto? Será que o trabalho com o material autobiográfico ajudou no processo criativo de Cyro? O autor sentiu um domínio maior da história e se soltou,

<sup>502</sup>JACOBY, Sissa. O mito de narciso na adaptação fílmica de *Um menino vai para o colégio*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Org.). *Literatura, história e memória: travessias literárias e culturais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 229.

<sup>503</sup>JACOBY, Sissa. O mito de narciso na adaptação fílmica de *Um menino vai para o colégio*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Org.). *Literatura, história e memória: travessias literárias e culturais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 230.

<sup>504</sup>MEYER, Augusto. Carta. In: MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre: Movimento, 1998, p. 7.

deixando a narrativa fluir? É possível que as respostas para as duas últimas questões sejam positivas, mas Cyro nunca falou sobre a criação de *Mensagem errante* e foi reticente quanto ao conteúdo autobiográfico do romance. Tempos depois, quando “A campanha” virou *Um menino vai para o colégio* e alguns capítulos de “A capital” se transformaram nas histórias vividas e andadas de *A dama do saladeiro*, Abrão Slavutzky tentou, sem muito sucesso, abordar o tema autobiográfico: “Parece-me que *Um menino vai para o colégio*, *Rodeio* e *A dama do saladeiro* são os teus livros mais nitidamente autobiográficos. Verdade?”. A pergunta de Slavutzky não era descabida e tinha fundamento. Na réplica, entretanto, Cyro se desviou. Após falar dos sonhos e explicar que o “sonhante está um pouco em todas as figuras e detalhes oníricos”, ele disse que o mesmo pode ocorrer na ficção, pois “o autor, sem que haja uma intenção consciente, se infiltra na alma de seus personagens e nas mais diversas situações da criação literária”. A explicação gerou uma expectativa de concordância com o entrevistado, mas Cyro se afastou o quanto pode da resposta positiva: “Não é bem o caso dos livros que citaste, exceto *O menino*, embora muitos capítulos dos outros dois sejam evocações de episódios idos e vividos”<sup>505</sup>.

É curioso o fato de Cyro tentar negar as características autobiográficas de *Rodeio* e de *A dama do saladeiro*. Não menos interessante é o reconhecimento de que *Um menino vai para o colégio* tem esses traços e de que partes das outras duas obras evoquem “episódios idos e vividos”. As duas edições de *Rodeio* rememoram episódios, espaços e pessoas que, em dado momento, passaram pela vida de Cyro. *A dama do saladeiro* é uma reunião de histórias que compunham “A capital”, “A cidadezinha” e “Domingos”. Se esses três grandes capítulos de *Mensagem errante* funcionavam como continuação de “A campanha”, eles não seguiam a linha autobiográfica? É provável que sim, mesmo que Cyro não desejasse admitir.

A resposta a Slavutzky poderia ser escorregadia, mas sua produção indicava a trilha autobiográfica. Para a publicação de *A dama do saladeiro*, Cyro mexeu nas antigas narrativas de *Mensagem errante* e qual foi a principal mudança operada por ele? O apagamento de Carlos, a troca da terceira pessoa para a primeira. “A campanha”, “A capital”, “A cidadezinha” e “Domingos” formavam um todo, seguiam a trilha de um personagem em diferentes fases de sua vida e só a primeira delas era autobiográfica? Voltando à resposta de Cyro, se pode problematizar outro ponto. Era inconsciente a intenção de escrever sobre sua própria história? As oitenta páginas de “A campanha” surgiram inconscientemente? Cyro não notara que a trama de Carlos se enredava e se confundia com os acontecimentos de sua vida? É difícil de acreditar

---

<sup>505</sup> A pergunta de Slavutzky e a resposta de Cyro estão em: MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 112.

nessa possibilidade. Cyro já era um autor experimentado quando da elaboração de *Mensagem errante* e, ainda que fosse um principiante, seria improvável que não se desse conta do que escrevia.

O menino Carlos tinha semelhanças com o menino Cyro e as correspondências se reiteravam nos períodos em que os dois eram alunos da Faculdade de Medicina e clínicos em uma cidade pequena. Com oito capítulos e menos de sessenta páginas, “A capital” contempla a primeira dessas épocas. Se, em “A campanha”, a passagem da infância para vida adulta era privilegiada, a tônica de “A capital” é a jornada de um estudante adulto e pobre. O leitor que inicia a segunda parte do romance percebe logo que a história de Carlos continua em um momento diferente e aquilo que fora prometido silenciosamente no final de “A campanha” se cumpre: o rapaz vive sozinho em Porto Alegre, é o senhor de suas decisões. Ele não é mais o aluno interno do colégio dos padres, é alguém que cursa medicina, pula de pensão em pensão e se vira com o pouco dinheiro que lhe é enviado do interior. Há um corte temporal significativo entre o final de “A campanha” e o início de “A capital”. Não se sabe o que aconteceu com Carlos nesse intervalo – assim como não se tem muitas certezas sobre o que aconteceu com Cyro na fase que separava o colégio da faculdade. Apesar de profundo, esse corte não se configura como um obstáculo à leitura de *Mensagem errante*, não atrapalha a compreensão acerca da sequência dos episódios narrados nem fere a estrutura da obra.

Uma das maiores preocupações de Cyro em relação ao novo romance era a estrutura. Em *Sem rumo* e *Enquanto as águas correm*, cometera falhas, pois, estruturalmente, os livros tropeçavam – os cortes temporais atrapalhavam a sequência narrativa, às vezes impediam a construção de sentido, e alguns episódios não se conectavam. Cyro pretendia evoluir como escritor e uma boa parcela da evolução tinha de passar pela superação de tal defeito. De “A campanha” para “A capital”, ele não escorregara, de “A capital” para “A cidadezinha”, tampouco, já dessa para “Domingos”, houve uma quebra perceptível. No ensaio “As coxilhas sem monarca”, Carlos Jorge Appel lembrou que Cyro nunca se convencera da estrutura de *Mensagem errante* e, por isso, resolveu desmembrá-lo<sup>506</sup>. Appel não disse quais elementos da estrutura incomodavam o autor. Era a arquitetura maior, entre as quatro partes, ou a menor, entre os capítulos dos grandes conjuntos?

No primeiro aspecto, com exceção de “Domingos”, que interrompia o paralelismo dos títulos, cortava a ideia de deslocamento e colocava a noção de tempo no lugar da de espaço,

---

<sup>506</sup> Ver: APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem monarca. In: *Autores gaúchos* – Cyro Martins. Porto Alegre: IEL, 1995, p. 21.

não havia nada tão saliente. Na construção interna das quatro partes, a situação se modificava e alguns problemas poderiam ser notados. Em “A capital”, um dos capítulos tinha certa irregularidade. No sexto, o foco está em Carlos e nos seus dramas: a pobreza que não dá folga, a noiva que não escreve, a reta final do curso de medicina, a dívida com o dono do sebo – que não lhe dera prazo suficiente, o perseguia e prometia cenas de aborrecimento. Esse momento de reflexão e exposição de receios, que ajuda a revelar o protagonista, é interrompido por asteriscos e o foco se direciona para Dona Margarida, a companheira de pensão, que “vale-se das sugestões sentimentais do fim da tarde, para escrever ao amante esquivo”<sup>507</sup>. Quando novos asteriscos dão por terminada a carta de Margarida, Carlos volta à cena, mas aquelas reflexões se perderam. Caminhando pela pensão, preocupado em aplicar uma injeção na filha tísica da dona do lugar, ele ainda pensa em Dona Margarida, que “continua a sonhar com o amado arisco”<sup>508</sup>. Essa tentativa de ligação entre os episódios não é eficaz e o capítulo deixa a impressão de frequentes quebras.

“A capital” tem os mesmos saltos temporais de “A campanha” e, assim como ocorre com a leitura da primeira parte, isso não gera obstáculos de compreensão. Em “A campanha”, havia dois picos narrativos – a ida para o internato e o rito de passagem do final. Em “A capital”, o momento mais intenso é o desfecho, que também fica marcado por um rito de passagem: o término do período estudantil e o início da vida profissional. A cena em que Carlos acredita ter deixado a agulha no descarnado braço de Ritinha demonstra a insegurança e os medos do médico recém-formado e traz a premonição de incertezas futuras. O remate de “A capital” teve força não só pelas perspectivas que carregava, mas também por ser o ápice de um sentimento que se construiu desde o início da história do “doutorando” Carlos. Nos capítulos anteriores, ele apresentava dúvidas quanto à aplicabilidade das teorias aprendidas na faculdade, quanto à atualidade das lições preferidas pelos docentes e, até mesmo, quanto a sua inclinação para a clínica. Além de recuperar essa gama de incertezas, o drama da agulha projeta outros, que aparecem em “A cidadezinha”.

Na terceira parte de *Mensagem errante* – a de maior extensão no romance, com 110 páginas –, as histórias de Carlos como médico e “intelectual” de São João Batista ganham espaço. As mais significativas são aquelas publicadas, no ano de 1980, em *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas: o primeiro parto, o suicídio do hoteleiro, o estancieiro encaminhado para internação no Hospital São Pedro, o doente em um casebre de periferia, o

<sup>507</sup> MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942, p. 123.

<sup>508</sup> MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942, p. 124.

assassinato no cabaré, o poeta que esnoba os conterrâneos, a dama uruguaia. Entre as aventuras de clínico rural estão as reflexões de Carlos sobre o seu futuro profissional, o depressivo ambiente familiar que não consegue superar a morte da figura paterna, a situação dos gaúchos a pé, as tentativas de denúncia acerca das abismais diferenças sociais e econômicas que separavam os sujeitos de São João, a política raivosa e miúda da cidadezinha. Em alguns instantes da narrativa, despontam seus sentimentos em relação a Ruth, a noiva. No entanto, eles nunca são muito claros. Parece que o protagonista é apaixonado pela moça, só que o relacionamento é ambíguo, emperrado, demora a evoluir. Em certas ocasiões, Carlos não quer que Ruth atrele sua vida a um rapaz pobre como ele – que vive da mão para a boca mesmo tendo diploma; em outras, vê no matrimônio a possibilidade de se estabilizar, colocar uma vestimenta social e atingir novo patamar como médico – um doutor casado, sério inspiraria respeito, atrairia clientes de nível mais elevado.

Nada indica que Ruth pertença a uma família abastada. A sensação é de que ela divide com Carlos os problemas da falta de dinheiro. Essa nebulosidade em torno da formação do casal é interessante por alguns motivos. Em primeiro lugar, por repetir as sombras e as dúvidas que rodeavam o namoro, o noivado e o casamento de Cyro com Suely. Não se sabe muito dos caminhos reais nem dos ficcionais. Por outro lado, a falta de ligação entre Ruth e Suely reforçaria as afirmações de Cyro sobre não fazer autobiografia – aquela moça não se parecia com sua esposa, logo, não escrevia sobre si e os seus. Por que Cyro não deu mais espaço para Ruth, não a desenvolveu? Será que, aproximando as duas, os leitores, principalmente os de Quaraí, reconheceriam Suely? Como seria a reação dos sogros se notassem semelhanças entre sua filha e a personagem de *Mensagem errante*? Talvez ele não quisesse expor a mulher, explorar outra vereda íntima, abrir uma nova frente de conflito com Antenor e Lucinda. A opção pelo não é compreensível, pois, mesmo que tivesse tendência a falar de si, em diversas ocasiões, Cyro foi discreto quanto aos assuntos pessoais – ainda mais quando a vida conjugal com Suely entrava na pauta.

A falta de desenvolvimento da personagem Ruth não era o único ponto discutível de “A cidadezinha”. O que ocorria em certos momentos de “A capital” se repetiu: internamente, alguns capítulos apresentavam um ritmo quebrado e confuso. Exemplos desse problema estão nos episódios do capítulo IV, no qual núcleos narrativos são postos em sequência, sem um diálogo aparente. Carlos toma conhecimento das eleições do clube, pensa nas árvores da praça derrubadas pelo novo prefeito, encontra o poeta Ângelo, presta atendimento à esposa de um funcionário público que o engambela e não paga. Separadamente, os núcleos têm força, mas,

juntos, destacados apenas por asteriscos, eles não formam uma unidade com sentido. Em um exercício interpretativo feito com extrema boa vontade, seria possível pensar que os quatro episódios são retratos da vida em uma cidadezinha. Briguinhas por pequenos poderes, como a diretoria do clube, ideias recorrentes de falso progresso – corte das árvores nativas para dar lugar a um jardim à inglesa –, arrogância daquele que se vê como sujeito do mundo frente aos hábitos interioranos (caso de Ângelo), abuso dos profissionais iniciantes e até inocentes. Para ser realizado, esse exercício interpretativo precisaria, além da boa vontade, do esforço para tentar costurar histórias que, à primeira, à segunda e à terceira vistas parecem afastadas.

É claro que “A cidadezinha” não se constrói exclusivamente ao redor de falhas. Na realidade, a terceira parte de *Mensagem errante* possui um alto nível de dramaticidade. As dúvidas que atormentavam o Carlos estudante voltam à baila e se expandem. No novo momento, as inseguranças abandonam o plano do pensamento e se materializam a cada consulta dada pelo médico. O clima melancólico do círculo familiar também pesa na carga dramática de “A cidadezinha”, assim como as constantes interrogações do protagonista a respeito do seu futuro – tentar a vida longe de São João, insistir na escrita e na literatura, buscar alguma especialização que o coloque em outro patamar profissional, casar com Ruth. Da mesma maneira que acontece em “A capital”, as dúvidas crescem até o desfecho. Porém, no final de “A cidadezinha”, algumas incertezas desaparecem. Consciente das mudanças que a tomada de posição trará, Carlos decide que é a hora de realizar algo: casará com Ruth e buscará um motivo intelectual para viver.

*Mensagem errante* poderia ter o seu ponto final depois da última palavra de “A cidadezinha”. Até ali, o leitor testemunharia a jornada existencial de um indivíduo como tantos outros – cheio de perguntas, sem garantias de futuro, com vontade de ir atrás de coisas melhores. Até ali, o leitor acompanharia o recorte de uma vida. Talvez essa possibilidade tenha passado pela cabeça de Cyro, mas ele não a escolheu. Se ele nunca se convenceu da solidez estrutural do romance, é possível que se sentisse inseguro com a história dividida em três partes, que não se contentasse com o destino dado ao protagonista. Além das palavras ditas a Carlos Jorge Appel, o autor não deu nenhum depoimento sobre *Mensagem errante* – o processo de escrita que envolveu a obra, as decisões narrativas que tomou. No tocante ao seu quarto livro, Cyro era silencioso. Ele não se importou em falar das circunstâncias que envolveram a criação de *Campo fora*, *Sem rumo* e *Enquanto as águas correm*. Não teve problemas ao comentar que o primeiro começou a ser elaborado ainda no Cerro do Marco, no balcão do bolicho, que o segundo surgiu dos anos de clínica em Quaraí, que o terceiro acompanhou o período de estudos para o concurso

do Hospital São Pedro. Por que ele não disse nada sobre a sua obra mais pessoal? Por que, anos depois, retirou o título de seu currículo, mesmo que reaproveitasse as histórias do filho renegado?

Cyro pode não ter falado, justamente, por considerar *Mensagem errante* o seu livro mais pessoal. Pode não ter falado por achar que tropeçou na construção do romance. Ainda que a narrativa revelasse pequenas falhas, pelo menos até o final de “A cidadezinha”, não se percebia nada gritante. O romance recebera elogios de nomes reconhecidos no panorama literário gaúcha. Depois de Augusto Meyer, uma série de declarações foi publicada junto à propaganda de *Mensagem errante* veiculada na *Revista do Globo* de 19 de dezembro de 1942. A maior parte delas não se referia diretamente ao romance, mas à produção de Cyro em geral. Darcy Azambuja, por exemplo, ajuizou: “Os romances de Cyro Martins são a própria vida, interpretada com exatidão e descrita com delicadeza”. Já Erico Verissimo distinguiu Cyro como um “admirável prosador. E talvez um dos mais sérios de nossos romancistas”<sup>509</sup>. Apenas Telmo Vergara e Antônio Barata pareciam ter lido a história de Carlos. O primeiro afirmou que a “leitura de *Mensagem errante* é agradabilíssima. O livro tem ótimas qualidades: cenas levantadas com vigor, ternura boa e mansa, cenas de grande melancolia, e páginas nas quais o autor soube ser, também, veladamente galhofeiro”. O segundo disse: “Li e gostei de *Mensagem errante*. Cyro Martins evolui de romance em romance. Acho que ele já pode ser, sem nenhum favor, incluído no primeiro *team* dos romancistas nacionais”<sup>510</sup>. Mesmo que as “críticas” de Vergara e Barata não fossem tão detalhistas, podia-se notar que Cyro era lido, visto como ficcionista de qualidades e em evolução, com chances de atingir círculos de intelectuais e de escritores.

Moysés Vellinho, em *Letras da Província*, foi outro a dar um retorno sobre a leitura da obra de Cyro. No texto “Itinerário de um romancista”, Vellinho falou rápido e bem da publicação de 1942. O crítico achava que, com *Mensagem errante* – “um livro, tranquilo, de suave temperatura”, de “tom subjetivo”, “interior”, que se desenvolvia “de dentro para fora, sem aflições nem angústias” –, Cyro não só encontrou uma forma de “quebrar a monotonia em que se resolvera o regionalismo”, mas também “descobriu seu clima natural”<sup>511</sup>, libertou-se “de

<sup>509</sup> Outras declarações generalistas foram dadas por: Manoelito de Ornellas, Athos Damasceno Ferreira e Dyonélio Machado.

<sup>510</sup> Todas as citações referentes às declarações foram retiradas de: *MENSAGEM ERRANTE, O NOVO ROMANCE DE CYRO MARTINS*. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 331, p. 7, 19/12/1942.

<sup>511</sup> VELLINHO, Moysés. Itinerário de um romancista. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 164.

suas vacilações”, dominou o “constrangimento” e passou a figurar “entre os melhores romancistas da presente geração rio-grandense”<sup>512</sup>.

A quebra mais saliente da publicação tão elogiada por Moysés Vellinho vem com “Domingos”. Já no título da última parte, nota-se uma interrupção da ideia de mostrar a trajetória de Carlos por determinados espaços. “Domingos” traz a noção de tempo, tranquilidade e descanso. Nesse capítulo de cores que lembram um epílogo, parece existir, por parte do autor, a intenção de dar uma satisfação ao público, um destino ao protagonista. Também parece que Cyro sentia uma necessidade de fechar a obra e não deixar as pontas abertas no remate de “A cidadezinha”.

Não havia nada de errado com o final suspenso da penúltima parte – e ele até gerava um impacto maior do que os episódios contatos em “Domingos”. Neles, Carlos é retrato em outro estágio da vida: casou com Ruth (desenhada como indecisa e dedicada às tarefas de mãe e dona de casa), nasceu uma filha, Leda, a clientela aumentou, ele ganhou dinheiro, comprou uma boa casa, deixou para trás a fase das dificuldades e atingiu a estabilidade. “Domingos” pode quebrar o fluxo que vinha desde “A campanha”, pode até ser considerado supérfluo no conjunto de *Mensagem errante*, mas a correspondência entre o título e o conteúdo do capítulo é costurada com argúcia. São os gordos domingos os melhores representantes do período estável da jornada de Carlos. Domingos em que se come bem, em que se aproveitam os ambientes da bela casa, em que se fala carinhosamente com a esposa, em que se brinca com a filha pequena, em que se folheiam o jornal e os livros sem pressa, com prazer e atenção, em que se olha para o passado, para os “tempos heroicos”<sup>513</sup>, de pobreza e tropeços, e se ri.

Se, por um lado, os domingos simbolizam a estabilidade, por outro, eles fazem nascer a dúvida. No meio desse cenário seguro, de moradia “esplêndida, clientela compensadora, meticulosidade e harmonia doméstica”, de “vida sem imprevistos”, Carlos começa a se questionar: “Teria o direito de julgar-se feliz?”. Em um primeiro momento, ele pensava de maneira positiva, pois, uma “voz íntima lhe dizia que sim”. Ele acreditava ter “alcançado a sabedoria que conduz à tépida atmosfera dos homens satisfeitos” e não sofrer “mais a tensão amarga que lhe ensombrecia o futuro”<sup>514</sup>. Carlos não sabe o que aconteceu com a vontade de abandonar o Batista e com os planos de ir para uma cidade grande a fim de se qualificar como profissional. Antes, quando era o médico dos pobres, dos parentes e das putas, quando pouco recebia pelas consultas, quando vivia em uma situação difícil, era preciso sonhar com um

<sup>512</sup> VELLINHO, Moysés. Itinerário de um romancista. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 163.

<sup>513</sup> MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942, p. 252.

<sup>514</sup> As três citações estão em: MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942, p. 259.



amanhã para que sobrevivesse ao hoje. Nos tempos de paz familiar, dinheiro no bolso e boa moradia, Carlos não pensava no futuro, aproveitava o presente. Contudo, no entardecer de um domingo em que observava a rua deserta da cidadezinha e se deixava flutuar nas ondas musicais vindas da rádio Belgrano, Carlos notou que seu “apego ao cotidiano”, em um “encantamento súbito”, se diluíra. Aquela existência tranquila, quase estagnada, que projetava uma linha reta na direção do ponto final, não lhe satisfazia mais. Assim, todas “as suas tendências a floraram, num desejo de realização”. Ele não se contentaria em “andar pelo mundo” como um “fantasma de si mesmo”<sup>515</sup>. Carlos queria partir, enfrentar a vida.

Qual é a ideia por trás de “Domingos”? Por que Cyro achou importante mostrar a renúncia de Carlos à estabilidade? O que ele pretendia ao deixar uma imagem do protagonista como alguém inconformado? É possível levantar hipóteses a partir dessas perguntas. Considerando o caráter autobiográfico de *Mensagem errante*, a última parte do romance pode soar como justificativa para a saída de Quaraí – uma justificativa externa. Os conterrâneos que lessem o livro reconheceriam Cyro em Carlos, saberiam que a história daquele personagem era, também, a história do filho de Bilo e Felícia, do marido de Suely. Talvez ele quisesse explicar o porquê de ter partido. De fora, sua situação parecia tranquila, até propícia à “felicidade”: era doutor, casado com uma herdeira abonada, não precisava se preocupar com o futuro. A explicação de que não era sujeito resignado, preso ao conforto e à estabilidade formaria um belo discurso para os outros. Igualmente, com um pretexto desse tom, ele se esquivaria de falar sobre os incômodos com os sogros, a vontade de ascender profissional e literariamente.

Em “O vórtice mágico”, texto publicado em *A dama do saladeiro*, quase quarenta anos depois, Cyro revisou o segundo capítulo de “Domingos”. A técnica foi a mesma utilizada no trato de outros episódios de *Mensagem errante*: apagamento de Carlos, troca da terceira para a primeira pessoa, atualizações linguísticas, inserções e cortes de parágrafos, frases e palavras, mudança do tempo referencial da narrativa. “O vórtice mágico” conta apenas com as duas últimas páginas da parte final de “Domingos” e inicia com a indicação do ano de 1936. No lugar das alusões a certos recuos dos alemães na União Soviética, que figuravam em *Mensagem errante*, se observam menções ao perigo crescente dos nazistas. A alteração de datas entre as publicações é relevante. Puxando a história para 1936, Cyro reforça seu sentido pessoal – delineado antes pelo emprego do narrador protagonista. Nos anos 1941 e 1942, ele estava em Porto Alegre, já sabia como os dados tinham rolado. Em 1936, Cyro ainda morava em Quaraí

---

<sup>515</sup> As cinco citações estão em: MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942, p. 262.

e aquele foi, provavelmente, o ano em que a vontade de ir embora se manifestou de forma mais latente, pois, no começo de 1937, ele se articulava para viajar ao Rio de Janeiro.

Mesmo que trocasse as datas e fizesse outros arranjos no texto, a intenção de Cyro em “Domingos” e em “Vórtice mágico” é equivalente. Naqueles anos de cidadezinha, houve um momento decisivo em sua vida, um momento no qual devia escolher entre a segurança e o risco. A segurança não garantia satisfação e o risco não significava fracasso. Ele não pecaria por omissão, não viveria como um “fantasma de si”. Ao optar pela partida, ele retomava as vontades antigas, ia atrás do que desejava, agarrava as rédeas de seu destino, corria o risco de acertar. O desfecho de *Mensagem errante* traz alguns sentidos, sendo o principal deles o de que é necessário encarar a vida, fazer algo com ela e não só deixá-la escorrer. Não seria estranho pensar nesse sentido como a mensagem do livro. Escrevendo sobre a existência de Carlos – que também era a sua –, as consequências das perdas familiares, as imposições da pobreza, a calma da estabilidade, o peso das decisões, Cyro talvez dissesse que é preciso seguir adiante, mesmo que as situações sejam boas ou más. Essa mensagem não estaria presa às páginas do romance autobiográfico de Cyro. Publicada, ela vaguearia, erraria até que um leitor a agarrasse.

Visto dessa forma, *Mensagem errante* transmite a ideia de otimismo, um otimismo que não se percebia em *Campo fora*, *Sem rumo* e *Enquanto as águas correm*. Por que linhas esperançosas surgiram no quarto livro? Quando da escrita e da edição da obra, Cyro vivia um momento ímpar. Estava empregado na área de sua predileção, mantinha um consultório, se aperfeiçoava como neurologista, escrevia e publicava, o casamento andava bem e Maria Helena crescia sem problemas. É possível que, por ter a sensação de vitória ao olhar para trás, ele se considerasse apto a falar de maneira mais positiva. Tal atitude é compreensível. O quadro se desenhava com cores harmônicas, leves, e as nuvens sombrias pareciam ter sumido do horizonte de Cyro.

## 9 UM ESCRITOR DA PROVÍNCIA

Nos últimos meses de 1942, enquanto Cyro contemplava seu céu de brigadeiro, o mundo girava. Apesar de os avanços do Eixo se encontrarem paralisados, a guerra continuava matando e o número de baixas aumentava. Naquele ano, até o Brasil se viu envolvido no conflito. Desde fevereiro, no Oceano Atlântico, embarcações brasileiras eram torpedeadas por submarinos alemães e italianos. Os ataques eram uma clara represália às inclinações do governo de Getúlio Vargas. O Estado Novo tinha características fascistas, mas, entre 1941 e 1942, Vargas se aproximou dos Aliados – principalmente dos Estados Unidos conduzidos por Franklin Delano Roosevelt. Após o ataque a Pearl Harbor e a sua entrada na guerra, interessava aos norte-americanos a posição estratégica do Brasil. O Nordeste, por exemplo, era importante no cenário das batalhas do Norte da África. Por causa desse interesse, das pressões diplomáticas, do peso dos recursos para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional e dos ecos da Política da Boa Vizinhança, Vargas e o Brasil flertavam com os Aliados.

Pressionado, o namoro evoluiu, pois, em janeiro de 1942, Getúlio decidiu que o país “iria romper as relações diplomáticas e comerciais com os nazifascistas”<sup>516</sup>. O Brasil já não era tão imparcial. Os comensais do *Führer* e do *Duce* perceberam isso e começaram a massacrar os navios do Lloyd Brasileiro. O Buarque, o Olinda, o Cabedelo, o Arabutã, o Cairu e o Parnaíba foram afundados em fevereiro, março e maio, deixando quase 200 vítimas<sup>517</sup>. O governo contratou decretando que os “os bens dos alemães, italianos e japoneses nascidos no Brasil passariam a cobrir os prejuízos provocados pelo Eixo contra o patrimônio nacional”<sup>518</sup>. Também houve uma “ofensiva contra as atividades de espões nazifascistas” que atuavam no Rio de Janeiro e em outras capitais “com a conivência passiva de Filinto Strubling Müller”, o temido chefe da polícia do Distrito Federal que, anos antes, encaminhara Olga Benário para a câmara de gás e encontrara, na Alemanha, Heinrich Himmler, o dirigente da Gestapo. O movimento pró-Aliados mexera com as estruturas do Estado Novo, uma vez que nelas havia muitos simpatizantes do Eixo. Em agosto de 1942, alguns desses adeptos do Eixo desembarcariam do governo – Filinto seria um dos primeiros. A guerra chegou ao Brasil na segunda quinzena de mês, quando o submarino alemão U-507 deixou, na costa nordestina, mais

---

<sup>516</sup>NETO, Lira. *Getúlio Vargas – 1930-1945: do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 404.

<sup>517</sup>Sobre os torpedeamentos, ver: NETO, Lira. *Getúlio Vargas – 1930-1945: do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 411-412.

<sup>518</sup>NETO, Lira. *Getúlio Vargas – 1930-1945: do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 412.

de 600 mortos. No último dia de agosto, embretado entre o clamor popular e a pressão norte-americana, “Getúlio formalizou a declaração de guerra aos nazifascistas”<sup>519</sup>.

Os imigrantes alemães, italianos e japoneses foram perseguidos logo da declaração e proibidos de ensinar e de publicar jornais em suas línguas. Estabelecimentos comerciais e propriedades que lembrassem as potências do Eixo não ficaram ilesas e passaram por retaliações. Apesar dessas reações, vindas, em muitos casos, da população, o País demoraria a entrar no campo de batalha. Vargas nunca teve pressa e não atiraria o Brasil na luta do dia para a noite. Ele ainda precisaria negociar muito com Roosevelt antes de mandar soldados brasileiros para a Europa, a África e a Ásia.

Naqueles tempos, o que andava com pressa era a fome literária de Cyro. É provável que, desde a entrega dos originais de *Mensagem errante* para a Globo, ele já estivesse iniciando outro projeto. Cyro não parava de escrever e um novo livro era sempre uma nova chance de acerto. No momento em que sua vida se encontrava, a literatura representava o grande desafio. Em casa, a situação não se modificara. No Hospital São Pedro e no consultório, também não. A rotina não encontrava grandes obstáculos fora da criação.

Durante 1943, Cyro deixaria alguns rastros referentes ao que estava escrevendo, mas essas pistas só apareceriam quando o ano já estivesse pendendo para o 1944. Em abril de 1943, um episódio balançou a cena intelectual de Porto Alegre. Naquele ano, Erico Verissimo lançou *O resto é silêncio*. O livro foi objeto de quizília quando, na edição de abril de *O Eco*, revista editada pelos jesuítas, o padre Leonardo Fritzen, docente do Colégio Anchieta, publicou um artigo no qual classificava o romance como imoral e não recomendava sua leitura – principalmente por parte dos jovens. Insultado pelas acusações de Fritzen, Erico apresentou uma queixa-crime contra o religioso. Após a ação e a reação, o campo intelectual do Rio Grande do Sul se dividiu em partidários de Fritzen e de Verissimo. No *Diário de Notícias* de 30 de abril e de 2 de maio, houve “A pedidos” dos dois lados, sendo que no segundo, divulgado pelos signatários de Erico, se encontrava o nome de Cyro. Aos poucos, a polêmica esfriou e terminou com a absolvição de Fritzen do crime de injúria<sup>520</sup>. Mesmo tendo uma participação mínima na querela, Cyro firmou sua posição contra a gritaria de alguns religiosos e a favor da liberdade de expressão dos colegas escritores.

<sup>519</sup> NETO, Lira. *Getúlio Vargas – 1930-1945: do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 423.

<sup>520</sup> Sobre a polêmica e os apoiadores de Erico Verissimo e do padre Leonardo Fritzen ver: MONTEIRO, Lorena Madrugá. *O resto não é silêncio: a polêmica de Erico Verissimo com Pe. Leonardo Fritzen S. J. e a bipolarização do “campo” intelectual na Porto Alegre dos anos 1940*. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT6%20online/EixoII/resto-nao-silencio-LorenaMonteiro.pdf> Acesso em: 06/12/2017.

Depois de metade de 1943 ter corrido, mais novidades voltaram a mexer com Cyro. A primeira delas estava relacionada a Lila Ripoll. Ele incentivara a poeta a enviar *Céu vazio* para um concurso literário nacional – o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. O estímulo aos companheiros era uma das características de Cyro. Ao longo de sua vida, ele não hesitou em falar do potencial literário de muitos daqueles de quem fora amigo. Essa atitude se dera em relação a João Otávio Nogueira Leiria e Aureliano Figueiredo Pinto. Em diversas ocasiões, ele apoiou os dois e exaltou seus talentos. Cyro dificilmente errava nesse tipo de diagnóstico – o nível das obras de Leiria e de Aureliano, cedo ou tarde, confirmaram suas expectativas.

Com Lila não foi diferente. Ele confiava no potencial da conterrânea e, por isso, a estimulava a publicar suas poesias e a participar de certames literários. Não se sabe como Cyro teve acesso à informação do resultado do Prêmio Olavo Bilac, mas, em 10 de julho de 1943, na página 4 do *Correio do Povo*, ele homenageou Lila pela conquista do primeiro lugar. Não havia nada oficial, talvez os responsáveis pelo concurso avisaram a vencedora e ela tenha corrido para contar a boa nova ao amigo, que teve frio na barriga e não pensou duas vezes antes de espalhar a notícia.

No texto “Especial para o *Correio do Povo*”, paira a ideia do “eu já sabia que Lila era uma grande poeta”. A passagem “agora que muitos olhos, até aqui indiferentes, se voltam para a sua figura [de Lila], tenho a tentação de escrever de novo a seu respeito” mostra isso. Cyro não errava ao dizer que, depois do prêmio, Lila seria observada por mais gente. Também não errava ao lembrar que fora um dos poucos a assinalar seus bons traços poéticos antes. Entre 1941, ano da publicação de *Céu vazio*, e 1943, ele, Justino Martins e Margiocco Bolivar escreveram a respeito da obra de Lila. Após o Olavo Bilac, a fortuna crítica da autora se expandiria. Diante desse fato irreversível, Cyro tratou de marcar sua posição entre os primeiros leitores de Lila. No início do breve artigo, ele expôs a origem comum dos dois – aproveitando a oportunidade para dizer que a terra natal se atrasava e mal podia andar, pois estava “travada pelo peso do penacho caído” –, confessou que tinha a intenção de contar como a amiga começou a escrever e quais fatos influenciaram sua criação. Saindo desses preâmbulos, que o colocavam próximo de Lila, Cyro reforçou o que já dissera sobre a produção da poeta, composta por versos “sem artificios, sem desafinações e sem desbordamentos”, que sensibilizavam “com as suas cores, com os seus ritmos, com as suas imagens e com os seus pensamentos” e fluíam

“mansamente, numa desolada superfície em penumbra, ricos de ordem e de beleza”<sup>521</sup>. Nas linhas finais de “O Prêmio Olavo Bilac”, Cyro afirmou que o Rio Grande do Sul não possuía “nenhum poeta contemporâneo” como a autora de *Céu vazio*. Ele ainda acreditava que a leitura de sua poesia gris se enlaçava com aqueles sombrios dias de julho, que ameaçavam os mais pobres com tempos frios e chuvosos. Com essa última indicação, um tanto destoante do clima festivo da premiação, Cyro tentava ligar o fazer poético de Lila à preocupação dela – e também dele – com os outros, os que ficaram às margens da cidade, sofrendo com o suceder das estações.

Os dias cinzas e chuvosos do inverno de 1943 trouxeram outra novidade que balançou a vida de Cyro. No consultório que dividiam na Avenida Independência<sup>522</sup>, em uma tarde “sombria, dessas que tornam mais curtas as esperanças”<sup>523</sup>, ele e Mário aproveitavam o intervalo entre os atendimentos para conversar. Nesse cenário arrastado e rotineiro, “um senhor muito bem-apessoado, de ‘habla castellana’”<sup>524</sup>, bateu em sua porta. Sem saber, o estrangeiro mudou os rumos daqueles dois. A mensagem trazida por ele vinha em forma de revista e, a princípio, sua oferta parecia inofensiva. O sujeito era de Buenos Aires e estava em Porto Alegre para negociar. Ele visitava os médicos da cidade a fim de vender assinaturas da *Revista de Psicoanálisis*, primeira publicação psicanalítica no idioma espanhol, fundada naquele mesmo ano<sup>525</sup>. Lendo os dois primeiros números da revista – deixados de brinde para aguçar a curiosidade –, eles souberam que já era possível “se analisar e fazer a formação psicanalítica com todos os efes-e-erres requeridos sem sair para muito longe, tanto mais que o ‘longe’, na época, estava interdito pela guerra”<sup>526</sup>. Como Cyro disse, “Buenos Aires ficava à mão de semear”<sup>527</sup>, era um destino próximo, mais atingível do que a Europa. Além disso, quando a guerra acabasse, o velho continente estaria em ruínas e ninguém sabia quanto tempo levaria a reconstrução. Buenos Aires era uma capital aristocrática, com custos de vida altos, mas, ainda assim, uma opção viável. A possibilidade tangível de fazer a formação psicanalítica impactou Cyro e Mário. Aquele era o melhor caminho para realizarem suas aspirações profissionais.

<sup>521</sup> Todas as citações do artigo foram retiradas de: MARTINS, Cyro. O Prêmio Olavo Bilac. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 4, 10/07/1943.

<sup>522</sup> A informação sobre esse consultório pode ser conferida em: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 85.

<sup>523</sup> MARTINS, Cyro. Mário Martins – psicoterapeuta. *Caminhos – ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993, p. 139.

<sup>524</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 138.

<sup>525</sup> Essas informações podem ser conferidas no site da *Revista de Psicoanálisis*, disponível em: <https://www.apa.org.ar/Categoria/publicaciones-y-biblioteca/revista-de-psicoanalisis/> Acesso em: 16 de novembro de 2017.

<sup>526</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 138.

<sup>527</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 138.

A visita do portenho foi um momento decisivo na vida de Cyro. Na “Cronologia” publicada no seu fascículo do Instituto Estadual do Livro, na entrada para o ano de 1943, os organizadores fizeram menção a um único episódio: o contato com a *Revista de Psicoanálisis*. Isso reitera a importância do acontecimento. Porém, na “Cronologia”, ao indicarem que aquele foi “o primeiro contato efetivo” de Cyro com a psicanálise, deram à visita um peso que ela talvez não carregasse. Ele já conhecia as obras de Sigmund Freud e, mesmo sem orientação, junto com Mário, tentava conhecer um pouco mais da área. Ler a *Revista de Psicoanálisis* e ter conhecimento da existência da Asociación Psicoanalítica Argentina – e das oportunidades que ela proporcionava – significou muito para Cyro. Todo esse sentido se deu pela expansão de perspectivas, não por um suposto contato inicial. O próprio Cyro distinguia aquela tarde de inverno na qual “foi plantada a semente do movimento psicanalítico de Porto Alegre”<sup>528</sup> e fazia isso, justamente, por causa das possibilidades que ela abriu.

A semente caiu em um vinco fundo e promissor, mas, no caso de Cyro, demorou a florescer. Mário logo correu atrás de informações e escreveu para Buenos Aires. Pouco tempo depois, ele se mudaria. Cyro foi tão atingido pela ideia quanto o companheiro. No entanto, teve de adiar os planos. Em *Para início de conversa*, ele revelou que precisou deixar de lado qualquer projeto de mudança por não poder se afastar de Porto Alegre “devido à doença grave em pessoa da família”<sup>529</sup>. A quem ele se referia? Felícia sofria com a depressão e seu estado se agravava? Suely passara por algum problema após a gravidez complicada? Maria Helena adoecera? Os irmãos e os sogros estavam bem? Não há pistas que auxiliem na busca dessas respostas. A carta enviada por Ivo no final de 1942 – um dos poucos vestígios de comunicação familiar – não sinalizava nenhuma situação delicada pelo lado dos Martins. No tocante aos Castro de Souza, não se encontram rastros. Por outro lado, não há informações sobre uma possível viagem de Cyro em 1943 ou 1944, data em que Mário partiu. É provável que a afirmação feita em *Para início de conversa* se refira a outro período da vida de Cyro – um período conturbado e afetado pela doença, no qual se obrigou a abandonar os planos de formação na Argentina.

Talvez a época difícil já viesse se instalando aos poucos, silenciosa e sorradeira, dando sinais discretos, quase imperceptíveis. Porém, enquanto os tempos difíceis não aflorassem, não gritassem e virassem a vida de Cyro de cabeça para baixo, ele seguia no seu ritmo. Trabalhava, escrevia e tentava construir um nome. Após a publicação de quatro livros, ele estava inserido

---

<sup>528</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 139.

<sup>529</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 138.

no cenário literário do Rio Grande do Sul. Esporadicamente, colaborava com a *Revista do Globo* e o *Correio do Povo*, dois dos maiores veículos de comunicação do Estado. Ele lia os pares e era lido por eles. Além de saberem da sua existência e da existência de seus livros, reconheciam-no como um igual.

Um bilhete enviado a Manoelito de Ornellas em 1º de outubro de 1943<sup>530</sup> serve como exemplo da inserção de Cyro na cidade gaúcha das letras. Mesmo sem a carta remetida por Ornellas, é fácil apreender o assunto que envolve a correspondência. Em um momento anterior, Manoelito pediu a Cyro uma colaboração para a *Lanterna Verde*, o boletim anual da Sociedade Felipe D'Oliveira. Escrita à mão em uma folha de receituário, a resposta de Cyro é direta: por ser “avisado em cima do laço”, não pode preparar nada “especial para a simpática *Lanterna Verde*”. Para não ficar de fora do número que dedicado ao Rio Grande do Sul, Cyro sugeriu a publicação de “Conto sem nome” ou de qualquer outra narrativa que agradasse a Ornellas. Como não há mais registros das tratativas entre os dois, a solução só poderia ser vista quando, em julho de 1944, saísse a edição de *Lanterna Verde*. A conversa com Manoelito é importante por mostrar que Cyro estava integrado no círculo de escritores gaúchos e que seu nome já era, de certo modo representativo – se não o fosse, Ornellas não o cogitaria para entrar no número especial da *Lanterna Verde*.

Há outro detalhe no bilhete de outubro que chama atenção de quem pretende refigurar os caminhos de Cyro. No cabeçalho da folha do receituário, há indícios de mudanças. Abaixo do cartão de visitas (“Dr. Cyro Martins – Alienista do Hospital São Pedro – Doenças Nervosas e Mentais”), se vê a indicação de novos endereços e telefones: “Consultório: Ed. Rio Branco – Av. Otávio Rocha, 116 – das 9:30 às 11:30 – Telef. 7966 – Resid.: Santa Terezinha, 374 – Telef. 9-1697”. Cyro não ocupava um consultório na Avenida Independência, onde o portenho teria feito a visita – mas nada o impedia de ter saído de um lugar para outro entre o inverno e a primavera. O interessante dos endereços é que Cyro tinha trocado de casa novamente. Parecia que ainda estava nos tempos de estudante, pulando de pensão em pensão. Antes, sozinho e com poucos pertences, era mais fácil. Agora, com mulher, filha e mobília, a situação era diferente. Por que ele se mudava tanto? Procurava locais, moradias, vizinhanças e aluguéis melhores? Provavelmente, e isso era natural. Residir na Rua Santa Terezinha, próximo ao Parque Farroupilha e ao centro, tinha suas vantagens, ainda mais para quem precisava se deslocar entre

---

<sup>530</sup> O bilhete pode ser encontrado no Acervo Manoelito de Ornellas, localizado no Delfos. O número de catalogação é: MOR COR 0419.



a Otávio Rocha e o Hospital São Pedro. Além disso, os moradores do Santana ocupavam um nível na escala social acima daqueles que se espalhavam pelos bairros afastados.

Cyro buscava um lugar melhor para ele, Suely e Maria Helena morarem e também tentava encaminhar a edição de outro livro. Em 23 de outubro de 1943, na *Revista do Globo* número 351, há um sinal disso. O texto “O gaúcho a pé”, caracterizado como “Conto de Cyro Martins”, foi publicado entre as páginas 48 e 50. Narrada em terceira pessoa, a história se concentra em Fagundes, um dono de bolicho de bairro pobre. O leitor percebe que o negócio de Fagundes está jogado às moscas e beira a falência. Cyro conhecia essa etapa anterior à quebra, na qual as prateleiras têm mais espaços vazios do que ocupados e os clientes não aparecem. Fagundes não se sentia à vontade com o ofício. Logo se vê que ele é uma figura amargurada atrás do balcão. Fagundes tem problemas com álcool e o desenrolar da narrativa sugere os antecedentes desse vício e mostra suas consequências. Tempos atrás, o bolicheiro fora um “capitão” que trabalhou para os graúdos da cidadezinha principalmente em períodos eleitorais. Na função, Fagundes gozara de certo poder e se fizera respeitar pela força. Após mudanças políticas, ele deixou de ser coadjuvante e se juntou à massa dos figurantes. A perda de poder e o remorso por certas atitudes cruéis parecem ser as causas que levam o personagem ao alcoolismo. Atrelado à doença, o caráter violento de Fagundes desconta as suas frustrações batendo em Fausta, a mulher.

Fausta entra em cena para reforçar a imagem agressiva de Fagundes – há discussões e ameaças entre o casal – e para dar uma notícia trágica: o vizinho Guedes fora encontrado morto na beira da sanga. Enquanto bebia um trago, “o último do dia”, “o primeiro da noite”<sup>531</sup>, Fagundes viu carregarem um caixão pela rua, mas, por estar embalado pela cachaça e tonto pela sesta longa, não se deu conta do que ocorria. Com a novidade trazida por Fausta, Fagundes se inteira dos acontecimentos e a narrativa toma outro rumo. Fagundes era companheiro de copo de Guedes e resolve ir até a casa do falecido para apurar os fatos. Lá, por instantes, ele experimenta antigas sensações. No meio da “gente desprotegida e embasbacada” que atulhava as peças do casebre, ele notou que a presença, o lenço branco e a “antiga imponência assassina” ainda impunham algum respeito. Centro das atenções no quadro, tratado como autoridade, Fagundes, “iluminado pelo seu faro de caudilho, compreendeu que era preciso não decepcionar”. Dominando seu papel, ele examina o cadáver e deduz: o tiro que despedaçou a cabeça de Guedes “tinha sido de 44 e à queima-roupa”<sup>532</sup>. Depois dessa conclusão, ele se depara

---

<sup>531</sup>MARTINS, Cyro. O gaúcho a pé. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 351, p. 48, 23/10/1943.

<sup>532</sup>MARTINS, Cyro. O gaúcho a pé. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 351, p. 50, 23/10/1943.

com olhares enviesados da plateia, olhares que alimentavam rancores e desejos de revide. A constatação o embaraça, faz com que ele murche “por dentro” e abandone a farsa.

Com a saída de Fagundes, “O gaúcho a pé” chega ao final. A história é bem construída, tem um caráter autônomo e proporciona uma intrigante incursão pelas amarguras, lembranças e receios do protagonista. No entanto, à primeira vista, há desconexão entre o título e a narrativa. Fagundes não se assemelha ao gaúcho a pé projetado por Cyro em *Sem rumo*. Não há nenhuma referência ao seu passado na campanha ou a uma expulsão do campo. Fagundes não parece ter trilhado o mesmo caminho dos vizinhos de bairro pobre. Em um momento anterior, ele se inseriu no sistema e até trabalhou pela sua manutenção. Quando divide o espaço com a gente vinda do interior, ele se distingue, é o dono do bolicho, o homem que já foi capitão. A falta de nexos entre o título e a história pode nem ter sido culpa de Cyro, mas dos editores da *Revista do Globo*.

Em um quadro colocado na página 50, acima da foto na qual os donos da Globo sorriem ao comprar bônus de guerra, há esclarecimentos sobre a origem de “O gaúcho a pé”: “Este ‘conto’ é parte de um novo romance de Cyro Martins, ainda sem título definitivo, que se encontra quase terminado”. Aos poucos, as explicações ficam mais precisas – “Destas vezes, o escritor de *Sem rumo*, *Campo fora* e *Mensagem errante* nos dará um livro focalizando o problema do gaúcho a pé, que é ao mesmo tempo o drama das chamadas ‘populações marginais’ do Rio Grande do Sul” – e não faltam louvores ao autor: “Acredita-se que poucos escritores são melhor credenciados do que Cyro Martins para, em termos de ficção, expor a realidade desta situação social que vem despertando o máximo interesse em todo o país”. A justificativa pela escolha de tal excerto também aparece: “O capítulo aqui publicado foi escolhido pela redação dentre os originais sem a intenção de dar uma ideia total do livro, mas de retratar a figura dum típico ‘gaúcho a pé’”<sup>533</sup>.

As pistas colocadas no quadro chamam a atenção e deixam poucas dúvidas a respeito do novo projeto de Cyro. Por que os editores da revista acreditavam que Cyro era o sujeito mais indicado para escrever um romance sobre as “populações marginais”, o gaúcho a pé? Possivelmente, conheciam seu passado interiorano, sua vivência como médico rural e a semente plantada em *Sem rumo*. Outra informação chamativa do quadro é a de que, na redação do periódico, circulavam os originais do livro. Se eles rodavam pelas mãos dos redatores da *Revista do Globo*, também deviam passar pelos olhos dos funcionários da Seção Editora. Caso isso acontecesse, havia chances de a obra sem título e quase terminada sair pela Livraria do Globo.

---

<sup>533</sup> MARTINS, Cyro. O gaúcho a pé. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 351, p. 50, 23/10/1943.

O romance não saiu no ano de 1943 e provavelmente não saiu no primeiro trimestre de 1944. Isso não significava, porém, que Cyro estivesse acomodado, descansando em casa, ao lado de Suely e Maria Helena, após finalizar outro livro. Logo no primeiro mês de 1944, Cyro já estava na ativa, se posicionando a favor da liberação de *Fronteira agreste*, do mineiro Ivan Pedro de Martins. A história publicada pela Globo tematizava a vida em Santa Eulália, uma estância da campanha gaúcha, e as relações que se constituíam dentro desse universo: peões e patrões, diferentes gerações de um clã. Em 18 de janeiro, Ângelo Guido, crítico de arte então responsável pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) – seção regional do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão governamental que controlava, entre outras coisas a produção cultural brasileira – deu uma ordem inesperada de apreensão dos livros, pedindo sua retirada das livrarias do Rio Grande do Sul e sustando “a circulação da obra em todo o país”. A justificativa para a proibição era a de que *Fronteira agreste* “feria a moral e os bons costumes pelas cruas cenas de sexo impressas no romance”<sup>534</sup>.

A atitude censora de Ângelo Guido (ocupante do cargo no DEIP porque Manoelito de Ornellas, o titular, estava em viagem ao Rio de Janeiro) provocou uma polêmica maior do que a do ano anterior, envolvendo Erico e Fritzen. No mesmo dia da ordem baixada por Guido, começaram as manifestações em solidariedade a Ivan Pedro de Martins e em favor da liberdade de expressão. A Associação Riograndense de Imprensa logo protestou contra a medida. O *Correio do Povo* abriu espaço para cobrir o acontecimento e, no dia 19, publicou a opinião de outros escritores sobre a apreensão de *Fronteira agreste*. Foi nesse dia que Cyro falou o que pensava. Apresentado como escritor de renome, “*doublée* de médico e cientista” e “figura autorizada a opinar sobre o caso em foco”, Cyro disse que não se poderia considerar *Fronteira agreste* – simpático aos gaúchos pela temática – “inocente, no sentido de ser isento de passagens quanto ao sexo, mas qualificá-lo como imoral é forçar uma conclusão”. Ele achava que não se poderia tirar o livro de circulação por causa das cenas de sexo, pois havia passagens semelhantes em vários exemplos da literatura universal. Cyro entendia que a medida era “antipática”. A censura era “antes de mais nada um ato de violência”. Ele também acreditava que o episódio favoreceria Ivan Pedro de Martins e *Fronteira agreste*. Com tantos holofotes em cima da obra, ela atrairia a atenção e chegaria até aqueles que não eram leitores habituais. Ele ainda pensava que a proibição trazia prejuízos ao exercício dos escritores. Como eles escreveriam com o temor de que sua produção fosse cassada, impedida de chegar ao público? Aquilo também não soava

---

<sup>534</sup>HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande Invisível*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 26.

bem para o povo, que já andava intranquilo “com o leite, com a carne, com a manteiga, com o pão de farinha de trigo” e, agora, tinha a possibilidade de ficar sem “o pão do espírito”<sup>535</sup>. As declarações de Cyro mostravam – mais uma vez – que ele estava ao lado dos companheiros de letras e se opunha aos atos restritivos, partissem eles de religiosos ou órgãos administrativos.

Depois de a censura cair, *Fronteira agreste* voltar às livrarias e não surgirem novas manifestações a favor da liberdade dos escritores, parecia que os rastros de Cyro nos primeiros meses de 1944 tinham sumido. No entanto, na *Revista do Globo* de número 359, datada de 25 de março de 1944, havia um sinal da atividade a qual ele se dedicara nos últimos tempos: “Será este o nosso estado?”. Esse era o título de uma reportagem especial, que ocupava nove páginas (24-31, 57) e contava com textos de Cyro, Justino Martins, diretor da revista, e fotografias de Ed Keffel. Cyro narrou a “História do gaúcho marginal”, dividida em nove partes colocadas embaixo das imagens captadas pela lente de Keffel. Justino colaborou com a “Crônica de uma cidade marginal”.

Antes de “História do gaúcho marginal”, um breve texto sem assinatura introduz a reportagem delimitando o termo marginal – “designação do homem desambientado, subnutrido, apático e doente que habita os arredores das nossas cidades crioulas” – e apresentando Cyro – escritor que abordara o tema em 1935, na *Semana do Cobertor*, e era um “conhecedor profundo do assunto”, capacitado, portanto, para contar uma “história típica do ‘gaúcho a pé’”. Nessa introdução ainda se faz uma propaganda de “Porteira fechada”, novo romance de Cyro, que expunha a situação daqueles marginais e deveria ser publicado “dentro de poucos dias, numa edição da Livraria do Globo”<sup>536</sup>.

A narração de Cyro foi simples e objetiva. Por condições financeiras, pressões dos latifundiários e necessidade, o gaúcho se vê obrigado a procurar um novo espaço para viver. Depois de percorrer o campo sem sucesso, ele decide partir para a cidade com a mulher e os filhos. Lá, consegue abrigar a família em um ranchinho de latas, madeira carunchada e chão batido. Para sobreviver, faz bicos. O cenário favorece a degradação: o homem se afunda na cachaça, a esposa e as crianças sofrem com a desnutrição e outras doenças, as filhas moças caem na vida, seus frutos nascem sem os pais e conhecem “logo o jejum”<sup>537</sup>. Abandonados, largados à sorte, esses gaúchos não são vistos como vítimas de um momento histórico e de um processo econômico arrasador, mas como mandriões e vagabundos. No final de “A história do

<sup>535</sup>Declarações reproduzidas em: HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande Invisível*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 284-285.

<sup>536</sup>SERÁ ESTE O NOSSO ESTADO? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 24, 25/03/1944.

<sup>537</sup>MARTINS, Cyro. A história do gaúcho marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 26, 25/03/1944.

gaúcho marginal”, baseado na fotografia de Keffel que mostra um rancheiro de Quaraí, Cyro exemplifica os conglomerados caóticos dos gaúchos a pé que formam as coroas de miséria da cidade, fala de seus habitantes maltrapilhos e cita a mortalidade infantil desses lugares – que não pode ser medida uma vez que os pais não chegam a registrar os nascimentos. Ele conclui que, se a sociedade continuar a ignorar o problema, se o latifúndio “moderno” – o “latifúndio do gado manso”<sup>538</sup> – se mantiver, os “patrícios” continuarão a sofrer e a ruína total virá.

A conferência na Semana do Cobertor sempre foi lembrada como o ponto em que Cyro chamou a atenção para a condição do gaúcho a pé. No entanto, falar para um pequeno grupo de senhoras quaraíenses não tinha, nem de longe, a mesma repercussão do que escrever uma história especial para a *Revista do Globo*, veículo que ultrapassava as fronteiras do Rio Grande do Sul. Em março de 1944, a voz de Cyro atingiu muitas pessoas e chegou a rincões que ele nem sonhara.

É claro que, em Quaraí, “Será este o nosso estado?” repercutiu mais do que em qualquer outro lugar. Não era só porque um de seus filhos saía na capa e nas páginas da *Revista do Globo*. Quaraí foi citada nas três partes da matéria: “História do gaúcho marginal”, “Crônica de uma cidade marginal” e “Fronteira alegre”. Na primeira delas havia referências à estagnação da cidade e à coroa de miséria que a cercava, mas Cyro não se aprofundou nas críticas. Elas vieram com força na crônica de Justino Martins. Para o diretor da revista, Quaraí envelhecia, não se mexia em direção ao progresso, não cuidava dos seus e se deteriorava. Por essas razões, Justino considerava o Batista – como os antigos moradores a chamavam – como “um símbolo do marginalismo no Rio Grande do Sul”<sup>539</sup>.

Apesar de achar que o mundo furtara de Quaraí “todas as coisas boas” e pouco lhe dera “em retribuição”, Justino Martins assinalava algumas qualidades exportadas pelo município: “uma das melhores carnes do mundo” e “persistentes literatos”<sup>540</sup>. Naturalmente, os nomes de Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Carlos Reverbel e Cyro Martins foram lembrados. Sobre o companheiro de reportagem, Justino lembrou de *Mensagem errante* – história “da vida atribulada e sacrificada de um jovem médico na campanha do ‘Batista’” – e contou que, quando “fala em Quaraí, Cyro sente arrepios, se dilui em saudades, sorri orgulhoso de suas histórias, do seu passado, do seu mais puro gauchismo”<sup>541</sup>. Esse retrato do Cyro saudoso e orgulhoso não combina com o tom crítico da crônica. Se a cidade se encontrava estagnada, se era um símbolo

<sup>538</sup>MARTINS, Cyro. A história do gaúcho marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 27, 25/03/1944.

<sup>539</sup>MARTINS, Justino. Crônica de uma cidade marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 28, 25/03/1944.

<sup>540</sup>MARTINS, Justino. Crônica de uma cidade marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 28, 25/03/1944.

<sup>541</sup>MARTINS, Justino. Crônica de uma cidade marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 29, 25/03/1944.

do marginalismo, por que ele teria orgulho e saudade? Cyro reconhecia os problemas de Quaraí, entendia que ela andava para trás, mas nem por isso ignorava o apego em relação à terra natal. É possível que Justino Martins tenha exagerado um pouco na descrição dos sentimentos de Cyro, pois havia uma distância significativa entre apego, orgulho e saudade. Contudo, ao citar um filho distante e orgulhoso, Justino Martins poderia aliviar as tintas do discurso e não deixar apenas uma imagem negativa do velho Batista. Aliás, em “Fronteira alegre”, essa parece ser a intenção. A última parte da reportagem se prendia aos aspectos “positivos” dos habitantes de Quaraí: eles se relacionavam bem com os vizinhos artiguenses, havia bom trânsito entre a margem brasileira e a uruguaia, não raro, os de cá e os de lá se ajudavam. Mesmo que atravessassem dificuldades, os quaraienses eram receptivos e, quando dava, levavam a vida de modo alegre.

“Será este o nosso estado?” foi uma reportagem veemente, construída ao redor de um tema problemático. Parecia que a classe pensante do Rio Grande do Sul se dera conta da situação em que se encontravam as cidadezinhas e as legiões de gaúchos a pé e que se propusera a dar o passo seguinte expondo o assunto ao grande público. É marcante o fato de Cyro estar entre os colaboradores de “Será este o nosso estado?”. No quadro explicativo de “O gaúcho a pé”, os redatores da *Revista do Globo* tinham avisado que ele era um dos escritores mais credenciados para abordar o tema. Já existiam, no final do ano anterior, planos para a publicação da matéria? Os funcionários da Globo que transitavam entre o departamento da revista e a Seção Editora leram os originais de Cyro e viram que ali havia pano para a manga? Respostas afirmativas são plausíveis. *Porteira fechada* pode ter aumentado o interesse pelo camponês expatriado.

Em Quaraí, tanto “Será este o nosso estado?” quanto *Porteira fechada* causaram alvoroço. É possível chegar a essa conclusão lendo uma carta remetida a Cyro pelo amigo e colega José Salánky em 26 de abril de 1944<sup>542</sup>. O romance deve ter saído no início do mês e os livros não demoraram a atravessar o Estado. Pelos agradecimentos de Salánky, sabe-se que Cyro lhe enviou um exemplar por aqueles dias. Entretanto, o “médico-operador” já tinha lido o drama de João Guedes, comprado de um tal Pedro Trindade, “no primeiro dia” em que a obra apareceu em Quaraí. Através da letra quase incompreensível de Salánky, se sabe que o romance dividiu a cidade em dois partidos: “os anti-cyristas e pró-cyristas”. O ponto positivo era que os contrários e os favoráveis estavam curiosos para ler mais uma “história do Batista”. Pró-cyrista, Salánky anuncia que não pretende discutir os comentários do grupo adversário, mas é o que

---

<sup>542</sup> A carta de José Salánky pode ser encontrada no Acervo Cyro Martins (caixa 29).

acaba fazendo: os anti-cyristas, com “uma inteligência sutil”, achavam que Cyro e a *Revista do Globo* – aqui a matéria de 25 de março entra em jogo – pretendiam “esbodegar a cidade”. Aos olhos dos contrários, Quaraí se desenvolvia “vertiginosamente” e Cyro não podia escrever apenas acerca de “meia dúzia de vagabundos e rancherios”. Também era preciso “discorrer sobre as classes conservadoras e edifícios públicos magníficos, como o Banco do Brasil”. Ainda no tocante à repercussão de “Será este o nosso estado?” e *Porteira fechada* em Quaraí, Salánky se refere àquelas pessoas – anti-cyristas, é claro – que viam “interesses partidários” na matéria e no romance<sup>543</sup>.

Nas publicações de *Campo fora*, *Sem rumo*, *Enquanto as águas correm* e *Mensagem errante* não se tinha noção da recepção dos livros de Cyro em Quaraí. As impressões contidas na carta de Ivo, em 1942, eram íntimas e, a respeito dos leitores da cidade, só existia a referência ao número de exemplares que poderiam ser vendidos. A carta de Salánky é mais abrangente, oferece um panorama e surpreende pelas informações que carrega. É curioso o efeito que a produção de Cyro causava em Quaraí. De uma forma ou de outra, as pessoas reagiam ao que ele escrevia. É provável que nem todos os conterrâneos tivessem lido seus textos, mas ele ficava conhecido da mesma forma e seu nome corria na boca dos quaraenses. Como os Martins e os Castro de Souza se comportavam frente ao cenário dividido? Uma família não é sempre unida e, em seu seio, raramente vinga a unanimidade. No entanto, boa parte do clã dos Martins devia apoiar seu membro e até se orgulhar do filho de Bilo. Já em relação aos pais de Suely, o apoio era incerto. Talvez Antenor e Lucinda, discretos e conservadores, não vissem com bons olhos o impacto das críticas proferidas pelo genro.

Bem ou mal, Cyro e seus textos eram comentados. Na carta de abril, José Salánky não se furtou a apreciar *Porteira fechada*. Essa era a intenção da missiva e Salánky não a abandonou, mesmo se expandindo por outros assuntos. A avaliação se restringe a um parágrafo curto e elogioso. “Gostei imensamente da maneira realista e fidelíssima com que descreves a degradação do gaúcho” – afirma Salánky antes de ampliar a congratulação – “Tiveste rara felicidade em pintar com as palavras sempre adequadas toda essa tragédia, que para nós já representa rotina e da qual temos ideia fresca e viva novamente, quando alguém [ilegível] chama a atenção a ela”<sup>544</sup>. Depois de opinar sobre *Porteira fechada*, José Salánky se desliga do romance e filosofa acerca do papel dos livros, que “dirigem a mentalidade do povo”, e dos escritores – os “apóstolos da nova fé” –, que, apesar de serem incompreendidos e sofrerem com

<sup>543</sup> Correspondência passiva, de José Salánky para Cyro Martins, 26/04/1944, folha 1.

<sup>544</sup> Correspondência passiva, de José Salánky para Cyro Martins, 26/04/1944, folhas 1 e 2.

o escárnio, não devem desistir. Essa última reflexão pode ser interpretada como uma mensagem para Cyro: não importava o que os anti-cyristas dissessem, ele teria de continuar a escrever.

O incentivo e os elogios de José Salánky devem ter feito bem a Cyro. Salánky era um amigo sensível e, ainda que fosse bom leitor, não possuía veia de crítico literário. Cyro também queria que um público mais especializado lhe desse retorno a respeito de *Porteira fechada*. Por isso, agiu da mesma maneira de dois anos atrás, quando da publicação de *Mensagem errante*: enviou exemplares para nomes reconhecidos na cena literária brasileira. Em 3 de maio, Cyro autografou um exemplar para Manoelito de Ornellas. Talvez por esses dias, ele tenha mandado a obra para escritores como Cyro dos Anjos, Marques Rebelo e outros. Alguns lhe responderiam sem problemas e sem pressa.

Enquanto aguardava, Cyro e seu último livro continuavam a aparecer na *Revista do Globo*. Na edição de 6 de maio, *Porteira fechada* era destaque na seção “Escritores e livros”, assinada por Carlos Regius. O romance figurava, no “Guia do leitor”, em segundo lugar na lista dos mais vendidos pela Livraria do Globo na última quinzena, ficando atrás de *Fronteira agreste*, de Ivan Pedro de Martins. Além da citação na lista, *Porteira fechada* recebeu fotografia e nota. A primeira reproduzia a vitrine da Livraria do Globo, na qual a edição de *Porteira fechada*, com capa de Edgar Koetz, aparecia rodeada pelas imagens feitas por Ed Keffel em Quaraí, imagens que meses antes ilustraram “Será este o nosso estado?”. A nota explicava a composição da vitrine, distinguia Cyro como “um dos mais destacados escritores do Rio Grande”, trazia informações sobre a narrativa – “aborda o drama dos gaúchos marginais da fronteira, do campo gaúcho, constitui um documento vivo e real de um problema social que tem preocupado ultimamente não só ao povo brasileiro como ao próprio governo” – e sua recepção – “vem tendo ótima crítica e excelente aceitação”<sup>545</sup>.

Diversos motivos explicam a boa aceitação de *Porteira fechada*. O trato da temática é um deles. Zilá Bernd disse, com fundamento, que o romance era “amargo e pessimista”<sup>546</sup>. Trabalhando com a matéria extraída da realidade, com a expulsão do campo e a degradação humana, a narrativa não poderia ser alegre. Em declaração para Slavutzky, se notava que Cyro considerava *Porteira fechada* “muito mais abrangente que *Sem rumo*”<sup>547</sup>. Ele achava isso não só por atacar de frente a questão do gaúcho a pé, mas também por falar no destino dos coronéis municipais que tiveram seus poderes anulados pela implantação do Estado Novo. O

<sup>545</sup>REGIUS, Carlos. Escritores e livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 16, 06/05/1944.

<sup>546</sup>BERND, Zilá. *Porteira fechada*, um romance amargo e pessimista. In: KETZER, Solange Medina; MARTINS, Maria Helena; MOREIRA, Maria Eunice. *Múltiplas leituras: ensaios sobre Cyro Martins*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 143.

<sup>547</sup>MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 64.



personagem do Coronel Ramiro representava com clareza o momento político – a história se passa no ano de 1938. O ex-cacique municipal fora afastado do posto de mando e, como outros pares que se encontravam na mesma situação, buscava se aproximar da igreja católica, que ganhava adeptos e peso político em lugares onde a religiosidade, até então, era vista com desdém.

Assim como a temática, o retrato de uma época favorecia a recepção positiva de *Porteira fechada*. No entanto, não era apenas nesses dois pontos que se concentravam os méritos do romance. Na publicação de 1944, Cyro acertou a mão na construção dos personagens. Além de Ramiro e de João Guedes, o desgraçado protagonista que não em forças para lutar contra os obstáculos do destino, Fagundes, Querubina e Gertrudes foram bem desenhados. A mania persecutória do ex-capitão desencadeia um estranho jogo entre remorso e medo. O resultado desse jogo é, invariavelmente, a loucura. Querubina é a primeira personagem feminina de destaque elaborada por Cyro. A ligação ambígua com a prima Maria José – esposa de Guedes – expõe os casamentos por interesse e a capa de aparências que esconde certas relações sociais. Gertrudes é a profissional das tragédias, a mulher experimentada em doenças e mortes, o abutre que espalha as sombras pela trama amarga e pessimista. Apesar de não serem mencionados em “Escritores e livros”, esses personagens coadjuvantes e marcantes contribuíam para a aceitação da obra.

As referências de Carlos Regius à venda e à recepção de *Porteira fechada* escancaravam um fato: Cyro fazia parte do time de escritores gaúchos e estava completamente inserido no sistema literário do Estado. No mesmo número 362 da *Revista do Globo* havia outra mostra dessa inserção. A capa do periódico indicava que, naquela edição, os leitores encontrariam a matéria “Serão fascistas os escritores gaúchos?”. Nas páginas 28-31 e 59 se vê que “Serão fascistas os escritores gaúchos?” é um “inquérito sobre a velha questão da neutralidade na arte”. O texto introdutório, que traz à baila tal questão, propõe a reflexão a partir de duas interrogações. Frente aos tempos de guerra, os escritores devem “permanecer acima do conflito, cegos aos acontecimentos e à premência dos problemas da hora, principescamente refestelados em seus tronos íntimos?”. Devem “dirigir-se ao povo em mensagens de conforto, com histórias que reflitam os anseios do povo, que correspondam às preocupações do povo?”. Essas dúvidas levaram os redatores da revista a ouvirem os intelectuais gaúchos, pois, dias antes, sugeriu-se

– não há citações esclarecedoras de quem sugeriu nem onde – “que os escritores do Rio Grande tenderiam a assumir a primeira atitude”<sup>548</sup>.

Três perguntas foram feitas aos escritores/intelectuais: 1) Qual deve ser a atitude dos intelectuais diante dos problemas políticos e sociais que atualmente abalam o mundo? 2) É lícito ao escritor colocar-se à margem de tais problemas, isto é, permanecer ‘neutro’? 3) Em que poderá consistir a colaboração do escritor para a construção de um mundo melhor? A *Revista do Globo* ouviu quinze nomes, entre os quais estavam Erico Verissimo, Telmo Vergara, Reynaldo Moura, Darcy Azambuja, Moysés Vellinho, Mário Quintana, Dyonélio Machado e Cyro Martins. A maioria das opiniões convergia para certos pontos: o escritor tem de se preocupar com a humanidade, precisa tomar posição, escrever sobre a realidade é uma maneira de melhorar o mundo. Cyro não fugiu ao padrão. A chamada para suas respostas, colocada acima de um retrato e de uma identificação – “Autor de *Mensagem errante e Porteira fechada*” –, era “A neutralidade não é digna”<sup>549</sup>. A afirmação se ligava, claramente, à segunda pergunta, na qual ele ainda dissera que permanecer neutro seria “fraudar a missão do escritor”, significaria “assumir a atitude passiva dos espectadores”, “vender a alma ao diabo”<sup>550</sup> em um momento decisivo da humanidade. A resposta ao primeiro questionamento não foi tão direta, mas, após tergiversações, Cyro deu a entender que a atitude mais apropriada a um intelectual seria a de criar “um núcleo de convicções pessoais” e a de colocar essas convicções no “fulcro da sua atividade atual e futura”<sup>551</sup>. Na réplica à terceira indagação vieram suas melhores declarações. Ele iniciou dizendo que o “romancista poderá colaborar para a construção dum mundo melhor fazendo ficção plenamente encaixada na sua época e ao seu meio”. Para auxiliar de alguma forma, também era necessário “escrever sem receios e sem dogmatismos, realizando um levantamento honesto da realidade que conhece e sobre a qual trabalha”, “impregnar a consciência pública da convicção de que determinado problema social da sua região ou do seu país é grave e pede solução”<sup>552</sup>. Cyro prescrevia o que já fizera. Ele não falava da realidade que conheceu? Não tentava ajudar chamando a atenção da sociedade para o problema do gaúcho a pé?

---

<sup>548</sup> SERÃO FASCISTAS OS ESCRITORES GAÚCHOS? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 28, 06/05/1944.

<sup>549</sup> SERÃO FASCISTAS OS ESCRITORES GAÚCHOS? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 30, 06/05/1944.

<sup>550</sup> SERÃO FASCISTAS OS ESCRITORES GAÚCHOS? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 31, 06/05/1944.

<sup>551</sup> SERÃO FASCISTAS OS ESCRITORES GAÚCHOS? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 31, 06/05/1944.

<sup>552</sup> SERÃO FASCISTAS OS ESCRITORES GAÚCHOS? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 31, 06/05/1944.

Cyro procurava fazer sua parte e desejava que os colegas de letras soubessem disso, lessem seus livros e os comentassem. Em alguns casos, os exemplares de *Porteira fechada* enviados a escritores e a críticos surtiram efeito. Em 16 de junho de 1944, quando o desembarque das tropas aliadas na Normandia ainda ecoava, Cyro dos Anjos mandou um telegrama endereçado à Livraria do Globo, mas que tinha como destinatário outro Cyro, o de sobrenome Martins. A mensagem não carregava uma avaliação extraordinária nem índices de uma leitura detalhada. Mesmo assim, ela é relevante pela formação de uma rede de contatos. Extrapolando em algumas palavras a característica brevidade dos telegramas, Cyro dos Anjos arranhou tempo entre as aulas de Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais<sup>553</sup> para dizer ao homônimo: “Venho agradecer ao caro confrade gentileza oferta exemplar de *Porteira fechada*, admirável romance em que nos põe em contato com a existência áspera do camponês gaúcho e os problemas sociais da campanha rio-grandense”<sup>554</sup>.

Aquele “admirável romance” poderia significar muitas coisas. Cyro dos Anjos realmente leu *Porteira fechada* e o considerara admirável; leu, mas não sabia o que dizer e escolheu palavras escuras; não leu e não quis deixar a gentileza do “confrade” passar em branco. As possibilidades são inúmeras. Autor ávido por leitores, leituras e reconhecimento, otimista nos momentos mais sombrios, o Cyro gaúcho não veria o telegrama do Cyro mineiro pelo lado negativo. Ele receberia aquele “admirável” como um elogio e um incentivo.

No mesmo junho em que Cyro soube do Dia D e guardou o telegrama do autor de *O amanuense Belmiro*, outro estímulo em forma de correspondência chegou à Livraria do Globo. Dessa vez o remetente era um carioca: Marques Rebelo. Datada em 20 de junho de 1944, a carta de Rebelo trazia revelações importantes. A primeira delas se referia ao modo como o livro chegou às suas mãos: “Por intermédio do nosso amigo Maurício, que está trabalhando muito por você aqui, como já devia há mais tempo ter sido feito, recebi seu último romance *Porteira fechada*”<sup>555</sup>. Não há indicação de sobrenome, mas o Maurício citado por Marques Rebelo devia ser Maurício Rosenblatt, funcionário da Globo que, desde o final de 1941, gerenciava na filial da Livraria do Globo no Rio de Janeiro. Na capital federal, Rosenblatt tinha o objetivo de “fazer funcionar o escritório da Editora Globo”<sup>556</sup>. No Rio, ele atuava para aproximar intelectuais como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Lúcia Miguel-Pereira da Globo – visando a colaborações na revista, a traduções e a publicações de obras pelo

<sup>553</sup> Conferir em: <http://www.academia.org.br/academicos/cyro-dos-anjos/biografia> Acesso em: 28/11/2017.

<sup>554</sup> O telegrama de Cyro dos Anjos pode ser encontrado no Acervo Cyro Martins (caixa 29).

<sup>555</sup> A carta de Marques Rebelo pode ser encontrada no Acervo Cyro Martins (caixa 29).

<sup>556</sup> CHAVES, Eduardo dos Santos. Por detrás dos bastidores: a história de vida de Maurício Rosenblatt. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 124, jan./jun. 2013.

selo da livraria. Entre suas funções, estava, provavelmente, a missão de colocar na roda os produtos da editora – fosse falando dos autores, alcançando novas edições para leitores de peso ou estabelecendo contatos. Como fazia parte do catálogo da Globo, o nome e os livros de Cyro foram citados em algum momento.

A ponte construída por Maurício Rosenblatt não é a única informação expressiva da carta. A passagem “como já devia há mais tempo ter sido feito” dá margem à interpretação de que Marques Rebelo já conhecia a literatura de Cyro – inclusive quando ela não era divulgada por Maurício. Não se sabe se, em sua temporada carioca, Cyro estabeleceu contato com Rebelo. Em *Para início de conversa*, ele contou que, através de Manlio Giudice, conheceu Gastão Cruls, Agripino Grieco, José Lins do Rego, Gilberto Freyre e Aníbal Machado<sup>557</sup>, mas não disse uma palavra sobre Rebelo. Mesmo que não se tenha ideia da forma como os livros chegaram ao premiado autor de *Marafa*, interessa que o carioca os leu e se sentiu à vontade para enaltecer o trabalho ficcional de Cyro: “Seria escusado mandar adjetivos aos teus méritos de romancista, mais do que isso, de escritor”. O elogio deve ter inflado o peito de Cyro. Era bom ser lido e aprovado – especialmente por aqueles que dominavam o ofício. Era bom saber que Marques Rebelo dedicara seu tempo à leitura de *Mensagem errante* e *Porteira fechada* e que ele considerou “este último bem melhor” do que o primeiro. As razões para tal preferência estão nas linhas finais da carta de 20 de junho: “Há principalmente uma coisa no seu último livro que me agrada muito – limpeza. Limpeza no sentido que os ensaiadores teatrais, dignos desse nome, encaram o último ensaio do espetáculo – tudo certinho, sem mais e sem menos”<sup>558</sup>.

Esse “tudo certinho, sem mais e sem menos” não poderia indicar outra coisa a Cyro: *Porteira fechada* era, até ali, o seu melhor livro. Das quase vinte publicações que teria ao longo da vida, ele só não mexeria na de 1944. Nas outras, fez cortes, inserções, apagamentos e reaproveitamentos. Já nas catorze edições de *Porteira fechada*, houve apenas atualizações linguísticas. A manutenção do texto original em reiteradas ocasiões atesta as certezas que o autor tinha em relação à história de João Guedes. A crítica também assinalaria os méritos de *Porteira fechada* – o romance mais vendido e mais falado de Cyro. No entanto, antes de receber novas avaliações, uma notícia caseira complementou o momento de sucesso literário – Suely esperava outro filho.

Como andava a vida familiar de Cyro naquele ano de publicações e de êxitos? Era inegável que ele continuava a se ocupar em diversas tarefas. A escrita, as funções no Hospital

<sup>557</sup> MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 110-111.

<sup>558</sup> Correspondência passiva, de Marques Rebelo para Cyro Martins, 20/06/1944, folha 1.

São Pedro – incluindo a clínica, a docência, o secretariado da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal – e os atendimentos no consultório tomavam-lhe boa parte do tempo. Maria Helena requeria cuidados. Ela não sofria de nenhuma doença, mas atravessava uma daquelas fases normais em crianças. Não parava quieta, mexia em tudo e enrolava uma conversa atrás da outra. Suely era a maior responsável pela menina, pois Cyro passava muito tempo fora da Rua Santa Terezinha e, mesmo em casa, ele aproveitava algumas horas para escrever. É possível que Suely tivesse uma empregada ou alguém que a servisse em determinados dias da semana, contudo, não há certezas sobre isso. Cyro já não vivia sufocado pela questão financeira e não se descarta um tipo de ajuda vinda de Antenor e Lucinda. De qualquer maneira, quando viesse outra criança, a situação ficaria um tanto complicada. O casal precisaria se virar sozinho – e, assim, Cyro teria de deixar de lado, por um tempo, certas atividades – ou correr atrás de uma pessoa que auxiliasse com a casa e o bebê.

Presumivelmente, aquele era um bom momento para Cyro e Suely terem outro filho. Eles estavam casados havia nove anos, mas fugiam aos padrões de natalidade da época. Talvez uma segunda e última criança fizesse bem para a relação, satisfizesse ao marido e à mulher, agradasse tanto os Martins quanto os Castro de Souza. Além disso, Cyro ainda vivia um período feliz, um período em que tudo lhe sorria, em que tudo parecia dar certo.

No segundo semestre de 1944, enquanto a gravidez de Suely evoluía, o nome de Cyro constava mais uma vez em publicações e *Porteira fechada* continuava rendendo assunto. Em julho, mês no qual os Aliados davam sequência à Operação Overlord para libertar a França e os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira embarcavam para a Itália, nas páginas 80-83 da *Lanterna verde*, se podia ver o resultado dos bilhetes trocados entre Cyro e Manoelito de Ornellas no ano anterior. “Conto sem nome” era um dos 65 textos que formavam o número 8 do boletim da Sociedade Felipe D’Oliveira. A edição dedicada ao Rio Grande do Sul tinha, entre seus colaboradores, escritores e críticos reconhecidos: Alcides Maya, André Carrazzoni, Augusto Meyer, Dante de Laytano, Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Telmo Vergara, Ernani Fornari, Reynaldo Moura, Viana Moog. Aquela era a terceira publicação de “Conto sem nome”, pois a narrativa já saíra em *Campo fora* (1934) e na *Revista do Globo* (28 de setembro de 1935). Ainda não se entendia o porquê de Cyro, tão cuidadoso com os seus escritos, não ter dado um título apresentável à história.

Com títulos pensados ou não, os contos e os romances de Cyro chegavam ao público, repercutiam e colocavam o autor sob holofotes. Um evento ocorrido naquele ano mostra isso. No “Prefácio” à segunda edição de *Sem rumo*, datado de 1977, Cyro falou das correções que

fez, do momento em que o livro tinha sido escrito, das circunstâncias de edição, da ideia da *Trilogia do gaúcho a pé*. Todas essas informações eram pertinentes, uma vez que ele revisava sua segunda obra. Entretanto, para expandir seu pensamento sobre literatura regional, Cyro aproveitou a oportunidade para publicar, junto com *Sem rumo*, uma conferência intitulada “Visão crítica do regionalismo”, na qual expunha, “de maneira singela e franca, os pontos de vista de ordem sociológica” em que baseou a ficção da trilogia. Segundo ele, tal conferência foi proferida “em 1944, pouco depois de lançar *Porteira fechada*, na Faculdade de Direito, de Porto Alegre, a convite do Centro Acadêmico André da Rocha”<sup>559</sup>.

Passaram mais de trinta anos entre a conferência na Faculdade de Direito e a publicação de “Visão crítica do regionalismo”. É provável que, nesse intervalo, Cyro tenha mexido no texto. Assim, não se sabe a equivalência do que foi dito em 1944 e o que saiu em 1977. Porém, na ausência da palestra original, é preciso confiar naquela que surgiu depois. Ainda que passasse por modificações, a ideia que fundamentava o ensaio devia ser, substancialmente, a mesma nos dois momentos.

A palestra carregava já em seu título um objetivo claro: olhar de modo crítico o regionalismo, especificamente aquele que se desenvolvera no Rio Grande do Sul. No caminho para atingir sua meta, Cyro elaborou um conceito de regionalismo e historicizou a literatura gaúcha. Ele pensava que o regionalismo traduzia “sobretudo uma atitude sentimental. Atitude de entusiasmo em face da região e da sua legenda”<sup>560</sup> – legenda que, no Estado, se relacionou às figuras dos heróis surgidos no processo de formação do território. Para Cyro, o culto a essas figuras “foi um motivo duradouro da superestimação de nós mesmos. E a literatura, que se originou dessa exaltação coletiva, foi uma literatura de afirmação, assinalando de preferência o belo da vida, o heroico e o romanesco”<sup>561</sup>. Ele ainda acreditava que, desde *Bromélias*, poesias publicadas por Apolinário Porto Alegre em 1874, “até há bem pouco”, o regionalismo sul-riograndense “nutriu-se da legenda campeira, decantando a trajetória histórica e os costumes do gaúcho, celebrado como monarca das coxilhas, visto como figura de exceção”<sup>562</sup>.

Como historiador da literatura, Cyro não estava errado em escolher um ponto de partida para sua narrativa. Talvez ele pudesse ter voltado até 1872 e escolhido *O vaqueano*, também do prolífico Apolinário Porto Alegre, como marco inicial da produção regionalista. O romance mostrava o apego às cores locais e, além disso, apresentava um tipo humano rodeado pela

<sup>559</sup> As duas citações estão em: MARTINS, Cyro. Prefácio. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 13.

<sup>560</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 24.

<sup>561</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 25.

<sup>562</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 14-15.

positividade – justo, honesto, corajoso, peleador, fiel, cavaleiro –, um modelo que seria útil à construção da imagem do gaúcho dali para a frente. Cyro, no entanto, optou por *Bromélias* e ele era, obviamente, o senhor da própria narrativa. Tão senhor que decidiu dar um salto temporal e tratar de Alcides Maya e João Simões Lopes Neto, considerados por ele “os autores máximos”<sup>563</sup> do regionalismo. Na leitura de Cyro, em Simões, se encontrava um gaúcho mais “natural”, “desatado”, “livre na ação”. Essa naturalidade deixava a impressão de que “não foi o autor que procurou o assunto, mas, sim, foi este que o encontrou, o saturou e se impôs”. Já em Maya, Cyro não via tanta espontaneidade. Às vezes, os requintes e os excessos da linguagem quase afastavam o autor do assunto telúrico, mas os floreios não impediam que suas narrativas guardassem “uma profunda e comovente harmonia com a realidade campeira”<sup>564</sup>.

Ao longo de sua vida, em ocasiões e textos variados, Cyro se referiu a João Simões Lopes Neto e Alcides Maya como os grandes escritores de um momento literário do Rio Grande do Sul. A conferência da Faculdade de Direito foi, provavelmente, a primeira exposição pública de tal opinião e, também por isso, o evento tem sua significação. Naquele outubro de 1944, a afirmação de que os dois foram os “autores máximos” do regionalismo gaúcho pode não demonstrar, necessariamente, uma visão evolucionista por parte de Cyro. Simões e Maya estavam no topo da cadeia porque suas obras tinham maior capacidade de “resistir, pelo tempo a fora, às mais ingratas ventanias da crítica”<sup>565</sup>.

Resistir à crítica e ao tempo parecia ser um dos critérios adotados por Cyro para formar um cânone. Quando trata de “Outros regionalistas”, ele cita uns poucos resilientes: Ramiro Barcellos, com *Antônio Chimango*, Darcy Azambuja, com seus contos, J. O. Nogueira Leiria, com seus poemas, Vargas Neto, com “alguns versos bem achados”, Roque Callage, com “certas páginas muito sentidas”<sup>566</sup>. Cyro dá a entender que o clima revolucionário de 1923 influenciou a produção desses escritores e de muitos outros. Esses outros, no entanto, não tinham qualidade para permanecer, pois não fizeram mais do que perpetrar “falsidades literárias de extrema indigência quanto à pintura da campanha e ao estudo dos caracteres”, de contribuir para o prolongamento do “culto às aparências, mascarando a visão fiel da verdade humana e das circunstâncias e dramas da coletividade crioula”, de repisar o que “já havia sido feito com inigualável mérito pelos maiores”<sup>567</sup>. Cultuar as aparências e repisar aquilo que já fora feito

<sup>563</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 15.

<sup>564</sup> As comparações entre Simões Lopes Neto e Alcides Maya estão em: MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 17-18.

<sup>565</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 15.

<sup>566</sup> Esses outros regionalistas dignos de nota estão citados em: MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 19.

<sup>567</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 19.

também não combinava com os ventos renovadores iniciados em 1922, com o modernismo. Cyro pensava que os regionalistas, arraigados à tradição e às proporções épicas, não conseguiram se soltar dos estereótipos, não perceberam que os tempos se modificaram e que novos temas requeriam atenção.

Era no tocante ao trato desses novos temas que Cyro desenvolvia a principal ideia de “Visão crítica do regionalismo”. A época de mudanças econômicas, sociais e humanas atravessada pelo Rio Grande do Sul afetava o gaúcho, a campanha e a literatura. Para Cyro, o momento reclamava uma literatura localista, não regionalista. Na concepção dele, a produção localista – “mais prosaica, mais inclinada aos temas do cotidiano e ao estudo das depressões coletivas” – era a que condizia com o período de transição. Ao contrário do regionalismo, que se fazia pelas lendas e pelas glorificações, o localismo evidenciaria “os defeitos e as crises” de determinado grupo social e faria sugestões para a “reparação dos danos”<sup>568</sup>. Não havia espaço para heróis, epopeias e ufanismos. Era hora de descrever “a degradação do nosso camponês marginalizado”<sup>569</sup>, que já não tinha cavalo, fartura e distância.

Cyro se considerava um localista, pois aquelas eram as diretrizes de sua ficção. Colocar-se em um grupo e até desenvolvê-lo ideologicamente tinha uma grande significação. Ao fazer algo incomum, ao mirar aqueles que não eram olhados, ao falar sobre um gaúcho destronado, ele se caracterizava como um autor discrepante. Ele escrevia sobre o campo e seu habitante, mas não era como aqueles que o precederam. Cyro não queria exibir o rótulo de regionalista. Queria que o vissem como um escritor diferente, uma voz de um novo tempo e a conferência no Centro Acadêmico André da Rocha era importante para passar essa imagem.

Em novembro, dias depois da palestra, *Porteira fechada* voltava a ser alvo de críticas. Dessa vez, não era um intelectual do centro do país que se manifestava a respeito do livro, mas um jovem gaúcho. É bem possível que, meses antes, Décio Freitas, estudante de direito que trabalhava como jornalista e saíra à defesa de Ivan Pedro de Martins no caso de censura a *Frenteira agreste*, estivesse na plateia da conferência “Visão crítica do regionalismo”. Contudo, em “O drama dos homens sem-terra”<sup>570</sup>, Décio abordava o Cyro romancista, não o ensaísta. De modo geral, a avaliação era elogiosa e algumas frases definitivas de Freitas ilustram isso: “*Porteira fechada*, de Cyro Martins, é sem dúvida uma das poucas e mais belas tentativas de romance social já levadas a cabo no Rio Grande do Sul”, “Cyro Martins é hoje um dos

<sup>568</sup> As ideias sobre o localismo estão em: MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 25.

<sup>569</sup> MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 26.

<sup>570</sup> Não tive acesso à publicação original, somente à versão reproduzida na edição de 2010 de *Porteira fechada*.



maiores romancistas rio-grandenses”. Décio Freitas não tinha medo de elevar *Porteira fechada* e seu autor a um patamar alto dentro da literatura produzida no Rio Grande do Sul. Além disso, ele fazia questão de assinalar certo pioneirismo por parte de Cyro – “Raras vezes, entre nós, alguém avançou mais longe do que Cyro Martins na tentativa arrojada de pintar determinadas relações sociais de produção vigorantes no nosso Estado”<sup>571</sup>.

Apesar de dizer que *Porteira fechada* era “um livro apaixonadamente humano, exato e sincero na descrição das condições horríveis em que está sendo atirada a massa dos trabalhadores rurais”<sup>572</sup>, Freitas não deixou de apontar aspectos em que Cyro poderia evoluir como escritor. Para o periodista, o quaraiense precisaria dar “dois passos à frente” no intuito de “lograr uma mais ampla penetração na massa dos nossos leitores” e de “conquistar um posto supremo” no cenário literário gaúcho. Esses passos estavam ligados ao “domínio do progresso artístico” e ao “conteúdo social” dos livros de Cyro. Décio Freitas entendia que o escritor poderia dar maior “penetração psicológica”<sup>573</sup> aos personagens e “‘acertar’ de toda sua visão sociológica da campanha rio-grandense”<sup>574</sup>. O primeiro dos passos estava ao alcance de Cyro, ainda mais quando levada em conta sua formação e a área em que atuava. Quanto ao segundo, as coisas não pareciam tão fáceis. Qual era a visão sociológica acertada? Qual ponto de vista Décio exigia de Cyro? O autor e o crítico pensavam de formas distintas e não havia modos certos, quase certos e erradas de olhar.

Décio Freitas achava que o acerto na visão sociológica de Cyro estava associado à sua “posição político-social”. Freitas não entendia as razões de o escritor ter manifestado, em *Porteira fechada*, simpatia e predileção aos “oposicionistas” que ficaram de fora do poder local. Para o jornalista, só por “sentimentalismo”<sup>575</sup> Cyro poderia se inclinar para a oposição. Décio acreditava que, como intelectual, como sujeito lido e esclarecido, Cyro compreendia o jogo. Os objetivos daqueles que se enfileiravam na oposição eram os mesmos dos da situação – tomar o poder, explorar o campo, acumular propriedades rurais, não mexer uma palha em favor da distribuição agrária. As ideias expostas por Décio Freitas em “O drama dos homens sem-terra” sugerem que a visão “acertada” para a produção literária de Cyro era a que partia da esquerda.

---

<sup>571</sup> As três citações estão em: FREITAS, Décio. O drama dos homens sem-terra. In: MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010, p. 9.

<sup>572</sup> FREITAS, Décio. O drama dos homens sem-terra. In: MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010, p.11.

<sup>573</sup> FREITAS, Décio. O drama dos homens sem-terra. In: MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010, p. 9.

<sup>574</sup> FREITAS, Décio. O drama dos homens sem-terra. In: MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010, p. 10.

<sup>575</sup> FREITAS, Décio. O drama dos homens sem-terra. In: MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010, p. 10.

Talvez por isso, ele criticasse a simpatia do autor pela oposição. Como intelectual e homem sensível, Cyro devia perceber que a saída não estava na oposição de hábitos situacionistas, estava no outro extremo, no lado vermelho. Não se conhece a reação de Cyro ao texto de Décio. Não se sabe se ele concordou com a avaliação, mas é possível supor que alguns pontos tenham lhe agradado. Se isso não tivesse acontecido, “O drama dos homens sem-terra” não passaria a anteceder, nas várias edições de *Porteira fechada*, a história de João Guedes.

Também não se sabe quais foram as reações de Cyro quando, um mês depois, Suely começou a sentir as dores que anunciavam o parto. Era 30 de dezembro e a criança não queria esperar até 1945 para nascer. Celito De Grandi e Núbia Silveira contaram que a filha nasceu em casa “porque não houve tempo para chegar a um hospital”<sup>576</sup>. Como agiu Cyro naquela circunstância? Anos antes, em Quaraí, um parto o marcou. Naquela ocasião, mesmo impactado, ele soube como proceder. No final de 1944, por mais que estivesse emocionalmente envolvido, os conhecimentos médicos não o abandonariam. Tudo parece ter corrido sem grandes problemas. Mesmo diante da surpresa e do choque, Suely e a menina – que recebeu o nome de Cecília – passavam bem. Aquele ano de sucessos e realizações não poderia acabar de modo melhor: a família aumentava e uma criança, ainda que chegasse pregando sustos, era sempre um prenúncio de esperança.

Aliás, 1945 parecia ser um ano para revigorar as esperanças. Depois do fracasso de uma ofensiva nas Ardenas, as forças do Eixo não tinham poderio militar para resistir por muitos meses na frente europeia e o fim do conflito se desenhava. No Brasil, a situação política também dava sinais de mudança. Por mais que se aproximasse dos Aliados e se juntasse aos esforços de guerra, um regime com as características do Estado Novo dificilmente sobreviveria aos tempos que viriam. Havia gritos pela redemocratização do país e cedo ou tarde Getúlio Vargas cairia.

Cecília recém tinha completado quatro meses quando, em 8 de maio, se comemorou o Dia da Vitória na Europa. Durante abril, os Aliados e os nazistas se engalfinharam em um último ato – a Batalha de Berlim. Desde o início do ano, os soviéticos perseguiam o objetivo de tomar Berlim antes dos seus aliados ocidentais. No final do mês, o Exército Vermelho chegou à periferia da cidade e Hitler “decidira tirar a própria vida em vez de ser capturado pelos russos e posto em exibição como numa exposição de museu”<sup>577</sup>. Ele também não queria passar pelo que seu cúmplice Benito Mussolini passara – ser assassinado e ter o corpo pendurado em praça pública para expiação. Com o suicídio de Hitler, em 30 de abril, a rendição alemã não

<sup>576</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 92.

<sup>577</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 988.

demorou. No Pacífico, a guerra se estenderia. Os japoneses só capitulariam em 15 de agosto, após os norte-americanos lançarem bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

Mesmo com ações no *front* oriental, em junho, o mundo respirava novos ares. Parecia que a liberdade soprava em quase todos os cantos. Na Alemanha e na Itália, como não poderia ser diferente, os regimes totalitários caíram. Ainda não se sabia quanto tempo durariam os governos fortes em países como Espanha, Portugal e Brasil. Talvez durassem uns poucos meses, talvez se arrastassem por anos. Na espera pelos vencedores, Espanha e Portugal se protegeram sob o dúbio manto da neutralidade, embora cooperassem com os lados que lhe fossem convenientes. Os brasileiros falavam em abrandamento da censura e convocação de eleições.

Os novos ares atingiam todos os rincões e o Rio Grande do Sul não ficaria de fora. Em junho de 1945, apareceu entre os gaúchos uma revista que ia de encontro ao projeto nacionalizador do Estado Novo – a *Província de São Pedro*. O periódico carregava o selo da Globo e era dirigido por Moysés Vellinho. No editorial de estreia, ficavam claros os objetivos da nova publicação: acolher as obras de inteligência, preservar os elementos fundamentais da tradição local sem se afogar nas águas rasas do regionalismo. A revista não se deteria, apenas, às discussões localistas. Ainda que trouxesse em seu título a antiga denominação do Rio Grande, todos os assuntos atrelados à cultura seriam do interesse da *Província*<sup>578</sup>. Preservar a tradição local era uma reação à política estado novista de apagamentos das regionalidades. Era curioso o fato de essa manifestação dos intelectuais gaúchos surgir já nos últimos suspiros da ditadura e ser liderada por um sujeito que, apesar dos reconhecidos méritos, em muitos momentos, interagiu com o regime.

O momento de distensão política era conveniente para o surgimento de um veículo como a *Província de São Pedro*. Para Alice Moreira, as circunstâncias históricas do Rio Grande do Sul também favoreceram a criação da revista: “à maturidade de uma empresa de livreiros sensíveis aos anseios de desenvolvimento da comunidade, aliou-se uma geração privilegiada, cujo talento fora aprimorado na tradição jornalística e acadêmica”<sup>579</sup>. A *Província* se diferenciava das outras publicações da Globo. Segundo Moreira, o *Almanaque do Globo* e a *Revista do Globo* eram destinados a um público mais abrangente – a última, por exemplo, mostrava acontecimentos locais, nacionais e mundiais, nas áreas política, cultural e esportiva, contemplando ainda a moda, a culinária e o humor. A *Província* tinha outro alvo, pois “era

---

<sup>578</sup> O editorial – assinado por Moysés Vellinho – está em *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 5-7, junho de 1945.

<sup>579</sup> MOREIRA, Alice Therezinha Campos. Revista *Província de São Pedro*: órgão por excelência da província brasileira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 37, abr./jun. de 2001.

constituída maciçamente por textos, dirigia-se, assim, a um público mais selecionado”<sup>580</sup>. Talvez por visar a um tipo seletivo de público e por não buscar lucros, a *Província* não trazia anúncios publicitários. Mesmo sem patrocinadores de fora da Globo, a revista teve 21 números, com média de 180 páginas nas quais predominavam os artigos ligados à literatura, e perdurou até 1957, ano em que foi retirada de circulação por motivos financeiros. Durante seus doze anos, a *Província* contou com a colaboração de nomes como Guilhermino Cesar, Augusto Meyer, Carlos Dante de Moraes, João Pinto da Silva, Manoelito de Ornellas, João Otávio Nogueira Leiria, Vianna Moog, Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Mário Quintana, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido e outros. Além de nomes de relevo, a revista também apresenta números expressivos<sup>581</sup>: 2200 obras e 1000 autores citados, 700 poemas ou fragmentos de poemas divulgados, 473 artigos de crítica e 65 contos publicados. É claro que, com um nome inserido no sistema literário gaúcho, Cyro figurava entre os colaboradores da *Província de São Pedro* e, em variadas ocasiões, seus livros foram objeto de apreciação<sup>582</sup>.

No primeiro número da *Província*, Cyro foi citado em três artigos, sendo que duas dessas menções estavam diretamente relacionadas a *Porteira fechada*. O texto intitulado “Simões Lopes Neto”, de Augusto Meyer, traz uma breve mas importante referência a Cyro: “Quando for lançada uma antologia do regionalismo gaúcho de A. Porto Alegre a Cyro Martins, o que representa mais de meio século, nas suas escalas principais não serão revelados apenas alguns nomes de segunda ordem”<sup>583</sup>. A declaração de Meyer é relevante, por classificar Cyro como regionalista – traço que o próprio autor rechaçava – e colocá-lo em um dos extremos do movimento, em posição contrária à de Apolinário Porto Alegre. A partir da afirmação de Meyer, se pode entender que Apolinário marcava o início do regionalismo e Cyro o fim. Talvez Augusto Meyer tivesse dado esse lugar ao amigo por causa do seu último romance.

*Porteira fechada*, aliás, foi apreciado por ninguém menos do que o diretor da *Província*. Naquela edição inaugural do periódico, Moysés Vellinho dedicou quatro páginas ao livro. Em “Paz nos campos...”, Vellinho iniciou sua crítica comparando *Porteira fechada* com o romance que o sucedeu, *Mensagem errante*. Segundo Vellinho, a obra de 1942 apresentava um tom mais individual, enquanto a de 1944 voltava-se para a realidade externa e possuía um vigoroso sentido

<sup>580</sup> MOREIRA, Alice Therezinha Campos. Revista *Província de São Pedro*: órgão por excelência da província brasileira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 37, abr./jun. de 2001.

<sup>581</sup> Os números foram retirados do já citado texto de Alice Moreira e encontram-se entre as páginas 41 e 43.

<sup>582</sup> Em “Cyro Martins e a revista *Província de São Pedro*”, escrevi sobre os rastros de Cyro no periódico. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/20385/13868>

<sup>583</sup> MEYER, Augusto. Simões Lopes Neto. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 105, junho de 1945.

social. Para ele, os personagens de *Porteira fechada* eram: “Simples acidentes de uma realidade surda que os colhe, os arrasta e absorve na sua massa sem brilho, são apenas comparsas desprevenidos de um drama enorme e apagado cujas medidas vão muito além dos escassos limites de sua consciência. Nada mais que isso”<sup>584</sup>. João Guedes e os outros estavam à mercê das vontades dos grandes proprietários e não tinham como lutar contra o vendaval econômico que assolava a campanha e os desprovia do chão em que viviam. Moysés Vellinho destacou que, em *Porteira fechada*, se via um autor realista, que não se deixou “acometer pelo pessimismo”<sup>585</sup>, mas nem por isso falava do Rio Grande heroico – ao contrário, abordava a crise social e econômica que se alastrava pelo Estado e provocava o êxodo rural. Páginas mais tarde<sup>586</sup>, Vellinho procura justificar a ausência de heroicidade na última narrativa de Cyro: “não é possível fomentar vocações heroicas com a dieta da miséria”. Em um dos últimos parágrafos de seu ensaio, Moysés Vellinho<sup>587</sup> assinalou o tom sombrio que pairava sobre *Porteira fechada*: “O romance é amargo e opressivo. A desgraça vem vindo, vem crescendo contra essa gente desarmada, e acaba engolfando tudo em sombra”. A sombra aludida por Vellinho era a culpada pela paz nos campos. Ela carregava a desgraça, desabrigava o gaúcho, jogava-o nas margens da cidade, deixava-o a pé.

A apreciação de Moysés Vellinho inserida naquele primeiro número da *Província de São Pedro* significou muito para Cyro. Ele fora avaliado – e, de certo modo, aprovado – por um dos mais relevantes críticos do Rio Grande de Sul. Além disso, dentro e fora do estado, a *Província* atingia um público restrito, interessado nos acontecimentos que preenchiam a vida das letras no Brasil. Isso poderia ser benéfico para Cyro. As vendas de suas obras não aumentariam vertiginosamente, mas talvez seu nome chegasse a leitores cuja opinião tivesse peso no cenário literário nacional.

Na primeira edição da *Província* também aparecia um indicativo da recepção de *Porteira fechada* em outras regiões do país. Afonso Arinos de Melo Franco, intelectual renomado, que passou o ano de 1944 lecionando cursos de literatura na Faculdade de Letras de Buenos Aires<sup>588</sup>, teceu, na seção chamada “Transcrições”<sup>589</sup>, comentários sobre *Porteira fechada*. Em estudo sem título, Melo Franco analisou o romance de Cyro e *Fronteira agreste*, de Ivan Pedro de Martins. Afonso Arinos acreditava que o primeiro completava o segundo,

<sup>584</sup>VELLINHO, Moisés. Paz nos campos... *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 147, junho de 1945.

<sup>585</sup>VELLINHO, Moisés. Paz nos campos... *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 147, junho de 1945.

<sup>586</sup>VELLINHO, Moisés. Paz nos campos... *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 149, junho de 1945.

<sup>587</sup>VELLINHO, Moisés. Paz nos campos... *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 150, junho de 1945.

<sup>588</sup>Informação disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afonso-arinos-de-melo-franco/biografia>  
Acesso em: 23/12/2017.

<sup>589</sup> O texto foi publicado, originalmente, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro. Não tenho indicação de data e de página.

contudo, unidos, os dois não formavam “um conjunto, um todo, mas um esboço inacabado”<sup>590</sup>. Havia pontos congruentes entre os romances. Percebia-se nas páginas de ambos a humanidade triste, servil e até mesmo escrava. Arinos entendia que, nas duas narrativas, se notava um lado fronteira e outro porteira. O lado fronteira era “esta enganosa liberdade, destino opresso e terrível de judeu errante, que faz com que os homens não ancorem na vida como não ancorem no amor, na terra, na casa: porque a vida não é deles, como também não o são o rancho, o campo ou a ‘china’ linda”. Já o lado porteira fechada era “representado pelos obstáculos intransponíveis que se opõem àqueles que forcejam por emancipar-se de tal pretensa liberdade”<sup>591</sup>.

A “enganosa liberdade” aludida por Arinos e a falta de ancoragem de certos homens errantes, desgastados pelos embates com as diversas porteiras fechadas, deixam margem para a interpretação de que alguns desses sujeitos “errantes” não param, simplesmente, pelo fato de não terem onde parar. Ainda no tocante às convergências, Afonso Arinos sublinha, nos dois livros, a completa ausência de religiosidade. Além disso, o crítico enfatiza que ambos ensinam mais do que interessam literariamente. Esse julgamento, se, por um lado, despe as obras de certa aura literária, por outro, veste-lhes com uma importante mensagem social e humana. As divergências realçadas por Arinos estão localizadas no plano estético de *Porteira fechada* e *Fronteira agreste*. Para ele, era inegável “que as qualidades descritivas e poéticas” se mostravam “seguramente mais fortes em Ivan Pedro de Martins”. No entanto, “Cyro Martins foi, sem dúvida, mais feliz no acabamento do seu livro. Construiu com mais técnica seu romance, sabendo introduzir nele uma ocasião”<sup>592</sup>. Sendo assim, *Fronteira agreste* apresentaria mais beleza enquanto *Porteira fechada* teria melhor estrutura.

Não havia nada de novo no fato de Cyro receber as impressões leitoras de escritores de fora do Rio Grande do Sul. No ano anterior, Cyro dos Anjos e Marques Rebelo lhe enviaram correspondências amigáveis. A novidade trazida pela crítica de Afonso Arinos de Melo Franco estava em um detalhe imprescindível: o artigo fora publicado na imprensa – e publicado, inicialmente, no Rio de Janeiro. Se “Paz nos campos...”, de Moysés Vellinho, indicava que Cyro fazia parte do círculo literário gaúcho, o texto de Afonso Arinos sinalizava a possibilidade de o nome do quaraiense extrapolar as fronteiras do Estado.

---

<sup>590</sup>FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Dois romances. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 155, junho de 1945.

<sup>591</sup> As duas citações estão em: FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Dois romances. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 156, junho de 1945.

<sup>592</sup>FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Dois romances. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 157, junho de 1945.

Enquanto isso não acontecia, Cyro voltava a ser citado nas páginas da *Província de São Pedro*. No segundo número da revista, em “Os fundamentos econômicos do regionalismo”, Dyonélio Machado falou brevemente sobre a posição literária de Cyro. Deixando claro seu ponto de vista ideológico Dyonélio discutiu a literatura pelo vezo econômico. Para ele, havia uma história econômica e social por trás das artes e essa história deveria estar no âmago das discussões sobre o regionalismo. Segundo Dyonélio Machado, existia uma oposição entre regionalismo e localismo. No grupo dos regionalistas estariam os “clássicos” como Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja, no dos localistas, Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins. A diferença dos dois grupos poderia ser explicada através do caminho econômico tomado pelo Rio Grande do Sul. Tanto o regionalismo quanto o localismo exploravam a pecuária e o que os distanciava era, justamente, esse tema comum: a “pecuária do tempo do Regionalismo era uma forma híbrida de produção e guerra”<sup>593</sup>, já a pecuária do localismo era industrializada e pacificada. Dyonélio Machado acreditava que, com os livros *Mensagem errante* e *Porteira fechada*, Cyro se conectava ao localismo. Em alguns aspectos, a ideia de Dyonélio era semelhante àquela explicitada por Cyro em “Visão crítica do regionalismo”. A literatura de um novo tempo econômico e social tinha um novo rosto, buscava olhar o campo e os seus personagens de uma maneira distinta do que até então se fizera. Ademais, ao dizer que o conterrâneo era um localista, Dyonélio Machado contribuía para a construção da imagem de Cyro como expoente de um momento literário marcado pela transição, a conscientização e a crítica.

Naquele segundo número da *Província*, páginas antes do texto de Dyonélio, aparecia a primeira colaboração de Cyro<sup>594</sup> para a revista. Aproveitado posteriormente em *Rodeio* – estampas e perfis, “Notas sobre Alcides Maya” lembrava o encontro, no Hotel Majestic, do jovem Cyro com um dos escritores de sua predileção. Ao longo das notas, ficavam evidentes as impressões que o vulto de Maya despertou no rapaz – “A presença de Alcides Maya é inesquecível”<sup>595</sup>. Cyro não se ateu ao depoimento de cunho autobiográfico. Ele também falou dos personagens marcantes, das belas paisagens retratadas por Maya e assinalou que o autor de

---

<sup>593</sup>MACHADO, Dyonélio. Os fundamentos econômicos do regionalismo. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 128, setembro de 1945.

<sup>594</sup> É interessante observar, na seção “Escreveram neste número” (p. 186), ao lado de um desenho do rosto de Cyro, a descrição que os editores fizeram: “Cyro Martins nasceu em Quaraí, neste Estado. É um escritor inteiramente voltado para os problemas e as condições de vida do nosso homem do campo. Quando fazia o curso médico, em Porto Alegre, iniciou-se na literatura regionalista tendo publicado na imprensa local seus primeiros contos, antes de 1930. Desde então, vem aumentando e enriquecendo sua bagagem literária, que já agora consta de *Campo fora*, contos, *Sem rumo*, novela, e *Enquanto as águas correm*, *Mensagem errante* e *Porteira fechada* romance”.

<sup>595</sup>MARTINS, Cyro. Notas sobre Alcides Maya. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 61, setembro de 1945.

*Ruínas vivas* já havia se preocupado com o tema do gaúcho marginalizado no ensaio “Colonização nacional” presente no livro *Crônicas e ensaios*, de 1918. Por causa disso, Cyro acreditava que não eram de todo justas as acusações de que Alcides Maya seria “um escritor puramente acadêmico, cuja obra pairasse distante das aflições do povo”<sup>596</sup>.

“Notas sobre Alcides Maya” revelava uma parte do lado leitor Cyro e o mesmo ocorreria na última *Província* de 1945. Publicada quase dois meses depois de Getúlio Vargas abandonar o poder e o Estado Novo, a edição de dezembro estampou o questionário “Três perguntas sobre Eça de Queiroz”<sup>597</sup>, que levantava as seguintes interrogações: 1) A seu ver, quais as razões da vitalidade e atualidade da obra de Eça de Queiroz? 2) Se houve influência da obra de Eça, até que ponto ela se exerceu na sua formação literária? 3) Escritores do caráter literário de Eça de Queiroz são espíritos construtivos ou não? As respostas de Cyro não foram muito esclarecedoras, porém, davam uma ideia daquilo que o quaraiense pensava a respeito do escritor português. Para Cyro, a vitalidade da obra de Eça estava no fato de o autor de *Os Maias* ter ficado um tanto fora da paisagem humana que havia retratado. Já a atualidade se matinha devido à sobrevivência do estilo e da ironia impressos por Eça. No tocante ao “espírito construtivo”, Cyro tentou contornar a pergunta, mas concluiu que “embora trabalhando com o obscuro material que é a língua portuguesa, Eça de Queiroz contribuiu para despertar, no espírito dos homens, o anseio por uma estrutura melhor do mundo que continua inacabado”<sup>598</sup>. Quanto às influências de Eça na sua obra, ele afirmou que não saberia demonstrá-las.

Houve outra menção a Cyro na *Província* de dezembro. Dessa vez, contudo, não interessava seu lado leitor. No breve texto “O drama do gaúcho enxotado”<sup>599</sup>, publicado na seção “Arquivos”, Manoel Domingues – sujeito de quem não se tem muitas informações – tratou de *Porteira fechada*. Da primeira à última linha, Domingues elogiou o livro. Ele ressaltou o “estilo claro, bem cuidado, sem pernosticismos enervantes” com que o escritor abordara “o drama do gaúcho enxotado do seu habitat natural” e a tese máxima do romance “o êxodo dos campos para a cidade”<sup>600</sup>. Com “O drama do gaúcho enxotado”, podia-se notar, mais uma vez, a recepção de *Porteira fechada* fora do Rio Grande do Sul.

---

<sup>596</sup> MARTINS, Cyro. Notas sobre Alcides Maya. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 61, setembro de 1945.

<sup>597</sup> Os nomes que responderam ao questionário foram: Erico Verissimo, Carlos Dante de Moraes, Mário Quintana, Othelo Rosa, Reynaldo Moura, Manoelito de Ornellas, Hamílcar de Garcia, Athos Damasceno, Vidal de Oliveira, Darcy Azambuja e Dyonélio Machado.

<sup>598</sup> TRÊS PERGUNTAS SOBRE EÇA DE QUEIROZ. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 30, dezembro de 1945.

<sup>599</sup> Publicado, originalmente, no *Correio da Manhã*, de São Paulo. Não tenho indicação de data e de página.

<sup>600</sup> As duas citações estão em: DOMINGUES, Manoel. O drama do gaúcho enxotado. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 168, dezembro de 1945.



A atividade cultural de Cyro em 1945 não se restringiu à *Província de São Pedro*. Em maio daquele ano, homens e mulheres inclinados à ideologia comunista se reuniram para fundar o Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha. O Clube funcionava na sede da Sociedade Espanhola e tinha a “finalidade de difundir a cultura popular em diversas modalidades: política, econômica, artística e científica”<sup>601</sup>. Para atingir seus objetivos, o Clube oferecia ao “público palestras – quase sempre nas tardes de domingo”<sup>602</sup> – nas quais falavam militantes políticos, jornalistas, médicos, advogados, escritores. Não é de se duvidar que Cyro, além de se envolver, de segunda a sábado, com o Hospital São Pedro, com o consultório, com a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, com a leitura e com a escrita dedicasse suas tardes de domingo às sessões do Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha. Ele pode ter sido ouvinte em muitas dessas tardes, mas pelo menos em uma atuou como conferencista. Em 29 de julho, ele discorreu sobre a vida e a obra de Euclides da Cunha<sup>603</sup>. Conforme Marisângela Martins, Cyro foi uma exceção no conjunto de palestras do Clube. Ao abordar Euclides, ele se tornou o único escritor a falar de literatura. Álvaro Moreyra tematizou a relação entre os intelectuais e o Partido Comunista. Jorge Amado se embrenhou pela trilha da literatura e da política. Dyonélio Machado escolheu o tópico Luís Carlos Prestes. Beatriz Bandeira comentou as diretrizes educacionais no Brasil da época. Se Euclides da Cunha não fosse o patrono do Clube, seria estranho que, em um ambiente tão comunista, Cyro tangenciasse o partido e o ideário.

Marisângela afirma, no mesmo trabalho, que “a aproximação de Cyro com o PCB era discreta”<sup>604</sup>. O episódio da palestra é um dos que podem ilustrar essa relação discreta, levada com tato. Embora não se encontrem registros da filiação de Cyro ao PCB – o que já é um ponto digno de análise –, em muitos momentos ele se juntou à militância. Um dos mais evidentes se deu em setembro de 1945, quando Luís Carlos Prestes, recém-saído dos porões do Estado Novo, visitou Porto Alegre. Com Dyonélio Machado, César Ávila, Evlys Mabilde, Lila Ripoll, Cyro integrou a comissão responsável por organizar a recepção ao maior chefe do partido no País.

---

<sup>601</sup> MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil* (Porto Alegre – 1927-1957). 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 189.

<sup>602</sup> MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil* (Porto Alegre – 1927-1957). 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 190.

<sup>603</sup> A informação acerca do dia da palestra foi retirada de: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 66.

<sup>604</sup> MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil* (Porto Alegre – 1927-1957). 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 168-169.

Diversas atividades ligadas à visita de Prestes foram promovidas: “comícios-relâmpago por toda a cidade, festivais, audições musicais e conferências na Sociedade Espanhola”<sup>605</sup>. Como membro da comissão, Cyro devia estar por trás desses eventos. Seu papel, no entanto, não se desenvolveu apenas nos bastidores. Em 29 de setembro, no *Correio do Povo*, foi publicado um “Convite os Médicos”<sup>606</sup> assinado por nomes como Dyonélio, Cyro e Fernando Guedes. O convite chamava os “colegas” para a presença de Prestes no Parque Farroupilha na tarde do dia 30. Na ocasião, “o grande líder popular” falaria ao povo gaúcho abordando “temas fundamentais de natureza econômica, cultural, social e política”. A Comissão Médica Pró-Comício “Rio Grande do Sul a Luís Carlos Prestes” entendia que o discurso trataria de problemas que não podiam “deixar de interessar ao médico”, independentemente de “sua orientação política, religiosa ou filosófica”. O tom do convite é significativo, pois se dirige a todos aqueles médicos que, em última instância, se preocupavam com o humano. É óbvio que as lideranças do PCB tentavam agregar novos adeptos e, até por isso, se mostravam abertas a homens e mulheres que se propusessem a ajudar a sociedade de alguma forma e alimentassem o ideal de melhorar o mundo com gestos que estivessem ao seu alcance.

Em uma homenagem póstuma, o psicanalista João Gomes Mariante disse que Cyro foi “um idealista consistente”<sup>607</sup>. Era por causa disso que ele se aproximava dos comunistas? Ele via em pessoas como Lila Ripoll, Dyonélio Machado, Gilda Marinho e Fernando Guedes o mesmo idealismo que preenchia sua vida? É possível que sim. Se aquela gente via as coisas como ele e pensava de modo semelhante ao dele, por que não se achegar e unir forças? Desde a adolescência, Cyro teve consciência política. Ao longo da vida, como acontece com qualquer indivíduo, acertaria e erraria nas escolhas. Ele sabia das consequências de apoiar um lado ou outro e das implicações trazidas pela filiação a uma legenda partidária. Na segunda metade da década de 1940, ele talvez tenha se aproximado do PCB por ver no movimento a chance de lutar pela tão sonhada igualdade – de oportunidades, de acesso ao trabalho, à educação e à saúde. A redemocratização desencadeada pela queda de Getúlio Vargas e a posição da URSS na guerra favoreciam, em certa medida, a opção pela esquerda. Havia um número maior de

---

<sup>605</sup> As informações sobre a comissão de recepção a Luís Carlos Prestes e as atividades que envolveram a visitas podem ser conferidas em: MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil* (Porto Alegre – 1927-1957). 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p. 191-192.

<sup>606</sup> CONVITE AOS MÉDICOS. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 29/09/1945.

<sup>607</sup> MARIANTE, João Gomes. Cyro Martins, o escritor transparente. Disponível em: [http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=0&id=124](http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=124) Acesso em: 24/12/2017.

simpatizantes pela causa e, longe da repressão, os aderentes se sentiam mais à vontade para mostrar a cara.

Filiado ao PCB ou não, Cyro ganhou a fama de comunista. Tal fama não parece ter afetado suas relações literárias e profissionais. Por anos, ele publicaria pela Editora Globo e trabalharia no Hospital São Pedro. A mesma tranquilidade não devia se repetir nas relações familiares. O ruído não vinha dos Martins, que buscavam ampará-lo em variadas circunstâncias, mas dos Castro de Souza, que não viam com bons olhos as atitudes vermelhas de Cyro.

Naquele 1945 no qual Cyro fora tão falado e se envolvera em tantos eventos, a situação doméstica começou a se complicar e a enveredar por um caminho que se mostraria sem volta. Depois de brigar contra um câncer, Antenor faleceu em Porto Alegre. A perda foi um duro golpe para Lucinda e Suely. A sogra resolveu sair de Quaraí e se estabelecer na capital. Não era só a solidão da viuvez que a impulsionava a trocar a cidade natal por um lugar que lhe era quase desconhecido. Ela também queria ajudar a tomar conta das netas. Após o nascimento de Cecília, começaram a se manifestar em Suely os sintomas de uma doença destrutiva – a esquizofrenia.

Aqueles poucos anos aparentemente felizes tinham chegado ao fim. Com uma força avassaladora, os dias sombrios voltaram à vida de Cyro.

## 10 SOMBRAS NO CAMINHO

Quando se escreve sobre uma vida humana, é imprescindível levar em conta o tempo. Todos os episódios de uma existência se passam em minutos, dias e anos exatos. No conjunto de uma vida, tudo teve hora e lugar. Ninguém – incluindo-se aí os biógrafos maníacos pela reconstrução – pode recuperar com precisão os momentos que fizeram parte de um caminho. Como a de tantos outros sujeitos, a história de Cyro se torna lacunar, sombria, quase irrecuperável em certas épocas.

Duas cronologias são importantes no processo de refigurar a vida de Cyro: a do fascículo do Instituto Estadual do Livro e a da biografia *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Em ambas há ausências. Na do IEL, elaborada provavelmente por Carlos Jorge Appel, a entrada para o ano de 1944, traz referências ao nascimento de Cecília, à conferência “Visão crítica do regionalismo” e à publicação de *Porteira fechada*. De 1944 ela dá um pulo para 1949, data em que Cyro teria se casado pela segunda vez, com Zaira Meneghello. Algo semelhante acontece na publicação de Celito de Grandi e Nubia Silveira. Os autores assinalaram, de modo incorreto, que o nascimento de Cecília foi em 1945 e também pularam para o ano de 1949 e as segundas núpcias. Diante da lacuna, tanto o pesquisador interessado na vida e na obra de Cyro quanto o leitor minimamente curioso se perguntariam o que aconteceu nesse intervalo de tempo. Suely faleceu? O casal se separou? Onde estavam Maria Helena e Cecília? Cyro desapareceu por quase cinco anos? Passou por muitos problemas? Parou de escrever? Não conseguiu publicar nada? Não participou de nenhum evento? Não falou em lugar nenhum? Abandonou o emprego? Tentou se isolar? Repensou as escolhas? Decidiu tomar outro rumo?

O tempo não parou apesar dos espaços em branco. De 1945 até 1949, ele enfrentou altos e baixos. Desde que Suely fora diagnosticada como esquizofrênica, a vida de Cyro, Lucinda, Maria Helena e Cecília virou de cabeça para baixo. A doença nunca atinge uma única vítima. Ela sempre respinga em todos os que estão por perto. Naqueles anos, Cyro e Lucinda, opostos nos mais variados aspectos da vida, eram os responsáveis por lidar com estado de Suely – um dos raros pontos que os unia. Devido à profissão e às leituras, Cyro sabia alguma coisa sobre esquizofrenia. Lucinda, por sua vez, era mulher prática e dedicada à filha, mas, sem grandes conhecimentos formais, não entendia muito bem a doença de Suely. Ela queria que a moça melhorasse, independente de custos e métodos clínicos.

Pela sua formação, seria natural que Cyro assumisse as rédeas da situação. No entanto, é difícil afirmar que isso tenha ocorrido. Talvez Lucinda nem sempre levasse em conta o que o

genro pensava – apesar de ele ter estudado, de chamarem-no doutor e, o mais importante, de ele ser parte da vida de Suely. Já no início do casamento, o relacionamento entre Cyro e a sogra não foi dos mais calorosos e nada sugere que eles tenham se aproximado. O genro poderia ver a sogra como uma senhora oligarca, acostumada, pela posição financeira e social, a mandar e a ser obedecida. Ela poderia vê-lo como um comunista de ideias perigosas, como um rapaz pobre, que não estava à altura de sua menina. Ela poderia, até mesmo, achar que Suely adoecera por sua causa. Havia um mar de diferenças entre os dois e esse mar não diminuiria nem em um momento como aquele. Entretanto, ainda que fossem opostos, concordavam que Suely precisava de ajuda.

De Grandi e Silveira apagaram o período conturbado da cronologia de Cyro, porém, é imprescindível fazer um exercício de justiça. Os biógrafos não se omitiram e falaram da doença de Suely. Eles não escreveram muito sobre o assunto, mas contaram, por exemplo, que “Cyro e a família se empenharam em levá-la aos melhores especialistas, em busca dos tratamentos mais avançados” e que, inicialmente, “Suely tratou-se com os psicanalistas Marie Langer e Enrique Pichon-Rivière, que tinham seus consultórios em Buenos Aires”<sup>608</sup>. Com leves modificações, essa última informação foi retirada de *Para início de conversa*, de uma esporádica alusão à primeira mulher<sup>609</sup>.

É significativo o fato de o tratamento de Suely ter começado com nomes ligados à Associação Psicanalítica Argentina (APA). Cyro deve ter lido a respeito deles na *Revista de Psicoanálisis* e pedido esclarecimentos detalhados a Mário Martins, que ainda morava em Buenos Aires e circulava pela APA. É possível que, nas primeiras tentativas do tratamento de Suely, Lucinda deixasse o genro tomar algumas decisões. De que maneira ela saberia da existência de Langer e Pichon-Rivière? É mais coerente a hipótese de que a ideia partiu de Cyro e que a sogra acatou a sugestão. Buenos Aires era, de fato, o destino com os melhores especialistas e tanto Marie Langer quanto Enrique Pichon-Rivière eram figuras de destaque na APA. Langer se interessava “pela condição das mulheres de sua geração, preocupadas em conciliar o duplo desejo de emancipação e de maternidade” e se dedicava “sobretudo a uma longa reflexão histórica e teórica sobre a sexualidade feminina”<sup>610</sup>. Pichon-Rivière trabalhava com a concepção de “doença única” em que ele aproximava “três entidades: a melancolia, a

---

<sup>608</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 92.

<sup>609</sup> A resposta está em: MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 140.

<sup>610</sup> Ver entrada “Langer, Marie, née Glas (1910-1987)” em: PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 460-461.

epilepsia, a esquizofrenia” – da qual “tirava o modelo de todas as formas de regressão para o eu”<sup>611</sup>.

Não se sabe quando Suely foi levada para consultar com Marie Langer e Enrique Pichon-Rivière. Se a esquizofrenia deu os primeiros sinais logo depois do nascimento de Cecília, pode ter sido ao longo de 1945. Por ser o marido, estabelecer o contato com os psicanalistas e possuir capacidade para se virar em uma cidade como Buenos Aires, Cyro iria com a esposa. Contudo, para o ano de 1945, a ficha funcional de Cyro no Hospital São Pedro não informa nenhuma ausência. Ele foi efetivo de janeiro a dezembro. Nem referências a períodos de férias aparecem no documento. Não se descarta a possibilidade de que alguém se equivocou com os registros ou de que, sensibilizados com a situação do colega, os funcionários do departamento pessoal tenham deixado de lado alguns dos dias ausentes de Cyro. Por outro lado, na mesma ficha funcional, na entrada para 1946, se vê que a portaria 418 de 15 de abril de 1946 lhe concedeu uma licença de um ano – interrompida pouco tempo depois, em 16 de junho. Parece mais provável que ele e Suely viajassem à capital portenha nesse período. Em dois meses, poderiam consultar não só Langer e Pichon-Rivière, mas também outros especialistas, além de decidir qual tratamento se mostrava mais apropriado.

Será que, com os sintomas se manifestando – supostamente, pois não há certezas sobre as datas – desde o início de 1945, Cyro esperaria um ano para recorrer à ajuda? Ele trabalhava com patologias como a de Suely e, embora não carregasse tanto repertório para lidar com o problema, sabia que tinham de procurar um especialista. Apesar das afirmações de Cyro, De Grandi e Silveira, talvez o marido e a mãe não tenham levado Suely tão cedo para a Argentina. Nada indica que eles tivessem consultado profissionais no Rio Grande do Sul ou no Rio de Janeiro – uma cidade com mais opções, onde Cyro contava com certos contatos –, mas essa possibilidade não soa tão infundada. De qualquer forma, no outono de 1946, Cyro estava em Buenos Aires e o principal motivo da viagem devia ser Suely.

Desde o inverno de 1943, quando um castelhano ofereceu a ele e a Mário exemplares da *Revista de Psicoanálisis*, Cyro alimentava o desejo de partir. Aquele momento de aguda crise familiar não era propício para que ele pensasse em si e na sua formação. No entanto, voltando a uma declaração em *Para início de conversa*, surgem algumas dúvidas. Abrão Slavutzky perguntou a Cyro sobre a primeira ida a Buenos Aires, em 1946, e o porquê de ele não ter permanecido para levar adiante os estudos. Cyro respondeu sem os rodeios costumeiros:

---

<sup>611</sup> Ver entrada “Pichon-Rivière, Enrique (1907-1977)” em: PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 592-593.

“Começo a análise com Luis Rascovsky, mas sou forçado a voltar em menos de dois meses. Por quê? Devido à enfermidade da minha mulher, que se tratou inicialmente com Marie Langer e depois com Pichon-Rivière”<sup>612</sup>. Cyro era um homem prático, que se agarrava às oportunidades quando elas apareciam. Uma vez na Argentina, não desperdiçaria o tempo nem a oportunidade. Se isso ocorreu, haveria algo de reprovável na sua conduta? Depende do ponto de vista – e das provas. Não se encontra um documento que mostre os reais motivos para a viagem a Buenos Aires. Não há cartas que abordem o assunto e, nos seus depoimentos autobiográficos, Cyro nunca foi muito claro no tocante à frustrada experiência de formação psicanalítica. Diante da ausência de documentos, é preciso observar o sujeito, as suas ações e tentar chegar a uma conclusão. Aqueles que veem em Cyro um comportamento individualista tendem a se inclinar para a perspectiva de que o casal se deslocou para a Argentina por causa dele. Aqueles que veem Cyro como um indivíduo sensível, com capacidade de olhar para os lados e perceber as necessidades dos outros, provavelmente acreditem que Suely era a principal causa da mudança.

Quando alguém se aventura em um texto biográfico e tenta escrever sobre a vida de uma figura é preciso ter em mente que toda existência é complexa, que as possibilidades excedem os limites impostos pelo papel. Também é necessário tomar cuidado com a tentação de agir como juiz, julgando – sem o calor do tempo e dos acontecimentos – as ações do biografado. O mais aconselhável é ponderar, procurar o bom senso, pesar as informações, refletir sobre os variados cenários e probabilidades, tentar se colocar no lugar daquele sujeito, se imaginar frente àquela situação.

Fazendo esse exercício em relação a Cyro e às circunstâncias que o rodeavam na metade de 1946, se pode pensar que a enfermidade de Suely tenha forçado a família a ir para Buenos Aires e, em terras portenhas, Cyro se dividiu entre o estado da esposa e a vontade de se tornar um psicanalista. Cyro era um homem pragmático, com objetivos profissionais e literários claros. Por vezes, mostrava um comportamento de extremo individualismo, absorvido nos seus afazeres, mas não era um egoísta. Ele se preocupava com Suely. Ela era sua companheira havia mais de dez anos. Tinham duas filhas e uma parte de suas vidas estava ligada de forma inexorável. Aquela era a vez de Suely, não a de Cyro.

Foi por causa de Suely que o casal voltou para Porto Alegre dois meses depois de partir? O tratamento em Buenos Aires não deu certo? Não se conhecem os motivos do retorno. A partir da doença de Suely, a vida de Cyro entra em um período de sombras. É claro que as coisas ficaram difíceis por causa da enfermidade da mulher, mas as sombras também encobrem a

---

<sup>612</sup> MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 140.

visão, semeiam lacunas, turvam a composição das cenas e o retrato dos atores. Não se sabe o porquê de eles terem voltado nem o porquê de Cyro não aproveitar os outros dez meses de licença para ficar ao lado de Suely. Assim como não se sabe o que ocorreu na casa da família – agora localizada no bairro Petrópolis, na Rua Borges do Canto, 294 – nos anos de 1946, 1947 e 1948.

É provável que a relação entre Cyro e Lucinda tenha chegado ao limite. Depois da falta de sucessos em Buenos Aires, talvez a sogra não acreditasse nos tratamentos baseados na análise e propusesse algo mais palpável – como uma cirurgia, por exemplo. Cyro já devia estar ciente de que precisavam lidar com o caso de Suely de uma forma que não fosse violenta nem agravasse seu estado de saúde. A situação não era fácil tanto para Lucinda quanto para Cyro. Ambos viam que Suely se encontrava em um caminho praticamente sem volta e se sentiam impotentes. Eles levaram-na aos especialistas, tentaram, fizeram o que estava ao seu alcance. Os efeitos positivos não apareciam, Suely não melhorava – não melhoraria. Se sentindo impotente diante do problema da filha, é compreensível que Lucinda quisesse tomar medidas efetivas, deixar de lado as opiniões do genro. Cyro amargava a mesma impotência da sogra. Não havia chances de reverter a psicose de Suely. Seria possível controlar e conviver com a doença? Seria possível manter Suely em casa por muitos anos, não a colocando em uma instituição? Naquele tempo, os neurolépticos não existiam e os esquizofrênicos eram tratados de outras maneiras. Eles podiam passar boa parte da vida internados em manicômios, podiam sofrer com métodos violentos como a terapia insulínica, o eletrochoque e a lobotomia.

Fora da vida familiar, Cyro trabalhava no São Pedro e publicava contos em periódicos. Sua ficha funcional mostra uma assídua regularidade. Era efetivo de janeiro a dezembro e o mês de férias se dava em fevereiro. Não houve pedidos de licença nem asteriscos nesse período. Parecia que tudo corria com normalidade. No segundo semestre de 1946, ele ainda desarrumava as malas da viagem a Buenos Aires quando seu nome apareceu nas páginas da *Revista do Globo* e da *Província de São Pedro*.

“Triste meio-dia de um otimista” foi publicado na *Revista do Globo* de 10 de agosto de 1946. Juvenal, um retratista, é o protagonista da história. Nele, tudo cheira a empolgação. Está sempre com um sorriso engatado e a mão direita livre para tirar o chapéu aos conhecidos. Por seus olhos sempre passa o otimismo: conseguirá pegar o bonde, a plaquinha que mandara fazer – indicando seu ofício – lhe trará mais clientes, empolgará e orgulhará Dora, a esposa. Embora o suposto colorido de Juvenal, o leitor percebe que o retratista é um sujeito enfadonho, chato, e que uma hora ou outra o otimismo e a empolgação encontrarão a realidade. Ao chegar em casa,



as expectativas de Juvenal começam a se reverter. É notável a saturação de Dora com o comportamento do marido. Ela se distancia das suas frases melosas e dos seus carinhos. Dedicado e preocupado como a maioria das pessoas maçantes, Juvenal acha que a esposa precisa de um médico. A partir daí, o colorido desbota. Ele joga a plaquinha fora, pensa ter machucado um menino, faz uma cena na rua, vira o pé, se machuca, acaba utilizando os serviços do Doutor Camargo. Mais uma vez em casa, ele não encontra Dora. Aturdido pela dor no pé, pelo calor do meio-dia, pelo vinho do Porto que bebericou na companhia do médico, pelo fato de não encontrar a mulher, Juvenal cai no sono. No final, o narrador onisciente pergunta e responde: “O que teria acontecido com Dora? Nada de estranho na vida do otimista Juvenal. Era a terceira mulher que o abandonava”<sup>613</sup>.

A declaração do narrador até pode soar de modo explicativo, carregar a ideia de satisfação ao leitor. Observando alguns momentos do casamento entre Juvenal e Dora, percebe-se que a separação é algo inevitável. Talvez a participação um tanto abrupta do narrador tenha tirado a força do desenlace. Porém, essa questão, não tira os méritos de “Triste meio-dia de um otimista”. Não se pode ser definitivo quanto a datas, mas é provável que Cyro tenha escrito o conto após os trabalhos com *Porteira fechada* e, se comparado às produções anteriores, “Triste meio-dia de um otimista” mostra diferenças significativas. A mais óbvia era em relação ao gênero. Depois de anos e de partes de romances apontadas como contos, Cyro voltava a publicar uma narrativa caracterizada como tal. Nos últimos tempos, quando a situação doméstica era aparentemente tranquila, ele se dedicara a projetos longos. A opção pelos projetos curtos seria um reflexo do momento mais conturbado? Cansou dos romances e resolveu trabalhar sua veia de contista? As duas possibilidades são razoáveis.

Além de especular o porquê do retorno ao conto, é necessário salientar que, com “Triste meio-dia de um otimista”, Cyro abre outra frente como ficcionista. À primeira vista, a história de Juvenal não se liga à matéria dos livros anteriores. A linguagem utilizada pelo autor é econômica – fato inédito nos textos de Cyro – e despida de referências campeiras. Os personagens não têm excessos, não se revelam de todo, deixam algo encoberto. O recorte temporal é certo. O pessimismo, veemente em títulos como *Sem rumo* e *Porteira fechada*, volta a permear a trama. Dessa vez, no entanto, o pensamento pessimista não está atrelado à tragédia social de um espaço ou de um tipo. É com o fado de todos os homens que Cyro se aflige. Parecia que não importavam as tentativas da pessoa na luta pelos grandes e os pequenos desafios. No final, a realidade vencida, as coisas acabavam mal.

---

<sup>613</sup>MARTINS, Cyro. Triste meio-dia de um otimista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 416, p. 55, 10/08/1946.

Mesmo que isso não ficasse visível em sua produção literária, Cyro era um otimista. Não acreditava em destino nem em imposições. Para ele, o homem construía os próprios caminhos. Se ele não passasse por um momento delicado, seria estranha a publicação de um conto tão fatídico. Diante de circunstâncias sombrias, nada era mais humano do que ver a vida com os olhos cinzas.

Talvez a mirada gris estivesse presente durante a escrita de “É bicho mau, o homem”, que saiu na *Província* número 6, de setembro de 1946. O conto se desenvolve em torno da ingratidão. Um rapaz – qualquer semelhança com o jovem Cyro não é mera coincidência – no balcão de um bolicho da campanha ouve a história que lhe conta Fulgêncio Nunes, homem que experimentou a riqueza e a decadência. Quando trabalhava como bolicheiro, Fulgêncio ajudou um carreteiro que esteve à beira da morte. Por muitos dias, Fulgêncio abrigou o desconhecido e o homeopata que viera tratá-lo. Depois de ter a saúde restabelecida, Pedro, que revelara seu nome logo após o arrefecimento da doença, resolveu partir para encontrar a família. Fulgêncio, então, emprestou-lhe sua junta de bois. O tempo passava, Pedro não devolvia os animais e ainda mandava recados desaforados a Fulgêncio. Na última tentativa de reaver os bois, Fulgêncio pede ao irmão, Alfredo, que passe no rancho de Pedro e traga-lhe os bichos. O dono da casa recebe mal Alfredo e, após uma briga, Pedro é assassinado.

“É bicho mau, o homem” demonstra um forte intertexto com João Simões Lopes Neto e seu conto “O boi velho”, do livro *Contos gauchescos*. A epígrafe (“– Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem”<sup>614</sup>) deixa isso bem claro. Além dessa evidência ululante, outras, um pouco mais discretas, também podem ser observadas. Tanto a história de Simões Lopes Neto quanto a de Cyro trabalham sob o signo da ingratidão. Se, na narrativa do pelotense, a ingratidão envolve homens e animais – depois de servir a seguidas gerações da mesma família, o velho boi é carneado – na narrativa do quaraiense, a ingratidão se detém aos humanos. Outra marca que revela o intertexto com Simões Lopes Neto é a técnica do interlocutor com função de escriba. No final da abertura dos *Contos gauchescos*, depois do vaqueano Blau Nunes ser apresentado, uma ordem pode ser lida: “Patrício, escuta-o!”<sup>615</sup>. Blau Nunes irá contar as histórias e fará isso, especialmente, para o “vancê” que anota suas peripécias. Fulgêncio, que divide o sobrenome com Blau, não é tão andado como ele, mas tem experiência de vida, uma vez que foi bolicheiro, estancieiro, chefe político e passou pelas agruras da falência. Fulgêncio também quer que seu caso seja registrado e é direto quando fala com seu jovem ouvinte: “Me disseram, menino, que

<sup>614</sup>MARTINS, Cyro. É bicho mau, o homem. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 6, p. 123, setembro de 1946.

<sup>615</sup>LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, p. 35.

tu gostas de escrever histórias de gaúchos. Pois eu vou te contar uma, mas com a condição de que tu a escrevas. Compreendes?”<sup>616</sup>.

Em 9 de novembro, outra vez na seção literatura da *Revista do Globo*, Cyro publicou “Folhinha de outono”, uma das suas narrativas mais intrigantes. A história se inicia com o foco em Teresinha, uma menina de quatro anos. Assustada, ela vai até o quarto dos pais, Antônio e Laura. Apesar dos disfarces do casal, a guria percebe que o pai estava chorando e desata a fazer perguntas. Há cenas de manhã e de movimentos para que a família saia de casa. Antônio se encarrega de alimentar e vestir a filha, Laura, sentindo certa fraqueza no corpo, olha para a menina e o lugar “com uma tristeza de despedida”<sup>617</sup>. Antes de se encaminharem até o centro de saúde, Laura e o marido deixam Teresinha com Leopolda e Amélia, a mãe e a irmã solteirona de Antônio. Por ter morado com a sogra – mulher agarrada a credices místicas – durante “dois anos”, logo que casara, Laura considerava Leopolda, uma “bruxa velha” e temia a sua “língua impiedosa”. Aos poucos se sabe que a fraqueza de Laura é causada por uma arrasadora tuberculose. O estado de saúde da esposa faz com que Antônio se recrimine “por não haver notado nada antes” – ele só se dera conta da doença naquela madrugada, após as golfadas de sangue – e crie desculpas mentais: “Também, que vida, a sua! Saía de manhã e retornava de noite, todos os dias, estafado. Chegava em casa, só queria descansar, brincar com a filha, trocar umas palavras com a mulher e dormir”<sup>618</sup>. Enquanto Antônio lida com sua contrição e Laura se dá conta da proximidade do fim lembrando das últimas horas de sua mãe, Teresinha, pela primeira vez na vida, se sente sozinha. Encolhida na sala da avó, achando-se abandonada, em um momento de incomum reflexão para uma criança de sua idade, ela se pergunta: “como seria a morte?”. Sem saber a resposta, ela olha para a escuridão que preenche a noite e acena, “sem sorte, chamando por quem não viria”<sup>619</sup>.

O que existiria de intrigante em “Folhinha de outono”? Não era só mais um conto melancólico escrito por um homem que atravessava um período de tristezas? Poderia ser. Entretanto, aquele leitor que privasse da intimidade de Cyro, conhecesse partes de sua história – o relacionamento com a sogra, a enfermidade da esposa – ou aquele pesquisador interessado nos caminhos familiar, profissional e literário tomados pelo homem desconfiariam de personagens e circunstâncias da narrativa. Um biógrafo corre o risco de ficar obcecado pelo

<sup>616</sup> MARTINS, Cyro. É bicho mau, o homem. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 6, p. 124, setembro de 1946.

<sup>617</sup> MARTINS, Cyro. Folhinha de outono. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 422, p. 52, 09/11/1946.

<sup>618</sup> As citações à reflexão de Antônio estão em: MARTINS, Cyro. Folhinha de outono. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 422, p. 54, 09/11/1946.

<sup>619</sup> As duas citações referentes a Teresinha estão em: MARTINS, Cyro. Folhinha de outono. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 422, p. 52, 09/11/1946.

biografado, pelos episódios e os atores que entraram e saíram de sua vida. Ao conviver mental e materialmente com um sujeito por anos, é possível querer ver seus sinais em documentos, textos e espaços de variada natureza. É possível querer encontrar coerência, coesão e sentido em situações nas quais isso não exista – pois a vida nem sempre é coerente, coesa, estruturada, propícia ao sentido. O biógrafo que se atira na aventura de reconstruir a existência de um escritor corre um risco dobrado pelo desejo de encontrar pistas em cada folha escrita pelo biografado. “Folhinha de outono” é um desses riscos, mas vale a pena corrê-lo.

A história disfarça a matéria autobiográfica. Não é absurdo lembrar de Suely ao ler sobre a doença de Laura. É claro que há diferenças entre os casos. A essência, no entanto, é a mesma: a esposa sofre de um mal irreversível, a partir da enfermidade, o núcleo familiar se quebra, nada será como antes. Também não é forçado lembrar de Cyro quando Laura cita a morte traumática da mãe ou quando se analisa a relação da moça com Leopolda. Assim como ele, a personagem teve de dividir, pelos dois anos que seguiram o casamento, a moradia com a sogra. Laura não via com bons olhos algumas atitudes de Leopolda – como a devoção cega a certas crenças (confiava que seu médium curara até um câncer) e a “língua impiedosa”. É incerto ligar Lucinda à última característica, pois não há dados suficientes acerca da sua conduta. Quanto à crença religiosa, sabe-se que a senhora era fervorosa e que isso constituía um ponto de discórdia entre ela e o genro.

“Folhinha de outono” ainda traz a figura de Antônio, o marido que se justifica por não ter dado atenção ao estado da esposa. Cyro teria algo de Antônio? Carregaria algum tipo de culpa? Ele também andava tão ocupado com a profissão e a carreira de escritor que deixou de olhar para o lado, de reparar no comportamento de Suely? Os problemas familiares são delicados e, depois que estouram, é comum um homem e uma mulher se voltarem para trás e se perguntarem em que ponto perderam o fio dos acontecimentos, em que momento não perceberam os detalhes. Talvez Cyro tivesse passado por isso, tivesse revisado os episódios daqueles últimos tempos em busca de sinais suspeitos, tivesse – como Antônio – tentado se convencer de que não cometera nenhuma falta ao não notar que algo se passava com a companheira.

A respeito dos anos de tormenta familiar, a narrativa publicada por Cyro em novembro de 1946 é a que carrega o maior tom confessional. Não são apenas as similitudes entre os episódios reais e os ficcionais que ativam tal desconfiança. Ao longo de sua vida, Cyro se mostraria um habitual reaproveitador de textos. Tudo que fosse escrito para eventos ou para publicação em periódicos, uma hora ou outra, apareceria em livro. “Triste meio-dia de um

otimista” e “É bicho mau, o homem”, por exemplo, integraram, em 1968, *A entrevista*, a antologia de contos que marcou a volta do autor à ficção após catorze anos da edição de *Estrada nova*. De modo sintomático, “Folhinha de outono” não teve sobrevivida. Ele suprimiu a história do conjunto de sua produção por motivos estéticos, literários ou pessoais? Abrão Slavutzky<sup>620</sup> disse que Cyro era “muito zeloso, muito cuidadoso” no trato de assuntos íntimos. Tal postura devia ser ainda mais cautelosa em relação ao tema do primeiro casamento. “Folhinha de outono” pode ter sido um deslize nessa conduta. Um deslize que não foi completamente apagado, mas empurrado para a margem, na esperança de que o tempo e o esquecimento tomassem suas providências.

No primeiro semestre de 1947, em duas ocasiões, Cyro voltou à seção “Literatura” da *Revista do Globo*. Em nenhuma delas se observava a matéria autobiográfica. “Guri”, publicado em 11 de janeiro, no número 426, já era conhecido dos leitores, pois integrara *Campo fora*. O inédito “Por onde andarás o Zequinha?” – também incluído em *A entrevista* – saiu em 26 de abril. O bom trabalho com o tempo narrativo e a linguagem certa de “Triste meio-dia de um otimista” não se repetiram. Não se entende em que espaço ocorre o desenrolar da trama, pode ser na campanha ou no arrabalde de uma cidade pequena. O conto tem dois momentos: no primeiro, a mãe e o avô procuram o endiabrado Zequinha, que está “brincando” de esquartejar pintos; no segundo, se conhece a história do nascimento do guri.

A segunda parte é a mais significativa de “Por onde andarás o Zequinha?”. A protagonista Rosa, mãe do menino, teve um casamento infeliz, violento e sem crianças. Movida pelo desejo de criar um filho, ela se aproxima de uma família vizinha na qual os bebês nasciam de ano em ano. Apesar dos favores e das bajulações, não lhe entregam nenhum bebê. Desesperada, ela alcovita o namoro entre Ritinha, a filha caçula, envergonhada e desajeitada da família, e um caixeiro de venda. Depois de muitos empurrões, de situações arranjadas por Rosa, Ritinha engravida. O rapaz foge e o plano maquiavélico de Rosa quase se cumpre. Quando Ritinha dá à luz, sua irmã tenta afogar o recém-nascido. Rosa impede que matem “o seu filho”<sup>621</sup>, leva-o embora e chama-o de Zequinha.

Deve existir um jogo entre os dois momentos do conto, mas é difícil apreendê-lo. O segundo serve para justificar as cenas do primeiro? O estranho comportamento de Zequinha é resultado das nebulosas circunstâncias do seu nascimento? Pesa, de alguma forma, o fato de ter sido rejeitado pela mãe biológica? Das produções recentes de Cyro, “Por onde andarás o

<sup>620</sup> Declaração dada em entrevista realizada na manhã de 1º/03/2017, no seu consultório.

<sup>621</sup> MARTINS, Cyro. Por onde andarás o Zequinha? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 433, p. 71, 26/04/1947.

Zequinha?” era a menos forte, pois não possuía os acertos de “Triste meio-dia de um otimista” nem a carga dramática de “Folhinha do outono”. Mesmo assim, a publicação foi marcante. A partir de “Por onde andarás o Zequinha?”, as colaborações de Cyro para a *Revista do Globo* começariam a rarear, surgiriam separadas por intervalos de anos.

Na *Província de São Pedro*, o outro periódico da Globo, *Porteira fechada* continuava rendendo. O ensaio “De Blau Nunes a João Guedes”, escrito por Adail Morais em 1946, expunha a ideia de que havia dois tipos de gaúchos representados na literatura gaúcha: o Blau Nunes de João Simões Lopes Neto e o João Guedes de Cyro. Morais entendia que o “gaúcho de Cyro Martins e de Ivan Pedro de Martins” não era, “com efeito, o mesmo de Simões Lopes Neto”<sup>622</sup>. Descontente com esses dois extremos, principalmente com aquele criado por Cyro, Adail acreditava que se devia procurar, pelo interior do estado, um meio termo. O texto de Morais não se detinha com excesso na figura de Cyro, apenas tomava-o como ponto de chegada e logo o deixava de lado.

Ao contrário de Adail Morais, José Salgado Martins, meses depois, em “Apreciações sobre a literatura regional rio-grandense”, foi mais minucioso em relação à obra de Cyro. Após desenvolver considerações sobre Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja, Martins direcionou sua atenção para Cyro com a afirmação de que esse autor deu “sentido novo”<sup>623</sup> ao regionalismo gaúcho, pois lhe introduziu uma nota persistente de universalismo. Conforme Martins, com *Sem rumo*, uma obra original surgiu no cenário regionalista, houve uma relativa libertação dos velhos temas e a preocupação com o destino do gaúcho pobre. Martins também citou *Porteira fechada*, romance que ele achava totalmente distante do regionalismo tradicional, e *Mensagem errante*, que era, no seu ponto de vista, a melhor execução ficcional de Cyro.

Na literatura, escrevendo, sendo lido e criticado, a vida seguia. Em casa, havia interrupção. A situação chegava a um ponto crucial, se quebrava de maneira irremediável. Maria Helena<sup>624</sup> falou que os pais se separaram entre 1947 e 1948. A filha contava em torno de sete anos na época e não tem muitas certezas a respeito da lembrança. Embora a imprecisão das datas, um fato ocorreu: Cyro saiu da casa na Borges do Canto para tomar outros rumos.

O que o levou a essa atitude? Foi por causa da relação com a esposa que ele partiu? Não era mais sensato permanecer ao lado de Suely e enfrentar a esquizofrenia, mesmo que a luta

<sup>622</sup>MORAIS, José Adail. De Blau Nunes a João Guedes. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 152, março 1946.

<sup>623</sup>MARTINS, José Salgado. Apreciações sobre a literatura regional rio-grandense. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 10, p. 107, set./dez. 1947.

<sup>624</sup> Informação dada por e-mail, em 17/11/2017.

estivesse perdida? Celito de Grandi e Nubia Silveira disseram que a “busca pela cura da filha aprofundou as divergências de Lucinda com o genro. Ela defendia a realização de uma lobotomia. Ele era contra, porque sabia: a incisão no cérebro não traria maiores resultados”<sup>625</sup>. A hipótese dos biógrafos é a de que os problemas com a sogra foram decisivos para a separação. Essa é uma ideia plausível. As diferenças entre Cyro e Lucinda não estouraram antes por causa de Suely. Agora, debilitada pela doença, perdendo, por vezes, a noção da realidade, ela não tinha condições para amansar os extremos. A mãe e o marido se batiam de frente e a cada choque o ambiente familiar se deteriorava. A briga gerada pelo tratamento de Suely pode ter se arrastado por meses, anos, torturando, despedaçando tanto Lucinda quanto Cyro. Como seria o clima na casa da Borges do Canto? Talvez o sufocante ar bélico pairasse na maior parte dos momentos. Ao dividirem as refeições, deviam mergulhar no silêncio alimentado pelos ressentimentos. Ao rirem das gracinhas de Maria Helena e Cecília, os olhares deviam se cruzar e os segundos nos quais um encarava a mirada do outro sentenciavam o desaparecimento dos sorrisos. Ao cuidarem de Suely, ao levarem-na a uma consulta, ao perceberem que ela sofria com um surto, o peso da tensão devia se equilibrar em um fio de espessura imperceptível e qualquer movimento ou resmungo mal interpretado teria força para rompê-lo.

Uma vida familiar não é fácil nem quando o clima parece calmo. A convivência entre pais, filhos, irmãos, sogros, genros e noras geralmente é roída pelas cizânias, pelos falatórios, pelos conflitos miúdos, pelas manias irritantes, pelas atitudes que se mostram mesquinhas, pelo andar do relógio. Quando uma tempestade atormenta a família, tudo ganha uma proporção maior – e pior. A condução do tratamento de Suely era o principal ponto de discórdia entre Cyro e Lucinda, mas é provável que, em um ato de amarga reciprocidade, eles reprovassem as ações e o comportamento um do outro desde o início. Naqueles anos conturbados, Cyro poderia estar indignado com o autoritarismo, as credices e a incapacidade da sogra para lidar com determinados assuntos. Lucinda, por sua vez, poderia não aguentar mais os hábitos individualistas, as opiniões políticas e a mania do genro de ser escritor. Morarem sob o mesmo teto já não era suportável.

No entanto, Cyro era casado com Suely, tinha duas meninas pequenas. Largaria a mulher doente e as meninas por causa da sogra? O que seria melhor para a esposa e as filhas? Se continuasse em casa, ajudaria a esposa, acompanharia de perto Maria Helena e Cecília, viveria em pé de guerra com Lucinda. Se sáísse, pareceria que tinha abandonado Suely em um

---

<sup>625</sup> DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 92.

momento penoso e delicado, as crianças ficariam longe do pai, mas não cresceriam em um lar alimentado pela animosidade. Por outro lado, ele não tinha condições de se impor frente à sogra? Não conseguiria que alguém – um parente, um médico – o apoiasse? Estava tão isolado, formava o exército de um homem só? Por que Lucinda tomava as decisões? Em entrevista, Apolinário Krebs Cardoso, sobrinho de Cyro, afirmou que Iná morava em Porto Alegre na época e que, nos períodos de crise conjugal, o tio “se aconselhava com Iná, comparecia na casa de Iná para conversar”<sup>626</sup>. A irmã era, provavelmente, uma das únicas aliadas, uma das únicas pessoas que ouvia seus dramas e poderia orientá-lo. Quanto aos amigos, Mário, o mais próximo, voltou de Buenos Aires em 1947 e não há correspondências ou depoimentos que mostrem a relação deles no período. No tocante às razões que levavam Lucinda a ditar as resoluções, restam dúvidas. Decidia por que era a mãe? Por que custeava o tratamento da filha? Por que tinha certeza do que era melhor para Suely? As complicações, os embates e as tristezas vividas por Cyro no período 1946-1948 suscitam um número excessivo de perguntas e escondem as repostas.

No final das contas, prevaleceu a vontade de Lucinda. Suely foi lobotomizada<sup>627</sup>. A impotência dava um segundo golpe em Cyro. Antes, médico recém-formado, ele não pudera salvar o pai. Agora, alienista especializado em neurologia, não teve forças para impedir o naufrágio mental da esposa. Aquele era o pior momento de sua vida desde a morte de Bilo. Não é possível saber se Cyro saiu de casa antes ou depois da cirurgia. Conforme Maria Helena, após a separação, a mãe passou “a ser internada, de modo intermitente, no Sanatório Psiquiátrico São José”<sup>628</sup>. As meninas e a avó permaneceram na Borges do Canto por mais algum tempo. O pai visitava Cecília e Maria Helena nos fins de semana. Sensatamente, não ficava na casa, saía com as filhas, se afastava da sogra.

O casamento selado quase doze anos antes, em uma segunda-feira chuvosa de Quaraí, terminou de modo traumático e melancólico. Foram felizes naquele período? Como todos os casais, devem ter alternado bons e maus momentos. Cyro teve realizações como profissional, como escritor e como pai. Suely conseguiu se realizar antes da manifestação da esquizofrenia? A vida da moça corria em segredo, à sombra da do marido. Seus sonhos e seus desejos eram conhecidos. Talvez não quisesse mais do que a união com Cyro, o nascimento das filhas e a

---

<sup>626</sup> Informação dada em entrevista realizada no dia 02/03/2017, no seu escritório, em Porto Alegre.

<sup>627</sup> De Grandi e Silveira disseram que “Suely submeteu-se a três lobotomias – uma em Porto Alegre e outras duas no Rio de Janeiro”. Não há informações sobre datas ou clínicas onde ocorreram os procedimentos. Ver: DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 92-93.

<sup>628</sup> Informação dada por e-mail, em 17/11/2017.



possibilidade de vê-las crescer. Talvez tivesse abafado suas vontades em favor das de Cyro. Talvez tivesse colocado a si própria de lado para corresponder ao modelo feminino que sua mãe considerava ideal.

A vida de Suely estacionou quando a esquizofrenia atravessou o seu caminho, estacionou quando foi mandada para uma cirurgia violenta e ineficaz. A de Cyro, com sofrimento, dificuldades e recomeços, seguiu. Ele tinha noção de que a saída de casa inibiria os raros ataques violentos de Suely, de que o clima ficaria menos pesado sem sua presença. Contudo, ele também era consciente a respeito das consequências geradas pela separação. Ele não apagaria Lucinda de sua vida. A sogra estava com Maria Helena e Cecília. Mesmo que a avó tivesse assumido a responsabilidade pela criação e a educação das netas, obrigatoriamente, Cyro e Lucinda se encontrariam. Se, antes, Suely ficava entre eles, a partir dali as gurias fariam o papel ingrato.

Cyro contou em *Para início de conversa* que, por volta de 1948, estava “precisando urgentemente dum apartamento ou casa”<sup>629</sup> para alugar. Como o pai de Décio Freitas, o jovem jornalista que escrevera sobre *Porteira fechada* anos antes, era dono de uma imobiliária, Cyro recorreu ao amigo à procura de auxílio. Décio lhe estendeu a mão e ele conseguiu uma moradia. No comentário de *Para início de conversa* não apareceram referências a ruas ou a bairros. Questionada a respeito do assunto, Maria Helena disse que o pai continuou em Porto Alegre e não lembrou de nenhum endereço<sup>630</sup>. Era natural que ele ficasse na capital. As filhas e o ganha pão estavam na cidade. A única renda garantida vinha do Hospital São Pedro. Lucinda rejeitava sua ajuda financeira, mas ainda assim as despesas de Cyro não eram poucas: o aluguel da residência, do consultório, o custo da comida, do vestuário, as contas regulares – água, luz, telefone. Nessa nova etapa da vida, em horas de aperto, ele não tinha para onde correr. Iná lhe confortava, escutava-o, falava o que ele precisava ouvir, porém, não tinha condições de lhe oferecer nada além de atenção, paciência e apoio moral. Professora, residia modestamente e ganhava menos do que o suficiente para a manutenção da família.

Cyro mergulhou em uma crise. O casamento com Suely acabou e as filhas não moravam mais com ele. Boa parte daquilo que fez parte de sua vida nos últimos anos se quebrou. Era preciso se agarrar ao que restava. Era preciso recomeçar. Ele chegava aos quarenta anos com a necessidade de se reencontrar. O trabalho e a literatura ainda estavam ali, como pontos de referência. Dividir os dias entre o São Pedro e o consultório, ler e escrever nas horas solitárias

---

<sup>629</sup> MARTINS, Cyro. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 155.

<sup>630</sup> Informação dada por e-mail, em 17/11/2017.

não faria com que os problemas desaparecessem, mas faria girar a roda, faria com que o tempo passasse e ele se rearranjasse.

Caso as cronologias disponíveis no fascículo “Cyro Martins” dos *Autores gaúchos*<sup>631</sup>, na biografia *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*<sup>632</sup> e no site do Centro de Estudos Literários e Psicanalíticos Cyro Martins (CELPCYRO)<sup>633</sup> sejam observadas, pode-se depreender que, em 1949, Cyro estava com a vida rearranjada, pois naquele ano se deu o casamento com Zaira Meneghello. Por tudo que significa, o matrimônio carrega um peso notório. Se ele resolveu casar com Zaira é porque estava decidido e – supostamente – recuperado dos traumas que atormentaram os últimos tempos da primeira relação. Nada o impedia de começar uma nova união. Era um sujeito desquitado e responsável pelos próprios atos. É claro que outra esposa o diminuiria ainda mais aos olhos de Lucinda, que as filhas ficariam confusas no início, que alguns o julgariam com antipatia. Como homem experiente, talvez ele se importasse apenas com as consequências que aquele passo traria para Maria Helena e Cecília. Era pelas meninas que ele buscava uma companheira? Provavelmente não. Procurava por causa de si. Otimista, procurava por acreditar que ainda poderia ser feliz.

Zaira entrou na vida de Cyro no dia em que tentou encontrar “respostas uma depressão que periodicamente a acometia”<sup>634</sup>. A moça de vinte e três anos era formada em piano pelo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre e trabalhava no Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPETEC). Magra, com cabelos que puxavam para o loiro, nariz delicado e lábios finos, Zaira deve ter chamado a atenção de Cyro por ostentar um porte elegante e sustentar boas conversas sobre variados assuntos. Talvez ela ativasse certos desejos inconscientes de Cyro, pois nela se viam características de Felícia ou de Suely – a fragilidade emocional, a busca por uma figura masculina “salvadora”, a formação infrutífera. Para a jovem, o doutor poderia representar a imagem do escritor conhecido e misterioso, do homem mais velho, protetor e quase proibido em uma época na qual o desquite era um escândalo.

Cyro não diria uma palavra a respeito de como se desenvolveu o relacionamento – assim como não falara acerca do noivado com Suely. Não se sabe como a relação entre o alienista e a paciente evoluiu de uma consulta para um casamento nem quais foram os embates éticos de

<sup>631</sup>INSITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 13.

<sup>632</sup>DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 214.

<sup>633</sup> Conferir a síntese biobibliográfica do autor no seguinte endereço eletrônico: [http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=809&Itemid=55](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=809&Itemid=55)

<sup>634</sup>DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Nubia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008, p. 93.

Cyro. Indagado se ouvira dos pais alguma história referente ao namoro, o filho Cláudio só lembrou de uma narrativa familiar. Durante a conquista, o pai presenteara Zaira com um “poema manuscrito de Quintana”<sup>635</sup>. Vasculhando as caixas do Acervo Cyro Martins também não se encontram muitas informações. Entretanto, um dado emerge dos documentos. Aproveitando as facilidades da legislação uruguaia, Cyro e Zaira casaram em Rivera, às 10 horas do dia 12 de dezembro de 1948<sup>636</sup>.

Por que as cronologias indicavam 1949 e não 1948? Que diferença faria a troca de ano? Cyro pode ter se confundido com as datas, ter falado em 1949 quando elaboraram o fascículo de *Autores gaúchos* e, a partir daí, o erro foi repetido sem que ninguém conferisse datas e documentos. Essa é uma das hipóteses. A outra é mais complexa e inventiva, mas não totalmente absurda. Talvez Cyro preferisse 1949. Em 1948, o desquite ainda era recente. Alguém ventilaria a possibilidade de que o envolvimento com Zaira iniciara nos tempos de crise familiar e que a moça foi decisiva para a separação de Suely. Cyro sabia que a imagem de um médico ou de um escritor era importante e não gostaria de manchar a sua com suposições maliciosas.

Independente das hipóteses, das confusões e das preferências, Cyro iniciava uma nova fase da vida com Zaira. Alguns dos velhos problemas se repetiam nos primeiros tempos do segundo casamento. Francisco e Elsa, os pais da esposa, não aprovavam a decisão da filha. Cyro era dezessete anos mais velho. Desquitado, carregava um matrimônio com final confuso e duas crianças. Para eles, Zaira não se juntava só a um doutor-escritor de meia idade, se juntava a um homem com passado e sombras. Entretanto, a antipatia dos sogros não era tão intensa quanto aquela experimentada anos atrás. Havia chances de, um dia, verem-no sem restrições, ou, quem sabe, até de o aceitarem.

A união com Zaira pareceu revigorar Cyro. Em 5 de fevereiro de 1949, passados dois meses da viagem a Rivera, ele voltou a publicar na *Revista do Globo*. “A entrevista” era um dos seus melhores contos. A história se concentra em Augusto Amaral, advogado e professor universitário que espera a chegada de um repórter enviado pelo jornal. O periódico estamparia uma série de entrevistas e ele seria o primeiro nome ouvido. Na ânsia de falar bem e causar uma impressão positiva, ele se isola da família, se tranca no escritório e imagina possíveis perguntas e respostas. Após horas de espera e construções mentais, o repórter liga para Augusto e lhe diz

---

<sup>635</sup> Informação dada em entrevista realizada no dia 07/11/2017, no consultório de Cláudio Meneghello Martins, em Porto Alegre.

<sup>636</sup> Na caixa 12 do acervo, há uma cópia da certidão do casamento firmada por Ignacio Azcoytia, responsável pelo Juzgado de Paz da 9ª Sección (Rivera), e uma carteira de Registro Civil indicando a data do matrimônio, os nomes e a filiação dos noivos.

que não haveria mais entrevista – a tal série fora cancelada pelo diretor do periódico. Desarmado pela negativa, o advogado diz apenas “sim” para as desculpas do jornalista e amarga “a humilhação sofrida, até recobrar um pouco da dignidade antiga a fim de poder enfrentar a inevitável pergunta da mulher: ‘Deste a entrevista?’”<sup>637</sup>. Através de Augusto, Cyro trabalha com o desejo de protagonismo que, no fundo, corrói a maioria das pessoas. O advogado de vida pacata e comum, igual a muitos na multidão, se desequilibra com o ensejo de se mostrar diferente, se exhibir<sup>638</sup>, desfilas seus conhecimentos, utilizar as citações ao estilo Rui Barbosa, as frases grandiosas que perambulavam pelos seus discursos sempre bem pensados e nunca proferidos. O protagonista e seus delírios são construídos na medida certa. A linguagem por vezes empolada e reticente combina com o personagem e o tempo da narrativa é preciso, sem cortes inoportunos.

“A entrevista” foi a última colaboração de Cyro veiculada na *Revista do Globo*. Apesar de alguns entusiastas de sua obra acharem que em *Rodeio* – estampas e perfis e *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas o autor voltou ao gênero, é coerente afirmar que “A entrevista” foi, também, seu último conto. Nos dois livros citados, ele trabalharia com uma mescla de autobiografia e ensaios. Mesmo que memória e linguagem sejam terrenos férteis para a criação, as narrativas de *Rodeio* e *A dama do saladeiro* ficam distantes das características do conto.

Habitado a escrever regularmente, capaz de emendar um projeto literário em outro, Cyro já devia estar envolvido na elaboração de um romance ou em alguma atividade ligada à escrita. No artigo “Só bons retalhos”, *Sem rumo* era o foco, mas Rodrigo Gurgel iniciou a análise afirmando que, além de ser “militante do Partido Comunista Brasileiro”, Cyro atuou como “colaborador de *A Tribuna Gaúcha* (jornal que pertencia à rede de periódicos pelo PCB na década de 1940, denominada “imprensa popular”) e da revista *Horizonte* (a partir de 1950, seguidora da estética do Realismo Socialista)”<sup>639</sup>. Na *Tribuna Gaúcha*, uma participação de Cyro é rastreável. Em 11 de março de 1947, ao lado de Dyonélio Machado, Lila Ripoll e outros, ele subscreveu o “Manifesto dos escritores contra o Parecer Barbedo”<sup>640</sup>. Tal parecer indicava a cassação do registro do PCB e a consequente perda dos mandatos que os membros do partido conquistaram nas eleições de 1945 e 1947. Assinar uma manifestação não era nenhuma

<sup>637</sup>MARTINS, Cyro. A entrevista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 476, p. 52, 05/02/1949.

<sup>638</sup> Sobre o exibicionismo de Augusto Amaral em “A entrevista”, ver a crítica homônima publicada no *Correio do Povo* de 1º de fevereiro de 1969 por João Gomes Mariante. Uma versão do texto está disponível no endereço: [http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=314%3Aa-entrevista-&catid=55%3Aartigos&Itemid=58](http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=314%3Aa-entrevista-&catid=55%3Aartigos&Itemid=58)

<sup>639</sup>GURGEL, Rodrigo. Só bons retalhos. *Rascunho*, Curitiba, n. 210, p. 22, outubro 2017.

<sup>640</sup>MANIFESTO dos escritores contra o Parecer Barbedo. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, p. 8, 11/03/1947.

novidade na vida de Cyro. A novidade era ele se expor – agora Lucinda aumentaria o tom dos xingamentos quando ele fosse buscar as meninas – nas páginas de um periódico reconhecidamente comunista justo no momento em que o governo de Eurico Gaspar Dutra tomava medidas anti-comunistas.

Na *Horizonte* ele também se expôs, principalmente na primeira fase da revista. Cyro dirigiu os números de março, abril e junho de 1949. O periódico tinha sede na rua Tobias Barreto 181 e contava com Zaira Meneghello Martins e Flamarion Silva na secretaria. Dyonélio Machado, Lila Ripoll, Juvenal Jacinto, M. E. Azambuja e Thereza de Almeida compunham o grupo dos redatores. O cronista de música era José Salánky e Plínio Morais se responsabilizava pela crítica de cinema<sup>641</sup>.

A maioria dos colaboradores da *Horizonte* mantinha algum tipo de ligação com o PCB – simpatizavam, cooperavam ou eram filiados. Contudo, o primeiro editorial deixava dúvidas quanto ao seu papel político. No texto sem assinatura, lia-se: “A nossa revista ambiciona ser um reflexo fiel da vida intelectual e artística do Rio Grande do Sul. Não será um órgão de grupo. Portanto, não procurará dividir, porém se esforçará para congregar em torno de si todos os nossos valores”. Não ser “órgão de grupo” incluía a ideia de não ser órgão de partido. Essa era uma declaração explícita de autonomia ou uma finta sub-reptícia nos olhos e nos ouvidos da máquina governista. No editorial ainda se via que a *Horizonte* perseguia um objetivo “educativo” e que seus membros tinham uma postura definida – “[...] nos setores que nos interessam, o das letras e das artes, observaremos uma posição de crítica atenta, procurando contribuir para uma constante melhora do nível de nossa gente”. Apesar da preocupação com a vida artística e literária gaúcha, os editores não deixariam de levar aos leitores os “fatos culturais contemporâneos mais salientes”<sup>642</sup>.

Na primeira fase da *Horizonte*, parecia que o foco estava realmente nas artes e nas letras. Os três números de 1949 apresentavam estrutura semelhante. Lila contribuía com um poema ou artigo breve, Zaira com um conto, Edith Hervé com uma reportagem. Dyonélio mantinha a coluna “Correspondência de um escritor”. José Salánky falava de música e Plínio Morais de cinema. Cyro, por sua vez, escrevia algumas “Notas de leitura”. Em março ele abordou *Passos cegos*, de Milton Pedroso – um “autor de esplêndidas histórias curtas” que mostrou imaturidade

---

<sup>641</sup> Informações retiradas da contracapa do primeiro número de *Horizonte*. Cyro, Lila Ripoll, Juvenal Jacinto, Flamarion Silva, Edith Hervé e Zaira também formavam o Conselho de redação. O “corpo editorial” não passou por mudanças nas três edições dirigidas por Cyro.

<sup>642</sup> Citações retiradas de: EDITORIAL. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 1, março de 1949.

para trabalhar com “a extensão e a complexidade do romance”<sup>643</sup> –, *Preces profanas*, livro de Marcos Iolovitch “difícil de ser criticado” por causa da bela edição, da suavidade e da irreverência, e o artigo “Condención de una poesía”, de H. A. Murena, que tratava da diferença entre sentimento nacional e nacionalista na poesia argentina.

Em abril, Cyro fez comentários sobre *Ex-mágico*, lançado por Murilo Rubião dois anos antes. Ele confessou que demorou a ler a obra por tudo aquilo que ela representava – “algo excepcional e único na literatura nacional”, a “primeira tentativa brasileira de ficção surrealista”. O que mais lhe agradou nos contos de Rubião foram os personagens, que apareciam “mansamente” e viviam o desassossego depois de romperem com “a clausura da realidade”<sup>644</sup>. Cyro também citou uma polêmica levantada por José Lins do Rego: o rádio substituiria o livro. O diretor da *Horizonte* não concordava com a sentença e acreditava que os dois coexistiriam por agradar a públicos diferentes. No último tópico das “Notas de leitura” ele preferiu registrar algumas opiniões que ouviu sobre a nova revista da cidade. Um colaborador, por exemplo, disse a Cyro: “Está fraca. O senhor não realizou o que pretendia. Espero que melhore...”. Um médico lhe dera “parabéns”. Um advogado reclamara do número excessivo de mulheres escrevendo. Cyro lembrou da apreciação mais significativa em forma de diálogo. “Um engenheiro comunista desancou: ‘Está muito fraquinha’. ‘Em que sentido?’ – perguntei-lhe eu. ‘Politicamente’ – foi a sua resposta. ‘Mas a revista não é política’, retruquei-lhe”<sup>645</sup>. Se a *Horizonte*, em sua primeira fase, era um braço cultural do PCB, por que o seu diretor insistia que o periódico não era político? Havia um descompasso entre o que a *Horizonte* proporcionava e o que certas agremiações esperavam dela? Se houvesse, a publicação teria vida curta.

A duração abreviada já dava sinais em maio e junho de 1949. Naqueles meses, as edições da *Horizonte* não saíram. É provável que a falta de recursos fosse a causa disso. Cada exemplar era vendido a Cr\$ 5,00, mas nenhum plano de assinatura com o objetivo de fidelizar o leitor e gerar uma renda “fixa” aparecia nas páginas da *Horizonte*. A revista contava com anúncios de médicos, advogados, costureiras, bares e pequenas lojas. Isso, no entanto, não garantia a impressão. Os colaboradores precisavam juntar esforços e colocar a mão no bolso para ajudar.

Em julho, os esforços conjuntos deram resultado e o terceiro número da *Horizonte* saiu. Devido ao silêncio dos últimos meses, chegava às bancas um pouco mais inchado – as

<sup>643</sup>MARTINS, Cyro. *Passos cegos, Preces profanas e uma condensação*. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 25, março de 1949.

<sup>644</sup> As citações estão em: MARTINS, Cyro. Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 37, abril de 1949.

<sup>645</sup> As apreciações sobre a *Horizonte* foram registradas em: MARTINS, Cyro. Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 38, abril de 1949.

habituais<sup>40</sup> páginas subiram para 60. Cyro contribuiu para esse inchaço. Além das “Notas de leitura”, ele publicou “Chopin”: a legenda, o homem a música. O texto derivava de uma palestra “realizada no Instituto de Educação, no dia 28 de junho, para o Círculo de Estudos dos Professores de Música na Capital”<sup>646</sup>. Como ele chegou a esse evento? Foi Lila, sempre envolvida com a classe, que o levou? O que ele sabia de Chopin? O quealaria para a plateia composta “pela professora Olga Acauan, diretora do Instituto, pelas professoras de Música, por outros professores e pelas alunas”<sup>647</sup>? Antes de a pianista Zuleika Guedes executar peças de Chopin, Cyro desenvolveu alguns “flagrantes da biografia”<sup>648</sup> do músico polonês.

Em primeiro lugar, ele destacou os espaços de Chopin: a ligação com a terra natal, os tempos em Viena, o ponto de inflexão que Paris representou, os tormentos nas Ilhas Baleares. No tocante à carreira de compositor, disse que Chopin serviu-se das danças nacionais – a mazurca, a cracoviana, a polonesa. O palestrante deu a seguinte justificativa para a escolha desses motivos musicais: eles “transcendem largamente o puro regional ou folclórico, porque, como em todo o verdadeiro regionalismo, que não é o anedótico, predomina o anseio de comunicação com o universo”<sup>649</sup>. Nessa afirmação, de modo indiscreto, estava o pensamento de Cyro a respeito do regionalismo. O ponto de maior interesse em “Chopin”: a legenda, o homem, a música é o desenho psicológico feito por Cyro. “Tinha, do esquizoide”, diagnosticou ele, “não só a hiperestesia, como a dificuldade característica de adaptação às variações de ambiências”<sup>650</sup>. O alienista ainda ressaltou que os biógrafos precisariam rever o apego de Chopin à mãe, suas frustrações amorosas e a relação maternal e dependente com George Sand.

Páginas depois do inusitado esboço biográfico de Frédéric Chopin, Cyro voltou às “Notas de leitura”. Assim como na edição de abril, ele tratou de assuntos variados. Seus primeiros comentários foram para *Chamado do mar*, de James Amado. Ele achava que o romance valia pelo bom retrato dos coronéis da zona cacauera e pelos “detalhes pitorescos, dramáticos e poéticos”<sup>651</sup> das cidades do cacau. Cyro também indicava *O rosto*, livro de Guerra de Holanda com poemas cheios de “pena, sem vulgaridade e sem mentira”<sup>652</sup>. O autor das “Notas de leitura” não deixou de opinar sobre temas que chamavam sua atenção: as objeções do governo franquista à entrada de obras hispano-americanas na Espanha e a reconstrução da Polônia após as destruições da guerra.

<sup>646</sup> MARTINS, Cyro. Chopin: a legenda, o homem a música. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 10, julho de 1949.

<sup>647</sup> MARTINS, Cyro. Chopin: a legenda, o homem a música. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 15, julho de 1949.

<sup>648</sup> MARTINS, Cyro. Chopin: a legenda, o homem a música. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 11, julho de 1949.

<sup>649</sup> MARTINS, Cyro. Chopin: a legenda, o homem a música. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 15, julho de 1949.

<sup>650</sup> MARTINS, Cyro. Chopin: a legenda, o homem a música. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 14, julho de 1949.

<sup>651</sup> MARTINS, Cyro. Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 45, julho de 1949.

<sup>652</sup> MARTINS, Cyro. Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 45, julho de 1949.

Como colunista de revista Cyro não teve um papel marcante. As “Notas de leitura” eram geralmente rasas e faltavam justificativas para os elogios e as críticas que distribuía. Quando enveredava por trilhas que não as da literatura – apreciações da *Horizonte*, polêmicas acerca do futuro dos livros –, não tinha mais sucesso. Na condução da *Horizonte* o insucesso parece ter se repetido. O número de julho foi o último da primeira fase a circular. Talvez a suspensão das atividades ocorresse por uma junção de fatores – não havia suporte financeiro, os exemplares não vendiam, a qualidade dos textos não convencia, uma parte dos colaboradores não concordava com a postura apolítica, o diretor, os secretários, os conselheiros e os redatores não tinham tempo para se dedicar ao projeto. Talvez um desses fatores pesasse mais do que os outros. Não se sabe. De todas essas conjunturas brotava uma realidade. A curta carreira de diretor da *Horizonte* acabou.

Cyro sobreviveria sem o cargo e a revista voltaria no final de 1950, em uma “nova fase” inclinada ao comunismo. Nessa segunda etapa, a *Horizonte* foi dirigida por Lila Ripoll e o nome de Cyro apareceu no Conselho de Redação<sup>653</sup>. Nas primeiras edições da nova fase ele só teve uma colaboração significativa no número 6, de junho de 1951 – “Capítulo do romance *Estrada nova*”. No curto fragmento, Janguta vagueia vários dias em busca de um pedaço de terra para instalar a família. Suas preocupações são desencadeadas no momento em que ele esporeia e rebenqueia o lombo do cavalo – “Não fosse a má sorte da jornada, e não teria surrado daquele jeito o seu cavalo!”<sup>654</sup>. Para o personagem, bater no animal não era coisa de gaúcho. O problema é que ele nem sabia mais o que era, pois não tinha campo e, depois de velho, teria de virar “povoeiro”. O capítulo indicava que *Estrada nova* seria mais um livro sobre o gaúcho a pé. Cyro conhecia o tema e *Porteira fechada* o guindara a outro patamar como escritor. Se aproveitasse o que deu certo e trabalhasse com afinco, não tirariam sua posição na literatura do Rio Grande do Sul.

Apesar de as intenções literárias ficarem latentes com a publicação do “Capítulo do romance *Estrada nova*”, em junho de 1951, o futuro de Cyro já estava selado pela psicanálise. Depois de planos frustrados e postergações, ele se mudaria para Buenos Aires. Lá, retomaria a análise, dessa vez com Arnaldo Rascovsky, e faria a formação psicanalítica desejada desde 1943. Em 1950, determinado a voltar à Argentina, ele começou a organizar a mudança – economizou, escreveu para a APA e Arnaldo Rascovsky, pediu conselhos a Mário, deu entrada

<sup>653</sup> Ao lado de Carlos Seliar, Demétrio Ribeiro, Fernando Guedes, Laci Osório e Vasco Prado. Informação retirada da contracapa da *Horizonte* número 6 da nova fase, publicada em junho de 1951.

<sup>654</sup> MARTINS, Cyro. Capítulo do romance *Estrada nova*. *Horizonte* – nova fase, Porto Alegre, n. 6, p. 172, junho de 1946.



no pedido de afastamento do Hospital São Pedro, começou a preparar as filhas. No mês de julho de 1951, ele aproveitou as férias para tomar as últimas providências em relação à viagem. A licença de estudos concedida pela instituição contava a partir de 1º de agosto de 1951. Zaira iria com ele, Maria Helena e Cecília continuariam em Porto Alegre, com Lucinda. Cyro não sabia quanto tempo permaneceria na Argentina nem como sobreviveria após as economias se esgotarem. Ele também não tinha ideia do dia, do mês ou do ano em que voltaria a ver as filhas. No seu horizonte se erguiam duas convicções: partir e resistir às consequências de sua escolha.

Havia muito que as partidas alteravam os caminhos de Cyro. Menino, saiu do Cerro do Marco para estudar no colégio dos jesuítas. Recém-formado, fez o trajeto contrário para enfrentar as perdas familiares e as dificuldades do início da carreira médica. Homem casado, escritor com livro na praça, aspirações literárias e profissionais, deixou a cidade natal. Com 42 anos, partia de novo – para recomeçar, para se aprimorar, para fazer o seu nome maior. Embora o medo o atingisse como se ele ainda fosse o guri que, tempos atrás, embarcou no Fronteira-Capital rumo ao desconhecido, Cyro estava decidido.

Buenos Aires transformaria sua vida.

## EPÍLOGO

Ao escrever as últimas palavras daquilo que considerei os anos decisivos de Cyro Martins, foi inevitável olhar para trás. Passei anos lendo seus livros, procurando materiais, tentando reconstruir seus caminhos. Não o conheci, não vi suas bochechas rosadas, não ouvi sua voz baixa e macia, mas, de alguma forma, convivi com ele. Desde 2014, foram raros os dias nos quais não pensei em Cyro. Quando acordava, um lembrete do celular me avisava que, naquela manhã, eu precisava escrever tantas linhas da sua biografia. Uma anotação na caderneta do trabalho me alertava que era necessário voltar a um ou outro documento no Delfos, que tinha de rever com urgência declarações em *Para início de conversa* ou passagens de *Mensagem errante*. Não foram poucas as noites em que sonhei com as datas e com as pessoas de sua vida. De uma maneira ou de outra, aquelas datas e aquelas pessoas também faziam parte da minha vida.

As últimas palavras também trouxeram recordações e dúvidas. Lembrei que escrevi o primeiro parágrafo de “O menino vai para um colégio de poucos” em um ônibus – não muito confortável e seguro –, após uma virada de ano na cidade natal. Assim como Cyro, anos antes, eu deixara minha família rumo a Porto Alegre e aos estudos. Mais velho do que ele quando de sua partida para o Colégio Anchieta, eu tinha consciência dos sentidos da ruptura e da relevância dos momentos que, ao mesmo tempo, encerram e iniciam uma fase. Lembrei que, a cada busca por informações, eu remoía uma sentença do detetive Philip Marlowe – “Não esperava achar muita coisa. Não havia nenhum motivo para esperar. Mas a gente tem que verificar, sempre”<sup>655</sup>. Lembrei de como foram pesados os dias de escrita em que abordei a morte de Bilo e a doença de Suely. Lembrei das pessoas e dos lugares que conheci por causa do Cyro – gosto de pensar que foi por causa do Cyro. Lembrei de quantas lacunas não pude preencher.

Essas lacunas, aliás, geraram muitas dúvidas. Será que eu sabia quem era aquele homem? Será que aqueles anos eram realmente decisivos? Será que consegui oferecer o meu ponto de vista sobre uma existência? Em maior ou menor grau, todos os anos, dias e instantes de uma vida são decisivos e importantes. No entanto, algumas decisões têm um peso mais significativo. Caso Cyro não fosse mandado para o Anchieta, não optasse pela medicina, não saísse de Quaraí, não fizesse a especialização no Rio de Janeiro, não se separasse de Suely, não fosse para Buenos Aires, não resolvesse falar sobre o gaúcho a pé, ele seria o sujeito que tentei

---

<sup>655</sup> CHANDLER, Raymond. *A irmã mais nova*. Trad. Braulio Tavares. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017, p. 46.

biografar? Se, em alguma dessas bifurcações ele tivesse tomado o outro caminho, nossas vidas se cruzariam? Acredito que não.

Talvez eu ainda não saiba quem foi Cyro Martins e pode ser que isso até deponha contra alguém que carregue a pretensão de ser biógrafo. Contudo, penso que não conhecemos totalmente as pessoas nem quando dividimos nossas vidas com elas. Eu não conheceria totalmente Cyro reconstruindo-o com livros, documentos, cartas, depoimentos e fotografias. No entanto, conhecê-lo de modo incompleto não impede que eu tenha ideias sobre ele. Depois de tanto tempo e de tantas páginas, vejo Cyro como um ser humano cheio de nuances. No plano íntimo e familiar, vejo um indivíduo na sombra, cuidadoso, por vezes individualista, inclinado à exaltação da figura paterna e com tendência a se relacionar com mulheres emocionalmente frágeis. Vejo uma figura consciente, determinada e dedicada tanto na medicina quanto na literatura. Ele tinha noção das suas possibilidades, aspirava à ascensão e entendia quais caminhos percorrer para atingir seus objetivos.

Talvez eu ainda não saiba quem foi Cyro Martins porque ele era muitos. Era o filho, o pai, o marido, o genro, o amigo, o médico, o escritor. Era o Cyro da infância campeira, o das partidas, o do internato, o dos quartos de pensão, o da Faculdade de Medicina, o da clínica pobre em Quaraí, o do casamento nebuloso, o da temporada carioca, o do Hospital São Pedro, o do gaúcho a pé, o de *Campo fora*, o de *Sem rumbo*, o de *Enquanto as águas correm*, o de *Mensagem errante*, o de *Porteira fechada*. Cyro era muitos e seria muitos outros depois que embarcasse para Buenos Aires.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito – 1928-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- ALVAREZ, Mário. Enquanto as águas correm. In: MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990, p. 11-18.
- APPEL, Carlos Jorge. As coxilhas sem monarca. *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1997, p. 19-29.
- BANDEIRA, Gisele Pereira. *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins*. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BERND, Zilá. *O gaúcho a pé: estudo do romance social de Cyro Martins*. 100 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.
- BERND, Zilá. *Porteira fechada*, um romance amargo e pessimista. In: KETZER, Solange Medina; MARTINS, Maria Helena; MOREIRA, Maria Eunice. *Múltiplas leituras: ensaios sobre Cyro Martins*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 143-150.
- BERNHARDT, Ivonne; CAMPUOCO, Antonio de. Cyro Martins aos 70 anos inicia nova saga da vida rio-grandense. *Correio do Povo*, Caderno de Sábado, Porto Alegre, p. 20, 05/08/1978.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. A duração do regionalismo no conto sul-rio-grandense. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 45, p. 59-70, 2003.
- BURDIEL, Isabel; FOSTER, Roy. Introducción. *La historia biográfica en Europa: nuevas perspectivas*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2015, p. 9-14.
- CABALLÉ, Anna. ¿Dónde están las gafas? La biografía, entre la metodología y la casuística. S/p. 2015. Disponível em: <http://www.ub.edu/ueb/?p=223> Acesso em: 08/12/2017.
- CARNEIRO, Luiz; PENNA, Rejane. *Porto Alegre: da aldeia à metrópole*. Porto Alegre: Marsiaj Oliveira, 1992.
- CASTELLO, José. Carta a um jovem biógrafo. *VOX*, Porto Alegre, v. 1, n. 6, p. 51-55, abril de 2001.
- CASTRO, Rafael Dias de. Correspondência de Júlio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, ciências, saúde: Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, Out./Dez. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702015000401451](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702015000401451). Acesso em 27/04/2017.

CEMITÉRIO JARDIM DA SAUDADE. *Sepultamentos efectuados no cemitério público de Quarahy, durante o anno de 1934*. 1934.

CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Notas sobre um escritor bissexto. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 20, p. 103-120, maio de 2012. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie07/RevLitAut\\_art04.pdf](http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie07/RevLitAut_art04.pdf) Acesso em: 06/07/2017.

CHANDLER, Raymond. *A irmã mais nova*. Trad. Braulio Tavares. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

CHAVES, Eduardo dos Santos. Por detrás dos bastidores: a história de vida de Maurício Rosenblatt. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 122-126, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/43108/27208> Acesso em: 07/11/2017.

COLÉGIO ANCHIETA. *Anuários*, Porto Alegre, 1920-1927.

CONVITE AOS MÉDICOS. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 29/09/1945.

DE GRANDI, Celito; SILVEIRA, Núbia. *Cyro Martins – 100 anos: o homem e seus paradoxos*. Cachoeira do Sul: Defender, 2008.

DIOCESE DE URUGUAIANA. *Livro 12*. 1909.

DOMINGUES, Manoel. O drama do gaúcho enxotado. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 168, dezembro de 1945.

DORS, Marines. *Dyonélio Machado (1895-1985): os múltiplos fios da trajetória ambivalente de um intelectual*. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1863/dionelio%20machado.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 04/03/2017.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2015.

EDEL, Leon. *Vidas ajenas: principia biographica*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1990.

EDITORIAL. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 1, março de 1949.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

FLAGRANTES DO NEGRO NA VIDA CAMPEIRA DO RIO GRANDE. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 13/05/1938.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Dois romances. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 155-158, junho de 1945.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul: 1821-1937*. Porto Alegre: Suliani Letras & Vida, 2010.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre ano a ano: cronologia histórica 1732-1950*. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.

FREITAS, Décio. O drama dos homens sem-terra. In: MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010, p. 9-12.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GERTZ, René. Intelectuais gaúchos e o Estado Novo brasileiro (1937-1945). *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 13, n.1, p. 19-32, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/2998/2197> Acesso em: 26/09/2017.

GOMES, Jacintho Godoy. *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. [Local de publicação não identificado]: [Editora não identificada], 1955.

GRAEFF, Victor; RIBEIRO, Alexandre; SANTOS, César. Editorial. *Vibração: revista de literatura e ilustração*, Porto Alegre, n. 1, p. 1, julho 1926.

GURGEL, Rodrigo. Só bons retalhos. *Rascunho*, Curitiba, n. 210, p. 22, outubro 2017.

GUSDORF, Georges. *Lês escritures du moi*. Paris: Odile Jacob, 1991.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: EDUSP, 2005.

HOHLFELDT, Antonio. Exercícios biográficos: arqueologia cultural. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas (Org.). *Narrar o biográfico: a comunicação e a diversidade da escrita*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 41-79.

HOHLFELDT, Antonio. *Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande Invisível*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

HOMENAGEM AOS INTELECTUAIS GAÚCHOS. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 16/11/1940.

IGREJA MATRIZ DE QUARAÍ. *Livro de casamentos n. 8*. 1929-1946.

INSITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1997.

JACOBY, Sissa. O mito de narciso na adaptação fílmica de *Um menino vai para o colégio*. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha (Org.). *Literatura*,

*história e memória: travessias literárias e culturais*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 229-244.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. 390 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

KONRAD, Gláucia Vieira Ramos. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul: imposições e resistências*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*. São Paulo: IEB, 1972.

LITERATURA DÁ PARA VIVER? *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 1º/08/1939.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

MACHADO, Dyonélio. Os fundamentos econômicos do regionalismo. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 128-130, setembro de 1945.

MACIEL, Aparício. Editorial. *Rumo: revista mensal*, Porto Alegre, p. 3, fevereiro de 1936.

MANIFESTO dos escritores contra o Parecer Barbedo. *Tribuna Gaúcha*, Porto Alegre, p. 8, 11/03/1947.

MARIANTE, João Gomes. Cyro Martins, o escritor transparente. Disponível em: [http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=0&id=124](http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=124) Acesso em: 24/12/2017.

MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000.

MARTINS, Cyro. A entrevista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 476, p. 50-52, 05/02/1949.

MARTINS, Cyro. *A entrevista*. Porto Alegre: Movimento, 2015.

MARTINS, Cyro. A história do gaúcho marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 24-27, 25/03/1944.

MARTINS, Cyro. A festa de despedida dos doutorandos de 1933. Disponível em: [http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&Itemid=0&id=42](http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=42) Acesso em: 16/05/2016.

MARTINS, Cyro. *Caminhos: ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993.

MARTINS, Cyro. *Campo fora*. Porto Alegre: Movimento, 1991.

MARTINS, Cyro. Capítulo do romance *Estrada nova*. *Horizonte* – nova fase, Porto Alegre, n. 6, p. 172-173, junho de 1946.

MARTINS, Cyro. Cena de pensão. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 295, p. 50-52, 17/05/1941.

MARTINS, Cyro. *Céu vazio*: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 300, p. 16, 26/07/1941.

MARTINS, Cyro. Chopin: a legenda, o homem a música. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 10-15, julho de 1949.

MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 36-37, 28/09/1935.

MARTINS, Cyro, Derrotado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 110, p. 14, 57, 03/05/1933.

MARTINS, Cyro. É bicho mau, o homem. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, n. 6, p. 123-128, setembro de 1946.

MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Globo, 1939.

MARTINS, Cyro. *Enquanto as águas correm*. Porto Alegre: Movimento, 1990.

MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981.

MARTINS, Cyro. Flete. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 119, p. 28, 06/09/1933.

MARTINS, Cyro. Folhinha de outono. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 422, p. 52-54, 09/11/1946.

MARTINS, Cyro. *Gaúchos no Obelisco*. Porto Alegre: Movimento, 1992.

MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942.

MARTINS, Cyro. Na estrada. *Vibração*: revista de literatura e ilustração, Porto Alegre, n. 1, p. 25, jul. 1926.

MARTINS, Cyro. Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 37-38, abril de 1949.

MARTINS, Cyro. Notas de leitura. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 3, p. 45-48, 59, julho de 1949.

MARTINS, Cyro. Notas sobre Alcides Maya. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 59-62, setembro de 1945.

MARTINS, Cyro. Noventa e três. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 20-24, fevereiro de 1936.

MARTINS, Cyro. O gaúcho a pé. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 351, p. 48-50, 23/10/1943.



MARTINS, Cyro. O Prêmio Olavo Bilac. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 4, 10/07/1943.

MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988.

MARTINS, Cyro. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994.

MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.

MARTINS, Cyro. *Passos cegos, Preces profanas e uma condensação*. *Horizonte*, Porto Alegre, n. 1, p. 25-27, março de 1949.

MARTINS, Cyro. Por onde andaré o Zequinha? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 433, p. 52-54,70-71, 26/04/1947.

MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Movimento, 2010.

MARTINS, Cyro. Revelação. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 288, p. 22-23,54-55, 25/01/1941.

MARTINS, Cyro. *Rodeio*. Porto Alegre: Movimento: 1982.

MARTINS, Cyro. *Rodeio – estampas e perfis*. Porto Alegre: Movimento: 1976.

MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Ariel, 1937.

MARTINS, Cyro. *Sombras na correnteza*. Porto Alegre: Movimento, 1991.

MARTINS, Cyro. Tradições e símbolos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 5, 31/10/1940.

MARTINS, Cyro. Triste meio-dia de um otimista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 416, p. 52-55, 10/08/1946.

MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre: Movimento, 1998.

MARTINS, Cyro. Visão crítica do regionalismo. *Sem rumo*. Porto Alegre: Movimento, 1997, p. 17-18.

MARTINS, Cyro. Viagem noturna. *Vibração*: revista de literatura e ilustração, Porto Alegre, n. 2, p. 139-140, set./out. 1926.

MARTINS, Cyro. Você deve desistir, Romualdo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 321, p. 46-52, 20/06/1942.

MARTINS, José Salgado. Apreciações sobre a literatura regional rio-grandense. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 3, n. 10, p. 105-108, set./dez. 1947.

MARTINS, José Salgado. Mensagem errante. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 4, 13/12/1942.

MARTINS, Justino. Crônica de uma cidade marginal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 28-29, 57, 25/03/1944.

MARTINS, Maria Helena. Seu Bilo e outros pais na ficção de Cyro Martins. MARTINS, Maria Helena; MOREIRA, Maria Eunice; KETZER, Solange Medina. *Múltiplas leituras: ensaios sobre Cyro Martins*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 95-99.

MARTINS, Marisângela. *À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre – 1927-1957)*. 340 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61721/000864800.pdf?sequence=1> Acesso em 27/01/2017.

*MENSAGEM ERRANTE, O NOVO ROMANCE DE CYRO MARTINS*. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 331, p. 7, 19/12/1942.

MEYER, Augusto. Carta. In: MARTINS, Cyro. *Um menino vai para o colégio*. Porto Alegre: Movimento, 1998, p. 7.

MEYER, Augusto. Simões Lopes Neto. *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 103-113, junho de 1945.

MINAS, Vitor. *Águas de maio: a grande enchente de 1941*. Porto Alegre: Edição do autor, 2011.

MONTEIRO, Lorena Madruga. *O resto não é silêncio: a polêmica de Erico Verissimo com Pe. Leonardo Fritzen S. J. e a bipolarização do “campo” intelectual na Porto Alegre dos anos 1940*. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT6%20online/EixoII/resto-nao-silencio-LorenaMonteiro.pdf> Acesso em: 06/12/2017.

MORAIS, José Adail. De Blau Nunes a João Guedes. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 152-154, março 1946.

MOREIRA, Alice Therezinha Campos. *Revista Província de São Pedro: órgão por excelência da província brasileira. Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 37-44, abr./jun. de 2001.

MOREIRA, Alice Therezinha Campos (Org.). *Lila Ripoll – obra completa*. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1998, p. 365-377.

NETO, Lira. *Getúlio Vargas – 1930-1945: do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

ORNELLAS, Manoelito. *Vozes de Ariel*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

PERESTRELLO, Marialzira. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: a economia e o poder nos anos 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RANGEL, Carlos Roberto da Rosa. *Crime e castigo: conflitos políticos em torno do assassinato de Waldemar Ripoll*. Passo Fundo: UPF, 2001.

REGIUS, Carlos. Escritores e livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 16, 06/05/1944.

REIS, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes – um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RESTREPO, Laura. Extraño enano. Disponível em: [http://elpais.com/diario/2008/05/03/babelia/1209772225\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2008/05/03/babelia/1209772225_850215.html) Acesso em: 05/07/2016

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – III*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SERÁ ESTE O NOSSO ESTADO? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 359, p. 24, 25/03/1944.

SERÃO FASCISTAS OS ESCRITORES GAÚCHOS? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 362, p. 28-31, 59, 06/05/1944.

SILVEIRA, Brenno. *Samuel Putnam (1892-1950)*. São Paulo: União Cultural Brasil-Estados Unidos (Fundação Brasileira), 1950. Disponível em: [http://segall.ifch.unicamp.br/documentos\\_digitalizados/el/el\\_folhetos/el\\_folhetos\\_f\\_03102.pdf](http://segall.ifch.unicamp.br/documentos_digitalizados/el/el_folhetos/el_folhetos_f_03102.pdf) Acesso em: 27/03/2017.

SOBRE UM ESCRITOR REGIONALISTA. *Rumo*: revista mensal, Porto Alegre, p. 24, fevereiro de 1936.

SOCIEDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE. *Archivos Rio Grandenses de Medicina*, Porto Alegre, v. 5, n. 4, 30 dez. 1926.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, 1999.

TRÊS PERGUNTAS SOBRE EÇA DE QUEIROZ. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 30, dezembro de 1945.

VELLINHO, Moysés. Editorial. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 5-7, junho de 1945.

VELLINHO, Moisés. Itinerário de um romancista. *Letras da Província*. Porto Alegre: Globo, 1960, p. 159-174.

VELLINHO, Moisés. Paz nos campos... *Província de São Pedro*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 147-150, junho de 1945.

WOOLF, Virginia. La nueva biografía. *Memoria: revista de estudios biográficos*, Barcelona, n. 3, p. 194-198, 2007.

ZINSSER, William. *Como escrever bem: o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção*. Trad. Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2017.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)